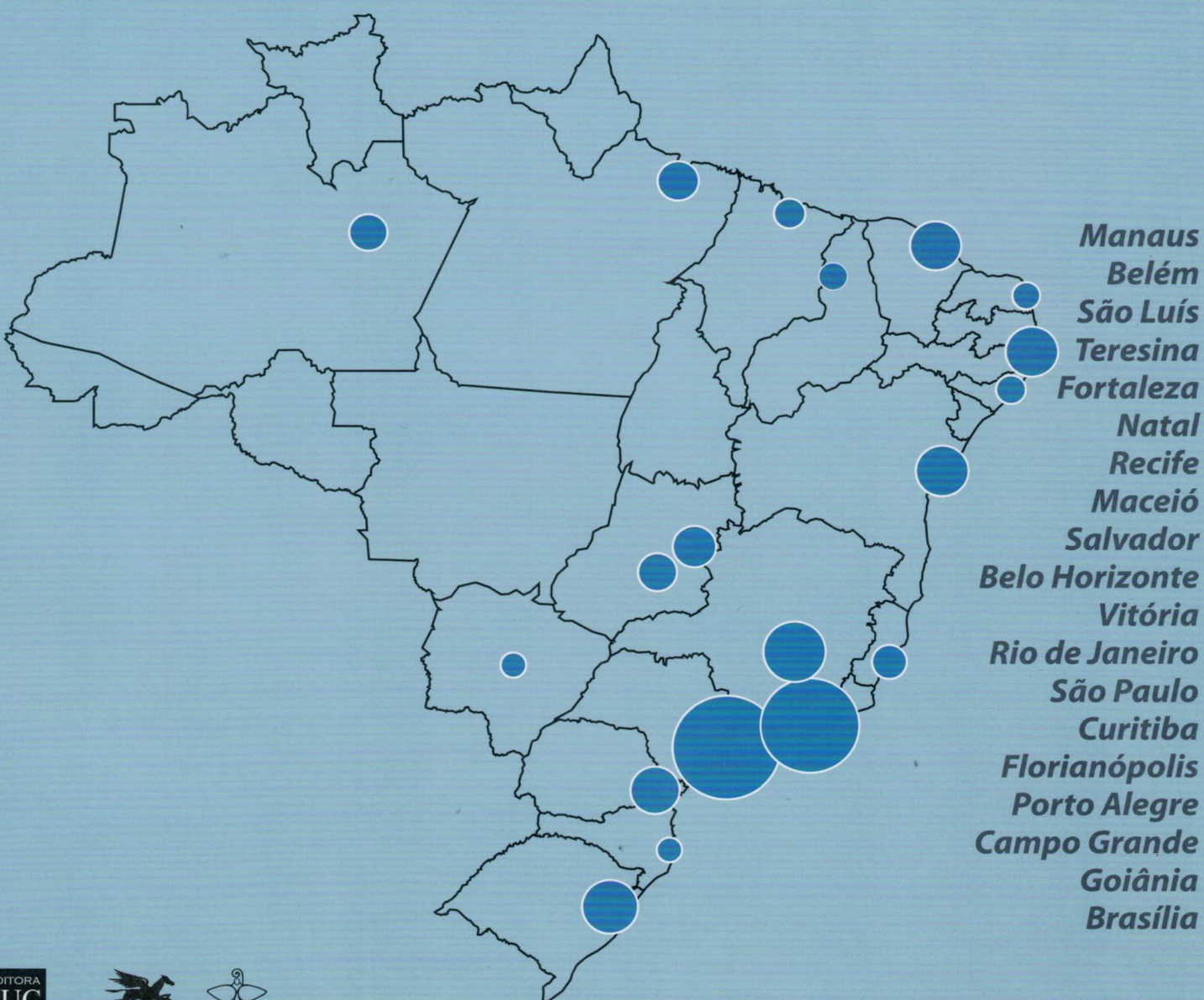


RELIGIÃO E SOCIEDADE EM CAPITAIS BRASILEIRAS

Cesar Romero Jacob
Dora Rodrigues Hees
Philippe Waniez
Violette Brustlein



RELIGIÃO E SOCIEDADE EM CAPITAIS BRASILEIRAS



Reitor

Prof. Jesus Maria Sanches, S.J.

Vice-Reitor

Prof. João Carlos de Almeida, S.J.

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. Danilo Marcondes de Souza Neto

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Luis Carlos Scavarda do Carmo

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Samois

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Prof. Francisco Ivo, S.J.

Decanos

Prof. Maria Clara Luchetti Bingenier (CCCH)

Prof. Cláudio (CCS)

Prof. Ricardo Costa de Campos (CCO)

Prof. Francisco de Paula Amarante Neto (CCBM)



Reitor

Pe. Jesus Hortal Sánchez, S.J.

Vice-Reitor

Pe. Josafá Carlos de Siqueira, S.J.

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. Danilo Marcondes de Souza Filho

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Luiz Carlos Scavarda do Carmo

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Pe. Francisco Ivern, S.J.

Decanos

Prof^a. Maria Clara Lucchetti Bingemer (CTCH)

Prof^a. Gisele Cittadino (CCS)

Prof. Reinaldo Calixto de Campos (CTC)

Prof. Francisco de Paula Amarante Neto (CCBM)

RELIGIÃO E SOCIEDADE EM CAPITAIS BRASILEIRAS

Cesar Romero Jacob

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio
Rio de Janeiro, Brasil

Dora Rodrigues Hees

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio
Rio de Janeiro, Brasil

Philippe Waniez

Institut de Recherche pour le Développement, IRD
Unité Mixte de Recherche
Territoires et Mondialisation dans les Pays du Sud
Paris, França

Violette Brustlein

Centre National de la Recherche Scientifique, CNRS
Centre de Recherche et de Documentation sur l'Amérique Latine, CREDAL
Paris, França



RELIGIÃO E SOCIEDADE EM CAPITALS BRASILEIRAS

© Editora PUC-Rio

Rua Marquês de S. Vicente, 225 – Projeto Comunicar

Praça Alceu Amoroso Lima, casa V

Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22453-900

Telefax: (21)3114-1838/3114-1760

Site: www.puc-rio.br/editorapucrio

E-mail: edpucrio@vrc.puc-rio.br

Conselho Editorial

Augusto Sampaio, Cesar Romero Jacob, Danilo Marcondes de Souza Filho, Fernando Sá, Gisele Cittadino,

Maria Clara Lucchetti Bingemer, Miguel Pereira, Reinaldo Calixto de Campos.

Capa e Projeto Gráfico

José Antonio de Oliveira

Edições Loyola

Rua 1822, n.º 347 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

Caixa Postal: 42.335 – 04299-970 São Paulo – SP

Tel: (11)6914-1922

Fax: (11)6163-4275

Site: www.loyola.com.br

Editorial: loyola@loyola.com.br

Vendas: vendas@loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 85-15-03219-8

© Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2006.

Religião e sociedade em capitais brasileiras / Cesar Romero Jacob... [et. al.] . – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio ; São Paulo : Loyola ; Brasília : CNBB, 2006.

250 p. ; 27 cm

Inclui referências bibliográficas

1. Religião. 2. Religião e sociologia. I. Jacob, Cesar Romero.

CDD: 200

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	9
Manaus	13
Belém	23
São Luís	35
Teresina	45
Fortaleza	57
Natal	67
Recife	77
Maceió	91
Salvador	103
Belo Horizonte	117
Vitória	129
Rio de Janeiro	141
São Paulo	155
Curitiba	169
Florianópolis	181
Porto Alegre	193
Campo Grande	205
Goiânia	215
Brasília	227
Conclusão	237
Bibliografia	241
Anexos	245

PREFÁCIO

A Missão da Igreja é evangelizar. Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, ainda em 1976, o saudoso Papa Paulo VI exortava a Igreja para sua missão de evangelizar: "Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja, tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes" (nº 14).

Envoltos na cultura da pós-modernidade, os desafios se tornam múltiplos e variados: a Igreja habituada a uma cultura rural presenciou a rápida mudança da sociedade para uma cultura urbana; a linguagem cibernética tomou conta dos pólos de educação e de toda a relação social; a globalização mudou valores e criou novos valores sociais; a tecnologia se supera em rápidos períodos de tempo, bem como a biotecnologia; o poder econômico condiciona e subordina as relações sociais, descaracterizando as heranças culturais e religiosas, rompendo tradições e desestabilizando o núcleo familiar que dá sustentação e segurança ao indivíduo no seu lugar existencial.

Como sustentar os valores perenes da vida em meio a essa ebulição social? Os instrumentais usados pela Igreja na ação evangelizadora muitas vezes não correspondem mais às exigências atuais. A Igreja precisa conhecer em profundidade os mecanismos sociais para ser sempre resposta segura aos que buscam nela orientação para a vida.

Desde o ano de 2002, a CNBB tem acompanhado e usufruído dos trabalhos dos professores Cesar Romero Jacob e Dora Rodrigues Hees, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e dos pesquisadores franceses Philippe Waniez, do *Institut de Recherche pour le Développement* (IRD), e Violette Brustlein, do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), quando tomaram os dados do Censo Demográfico do IBGE, de 2000, e estudaram a configuração religiosa da população brasileira, situando-a em mapas conforme a filiação a determinada denominação religiosa. Já são quatro anos de intensa pesquisa para compreender o fenômeno religioso da população brasileira: condição social, nível de escolaridade, razões para estar em determinado local geográfico e pertencer a tal ou qual grupo confessional.

Esta nova pesquisa mostra a religião e a sociedade em dezenove capitais brasileiras. O retrato dessas cidades pode ser estendido a todo o território brasileiro para compreender a situação religiosa neste tempo. O trânsito religioso é intenso e sabemos que as mudanças ocorrem em diversas direções. Qual a causa para tantas mudanças? Os frutos da pesquisa ora oferecidos querem ser uma ajuda na compreensão do fenômeno. Isto certamente é importante para que a ação evangelizadora possa atingir seu objetivo de "colaborar na construção de uma sociedade justa e solidária a caminho do Reino definitivo"¹.

No tempo de Jesus, seus preferidos foram os pobres e marginalizados da sociedade. Em nossos dias, o mapeamento da filiação religiosa mostra que os desafios para a evangelização estão nas periferias das cidades e nas fronteiras agrícolas; nessa direção a Igreja deverá canalizar sua atenção missionária e um maior investimento pastoral. Essa realidade também deve orientar a formação dos novos Presbíteros para um despertar missionário e a prontidão para responder ao chamado de Deus através dos pobres que clamam por justiça e dignidade.

O planejamento pastoral das dioceses e paróquias precisa contemplar essa realidade com projetos concretos da ação transformadora para que "em Jesus Cristo nossos povos tenham vida"². A formação de agentes pastorais para os diversos ministérios e serviços deve animar as comunidades nesses locais para serem fermento transformador, colaborando para que as pessoas tenham seus direitos respeitados e sejam acolhidas, sentindo na comunidade religiosa o espaço de garantia de sua liberdade e a alegria de viver. A solidariedade sempre ameniza a dor e faz crescer a unidade.

O mapeamento da filiação religiosa obriga-nos a reorientar a ação evangelizadora para além dos centros urbanos e paroquiais, na direção das periferias. É preciso mapear as opções e decidir prontamente na direção dos mais carentes.

O Projeto Nacional de Evangelização, neste terceiro ano de sua vigência, destaca o serviço da caridade, que é um dos eixos da evangelização (Palavra, Liturgia e Ca-

¹ Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2003 – 2006.

² Tema da V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho

ridade). Na 1ª carta aos Coríntios (13, 1 – 8), São Paulo ensina que sem a caridade toda ação perde o sentido; e o próprio Jesus afirma que até um copo de água oferecido com amor tem sentido de eternidade (cf. Mc 9,41). Ir ao lugar geográfico do desafio com o desejo de amar e fazer a diferença no modo de agir com o testemunho transforma comportamentos e mentalidades. Cria a cultura do amor.

Por justiça os pobres têm direito à caridade, mas, sem a caridade, a justiça não é libertadora.

Munidos dos instrumentais necessários, com fé e esperança, veremos o amor triunfar. Que este precioso trabalho seja utilizado em todos os ambientes onde se planeja a ação pastoral e que os evangelizadores, conhecendo melhor a realidade, possam ser mais eficientes na sua missão.

Cardeal Geraldo Majella Agnelo
Arcebispo de São Salvador da Bahia
Presidente da CNBB

PREFÁCIO

A missão da Igreja é evangelizar. No Evangelho, Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo para salvar a humanidade. A Igreja, que é o corpo de Cristo, tem a responsabilidade de continuar esta missão. Isso significa que a Igreja deve estar presente em todos os lugares, especialmente nos lugares onde há mais necessidade. A evangelização não é apenas uma atividade religiosa, mas também uma atividade humana. Ela envolve a construção de uma sociedade mais justa e mais amorosa. A Igreja deve trabalhar para que todos os seres humanos possam viver em paz e harmonia. Isso requer a participação de todos, não apenas da Igreja, mas também da sociedade civil e do Estado. A evangelização é um processo contínuo, que nunca termina. Ela é uma jornada que nos leva cada vez mais perto de Deus e do nosso próximo.

No tempo do Jesus, os judeus tinham uma visão muito limitada de Deus. Eles acreditavam que Deus era um Deus distante, um Deus que não se envolvia com a vida dos seus filhos. Mas Jesus veio para mostrar que Deus é um Deus amoroso, um Deus que se preocupa com cada um de nós. Ele nos ensinou que Deus é Pai, e nós somos filhos. Isso mudou tudo. A partir daquele momento, a relação entre Deus e os seres humanos mudou. A evangelização é a maneira de compartilhar esta boa notícia com todos. É a maneira de mostrar a Deus para quem Ele realmente é. É a maneira de mostrar a nós mesmos quem somos. A evangelização é um ato de amor, um ato de justiça. Ela é a maneira de construir uma sociedade mais justa e mais amorosa. A Igreja deve continuar a trabalhar para que todos possam viver em paz e harmonia. Isso requer a participação de todos, não apenas da Igreja, mas também da sociedade civil e do Estado. A evangelização é um processo contínuo, que nunca termina. Ela é uma jornada que nos leva cada vez mais perto de Deus e do nosso próximo.

O Evangelho é a mensagem de Deus para todos. É a mensagem de amor, de justiça, de paz. É a mensagem de que todos somos filhos de Deus. A Igreja deve trabalhar para que esta mensagem seja conhecida por todos. Isso requer a participação de todos, não apenas da Igreja, mas também da sociedade civil e do Estado. A evangelização é um processo contínuo, que nunca termina. Ela é uma jornada que nos leva cada vez mais perto de Deus e do nosso próximo.

O Evangelho é a mensagem de Deus para todos. É a mensagem de amor, de justiça, de paz. É a mensagem de que todos somos filhos de Deus. A Igreja deve trabalhar para que esta mensagem seja conhecida por todos. Isso requer a participação de todos, não apenas da Igreja, mas também da sociedade civil e do Estado. A evangelização é um processo contínuo, que nunca termina. Ela é uma jornada que nos leva cada vez mais perto de Deus e do nosso próximo.

O Evangelho é a mensagem de Deus para todos. É a mensagem de amor, de justiça, de paz. É a mensagem de que todos somos filhos de Deus. A Igreja deve trabalhar para que esta mensagem seja conhecida por todos. Isso requer a participação de todos, não apenas da Igreja, mas também da sociedade civil e do Estado. A evangelização é um processo contínuo, que nunca termina. Ela é uma jornada que nos leva cada vez mais perto de Deus e do nosso próximo.

A missão da Igreja é evangelizar. No Evangelho, Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo para salvar a humanidade. A Igreja, que é o corpo de Cristo, tem a responsabilidade de continuar esta missão. Isso significa que a Igreja deve estar presente em todos os lugares, especialmente nos lugares onde há mais necessidade. A evangelização não é apenas uma atividade religiosa, mas também uma atividade humana. Ela envolve a construção de uma sociedade mais justa e mais amorosa. A Igreja deve trabalhar para que todos os seres humanos possam viver em paz e harmonia. Isso requer a participação de todos, não apenas da Igreja, mas também da sociedade civil e do Estado. A evangelização é um processo contínuo, que nunca termina. Ela é uma jornada que nos leva cada vez mais perto de Deus e do nosso próximo.

Finalmente, a cultura da paz. A cultura da paz é uma cultura que valoriza a não-violência, a justiça, a harmonia. É uma cultura que busca resolver os conflitos de maneira pacífica. A Igreja deve trabalhar para que esta cultura seja difundida em todos os lugares. Isso requer a participação de todos, não apenas da Igreja, mas também da sociedade civil e do Estado. A evangelização é um processo contínuo, que nunca termina. Ela é uma jornada que nos leva cada vez mais perto de Deus e do nosso próximo.

Como evangelizar? A evangelização é um processo que envolve a construção de uma relação de confiança com as pessoas. Isso requer a participação de todos, não apenas da Igreja, mas também da sociedade civil e do Estado. A evangelização é um processo contínuo, que nunca termina. Ela é uma jornada que nos leva cada vez mais perto de Deus e do nosso próximo.

Desde o ano de 2001, a CNBB tem desenvolvido um trabalho muito importante. Este trabalho é a evangelização. A evangelização é a maneira de compartilhar a mensagem de Deus com todos. É a maneira de mostrar a Deus para quem Ele realmente é. É a maneira de mostrar a nós mesmos quem somos. A evangelização é um ato de amor, um ato de justiça. Ela é a maneira de construir uma sociedade mais justa e mais amorosa. A Igreja deve continuar a trabalhar para que todos possam viver em paz e harmonia. Isso requer a participação de todos, não apenas da Igreja, mas também da sociedade civil e do Estado. A evangelização é um processo contínuo, que nunca termina. Ela é uma jornada que nos leva cada vez mais perto de Deus e do nosso próximo.

INTRODUÇÃO*

Em nosso trabalho anterior, o *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*, publicado em 2003¹, procuramos identificar as transformações ocorridas no panorama religioso brasileiro, no período intercensitário de 1991 a 2000. Sabia-se que a Igreja Católica vinha perdendo adeptos no país, ao mesmo tempo em que se assistia ao crescimento das igrejas evangélicas pentecostais e ao aumento do número de pessoas que se declaravam sem religião. Porém não se tinha uma idéia precisa das áreas onde tais fenômenos vinham ocorrendo, nem com que intensidade eles se davam. O objetivo desse Atlas era, então, o de apresentar um quadro geográfico dessas transformações no país, completado por um zoom sobre cada uma das principais regiões metropolitanas brasileiras.

Assim, o *Atlas* trazia como novidade a abordagem geográfica da questão religiosa no Brasil, fundamental à compreensão dos fenômenos sociais num território tão vasto e diversificado como o nosso. Apesar de essa primeira publicação tratar da questão religiosa também nas cidades, a escala de análise não permitia o seu estudo mais aprofundado no meio urbano. Baseados na malha dos distritos e subdistritos, delimitados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os mapas realizados para as regiões metropolitanas brasileiras davam uma visão ainda muito agregada das questões investigadas no nível intra-urbano, insuficiente para uma análise mais detalhada dos fenômenos religiosos e socioeconômicos.

Este novo trabalho, *Religião e Sociedade em Capitais Brasileiras*, pode ser considerado, então, uma continuação do livro que foi publicado em 2003. Ele tem como objeto de estudo a Capital Federal e as 18 capitais estaduais², para as quais o IBGE tornou disponível, pela primeira vez na história dos censos brasileiros, informações num recorte territorial mais detalhado, o das Áreas de Ponderação da Amostra (AREAPs). Assim, para cada capital, elaborou-se um atlas, que foi orga-

nizado da mesma maneira para todas elas, com base nos dados do Censo Demográfico de 2000, no qual se procura mostrar a distribuição dos fiéis das diversas religiões e dos sem-religião, pelos bairros dessas cidades, buscando estabelecer associações com indicadores demográficos, sociais e econômicos.

O atlas referente a cada capital começa sempre com uma imagem do satélite *Landsat*³, que permite melhor apreender a totalidade dos diferentes espaços urbanos, visualizar a densidade e a extensão da área construída, localizar as áreas verdes e identificar a presença de montanhas, rios, lagoas ou do Oceano Atlântico. Para ajudar a leitura dos mapas, o usuário dispõe de um cartograma para cada cidade, onde estão localizados os principais bairros da capital e os municípios da região metropolitana para os quais existem AREAPs.

Em seguida, no item *Apresentação*, são dadas algumas informações básicas, necessárias a uma melhor compreensão da cidade em questão, tais como: localização, origem e evolução, expansão urbana, atividades econômicas e densidade populacional. Não se trata aqui de fazer uma análise exaustiva desses temas para cada uma das capitais, mas tão somente caracterizar os diferentes espaços urbanos, com a finalidade de contribuir para o entendimento do quadro religioso e de aspectos demográficos e socioeconômicos das diferentes cidades.

Após essa caracterização inicial, na parte intitulada *Religião*, é apresentado um conjunto de mapas e textos explicativos, relativos aos principais grupos religiosos (católicos, evangélicos de missão e evangélicos pentecostais), bem como aos que se declaram sem religião, para cada uma das capitais analisadas. Além desses mapas, comuns a todas as cidades, sempre que um subgrupo religioso se destacava numa determinada capital, o seu mapa era acrescentado, a exemplo da Assembléia de Deus, em Manaus, da Igreja Universal do Reino de Deus,

* Os autores agradecem ao Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Pe. Jesus Hortal Sánchez, S.J., aos professores do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, Angeluccia Habert, Everardo Rocha, Felipe Gomberg, Fernando Sá, José Antonio de Oliveira e Miguel Pereira; ao assessor da CNBB, Pe. Pedro Bassini; e ao Professor Nelson Soler Saintive pela colaboração prestada à realização deste trabalho. Manifestam, ainda, seu agradecimento ao IBGE que, ao permitir o acesso aos microdados da Amostra do Censo Demográfico de 2000, possibilitou a elaboração deste livro.

¹ Cesar R. Jacob, Dora R. Hees, Philippe Waniez e Violette Brustlein. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, 240 p.

² As capitais estaduais incluídas nesta análise são: Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, Recife, Maceió, Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Campo Grande e Goiânia. Para as demais capitais, não se dispõe de informações no nível das Áreas de Ponderação da Amostra (AREAPs).

³ Os mapas do satélite *Landsat* foram fornecidos gratuitamente pela NASA, a saber: *Provided through NASA's Earth Science Enterprise Scientific Data Purchase Program. Produced, under NASA contract, by Earth Satellite Corporation.*

no Rio de Janeiro, ou dos Luteranos, em Curitiba. Foram realizados, também, mapas para outras confissões religiosas com menor número de adeptos, como a judaica, budista, espírita, umbandista, candomblecista, etc., nas capitais onde elas apresentavam alguma importância.

O conjunto dos mapas relativos à filiação religiosa expressa o número de fiéis de cada religião e a sua porcentagem na população total. Além desses, foi elaborado, ainda, um mapa de síntese do perfil religioso da população, que permite a visualização das áreas mais importantes dos principais grupos religiosos, em cada capital estudada.

Para complementar a análise da filiação religiosa, são apresentados, no item *Sociedade*, mapas que dizem respeito a indicadores demográficos e socioeconômicos. Sem pretender abarcar a totalidade desses aspectos, propõe-se aqui uma série de mapas, que permite comparar a filiação religiosa com as principais estruturas territoriais engendradas pela sociedade brasileira.

Assim, para os aspectos demográficos, foram selecionados os seguintes indicadores:

- **densidade populacional:** número de habitantes por km²;

- **população de cor não branca:** porcentagem de pessoas não brancas na população total; a cor da pele é uma informação baseada no julgamento da própria pessoa entrevistada durante o Censo, que encontra no questionário da Amostra as seguintes opções de resposta: branca, preta, parda, amarela e indígena;

- **estabilidade no local de residência:** porcentagem de pessoas que sempre moraram no mesmo município na população total; este indicador permite identificar as áreas com maiores proporções de migrantes.

Os aspectos socioeconômicos foram medidos, basicamente, por quatro indicadores:

- **rendimentos:** níveis de rendimentos expressos em números de salários mínimos, com base na situação do mês de julho de 2000;

- **níveis de educação:** foi considerado o curso mais elevado que a pessoa entrevistada frequentou, tendo concluído pelo menos uma série;

- **população analfabeta:** porcentagem da população com 10 anos e mais que não sabe ler nem escrever;

- **aglomerado subnormal:** número de pessoas que vivem em aglomerados subnormais, denominação dada pelo IBGE a moradias precárias do tipo favelas, mocambos, palafitas, invasões, malocas e assemelhados.

Apenas para as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, foram realizados mapas do local de residência dos **trabalhadores domésticos**, uma vez que este segmento da população é muito numeroso nestas duas capitais.

A fim de se evitar a multiplicação do número de mapas, alguns desses indicadores foram objeto de classificações, que resultaram em mapas de síntese, como os do perfil de rendimentos e de educação. Na verdade, como o que se pretende neste trabalho é captar as grandes tendências relativas a esses indicadores, nas diversas capitais, os mapas de síntese parecem atender bem a essa finalidade.

De maneira a não perder de vista o nosso objeto de estudo — as religiões nas capitais — em algumas análises de mapas socioeconômicos, retoma-se o problema religioso, através de tabelas estatísticas que fazem um cruzamento da filiação religiosa com determinados indicadores socioeconômicos. Foram elaboradas, assim, tabelas que cruzam filiação religiosa com níveis de rendimentos, setores de residências (normais ou subnormais) e níveis educacionais, o que permitiu melhor caracterizar o perfil socioeconômico de cada grupo religioso, nas diferentes capitais analisadas.

A variável religião nos recenseamentos demográficos no Brasil

O Censo Demográfico inclui uma pergunta sobre a filiação religiosa: *Qual é a sua religião ou culto?*⁴. O registro das respostas a essa indagação evoluiu ao longo do tempo, e a documentação que acompanha o recenseamento de 2000 dá as principais indicações dessa evolução⁵. Com efeito, o IBGE desenvolveu a classificação das religiões para o Censo Demográfico de 2000, com a preocupação de tornar os seus resultados comparáveis com os Censos Demográficos anteriores e possibilitar, assim, a análise das séries históricas.

De fato, deve ser reconhecido o esforço do IBGE na obtenção de uma classificação das religiões, visto que é difícil, por exemplo, se ter uma boa visão do conjunto das igrejas evangélicas pentecostais, em função da sua fragmentação. O recenseamento de 2000 distingue cerca de quinze igrejas pentecostais diferentes, mas o seu número é, sem dúvida, maior, o que explica inevitáveis categorias, como *evangélica pentecostal sem vínculo institucional*, *outras igrejas evangélicas de origem pentecostal* ou *evangélica não determinada*.

A maneira pela qual o recenseamento é efetivamente realizado se constitui num outro aspecto da análise dos dados relativos às religiões que merece uma explicação. O IBGE utiliza dois modelos de questionário para a realização do Censo Demográfico: o questionário nº1, do Universo, com perguntas básicas que são respondidas por toda a população, e o questionário

⁴ A este respeito, ver Anexo 1.

⁵ A este respeito, ver Anexo 2.

nº2, da Amostra, aplicado a um determinado número de pessoas, contendo perguntas mais detalhadas sobre características do domicílio e de seus moradores, que abrangem temas como religião, cor da pele, migração, escolaridade, rendimento, etc.

Para a aplicação do questionário nº2, foram definidas duas frações amostrais distintas: 10% para os municípios com população superior a 15.000 habitantes e 20% para os demais municípios. Em todo o país foram selecionados 5 304 711 domicílios para responder ao questionário da Amostra, o que resultou no levantamento de informações sobre 20 274 412 pessoas⁶.

Elaboração das estatísticas e os tipos de mapas

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) obteve do IBGE o acesso às respostas individuais, tornadas anônimas, do questionário da Amostra do Censo Demográfico de 2000, com cerca de 20 milhões de fichas, chamadas microdados. Para o tratamento dessas fichas, foi criado um programa de informática, denominado MicroDados, funcionando em computadores PC, com o sistema operacional Windows XP, capaz de realizar tabulações simples (com uma só variável) e múltiplas (com duas ou três variáveis), baseadas num dos níveis geográficos habituais do recenseamento: o Brasil como um todo, as Grandes Regiões, as Unidades da Federação, as Microrregiões Geográficas e os Municípios.

As tabulações simples são realizadas pelo cruzamento de uma variável geográfica com uma segunda variável, como a religião. Já as tabulações múltiplas supõem, além de uma variável geográfica, o seu cruzamento com mais de uma variável, como, por exemplo, religião e rendimento. Essas tabulações múltiplas permitem, então, estudar especificamente tal ou qual população, em função de características previamente escolhidas.

Para a análise dos espaços urbanos, como é o caso das 19 capitais estudadas, pode-se descer, para os dados do Universo, a um nível intramunicipal muito detalhado, o dos setores censitários. Porém, em relação aos dados da Amostra, não é possível realizar tabelas baseadas nos setores censitários, uma vez que o IBGE não permite o acesso a essas informações, possivelmente por razões de representatividade estatística. Dispõe-se, no entanto, desses resultados por Área de Ponderação da Amostra, nível intramunicipal menos detalhado do que o do setor censitário, mas que é capaz de dar uma boa visão das informações sobre filiação religiosa e aspectos socioeconômicos no âmbito urbano⁷.

Ao se dispor de informações relativas às diferentes religiões e a características demográficas e socioeconômicas da população, no nível das AREAPs, o tratamento dos microdados permitiu realizar os diversos tipos de mapas que integram este trabalho⁸. Assim, para representar o número de adeptos de cada religião, utilizaram-se os mapas em círculos, cujas superfícies são proporcionais aos efetivos. Para a distribuição geográfica de índices e porcentagens, recorreu-se aos mapas em gamas de cores, cujas classes traduzem níveis de intensidade da variável em questão. Já para representar os efetivos de grupos religiosos pouco numerosos, optou-se pelos mapas em nuvens de pontos.

Os mapas de síntese, como o de religião, níveis de estudo e níveis de rendimentos foram realizados com base em tabulações simples. Assim, para a síntese dos rendimentos, o programa MicroDados calculou uma tabulação cruzando AREAPs com a variável total de rendimentos. Expressa em número de salários mínimos, a tabela dá para cada indivíduo, com idade de 10 anos e mais, a soma dos rendimentos brutos auferidos, provenientes de todas as fontes, referentes ao mês de julho de 2000.

Os totais obtidos foram em seguida reagrupados em dezenove níveis de rendimentos e depois transformados em porcentagem na população com 10 anos e mais. Uma classificação permitiu obter o perfil de rendimento de cada AREAP, de acordo com classes, que podem variar de uma capital a outra. Essas classes não foram escolhidas *a priori*, mas resultaram de uma interpretação dos níveis na *árvore de classificação ascendente hierárquica*, que representa as AREAPs, em função dos níveis de rendimentos encontrados nessas unidades territoriais.

Da mesma forma, os mapas de síntese de religião e níveis de estudos foram baseados em dados resultantes de tabulações que cruzam: AREAP x Religião e AREAP x Educação. O Programa MicroDados permitiu ainda a realização de uma tabulação múltipla: AREAP x Religião x Rendimento. Este tratamento estatístico possibilitou, então, investigar a religião da população com um determinado nível de rendimento, como a categoria *até 1 salário mínimo*, o que deu origem aos mapas dos pobres católicos, pentecostais e sem religião.

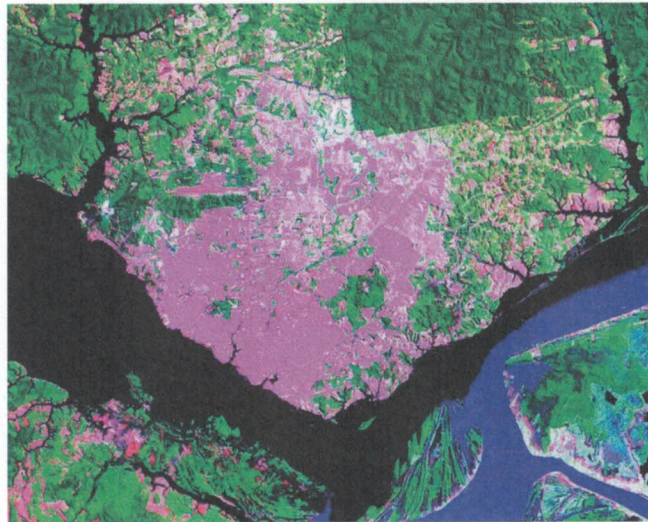
Assim, ao longo deste trabalho, o leitor encontrará 19 atlas, reunindo cerca de 400 mapas, que permitem cotejar o perfil religioso da população com o contexto demográfico e socioeconômico, no nível intra-urbano das AREAPs, para a Capital Federal e para as 18 capitais estaduais que integram este trabalho.

⁶ IBGE, Censo Demográfico 2000.

⁷ De acordo com o Censo Demográfico 2000, a Área de Ponderação da Amostra se define como «uma unidade geográfica, formada por um agrupamento mutuamente exclusivo de setores censitários, para a aplicação dos procedimentos de calibração das estimativas com as informações conhecidas para a população como um todo. Um total de 484 municípios tiveram mais de uma área de ponderação no Censo 2000. Os demais 5023 municípios tiveram apenas uma área de ponderação».

⁸ Cabe lembrar que os mapas que compõem o livro *Religião e Sociedade em Capitais Brasileiras* foram realizados com a ajuda de Philcarto, programa de cartografia temática de autoria de Philippe Waniez, que pode ser encontrado gratuitamente no livro de Philippe Waniez, Violette Brustlein e Dora Rodrigues Hees. *Comunicação Cartográfica: o mapeamento dos resultados eleitorais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, 112 p. Inclui CD-Rom.

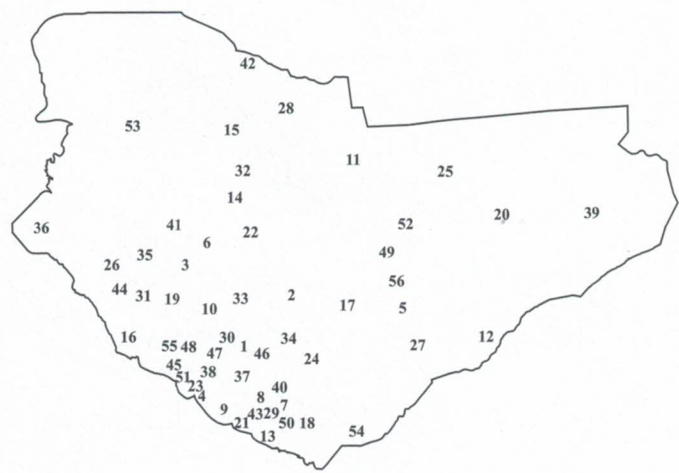
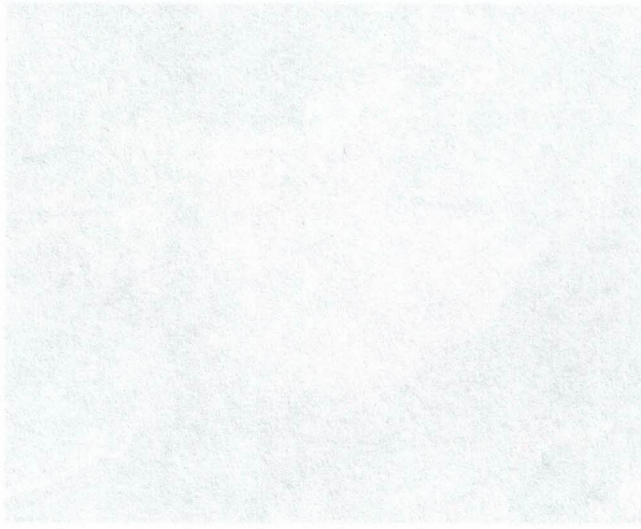
Manaus



Localidade dos principais rios

1. Amazonas	20. Rio Negro	39. Rio Negro
2. Negro	21. Solimões	40. Negro
3. Arica	22. Tapajós	41. Rio Negro
4. Apurí	23. Uçayá	42. Rio Negro
5. Trombetas	24. Juruá	43. Rio Negro
6. Trombetas	25. Juruá	44. Rio Negro
7. Trombetas	26. Juruá	45. Rio Negro
8. Trombetas	27. Juruá	46. Rio Negro
9. Trombetas	28. Juruá	47. Rio Negro
10. Trombetas	29. Juruá	48. Rio Negro
11. Trombetas	30. Juruá	49. Rio Negro
12. Trombetas	31. Juruá	50. Rio Negro
13. Trombetas	32. Juruá	51. Rio Negro
14. Trombetas	33. Juruá	52. Rio Negro
15. Trombetas	34. Juruá	53. Rio Negro
16. Trombetas	35. Juruá	54. Rio Negro
17. Trombetas	36. Juruá	55. Rio Negro
18. Trombetas	37. Juruá	56. Rio Negro
19. Trombetas	38. Juruá	57. Rio Negro





Localização dos principais bairros

- | | | |
|--------------------------|--------------------------|-----------------------|
| 1 Adrianópolis | 20 Distrito Industrial | 39 Puraquequara |
| 2 Aleixo | 21 Educandos | 40 Raiz |
| 3 Alvorada | 22 Flores | 41 Redenção |
| 4 Aparecida | 23 Glória | 42 Santa Etelvina |
| 5 Armando Mendes | 24 Japiim | 43 Santa Luzia |
| 6 Bairro da Paz | 25 Jorge Teixeira | 44 Santo Agostinho |
| 7 Betânia | 26 Lírio do Vale | 45 Santo Antônio |
| 8 Cachoeirinha | 27 Mauazinho | 46 São Francisco |
| 9 Centro | 28 Monte das Oliveiras | 47 São Geraldo |
| 10 Chapada | 29 Morro da Liberdade | 48 São Jorge |
| 11 Cidade Nova | 30 N. Senhora das Graças | 49 São José Operário |
| 12 Col. Antônio Aleixo | 31 Nova Esperança | 50 São Lázaro |
| 13 Col. Oliveira Machado | 32 Novo Israel | 51 São Raimundo |
| 14 Col. Santo Antônio | 33 Parque 10 | 52 Tancredo Neves |
| 15 Col. Terra Nova | 34 Petrópolis | 53 Tarumã |
| 16 Compensa | 35 Planalto | 54 Vila Buriti |
| 17 Coroadó | 36 Ponta Negra | 55 Vila da Prata |
| 18 Crespo | 37 Praça 14 de Janeiro | 56 Zumbi dos Palmares |
| 19 D. Pedro I | 38 Pres. Vargas | |

APRESENTAÇÃO

Capital do maior estado brasileiro, Manaus se situa na margem esquerda do Rio Negro, a 20 km da sua confluência com o Rio Solimões, que, juntos, irão formar o Rio Amazonas. Em função do encaixamento do Rio Negro, encontram-se falésias de 20 a 50 metros de altura, onde se localiza a cidade de Manaus. Distante 2 000 km do litoral, ela se constitui num importante centro de prestação de serviços para a população do interior da Amazônia. Na capital se concentra quase a metade da população do estado (49,5%), ou seja, 1 405 835 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000.

Apesar dos avanços existentes no país, no sentido da construção de uma malha rodoviária ampla, Manaus ainda sofre com o problema do seu isolamento, pois a ligação com as principais cidades brasileiras se faz facilmente por via aérea, mas não por via terrestre. A única capital à qual ela se liga por rodovia, de modo regular, é Boa Vista, por meio da BR-174 (Manaus-Venezuela), que hoje se encontra asfaltada. Para as ligações com as demais capitais da Região Norte é necessário viajar longos trechos de barco até Belém ou Rio Branco, por exemplo, ou enfrentar as más condições da BR-319, até Porto Velho.

Com a construção, nos anos 1980, da BR-364, que liga Cuiabá a Rio Branco, Manaus passou a ter reduzida a sua posição de domínio absoluto na Amazônia Ocidental, uma vez que essa rodovia permitiu a ligação de Rio Branco e Porto Velho com centros urbanos do Centro-Sul do país.

Origem e evolução

A fundação de Manaus tem origem na construção, pelos portugueses, da Fortaleza de São José do Rio Negro, em 1669, na margem esquerda desse rio. Surge assim o povoado de Barra do Rio Negro, que em 1848 é elevado à categoria de cidade. Alguns anos depois, em 1852, tornou-se sede da Província do Amazonas, passando a ser o principal centro político e o mais importante entreposto comercial da Amazônia Ocidental, vindo mais tarde a se chamar Manaus (1856).

O início da ocupação urbana do município de Manaus se deu nos terrenos mais elevados em relação à margem do Rio Negro, onde hoje se encontra a Praça da Matriz¹. O crescimento da capital liga-se fundamentalmente ao ciclo da borracha, que vai de 1870 a 1910. A partir de 1890, com a intensificação da extração do

látex, sua população começa a se expandir e a ocupar as margens dos igarapés. A cidade passou a atrair migrantes de todo o país, principalmente nordestinos, transformando-se num centro dinâmico e moderno. De 1890 a 1910, Manaus sofreu um intenso processo de urbanização, em função de grandes investimentos feitos pelos *barões* da borracha. É desta época a construção do Prédio da Alfândega, do Mercado Municipal e do Teatro Amazonas, conhecido por sua riqueza arquitetônica.

O grande crescimento populacional sofrido no período áureo da borracha provocou a expansão dos limites de sua área urbana, levando ao adensamento de edificações na área central, à construção de largas avenidas e pontes sobre os igarapés e à implantação de um sistema de abastecimento de água e de uma rede de esgotos. É interessante observar que Manaus foi a segunda cidade do Brasil a ter luz elétrica e, em 1899, era a única cidade do país a ter bondes elétricos.

A partir de 1910, inicia-se o declínio da produção e exportação da borracha e a estagnação da economia de Manaus, em função do ingresso, nos mercados internacionais, da borracha com preços mais competitivos, proveniente de seringais cultivados de forma racional na Malásia. Muitos migrantes, sobretudo os nordestinos, retornam às suas regiões de origem, ao mesmo tempo em que os nativos, que viviam da extração da borracha, deixam a zona rural com destino à capital ou a outras regiões do país.

Expansão urbana e atividades econômicas

Essa estagnação, que durou até meados do século XX, levou o Governo Federal à criação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e, em seguida, da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), que não surtiram os efeitos esperados. Foi somente após a criação da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), em 1967, quando a cidade passou a ser área de incentivos fiscais especiais, é que ela voltou a se transformar num centro dinâmico e diversificado, capaz de atrair capitais e mão-de-obra.

A SUFRAMA é um projeto que engloba uma área de 10 000 km², incluindo todo o município de Manaus e parte dos municípios de Rio Preto da Eva, Amajari e Presidente Figueiredo. Dentro dessa área, foi criado o Pólo Industrial de Manaus (PIM) para promover o

¹ Para uma boa visão da origem e expansão urbana de Manaus, ver: Stael Starling Moreira dos Santos *et alii*, Saneamento básico e problemas ambientais no município de Manaus. In: *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 55, nº1/4, 1993, pp.15-60.

desenvolvimento da região, mediante a concessão de incentivos fiscais. Assim, o PIM, localizado na zona leste da cidade, com um elevado faturamento, é responsável pela situação de liderança de Manaus no crescimento industrial do país.

Esse importante parque fabril de eletroeletrônicos e de informática abriga um grande número de empresas com elevados índices de inovação tecnológica, competitividade e produtividade, e gera na cidade de Manaus milhares de empregos diretos e indiretos. Nesse contexto de expansão industrial, foi criado o Aeroporto Internacional Eduardo Gomes, em 1976, e realizadas obras de modernização no seu porto fluvial, que, hoje, sustenta uma estrutura de metal flutuante capaz de suportar uma variação de até 14 metros no nível do rio.

Além da atividade industrial, o turismo se constitui num outro ramo importante da economia de Manaus, em função do fascínio que a Floresta Amazônica exerce sobre turistas brasileiros e estrangeiros que chegam à cidade por via aérea ou através de cruzeiros marítimos.

Apesar da criação de um Plano Diretor de Desenvolvimento Local Integrado, em 1975, que estabeleceu o uso e a ocupação do solo em Manaus, visando o controle das densidades de população nos vales e a preservação das margens dos igarapés, a expansão da cidade não obedeceu aos seus critérios. Assim, deu-se a ocupação maciça dos fundos dos vales, a invasão de áreas de reservas naturais e a implantação de diversos núcleos habitacionais, ao longo do Rio Negro, e na parte norte da cidade. Como bem mostra a imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, a mancha urbana de Manaus, de cor rosa, se apresenta mais adensada no sudoeste, às margens do Rio Negro, e mais rarefeita em toda a faixa banhada pelo Rio Amazonas, do sul a nordeste da cidade, onde se nota a maior presença de áreas verdes.

Contrariando ainda o Plano Diretor, as casas do tipo palafitas, nas margens dos igarapés existentes na cidade, a exemplo do Educandos e do São Raimundo, marcam a paisagem urbana de Manaus. Nessas áreas, o expressivo contingente de pessoas de baixa renda, sem qualquer serviço de infra-estrutura básica, vem acarretar sérios problemas ambientais, como o alto grau de

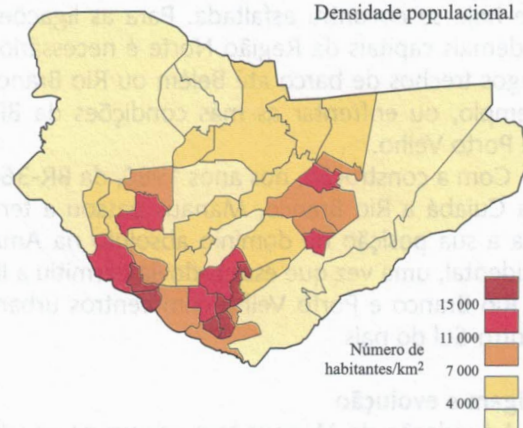
degradação das margens e o comprometimento da qualidade da água desses igarapés.

Na verdade, desde o século XIX os igarapés vêm sendo usados como esgotos domésticos, mas, com o crescimento demográfico acelerado das últimas quatro décadas e a implantação do Pólo Industrial de Manaus, acentuou-se o problema ambiental, em função do lançamento do esgoto doméstico e dos resíduos químicos das indústrias, sem o devido tratamento. Este problema se torna mais grave ainda no *inverno*, quando a subida das águas do Rio Negro dificulta o escoamento dos rejeitos. É bom lembrar que o Rio Negro, para onde se destinam as águas servidas da cidade, é também o manancial de abastecimento de Manaus.

Densidade e crescimento populacional

A distribuição da população em Manaus se faz de maneira desigual, em função da própria configuração natural da cidade, cortada por um grande número de igarapés. Assim, tem-se maiores densidades em bairros próximos ao Centro, como Glória, Santo Antônio e Vila da Prata, a oeste, e Morro da Liberdade, São Lázaro e Betânia, a leste (Fig. 1). Há também concentrações de população em áreas mais afastadas do Centro, como Armando Mendes e Tancredo Neves, a nordeste, e Alvorada, a noroeste. No período de 1991 a 2000 a cidade registrou um aumento significativo de população de quase 400 000 pessoas.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, importantes transformações ocorreram no perfil religioso da população de Manaus, como a acentuada redução do per-

centual de católicos, ao mesmo tempo em que cresciam, sobretudo, as porcentagens dos evangélicos pentecostais e das pessoas sem religião.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Manaus (município)	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	69,0	6,6	14,9	3,1	6,3
1991	85,9	4,6	5,3	2,1	2,2
2000-1991	-16,8	2,0	9,6	1,1	4,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Manaus, entre as capitais brasileiras, é aquela onde o peso dos católicos na população apresentou a maior redução: de 85,9%, em 1991, passou para 69%, em 2000 (Tab.1). Assim, a diminuição do percentual de fiéis da Igreja Católica chegou a -16,8 pontos percentuais.

Os números mais significativos de católicos, em termos absolutos, encontram-se nos bairros de Compensa (60 000 fiéis), na margem do Rio Negro, Cidade Nova (70 000), ao norte, e São José Operário (57 000), no leste da cidade (Fig. 2). No entanto, em termos relativos, não é nessas áreas da cidade que os percentuais de católicos se mostram mais elevados, mas sim nos bairros limítrofes ao Centro (São Raimundo, Chapada e Dom Pedro I), onde as porcentagens atingem 82% da população (Fig. 3). No Centro e em alguns bairros próximos (Nossa Senhora das Graças, Adrianópolis, Santa Luzia e Morro da Liberdade), o percentual dos católicos continua relativamente alto, próximo de 75% da população. Fora dessas áreas, observa-se que as porcentagens diminuem em direção à periferia, chegando a 62% no Distrito Industrial.

Uma característica original do catolicismo em Manaus diz respeito à presença da Igreja Católica Brasileira, com uma comunidade de 12 000 fiéis. O núcleo principal da Igreja se localiza em Alvorada, no oeste da cidade, com cerca de 3 000 seguidores (Fig.4).

Evangélicos de Missão

Com cerca de 90 000 fiéis, os evangélicos de missão apresentam uma distribuição que inclui todos os bairros da cidade (Fig. 5). Aliás, Manaus, com 6,6%, ocupa o terceiro lugar entre as capitais brasileiras quanto à porcentagem de protestantes tradicionais na população. Em cada bairro, seu número raramente ultrapassa 2 000 habitantes, mas ele chega a atingir de 6 000 a 7 000 fiéis, em bairros como Cidade Nova. Durante a década de 1991 a 2000, os evangélicos de missão acusaram um avanço modesto, de apenas +2 pontos percentuais.

É nos bairros periféricos que as suas porcentagens ultrapassam a média da cidade, sendo que os valores mais elevados ocorrem em Japiim, Nova Esperança e Planalto (Fig. 6). Em contrapartida, pode-se dizer que eles são pouco expressivos no centro da cidade, onde correspondem a menos de 5% dos habitantes. Os batistas representam um pouco mais da metade dos evangélicos de missão (48 000 fiéis), seguidos de perto pelos adventistas (33 000).

Evangélicos Pentecostais

A perda de adeptos da Igreja Católica em Manaus tem beneficiado principalmente os pentecostais, que aí apresentaram o seu maior crescimento, no período de 1991 a 2000, de +9,6 pontos percentuais, o que a situa no primeiro lugar entre as capitais brasileiras quanto ao avanço do pentecostalismo. Assim, Manaus se tornou a terceira capital do país quanto ao percentual de pentecostais em sua população.

Com quase 210 000 seguidores, o pentecostalismo chega a representar 15% da população e a sua implantação é maior nos bairros periféricos, mas, de

Fig. 2

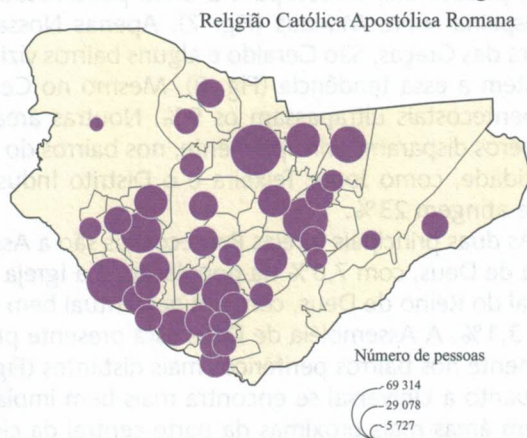


Fig. 3

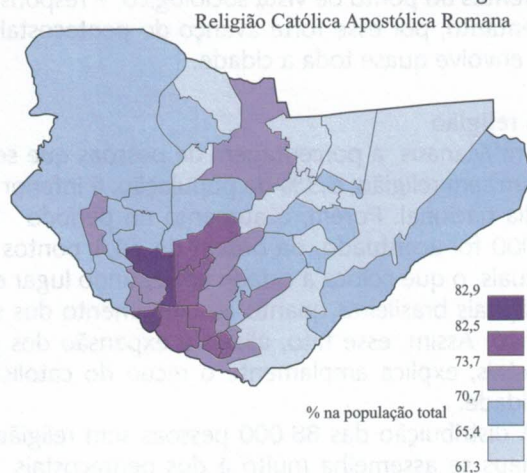


Fig. 4

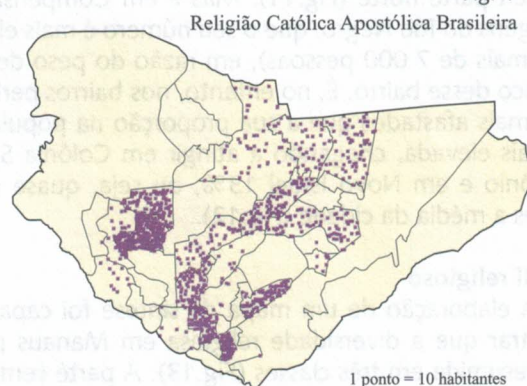
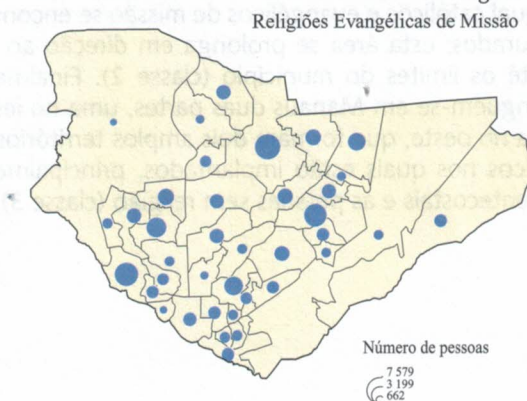


Fig. 5



fato, poucos bairros escapam à onda pentecostal que se espalha sobre Manaus (Fig. 7). Apenas Nossa Senhora das Graças, São Geraldo e alguns bairros vizinhos resistem a essa tendência (Fig. 8). Mesmo no Centro, os pentecostais ultrapassam os 9%. Noutras áreas os números disparam, principalmente, nos bairros do leste da cidade, como Jorge Teixeira e o Distrito Industrial, onde atingem 23%.

As duas principais Igrejas Pentecostais são a Assembléia de Deus, com 7,6% da população, e a Igreja Universal do Reino de Deus, com um percentual bem inferior, 3,1%. A Assembléia de Deus está presente principalmente nos bairros periféricos mais distantes (Fig. 9), enquanto a Universal se encontra mais bem implantada em áreas mais próximas da parte central da cidade (Fig.10). Uma tal distribuição, englobando populações diferentes do ponto de vista sociológico, é responsável, no entanto, por esse forte avanço do pentecostalismo que envolve quase toda a cidade.

Sem religião

Em Manaus, a porcentagem de pessoas que se declaram sem religião, 6,3% da população, é inferior à da média nacional. Porém, o aumento no período 1991 a 2000 foi acentuado, da ordem de +4,1 pontos percentuais, o que coloca a cidade no segundo lugar entre as capitais brasileiras quanto ao crescimento dos sem-religião. Assim, esse fato, aliado à expansão dos pentecostais, explica amplamente o recuo do catolicismo na cidade.

A distribuição das 88 000 pessoas sem religião em Manaus se assemelha muito à dos pentecostais, com uma presença forte nos bairros periféricos, sobretudo na sua parte norte (Fig.11). Mas é em Compensa, às margens do Rio Negro, que o seu número é mais elevado (mais de 7 000 pessoas), em razão do peso demográfico desse bairro. É, no entanto, nos bairros periféricos mais afastados que a sua proporção na população é mais elevada, chegando a atingir em Colônia Santo Antônio e em Novo Israel 13%, ou seja, quase duas vezes a média da cidade (Fig.12).

Perfil religioso

A elaboração de um mapa de síntese foi capaz de mostrar que a diversidade religiosa em Manaus pode ser resumida em três classes (Fig.13). A parte central e os bairros vizinhos formam o território católico por excelência (classe 1). Este núcleo é cercado por um espaço no qual católicos e evangélicos de missão se encontram misturados; esta área se prolonga em direção ao norte até os limites do município (classe 2). Finalmente, distinguem-se em Manaus duas partes, uma no leste e outra no oeste, que formam dois amplos territórios periféricos nos quais estão implantados, principalmente, os pentecostais e as pessoas sem religião (classe 3).

Fig. 6

Religiões Evangélicas de Missão

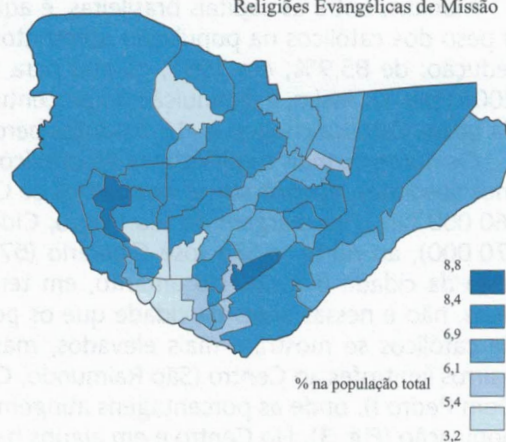


Fig. 7

Religiões Evangélicas Pentecostais

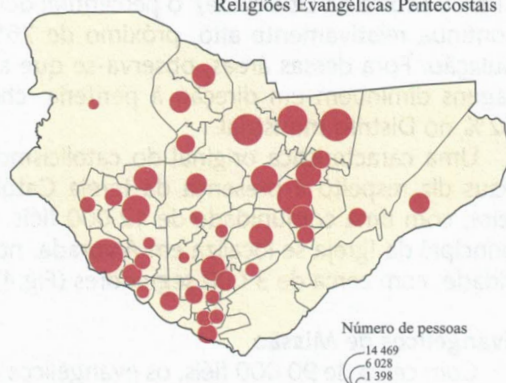


Fig. 8

Religiões Evangélicas Pentecostais

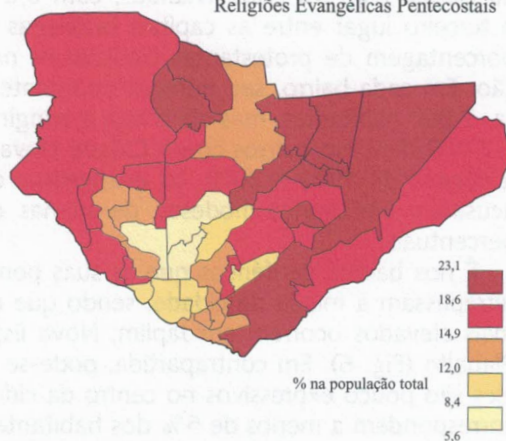


Fig. 9

Religião Evangélica Pentecostal
Assembléia de Deus

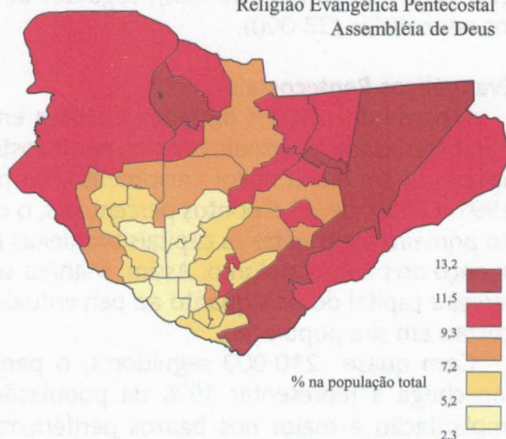


Fig. 10
Religião Evangélica Pentecostal
Igreja Universal do Reino de Deus

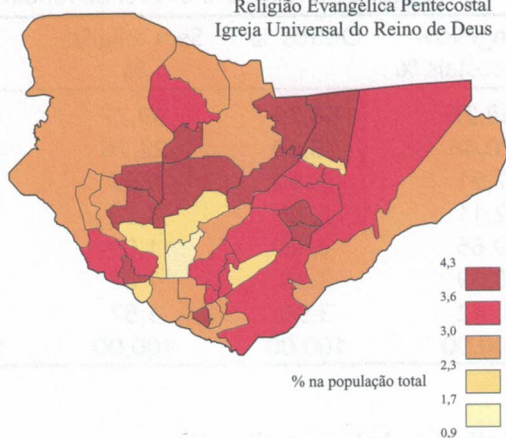


Fig. 11
Pessoas sem religião

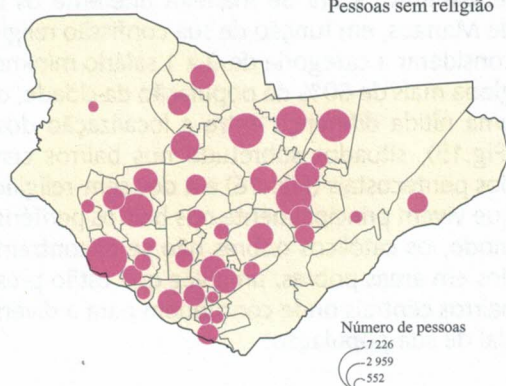


Fig. 12
Pessoas sem religião

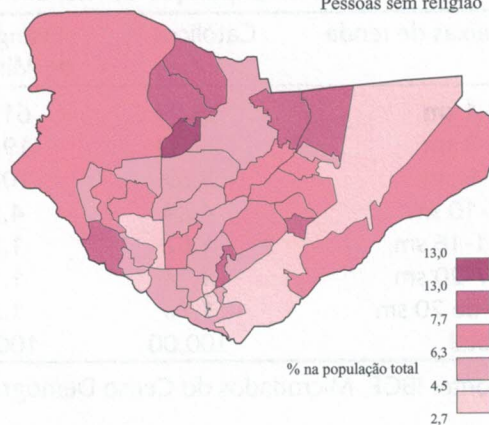
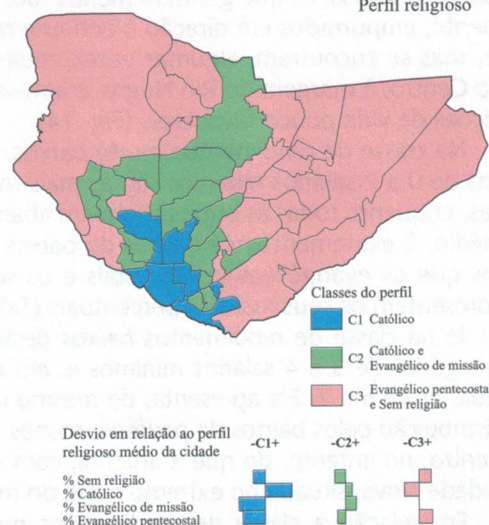


Fig. 13
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Manaus permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Manaus pertence ao grupo de capitais brasileiras com acentuada pobreza, uma vez que 82,3% da população ativa declara receber um rendimento mensal igual ou inferior a 3 salários mínimos e 60,4% até um salário (Tab. 2). Para os evangélicos pentecostais, a situação é ainda mais grave, pois 70% deles fazem parte da classe de 0 a 1 salário mínimo, enquanto os fiéis das outras confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, observa-se que os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, evangélicos de missão e pelo grupo outras religiões.

Fig. 14
Rendimentos

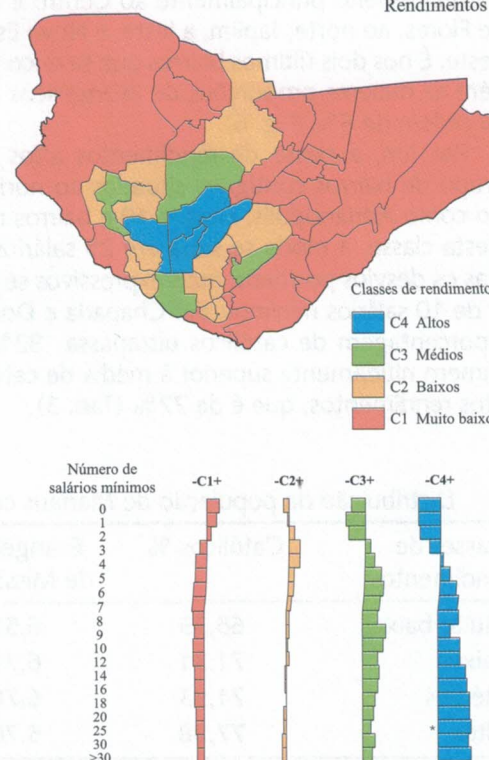


Tabela 2

Distribuição da população de Manaus com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	58,99	61,11	68,26	56,79	59,77	60,41
2-3 sm	22,43	19,62	20,46	18,60	22,76	21,87
4-6 sm	9,89	10,39	7,51	10,94	9,97	9,62
7-10 sm	4,24	4,50	2,11	5,12	3,78	3,96
11-16 sm	1,62	1,82	0,65	2,60	1,09	1,50
17-20 sm	1,13	1,16	0,59	2,39	1,07	1,09
> de 20 sm	1,70	1,39	0,42	3,56	1,57	1,55
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Na geografia dos níveis de rendimentos da população de Manaus, os que ganham menos são, frequentemente, empurrados em direção à periferia mais distante, mas se encontram, algumas vezes, muito próximos do Centro, à margem do Rio Negro, e apresentam condições de vida pouco favoráveis (Fig. 14).

Na classe de rendimentos *muito baixos*, as categorias de 0 a 2 salários mínimos são as mais representativas, enquanto todas as outras se situam abaixo do perfil médio. É exatamente nos bairros de baixos rendimentos que os evangélicos pentecostais e os sem-religião apresentam os seus maiores percentuais (Tab. 3).

Já na classe de rendimentos *baixos* destacam-se as categorias de 3 a 4 salários mínimos e, em menor medida, as de 5 a 7. Ela apresenta, do mesmo modo, uma distribuição pelos bairros da periferia, menos distante do Centro, no entanto, do que a anterior, com exceção de Cidade Nova, situada no extremo norte do município.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, cuja moda se situa em 9 salários mínimos, observa-se que ela diz respeito principalmente ao Centro e aos bairros de Flores, ao norte, Japiim, a leste, e Nova Esperança, a oeste. É nos dois últimos bairros que se encontram também as maiores proporções de evangélicos de missão, da ordem de 8% (Fig. 6).

Por fim, a classe de rendimentos *altos* forma um grupo de bairros contíguos situados ao norte do Centro como Adrianópolis, Parque 10 e bairros adjacentes. Nesta classe, a moda se situa em 25 salários mínimos, mas os desvios positivos mais expressivos se dão a partir de 10 salários mínimos. Em Chapada e Dom Pedro I, a porcentagem de católicos ultrapassa 82% (Fig. 3), número nitidamente superior à média de católicos com altos rendimentos, que é de 77% (Tab. 3).

Religião e baixos rendimentos

A identificação do lugar de residência, segundo o rendimento, afeta de maneira diferente os habitantes de Manaus, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que engloba mais de 60% da população da cidade, observa-se uma nítida diferença entre a localização dos católicos (Fig. 15), situados sobretudo nos bairros centrais, e a dos pentecostais (Fig. 16) e a dos sem-religião (Fig. 17), que vivem principalmente nos bairros periféricos. Desse modo, os católicos pobres não se encontram segregados em áreas pobres, uma vez que estão presentes nos bairros centrais onde contribuem para a diversidade social de sua população.

Favelas

Quase 170 000 habitantes de Manaus vivem em aglomerados subnormais, que correspondem a cerca de 12% de sua população. As principais favelas estão situadas no norte da cidade (Fig. 18), em Jorge Teixeira (33 000 habitantes), Cidade Nova (28 000), São José Operário (24 000) e Tancredo Neves (20 000). Mas encontram-se também favelas de menores dimensões, com menos de 10 000 habitantes, em áreas próximas ao Centro.

Do ponto de vista religioso, a população das favelas não apresenta, de modo geral, diferenças consideráveis em relação ao conjunto da cidade. Observa-se, no entanto, uma presença maior dos evangélicos pentecostais nos setores subnormais, uma vez que sua participação na população chega a quase 20%, enquanto nos setores normais eles representam pouco mais de 14% dos habitantes, o que dá uma diferença de 5,5 pontos percentuais (Tab. 4).

Tabela 3

Distribuição da população de Manaus com 10 anos e mais segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	65,33	6,55	18,25	2,38	7,49	100
Baixos	71,31	6,74	13,17	3,42	5,36	100
Médios	71,93	6,78	11,49	4,05	5,75	100
Altos	77,38	5,76	7,10	5,17	4,59	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 15
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

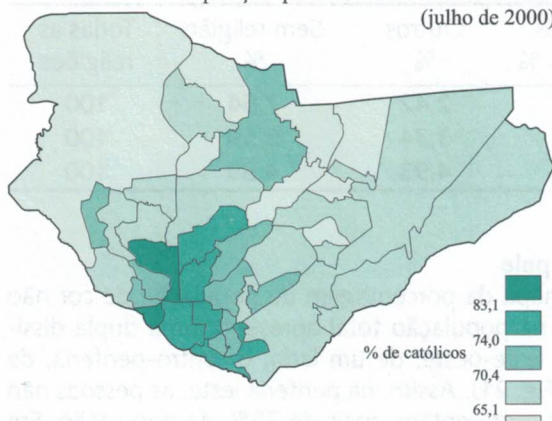


Fig. 16
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

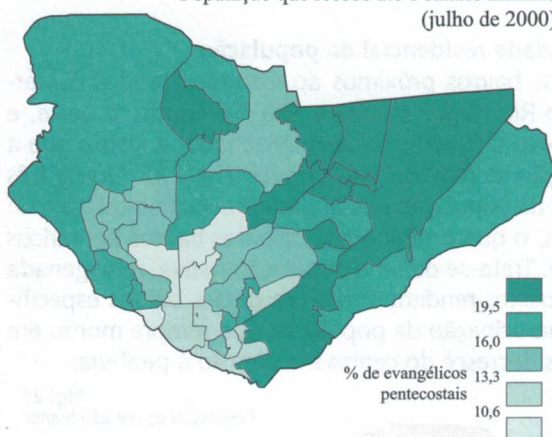


Fig. 17
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

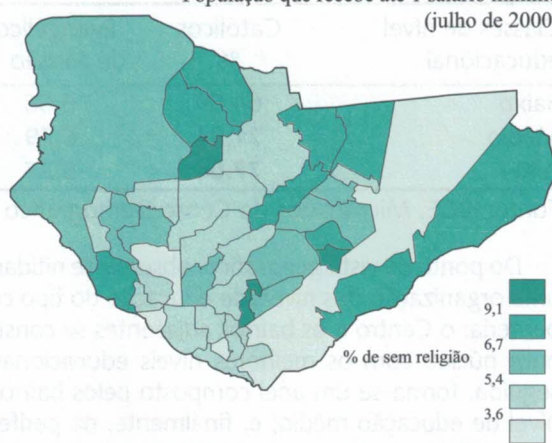


Fig. 18
Aglomerado subnormal*

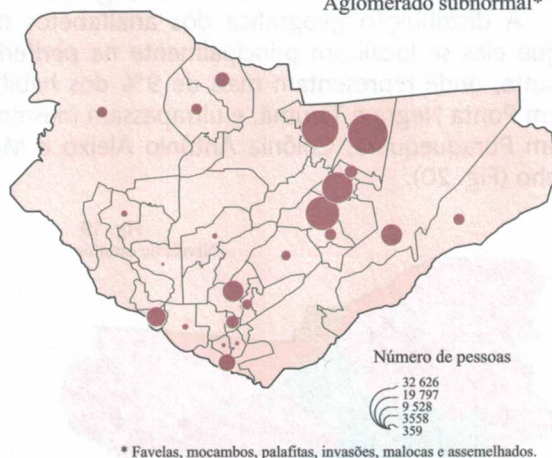


Tabela 4
Distribuição da população de Manaus segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos	Evangélicos de Missão	Evangélicos Pentecostais	Outros	Sem religião	Todos
Normal	853 137	81 580	174 326	39 366	77 133	1 225 542
%	69,61	6,66	14,22	3,21	6,29	100,00
Subnormal	109 675	10 212	33 340	4 318	11 050	168 595
%	65,05	6,06	19,78	2,56	6,55	100,00
%subnormal-%normal	-4,56	-0,60	5,55	-0,65	0,26	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Ao contrário dos pentecostais, os católicos têm uma presença menos acentuada nas favelas do que nos setores normais, o que pode ser visto pela diferença de -4,5 pontos percentuais. Já os outros grupos religiosos apresentam diferenças pouco significativas entre esses dois tipos de setores habitacionais.

Níveis de educação

Os bairros de Manaus podem ser classificados em três tipos, quanto ao nível de educação da população que neles habita. O perfil dos bairros de nível *baixo* se caracteriza por uma população com graus de instrução que se restringem ao ensino fundamental, ao antigo

primário ou por aqueles que não possuem nenhum nível educacional. No perfil dos bairros de nível *médio*, é o ensino médio que predomina. Já os bairros de nível *alto* apresentam um perfil onde prevalecem o ensino superior, o mestrado ou o doutorado.

A composição religiosa desses tipos de bairros mostra uma clara correspondência entre religião e educação (Tab. 5). Assim, os pentecostais e os sem-religião estão mais presentes nos bairros de nível educacional baixo, enquanto os evangélicos de missão são mais expressivos nos bairros de nível médio. Já os católicos e os fiéis do grupo *outras religiões* alcançam os seus mais elevados percentuais nos bairros de nível educacional alto.

Tabela 5

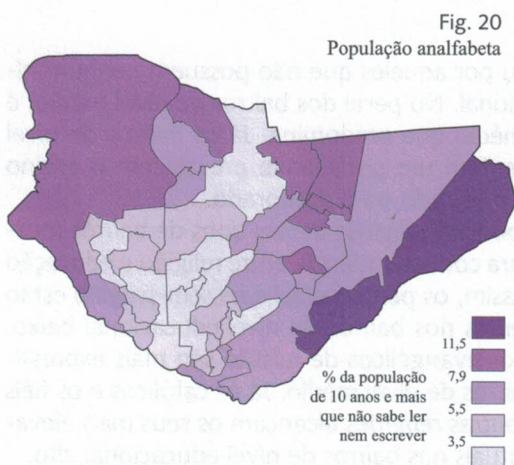
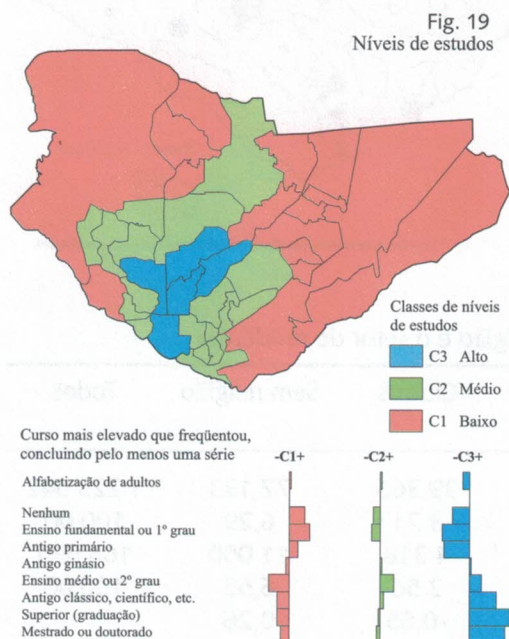
Distribuição da população de Manaus segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	64,69	6,66	18,69	2,42	7,54	100
Médio	71,04	6,79	13,24	3,34	5,59	100
Alto	77,04	5,37	7,77	4,93	4,89	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Do ponto de vista geográfico, observa-se nitidamente uma organização dos níveis de educação do tipo centro-periferia: o Centro e os bairros adjacentes se constituem num núcleo com os melhores níveis educacionais; em seguida, forma-se um anel composto pelos bairros com nível de educação médio; e, finalmente, na periferia do município, encontra-se um território que se caracteriza pelos níveis educacionais mais baixos (Fig. 19).

A distribuição geográfica dos analfabetos mostra que eles se localizam principalmente na periferia distante, onde representam mais de 9% dos habitantes, em Ponta Negra e Tarumã, e ultrapassam mesmo 11% em Puraquequara, Colônia Antônio Aleixo e Mauazi-nho (Fig. 20).

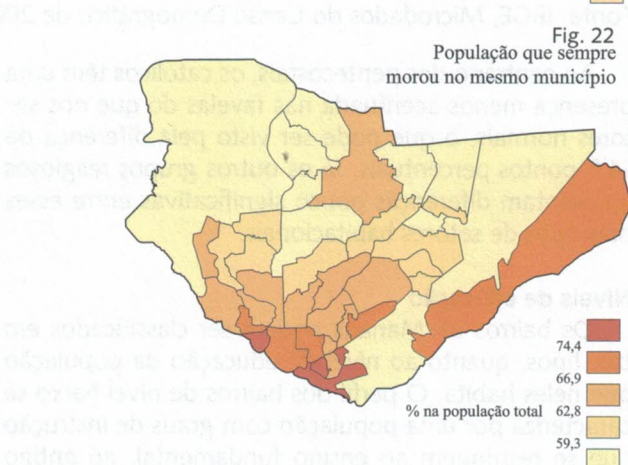
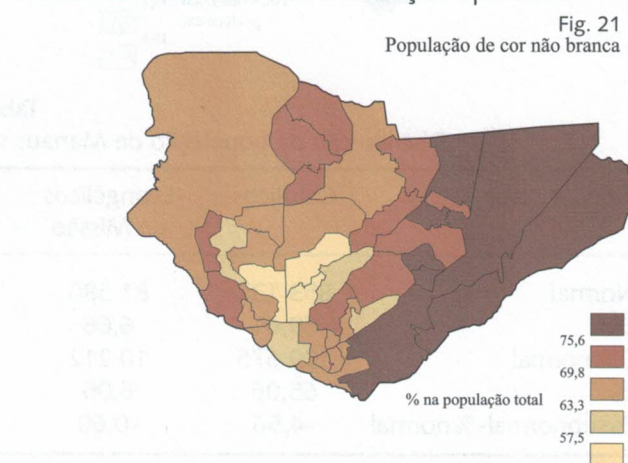


Cor da pele

O mapa da porcentagem de população de cor não branca na população total apresenta uma dupla dissimetria: leste-oeste, de um lado, e centro-periferia, de outro (Fig. 21). Assim, na periferia leste, as pessoas não brancas representam mais de 75% da população. Em contrapartida, no Centro, sua proporção não ultrapassa 60% e decresce mesmo a menos de 55% nos bairros de classes mais favorecidas.

Estabilidade residencial da população

É nos bairros próximos ao Centro, situados à margem do Rio Negro (Glória e São Raimundo, a oeste, e Educandos e Colônia Oliveira Machado, a leste), que a população se mostra mais estável (Fig. 22). Quase três quartos da população dessas áreas nunca habitou fora de Manaus, o que é também o caso dos bairros periféricos do leste. Trata-se de uma população nativa, miscigenada e com baixos rendimentos. Fora desses bairros específicos, a participação da população que sempre morou em Manaus decresce do centro em direção à periferia.



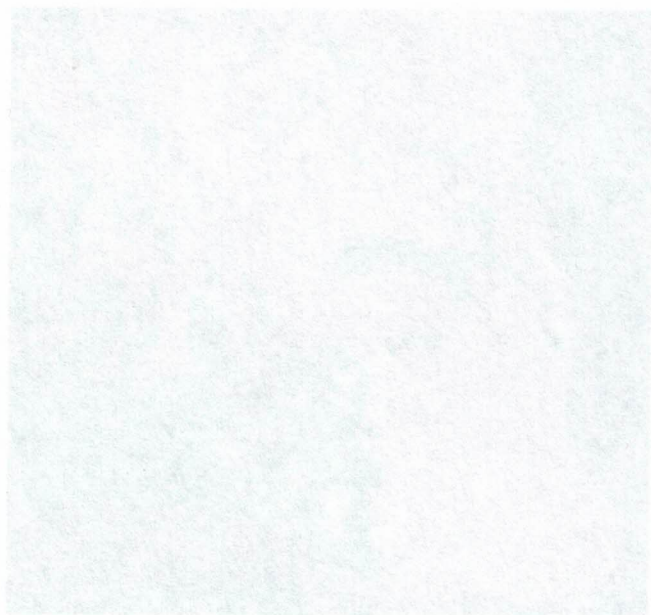
Belém



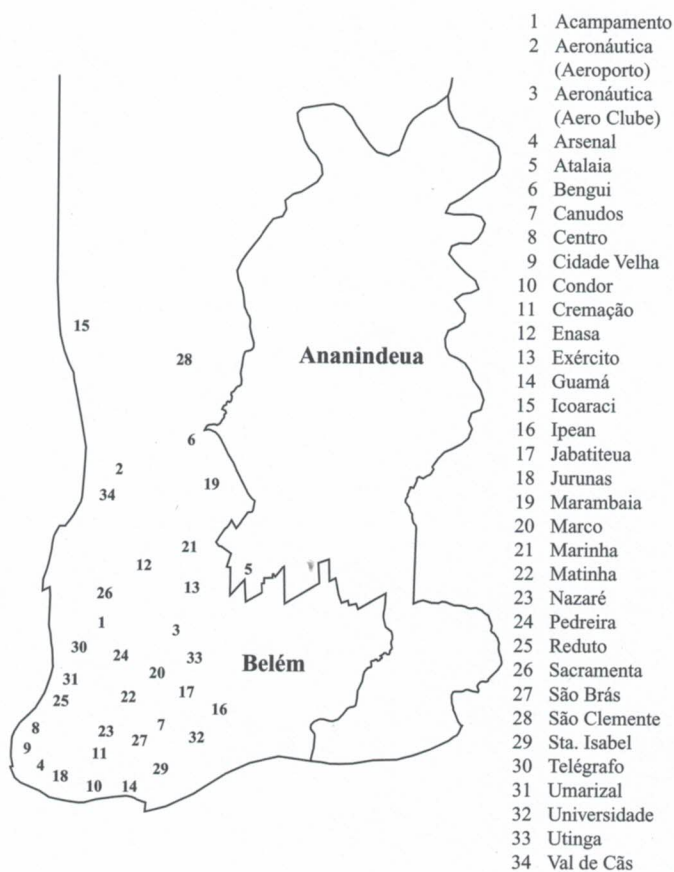
Localização dos principais bairros

1. Aterrado
2. Aterrado
3. Aterrado
4. Aterrado
5. Aterrado
6. Aterrado
7. Aterrado
8. Aterrado
9. Aterrado
10. Aterrado
11. Aterrado
12. Aterrado
13. Aterrado
14. Aterrado
15. Aterrado
16. Aterrado
17. Aterrado
18. Aterrado
19. Aterrado
20. Aterrado
21. Aterrado
22. Aterrado
23. Aterrado
24. Aterrado
25. Aterrado
26. Aterrado
27. Aterrado
28. Aterrado
29. Aterrado
30. Aterrado
31. Aterrado
32. Aterrado
33. Aterrado
34. Aterrado
35. Aterrado
36. Aterrado
37. Aterrado
38. Aterrado
39. Aterrado
40. Aterrado
41. Aterrado
42. Aterrado
43. Aterrado
44. Aterrado
45. Aterrado
46. Aterrado
47. Aterrado
48. Aterrado
49. Aterrado
50. Aterrado
51. Aterrado
52. Aterrado
53. Aterrado
54. Aterrado
55. Aterrado
56. Aterrado
57. Aterrado
58. Aterrado
59. Aterrado
60. Aterrado
61. Aterrado
62. Aterrado
63. Aterrado
64. Aterrado
65. Aterrado
66. Aterrado
67. Aterrado
68. Aterrado
69. Aterrado
70. Aterrado
71. Aterrado
72. Aterrado
73. Aterrado
74. Aterrado
75. Aterrado
76. Aterrado
77. Aterrado
78. Aterrado
79. Aterrado
80. Aterrado
81. Aterrado
82. Aterrado
83. Aterrado
84. Aterrado
85. Aterrado
86. Aterrado
87. Aterrado
88. Aterrado
89. Aterrado
90. Aterrado
91. Aterrado
92. Aterrado
93. Aterrado
94. Aterrado
95. Aterrado
96. Aterrado
97. Aterrado
98. Aterrado
99. Aterrado
100. Aterrado





Localização dos principais bairros



APRESENTAÇÃO

A região metropolitana de Belém situa-se no estuário do Amazonas, a 120 km do Oceano Atlântico. O município da capital, com 1 280 613 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, concentra 20,7% da população do estado.

Com uma topografia predominantemente plana e baixa, distinguem-se nessa região dois elementos típicos do território amazônico: a várzea e a terra firme. A cidade de Belém surgiu num platô, com altitudes de 6 a 14 metros, junto à foz do Rio Guamá¹. A hidrografia da região, composta sobretudo pelas bacias dos rios Guamá e Acará, se caracteriza por uma série de braços de rios e canais que levam ao surgimento de numerosas ilhas, sendo a mais conhecida a do Mosqueiro.

Belém mantém ligações aéreas regulares com as demais capitais brasileiras, mas não ligações terrestres. Assim, ela se integra ao Nordeste e ao Centro-Sul do país pelas rodovias BR-316 (Belém-Maceió) e BR-010 (Belém-Brasília), respectivamente. Já em relação às capitais da Região Norte, ela não se comunica de modo regular, com exceção de Palmas, sendo necessário, por exemplo, viajar longos trechos de barco para se chegar até Manaus ou Porto Velho. As ligações da capital paraense com o sul do estado, no entanto, se fazem através de rodovias estaduais, como a PA-150.

Origem e evolução

Em 1616, foi fundado por um capitão português o primeiro núcleo colonial do Pará, na margem da Baía de Guajará, que recebeu o nome de Feliz Lusitânia, com o propósito de controlar a navegação na Bacia Amazônica. Em 1618, quando a cidade foi elevada à sede da capitania, passou a se chamar Santa Maria de Belém do Grão-Pará. Somente no século XVIII, com a exploração das *drogas do sertão*, como cravo e gengibre, é que a cidade demonstrou certo desenvolvimento econômico, o que vai se refletir em ricas edificações, como a Catedral da Sé (1753), a Igreja de Santana (1761) e a Igreja do Carmo (1766), obras do arquiteto italiano Antônio Landi.

Mais tarde, no final do século XIX, com o ciclo da borracha, Belém alcança maior dinamismo, com a realização na cidade de obras de infra-estrutura urbana, como o calçamento de ruas, a implantação de redes de água, esgoto e luz elétrica e instalação de bondes elétricos. É desta época a construção de edificações que

podem ser vistas ainda hoje, como o prédio do Ver-o-Peso ou o Teatro da Paz.

A exploração da borracha estimulou a ida de nordestinos para a Amazônia, em busca de trabalho nos seringais nativos e a cidade de Belém passou a se destacar como importante entreposto comercial da região, polarizando a vida econômica e administrativa. Através do seu porto davam-se as relações comerciais com o mundo extra-amazônico.

Porém, a partir de 1910, a Amazônia perde o monopólio da produção e exportação da borracha, em função do ingresso, nos mercados internacionais, desse produto com preços mais competitivos, proveniente de seringais cultivados de forma racional na Malásia. Tal fato leva ao retorno de muitos migrantes nordestinos para sua região de origem e o deslocamento de habitantes da zona rural para a cidade, o que vai provocar um crescimento urbano desordenado.

Uma certa retomada da exploração da borracha, por ocasião da II Guerra Mundial, volta a proporcionar a Belém um estímulo ao seu crescimento. De fato, a partir de 1940, inicia-se uma integração da cidade com a economia nacional, através do fornecimento de borracha para as indústrias de pneus de São Paulo. Nos anos 1960, porém, com a construção da rodovia Belém-Brasília, é que se estabelece uma efetiva integração de Belém com o Centro-Sul do país.

Expansão urbana e atividades econômicas

A ocupação inicial de Belém, que se deu ao longo do Rio Guamá e da Baía de Guajará, foi mais tarde penetrando para o interior do território com a conquista progressiva dos espigões, os divisores de água. Assim, a área central da cidade se encontra ainda hoje na orla fluvial, que é um espaço com características muito específicas, uma vez que diversas atividades que nelas se desenvolvem estão fortemente ligadas à presença do rio. Na verdade, quase todo o município de Belém é contornado pela orla fluvial, com exceção da parte leste, que se limita com o município de Ananindeua.

Nas orlas norte e oeste, banhadas pela Baía de Guajará, encontram-se atividades de grande porte, como estaleiros, portos e indústrias. No sudoeste, localiza-se o centro histórico da cidade, bem como o Porto de Belém e feiras, como a do Açaí e a do Ver-o-Peso. Na zona sul, que é banhada pelo Rio Guamá, há também fei-

¹ A propósito da origem e evolução urbana de Belém, ver: Stael Starling Moreira dos Santos *et alii*, Saneamento básico e problemas ambientais no município de Belém. In: *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 54, nº1, 1993, pp. 25-73.

ras, portos e atividades informais, sendo a parte da orla onde mais se percebe a face ribeirinha da cidade. De fato, a mancha urbana de Belém, de cor rosa, que pode ser vista pela imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, se apresenta mais adensada no sudoeste, na confluência da Baía de Guajará com o Rio Guamá. Torna-se mais rarefeita em direção ao norte e nordeste, apresentando grande contraste com a parte sudeste da cidade, onde se nota a maior presença de áreas verdes.

A localização da cidade, em terras baixas do estuário do Amazonas, a torna sujeita ao fenômeno das marés. Sobretudo na época das grandes marés, a água do subsolo se torna salobra e imprópria ao consumo humano. Considerando-se que 40% de sua área urbana se situa em aluviões recentes, abaixo da cota de 4 metros e propensa a inundações, vê-se que grande parte da população vive em áreas alagáveis e pouco saudáveis. Nessas áreas se concentra a população de baixa renda da cidade que habita em casas do tipo palafitas, que ficam parcialmente submersas em épocas de retenção das marés sobre os rios. Apesar disso, as baixadas continuam sendo densamente ocupadas, o que se torna um grave problema sanitário, já que essas áreas recebem o esgoto da cidade.

Na verdade, o crescimento urbano de Belém foi acentuado a partir da década de 1960, quando um conjunto de medidas e políticas governamentais, como os incentivos fiscais da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), estimulou a implantação de muitas empresas na capital. Tais medidas resultaram na expansão e diversificação do seu parque industrial, com a instalação de indústrias de caráter urbano, especialmente as de produtos alimentares, para atender às necessidades da população local e regional.

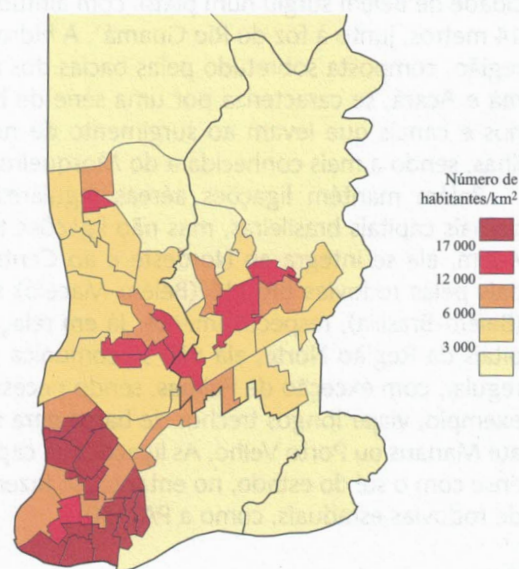
Densidade e crescimento populacional

A distribuição da população em Belém se faz de maneira desigual, em função da própria configuração

natural da cidade, às margens da Baía de Guajará e do Rio Guamá. Assim, tem-se maiores densidades em bairros em torno do Centro, como Jurunas, Condor e Guamá, no sul, e Telégrafo, Acampamento e Pedreira, no norte (Fig.1). Há também concentrações de população em bairros mais afastados da parte central da cidade, como Marambaia, onde a presença de conjuntos habitacionais contribui para o maior adensamento populacional dessa área.

Já o município de Ananindeua, na periferia metropolitana, apresenta menores densidades demográficas, apesar de ter revelado grande crescimento populacional ao longo da década de 1990, de mais de 300 000 habitantes. Belém, ao contrário, registrou um aumento demográfico muito reduzido, da ordem de 35 000 pessoas, nesse mesmo período, em contraste com os elevados crescimentos observados nas décadas anteriores.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, foram observadas importantes transformações no perfil religioso da população de Belém, principalmente, a redução do percentual

de católicos, ao mesmo tempo em que aumentavam as porcentagens dos evangélicos pentecostais e das pessoas que se declaravam sem religião.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Belém		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	73,0	2,4	15,1	3,4	6,0
	Resto da RM	67,8	3,0	19,2	3,2	6,7
1991	Município	84,0	2,6	7,1	2,7	3,6
	Resto da RM	80,8	2,1	11,2	1,4	4,5
2000-1991	Município	-11,0	-0,2	8,0	0,7	2,4
	Resto da RM	-13,0	0,9	8,0	1,8	2,3

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

O município de Belém conta com cerca de 935 000 católicos, que correspondem a 73% da sua população (Tab.1). No resto da região metropolitana, esta proporção diminui, chegando a 67,8%, ao representar cerca de 270 000 pessoas. A participação dos católicos diminuiu sensivelmente entre 1991 e 2000, com a redução de -11 pontos percentuais no município da capital e -13 pontos no resto da região metropolitana. Assim, o declínio da Igreja Católica se mostra relativamente acentuado na região metropolitana de Belém, sendo, porém, maior na periferia do que no município da capital.

Em toda a parte central da cidade, que inclui o Centro propriamente dito e também Cidade Velha e Batista Campos, e mesmo em bairros próximos como Nazaré e Umarizal, os católicos predominam, ultrapassando sempre 80% da população (Figs. 2 e 3). Esta área é completada por uma primeira coroa que apresenta proporções de católicos um pouco menos elevadas, em torno de 75%, como Jurunas e Condor, ao sul, e Matinha, a nordeste.

Já as proporções de católicos em bairros ao norte do Centro, como Sacramento, Enasa e Aeroporto, se situam um pouco abaixo da média municipal, antes de apresentarem nítidas reduções na parte setentrional do município, onde os católicos representam menos de 65% da população. Em meio a essa área, Icoaraci se destaca como uma ilha de resistência do catolicismo com 76% de fiéis.

Em Ananindeua, os católicos se mostram menos expressivos, não chegando a ultrapassar 73% da população. Observa-se, no entanto, um modelo de organização espacial semelhante ao de Belém, com um forte decréscimo do centro do município em direção à periferia.

Apesar desse quadro de redução dos percentuais de católicos, Belém realiza, a cada ano, a Procissão do Círio de Nazaré, que se constitui numa das maiores manifestações religiosas do país, quando a cidade recebe milhares de peregrinos.

A Igreja Católica Brasileira, apesar de reunir apenas 1,4% da população de Belém, apresenta aí o seu segundo melhor resultado entre as capitais brasileiras, depois de Salvador. Este grupo religioso congrega na capital do Pará mais de 23 000 pessoas, que vivem principalmente nos bairros de Guamá e Santa Isabel, no sul da cidade (Fig. 4).

Evangélicos de Missão

Os evangélicos de missão se mostram pouco expressivos em Belém, onde representam 2,4% da população, o menor percentual entre as capitais brasileiras. Verificou-se, inclusive, um decréscimo no seu peso relativo no município da capital, entre 1991 e 2000, da ordem de -0,2 pontos percentuais. No restante da região metropolitana, registrou-se, no entanto, um pequeno avanço, de +0,9 pontos, o que elevou seu percentual para 3% da população. As pessoas que se declaram evangélicas de missão são em Belém ligadas, principalmente, aos adventistas e aos batistas.

A sua distribuição geográfica na região metropolitana revela um padrão disperso, com percentuais acima de

Fig. 2

Religião Católica Apostólica Romana

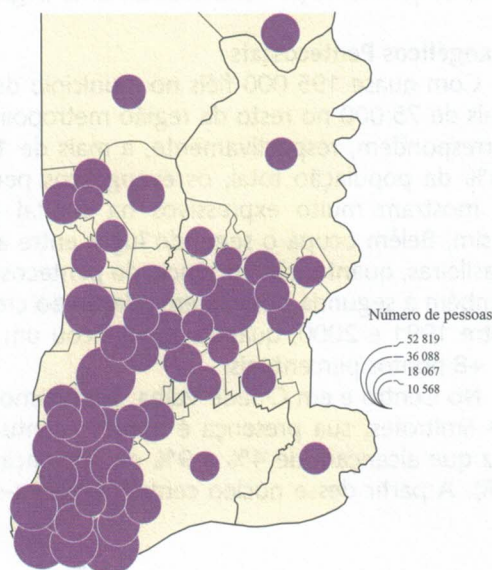


Fig. 3

Religião Católica Apostólica Romana

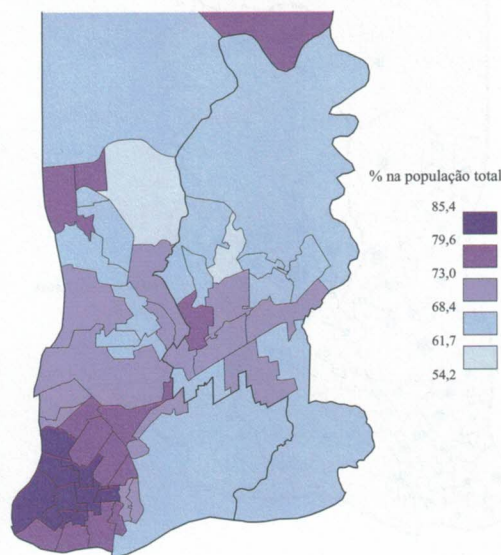
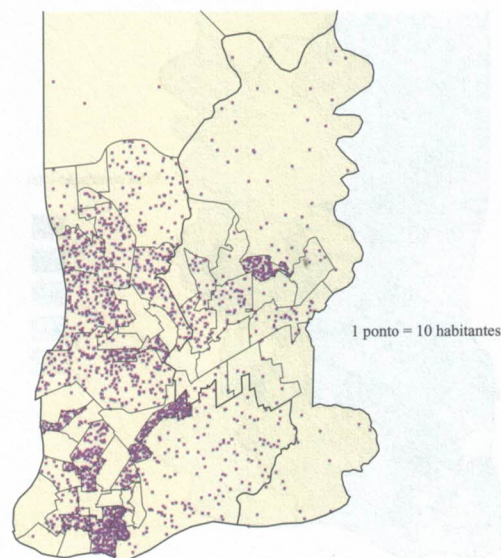


Fig. 4

Religião Católica Apostólica Brasileira



3% da população tanto em bairros mais próximos do Centro, quanto na periferia mais distante (Figs. 5 e 6).

Evangélicos Pentecostais

Com quase 195 000 fiéis no município de Belém e mais de 75 000 no resto da região metropolitana, que correspondem, respectivamente, a mais de 15% e de 19% da população total, os evangélicos pentecostais se mostram muito expressivos na capital paraense. Assim, Belém ocupa o segundo lugar entre as capitais brasileiras, quanto à importância do pentecostalismo, e também a segunda posição em relação ao crescimento entre 1991 e 2000, quando se verificou um aumento de +8 pontos percentuais.

No Centro e em Cidade Velha, bem como nos bairros limítrofes, sua presença é menos acentuada, uma vez que alcançam de 4% a 9% da população (Figs. 7 e 8). A partir desse núcleo central, observa-se que os

percentuais de pentecostais vão aumentando gradativamente em direção à periferia, chegando a representar um quarto dos habitantes em áreas mais afastadas no espaço metropolitano.

Três igrejas pentecostais se destacam pelo número de fiéis em Belém. A mais importante delas é a Assembléia de Deus, que congrega mais da metade dos pentecostais, com 8,6% da população. Em seguida, situam-se o Evangelho Quadrangular, com 3,6%, e a Igreja Universal do Reino de Deus, com 2,8%. Os mapas mostram que não há verdadeiramente diferenças quanto às áreas de implantação de cada uma delas, uma vez que estão presentes nos mesmos bairros, observando-se apenas uma diferença de intensidade (Figs. 9, 10 e 11). Este fato acarreta naturalmente uma certa concorrência entre esses diferentes grupos, que é acompanhada de um proselitismo religioso eficaz que fez de Belém uma das principais cidades pentecostais do país.

Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão

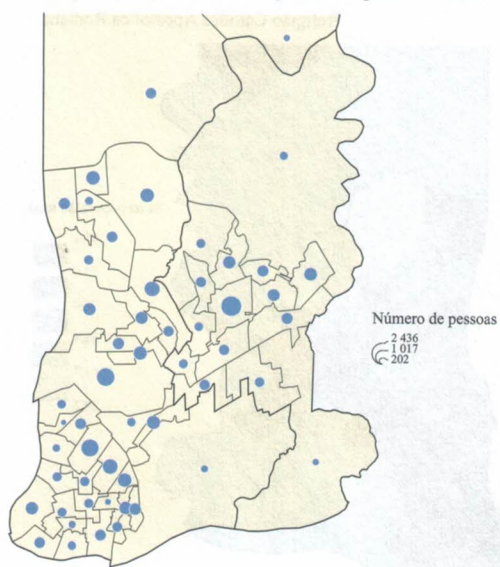


Fig. 6
Religiões Evangélicas de Missão

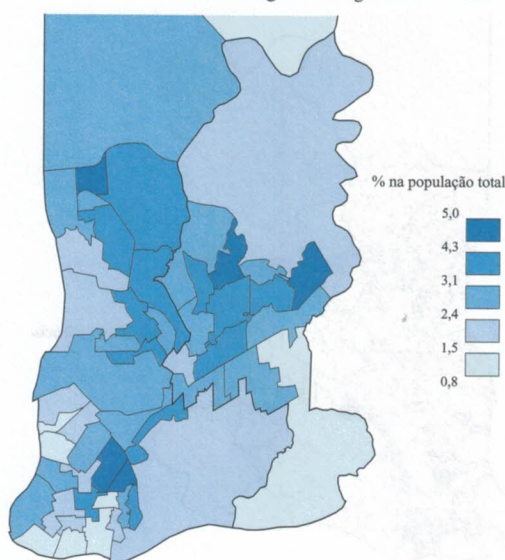


Fig. 7
Religiões Evangélicas Pentecostais

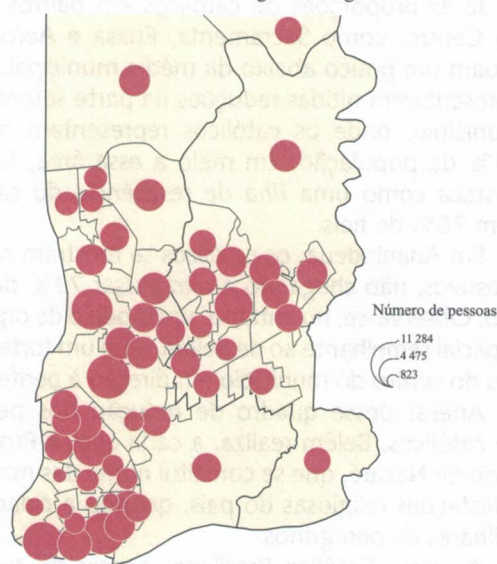


Fig. 8
Religiões Evangélicas Pentecostais

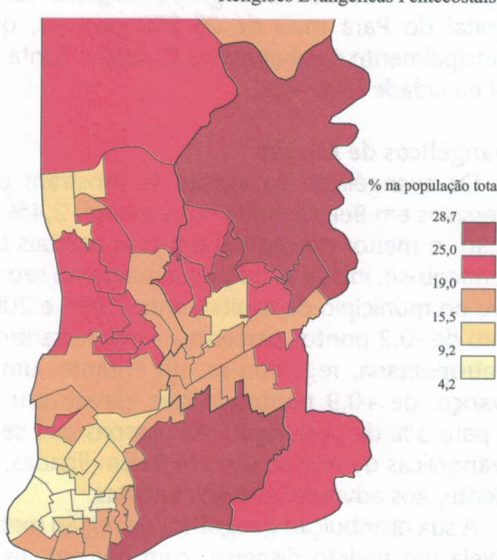


Fig. 9

Religião Evangélica Pentecostal
Assembléia
de Deus

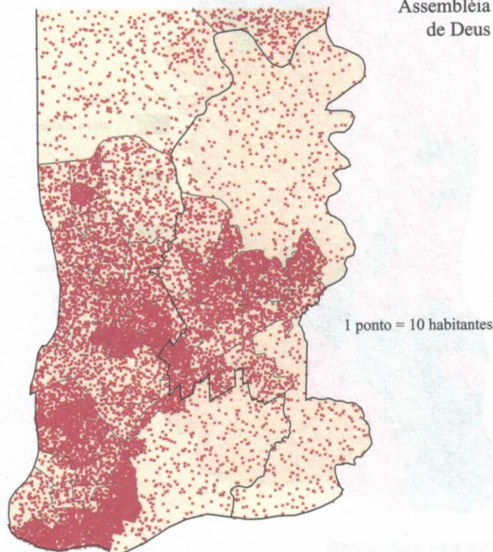


Fig. 10

Religião Evangélica Pentecostal
Evangelho
Quadrangular

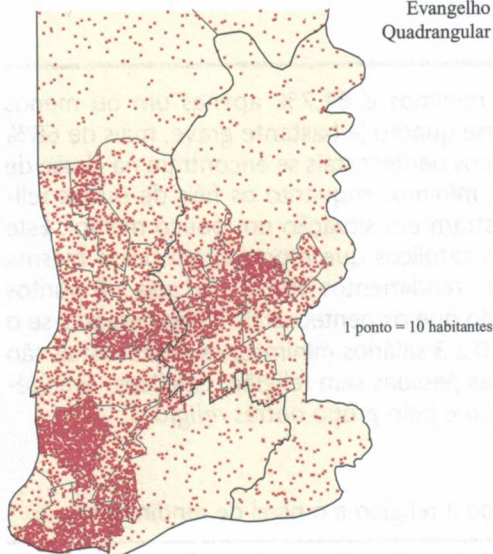
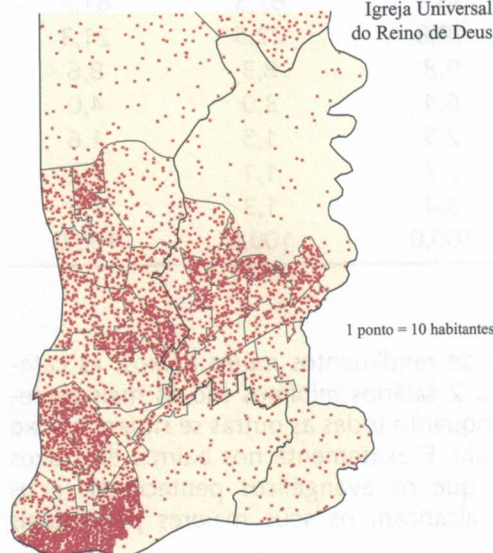


Fig. 11

Religião Evangélica Pentecostal
Igreja Universal
do Reino de Deus



Sem religião

Com um número pouco superior a 100 000, as pessoas que se declaram sem religião representam 6% da população do município de Belém e 6,7% do restante da região metropolitana. No período 1991 a 2000 observou-se um crescimento dos sem-religião de +2,4 e +2,3 pontos percentuais, respectivamente.

Sua distribuição geográfica se assemelha à dos evangélicos pentecostais: a parte central da cidade apresentando percentuais inferiores a 5% da população e aumentos gradativos das porcentagens se dando à medida que se distancia do Centro, chegando-se a um máximo de 12,7% em São Clemente, no norte do município da capital (Figs. 12 e 13).

Fig. 12

Pessoas sem religião

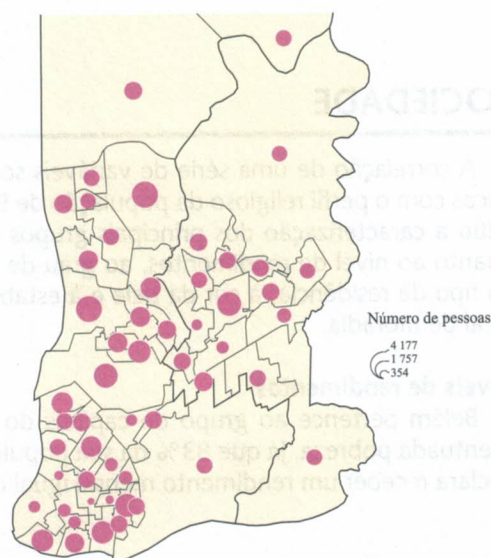
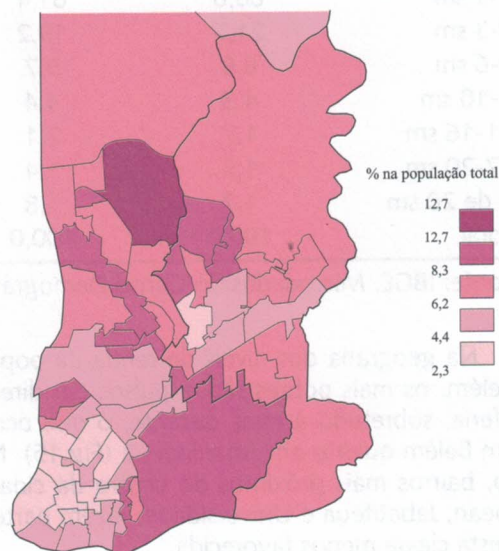


Fig. 13

Pessoas sem religião

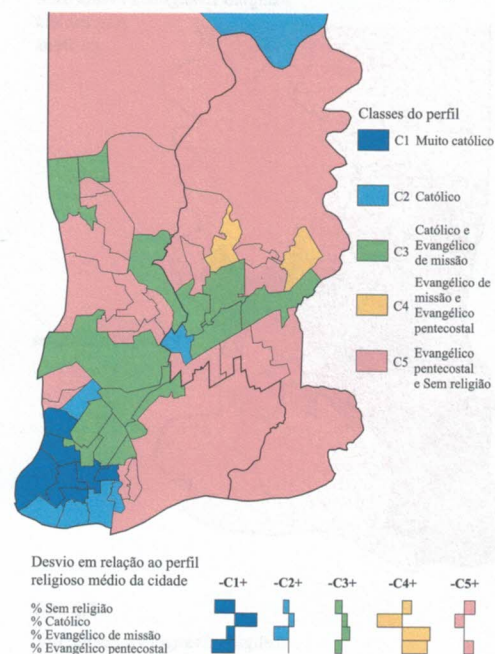


Perfil religioso

A elaboração de um mapa de síntese mostrou que a diversidade religiosa em Belém pode ser resumida em cinco classes. A parte antiga da cidade se constitui no principal núcleo do catolicismo (classe 1), de acordo com a classificação do perfil religioso (Fig. 14). Nessa área, desde Cidade Velha até Telégrafo, ao norte, e Nazaré, a leste, o predomínio católico é muito acentuado. A parte sul, formada pelos bairros de Arsenal, Jurunas, Condor e Guamá, se apresenta um pouco menos católica, porém, com um perfil próximo da média da capital (classe 2).

Numa área que engloba bairros a nordeste do Centro, como Pedreira, Marco e Matinha, e se estende até o sul de Ananindeua, os católicos dividem o espaço com os evangélicos de missão (classe 3). Em torno dessa área, encontra-se um amplo espaço, tanto na direção norte quanto sul, em que se destacam os evangélicos pentecostais e os sem-religião (classe 5).

Fig. 14
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Belém permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de residência, à cor da pele e à estabilidade do local de moradia.

Níveis de rendimentos

Belém pertence ao grupo de capitais do país com acentuada pobreza, já que 83% da sua população ativa declara receber um rendimento mensal igual ou inferior

a 3 salários mínimos e 61,7% apenas um ou menos (Tab. 2). Nesse quadro já bastante grave, mais de 68% dos evangélicos pentecostais se encontram na classe de 0 a 1 salário mínimo, enquanto os fiéis de outras religiões se mostram em situação um pouco melhor. Este é o caso dos católicos que representam nessa mesma categoria de rendimentos 60,6%, ou seja, -8 pontos percentuais do que os pentecostais. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, evangélicos de missão e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Belém com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	60,6	61,4	68,3	56,1	62,3	61,7
2-3 sm	21,7	19,2	20,2	18,8	22,5	21,3
4-6 sm	8,8	9,7	7,0	9,8	8,3	8,6
7-10 sm	4,3	4,4	2,8	6,4	3,0	4,0
11-16 sm	1,7	2,1	0,7	2,9	1,5	1,6
17-20 sm	1,3	1,4	0,5	2,7	1,1	1,2
> de 20 sm	1,7	1,8	0,5	3,4	1,3	1,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Na geografia dos níveis de renda da população de Belém, os mais pobres são expulsos em direção à periferia, sobretudo a mais distante, o que ocorre tanto em Belém quanto em Ananindeua (Fig. 15). No entanto, bairros mais próximos do centro da cidade, como Ipean, Jabatiteua e Universidade, fazem parte também desta classe menos favorecida.

Na classe de rendimentos *muito baixos*, as categorias de 0 a 2 salários mínimos são as mais representativas, enquanto todas as outras se situam abaixo do perfil médio. É exatamente nos bairros de baixos rendimentos que os evangélicos pentecostais e os sem-religião alcançam os seus maiores percentuais (Tab. 3).

Tabela 3

Distribuição da população de Belém com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	66,90	2,45	20,79	2,24	7,62	100
Baixos	71,22	2,17	16,85	3,14	6,62	100
Médios	73,36	2,99	14,36	3,82	5,48	100
Altos	82,47	2,80	5,86	6,00	2,88	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Já a classe de rendimentos *baixos* apresenta reduzidos desvios em relação ao perfil médio da cidade, com apenas um leve destaque para as categorias de 0 a 3 salários mínimos. A distribuição geográfica dos bairros que pertencem a esta classe se mostra mais complexa do que a de rendimentos muito baixos, pois ela está presente tanto em bairros próximos ao Centro quanto na periferia mais distante.

Assim, pode-se distinguir, de um lado, bairros vizinhos da parte central da cidade como Telégrafo e Sacramento, ao norte, e Jurunas, Condor e Guamá, ao sul. De outro lado, bairros periféricos, como São Clemente e Icoaraci, ao norte de Belém, bem como áreas na metade-sul de Ananindeua. Do ponto de vista religioso, esta classe de rendimentos baixos apresenta um perfil próximo da de rendimentos muito baixos, com uma porcentagem de evangélicos pentecostais e de pessoas sem religião, no entanto, menos acentuada.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, cuja moda se situa em 4 salários mínimos, observa-se que ela apresenta desvios positivos de 3 a 25 salários mínimos, em relação ao perfil médio. Trata-se, portanto, de uma classe que inclui bairros muito diversificados quanto aos rendimentos, que se localizam em diversas partes da cidade, tanto próximos ao centro de Belém quanto na parte central de Ananindeua.

Por fim, a classe de rendimentos *altos*, que define os bairros de nível social mais elevado de Belém, se caracteriza pela maior importância dos rendimentos superiores a 10 salários mínimos. Os bairros com tal perfil formam uma área contígua que compreende o Centro, Cidade Velha, Nazaré, Matinha e Marco. Trata-se neste caso do centro antigo da cidade e dos bairros residenciais abastados, onde o catolicismo predomina, chegando a representar, às vezes, mais de 80% da população.

Religião e baixos rendimentos

A identificação do lugar de residência, segundo o rendimento, atinge de maneira diferente os habitantes de Belém, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne mais de 60% da população, observa-se uma nítida diferença entre a localização dos católicos, dos pentecostais e dos sem-religião. Assim, os católicos pobres em Belém habitam sobretudo o Centro e bairros de suas proximidades (Fig. 16), enquanto os pentecostais e os sem-religião de mais baixos rendimentos vivem principalmente em áreas periféricas da cidade (Figs. 17 e 18).

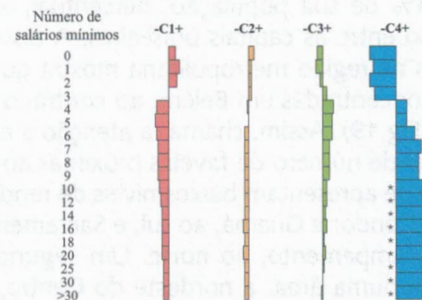
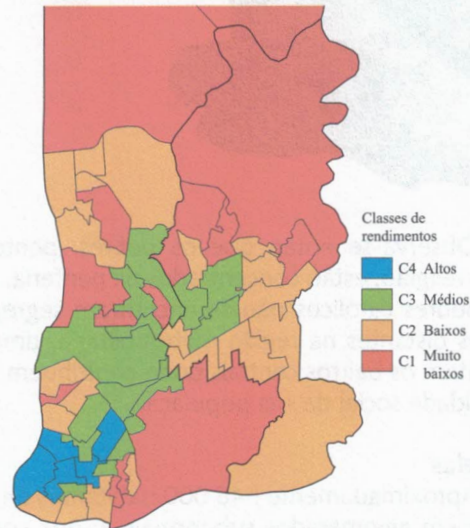
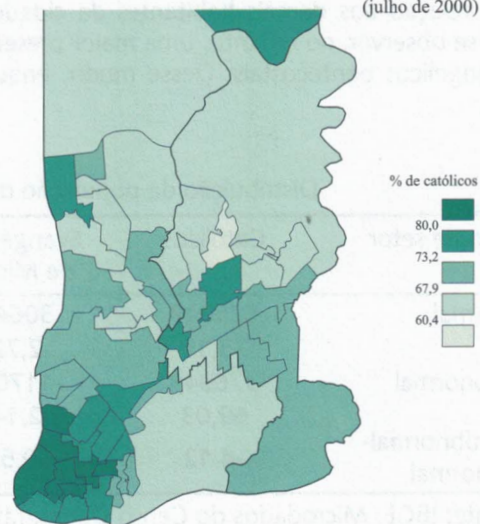
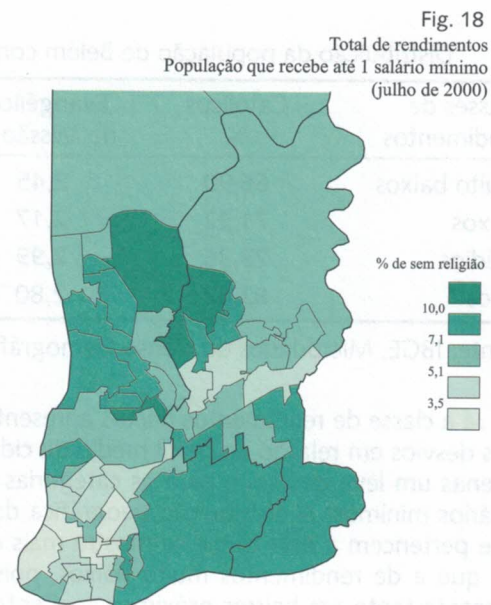
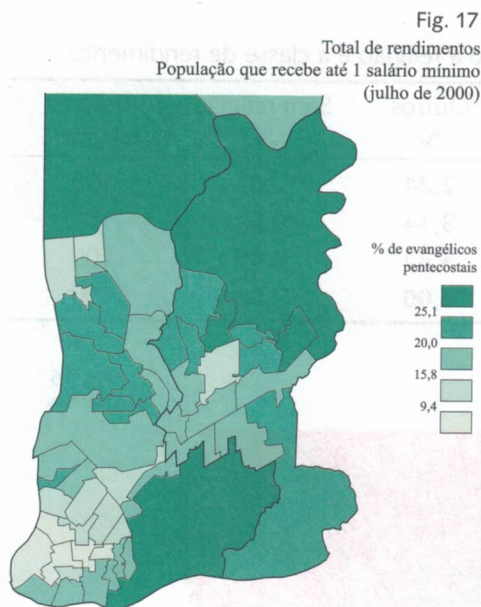
Fig. 15
Rendimentos

Fig. 16

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)



Observa-se então que os pobres, pentecostais e sem religião, estão concentrados na periferia, enquanto os pobres católicos não se encontram segregados em áreas distantes na região metropolitana, uma vez que habitam os bairros centrais onde contribuem para a diversidade social da sua população.

Favelas

Aproximadamente 546 000 habitantes de Belém vivem em aglomerados subnormais, o que corresponde a 48,4% de sua população, percentual, aliás, o mais elevado entre as capitais brasileiras. A distribuição das favelas na região metropolitana mostra que elas estão mais concentradas em Belém, ao contrário de Ananindeua (Fig.19). Assim, chama a atenção a existência de um grande número de favelas próximas ao Centro, em áreas que apresentam baixos níveis de renda, como Jurunas, Condor e Guamá, ao sul, e Sacramento, Telégrafo e Acampamento, ao norte. Um segundo grupo se destaca numa área, a nordeste do Centro, em bairros como Aeronáutica, Marinha, Exército e Marambaia.

Do ponto de vista religioso, a população das favelas não apresenta, de modo geral, diferenças consideráveis em relação aos demais habitantes da cidade, podendo-se observar, no entanto, uma maior presença aí dos evangélicos pentecostais. Desse modo, enquanto nos

espaços fora dos aglomerados subnormais os pentecostais representam 14,7% dos habitantes, nas favelas sua participação na população atinge 18,9%, o que significa uma diferença de +4,2 pontos percentuais (Tab. 4).

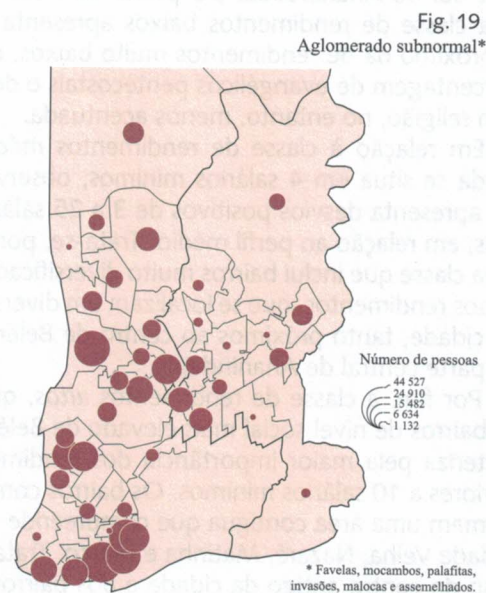


Tabela 4

Distribuição da população de Belém segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos	Evangélicos de Missão	Evangélicos Pentecostais	Outros	Sem religião	Todos
Normal	825049	30642	166118	42968	63070	1127847
%	73,15	2,72	14,73	3,81	5,59	100
Subnormal	376941	11703	103241	13569	40602	546056
%	69,03	2,14	18,91	2,48	7,44	100
%subnormal- %normal	-4,12	-0,57	4,18	-1,32	1,84	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Ao contrário dos pentecostais, os católicos estão menos presentes nas favelas (-4,1 pontos percentuais) e os demais grupos religiosos mostram diferenças pouco significativas.

Níveis de educação

Belém apresenta três tipos de bairros, em função do nível de educação de sua população. O perfil dos bairros de nível educacional *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem nenhum nível de estudo. Já no perfil dos bairros de nível

médio, predominam o ensino médio e o antigo ginásio. Finalmente, os bairros de nível *alto* apresentam um perfil que se caracteriza pelo antigo clássico ou científico, graduação, mestrado ou doutorado.

A composição desses tipos de bairros mostrou uma clara correspondência entre religião e educação, uma vez que o pentecostalismo e os sem-religião estão mais presentes nos bairros de *baixo* nível de escolaridade (Tab. 5). Já nos de nível *médio*, não se observa nenhuma diferença em relação ao perfil médio da cidade, ao passo que nos bairros de nível *alto* tem-se a presença mais acentuada dos católicos e daqueles que pertencem ao grupo *outras religiões*.

Tabela 5
Distribuição da população de Belém segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	67,73	2,32	19,73	2,72	7,51	100
Médio	73,20	2,65	14,98	3,45	5,73	100
Alto	82,47	2,80	5,86	6,00	2,88	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Do ponto de vista geográfico, o Centro e alguns bairros adjacentes formam o núcleo com melhores níveis educacionais de Belém, ao lado de áreas pobres do sul da cidade, com baixo grau de instrução (Fig. 20). Já os bairros de nível médio englobam uma vasta área que se estende da parte central de Belém ao centro de Ananindeua, notando-se uma grande semelhança entre a localização da classe de níveis educacionais médios e a de ren-

dimentos médios (Fig. 15). Finalmente, tem-se os bairros que pertencem à classe de baixo nível de estudos, que se localizam nas áreas periféricas da região metropolitana.

Este quadro pode ser complementado pela distribuição dos analfabetos, que mostra que as pessoas mais desfavorecidas da sociedade se localizam, sobretudo, na periferia distante, onde chegam a representar mais de 9% dos seus habitantes (Fig. 21).

Fig. 20
Níveis de estudos

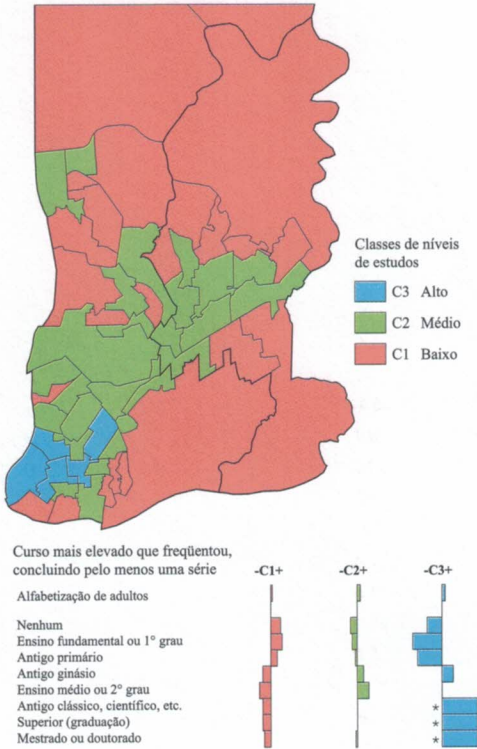
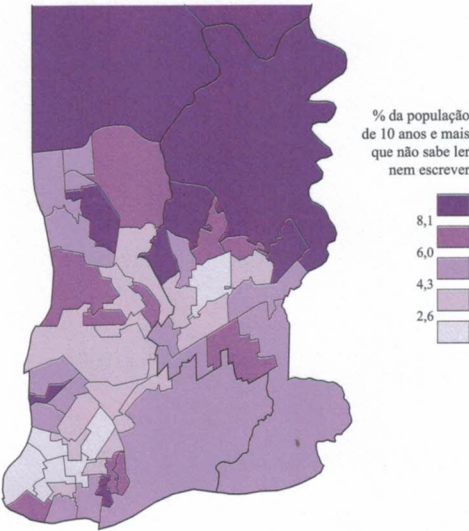


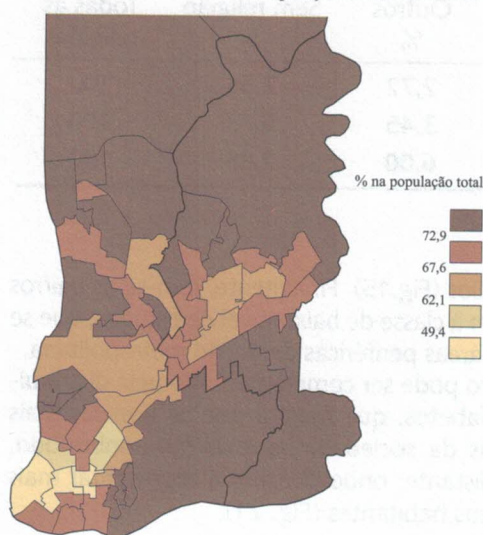
Fig. 21
População analfabeta



Cor da pele

A distribuição da porcentagem de população de cor não branca na população total apresenta uma estrutura do tipo centro-periferia (Fig. 22). Assim, é na parte central da cidade que a população branca é mais concentrada, ainda que a sua participação não ultrapasse 50% da população total. Nos bairros pobres vizinhos ao Centro, a população de cor não branca atinge 70% dos habitantes. Já nos bairros de rendimentos médios, localizados entre o centro de Belém e o de Ananindeua, essa proporção é menos acentuada, da ordem de 65%. Por fim, nos bairros periféricos mais distantes, constata-se que três em cada quatro habitantes que aí vivem são de cor não branca.

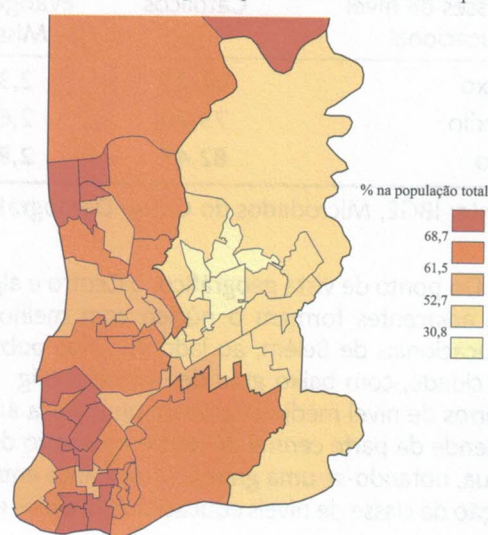
Fig. 22
População de cor não branca



Estabilidade residencial da população

Entre o município de Belém e o de Ananindeua, observa-se uma nítida dicotomia quanto à estabilidade residencial da população (Fig. 23). Em Belém, mais da metade dos seus moradores sempre residiu no município e esta proporção chega mesmo a atingir três quartos dos habitantes nos bairros mais centrais. Ao contrário, em Ananindeua, uma das características importantes da sua população é a instabilidade do local de moradia, uma vez que somente 30% dos seus habitantes sempre residiram no município. Este fato se deve, provavelmente, à saturação do crescimento urbano de Belém, o que faz de Ananindeua a nova área de absorção de migrantes na região metropolitana.

Fig. 23
População que sempre morou no mesmo município



São Luís

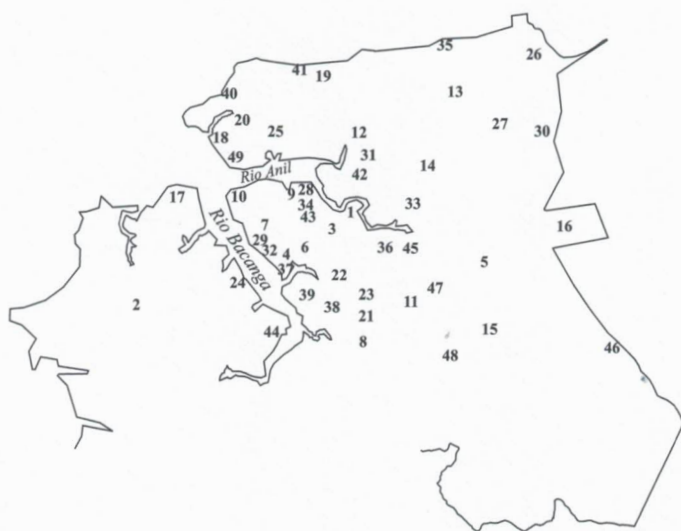


Localização dos principais bairros

1. Jardim das Palmeiras
2. Jardim das Palmeiras
3. Jardim das Palmeiras
4. Jardim das Palmeiras
5. Jardim das Palmeiras
6. Jardim das Palmeiras
7. Jardim das Palmeiras
8. Jardim das Palmeiras
9. Jardim das Palmeiras
10. Jardim das Palmeiras
11. Jardim das Palmeiras
12. Jardim das Palmeiras
13. Jardim das Palmeiras
14. Jardim das Palmeiras
15. Jardim das Palmeiras
16. Jardim das Palmeiras
17. Jardim das Palmeiras
18. Jardim das Palmeiras
19. Jardim das Palmeiras
20. Jardim das Palmeiras
21. Jardim das Palmeiras
22. Jardim das Palmeiras
23. Jardim das Palmeiras
24. Jardim das Palmeiras
25. Jardim das Palmeiras
26. Jardim das Palmeiras
27. Jardim das Palmeiras
28. Jardim das Palmeiras
29. Jardim das Palmeiras
30. Jardim das Palmeiras
31. Jardim das Palmeiras
32. Jardim das Palmeiras
33. Jardim das Palmeiras
34. Jardim das Palmeiras
35. Jardim das Palmeiras
36. Jardim das Palmeiras
37. Jardim das Palmeiras
38. Jardim das Palmeiras
39. Jardim das Palmeiras
40. Jardim das Palmeiras
41. Jardim das Palmeiras
42. Jardim das Palmeiras
43. Jardim das Palmeiras
44. Jardim das Palmeiras
45. Jardim das Palmeiras
46. Jardim das Palmeiras
47. Jardim das Palmeiras
48. Jardim das Palmeiras
49. Jardim das Palmeiras
50. Jardim das Palmeiras

1. Jardim das Palmeiras
2. Jardim das Palmeiras
3. Jardim das Palmeiras
4. Jardim das Palmeiras
5. Jardim das Palmeiras
6. Jardim das Palmeiras
7. Jardim das Palmeiras
8. Jardim das Palmeiras
9. Jardim das Palmeiras
10. Jardim das Palmeiras
11. Jardim das Palmeiras
12. Jardim das Palmeiras
13. Jardim das Palmeiras
14. Jardim das Palmeiras
15. Jardim das Palmeiras
16. Jardim das Palmeiras
17. Jardim das Palmeiras
18. Jardim das Palmeiras
19. Jardim das Palmeiras
20. Jardim das Palmeiras
21. Jardim das Palmeiras
22. Jardim das Palmeiras
23. Jardim das Palmeiras
24. Jardim das Palmeiras
25. Jardim das Palmeiras
26. Jardim das Palmeiras
27. Jardim das Palmeiras
28. Jardim das Palmeiras
29. Jardim das Palmeiras
30. Jardim das Palmeiras
31. Jardim das Palmeiras
32. Jardim das Palmeiras
33. Jardim das Palmeiras
34. Jardim das Palmeiras
35. Jardim das Palmeiras
36. Jardim das Palmeiras
37. Jardim das Palmeiras
38. Jardim das Palmeiras
39. Jardim das Palmeiras
40. Jardim das Palmeiras
41. Jardim das Palmeiras
42. Jardim das Palmeiras
43. Jardim das Palmeiras
44. Jardim das Palmeiras
45. Jardim das Palmeiras
46. Jardim das Palmeiras
47. Jardim das Palmeiras
48. Jardim das Palmeiras
49. Jardim das Palmeiras
50. Jardim das Palmeiras





Localização dos principais bairros

- | | |
|-------------------------|------------------------------|
| 1 Alemanha | 26 Jardim América |
| 2 Anjo da Guarda | 27 Jardim Eldorado |
| 3 Apeadoro | 28 Liberdade |
| 4 Areinha | 29 Lira |
| 5 Aurora | 30 Loteamento Brasil |
| 6 Bairro de Fátima | 31 Loteamento Belo Horizonte |
| 7 Belira | 32 Madre de Deus |
| 8 Bom Jesus | 33 Maranhão Novo |
| 9 Camboa | 34 Monte Castelo |
| 10 Centro | 35 Olho d'Água |
| 11 Cohab Sacavem | 36 Palmeiras |
| 12 Cohafuma | 37 Parque Amazonas |
| 13 Cohajap | 38 Parque dos Nobres |
| 14 Cohama | 39 Pindorama |
| 15 Cohapam | 40 Ponta d'Areia |
| 16 Cohatrac | 41 Praia de Calhau |
| 17 Colônia do Bonfim | 42 Pov. de Vinhais |
| 18 Conj. Basa | 43 Retiro Natal |
| 19 Conj. do Ipem Calhau | 44 Sá Viana |
| 20 Conj. Nunes Freire | 45 Santa Cruz |
| 21 Coroadinho | 46 Santa Efigênia |
| 22 Coroado | 47 Santo Antônio |
| 23 Filipinho | 48 São Cristóvão |
| 24 Itapecuraniba | 49 São Francisco |
| 25 J. Renascença | |

APRESENTAÇÃO

A capital do Maranhão situa-se na Ilha de São Luís, que é banhada a oeste pela Baía de São Marcos, a leste pela Baía de São José e ao norte pelo Oceano Atlântico. A cidade é atravessada pelos rios Anil e Bacanga, que deságuam na Baía de São Marcos. Com uma topografia em patamares escalonados, atinge, em seu nível mais alto, 35 metros. A capital, com 870 027 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, concentra 15,4% da população do estado.

São Luís se constitui no mais importante centro comercial e de prestação de serviços do Maranhão, ligando-se às principais capitais brasileiras por via aérea e por rodovias federais. Assim, a BR-135, que se constitui na principal via de acesso à capital, se conecta com a BR-316, permitindo a comunicação de São Luís com Belém e com Teresina. Naturalmente, essas rodovias federais se interligam com outras que permitem a comunicação de São Luís com a maioria das capitais do país.

Origem e evolução

Em 1535, quando foram criadas as capitanias hereditárias, a Ilha de São Luís fazia parte da Capitania do Maranhão. No entanto, nessa época, não foi edificada nenhuma fortaleza ou construção que demarcasse o território português. Nesse contexto, o francês Daniel de la Touche tomou posse da ilha e, em 1612, fundou a cidade de São Luís, em homenagem ao Rei Luís XIII, da França. Três anos depois, os portugueses ocuparam a ilha, expulsando os franceses. Em 1641, os portugueses perderam novamente São Luís, desta vez, para os holandeses, mas voltaram a recuperá-la em 1644. A primeira função de São Luís foi a de defesa contra investidas de outros países europeus, rivais de Portugal, e posteriormente a de ponto de partida para a ocupação do interior.

Preocupado com o isolamento da região, o governo português decidiu, então, fundar a Companhia de Comércio do Maranhão e Grão-Pará (1682), que passou a se integrar ao sistema comercial mantido por Portugal. O principal surto de desenvolvimento de São Luís do período colonial ocorreu na segunda metade do século XVIII, com a fundação, pelo Marquês de Pombal, da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e do Maranhão (1755), responsável pela introdução do cultivo do algodão destinado às indústrias têxteis da Inglaterra.

A produção de algodão no Maranhão só alcança grande expansão, no entanto, na segunda metade do

século XIX, durante a Guerra de Secessão, com a interrupção da produção nos EUA. Criam-se assim condições para que o Maranhão intensifique o fornecimento dessa matéria-prima para a Inglaterra. O comércio do algodão chegou a fazer de São Luís, nessa época, a terceira cidade mais importante em termos populacionais do país, atrás apenas do Rio de Janeiro e de Salvador.

No entanto, com a recuperação da produção nos EUA, terminada a Guerra de Secessão, o algodão maranhense passou a sofrer com a concorrência do produto americano. Tal situação foi agravada com a abolição da escravidão no Brasil, em 1888, que provocou a estagnação da economia regional e se estendeu até os anos 1960. Datam dos períodos áureos do algodão, muitos dos casarões com fachadas de azulejos portugueses, que se encontram ainda hoje no Centro Histórico da capital maranhense.

Expansão urbana e atividades econômicas

A área central de São Luís situa-se às margens do Rio Anil, sendo por ele dividida em duas partes: o Centro Histórico, com antigos casarões e ruas estreitas, e os bairros de São Francisco e Renascença, com prédios modernos e amplas avenidas. A construção de pontes permitiu a ligação entre o Centro Histórico e os novos bairros, que atualmente se estendem na direção das praias oceânicas.

Em 1979, o governo do estado deu início a obras de preservação e revitalização do Centro Histórico de São Luís, que incluem a recuperação de redes de água, esgoto e drenagem, a construção de rede elétrica e de telefonia subterrâneas, a reforma e restauração de prédios e calçadas, o tratamento paisagístico, entre outras. Em função dessa recuperação, em 1997, a Unesco considerou 1 100 prédios do Centro Histórico de São Luís como Patrimônio da Humanidade. Além desses, há ainda cerca de 2 000 prédios tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional, que se encontram em fase de recuperação.

Desde os anos 1970, São Luís tem experimentado intensa revitalização e dinamização em suas atividades econômicas, em função de projetos do Governo Federal, como o Programa Grande Carajás, criado no final dessa década, no estado vizinho do Pará. Este Programa levou à construção da Estrada de Ferro Carajás-Ponta da Madeira, que liga a área de extração mineral da Serra de Carajás ao porto de exportação, pertencen-

te à empresa Vale do Rio Doce e instalado na Baía de São Marcos, em São Luís. Esta ferrovia se enquadra nos melhores padrões técnicos existentes para o transporte de minério. O trecho de Açailândia a Ponta da Madeira é utilizado também para o transporte de grãos produzidos no sul do Maranhão.

Integrando o complexo portuário de São Luís, deve-se destacar outro importante porto marítimo, o de Itaqui, que foi inaugurado em 1974 e está localizado também na Baía de São Marcos, sendo administrado pela Empresa Maranhense de Administração Portuária. A sua área de influência abrange os estados do Maranhão e Tocantins, sul do Pará, norte de Goiás e nordeste de Mato Grosso, uma vez que, além de ser um dos principais portos escoadores de minérios do país, afirma-se também como um dos mais importantes locais de exportação da soja produzida no próprio estado do Maranhão e nas Regiões Norte e Centro-Oeste.

Na década seguinte, a atividade industrial ganha impulso com a implantação de um distrito industrial, onde se destacam usinas de transformação da bauxita em alumínio e alumina, através da Alcoa, empresa do consórcio ALUMAR. Tais atividades levaram à construção, junto ao Porto de Itaqui, de um terminal de uso privativo da ALUMAR, para o recebimento de insumos necessários à fabricação de alumina e para a sua exportação. Ao lado de indústrias modernas, permanecem em São Luís atividades industriais tradicionais, como o beneficiamento de produtos agrícolas e do coco do babaçu, para a fabricação de óleo.

Além das atividades portuárias e industriais, São Luís vem se constituindo, nos últimos anos, num importante pólo turístico do Nordeste, em decorrência da recuperação do seu Centro Histórico, da riqueza de suas manifestações culturais e por ser ponto de partida para os que se dirigem ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, no litoral sul do estado.

Nesse contexto de dinamização de sua economia, têm afluído para São Luís contingentes migratórios provenientes de áreas rurais do Maranhão, bem como de outros estados nordestinos, que se manifestam na expansão do número de favelas e numa ocupação espacial desordenada.

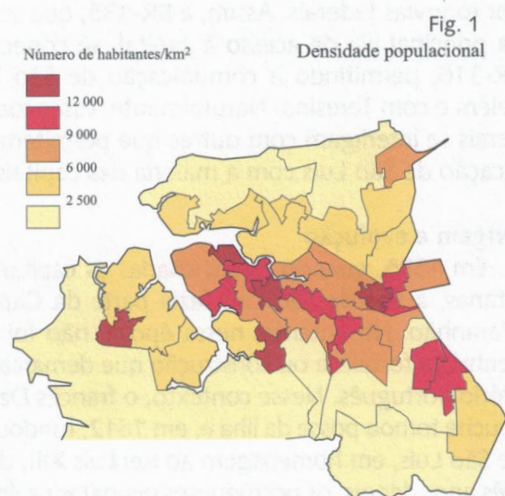
Como revela a imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, a mancha urbana de São

Luís, de cor rosa, se apresenta mais adensada na parte central da cidade e nos bairros localizados entre o Rio Anil e a orla oceânica. Ela se torna mais rarefeita, com maior presença de áreas verdes, à medida que se distancia do Centro, a leste e ao sul da cidade. Já na parte oeste, apesar da presença de áreas verdes, percebe-se a ação antrópica, em função das atividades ligadas ao complexo portuário de São Luís.

Densidade e crescimento populacional

A distribuição da população em São Luís revela que as maiores densidades se encontram em bairros em torno do Centro, como Camboa, Liberdade e Madre de Deus (Fig.1). Percebe-se que altas densidades estão presentes ainda em bairros às margens do Rio Anil, como Alemanha e Palmeiras. Há também concentrações de população em bairros mais afastados da parte central, como Santa Efigênia, a sudeste, onde a presença de conjuntos habitacionais contribui para o maior adensamento de população nessa área da cidade. Da mesma forma, encontram-se altas densidades em Anjo da Guarda, nas imediações do Porto de Itaqui.

No período de 1991 a 2000 São Luís registrou um aumento significativo de população de mais de 170 000 habitantes, numa taxa média de crescimento anual elevada, de 2,5%.



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes transformações no perfil religioso da população de São Luís, principalmente, a redução do percentual de católicos,

ao mesmo tempo em que aumentavam as porcentagens dos evangélicos pentecostais, das pessoas que se declaravam sem religião e dos evangélicos de missão.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

São Luís (município)	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	76,1	6,0	9,7	2,5	5,7
1991	89,3	3,1	3,9	1,4	2,3
2000-1991	-13,2	2,9	5,8	1,1	3,4

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

São Luís é a quarta capital brasileira a apresentar maiores reduções do percentual de católicos. Cabe ressaltar que, em 1991, quase 90% da população da cidade se dizia católica, enquanto em 2000 esta proporção passou para 76,1%, o que significou uma perda de -13,2 pontos percentuais (Tab.1). Apesar desse acentuado declínio, o catolicismo continua a predominar na capital, bem como no conjunto do estado.

A distribuição geográfica dos católicos na cidade revela que os mais elevados percentuais se concentram na sua parte central, num espaço limitado a oeste pela foz do Rio Bacanga, ao norte pela Praia de Calhau e ao sul pelos bairros de Palmeiras e Santa Cruz (Figs. 2 e 3). No interior desse espaço, encontram-se áreas que se mantêm, de fato, muito fiéis à Igreja Católica, com 83% de adeptos no Centro, nos bairros próximos de Camboa e Liberdade, e nas praias de Ponta de Areia e J. Renascença. Esta porcentagem vai diminuindo gradativamente, à medida que se afasta do Centro em direção aos bairros populares, tanto a sudeste quanto a oeste, como na margem esquerda do Rio Bacanga, onde Anjo da Guarda apresenta o menor percentual de católicos de São Luís, com cerca de 65% de fiéis.

A Igreja Católica Brasileira conta em São Luís com cerca de 11 600 seguidores, o que a situa em terceiro lugar entre as capitais quanto ao número de adeptos desta religião, ficando atrás apenas de Salvador e de Belém. É interessante observar que os fiéis da Igreja Católica Brasileira são encontrados também nos bairros de maior presença da Igreja Católica Romana, como, por exemplo, Madre de Deus ou J. Renascença (Fig. 4).

Evangélicos de Missão

Com um pouco mais de 50 000 fiéis, os evangélicos de missão representam 6% da população de São Luís. No período de 1991 a 2000, eles tiveram um crescimento de +2,9 pontos percentuais, o maior aumento desse grupo religioso entre as capitais brasileiras.

Sua localização mostra que há uma nítida tendência a se concentrarem na parte leste da cidade, como, por exemplo, no conjunto habitacional de COHATRAC, onde atingem 11% da população aí residente (Figs. 5 e 6). Já noutros bairros dessa mesma parte da cidade, a presença dos evangélicos de missão é menos acentuada, situando-se em torno de 7%. Dentre os evangélicos de missão, os batistas e os adventistas são os grupos predominantes, representando, respectivamente, 3,5% e 2% da população.

Evangélicos pentecostais

Os evangélicos pentecostais em São Luís representam 9,7% da população, tendo revelado no período intercensitário de 1991 a 2000 um crescimento de +5,8 pontos percentuais. Sua presença aumenta em função do distanciamento do Centro, sendo nos bairros populares no sudeste da cidade que se observam os percentuais mais elevados (Figs. 7 e 8). Eles se concentram também na margem esquerda do Rio Bacanga, chegando a representar 16,5%, em Anjo da Guarda. Entre os grupos pentecostais presentes em São Luís, a Assembléia de Deus é o que predomina, com 6,6% da

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

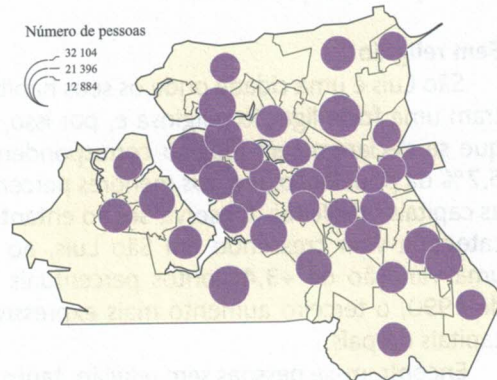


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana

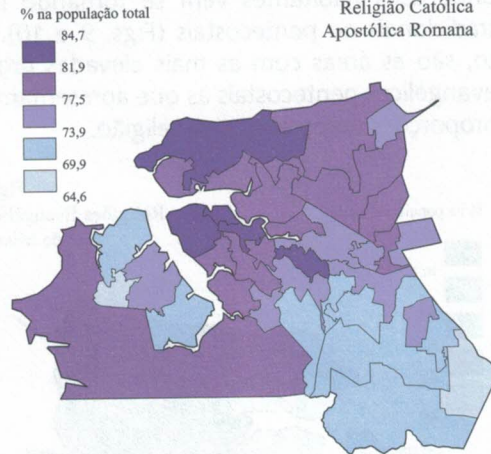


Fig. 4
Religião Católica Apostólica Brasileira

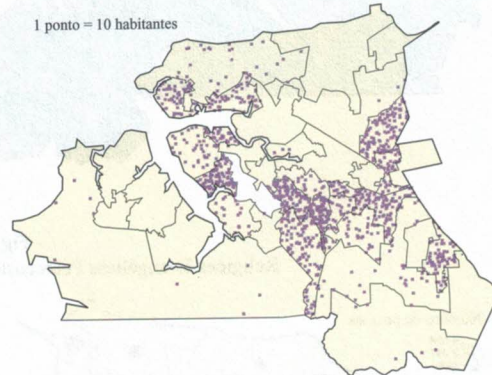
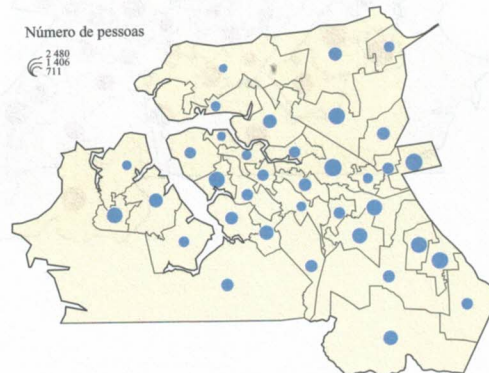


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão

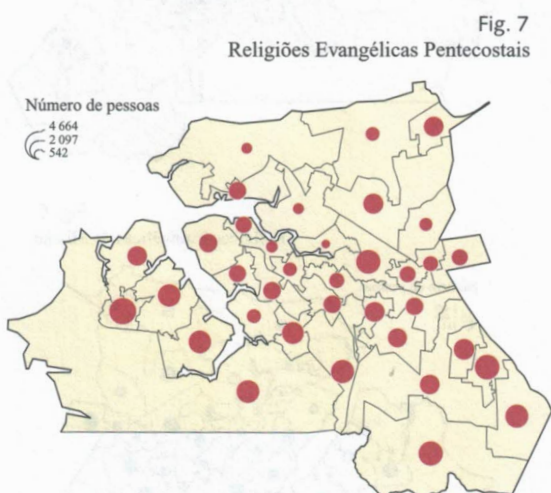
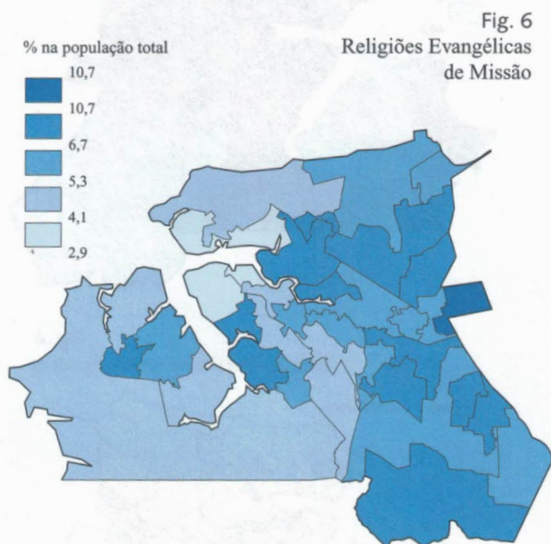


população, e a sua distribuição se assemelha muito ao do conjunto dos pentecostais.

Sem religião

São Luís é uma cidade onde os seus habitantes mostram uma forte ligação religiosa e, por isso, as pessoas que se declaram sem religião correspondem a apenas 5,7% da população, um dos menores percentuais entre as capitais brasileiras. Observa-se, no entanto, que esta categoria vem crescendo em São Luís, ao apresentar uma variação de +3,4 pontos percentuais na década de 1990, o terceiro aumento mais expressivo entre as capitais do país.

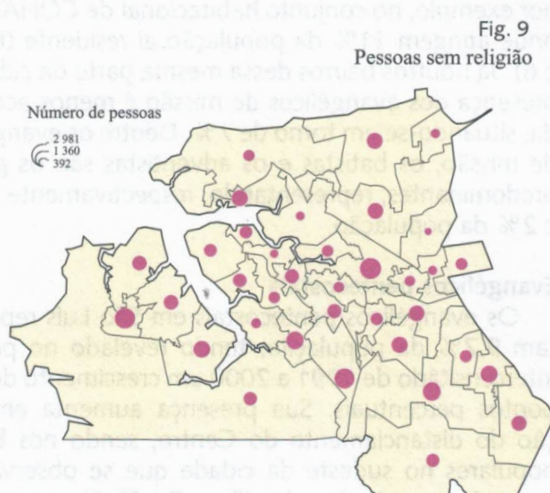
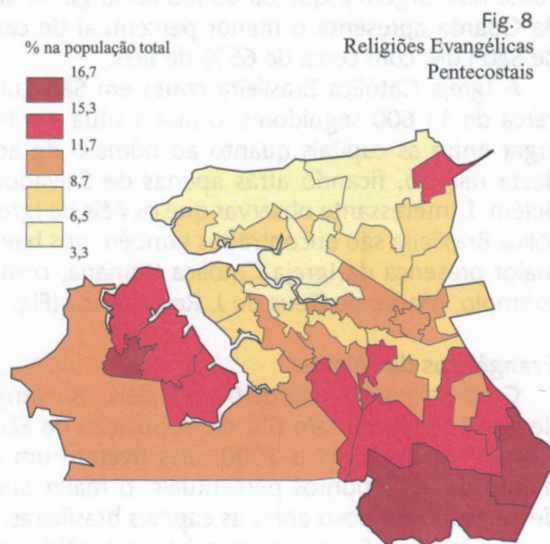
Encontram-se pessoas sem religião, tanto em bairros cuja população se mantém católica, quanto naqueles onde seus habitantes vêm se tornando evangélicos, tradicionais ou pentecostais (Figs. 9 e 10). No entanto, são as áreas com as mais elevadas proporções de evangélicos pentecostais as que apresentam as maiores proporções de pessoas sem religião.



Perfil religioso

São Luís apresenta vários territórios religiosos bem delimitados, uma vez que foram identificadas cinco classes quanto ao perfil religioso da sua população (Fig. 11). Na parte central e na zona norte da cidade tem-se o território de resistência do catolicismo (classe 1). No leste, nos bairros de Pov. de Vinhais, Cohama, Jardim Eldorado e Cohatrac encontra-se o principal espaço dos evangélicos de missão (classe 2), que são encontrados também em Madre de Deus, Parque dos Nobres e Pindorama, ao sul da parte central.

Já os evangélicos pentecostais se distribuem pelos espaços periféricos, como a margem esquerda do Rio Bacanga, do outro lado do Centro, os bairros de São Cristóvão e Santa Efigênia, e o sudeste da cidade. Ainda nas áreas periféricas, os pentecostais podem ser encontrados em bairros onde também é expressiva a presença dos sem-religião, como Colônia do Bonfim e Sá Viana (classe 4).



% na população total

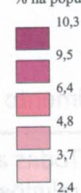
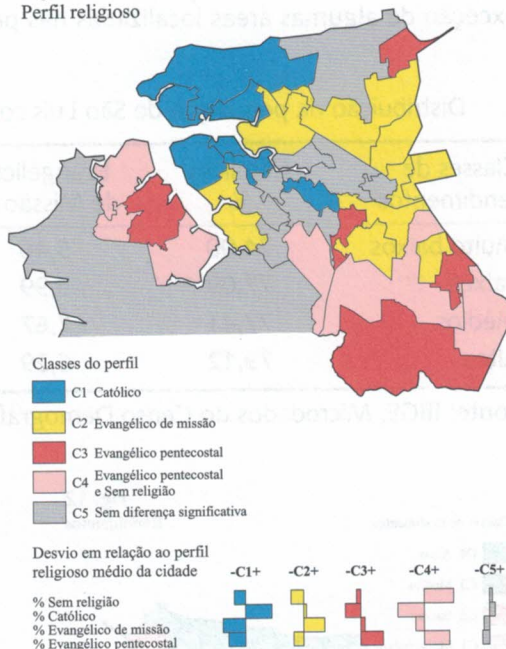


Fig. 10
Pessoas sem religião

Fig. 11
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de São Luís permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

São Luís pertence ao grupo de capitais brasileiras com acentuada pobreza, já que 85,4% da população declara receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 66,3% apenas um ou menos

(Tab. 2). Esta tabela mostra ainda que praticamente três em cada quatro evangélicos pentecostais fazem parte da classe de 0 a 1 salário mínimo, enquanto os fiéis das demais religiões se apresentam em melhores condições. Este é o caso, por exemplo, dos católicos que, nessa mesma categoria de rendimentos, representam 65,5%, ou seja, 8 pontos percentuais a menos do que os pentecostais. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, pelos evangélicos de missão, pelos católicos e pelos fiéis do grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de São Luís com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	65,5	68,3	73,8	58,1	67,3	66,3
2-3 sm	19,5	17,8	16,8	18,7	19,1	19,1
4-6 sm	7,4	6,6	5,6	10,3	7,0	7,2
7-10 sm	3,6	3,5	2,4	5,4	3,1	3,5
11-16 sm	1,5	1,7	0,7	2,6	1,1	1,5
17-20 sm	1,1	1,3	0,3	2,5	1,0	1,0
> de 20 sm	1,5	0,8	0,4	2,4	1,5	1,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição dos rendimentos em São Luís apresenta uma gradação de orientação noroeste/sudeste (Fig. 12). A classe de rendimentos *muito baixos* se caracteriza por desvios positivos das categorias de 0 a 2 salários mínimos, enquanto todas as outras se situam abaixo do perfil médio. Ela forma uma extensa faixa que se estende do oeste ao sudeste da cidade, incluindo, por exemplo, os bairros de Colônia do Bonfim, Itapecuraniba e Sá Viana, na margem esquerda do Rio Bacanga.

Além dessa área contígua, núcleos com rendimentos muito baixos se situam na parte antiga da cidade. Trata-se de Apeadoro, Areinha e Bairro de Fátima, na margem direita do Rio Bacanga, e Camboa, Liberdade e Monte Castelo, na margem esquerda do Rio Anil. No extremo leste da cidade, Jardim América se apresenta como uma *ilha* de reduzidos rendimentos. É exatamente nos bairros de baixos rendimentos que os evangélicos pentecostais e os sem-religião

alcançam os seus maiores percentuais (Tab. 3), com exceção de algumas áreas localizadas nas proximida-

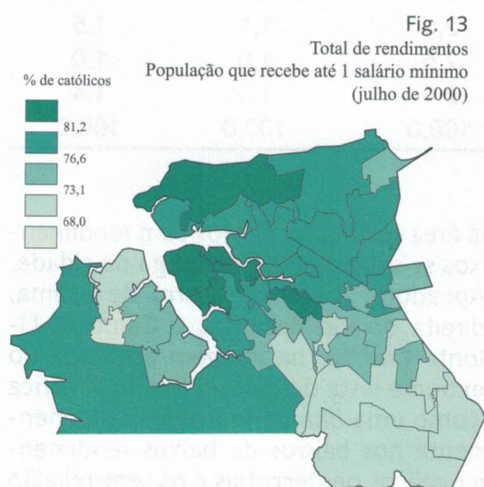
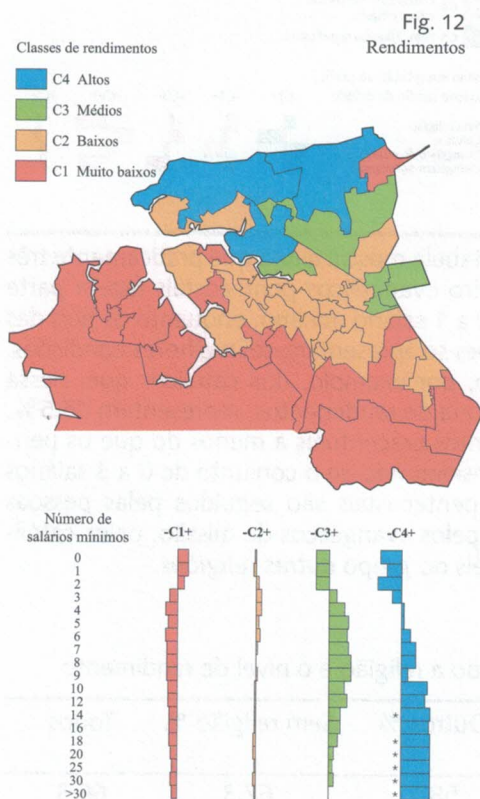
des do Centro, onde a presença de católicos é mais acentuada.

Tabela 3

Distribuição da população de São Luís com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	74,00	5,46	12,26	1,69	6,58	100
Baixos	77,09	5,99	8,95	2,70	5,27	100
Médios	77,41	7,67	7,14	3,06	4,71	100
Altos	79,12	6,29	4,90	4,42	5,27	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.



Já a classe de rendimentos *baixos* apresenta desvios muito reduzidos em relação ao perfil médio da cidade, notando-se apenas um pequeno destaque das categorias de 2 a 6 salários mínimos. Os bairros que pertencem a esta classe formam uma faixa que compreende a parte central da cidade, onde não se observa nenhuma característica específica em relação ao perfil religioso.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, cuja moda se situa em 8-9 salários mínimos, observa-se que ela apresenta desvios positivos de 3 a 30 salários, incluindo assim bairros muito diversificados do ponto de vista social. Ao contrário das classes anteriores, esta não forma um espaço contínuo na cidade e diz respeito a bairros como Maranhão Novo, Cohama, Jardim Eldorado, Loteamento Brasil e Cohatrac. É também aí, mas não apenas nesta área, que a presença dos evangélicos de missão é mais expressiva.

Finalmente, a classe de rendimentos *altos* é caracterizada pela importância maior das faixas de rendas superiores a 10 salários mínimos. Levando-se em conta a configuração de São Luís, que possui um extenso litoral no norte da cidade, é nessa área, pouco urbanizada, mas que hoje vem sendo ocupada por residências de luxo, que se concentram os maiores rendimentos. A população que aí habita é fundamentalmente católica, notando-se, porém, a presença de fiéis do grupo *outras religiões*.

Religião e baixos rendimentos

A identificação do lugar de residência, segundo o rendimento, afeta de maneira diferente os habitantes de São Luís, em função de sua confissão religiosa. Assim, ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne mais de 66% da população, observa-se uma nítida diferença entre a localização dos católicos, geralmente situados nos bairros centrais e no litoral norte (Fig. 13), e a dos pentecostais (Fig. 14), que parecem restritos aos bairros periféricos.

Na verdade, os pentecostais pobres estão localizados nos bairros mais carentes da cidade, bem como as pessoas sem religião que recebem até um salário mínimo (Fig. 15). Em contrapartida, os católicos de baixa renda não moram necessariamente em áreas pobres, mas vivem muitas vezes em bairros com elevados rendimentos, como os do litoral norte, onde contribuem para uma certa diversidade social da sua população.

Níveis de educação

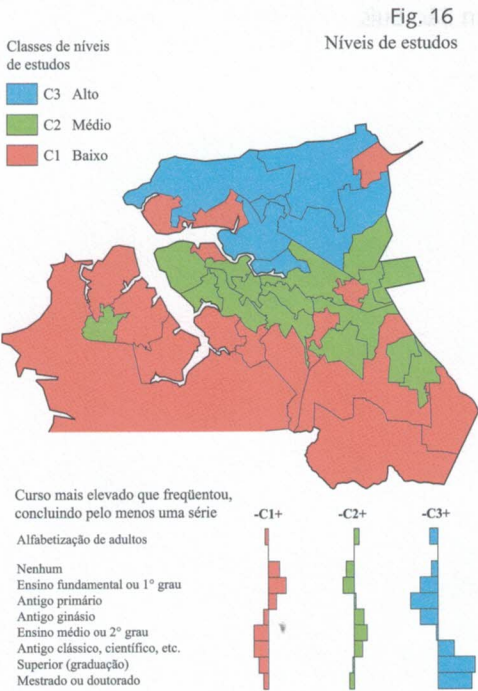
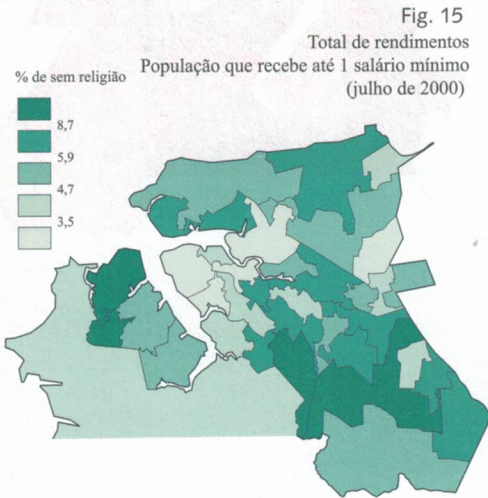
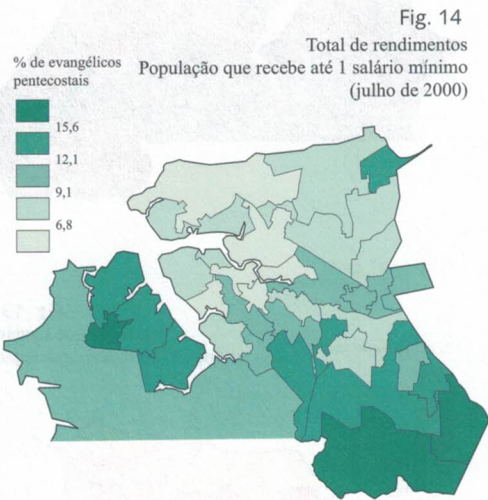
São Luís apresenta três tipos de bairros, em função do nível de educação de sua população. A distribuição geográfica das três classes identificadas se assemelha muito à dos rendimentos (Figs.12 e 16). O perfil escolar dos bairros de nível *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental ou ao antigo primário, destacando-se também a categoria de pessoas sem nenhum nível educacional. Já o perfil escolar dos bairros de nível *médio* é marcado pela maior importância de pessoas que realizaram o ensino médio ou o antigo ginásio, enquanto o dos bairros de nível *alto* pela preponderância daqueles que cursaram o ensino superior, o mestrado ou o doutorado.

A composição desses tipos de bairros mostrou uma nítida correspondência entre religião e educação (Tab. 4). Os pentecostais e os sem-religião estão mais presentes nos bairros de nível baixo; os evangélicos de missão mostram uma leve superioridade nos de nível médio, enquanto os católicos são mais numerosos nos de nível elevado, não apresentando, porém, diferenças muito significativas em relação aos outros níveis. Na verdade, o que chama mais a atenção nos bairros abastados é a reduzida expressão dos evangélicos pentecostais, que aí representam a metade do percentual observado nos bairros de nível baixo de educação.

Tabela 4
Distribuição da população de São Luís segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	74,87	5,14	11,84	1,87	6,28	100
Médio	76,43	6,57	9,06	2,58	5,36	100
Alto	78,75	6,51	5,54	3,99	5,21	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.



A distribuição geográfica dos analfabetos confirma a localização das pessoas mais desfavorecidas da sociedade na periferia, onde chegam a representar 17% dos habitantes na parte oeste da cidade, em contraste, sobretudo, com os bairros da parte setentrional da capital (Fig.17).

Cor da pele

O mapa da porcentagem de população não branca na população total mostra uma nítida oposição entre os bairros do norte de São Luís, sobretudo os da orla oceânica, onde predomina a população branca, e o resto da cidade (Fig.18). É, no entanto, na parte sul que a proporção de população não branca é mais acentuada, chegando a representar três em cada quatro habitantes da capital maranhense.

Estabilidade residencial da população

São Luís apresenta nítidos contrastes em relação à estabilidade residencial de sua população. Assim, de um modo geral, é na parte leste da cidade que se concentra a população não natural do município (Fig.19). Observa-se aí, no entanto, uma clara oposição entre os bairros do litoral norte, com população de alto nível de escolaridade e renda, e os do sul, onde predominam habitantes pobres de baixo grau de instrução, características que definiriam os tipos diferentes de migrantes que se dirigem para São Luís (Figs. 12 e 16). Já a parte central da cidade e a maioria dos bairros do oeste são caracterizados pela estabilidade residencial, uma vez que mais de 60% dos seus habitantes sempre viveram em São Luís.

Fig. 17
População analfabeta

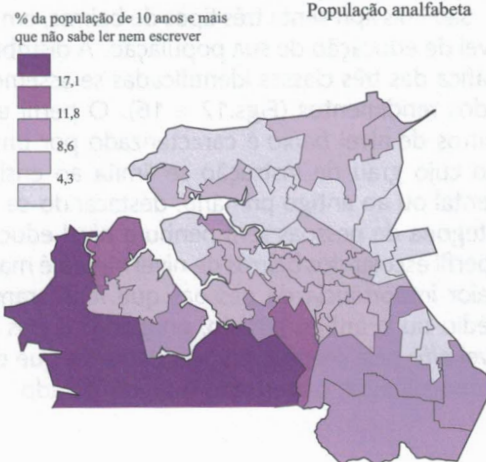


Fig. 18
População de cor não branca

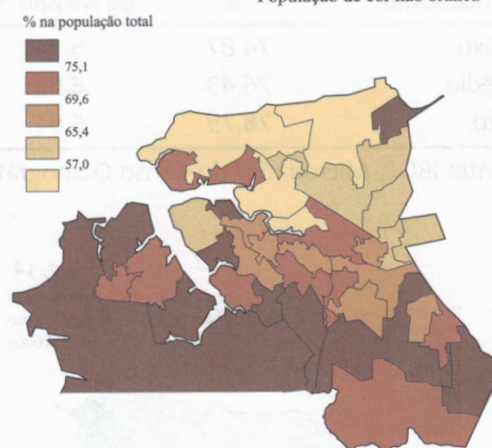
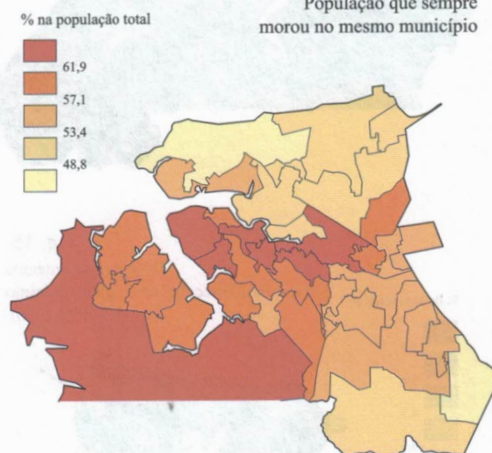


Fig. 19
População que sempre morou no mesmo município



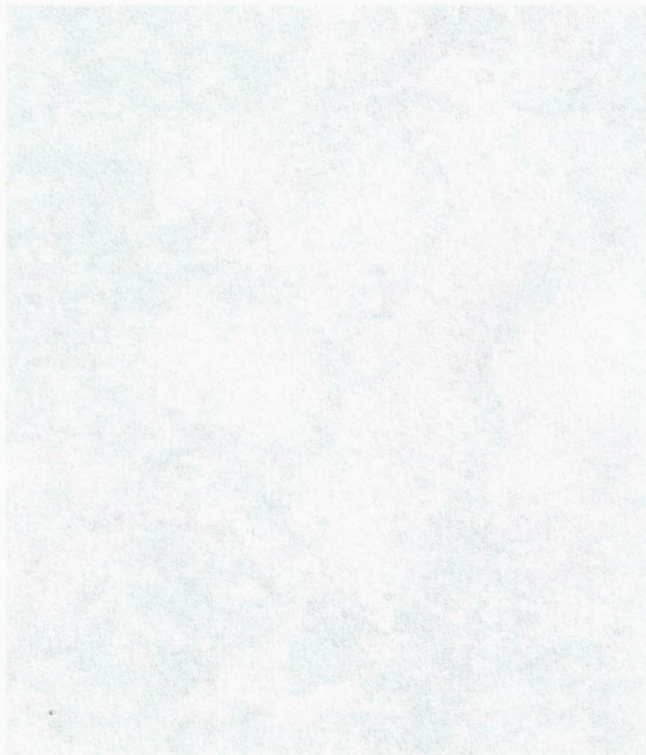
Teresina



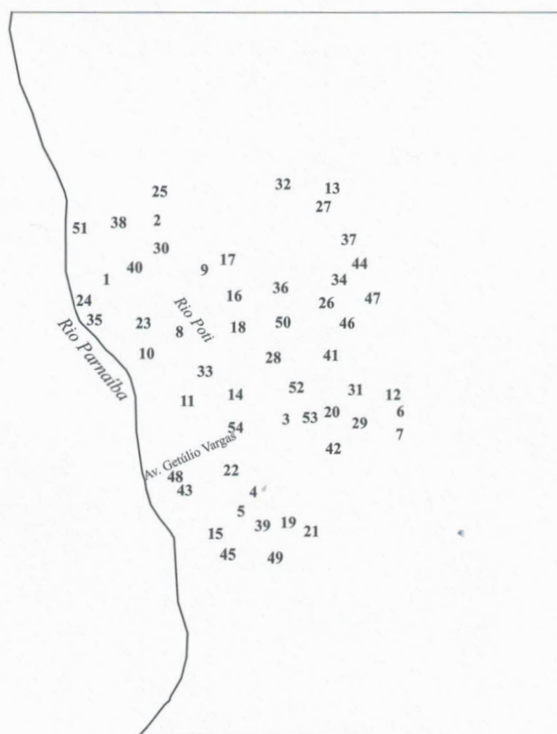
Localização dos principais bairros

1. Centro	1. Centro
2. Ponta da Moura	2. Ponta da Moura
3. Ponta da Moura	3. Ponta da Moura
4. Ponta da Moura	4. Ponta da Moura
5. Ponta da Moura	5. Ponta da Moura
6. Ponta da Moura	6. Ponta da Moura
7. Ponta da Moura	7. Ponta da Moura
8. Ponta da Moura	8. Ponta da Moura
9. Ponta da Moura	9. Ponta da Moura
10. Ponta da Moura	10. Ponta da Moura
11. Ponta da Moura	11. Ponta da Moura
12. Ponta da Moura	12. Ponta da Moura
13. Ponta da Moura	13. Ponta da Moura
14. Ponta da Moura	14. Ponta da Moura
15. Ponta da Moura	15. Ponta da Moura
16. Ponta da Moura	16. Ponta da Moura
17. Ponta da Moura	17. Ponta da Moura
18. Ponta da Moura	18. Ponta da Moura
19. Ponta da Moura	19. Ponta da Moura
20. Ponta da Moura	20. Ponta da Moura
21. Ponta da Moura	21. Ponta da Moura
22. Ponta da Moura	22. Ponta da Moura
23. Ponta da Moura	23. Ponta da Moura
24. Ponta da Moura	24. Ponta da Moura
25. Ponta da Moura	25. Ponta da Moura
26. Ponta da Moura	26. Ponta da Moura
27. Ponta da Moura	27. Ponta da Moura





Localização dos principais bairros



- | | |
|--------------------------|-----------------------|
| 1 Aeroporto | 28 Noivos |
| 2 Antigo Horto Florestal | 29 Novo Horizonte |
| 3 Beira Rio | 30 Parque da Cidade |
| 4 Bela Vista | 31 Parque Ideal |
| 5 Cj. Parque Piauí | 32 Pedra Mole |
| 6 Cj. Renascença | 33 Piçarra |
| 7 Cj. São Paulo | 34 Piçarreira |
| 8 Cabral | 35 Pirajá |
| 9 Campus Universitário | 36 Planalto |
| 10 Centro | 37 Porto do Centro |
| 11 Cidade Nova | 38 Poti Velho |
| 12 Colorado | 39 Promorar |
| 13 Cond. Colinas Socopo | 40 Real Copagri |
| 14 Cristo Rei | 41 Rec. das Palmeiras |
| 15 Distrito Industrial | 42 Redonda |
| 16 Fátima | 43 Saci |
| 17 Ininga | 44 Samapi |
| 18 Jóquei | 45 Santa Fé |
| 19 Lot. Belo Horizonte | 46 Santa Isabel |
| 20 Lot. Progresso | 47 Santa Lia |
| 21 Lot. Santa Teresa | 48 Santa Luíza |
| 22 Lourival Parente | 49 Santo Antônio |
| 23 Mafuá | 50 São Cristóvão |
| 24 Matadouro | 51 São Joaquim |
| 25 Mocambinho | 52 São Raimundo |
| 26 Morada do Sol | 53 Tancredo Neves |
| 27 Morros | 54 Três Andares |

APRESENTAÇÃO

Teresina está localizada às margens do Rio Parnaíba, na confluência com o Rio Poti, sendo a única capital nordestina que se encontra no interior, e não no litoral, em função do processo de colonização do estado ter se dado do sertão em direção ao mar. A cidade foi edificada na Chapada do Corisco, com altitudes em torno de 70 metros. Teresina, com 715 360 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, concentra 25,2% da população estadual.

A capital do Piauí se constitui no mais importante centro comercial e de prestação de serviços do estado, ligando-se às principais capitais brasileiras por via aérea e por rodovias federais. Assim, Teresina se une a Belém, através da BR-316, e a Fortaleza, pelas rodovias BR-343 e BR-222. Na verdade, Teresina é o principal centro urbano nas ligações rodoviárias entre as Regiões Norte e Nordeste do país.

Origem e evolução

A cidade de Teresina foi fundada em 1852, para se tornar a sede administrativa da Província do Piauí. As dificuldades de comunicação foram as razões que levaram o então governador João Antônio Saraiva a transferir a capital de Oeiras para Teresina, mais bem localizada em função da presença do Rio Parnaíba. Surge assim a primeira cidade planejada do país, com uma planta do tipo tabuleiro de xadrez. É no núcleo original da cidade que estão localizadas as construções do século XIX, como a Igreja de São Benedito (1886) e o Teatro 4 de Setembro (1894). O nome da capital é uma homenagem à Imperatriz Teresa Cristina, esposa de Dom Pedro II.

Expansão urbana e atividades econômicas

A partir de 1950, com a construção do aeroporto e de novos bairros residenciais, a cidade se expandiu para o norte até Poti Velho, onde se encontram hoje dezenas de oficinas de oleiros e de artesãos de cerâmica. Na direção sul, uma ação programada pelo governo levou à construção do Distrito Industrial, criado para receber empresas com baixo potencial poluidor. Atualmente, o principal parque industrial de Teresina se localiza nas margens da rodovia estadual PI-112, no norte da cidade. Nos anos 1960, Teresina continuou a crescer, transpondo o Rio Poti e formando, no leste da cidade, os bairros residenciais de Jóquei e Fátima.

O governo municipal tem estimulado a instalação de indústrias na capital, através de benefícios como a doação de terreno com infra-estrutura básica, nos pólos empresariais, além de isenção de taxas e impostos municipais. A atividade industrial da capital piauiense se caracteriza pelos ramos tradicionais, como vestuário, calçados, produtos alimentares, bebidas e a fabricação de tecidos.

Um traço característico de Teresina é a presença de significativo contingente de população flutuante, formada por pessoas vindas das cidades do interior do Piauí e de estados vizinhos à procura de emprego, serviços de saúde, educação e lazer. Porém a maior população flutuante, que se desloca diariamente até Teresina para trabalhar no comércio, na indústria e no setor de serviços, é proveniente de Timon, cidade do Maranhão, situada na margem esquerda do Rio Parnaíba.

De fato, a capital do Piauí possui uma boa rede de prestação de serviços de saúde, constituída por diversos hospitais e clínicas, pertencentes ao estado, ao município e à iniciativa privada, o que torna a cidade um importante centro de atendimento médico nas mais variadas especialidades. Em função disso, deslocam-se para Teresina pessoas provenientes de diversos estados do Nordeste.

O crescimento urbano da capital tem feito com que o comércio seja o ramo de atividade que mais tem se desenvolvido nos últimos anos. A área comercial de Teresina, que até pouco tempo atrás se concentrava no centro da cidade, expandiu-se para áreas vizinhas, como o Bairro Piçarra, e para a zona sul da cidade. Mais recentemente, alcançou a zona leste, onde atingiu níveis bem mais avançados de sofisticação.

Até meados da década de 1980, o processo de urbanização de Teresina ocorreu de forma horizontal, existindo apenas alguns edifícios comerciais ou residenciais no centro da cidade. A partir dessa época, foram construídos grandes conjuntos habitacionais pela Companhia de Habitação (COHAB), localizados nas zonas norte, sul e leste da cidade. A verticalização se intensificou e, a partir do início dos anos 1990, acelerou-se o ritmo de construção de edifícios, que se concentraram principalmente nas zonas leste e sul, sobretudo na margem do Rio Poti, onde predominam os prédios residenciais.

Ao se observar a imagem do satélite Landsat, que se encontra na página de abertura deste capítulo, constata-se que a mancha urbana de Teresina, de cor rosa, se

apresenta mais adensada na parte central da cidade e nos bairros localizados entre os rios Parnaíba e Poti. Ela se torna mais rarefeita, com maior presença de áreas verdes, à medida que se distancia do Centro, a leste e ao sul da cidade.

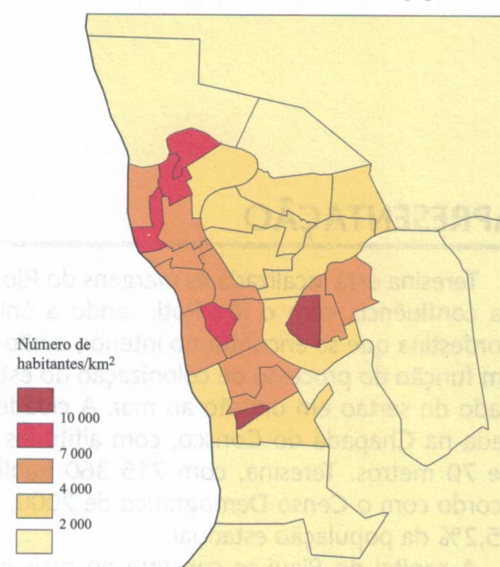
Como a maioria das capitais brasileiras, Teresina tem recebido migrantes do interior do estado, que, no caso do Piauí, deixam a zona rural, muitas vezes, premidos pela seca. Tal situação acaba gerando graves problemas sociais para a cidade, em função das pressões dos migrantes por emprego, moradia, saneamento, saúde, educação e transporte.

Densidade e crescimento populacional

A distribuição da população em Teresina revela que as maiores densidades se encontram em bairros em torno do Centro, como Pirajá, Matadouro e Cidade Nova (Fig. 1). Percebe-se que altas densidades estão presentes ainda em bairros mais distantes do Centro, localizados às margens do Rio Poti, como Poti Velho e Mocambi-nho, ao norte, e São Raimundo, Beira Rio e Tancredo Neves, a leste, além do Distrito Industrial, no extremo sul da cidade. As migrações para Teresina têm contribuído para a elevada taxa média de crescimento anual

verificada no período intercensitário 1991 a 2000, da ordem de 2,0%, quando a população aumentou em 116 088 habitantes.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram algumas mudanças no perfil religioso da população de Teresina, como a redução do percentual de católicos, ao mes-

mo tempo em que aumentavam as porcentagens dos evangélicos pentecostais, das pessoas que se declaravam sem religião e dos evangélicos de missão.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Teresina (município)	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	86,6	2,7	5,3	2,0	3,4
1991	92,8	1,5	2,6	1,1	1,9
2000-1991	-6,2	1,2	2,8	0,8	1,4

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Teresina situa-se em primeiro lugar entre as capitais brasileiras em relação à importância do catolicismo, que aí representa 86,6% da sua população (Tab.1). A diminuição do percentual de católicos, que vem ocorrendo em todo o país, foi moderada em Teresina, da ordem de -6,2 pontos percentuais, a segunda menor redução entre as capitais brasileiras. Trata-se então de um território de resistência da Igreja Católica, uma vez que os percentuais de fiéis nos diversos bairros da cidade se situam entre 80% e 94% da população, o que deixa pouco espaço para a existência de outras religiões (Figs. 2 e 3).

A parte nordeste da cidade, com características ainda rurais, é a que apresenta a mais forte proporção de católicos do município. No entanto, a área católica mais importante de Teresina, por sua maior densidade populacional, é composta pelos bairros de Jóquei e Fátima, na margem direita do Rio Poti, onde os fiéis representam mais de 92% da população.

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

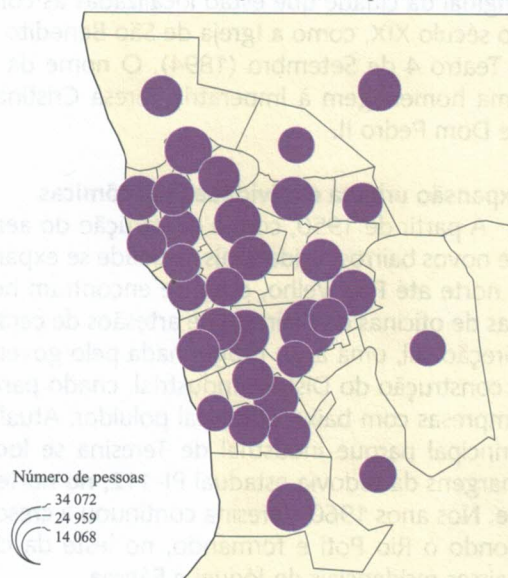


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana

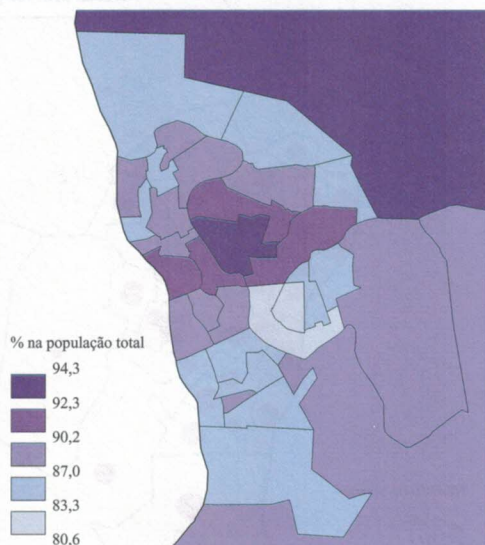


Fig. 4
Religiões Evangélicas de Missão

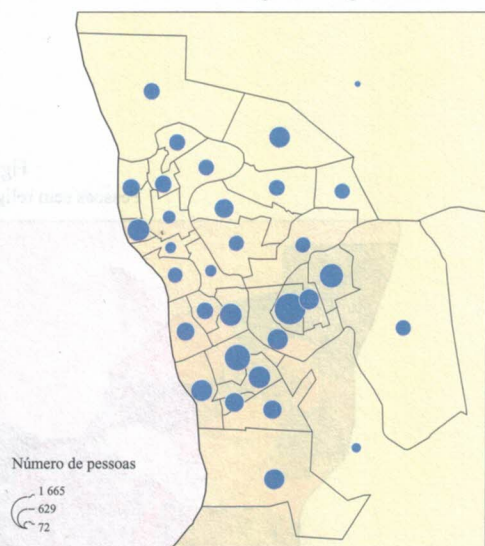
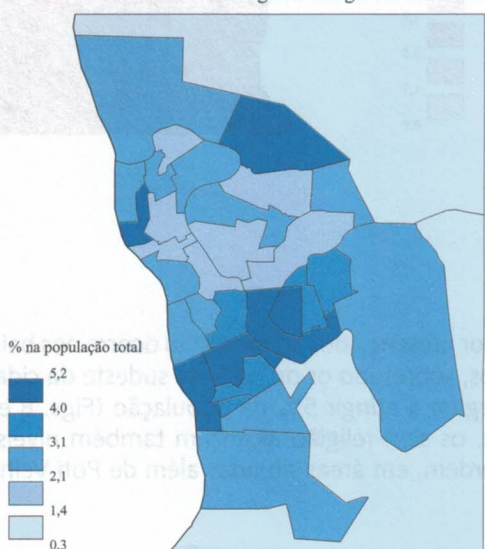


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão



A partir dessa área mais católica, forma-se uma primeira coroa, ainda na margem direita do Rio Poti, com percentuais acima de 90%, que inclui, no sentido horário, os bairros de Ininga, Planalto, Santa Isabel, Morada do Sol e São Cristóvão; do outro lado do rio, esta coroa se estende a Cabral até atingir o Centro, na margem do Rio Parnaíba. Uma segunda coroa, caracterizada ainda por um peso elevado de católicos, entre 87% e 90%, abrange bairros limítrofes ao Centro, tanto ao sul, como Piçarra e Cidade Nova, quanto ao norte, na confluência do Rio Poti com o Parnaíba. Por fim, numa terceira coroa, encontram-se espaços um pouco mais diferenciados do ponto de vista religioso, apesar do predomínio católico, uma vez que os seus percentuais se situam entre 83% e 87%.

Os únicos bairros da cidade onde a presença católica se mostra menos acentuada são Beira Rio, Tancredo Neves e Loteamento Progresso, com porcentagens, no entanto, em torno de 80%.

Evangélicos de Missão

Os evangélicos de missão, que correspondem a 2,7% da população de Teresina, revelaram no período de 1991 a 2000 um aumento de +1,2 pontos percentuais. O seu total, da ordem de 19 000 pessoas, corresponde à metade do número de evangélicos pentecostais em Teresina, sendo também inferior ao das pessoas que se declaram sem religião. Os evangélicos de missão são encontrados, principalmente, nos bairros situados ao sul da Avenida Getúlio Vargas e também na margem direita do Rio Poti, como Beira Rio, Tancredo Neves e Loteamento Progresso, onde seu peso chega a alcançar 5% da população (Figs. 4 e 5).

Evangélicos Pentecostais

A proporção de evangélicos pentecostais na população da capital piauiense dobrou entre 1991 e 2000, passando de 2,6% a 5,3%, o que correspondeu a um aumento de +2,8 pontos percentuais. Apesar disso, Teresina é a capital brasileira onde é menor o peso dos evangélicos pentecostais na população total.

A sua distribuição na cidade revela que eles apresentam seus percentuais mais elevados em bairros afastados do Centro, como Poti Velho, ao norte, e Beira Rio e Tancredo Neves, a sudeste, onde chegam a atingir 9,8% da população (Figs. 6 e 7). Já em toda a parte central da cidade, sua presença se mostra extremamente fraca.

Fig. 6
Religiões Evangélicas Pentecostais

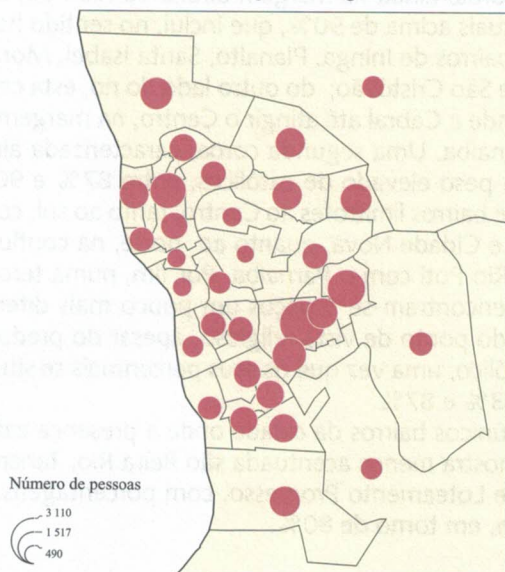


Fig. 8
Pessoas sem religião

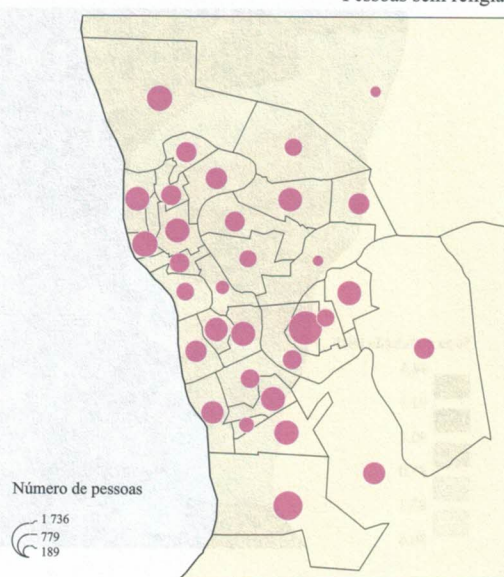


Fig. 7
Religiões Evangélicas Pentecostais

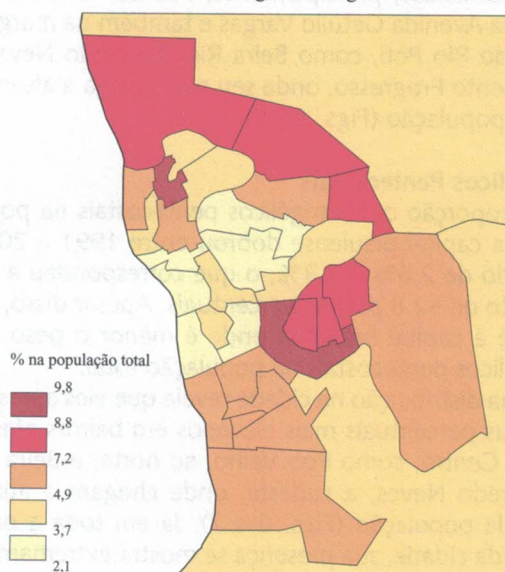
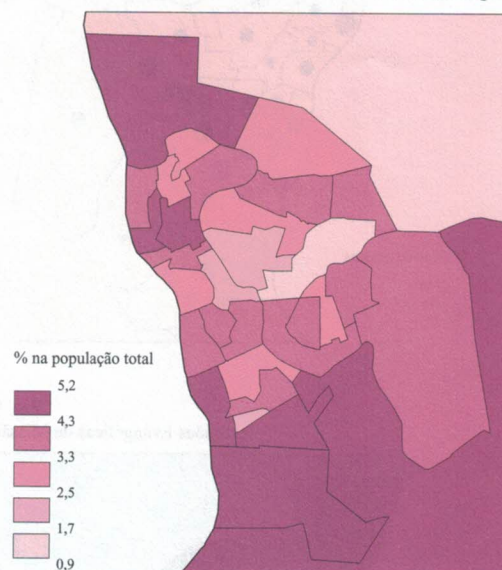


Fig. 9
Pessoas sem religião



Sem religião

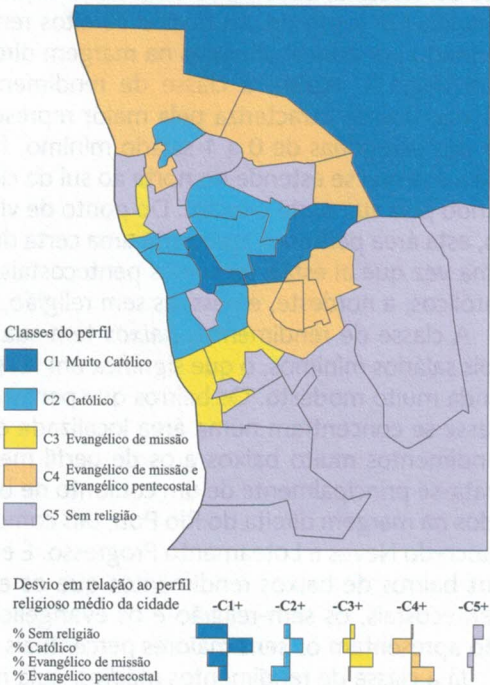
Por ser Teresina uma cidade muito católica, não é de se estranhar que a presença das pessoas que se declaram sem religião seja muito reduzida, da ordem de 3,4% da população. Assim, Teresina ocupa o último lugar entre as capitais brasileiras quanto ao percentual dos sem-religião, apesar do aumento ocorrido entre 1991 e 2000, de +1,4 pontos percentuais.

A maior presença dos sem-religião ocorre nos bairros periféricos, sobretudo os do sul e do sudeste da cidade, onde chegam a atingir 5% da população (Figs. 8 e 9). Ao norte, os sem-religião alcançam também níveis da mesma ordem, em áreas situadas além de Poti Velho.

Perfil religioso

Teresina apresenta vários territórios religiosos, uma vez que foram identificadas cinco classes quanto ao perfil religioso da sua população (Fig.10). De acordo com esta classificação, o catolicismo se mostra muito forte em toda a parte central da cidade (classes 1 e 2). Em torno dessa área, observa-se um semicírculo evangélico formado pelos evangélicos de missão ao sul (classe 3) e pelos evangélicos pentecostais ao norte, leste e sudeste (classe 4). Já os sem-religião estão mais presentes nos bairros situados no extremo sul da cidade (classe 5), sendo encontrados também no norte, numa faixa entre os espaços católicos e evangélicos.

Fig. 10
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Teresina permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Teresina pertence ao grupo de capitais brasileiras com acentuada pobreza, uma vez que 86,3% da sua população declara receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos, e 67,1% apenas

um ou menos (Tab. 2). Neste quadro já bastante grave, os evangélicos pentecostais encontram-se em situação ainda mais desfavorável, pois 73% deles situam-se na categoria de 0 a 1 salário mínimo. Os fiéis das outras religiões apresentam condições um pouco melhores, apesar de as diferenças de rendimentos entre as diversas religiões serem menos acentuadas em Teresina do que nas demais capitais do país. Ao se considerar o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, evangélicos de missão e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Teresina com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	67,0	64,1	72,9	61,9	67,0	67,1
2-3 sm	19,1	20,5	19,2	18,8	20,8	19,2
4-6 sm	6,9	8,6	5,3	8,1	5,4	6,8
7-10 sm	3,2	2,7	1,3	5,4	3,5	3,2
11-16 sm	1,2	2,2	0,5	2,1	1,4	1,2
17-20 sm	1,1	0,6	0,3	1,3	1,0	1,0
> de 20 sm	1,6	1,3	0,4	2,4	0,9	1,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 11
Rendimentos

Na geografia dos níveis de rendimentos da população de Teresina, observa-se uma distribuição em semi-círculos, em torno de um núcleo de altos rendimentos, formado por bairros situados na margem direita do Rio Poti (Fig.11). Assim, a classe de rendimentos *muito baixos*, que se caracteriza pela maior representatividade das categorias de 0 a 1 salário mínimo, forma uma meia-lua que se estende do norte ao sul da cidade, passando pela sua parte oriental. Do ponto de vista religioso, esta área periférica apresenta uma certa diversidade, uma vez que aí estão presentes pentecostais, ao norte, católicos, a nordeste, e pessoas sem religião, ao sul.

A classe de rendimentos *baixos* tem sua moda em dois salários mínimos, o que significa um nível de renda ainda muito modesto. Os bairros que pertencem a esta classe se concentram numa área localizada entre os de rendimentos muito baixos e os de perfil médio e alto. Trata-se principalmente de um conjunto de bairros situados na margem direita do Rio Poti, tais como Beira Rio, Tancredo Neves e Loteamento Progresso. É exatamente nos bairros de baixos rendimentos que os evangélicos pentecostais, os sem-religião e os evangélicos de missão apresentam os seus maiores percentuais (Tab. 3).

Já a classe de rendimentos *médios*, cuja moda se situa em 6 salários mínimos, observa-se que ela apresenta maiores desvios positivos na faixa de 3 a 10 salários. Esta classe se mostra bem concentrada e corresponde às áreas de maior densidade demográfica da cidade, localizadas entre os rios Parnaíba e Poti, com exceção do Centro. A categoria *outras religiões* aparece aí um pouco mais presente, o que pode expressar uma certa tendência à diversidade religiosa dos bairros em questão.

Classes de rendimentos

C4 Altos
C3 Médios
C2 Baixos
C1 Muito baixos

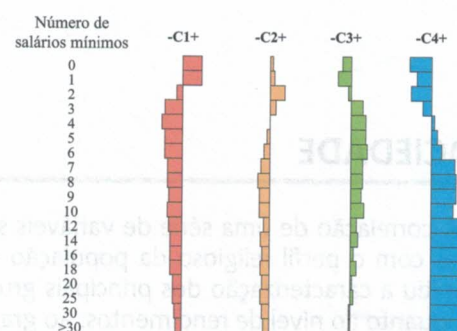


Tabela 3

Distribuição da população de Teresina com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	87,18	2,10	5,58	1,52	3,62	100
Baixos	84,11	3,29	6,98	1,95	3,67	100
Médios	87,11	2,72	4,32	2,46	3,40	100
Altos	91,15	2,17	2,99	1,60	2,08	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Por fim, a classe de rendimentos *altos* se caracteriza por uma maior representatividade dos níveis superiores a 7 salários mínimos, alcançando o seu pico em 30 salários. Observa-se assim um desnível acentuado entre os bairros de rendimentos médios e os de rendimentos altos. O Centro pertence a esta classe, que se mostra mais compacta, no entanto, nos bairros de Jóquei, Fátima, São Cristóvão e seus vizinhos imediatos. É nessa área que a Igreja Católica mantém seu principal bastião, uma vez que 91% dos seus habitantes se dizem católicos.

Religião e baixos rendimentos

A identificação do lugar de residência, segundo o rendimento, afeta de maneira diferente os habitantes

de Teresina, em função de sua confissão religiosa. Assim, ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne 67% da população, observa-se uma nítida diferença entre a localização dos católicos, geralmente situados nos bairros centrais (Fig.12), a dos pentecostais (Fig.13), que formam um semicírculo em torno da área mais católica, e a dos sem-religião, restritos aos bairros periféricos (Fig.14). Na verdade, os católicos pobres não moram necessariamente em áreas pobres, mas vivem, muitas vezes, em zonas de elevados rendimentos, como o Centro e os bairros ricos da margem direita do Rio Poti, onde contribuem para uma certa diversidade social de sua população.

Favelas

Aproximadamente 95 000 habitantes de Teresina vivem em aglomerados subnormais, representando pouco mais de 15% de sua população. As favelas se distribuem, sobretudo, nas áreas periféricas do espaço urbano e correspondem assim aos bairros de rendimen-

tos baixos (Fig.15). Elas estão presentes também nos bairros abastados, mas a população favelada, neste caso, é muito reduzida, da ordem de algumas centenas de habitantes.

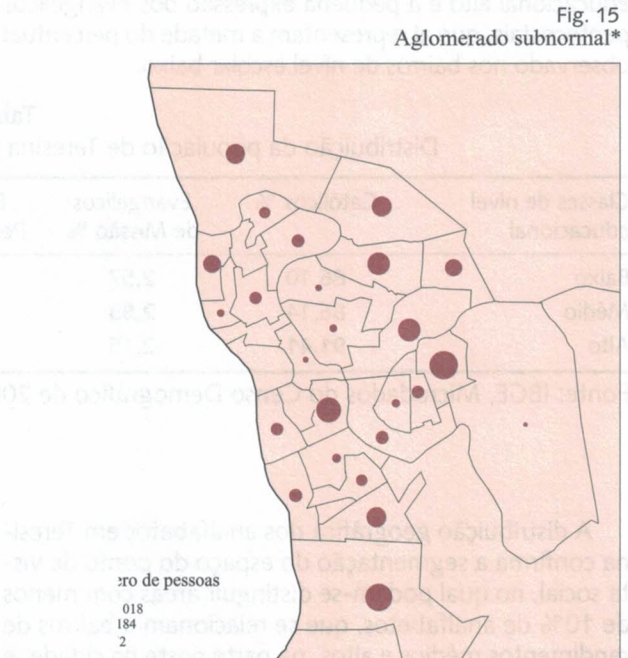
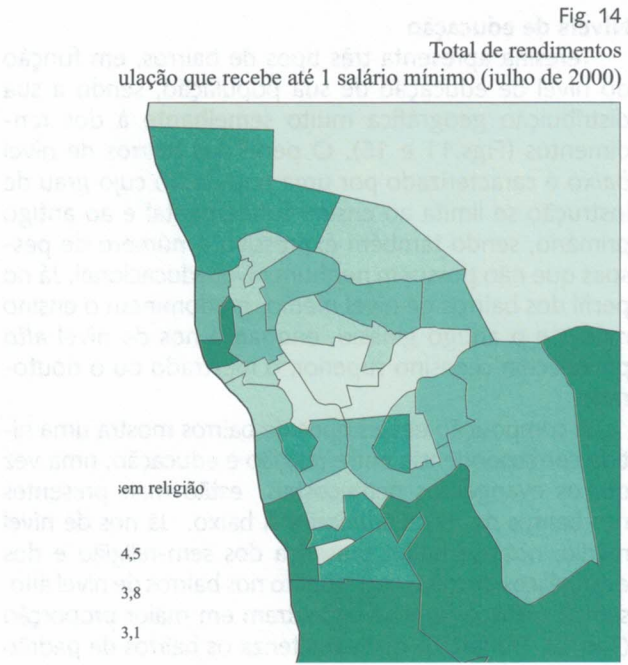
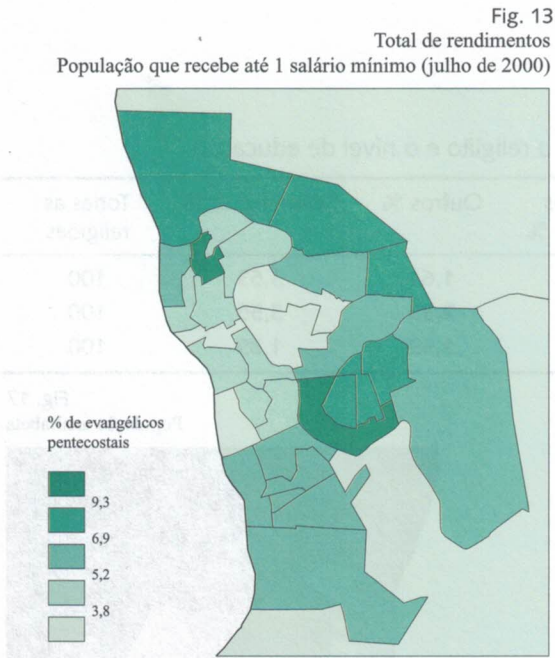
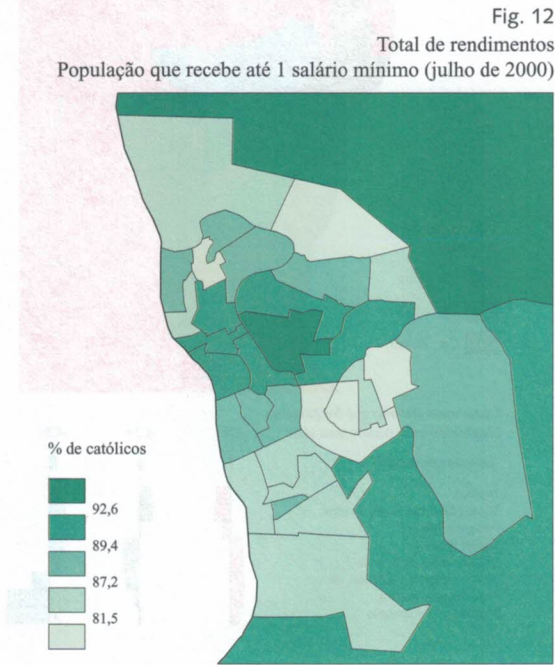


Tabela 4

Distribuição da população de Teresina segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
Setor normal	539020	17358	31082	13019	20140	620619
%	86,85	2,80	5,01	2,10	3,25	100
Setor subnormal	80711	1882	7028	996	4022	94639
%	85,28	1,99	7,43	1,05	4,25	100
%subnormal- normal	-1,57	-0,81	2,42	-1,05	1,00	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Do ponto de vista religioso, a população das favelas não apresenta diferenças significativas em relação à população do restante da cidade. Observa-se, no entanto, entre os seus habitantes, uma participação um pouco maior dos evangélicos pentecostais e dos sem-religião (Tab. 4).

Níveis de educação

Teresina apresenta três tipos de bairros, em função do nível de educação de sua população, sendo a sua distribuição geográfica muito semelhante à dos rendimentos (Figs.11 e 16). O perfil dos bairros de nível *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, sendo também expressivo o número de pessoas que não possuem nenhum nível educacional. Já no perfil dos bairros de nível *médio*, predominam o ensino médio e o antigo ginásio, enquanto nos de nível *alto* prevalecem o ensino superior, o mestrado ou o doutorado.

A composição desses tipos de bairros mostra uma nítida correspondência entre religião e educação, uma vez que os evangélicos pentecostais estão mais presentes nos bairros de nível educacional baixo. Já nos de nível médio, nota-se maior presença dos sem-religião e dos evangélicos de missão, enquanto nos bairros de nível alto, são os católicos que se encontram em maior proporção (Tab. 5). De fato, o que caracteriza os bairros de padrão educacional alto é a pequena expressão dos evangélicos pentecostais, que aí representam a metade do percentual observado nos bairros de nível escolar baixo.

Fig. 16
Níveis de estudos

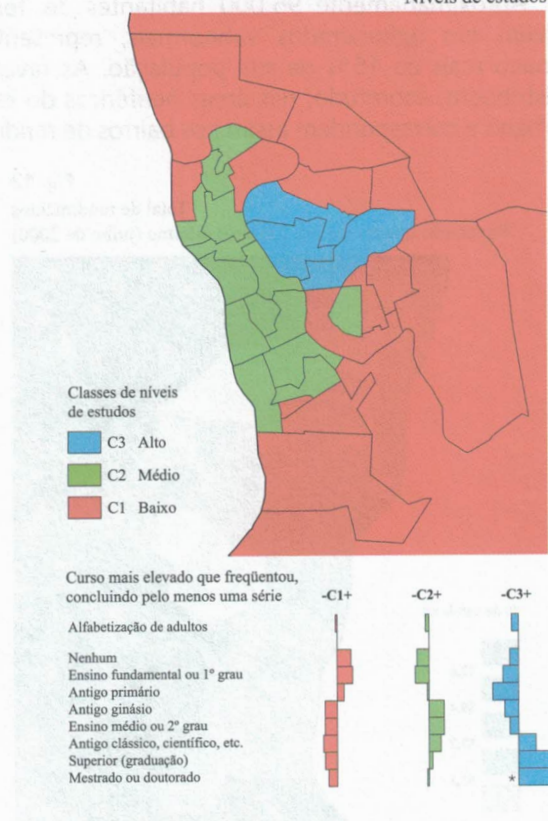


Tabela 5

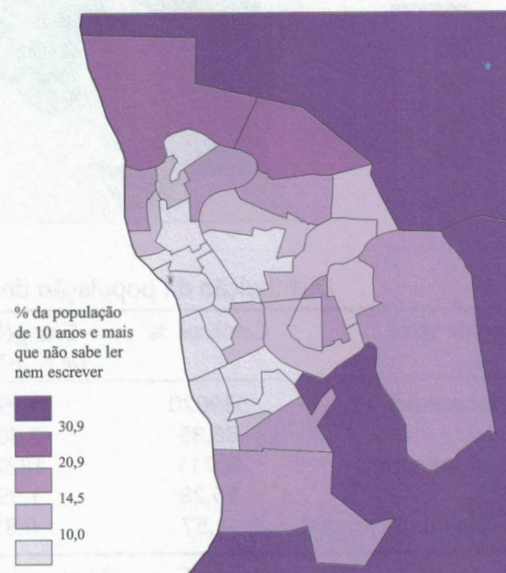
Distribuição da população de Teresina segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	86,10	2,57	6,19	1,61	3,53	100
Médio	86,14	2,93	4,99	2,39	3,55	100
Alto	91,41	2,15	2,97	1,59	1,89	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 17
População analfabeta

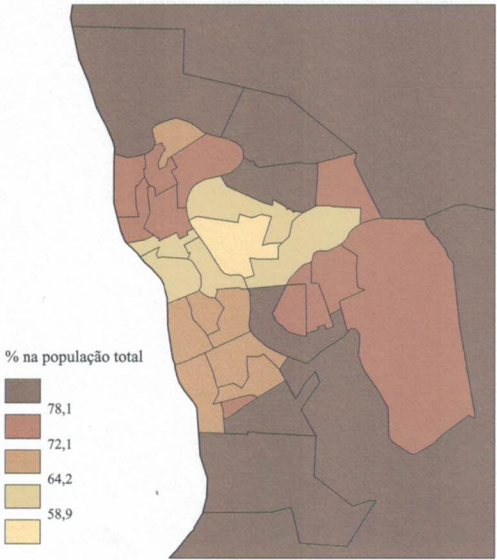
A distribuição geográfica dos analfabetos em Teresina confirma a segmentação do espaço do ponto de vista social, no qual podem-se distinguir áreas com menos de 10% de analfabetos, que se relacionam a bairros de rendimentos médios e altos, na parte oeste da cidade, e áreas com mais de 10% de analfabetos, que correspondem a bairros de baixos rendimentos, do norte, leste e sul de Teresina (Fig. 17).



Cor da pele

O mapa da porcentagem de população de cor não branca na população total mostra uma nítida oposição entre os bairros com os mais elevados rendimentos, onde é majoritária a presença de população branca, e o resto da cidade (Fig.18). À medida que se afasta dessa área mais abastada da capital, várias auréolas sucessivas traduzem o progressivo aumento dos percentuais de população não branca, que chegam a representar 80% da população na periferia distante.

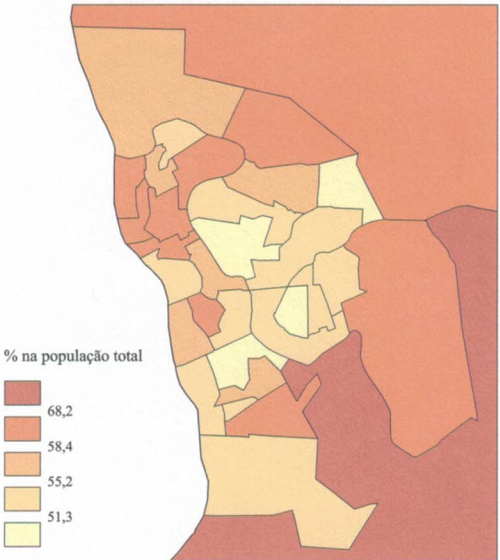
Fig. 18
População de cor não branca



Estabilidade residencial da população

Teresina apresenta nítidos contrastes em relação à estabilidade residencial de sua população. Assim, é na parte central da cidade, onde se localizam os bairros que apresentam os mais altos níveis de escolaridade e renda, que se concentra a população não-natural do município (Fig.19). Em contrapartida, é em bairros ao norte do Centro e da periferia mais distante que se observa maior estabilidade residencial, uma vez que mais de 58% dos seus habitantes sempre viveram na capital do estado.

Fig. 19
População que sempre morou no mesmo município



Fortaleza



Localidades dos principais bairros

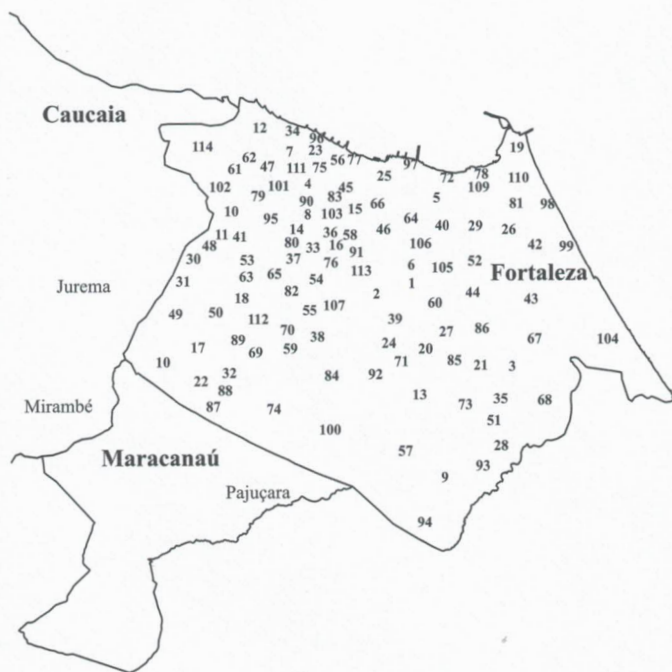
1	Aldeia
2	Aldeia
3	Aldeia
4	Aldeia
5	Aldeia
6	Aldeia
7	Aldeia
8	Aldeia
9	Aldeia
10	Aldeia
11	Aldeia
12	Aldeia
13	Aldeia
14	Aldeia
15	Aldeia
16	Aldeia
17	Aldeia
18	Aldeia
19	Aldeia
20	Aldeia
21	Aldeia
22	Aldeia
23	Aldeia
24	Aldeia
25	Aldeia
26	Aldeia
27	Aldeia
28	Aldeia
29	Aldeia
30	Aldeia
31	Aldeia
32	Aldeia
33	Aldeia
34	Aldeia
35	Aldeia
36	Aldeia
37	Aldeia
38	Aldeia
39	Aldeia
40	Aldeia
41	Aldeia
42	Aldeia
43	Aldeia
44	Aldeia
45	Aldeia
46	Aldeia
47	Aldeia
48	Aldeia
49	Aldeia
50	Aldeia
51	Aldeia
52	Aldeia
53	Aldeia
54	Aldeia
55	Aldeia
56	Aldeia
57	Aldeia
58	Aldeia
59	Aldeia
60	Aldeia
61	Aldeia
62	Aldeia
63	Aldeia
64	Aldeia
65	Aldeia
66	Aldeia
67	Aldeia
68	Aldeia
69	Aldeia
70	Aldeia
71	Aldeia
72	Aldeia
73	Aldeia
74	Aldeia
75	Aldeia
76	Aldeia
77	Aldeia
78	Aldeia
79	Aldeia
80	Aldeia
81	Aldeia
82	Aldeia
83	Aldeia
84	Aldeia
85	Aldeia
86	Aldeia
87	Aldeia
88	Aldeia
89	Aldeia
90	Aldeia
91	Aldeia
92	Aldeia
93	Aldeia
94	Aldeia
95	Aldeia
96	Aldeia
97	Aldeia
98	Aldeia
99	Aldeia
100	Aldeia

1	Aldeia
2	Aldeia
3	Aldeia
4	Aldeia
5	Aldeia
6	Aldeia
7	Aldeia
8	Aldeia
9	Aldeia
10	Aldeia
11	Aldeia
12	Aldeia
13	Aldeia
14	Aldeia
15	Aldeia
16	Aldeia
17	Aldeia
18	Aldeia
19	Aldeia
20	Aldeia
21	Aldeia
22	Aldeia
23	Aldeia
24	Aldeia
25	Aldeia
26	Aldeia
27	Aldeia
28	Aldeia
29	Aldeia
30	Aldeia
31	Aldeia
32	Aldeia
33	Aldeia
34	Aldeia
35	Aldeia
36	Aldeia
37	Aldeia
38	Aldeia
39	Aldeia
40	Aldeia
41	Aldeia
42	Aldeia
43	Aldeia
44	Aldeia
45	Aldeia
46	Aldeia
47	Aldeia
48	Aldeia
49	Aldeia
50	Aldeia
51	Aldeia
52	Aldeia
53	Aldeia
54	Aldeia
55	Aldeia
56	Aldeia
57	Aldeia
58	Aldeia
59	Aldeia
60	Aldeia
61	Aldeia
62	Aldeia
63	Aldeia
64	Aldeia
65	Aldeia
66	Aldeia
67	Aldeia
68	Aldeia
69	Aldeia
70	Aldeia
71	Aldeia
72	Aldeia
73	Aldeia
74	Aldeia
75	Aldeia
76	Aldeia
77	Aldeia
78	Aldeia
79	Aldeia
80	Aldeia
81	Aldeia
82	Aldeia
83	Aldeia
84	Aldeia
85	Aldeia
86	Aldeia
87	Aldeia
88	Aldeia
89	Aldeia
90	Aldeia
91	Aldeia
92	Aldeia
93	Aldeia
94	Aldeia
95	Aldeia
96	Aldeia
97	Aldeia
98	Aldeia
99	Aldeia
100	Aldeia





Localização dos principais bairros



- | | | |
|----------------------------|----------------------------|--------------------------|
| 1 Aerolândia | 39 Dias Macedo | 77 Moura Brasil |
| 2 Aeroporto | 40 Dionísio Torres | 78 Mucuripe |
| 3 Alagadiço Novo | 41 Dom Lustosa | 79 Padre Andrade |
| 4 Alagadiço São Gerardo | 42 Dunas | 80 Pan Americano |
| 5 Aldeota | 43 Edson Queiroz | 81 Papicu |
| 6 Alto da Balança | 44 Eng. Luciano Cavalcante | 82 Parangaba |
| 7 Álvaro Weyne | 45 Farias Brito | 83 Parque Araxá |
| 8 Amadeu Furtado | 46 Fátima | 84 Parque dos Irmãos |
| 9 Ancuri | 47 Floresta | 85 Parque Iracema |
| 10 Antônio Bezerra | 48 Genibaú | 86 Parque Manibura |
| 11 Autran Nunes | 49 Granja Lisboa | 87 Parque Pres. Vargas |
| 12 Barra do Ceará | 50 Granja Portugal | 88 Parque Santa Rosa |
| 13 Barroso | 51 Guajeru | 89 Parque São José |
| 14 Bela Vista | 52 Guarapés | 90 Parquelândia |
| 15 Benfica | 53 Henrique Jorge | 91 Parreão |
| 16 Bom Futuro | 54 Itaoca | 92 Passaré |
| 17 Bom Jardim | 55 Itaperi | 93 Paupina |
| 18 Bom Sucesso | 56 Jacapecanga | 94 Pedras |
| 19 Cais do Porto | 57 Jangurussu | 95 Pici |
| 20 Cajazeiras | 58 Jardim América | 96 Pirambu |
| 21 Cambeba | 59 Jardim Cearense | 97 Praia de Iracema |
| 22 Canindezinho | 60 Jardim das Oliveiras | 98 Praia do Futuro |
| 23 Carlito Pamplona | 61 Jardim Guanabara | 99 Praia do Futuro II |
| 24 Castelhão | 62 Jardim Iracema | 100 Prefeito José Walter |
| 25 Centro | 63 João XXIII | 101 Presidente Kennedy |
| 26 Cidade 2000 | 64 Joaquim Távora | 102 Quintino Cunha |
| 27 Cidade dos Funcionários | 65 Jôquei Clube | 103 Rodolfo Teófilo |
| 28 Coaçu | 66 José Bonifácio | 104 Sabiaguaba |
| 29 Cocó | 67 Lagoa da Sapiranga | 105 Salinas |
| 30 Conjunto Ceará | 68 Lagoa Redonda | 106 São João do Tauapé |
| 31 Conjunto Ceará II | 69 Manoel Sátiro | 107 Serrinha |
| 32 Conjunto Esperança | 70 Maraponga | 108 Siqueira |
| 33 Couto Fernandes | 71 Mata Galinha | 109 Varjota |
| 34 Cristo Redentor | 72 Meireles | 110 Vicente Pizón |
| 35 Curió | 73 Messejana | 111 Vila Ellery |
| 36 Damas | 74 Modubim | 112 Vila Pery |
| 37 Demócrito Rocha | 75 Monte Castelo | 113 Vila União |
| 38 Dendê | 76 Montese | 114 Vila Velha |

APRESENTAÇÃO

A capital do Ceará, com 2 141 400 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2000, concentra 28,9% da população do estado. Ocupa o quinto lugar entre as capitais brasileiras, quanto ao tamanho da população, e o segundo do Nordeste, superada apenas por Salvador.

Fortaleza se constitui no mais importante centro comercial, industrial e de prestação de serviços do Ceará, ligando-se às principais capitais brasileiras por via aérea e por rodovias federais. Assim, a BR-222, que atravessa o estado em sua parte setentrional, ao se conectar com a BR-343, estabelece a ligação com Teresina. A BR-020, em direção ao sudoeste do estado, permite a comunicação de Fortaleza com Brasília. Já a BR-116, que atravessa o Ceará de norte a sul, se constitui num grande eixo de integração, uma vez que une Fortaleza às capitais do Sudeste e do Sul do país. Estradas estaduais convergem para esses eixos, facilitando as ligações do interior com a capital.

Origem e evolução

Fortaleza foi fundada com o objetivo de defesa contra as incursões de franceses e holandeses, que competiam com Portugal pela posse do território brasileiro, nos dois primeiros séculos da colonização. Em 1611, Martim Soares Moreno inicia a ocupação portuguesa na região, com a construção do Forte São Sebastião. Mais tarde, em 1649, os holandeses ocupam essa área e erguem a Fortaleza Schoonenborch, que foi tomada pelos portugueses em 1654, rebatizando-a com o nome de Forte de Nossa Senhora da Assunção. Em 1699 o núcleo foi elevado à categoria de vila e, em 1823, à condição de cidade, com o nome de Fortaleza de Nova Bragança, que se popularizou como Fortaleza.

A construção de estradas de ferro no século XIX tornou possível a comunicação com o interior do estado, o que permitiu a expansão do comércio de exportação. Como resultado do crescimento dessa atividade, a cidade se desenvolveu, uma vez que era pelo Porto de Fortaleza que se escoava a produção regional de algodão, café, cana-de-açúcar, mandioca e milho. Datam dessa época as mansões e palacetes, em estilo europeu, da capital cearense, as ruas calçadas e iluminadas e os bondes de tração animal.

Expansão urbana e atividades econômicas

A cidade de Fortaleza tem uma planta com traçado do tipo tabuleiro de xadrez, o que foi facilitado pela sua topografia plana. A capital cearense vem apresentando, nos últimos vinte anos, um acentuado processo de verticalização, com prédios de arquitetura moderna e arrojada, sobretudo na Praia de Iracema e em bairros como Aldeota, Meireles e Papicu, na parte leste da cidade.

Mudanças ocorreram também em relação ao Centro, com a transferência do setor administrativo do governo estadual para o sudeste da cidade, através da construção, em 1981, do Centro Administrativo Virgílio Távora¹. Na verdade, observa-se atualmente uma tendência de incorporação dessa parte da capital à malha urbana, como vem ocorrendo no distrito de Messejana.

Ao contrário dos bairros situados a leste do Centro, com população mais rica e abastada, observa-se na parte oeste da cidade uma ocupação de caráter mais popular, com a presença de grandes conjuntos habitacionais, como se vê no trecho entre Fortaleza e Caucaia. É nessa parte da cidade também que se observa, de modo mais acentuado, o crescimento do número de favelas. Este fenômeno se verifica ainda no eixo ferroviário que liga a capital a Maracanaú, ao sul do município, em decorrência dos expressivos fluxos migratórios do interior para a capital.

Como mostra a imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, a mancha urbana de Fortaleza, de cor rosa, se apresenta mais adensada na parte central da cidade e nos bairros do seu entorno. Ela se torna mais rarefeita, com maior presença de áreas verdes, à medida que se distancia do Centro, sobretudo, em direção ao sudeste e ao oeste da cidade. A imagem deixa claro também a fraca ocupação da faixa leste, no litoral, onde se localiza a Praia do Futuro.

A expansão urbana no município de Fortaleza se deve, em grande parte, à implantação de indústrias e ao crescimento do turismo, atividades que são beneficiadas pela existência de um moderno aeroporto, de portos marítimos e de importantes eixos rodoviários para a circulação de mercadorias e do fluxo de turistas.

Na região metropolitana de Fortaleza há vários distritos industriais, mas o de Maracanaú é o mais importante do estado, pelo número de empresas instaladas e de trabalhadores empregados. A produção industrial

¹ A respeito da expansão e caracterização dos bairros de Fortaleza, consultar: Ana Maria Matos Araújo e Adelita Neto Carleial, *Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza*. In: *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, vol. VII, nº 146 (030), 01/08/2003. <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(030\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(030).htm)>

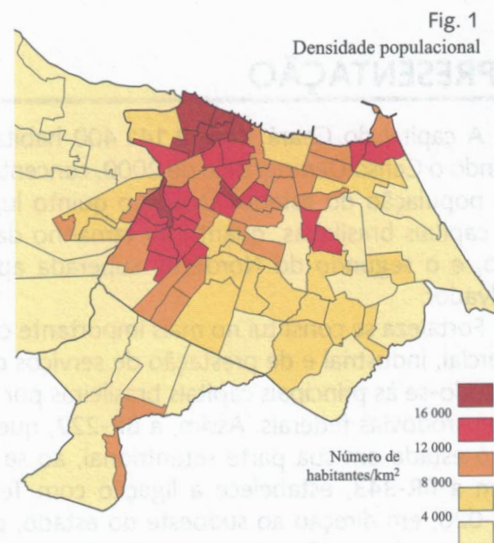
está basicamente centrada nos ramos de vestuário, calçados, produtos têxteis, alimentos e minerais não-metálicos. Além de atender ao consumo local, parte da produção industrial destina-se aos mercados nacionais e internacionais, sendo escoada por rodovias e pelos portos de Mucuripe, em Fortaleza, e de Pecém, em São Gonçalo do Amarante.

A capital cearense tem, atualmente, no turismo uma de suas atividades econômicas mais importantes, em função do grande apelo exercido pelo extenso litoral do estado, de mais de 500 km, onde se encontram inúmeras praias, dunas e falésias. Assim, a demanda turística por Fortaleza aumentou, e os reflexos desse dinamismo fazem-se sentir na indústria hoteleira, nos serviços de alimentação, transporte e diversão e na produção de artigos regionais e de artesanato. Desse modo, o turismo se apresenta hoje como uma importante fonte de geração de emprego e renda para boa parte de sua população.

Densidade e crescimento de população

Em Fortaleza, observam-se nítidos contrastes quanto à distribuição das taxas de densidade, com níveis mais elevados na parte oeste do que na parte leste (Fig.1). Assim, a partir do Centro altas densidades de população são encontradas em bairros do litoral norte da cidade,

como Pirambu, Cristo Redentor e Barra do Ceará. Elevadas taxas se concentram também numa grande área, a sudoeste do município, em bairros como Genibaú, Conjunto Ceará I e Conjunto Ceará II. No período de 1991 a 2000 Fortaleza registrou um aumento significativo de população de mais de 370 000 habitantes, numa taxa média de crescimento anual de 2,1%.



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram mudanças expressivas no perfil religioso da população de Fortaleza, como a redução do percentual de católicos, ao

mesmo tempo em que aumentavam as porcentagens dos evangélicos pentecostais e das pessoas que se declaravam sem religião.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Fortaleza		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	79,0	2,6	9,1	3,4	6,0
	Resto da RM	79,1	1,7	11,1	2,4	5,7
1991	Município	87,9	1,6	4,4	1,9	4,1
	Resto da RM	87,7	1,0	6,2	1,4	3,7
2000-1991	Município	-8,9	1,0	4,7	1,5	1,8
	Resto da RM	-8,6	0,6	4,9	1,0	2,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

O município de Fortaleza ocupa o segundo lugar entre as capitais brasileiras quanto à importância dos católicos na população (79%), logo depois de Teresina (Tab.1). A perda da Igreja Católica foi da ordem de -8,9 pontos percentuais na capital e -8,6 pontos nos demais municípios da região metropolitana. Com um tal predomínio católico, Fortaleza acompanha a tendência religiosa da Região Nordeste.

Os católicos se mostram mais numerosos na parte oeste da cidade, que corresponde aos espaços de maior densidade demográfica (Fig. 2). No entanto, os seus mais elevados percentuais são encontrados em bairros localizados a leste do Centro, como Meireles, Aldeota,

Dionísio Torres, e ao sul, como José Bonifácio e Benfica, onde o catolicismo atinge 86% da população (Fig. 3).

A partir dessa área central, quase exclusivamente católica, o percentual de fiéis diminui, gradativamente, em direção aos limites do município de Fortaleza com Maracanaú e Caucaia. Assim, é em bairros como Prefeito José Walter, no sul, e Genibaú, no oeste, que os percentuais de católicos diminuem, apesar de a sua participação continuar ainda elevada, da ordem de 70%. Após este declínio na periferia imediata, os católicos voltam a apresentar percentuais mais elevados, superiores a 80%, na periferia mais distante, como em Caucaia.

Evangélicos de Missão

Com cerca de 55 000 fiéis em Fortaleza e apenas 11 000 no restante da região metropolitana, os evangélicos de missão se mostram aí pouco expressivos. Ainda que presentes em toda a cidade, seu número normalmente não ultrapassa, em cada bairro da capital, algumas centenas de pessoas, com exceção de Modubim e Jangurussu, na parte sul do município, onde se verificam os seus contingentes mais elevados (Fig. 4).

É ainda nos bairros periféricos que suas porcentagens ultrapassam a média da cidade (2,6%), sobretudo a leste, em Edson Queiroz e Sabiaguaba, onde alcançam 4% (Fig. 5). Dentre os diversos grupos que integram os evangélicos de missão, o mais importante deles é formado pelos batistas, que congregam 1,6% da população.

Evangélicos Pentecostais

Com aproximadamente 195 000 fiéis na capital e 75 000 nos outros municípios da região metropolitana, os evangélicos pentecostais estão mais presentes nos bairros localizados a noroeste e a sudoeste da capital, como Barra do Ceará e Granja Lisboa, respectivamente (Fig. 6). Sua presença se estende, no entanto, além de Fortaleza, nos municípios limítrofes de Caucaia e Maracanaú. Ao longo da década de 1990, os pentecostais apresentaram uma variação de +4,7 pontos percentuais em Fortaleza, crescimento que pode ser considerado moderado, quando comparado ao de outras capitais do país.

Sua importância relativa se mostra mais elevada, no entanto, nos bairros periféricos da capital, onde ultrapassam, freqüentemente, 12% da população, sobretudo no sul da cidade, como em Modubim, Prefeito José Walter e Jangurussu (Fig. 7). Já no município vizinho de Maracanaú, os percentuais se mostram mais elevados ainda, podendo atingir 15%.

Dentre as igrejas pentecostais existentes em Fortaleza, a Assembléia de Deus é a mais importante, congregando sozinha mais da metade dos fiéis, quer dizer, 5,4% da população. Já a Igreja Universal do Reino de Deus reúne cerca de 2% dos habitantes, enquanto os demais pentecostais se distribuem, de maneira dispersa, entre os outros grupos religiosos.

Sem religião

A população que se declara sem religião em Fortaleza ultrapassa 128 000 pessoas, enquanto no restante da região metropolitana reúne 39 000 habitantes. O seu crescimento de +1,8 pontos percentuais, na década de 1990, pode ser considerado reduzido, ao ser comparado com o aumento observado em outras capitais do país. Os sem-religião estão mais presentes nos bairros periféricos da cidade, num padrão que se assemelha ao dos pentecostais, apresentando, porém, efetivos mais baixos (Fig. 8).

Já os percentuais mais elevados dos sem-religião se distribuem em torno dos bairros mais católicos, formando praticamente uma coroa que une o Centro aos bairros periféricos do oeste, do sul e do leste, alcançando no Cais do Porto e em Vicente Pizón as suas porcentagens mais elevadas, superiores a 11% (Fig. 9).

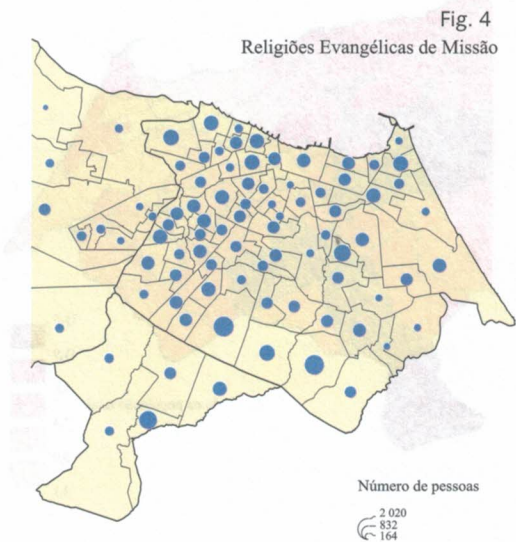
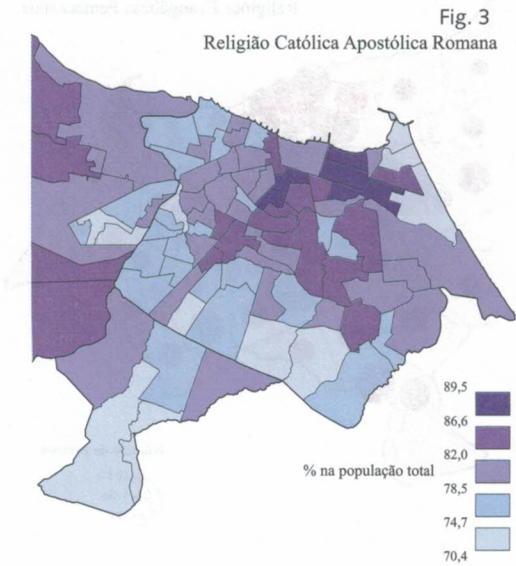
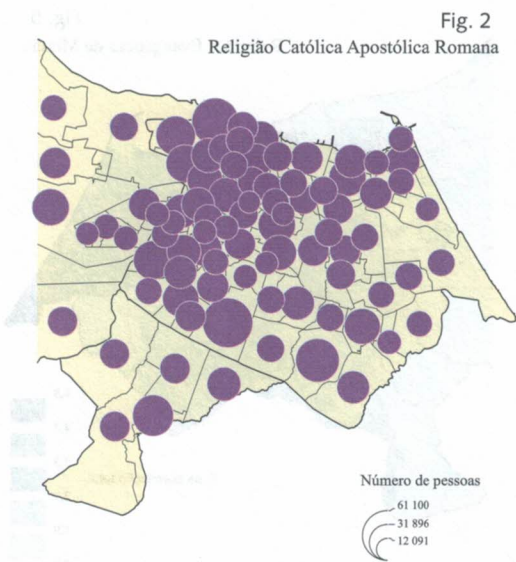


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão

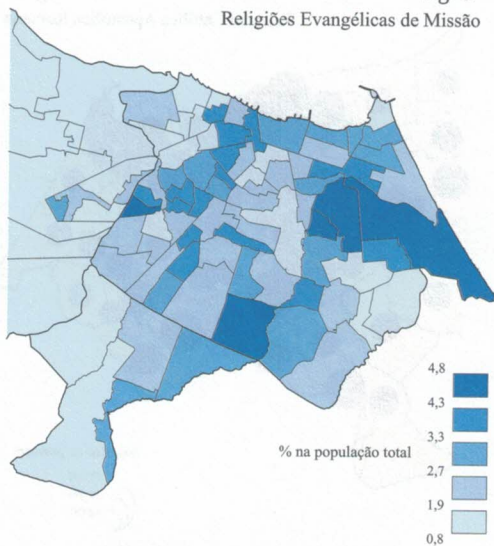


Fig. 6
Religiões Evangélicas Pentecostais

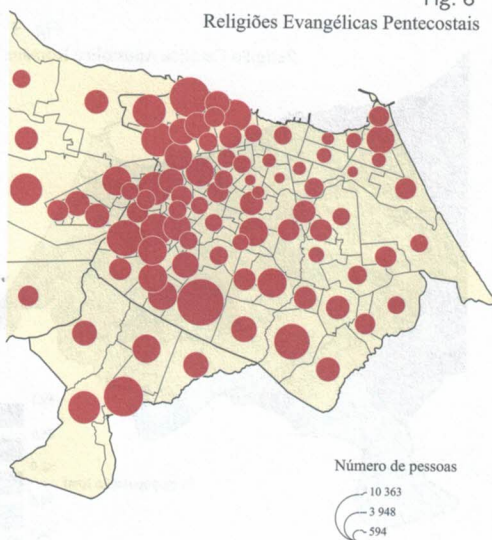


Fig. 7
Religiões Evangélicas Pentecostais

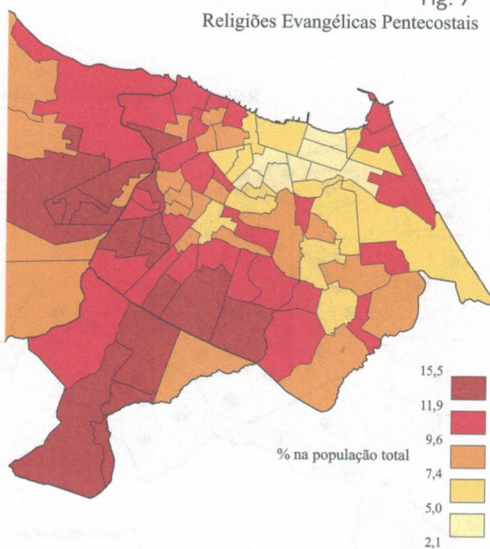


Fig. 8
Pessoas sem religião

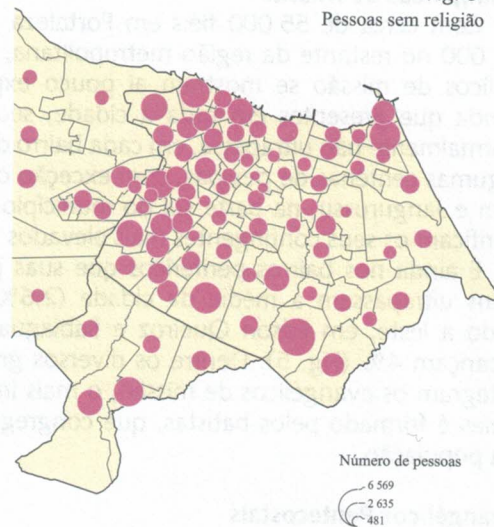


Fig. 9
Pessoas sem religião

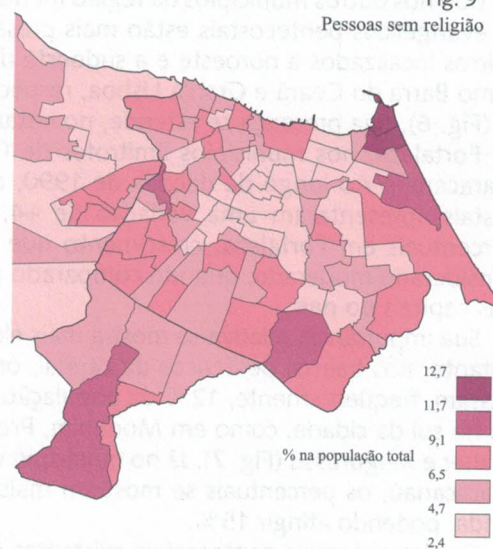
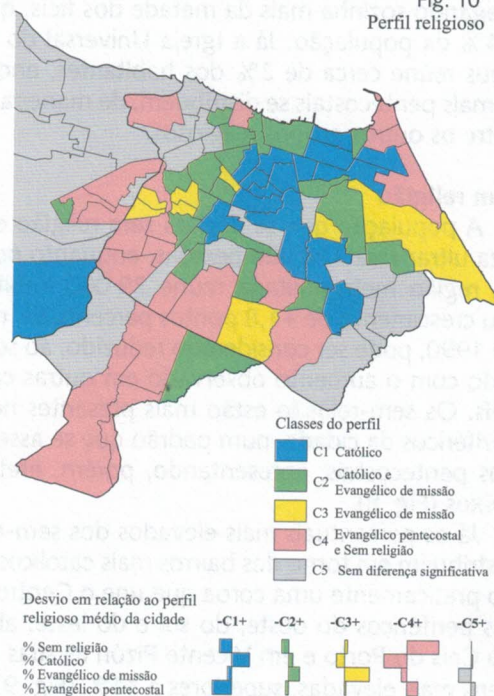


Fig. 10
Perfil religioso



Perfil religioso

Em Fortaleza, foram identificadas cinco classes de acordo com o perfil religioso de sua população (Fig. 10). O catolicismo se destaca nos bairros centrais da cidade, como Meireles, Aldeota, Dionísio Torres, estendendo-se por áreas contíguas até Messejana, a sudeste, e Parangaba, a sudoeste (classe 1). Além desse território bem demarcado, percebe-se, no seu entorno, uma coroa, ainda que descontínua, caracterizada pela presença discreta dos evangélicos de missão, num espaço ainda fortemente católico (classe 2).

A presença dos evangélicos de missão é mais acentuada, no entanto, em alguns bairros dispersos pela

cidade, como Edson Queiroz, a leste, Prefeito José Walter, ao sul, e Conjunto Ceará, a oeste (classe 3). Um outro território, com maior presença de pentecostais e de pessoas sem religião, é encontrado, sobretudo, em bairros periféricos de Fortaleza e se expande pelos municípios limítrofes de Caucaia e Maracanaú (classe 4). Localizando-se também em áreas periféricas da capital, a noroeste e a sudeste, mas principalmente em Caucaia, identifica-se uma classe que corresponde aproximadamente ao perfil religioso médio da cidade, não apresentando, portanto, nenhuma diferença significativa (classe 5).

SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Fortaleza permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Fortaleza pertence ao grupo de capitais brasileiras com acentuada pobreza, uma vez que 84,3% da sua população declara receber um rendimento mensal infe-

rior ou igual a 3 salários mínimos e 62,3% apenas um ou menos (Tab. 2). Nesse contexto já bastante grave, a situação dos evangélicos pentecostais é ainda pior, uma vez que 68,8% deles recebem apenas 1 salário mínimo ou menos, enquanto os fiéis dos outros grupos religiosos mostram uma condição um pouco melhor. Considerando-se a faixa de rendimentos de 0 a 3 salários, constata-se que os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, evangélicos de missão e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Fortaleza com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	61,7	60,4	68,8	57,7	63,1	62,3
2-3 sm	22,2	20,2	21,4	21,0	22,7	22,0
4-6 sm	7,6	8,8	6,0	9,4	7,2	7,5
7-10 sm	3,9	4,6	2,2	5,7	2,9	3,7
11-16 sm	1,6	2,2	0,7	2,2	1,2	1,5
17-20 sm	1,3	1,6	0,4	1,9	1,2	1,2
> de 20 sm	1,8	2,1	0,5	2,1	1,7	1,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* se caracteriza pela maior representatividade das categorias de 0 a 2 salários mínimos, enquanto as demais se situam abaixo do perfil médio. Esta classe diz respeito a uma extensa área que abrange a periferia da cidade, incluindo não

só Maracanaú e Caucaia, mas também numerosos bairros do interior da capital (Fig. 11). Do ponto de vista religioso, é nesses bairros de baixos rendimentos que os pentecostais e os sem-religião apresentam os seus maiores percentuais (Tab. 3).

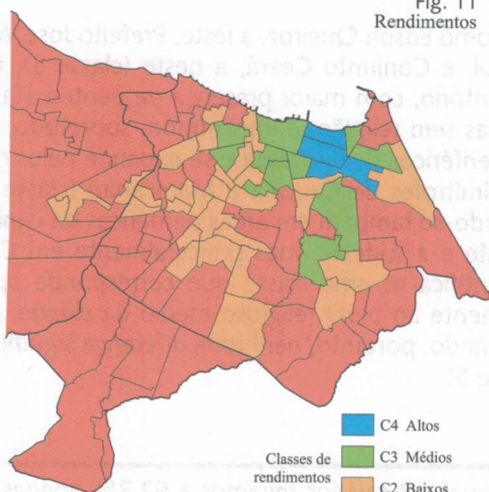
Tabela 3

Distribuição da população de Fortaleza com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	77,11	2,23	11,02	2,88	6,76	100
Baixos	79,80	2,86	8,75	3,53	5,06	100
Médios	82,49	2,91	5,39	4,51	4,70	100
Altos	86,93	2,85	2,58	3,70	3,94	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 11
Rendimentos



Classes de rendimentos
C4 Altos
C3 Médios
C2 Baixos
C1 Muito baixos

Número de salários mínimos

0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
12
14
16
18
20
25
30
>30

-C1+

-C2+

-C3+

-C4+

Já a classe de rendimentos *baixos* tem sua moda em 4 salários mínimos, apresentando maiores desvios positivos de 3 a 8 salários. Os bairros que pertencem a esta classe encontram-se dispersos em várias partes da cidade, situando-se, de um modo geral, entre as áreas de rendimentos médios e muito baixos. A sua composição religiosa se assemelha ao perfil médio da cidade, não revelando assim destaque particular para nenhum grupo religioso.

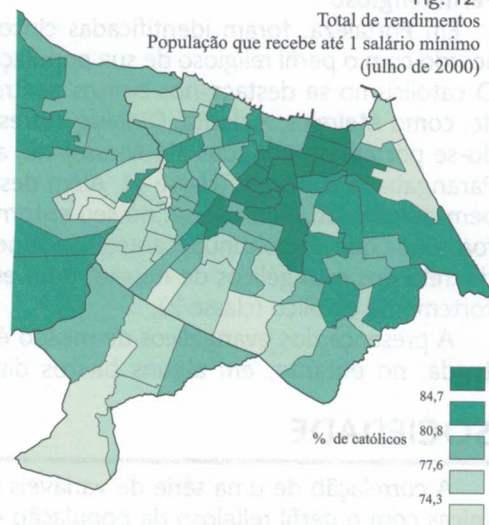
Em relação à classe de rendimentos *médios*, observa-se que ela possui sua moda em 12 salários mínimos, com desvios positivos acima de 4 salários. Este perfil caracteriza bairros muito diversificados do ponto de vista social que se encontram, sobretudo, na parte central da cidade, formando um semicírculo em torno das áreas mais abastadas. A sua composição religiosa revela que é nesses bairros de rendimentos médios que o grupo *outras religiões* e os evangélicos de missão apresentam os seus mais elevados percentuais.

Por fim, a classe de rendimentos *altos* se caracteriza pela maior representação dos níveis de renda superiores a 6 salários mínimos, sobretudo daqueles acima de 14 salários. Trata-se de áreas residenciais de alta renda, concentradas em apenas três bairros, Aldeota, Meireles e Dionísio Torres. É nessa parte de Fortaleza que a Igreja Católica mantém seu principal bastião, reunindo 87% dos habitantes.

Religião e baixos rendimentos

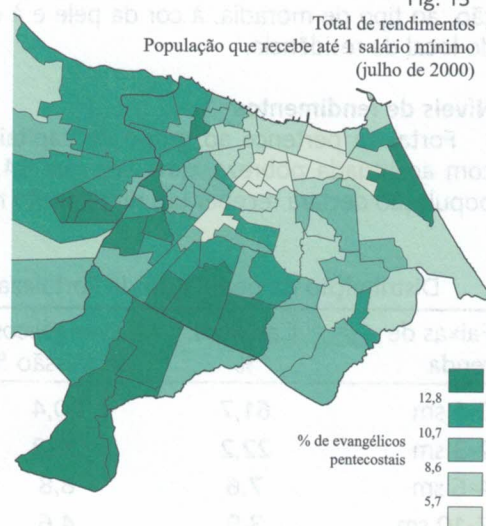
A identificação do lugar de residência segundo o rendimento afeta, de maneira diferente, os habitantes de Fortaleza, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que

Fig. 12
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)



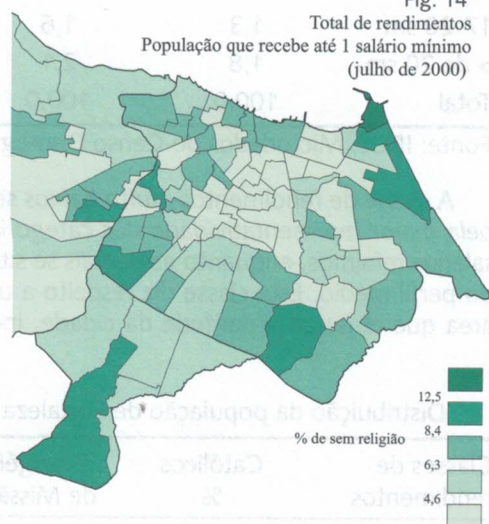
% de católicos
84,7
80,8
77,6
74,3

Fig. 13
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)



% de evangélicos pentecostais
12,8
10,7
8,6
5,7

Fig. 14
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)



% de sem religião
12,5
8,4
6,3
4,6

reúne 62% da população, observa-se uma nítida diferença entre a localização dos católicos, geralmente situados nos bairros centrais, com maiores rendimentos (Fig.12), e a dos pentecostais, concentrados nas perife-

rias pobres do sul e do oeste (Fig.13). Já a distribuição dos sem-religião, que recebem até 1 salário mínimo, não apresenta um padrão muito definido, embora se constate que eles estejam ausentes da maior parte da área central da cidade (Fig.14).

Observa-se então que os pobres pentecostais estão concentrados na periferia, enquanto os pobres católicos não se encontram segregados em áreas distantes na região metropolitana, uma vez que habitam os bairros centrais onde contribuem para a diversidade social de sua população.

Favelas

Em Fortaleza, cerca de 362 000 habitantes vivem em aglomerados subnormais, o que representa 16,4% da sua população. Apesar de as favelas se distribuírem por toda a cidade, elas são mais numerosas nos bairros periféricos do noroeste da capital (Fig.15). Assim, as maiores favelas se localizam em Barra do Ceará, Cristo Redentor e Pirambu, reunindo cada uma delas mais de 25 000 habitantes. Destacam-se ainda, no nordeste da cidade, favelas em Cais do Porto e em Vicente Pizón, que reúnem quase 40 000 pessoas.

Do ponto de vista religioso, a população das favelas não apresenta, de modo geral, diferenças significativas em relação aos demais habitantes de Fortaleza, observando-se apenas uma participação maior, entre os seus moradores, das pessoas sem religião e dos pentecostais (Tab. 4).

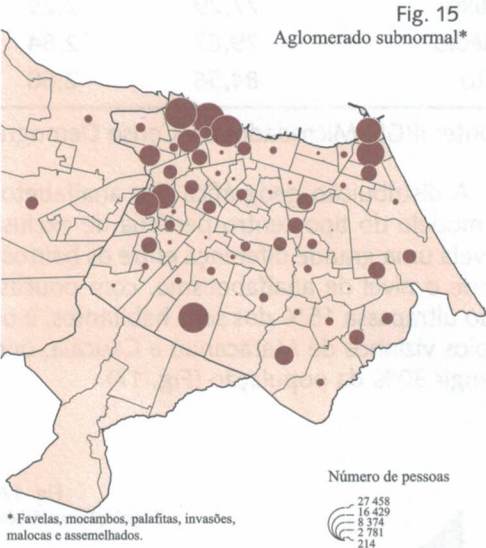


Tabela 4
Distribuição da população de Fortaleza segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
Setor normal	1745674	58387	206853	72784	125183	2208881
%	79,03	2,64	9,36	3,30	5,67	100
Setor subnormal	278794	5734	37736	10869	28697	361830
%	77,05	1,58	10,43	3,00	7,93	100
%subnormal-%normal	-1,98	-1,06	1,06	-0,29	2,26	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Níveis de educação

Fortaleza apresenta três tipos de bairros, em função do nível de educação de sua população. A distribuição geográfica das classes identificadas se assemelha muito à dos rendimentos (Figs.11 e 16). O perfil dos bairros de nível *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem nenhum nível de estudo. Já no perfil dos bairros de nível *médio*, é o ensino médio e o antigo ginásio que predominam, enquanto no de nível *alto* prevalecem a graduação, o mestrado ou o doutorado.

A composição desses tipos de bairros mostra uma nítida correspondência entre religião e educação, uma vez que os pentecostais e os sem-religião estão mais presentes nos bairros de nível baixo (Tab. 5). Os evangélicos de missão apresentam participações ligeiramente superiores nos bairros de nível médio, enquanto os católicos nos de nível alto. Observa-se, porém, que os católicos têm uma presença acentuada também nas áreas de médio e baixo nível educacional, o que se explica pelo fato de serem amplamente majoritários na cidade.

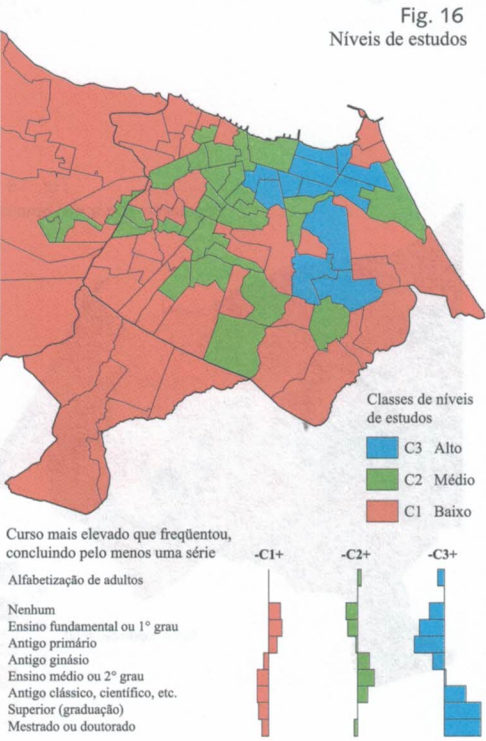


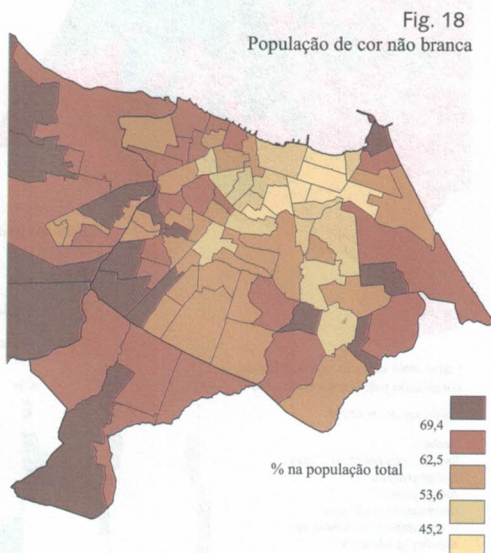
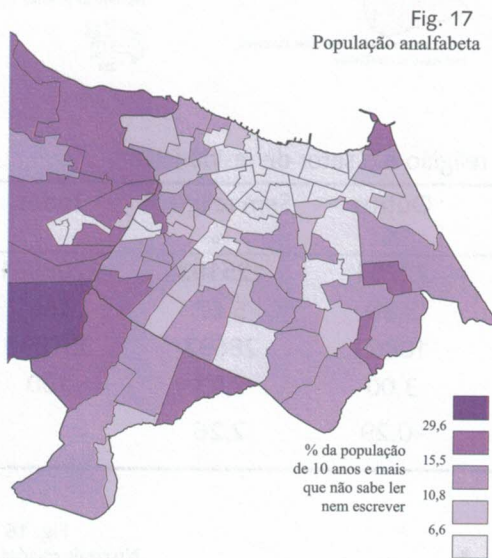
Tabela 5

Distribuição da população de Fortaleza segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	77,29	2,29	10,93	2,85	6,64	100
Médio	79,67	2,84	8,46	3,77	5,26	100
Alto	84,56	2,68	4,35	4,13	4,28	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição geográfica dos analfabetos confirma o modelo do tipo centro-periferia de exclusão social e revela uma grande diferença entre os bairros da capital, onde o nível de analfabetismo, com poucas exceções, não ultrapassa 15% dos seus habitantes, e o dos municípios vizinhos de Maracanaú e Caucaia, onde chega a atingir 30% da população (Fig. 17).

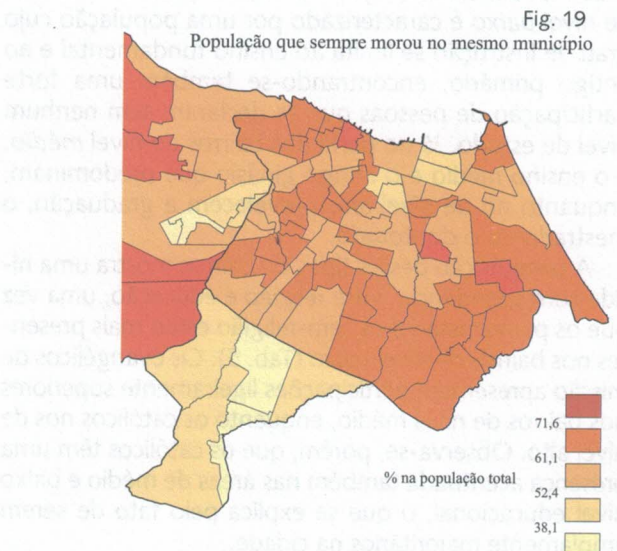


Cor da pele

O mapa da porcentagem de população não branca na população total apresenta um núcleo de maioria branca, que corresponde aos bairros de rendimentos altos e a boa parte dos de rendimentos médios (Fig. 18). À medida que se afasta dessa área mais abastada da cidade, várias auréolas sucessivas traduzem o progressivo aumento dos percentuais de população não branca, que chegam a representar três quartos da população na periferia.

Estabilidade da população

A população que sempre habitou em Fortaleza ultrapassa, freqüentemente, 61% dos seus habitantes, com exceção apenas de alguns bairros vizinhos do Centro, onde ela representa menos da metade dos moradores (Fig. 19). Esta é também a situação de Maracanaú, onde a porcentagem de pessoas naturais do município é inferior a 50% em todos os bairros, o que pode indicar que essa área periférica vem absorvendo os migrantes que se deslocam do interior em direção à capital ou aqueles que foram empurrados da capital para a periferia.



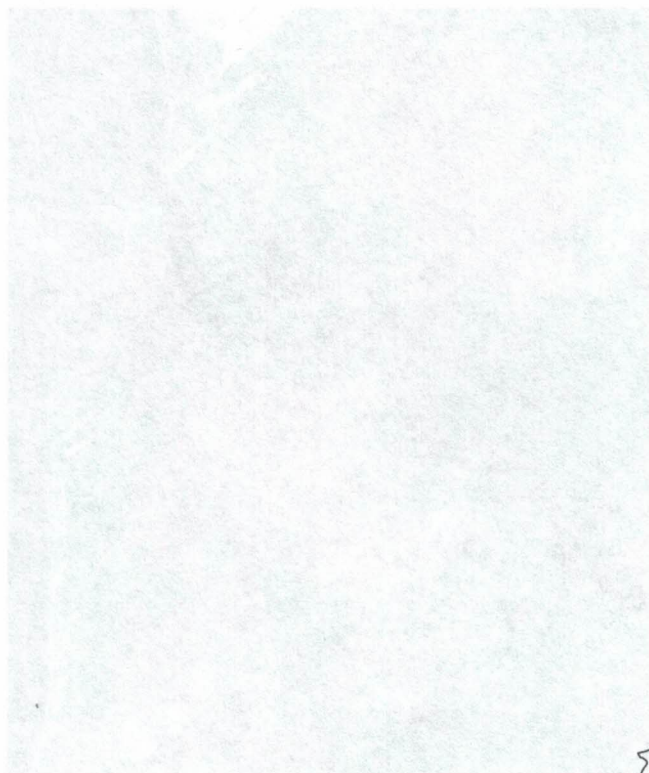
Natal



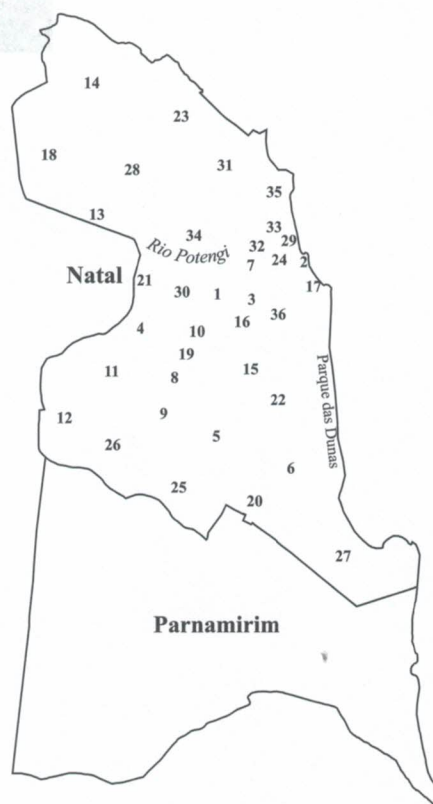
Localização dos principais pontos

1. Aeroporto
2. Praia de Ponta Negra
3. Praia de Lagoa Nova
4. Praia de Ponta Negra
5. Praia de Lagoa Nova
6. Praia de Lagoa Nova
7. Praia de Lagoa Nova
8. Praia de Lagoa Nova
9. Praia de Lagoa Nova
10. Praia de Lagoa Nova
11. Praia de Lagoa Nova
12. Praia de Lagoa Nova
13. Praia de Lagoa Nova
14. Praia de Lagoa Nova
15. Praia de Lagoa Nova
16. Praia de Lagoa Nova
17. Praia de Lagoa Nova
18. Praia de Lagoa Nova
19. Praia de Lagoa Nova
20. Praia de Lagoa Nova
21. Praia de Lagoa Nova
22. Praia de Lagoa Nova
23. Praia de Lagoa Nova
24. Praia de Lagoa Nova
25. Praia de Lagoa Nova
26. Praia de Lagoa Nova
27. Praia de Lagoa Nova
28. Praia de Lagoa Nova
29. Praia de Lagoa Nova
30. Praia de Lagoa Nova
31. Praia de Lagoa Nova
32. Praia de Lagoa Nova
33. Praia de Lagoa Nova
34. Praia de Lagoa Nova
35. Praia de Lagoa Nova
36. Praia de Lagoa Nova
37. Praia de Lagoa Nova
38. Praia de Lagoa Nova
39. Praia de Lagoa Nova
40. Praia de Lagoa Nova
41. Praia de Lagoa Nova
42. Praia de Lagoa Nova
43. Praia de Lagoa Nova
44. Praia de Lagoa Nova
45. Praia de Lagoa Nova
46. Praia de Lagoa Nova
47. Praia de Lagoa Nova
48. Praia de Lagoa Nova
49. Praia de Lagoa Nova
50. Praia de Lagoa Nova





Localização dos principais bairros



- 1 Alecrim
- 2 Areia Preta
- 3 Barro Vermelho
- 4 Bom Pastor
- 5 Candelária
- 6 Capim Macio
- 7 Cidade Alta
- 8 Cidade da Esperança
- 9 Cidade Nova
- 10 Dix-Sept Rosado
- 11 Felipe Camarão
- 12 Guarapes
- 13 Igapó
- 14 Lagoa Azul
- 15 Lagoa Nova
- 16 Lagoa Seca
- 17 Mãe Luiza
- 18 N.Sra. da Apresentação
- 19 N.Sra. de Nazaré
- 20 Neópolis
- 21 Nordeste
- 22 Nova Descoberta
- 23 Pajuçara
- 24 Petrópolis
- 25 Pitimbu
- 26 Planalto
- 27 Ponta Negra
- 28 Potengi
- 29 Praia do Meio
- 30 Quintas
- 31 Redinha
- 32 Ribeira
- 33 Rocas
- 34 Salinas
- 35 Santos Reis
- 36 Tirol

APRESENTAÇÃO

A capital do Rio Grande do Norte está localizada no litoral oriental do estado, na foz do Rio Potengi, e apresenta 20 km de orla marítima, onde se sucedem diversas praias, de grande atração turística. Com 712 316 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, concentra 25,7% da população estadual.

Natal se constitui no mais importante centro comercial e de prestação de serviços do estado, ligando-se por via aérea às principais capitais brasileiras, enquanto rodovias federais estabelecem as conexões terrestres. Assim, a BR-304, que atravessa o Rio Grande do Norte em sua parte setentrional, ao se conectar com a BR-116, permite a ligação da capital potiguar com Fortaleza. Já a BR-101, que atravessa o litoral sul do estado, se constitui num grande eixo de integração, uma vez que une Natal às capitais do Sudeste e Sul do país.

Origem e evolução

Em 1597, chegou ao local onde hoje se encontra a cidade de Natal uma expedição comandada pelo capitão-mor Manuel Mascarenhas Homem, com o objetivo de construir um forte e uma cidade, a fim de garantir a Portugal a posse do território brasileiro e defendê-lo das incursões francesas. Assim, em 6 de janeiro de 1598, os portugueses fundam o forte dos Reis Magos e, em 25 de dezembro de 1599, a cidade de Natal. O forte, que foi construído na foz do Rio Potengi, sobre arrecifes, é cercado pelo mar e possui a forma de uma estrela, o que lhe confere grande beleza arquitetônica.

A cidade de Natal foi ocupada em 1633 pelos holandeses, que a dominaram até 1654, quando, então, foram expulsos pelos portugueses. Os primeiros colonizadores praticavam uma agricultura de subsistência, pois a terra não se mostrava apta ao cultivo da cana-de-açúcar, e a cidade pouco se desenvolveu. Na verdade, Natal só teve um impulso considerável no século XX, com a construção do seu porto, em 1932, que veio dinamizar a sua economia.

Outro fato importante para o desenvolvimento da cidade foi a construção de uma base aérea americana, como resultado do acordo entre os presidentes do Brasil e dos EUA, Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt, no encontro que tiveram em Natal, em 1943. A assinatura desse acordo, que permitiu a criação da base americana em território brasileiro, era parte do esforço militar dos países Aliados para enfrentar as potências do Eixo, na Segunda Guerra Mundial. Assim, com a chegada

à capital potiguar de cerca de 10 000 soldados norte-americanos que vieram utilizar a base, ocorreu uma dinamização da economia local e uma mudança na fisionomia da cidade, com o surgimento de novos bairros e a abertura de amplas avenidas.

Expansão urbana

O início da ocupação urbana de Natal se deu junto ao Forte dos Reis Magos, no atual bairro da Ribeira, pela população mais pobre que construía as suas casas perto do porto. Já as classes mais abastadas habitavam a parte alta da cidade, onde hoje se encontra o centro da capital. São testemunhos dos primeiros séculos de existência da cidade a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, de 1599, a Igreja de Santo Antônio, de 1760, localizadas no centro, e ainda, o Teatro Alberto Maranhão, de 1904, no bairro da Ribeira.

O município de Natal possui atualmente 36 bairros, distribuídos em quatro regiões administrativas, conforme definição do Plano Diretor de 1994. A cidade vem crescendo através de um intenso processo de verticalização, como acontece, aliás, na maior parte das capitais brasileiras. Além disso, a expansão urbana vem ocorrendo também em direção a Parnamirim, ao sul, e a São Gonçalo do Amarante, a oeste, municípios que integram a sua região metropolitana.

O crescimento urbano de Natal tem se dado, em grande parte, em função do processo migratório do interior para a capital, fruto da decadência de atividades agrícolas tradicionais e de mudanças nas relações de trabalho no campo¹. Outro fator que não deve ser negligenciado, como propulsor das migrações, são as numerosas secas que têm ocorrido no estado, nas últimas décadas. Naturalmente, o deslocamento de contingentes populacionais para Natal em busca de emprego, educação e saúde, além de provocar um crescimento urbano acelerado, traz em seu bojo problemas sociais de toda natureza, como, por exemplo, o aumento do número de favelas.

Na tentativa de solucionar a demanda por moradias, iniciou-se a construção de conjuntos habitacionais pela Companhia de Habitação (COHAB), que se localizaram sobretudo na zona norte da cidade, na margem esquerda do Rio Potengi.

A observação da imagem do satélite Landsat, que se encontra na página de abertura deste capítulo, mostra que a malha urbana da cidade, de cor rosa, apresenta

¹ Em relação à migração e expansão urbana de Natal, consultar: Anelino Francisco da Silva, Migração e crescimento urbano: uma reflexão sobre a cidade de Natal. In: *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, nº 94 (74), 01/08/2001. <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-74.htm>>

uma descontinuidade, em decorrência da necessidade de adaptação a fatores naturais. Assim, a parte central da capital se encontra limitada, de um lado, pelo Rio Potengi, e de outro, por uma faixa de dunas que se prolonga pelo litoral sul do município. De fato, o rio divide a cidade em duas partes e impede a ocupação humana nos terrenos alagados de suas margens.

Atividades econômicas

A expansão das atividades econômicas no município de Natal, nas últimas décadas, se deve, em grande parte, à implantação de indústrias e ao crescimento do turismo, atividades que são beneficiadas pela existência de uma boa infra-estrutura de transportes, como aeroporto, porto e eixos rodoviários federais para a circulação de mercadorias e do fluxo de turistas.

O Distrito Industrial de Natal está localizado numa área que abrange os municípios da capital, de Extremoz e de São Gonçalo do Amarante, na margem da BR-406, onde estão instaladas grandes empresas dos ramos de alimentação, vestuário e calçados. Natal conta também com o Centro Industrial Avançado, no município de Macaíba, à margem da BR-304.

Além das facilidades de acesso a rodovias federais, esses distritos se encontram bem localizados em relação ao Porto de Natal, situado na margem direita do Rio Potengi, a uma distância de 3km da sua foz. Junto ao porto, há também o terminal de Dunas, privativo da Petrobras, especializado na movimentação de combustíveis. A área de influência do Porto de Natal inclui todo o Rio Grande do Norte, além dos estados vizinhos da Paraíba e do Ceará.

A capital potiguar, além da indústria, tem no turismo uma de suas atividades econômicas mais importantes, em decorrência do grande apelo exercido pelo extenso litoral do estado, onde se encontram inúmeras praias, dunas e falésias. Assim, em função da expansão do turismo, a cidade vem crescendo, o que levou à reurbanização da orla marítima, à ampliação da rede hoteleira e à modernização do Aeroporto Augusto Severo, localizado no município de Parnamirim. Desse modo, o turismo se apresenta hoje como uma importante fonte de geração de emprego e renda para boa parte de sua população.

RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram mudanças expressivas no perfil religioso da população de Natal, como a redução do percentual de católicos, ao mesmo

Densidade e crescimento populacional

Em Natal, observam-se nítidos contrastes quanto à distribuição das taxas de densidade, com níveis mais elevados na margem direita do Rio Potengi (Fig.1). Assim, as maiores concentrações demográficas se encontram em bairros como Alecrim, Barro Vermelho ou Lagoa Seca. Já na Ribeira e na Cidade Alta, áreas do núcleo original de Natal, as densidades são elevadas, porém um pouco mais baixas do que a dos bairros mencionados. Nesse mesmo nível, situa-se a faixa litorânea, onde se localizam as praias do Forte, do Meio e dos Artistas.

Ainda com elevadas taxas de densidade, destacam-se bairros distantes do centro, como Potengi, ao norte, e Neópolis, ao sul, onde se concentram habitantes de baixa renda, que vivem em conjuntos habitacionais. Já as mais baixas densidades se encontram numa extensa faixa litorânea, ao sul da cidade, e em Parnamirim. O município de Natal apresentou, no período de 1991 a 2000, um crescimento populacional de 105 429 habitantes, numa taxa média de crescimento anual de 1,8%.

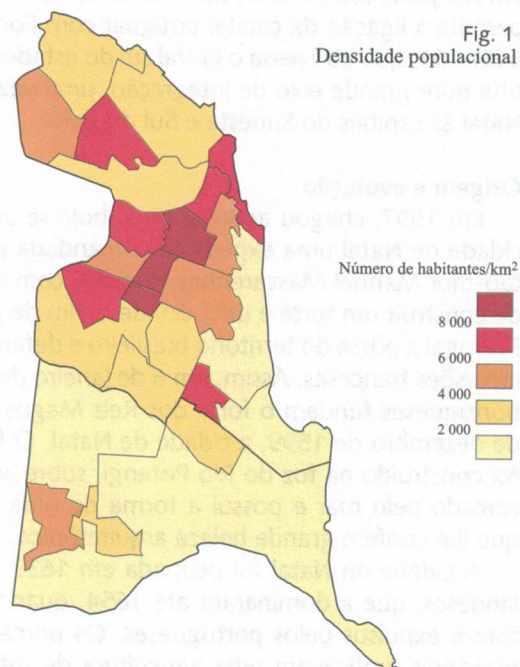


Fig. 1
Densidade populacional

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Natal (município)	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	76,6	3,0	10,2	3,0	7,3
1991	85,6	1,9	5,3	2,0	5,2
2000-1991	-9,0	1,1	4,9	1,0	2,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

tempo em que aumentavam as porcentagens dos evangélicos pentecostais e das pessoas que se declaravam sem religião.

Católicos

Natal situa-se em terceiro lugar entre as capitais brasileiras, quanto à importância dos católicos, que aí representam 76,6% de sua população, superada apenas por Teresina e Fortaleza (Tab.1). No entanto, a religião católica sofreu uma perda substancial de fiéis na capital potiguar, de -9 pontos percentuais, entre 1991 e 2000, o que possibilitou a expansão de outras confissões religiosas.

A distribuição dos católicos na cidade revela que os mais elevados percentuais se encontram na parte leste da cidade, sobretudo nos bairros de Petrópolis e Tirol, onde seu peso chega a atingir 85% da população (Figs. 2 e 3). A partir desse núcleo central, observa-se a sua diminuição, mais acentuada em direção ao norte do que ao sul. Assim, em Santos Reis, a porcentagem decresce a 75%, enquanto em Lagoa Nova, Nova Descoberta e Candelária, a proporção de católicos se mantém em

torno de 80%. Este mesmo percentual é encontrado ainda em bairros mais afastados, no sul do município de Parnamirim. Em contrapartida, é nos bairros de Redinha e Pajuçara, na margem esquerda do Rio Potengi, bem como no oeste de Parnamirim, que o catolicismo apresenta os seus percentuais mais baixos.

Evangélicos de Missão

Com pouco mais de 21 000 fiéis, os evangélicos de missão representam apenas 3% da população de Natal, e seu crescimento, entre 1991 e 2000, foi pouco significativo, de +1,1 pontos percentuais. A geografia dos evangélicos de missão revela que eles se destacam em duas áreas da cidade: no leste de Natal e no oeste de Parnamirim, onde ultrapassam 5% da população (Figs. 4 e 5). Já no norte da capital e, principalmente,

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

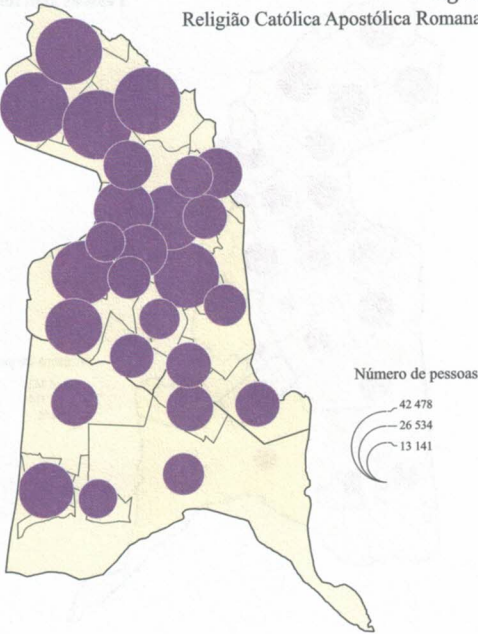


Fig. 4
Religiões Evangélicas de Missão

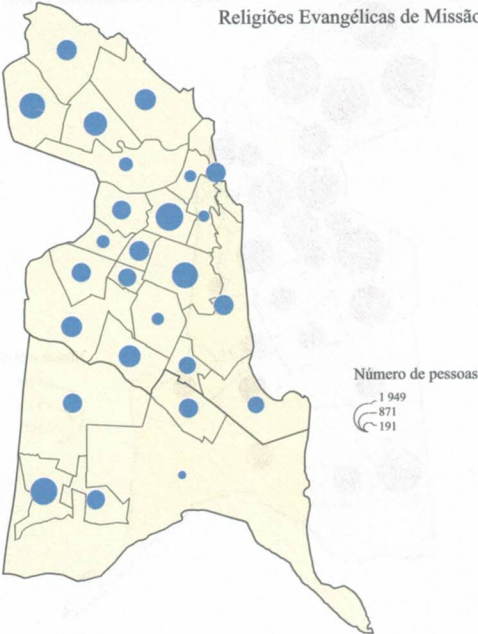


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana

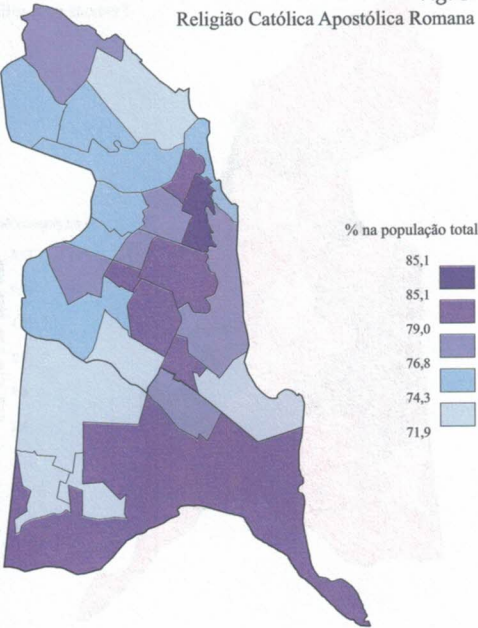
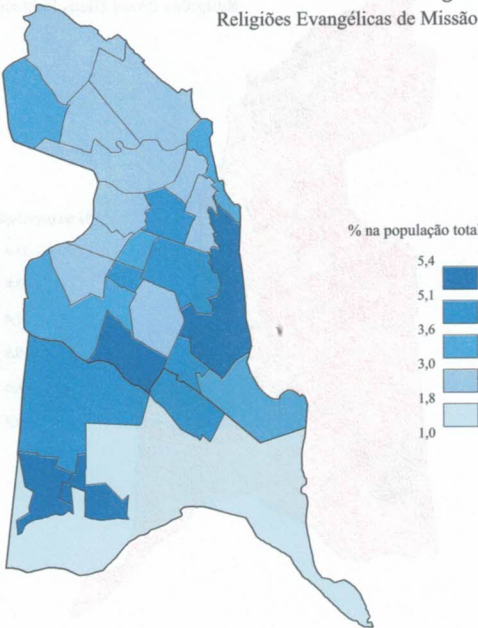


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão



no extremo sul de Parnamirim eles se mostram muito pouco expressivos. Os batistas se constituem no seu grupo mais representativo, uma vez que reúnem mais de 15 000 fiéis, ou seja, quase três quartos dos evangélicos de missão de Natal.

Evangélicos Pentecostais

A porcentagem dos evangélicos pentecostais praticamente dobrou entre 1991 e 2000, uma vez que passou de 5,3% a 10,2%. Apesar desse forte aumento, Natal, com 73 000 adeptos, não é das capitais brasileiras com maiores percentuais de pentecostais.

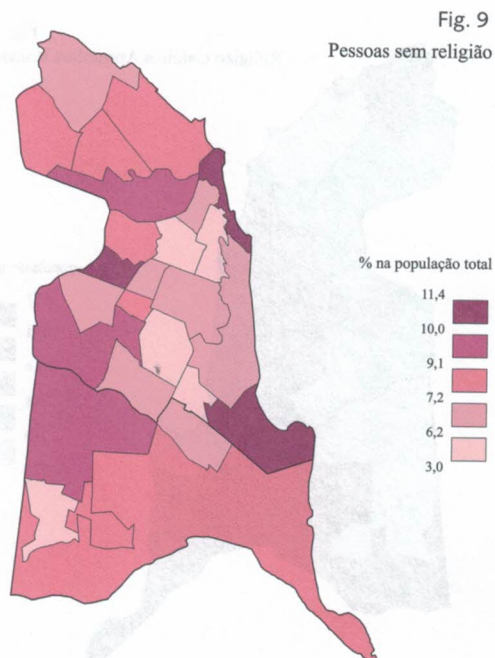
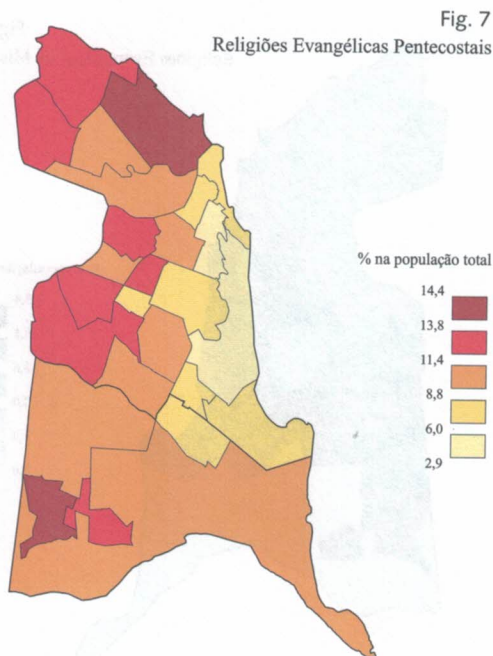
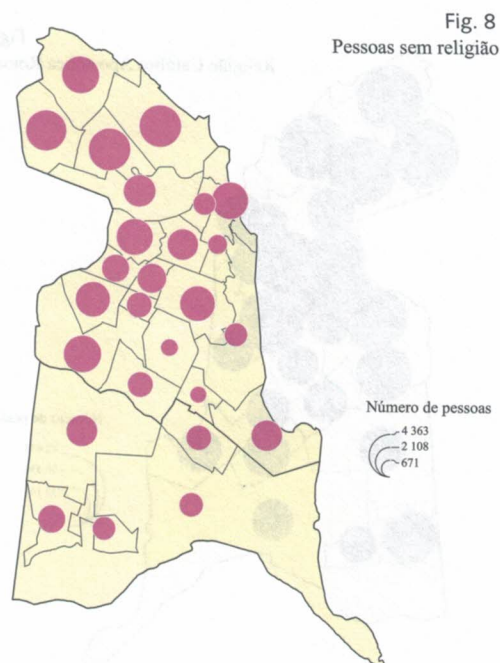
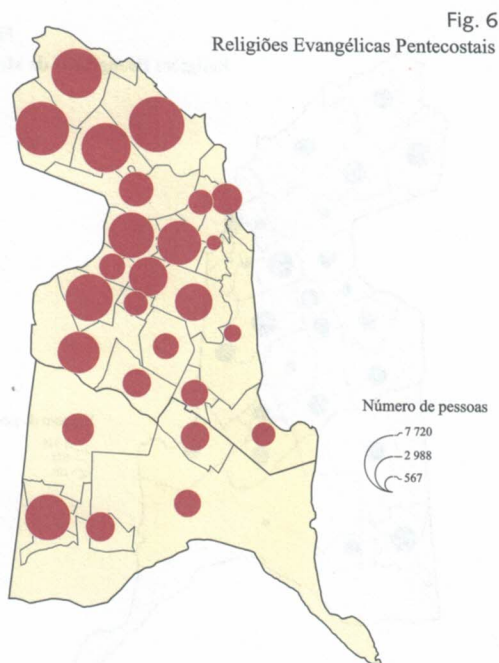
Observa-se que eles são mais expressivos no norte da cidade, em Pajuçara e em Redinha, onde atingem quase 15% da população (Figs. 6 e 7). Além dessa área, se destacam também nos bairros de Nordeste, Felipe

Camarão e Guarapes, no oeste da cidade, na margem direita do Rio Potengi, onde representam 12% da população. Já em Parnamirim, os seus percentuais se situam, na maior parte do território, em torno de 10% de fiéis.

Dentre os grupos pentecostais, a Assembléia de Deus, com mais de 55 000 membros, é amplamente majoritária em Natal, seguida de longe pela Igreja Universal do Reino de Deus, que possui somente 13 000 fiéis.

Sem religião

Natal se caracteriza como uma cidade onde a filiação religiosa se mantém acentuada, uma vez que apenas 7,3% da sua população se declara sem religião, situação muito diferente da de Salvador, por exemplo,



onde os percentuais atingem 18%. Nota-se ainda que o seu crescimento se mostrou pouco acentuado, de +2 pontos percentuais, no período de 1991 a 2000.

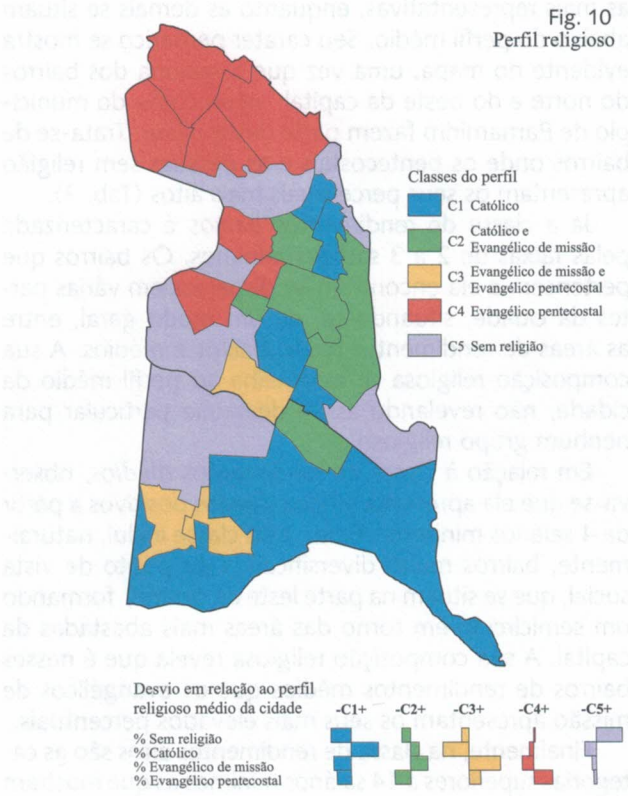
O mapa das pessoas sem religião apresenta um padrão disperso, com os seus percentuais mais elevados, acima de 10%, em diferentes partes da cidade, como Santos Reis, ao norte, Ponta Negra, ao sul, e Bom Pastor, a oeste (Figs. 8 e 9). Já na parte central da cidade, área onde os católicos estão mais concentrados, os percentuais das pessoas sem religião não ultrapassam 7% da população.

Perfil religioso

Em Natal, foram identificadas cinco classes quanto ao perfil religioso de sua população. Os católicos se destacam na parte central da cidade (classe 1), em bairros como Cidade Alta, Ribeira, Petrópolis e Tirol e, mais ao sul, nos de Candelária e Neópolis (Fig. 10). Predominam também na maior parte do município de Parnamirim, no sul da região metropolitana. Já noutras partes da capital, como em Lagoa Nova, Nova Descoberta e Capim Macio, os católicos dividem espaço com os evangélicos de missão (classe 2).

Além dessas áreas caracterizadas pela maior importância dos católicos, observam-se dois espaços marcados pela presença simultânea de evangélicos de missão e de pentecostais, um a sudoeste de Natal e outro no oeste de Parnamirim (classe 3). Por fim, o extremo norte do município, bem como os bairros de Nordeste e Felipe Camarão, a oeste da cidade, se destacam pela pre-

sença acentuada dos pentecostais (classe 4), enquanto as pessoas sem religião ocupam espaços nos interstícios desses diferentes perfis religiosos (classe 5).



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Natal permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Natal pertence ao grupo de capitais brasileiras com acentuada pobreza, uma vez que 81% da sua população

declara receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 59% apenas um ou menos (Tab. 2). Nesse quadro por si só já bastante grave, mais de 65% dos evangélicos pentecostais se encontram na classe de 0 a 1 salário, enquanto os fiéis dos demais grupos religiosos se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, evangélicos de missão e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Natal com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	58,7	56,6	65,5	49,2	59,5	59,0
2-3 sm	22,2	21,0	21,2	18,3	22,1	22,0
4-6 sm	8,7	10,0	7,1	12,5	8,3	8,7
7-10 sm	4,7	5,1	3,4	7,3	4,3	4,6
11-16 sm	2,0	2,7	1,4	4,4	2,0	2,0
17-20 sm	1,6	1,9	0,8	3,4	1,7	1,6
> de 20 sm	2,1	2,7	0,7	4,9	2,1	2,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição das classes de rendimentos em Natal se organiza, de modo geral, segundo três anéis concêntricos (Fig. 11). A classe de rendimentos *muito baixos* revela que as categorias de 0 a 2 salários mínimos são as mais representativas, enquanto as demais se situam abaixo do perfil médio. Seu caráter periférico se mostra evidente no mapa, uma vez que a maioria dos bairros do norte e do oeste da capital, assim como do município de Parnamirim fazem parte desta classe. Trata-se de bairros onde os pentecostais e as pessoas sem religião apresentam os seus percentuais mais altos (Tab. 3).

Já a classe de rendimentos *baixos* é caracterizada pelas faixas de 2 a 3 salários mínimos. Os bairros que pertencem a ela encontram-se dispersos em várias partes da cidade, situando-se, de um modo geral, entre as áreas de rendimentos muito baixos e médios. A sua composição religiosa se assemelha ao perfil médio da cidade, não revelando assim destaque particular para nenhum grupo religioso.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, observa-se que ela apresenta nítidos desvios positivos a partir de 4 salários mínimos. Assim, esta classe inclui, naturalmente, bairros muito diversificados do ponto de vista social, que se situam na parte leste da cidade, formando um semicírculo em torno das áreas mais abastadas da capital. A sua composição religiosa revela que é nesses bairros de rendimentos médios que os evangélicos de missão apresentam os seus mais elevados percentuais.

Finalmente, na classe de rendimentos *altos* são as categorias superiores a 14 salários mínimos as que mostram maiores desvios positivos. Apenas três bairros de Natal se incluem neste perfil de rendimentos mais elevados: Petrópolis, Tirol e Capim Macio, situados na orla oceânica. Do ponto de vista religioso, os bairros de Petrópolis e Tirol se destacam pela elevada proporção de católicos, a mais alta da cidade, da ordem de 85%, se constituindo, portanto, no principal bastião da Igreja Católica.

Fig. 11
Rendimentos

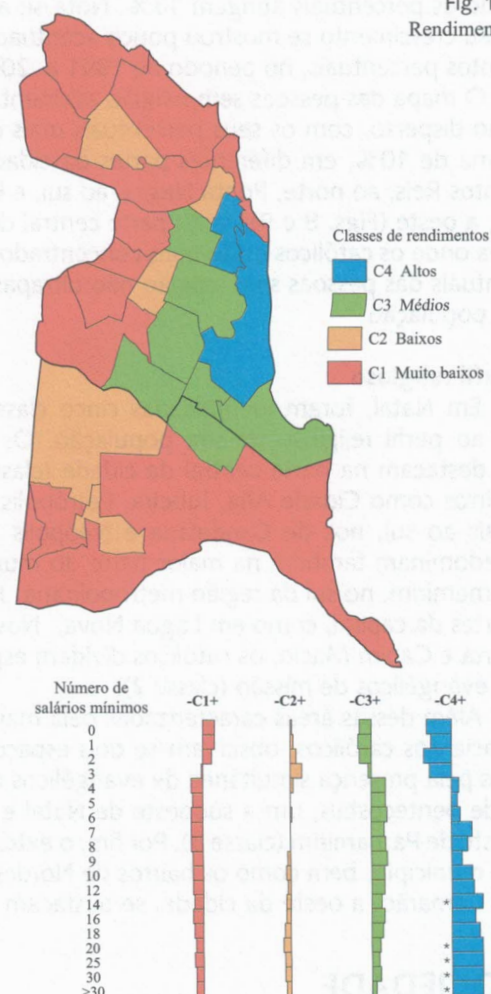


Tabela 3

Distribuição da população de Natal com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	75,42	2,65	12,01	2,10	7,82	100
Baixos	75,99	3,31	10,20	2,92	7,58	100
Médios	77,39	3,80	8,42	4,47	5,92	100
Altos	80,97	3,58	3,39	6,32	5,74	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Religião e baixos rendimentos

A identificação do lugar de residência segundo o rendimento afeta, de maneira diferente, os habitantes de Natal, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne 59% da população, observa-se uma nítida diferença entre a localização dos católicos de rendimentos muito baixos, situados, sobretudo, nos bairros da parte leste da cidade, que se caracterizam por rendimentos médios e altos (Fig. 12), e a dos pentecostais, concentrados nas periferias pobres do norte, oeste e sul (Fig. 13). Já

os sem-religião de baixa renda se encontram, muitas vezes, nas mesmas áreas dos pentecostais pobres, com exceção dos bairros de Santos Reis, Praia do Meio e Areia Preta, no litoral norte da capital (Fig. 14).

Observa-se então que, em Natal, os pobres pentecostais estão sobretudo na periferia, enquanto os pobres católicos não se encontram segregados em áreas distantes na região metropolitana, uma vez que habitam os bairros centrais onde contribuem para a diversidade social da sua população.

Níveis de educação

Os bairros de Natal podem ser classificados em quatro tipos, quanto ao nível de educação da população que neles habita. A localização geográfica das classes identificadas se assemelha muito à do mapa dos rendimentos (Figs. 11 e 15). O perfil educacional dos bairros de nível *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, encontrando-se também aí uma forte participação de pessoas sem nenhum nível de escolaridade.

Já no perfil dos bairros de nível *médio*, é o ensino médio e o antigo ginásio que predominam, ao passo que no de nível *médio/alto* prevalecem os antigos cursos clássico e científico e o ensino superior (graduação). Finalmente, nos bairros de nível escolar *alto* são os cursos de mestrado e doutorado que se destacam.

A composição desses tipos de bairros mostra uma nítida correspondência entre religião e educação (Tab. 4). Assim, os pentecostais e os sem-religião estão mais presentes nos bairros de nível educacional baixo, enquanto os evangélicos de missão apresentam as suas maiores porcentagens nos de nível médio/alto. Já os católicos atingem os seus mais altos percentuais nos bairros de nível alto, com diferenças, porém, pouco significativas em relação aos outros tipos de bairros, o que se explicaria pelo fato de serem amplamente majoritários na cidade.

Fig. 12
Total de rendimentos
População que recebe até
1 salário mínimo
(julho de 2000)

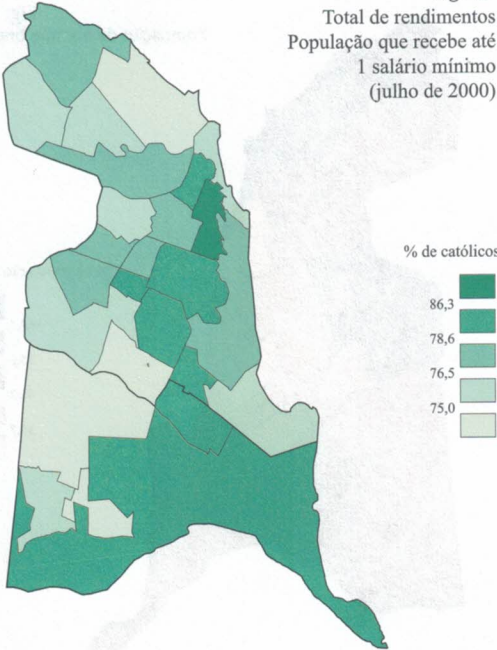


Fig. 13
Total de rendimentos
População que recebe até
1 salário mínimo
(julho de 2000)

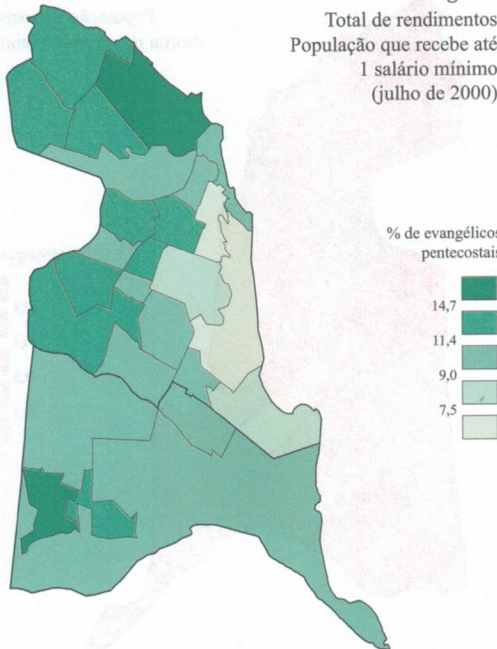


Fig. 14
Total de rendimentos
População que recebe até
1 salário mínimo
(julho de 2000)

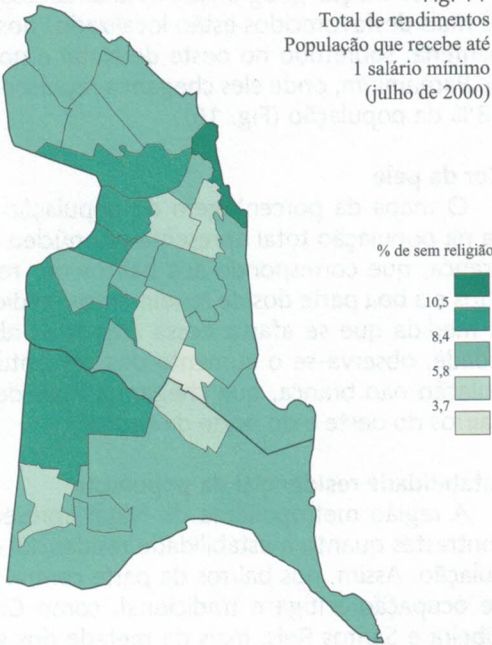


Fig. 15
Níveis de estudos

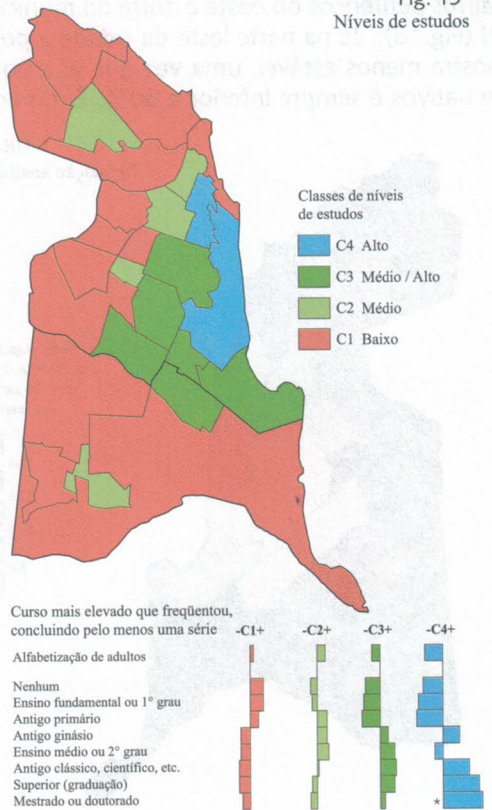


Tabela 4
Distribuição da população de Natal segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	75,43	2,75	11,89	2,11	7,82	100
Médio	76,55	3,49	9,96	3,26	6,75	100
Médio/Alto	77,39	3,70	7,85	4,86	6,20	100
Alto	80,97	3,58	3,39	6,32	5,74	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição geográfica dos analfabetos revela que os mais desfavorecidos estão localizados nos bairros da periferia, sobretudo no oeste de Natal e no município de Parnamirim, onde eles chegam a representar mais de 18% da população (Fig. 16).

Cor da pele

O mapa da porcentagem de população não branca na população total apresenta um núcleo de maioria branca, que corresponde aos bairros de rendimentos altos e a boa parte dos de rendimentos médios (Fig. 17). À medida que se afasta dessa área mais abastada da cidade, observa-se o aumento dos percentuais de população não branca, que chegam a mais de 60% nos bairros do oeste e do norte da capital.

Estabilidade residencial da população

A região metropolitana de Natal apresenta nítidos contrastes quanto à estabilidade residencial de sua população. Assim, nos bairros da parte central da capital, de ocupação antiga e tradicional, como Cidade Alta, Ribeira e Santos Reis, mais da metade dos seus moradores sempre habitou aí, o que acontece também nos bairros periféricos do oeste e norte do município de Natal (Fig. 18). Já na parte leste da cidade a população se mostra menos estável, uma vez que aí a porcentagem de nativos é sempre inferior a 50%. É, no entanto, em

Parnamirim que se encontram os mais baixos níveis de estabilidade, o que pode indicar que essa área periférica vem absorvendo os migrantes que se deslocam do interior para a capital ou aqueles que foram empurrados da capital para a periferia.

Fig. 17
População de cor não branca

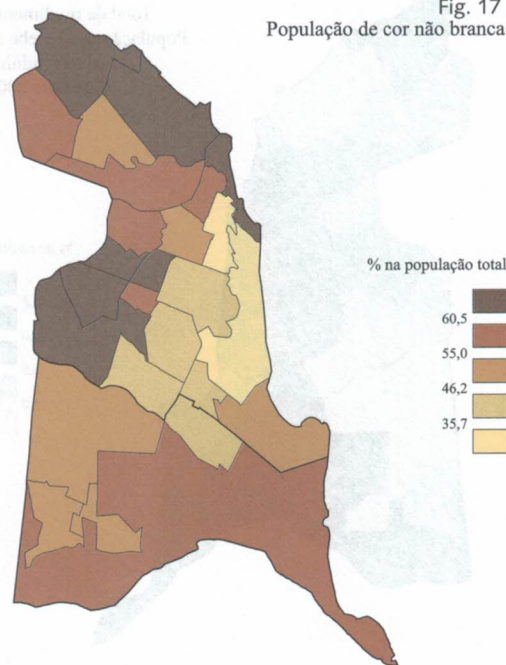


Fig. 18
População que sempre morou no mesmo município

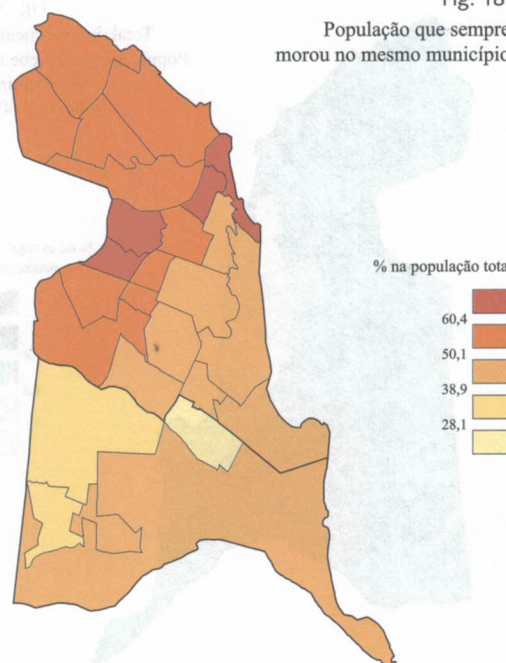
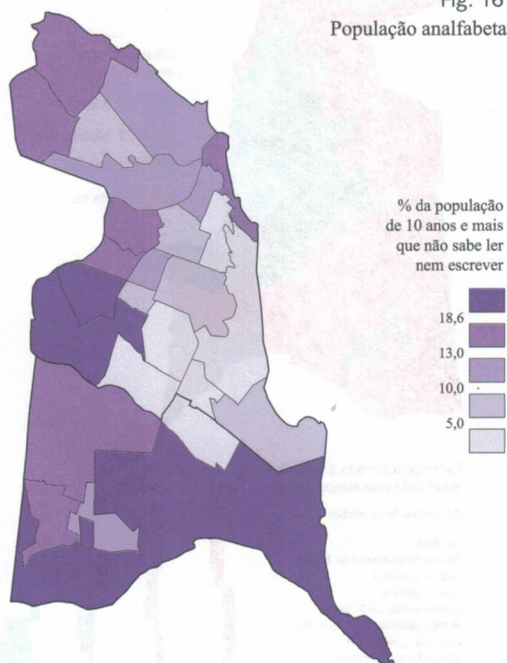
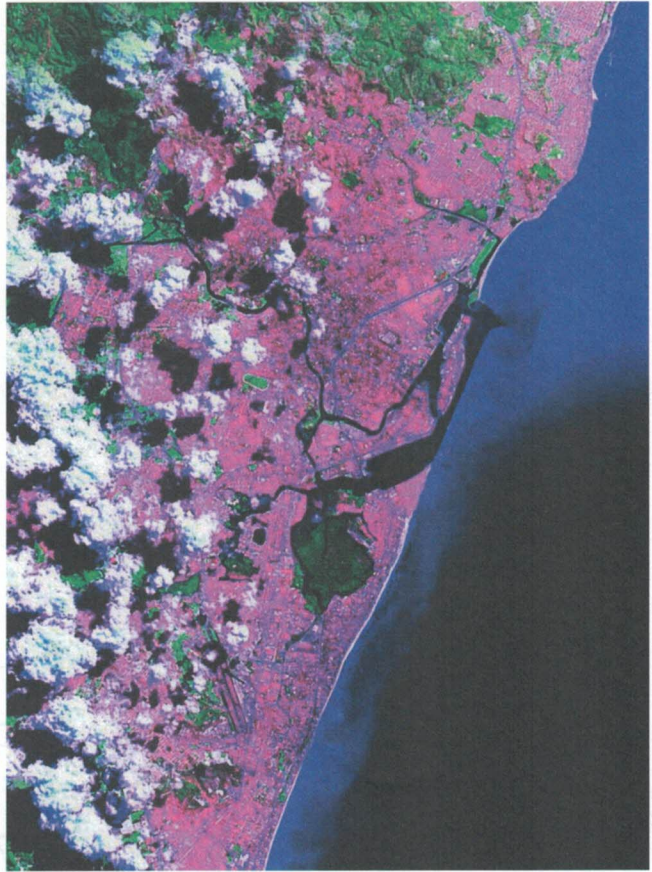


Fig. 16
População analfabeta





Localização dos principais bairros



APRESENTAÇÃO

A capital de Pernambuco está localizada no litoral, na foz dos rios Capibaribe, Beberibe e Jordão, onde se encontram as ilhas de Recife, Santo Antônio e Boa Vista, que se ligam entre si e ao continente por um grande número de pontes. Com 1 422 904 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, a capital concentra 18% da população do estado.

Sede de uma região metropolitana cuja área de influência extrapola os limites do estado, Recife liga-se às demais capitais brasileiras por via aérea e por rodovias federais. Assim, a BR-101, que atravessa Pernambuco na sua faixa litorânea, se constitui num grande eixo de integração, uma vez que une Recife a capitais do Nordeste, Sudeste e Sul do país. Já a BR-232, que corta o estado de leste a oeste, permite a ligação da capital com o sertão. Estradas estaduais convergem para esses eixos, facilitando as ligações de Recife com o interior.

Origem e evolução

Em 1535, Duarte Coelho toma posse da capitania de Pernambuco e, três anos mais tarde, funda a vila de Olinda, que se torna a sede desse governo. Dá início ao cultivo da cana-de-açúcar, levando prosperidade à capitania, que passa a atrair, então, a cobiça de outros países europeus. Assim, em 1630, os holandeses conquistam Pernambuco e alguns anos depois chega Maurício de Nassau (1637), na condição de governador do território conquistado aos portugueses.

Durante a dominação holandesa que durou até 1654, a capital é transferida de Olinda para Recife, que passa a se beneficiar de uma série de melhorias, resultantes do plano de urbanização empreendido por Maurício de Nassau, que deixa até hoje suas marcas na capital pernambucana. Para a execução desse plano, Nassau trouxe da Europa cientistas, escritores e artistas que ajudaram a tornar Recife uma cidade com prédios novos, ruas arborizadas, jardins, diques e pontes.

Após a expulsão dos holandeses, Recife continuou se desenvolvendo, em função das atividades ligadas ao seu porto, controladas por comerciantes portugueses. Em 1710, passa à condição de vila, o que vai contrariar os interesses dos senhores-de-engenho, que viviam em Olinda, dando origem à Guerra dos Mascates, uma revolta de cunho nativista. Já em 1823 Recife é elevada à categoria de cidade e, quatro anos mais tarde, à de capital da província. Durante a primeira metade do século

XIX, Recife foi palco de uma série de revoltas, como a Revolução Pernambucana (1817), a Confederação do Equador (1824) e a Revolução Praieira (1848).

Com a exportação do algodão, a função portuária volta a se dinamizar, o que levou a capital pernambucana a ocupar, no final do século XIX, a posição de grande centro comercial. Já no século XX, o crescimento de Recife se deve ao desenvolvimento industrial, estimulado pelos incentivos fiscais da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

Expansão urbana¹

A área central de Recife, que desde o final dos anos 1980 tem sido objeto de revitalização de seu antigo centro, compreende três bairros históricos: o de Recife, Santo Antônio e São José. O bairro de Recife situa-se na desembocadura dos rios Beberibe e Capibaribe e ocupa toda a ilha do mesmo nome. Parte do bairro se caracteriza hoje como um centro de negócios, destacando-se atividades tradicionais vinculadas ao porto e ao comércio atacadista, além de escritórios de empresas e sedes bancárias. É aí também que se encontram a Prefeitura Municipal e as sedes de alguns órgãos públicos.

O Porto de Recife teve grande parte de suas atividades transferidas para o de Suape, no município de Ipojuca, na região metropolitana. Esse deslocamento repercutiu naturalmente em diversas atividades e práticas associadas ao movimento portuário, tal como a estiva e os práticos da barra. Hoje o bairro portuário de Recife apresenta outra fisionomia, com empreendimentos na área de turismo. A construção de um Terminal Marítimo de Passageiros é uma outra mudança que mostra a intenção de inserir Pernambuco na rota dos cruzeiros marítimos internacionais.

Atravessando-se o Rio Capibaribe, chega-se ao bairro de Santo Antônio, área central da cidade onde se localiza o Palácio do Governo do estado. Já o bairro de São José, bem como os de Joana Bezerra e Cabanga são contornados pelos braços do Rio Capibaribe e concentram grande número de estabelecimentos comerciais voltados para diferentes classes sociais.

Pode-se afirmar que hoje Recife se tornou um pólo de serviços, o que não acontece nos demais municípios circunvizinhos. A capital concentra não apenas a administração estadual, mas representa o principal centro da administração federal no Nordeste, uma vez

¹ Para as transformações urbanas em Recife, ver os seguintes trabalhos: Heleniza Ávila Campos, Comércio na área central do Recife: novos e antigos conceitos acerca da história da cidade. In: *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, vol. VI, nº 119 (57), 01/08/2002. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-57.htm>>; Maria Ângela de Almeida Souza, Política habitacional para os excluídos: o caso da Região Metropolitana de Recife. In: <http://www.ippur.ufrrj.br/observatorio/download/rmre_polhab.pdf>

que nela se encontram sedes de organismos, como a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), Comando Militar do Nordeste e Justiça Federal.

Recife é, no entanto, uma cidade marcada por uma enorme diversidade de padrões de ocupação do solo, revelando profundos contrastes sociais. A população pobre, ao longo do tempo, se concentrou em espaços alagados da planície e mais tarde passou a habitar os morros que se localizam em torno do centro. Já a população mais abastada sempre habitou a parte plana da cidade, inicialmente o centro e, mais tarde, novas áreas da orla ou terrenos conquistados através de aterros de áreas alagadas, que passaram a ter alto valor imobiliário. O crescimento urbano acentuou então a disputa pela terra e acirrou conflitos entre o setor imobiliário e a população pobre que ocupava áreas que passaram a ser cobiçadas pelas empresas de construção civil.

Na capital pernambucana a pobreza é percebida não só pela existência de um grande número de moradores de rua, mas, principalmente, pela presença de favelas incrustadas em meio a bairros residenciais de classes mais favorecidas. Assim, em praticamente todos os bairros de população de renda mais elevada, se verifica esse contraste, representado por assentamentos pobres, sem serviços de infra-estrutura básica, no interior dos próprios bairros ricos. De acordo com levantamento feito pela Prefeitura, nenhum bairro de Recife fica situado a mais de 1,2 km de uma das favelas da cidade.

A política habitacional dos anos 1970, baseada em conjuntos residenciais, levou a população de mais baixa renda para fora do município da capital, como foi o caso do bairro de Curado, situado em Jaboatão dos Guararapes. Tais áreas apresentam moradias de baixa qualidade e se constituem em grandes guetos de exclusão urbana, onde vive parcela considerável da população metropolitana.

A expansão urbana deu também origem a núcleos novos, como é o caso dos municípios de Abreu e Lima e Camaragibe, que surgiram da urbanização de trechos de rodovias situadas nos limites de Recife. Na verdade, no processo de urbanização que ocorreu na década de 1970, a expansão de assentamentos populares se caracterizou por um duplo movimento: o deslocamento de população de baixa renda do núcleo metropolitano para a periferia urbana, através da política de edificação de conjuntos habitacionais, e um movimento de invasões coletivas de terrenos urbanos, por famílias mais pobres, sem condições de acesso ao financiamento do Banco Nacional de Habitação (BNH), numa tentativa de se fixarem no município-sede da região metropolitana, em áreas próximas aos seus locais de trabalho.

Na década de 1980, dá-se uma mudança radical na política habitacional com a criação de programas voltados à urbanização de assentamentos, já consolidados nas cidades. Esta nova ação começou nos morros da zona norte da capital, com o apoio da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife, liderada pelo arcebispo, já falecido, D. Helder Câmara, que reunia intelectuais, políticos e técnicos de órgãos públicos em torno da questão da moradia.

A expansão urbana e a ocupação desordenada de terrenos têm sido responsáveis pelo desequilíbrio ecoló-

gico, sobretudo nos recursos hídricos, repercutindo negativamente nos níveis de qualidade de vida da população da capital pernambucana. Assim, os manguezais do estuário de Recife vêm sendo destruídos através de aterros, restando apenas, como último remanescente desse ecossistema, o manguezal do Pina, rodeado por favelas e cobiçado pela especulação imobiliária, uma vez que se encontra na zona sul, área muito valorizada da cidade.

Dentre as diversas ilhas que fazem parte desse grande manguezal urbano, a maior é a Ilha de Deus, banhada pelos rios Pina e Jordão, que pode ser vista, muito claramente, na imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, num forte contraste com partes densamente edificadas da cidade, de cor rosa, como Brasília Teimosa, Pina e Boa Viagem, a leste, e Imbiribeira, a oeste. Na verdade, esta imagem revela muito bem a própria configuração física de Recife, formada por ilhas no centro e cortada por rios e canais. Percebe-se que a ocupação humana se apresenta muito acentuada em toda a orla marítima, decrescendo em relação ao interior, onde se nota a presença de áreas verdes.

Atividades econômicas

As atividades econômicas mais importantes da região metropolitana de Recife são a indústria, o comércio, os serviços e o turismo. O seu parque industrial apresenta-se diversificado e descentralizado, uma vez que se divide pelos distritos industriais de Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão dos Guararapes e Paulista, onde se destacam as indústrias de alimentos, têxtil, química, metalúrgica, de material elétrico e de comunicação.

Dentre os produtos alimentícios, o açúcar é o mais importante, sendo exportado pelo Porto de Recife, localizado no leste da ilha do mesmo nome. Além do açúcar, são movimentados também por esse porto, cuja área de influência se estende por vários estados nordestinos, milho e trigo. Já o Porto de Suape tem a sua movimentação básica no setor de derivados de petróleo e, em menor escala, no de frutas provenientes dos projetos de irrigação localizados às margens do Rio São Francisco.

Deve-se mencionar ainda, na capital pernambucana, a existência de um moderno pólo de informática, o Porto Digital, que concentra empresas de tecnologia de informação e comunicação, iniciativa que contou com a participação do governo estadual, da Universidade Federal de Pernambuco e de algumas instituições privadas. Situa-se na Ilha de Recife, no antigo bairro portuário da cidade, e a sua instalação neste local foi responsável pela revitalização de um grande número de prédios históricos, o que tornou esta área mais atraente do ponto de vista turístico.

Aliás, Recife e Olinda são as cidades pernambucanas mais visitadas pelos turistas, não só em função de suas praias, mas também da arquitetura do Brasil colonial. Assim, Recife mostra, através de suas ruas e monumentos, que é possível a convivência do passado colonial com a modernidade de uma grande metrópole. Já Olinda, declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco, em 1982, é uma cidade que se mantém preservada, com construções do século XVII adaptadas à cultura atual, ao abrigar ateliês, escolas de música, museus, lojas e restaurantes.

Densidade e crescimento populacional

O mapa com a distribuição das taxas de densidade demográfica na região metropolitana de Recife revela que as mais altas taxas se encontram em alguns bairros da capital, de Olinda e de Jaboatão (Fig.1). Assim, na orla oceânica de Recife se destacam a favela de Brasília Teimosa e o bairro de Boa Viagem por suas elevadas densidades, enquanto no centro da cidade predominam baixas taxas, uma vez que nele se concentram negócios e serviços.

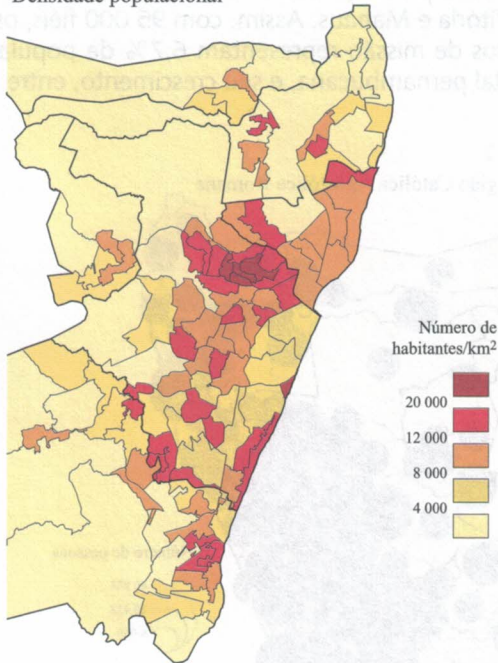
Grandes manchas com baixas densidades são encontradas também próximas à área central e devem-se à existência de manguezais, como o de Pina. Da mesma forma, a presença do Aeroporto Internacional dos Guararapes, contribui para baixas densidades, numa grande área no sul de Recife. Já no norte da capital, altas concentrações demográficas, nos limites com Olinda, correspondem a bairros onde se concentram habitantes de baixa renda, que vivem em conjuntos habitacionais ou favelas.

Em relação aos municípios da periferia, Olinda se destaca por expressivas densidades populacionais em quase todos os seus bairros, ao passo que Jaboatão apresenta altas taxas apenas em algumas áreas do município, próximas ao litoral.

Recife revelou, no período de 1991 a 2000, um crescimento populacional de 124 675 habitantes, com uma taxa média de crescimento anual de 1,0%. Como é natural nas regiões metropolitanas, o município central, já bastante saturado, vem crescendo menos do que os da região metropolitana que, em seu conjunto,

acusaram uma taxa de 1,7% ao ano, nesse mesmo período. Tal crescimento se deve, em parte, às secas que freqüentemente atingem o interior do estado, levando à migração de muitos habitantes em direção à capital, fato comum na maioria dos estados nordestinos.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Recife, como a forte redução do percentual de católicos, ao

mesmo tempo em que aumentavam as porcentagens dos evangélicos pentecostais e de missão e das pessoas que se declaravam sem religião.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Recife		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	65,0	6,7	10,0	4,9	13,3
	Resto da RM	59,3	6,6	15,7	4,1	14,3
1991	Município	77,2	4,0	5,1	3,6	10,1
	Resto da RM	75,4	3,4	8,8	3,0	9,5
2000-1991	Município	-12,2	2,7	4,9	1,3	3,2
	Resto da RM	-16,1	3,2	6,9	1,1	4,8

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

No município de Recife, 65% da população se declara católica, enquanto, no restante da sua região metropolitana, esta proporção se situa em 59% (Tab.1). A participação dos católicos diminuiu sensivelmente entre 1991 e 2000, com a redução de -12 pontos percentuais no município da capital e -16 pontos no resto da região metropolitana. Assim, o declínio da Igreja Católica se mostra acentuado em toda a região metropolitana de Recife, sendo porém maior na periferia do que no município da capital.

Os católicos estão localizados principalmente nos espaços litorâneos, numa faixa que se estende de Paulista, ao norte, a Jaboatão, ao sul (Figs. 2 e 3). Na capital, distinguem-se duas áreas pelas mais elevadas porcentagens de católicos, onde eles chegam a representar 82% dos habitantes: uma que inclui bairros como Encruzilhada e Graças, próximos ao centro, e outra que diz respeito a Boa Viagem, na orla marítima. Num grande número de bairros situados entre essas duas áreas, os católicos apresentam ainda uma proporção elevada, da

ordem de 70%. Em contrapartida, nos espaços periféricos da região metropolitana, o peso do catolicismo diminui sensivelmente chegando a representar menos da metade da população, como, por exemplo, em bairros das partes norte, oeste e sul de Recife.

Evangélicos de Missão

Recife é a terceira capital mais importante do país quanto à presença dos evangélicos de missão, depois de Vitória e Manaus. Assim, com 95 000 fiéis, os evangélicos de missão representam 6,7% da população da capital pernambucana, e seu crescimento, entre 1991 e

2000, foi de +2,7 pontos percentuais. Já no restante da região metropolitana, eles congregam 120 000 fiéis e representam 6,6% da sua população.

A sua distribuição geográfica revela que os mais elevados percentuais se encontram em bairros mais afastados do centro, sobretudo os da parte oeste e sul da capital, chegando a representar em alguns deles mais de 10% da população (Figs. 4 e 5). Dentre os diversos grupos evangélicos aí existentes, os batistas, com 5% de adeptos, se constituem na confissão religiosa mais representativa.

Fig. 2

Religião Católica Apostólica Romana

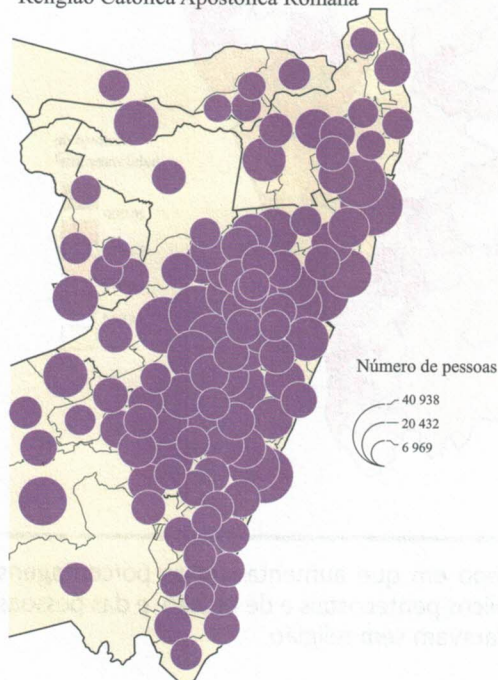


Fig. 4

Religiões Evangélicas de Missão

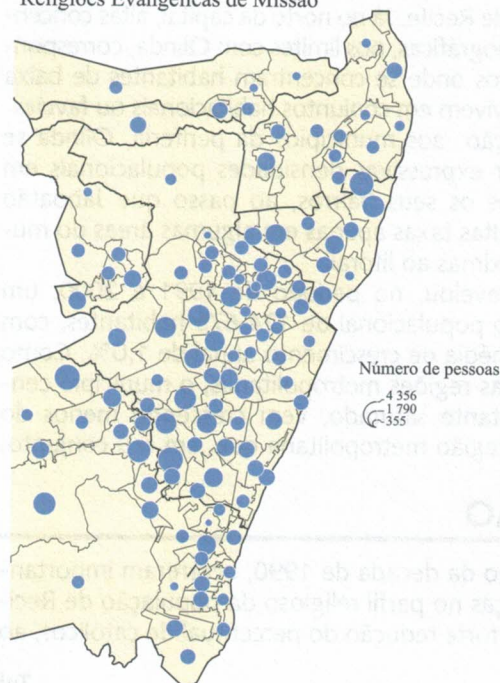


Fig. 3

Religião Católica Apostólica Romana

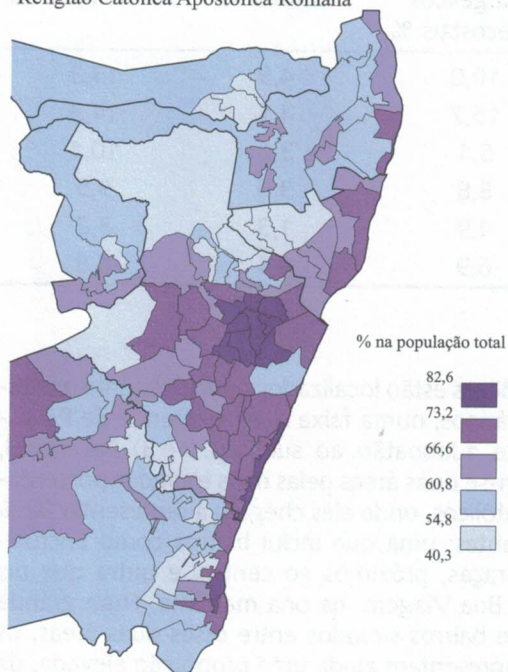
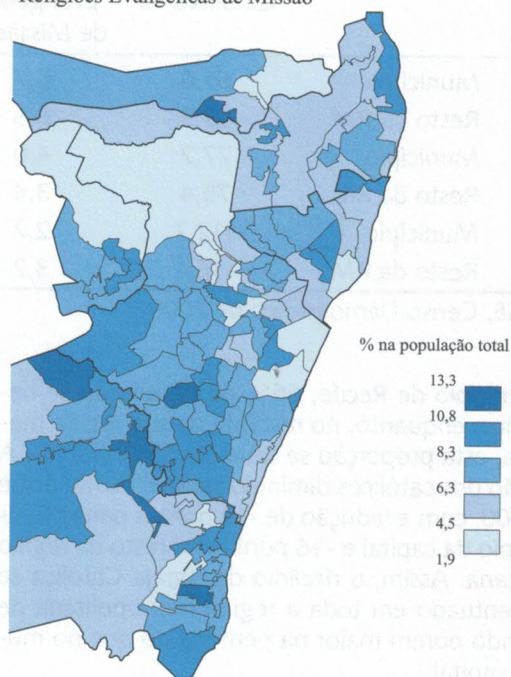


Fig. 5

Religiões Evangélicas de Missão



Evangélicos Pentecostais

Com quase 150 000 fiéis no município de Recife e 290 000 no resto da região metropolitana, correspondendo, respectivamente, a 10% e 16% da população total, os evangélicos pentecostais se mostram mais expressivos na periferia do que na capital pernambucana. De fato, é na periferia que o seu crescimento se mostrou mais acentuado, de +6,9 pontos percentuais, ao contrário da capital onde a variação foi de +4,9 pontos, entre 1991 e 2000.

Na parte central cidade, sua presença é menos acentuada, uma vez que não ultrapassam 10% da população (Figs. 6 e 7). A partir desse núcleo central, observa-se que os percentuais de pentecostais vão aumentando gradativamente em direção à periferia, chegando a representar um quarto dos habitantes em áreas mais afastadas no

espaço metropolitano, como em Abreu e Lima e em Jaboatão. Entre os grupos pentecostais presentes na região metropolitana, a Assembléia de Deus é o que predomina e, por isso, a sua distribuição se assemelha muito ao do conjunto dos pentecostais.

Espíritas

Recife é uma das poucas capitais nordestinas em que a religião espírita se reveste de certa importância, uma vez que 2,3% da população do município declara praticá-la. Eles estão localizados, sobretudo, em Encruzilhada, sendo expressivos também em Boa Viagem, bairros que se caracterizam por altos níveis de renda e de escolaridade (Figs. 8 e 9). Observa-se que as áreas

Fig. 6
Religiões Evangélicas Pentecostais

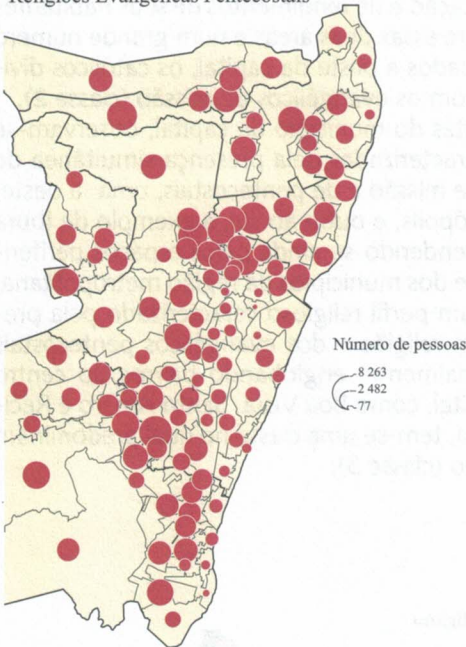


Fig. 7
Religiões Evangélicas Pentecostais

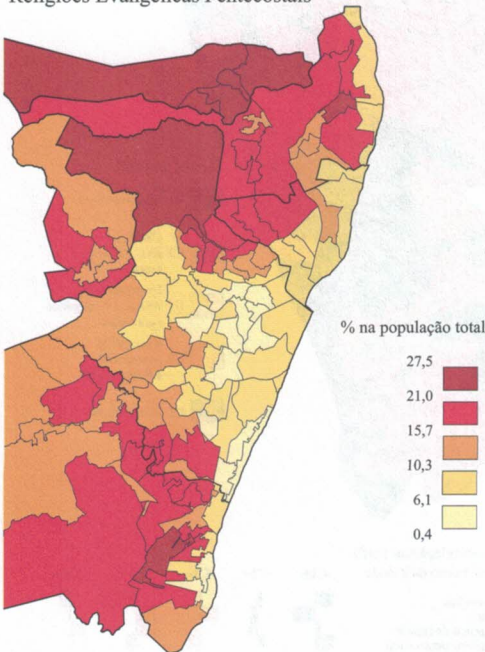


Fig. 8
Religião Espírita

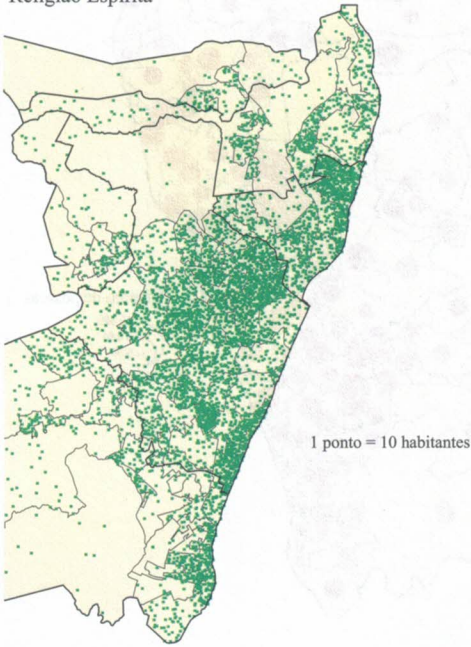
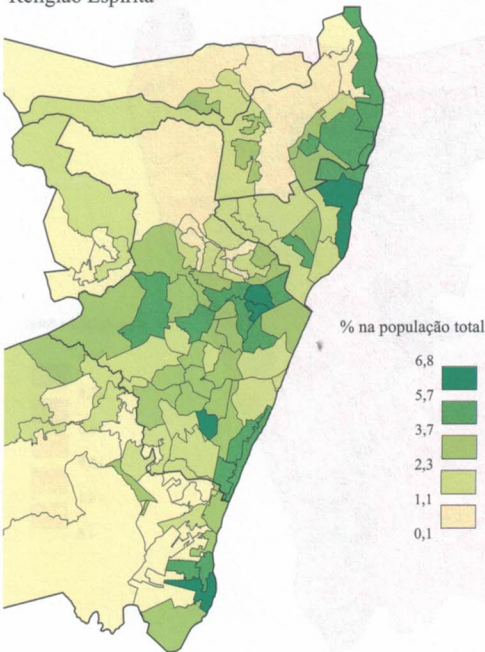


Fig. 9
Religião Espírita



com os mais altos percentuais de espíritas correspondem, freqüentemente, àquelas com as mais elevadas porcentagens de católicos.

Sem religião

A população que se declara sem religião em Recife chega a 13,3% no município da capital, enquanto no restante da região metropolitana reúne 14,3% dos habitantes. O seu crescimento, na década de 1990, de +3,2 pontos percentuais, pode ser considerado um dos mais altos, ao ser comparado com o de outras capitais

Fig. 10

Pessoas sem religião

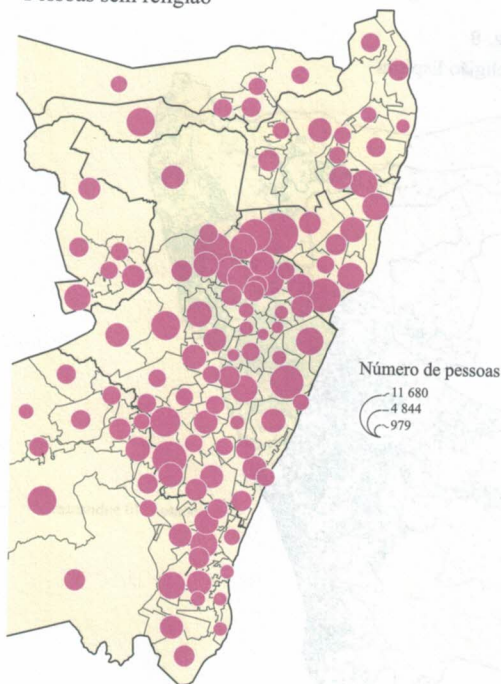
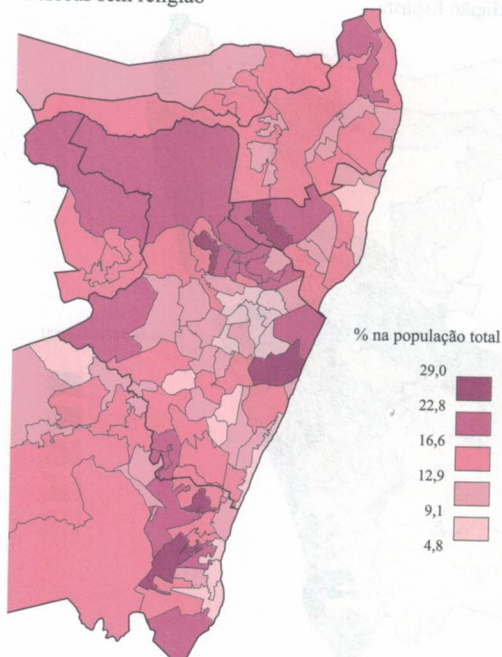


Fig. 11

Pessoas sem religião



do país. Além disso, Recife ocupa, no Nordeste, o segundo lugar quanto aos percentuais dos sem-religião, posição superada apenas por Salvador.

Os sem-religião estão mais presentes nos bairros periféricos da cidade, sobretudo os do norte e do sul do espaço metropolitano, num padrão que se assemelha ao dos pentecostais, com exceção do centro antigo de Recife, onde os sem-religião se destacam, chegando os seus percentuais a representar um terço da população (Figs.10 e 11).

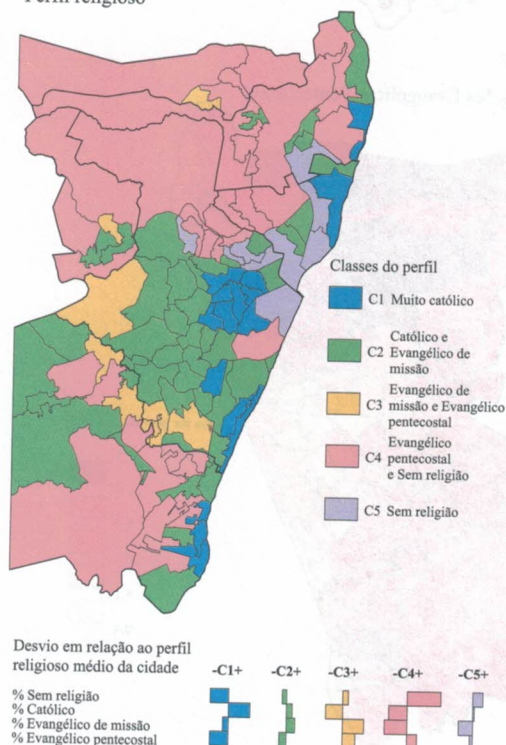
Perfil religioso

Em Recife, foram identificadas cinco classes quanto ao perfil religioso de sua população (Fig.12). Os católicos se destacam em bairros residenciais, como Encruzilhada e Graças, próximos ao centro, e Boa Viagem, na orla marítima, áreas que se caracterizam por elevados níveis de educação e de rendimentos de seus habitantes (classe 1). Entre essas duas áreas e num grande número de bairros situados a oeste da capital, os católicos dividem espaço com os evangélicos de missão (classe 2).

Já nos limites do município da capital, observam-se duas áreas caracterizadas pela presença simultânea de evangélicos de missão e de pentecostais, uma a oeste, como J. Teresópolis, e outra ao sul, a exemplo de Ibura (classe 3). Estendendo-se ainda pelos espaços periféricos de Recife e dos municípios da região metropolitana, identifica-se um perfil religioso caracterizado pela presença dos sem-religião e dos evangélicos pentecostais (classe 4). Finalmente, englobando bairros do centro antigo da capital, como Boa Vista, Santo Amaro e Recife, e de Olinda, tem-se uma classe no qual predominam os sem-religião (classe 5).

Fig. 12

Perfil religioso



A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Recife permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Recife pertence ao grupo de capitais brasileiras com acentuada pobreza, já que 82,6% da sua popu-

lação declara receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 61,8% apenas um ou menos (Tab. 2). Para os evangélicos pentecostais, a situação é ainda mais grave, pois 72% deles fazem parte da classe de 0 a 1 salário mínimo, enquanto os fiéis das outras confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, evangélicos de missão, católicos e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Recife com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	59,7	62,5	72,0	52,3	66,4	61,8
2-3 sm	21,0	20,4	20,1	19,5	21,4	20,8
4-6 sm	8,7	8,6	5,3	11,7	6,4	8,2
7-10 sm	4,7	4,1	1,5	7,3	2,7	4,1
11-16 sm	2,0	1,8	0,5	3,3	1,1	1,7
17-20 sm	1,6	1,1	0,2	2,7	0,8	1,4
> de 20 sm	2,3	1,5	0,2	3,3	1,2	1,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* é definida pela preponderância das categorias de 0 a 2 salários mínimos, ao passo que todas as outras se situam abaixo do perfil médio. Ela diz respeito sobretudo aos municípios da periferia metropolitana, como Abreu e Lima, Camaragibe e Jaboatão (Fig. 13). Porém, esta classe está muito presente também na capital, incluindo bairros da área central da cidade, como Santo Antônio, São José e Ilha Joana Bezerra, além da favela de Brasília Teimosa. Do ponto de vista religioso, é nesses espaços de baixos rendimentos que os pentecostais e os sem-religião alcançam os seus mais elevados percentuais, principalmente nas áreas periféricas (Tab. 3).

Já a classe de rendimentos *baixos* tem sua moda em três e quatro salários mínimos, mas apresenta desvios positivos, de 2 a 6 salários. Os bairros que pertencem a esta classe encontram-se dispersos em várias partes da capital, situando-se, freqüentemente, entre as áreas de rendimentos médios e muito baixos, expressando assim os contrastes sociais que marcam a paisagem urbana de Recife. Em Olinda e Paulista, a classe de rendimentos baixos se situa entre os bairros mais abastados do litoral e os pobres do interior. A sua composição religiosa não revela desvios acentuados em relação a nenhum grupo de fiéis.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, observa-se que ela apresenta sua moda em 9 salários mínimos, com maiores desvios positivos de 4 a 12 salários. Este perfil caracteriza, então, bairros bastante diversificados do ponto de vista social, que formam um semicírculo, ainda que descontínuo, em torno dos bairros mais abastados da capital. Do ponto de vista religioso, nesses espaços de rendimentos *médios* são os evangélicos de missão que se situam acima da sua média.

Fig. 13
Rendimentos

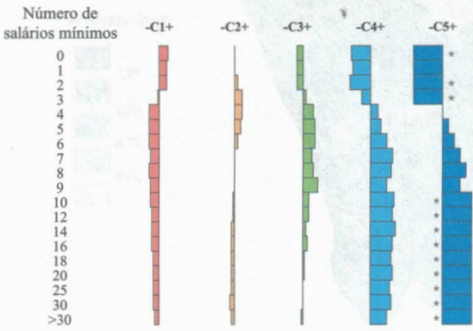
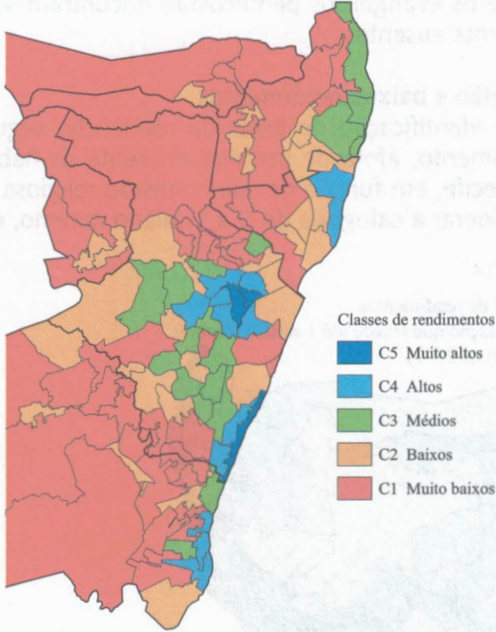


Tabela 3

Distribuição da população de Recife com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	56,97	6,37	16,65	3,54	16,47	100
Baixos	63,04	7,72	11,28	4,67	13,30	100
Médios	68,14	7,88	7,97	5,64	10,36	100
Altos	72,67	6,00	4,97	7,31	9,05	100
Muito altos	79,70	5,73	1,48	7,29	5,80	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *altos* se caracteriza pela maior representação dos níveis de renda superiores a 4 salários mínimos, com desvios positivos mais acentuados acima de 10. Trata-se de bairros residenciais situados em torno das áreas mais ricas de Recife. Já em Olinda e Jaboatão esta classe de rendimentos representa os níveis mais elevados observados nesses municípios, incluindo bairros que se localizam no litoral. Do ponto de vista religioso, constata-se que é nesses espaços de rendimentos *altos* que o grupo *outras religiões* mostra as suas porcentagens mais elevadas.

Por fim, a classe de rendimentos *muito altos* se destaca pelos maiores desvios positivos das categorias superiores a 10 salários mínimos. Assim, ela se refere aos bairros com perfil de renda mais elevado da cidade, como as áreas residenciais de Graças e de Boa Viagem. Nesses bairros, os católicos são amplamente majoritários e os evangélicos pentecostais encontram-se praticamente ausentes.

Religião e baixos rendimentos

A identificação do lugar de residência, segundo o rendimento, afeta de maneira diferente os habitantes de Recife, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que re-

úne quase 62% da população, observa-se uma nítida diferença entre a localização dos católicos de rendimentos muito baixos, situados geralmente nos bairros mais ricos (Fig. 14), e a dos pentecostais pobres, segregados na periferia (Fig. 15). Já a distribuição dos pobres sem religião revela que, no caso de Recife, eles estão presentes não apenas nos bairros periféricos, mas também no centro antigo da capital (Fig. 16).

Observa-se então que os pobres católicos não se encontram restritos a áreas distantes na região metropolitana, uma vez que habitam os bairros centrais onde contribuem para a diversidade social de sua população.

Favelas

Cerca de 218 000 habitantes de Recife vivem em aglomerados subnormais, o que corresponde a 8,2% de sua população. As favelas se distribuem por toda a região metropolitana, mas são mais numerosas na capital, onde cada uma delas apresenta efetivos elevados, da ordem de 10 000 a 20 000 habitantes (Fig. 17). Assim, as áreas periféricas parecem menos afetadas por esse problema, com exceção de Jaboatão, onde, em vários bairros, os moradores de favelas representam de 10 000 a 15 000 pessoas.

Fig. 14

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

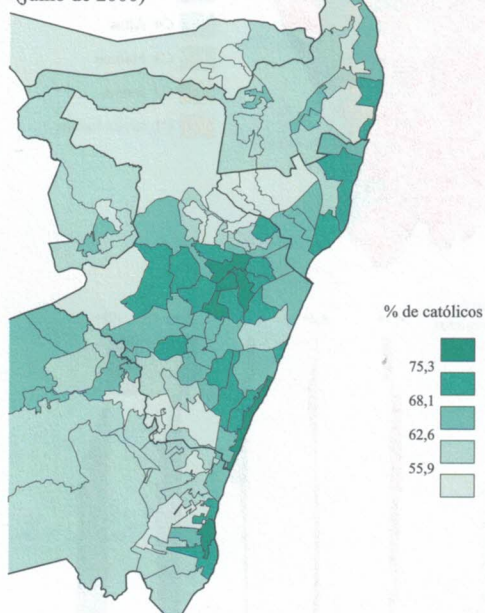


Fig. 15

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

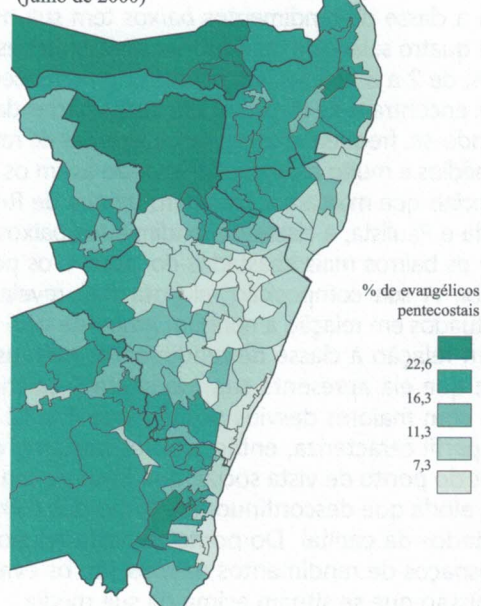


Fig. 16
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

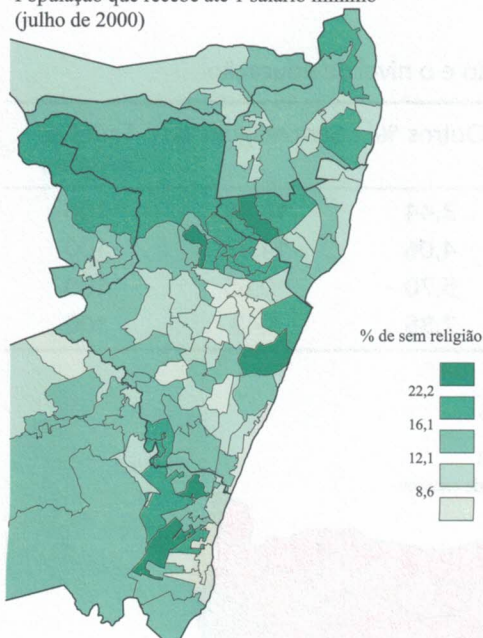


Fig. 17
Aglomerado subnormal*

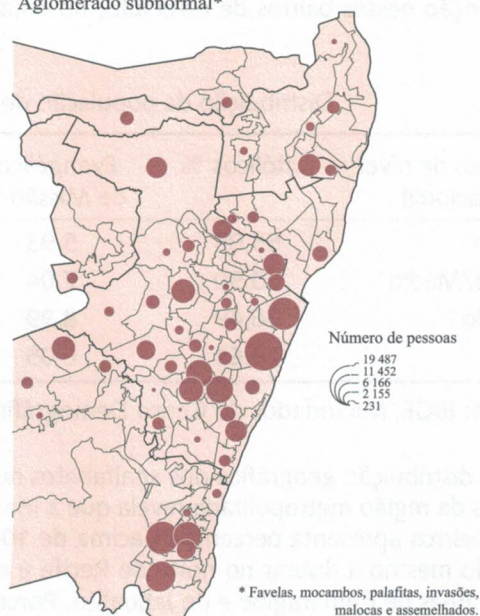


Tabela 4

Distribuição da população de Recife segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
Setor normal	1660197	185570	315246	125204	345241	2631458
%	63,09	7,05	11,98	4,76	13,12	100
Setor subnormal	123685	11315	33034	7816	41802	217652
%	56,83	5,20	15,18	3,59	19,21	100
%subnormal- %normal	-6,26	-1,85	3,20	-1,17	6,09	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Do ponto de vista religioso, a população das favelas revela diferenças significativas em relação aos demais habitantes de Recife, uma vez que se observa uma maior participação, entre os seus moradores, das pessoas sem religião e dos pentecostais (Tab. 4).

Níveis de educação

Recife apresenta quatro tipos de bairros em função do nível de educação da população que neles habita. A distribuição geográfica das classes identificadas se assemelha muito à dos níveis de rendimentos (Figs.13 e 18). O perfil dos bairros de nível *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem nenhum nível de estudo.

Já o perfil dos bairros de nível *baixo/médio* se diferencia da classe anterior pela presença, ainda que discreta, das pessoas com ensino médio e pela menor participação daquelas sem nenhum nível. Estas duas primeiras classes se distribuem pela maior parte da região metropolitana, inclusive pelo município da capital, notando-se, porém, uma tendência de os níveis mais

baixos se situarem nos espaços mais distantes da periferia, com exceção do centro de Recife.

O perfil dos bairros de nível *médio* mostra que o ensino médio e os antigos ginásio, clássico ou científico são os cursos que predominam. O fato de esta classe apresentar maiores desvios positivos em relação a cursos que já não existem, há muitos anos, pode indicar que parcela ponderável dos seus habitantes possua idade mais avançada.

Finalmente, nos bairros de nível *alto* prevalecem o ensino superior, o mestrado ou o doutorado. Trata-se, na verdade, dos bairros que apresentam também as melhores condições de vida de Recife, organizados, sobretudo, em torno de dois núcleos: Graças e Boa Viagem. Encontram-se, ainda, alto nível de escolaridade da população no litoral de Paulista, Olinda e Jaboatão.

A composição desses tipos de bairros mostra uma nítida correspondência entre religião e educação (Tab. 5). Assim, os pentecostais e os sem-religião estão mais presentes nos bairros de nível baixo, enquanto os evangélicos de missão são encontrados sobretudo nos de nível médio. Já nos bairros de nível alto, os católicos aparecem em maior proporção do que nas outras áreas, as-

sim como o grupo *outras religiões*. O que chama mais a atenção nesses bairros de nível alto, no entanto, é a

diminuta presença dos evangélicos pentecostais, quatro vezes menor do que nos de nível baixo.

Tabela 5
Distribuição da população de Recife segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	55,05	5,93	17,60	3,44	17,98	100
Baixo/Médio	60,90	7,04	13,56	4,06	14,43	100
Médio	66,49	8,39	8,78	5,70	10,65	100
Alto	73,61	6,05	4,51	7,35	8,48	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição geográfica dos analfabetos nos municípios da região metropolitana revela que a maior parte dos bairros apresenta percentuais acima de 10%, chegando mesmo a dobrar no norte de Recife e em algumas áreas de Camaragibe e de Jaboatão. Porcentagens igualmente elevadas são verificadas no próprio centro da capital, onde os analfabetos correspondem a 20,5% da população (Fig. 19).

Cor da pele

O mapa da porcentagem de população de cor não branca na população total mostra que nos bairros com os mais elevados níveis de educação e renda da cidade, como Graças e Boa Viagem, a população branca representa quase 80% dos seus moradores, num contraste com bairros da parte central da cidade, onde mais de três quartos dos habitantes não se consideram brancos (Fig. 20). Já nos demais bairros de Recife e nos do restante da região metropolitana, a população não branca é quase sempre majoritária.

Estabilidade residencial da população

No município de Recife, a população se mostra bastante estável, uma vez que a maior parte dos seus bairros apresenta mais de 60% de habitantes que sempre moraram no mesmo município (Fig. 21). Na periferia, no entanto, a população revela menor grau de estabilidade, o que pode indicar que essa área vem absorvendo os migrantes que se deslocam do interior em direção à capital ou aqueles que foram empurrados da capital para municípios da periferia. De fato, as porcentagens mais baixas, quanto à estabilidade residencial da população, são observadas em Paulista e em Jaboatão, sobretudo em bairros mais próximos do litoral.

Fig. 18
Níveis de estudos

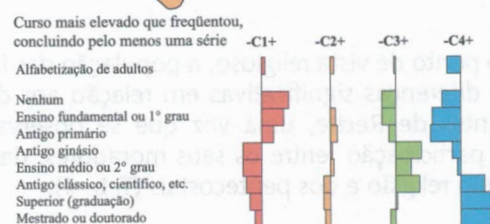
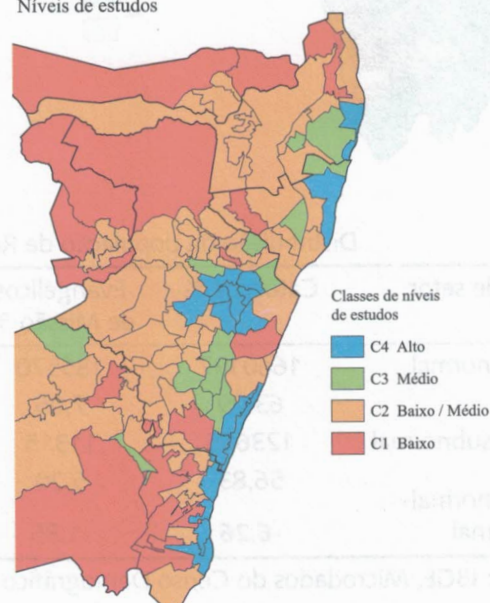


Fig. 19
População analfabeta

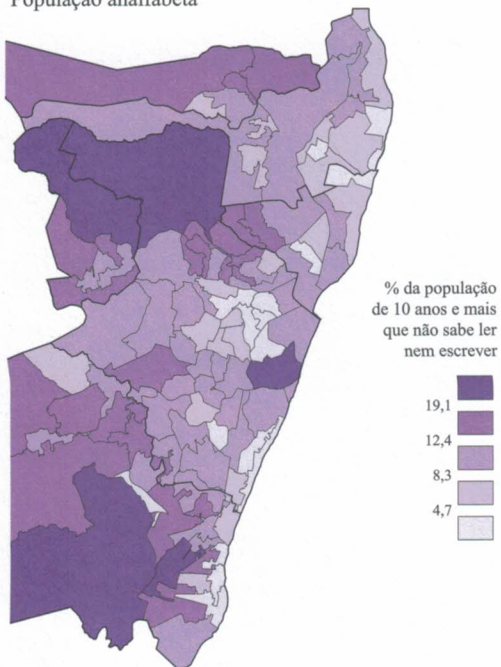


Fig. 21
População que sempre morou no mesmo município

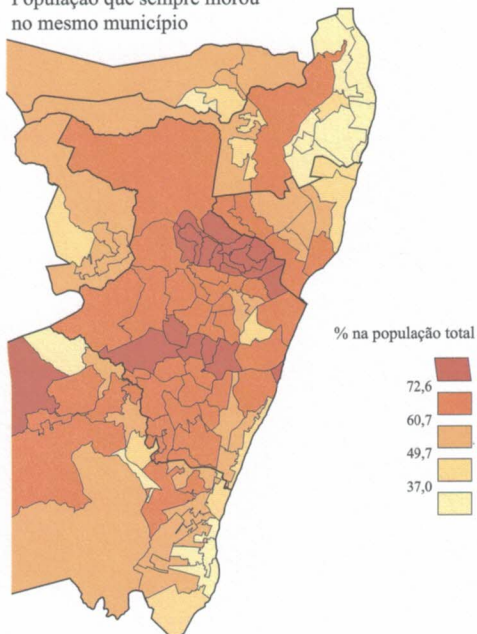
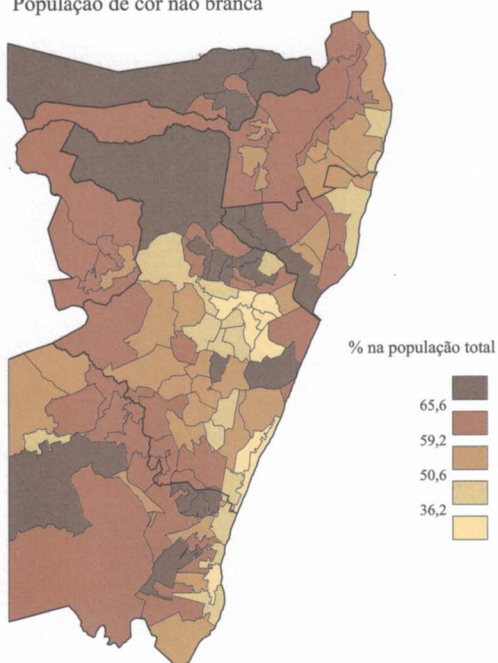


Fig. 20
População de cor não branca



Maceió



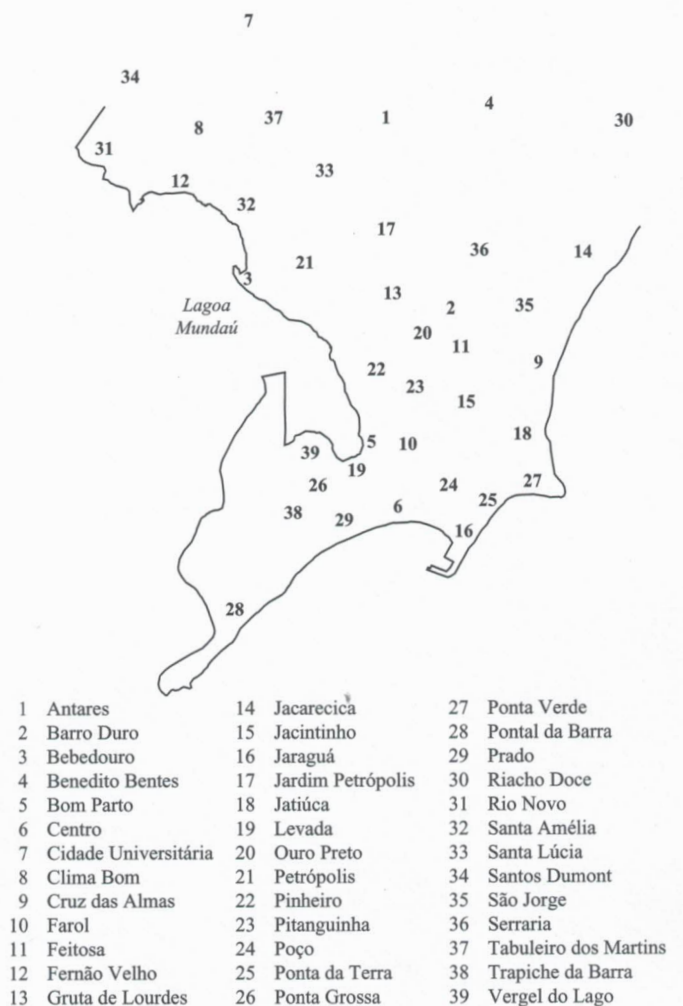
Localização dos principais pontos



1. Aeroporto	21. Praia de Faro	41. Praia de Faro
2. Praia de Faro	22. Praia de Faro	42. Praia de Faro
3. Praia de Faro	23. Praia de Faro	43. Praia de Faro
4. Praia de Faro	24. Praia de Faro	44. Praia de Faro
5. Praia de Faro	25. Praia de Faro	45. Praia de Faro
6. Praia de Faro	26. Praia de Faro	46. Praia de Faro
7. Praia de Faro	27. Praia de Faro	47. Praia de Faro
8. Praia de Faro	28. Praia de Faro	48. Praia de Faro
9. Praia de Faro	29. Praia de Faro	49. Praia de Faro
10. Praia de Faro	30. Praia de Faro	50. Praia de Faro
11. Praia de Faro	31. Praia de Faro	51. Praia de Faro
12. Praia de Faro	32. Praia de Faro	52. Praia de Faro
13. Praia de Faro	33. Praia de Faro	53. Praia de Faro
14. Praia de Faro	34. Praia de Faro	54. Praia de Faro
15. Praia de Faro	35. Praia de Faro	55. Praia de Faro
16. Praia de Faro	36. Praia de Faro	56. Praia de Faro
17. Praia de Faro	37. Praia de Faro	57. Praia de Faro
18. Praia de Faro	38. Praia de Faro	58. Praia de Faro
19. Praia de Faro	39. Praia de Faro	59. Praia de Faro
20. Praia de Faro	40. Praia de Faro	60. Praia de Faro



Localização dos principais bairros



APRESENTAÇÃO

A capital de Alagoas situa-se no litoral, numa área de restinga formada entre a Lagoa Mundaú e o Oceano Atlântico. Com 797 761 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2000, concentra 28,3% da população do estado.

Maceió se constitui no mais importante centro comercial e de prestação de serviços de Alagoas, ligando-se às principais capitais brasileiras por via aérea e por rodovias federais. Assim, a BR-101, que atravessa o estado na sua faixa litorânea, se constitui num grande eixo de integração de Maceió com capitais do Nordeste, Sudeste e Sul do país. Em direção ao interior do estado, a BR-316, que atravessa grande parte do sertão nordestino, permite a ligação da capital alagoana com Teresina e com Belém. Estradas estaduais convergem para esses eixos, facilitando as ligações de Maceió com o interior.

Origem e evolução

Maceió tem sua origem no início do século XVII, quando Antônio Martins Ribeiro recebeu uma sesmaria no litoral de Alagoas, com o compromisso de instalar um engenho de açúcar e promover o povoamento da região. Assim, em torno desse engenho, se desenvolveu um povoado, no local onde hoje se encontra a Praça D. Pedro II.

Somente no começo do século XIX Maceió apresentou algum progresso, em função da exportação de produtos agrícolas provenientes dos vales do Mundaú e do Paraíba, sobretudo açúcar e algodão, através do Porto de Jaraguá. De fato, a atividade portuária foi o principal fator do progresso econômico do povoado que, em 1815, foi elevado à categoria de vila e, em 1839, à de cidade e de capital da Província de Alagoas.

Expansão urbana

A ocupação inicial de Maceió se deu na baixada litorânea, onde se situa o centro da cidade e bairros antigos como Jaraguá. A partir da segunda metade do século XIX, igrejas, repartições públicas, sobrados e praças foram construídos, formando o que hoje é conhecido como o conjunto arquitetônico do Jaraguá. São também do período inicial da formação da cidade os bairros de Vergel do Lago, Levada, Bebedouro e Fernão Velho, às margens da Lagoa Mundaú.

Mais tarde, bairros residenciais foram conquistando os morros da cidade, como o Farol, o preferido da elite alagoana, que nele construía suas mansões, no início

do século XX. Hoje, o bairro se destaca por imponentes edifícios de apartamentos, mantendo-se, no entanto, como área residencial das camadas mais abastadas da população.

A expansão urbana em direção à orla marítima se deu pelas praias de Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Cruz das Almas. Aliás, essa parte da cidade é contornada no litoral por avenidas que margeiam uma sucessão de belas praias. Nesses bairros, que sofreram rápida valorização, tem sido intensa a verticalização, com a construção de prédios residenciais de luxo, de arquitetura moderna e arrojada.

Maceió é, no entanto, uma cidade que apresenta grande diversidade de padrões de ocupação do solo, com acentuados contrastes sociais. Assim, conjuntos habitacionais e favelas podem ser encontrados em diversas partes da cidade: em bairros próximos ao Centro, como Vergel do Lago; em bairros da orla litorânea, como Cruz das Almas, e em áreas mais afastadas do centro da cidade, como Tabuleiro dos Martins. É na periferia da cidade, no entanto, que se observa o surgimento de novas favelas, decorrente em grande parte da migração de população pobre do interior para a capital.

Com a expansão da cidade, o Centro perdeu a sua fisionomia original, o comércio decaiu e a área ficou desprestigiada. A partir da década de 1960, no entanto, essa parte da cidade passou por profundas mudanças, com a substituição de moradias por prédios comerciais e de escritórios. Assim, áreas residenciais transformaram-se em locais de comércio, abrigando lojas, escritórios e repartições públicas. Recentemente, a Prefeitura de Maceió deu início a um projeto de revitalização do Centro, que levou à reconstrução de casas e à recuperação da arquitetura original de alguns prédios, o que atraiu novos investimentos para a área central da cidade, como restaurantes e lojas.

Uma boa visão do conjunto da cidade nos é dada pela imagem de satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, que mostra a sua localização numa restinga, entre a Lagoa Mundaú e o Oceano Atlântico. Percebe-se o maior adensamento urbano às margens da Lagoa e nos bairros localizados em toda a extensão de sua orla marítima abrangida pela imagem que compreende as praias de Sobral, Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca. A imagem revela ainda que as maiores extensões de áreas verdes estão presentes em ilhas da Lagoa Mundaú, onde se desenvolve a vegetação de mangue, e em bairros da parte norte da cidade.

Atividades Econômicas

Em relação às atividades econômicas, destacam-se, em Maceió, as indústrias têxtil, alimentícia, química e a fabricação de cimento. Na indústria alimentícia, deve-se mencionar o beneficiamento de frutas para o fabrico de sucos e a produção de açúcar. Ligada ao Complexo Agroindustrial Canaveiro, desenvolve-se também em Maceió a fabricação de álcool. Além disso, é importante lembrar a extração de petróleo e gás natural, em Tabuleiro dos Martins, a noroeste da cidade. Aliás, nessa área, localiza-se o Distrito Industrial Governador Luiz Cavalcante, formado por indústrias de pequeno e médio porte.

Cabe mencionar ainda a exploração de sal-gema, no próprio município de Maceió. No início dos anos 1970, foi instalada, no litoral sul da cidade, a Salgema Indústria Química que trouxe um impacto negativo para o meio-ambiente da área, um ecossistema de dunas.

O Porto de Jaraguá, cuja área de influência abrange todo o estado de Alagoas, possui um terminal açucareiro, por onde são movimentados melaço e açúcar a granel. Existem, ainda, tanques para álcool, petróleo e derivados, da Petrobras e de outras empresas, além de um terminal de uso privativo da Salgema. O acesso ao porto se faz pelas rodovias BR-101, BR-104, BR-316, AL-101 e pela linha ferroviária que liga Maceió a Recife, ao norte, e a Aracaju, ao sul.

Outra atividade importante para a economia da cidade é o turismo, pois, em função de suas belezas naturais e do grande número de praias, Maceió se tornou um dos principais pólos turísticos do país. Além dos aspectos naturais, a cidade conta com boa infra-estrutura hoteleira, bares e restaurantes, em função do intenso fluxo turístico que para ela se destina.

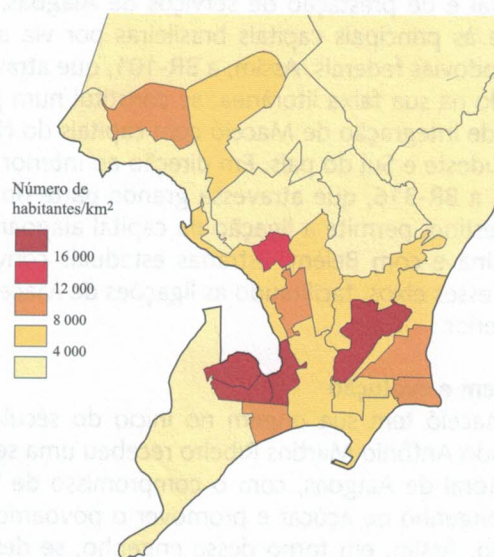
Densidade e crescimento de população

Em Maceió, a população se encontra mais concentrada na metade-sul do município, que compreende o

Centro, bairros do entorno da Lagoa Mundaú e da orla marítima (Fig.1). Assim, as mais altas taxas de densidade podem ser observadas em Vergel do Lago, Ponta Grossa e Levada, às margens da Lagoa. Destaca-se, ainda, por elevadas densidades, o bairro popular de Jacintinho, situado a nordeste do Centro.

No período de 1991 a 2000, Maceió apresentou um crescimento de mais de 160 000 pessoas, numa taxa média de crescimento anual de 2,7%, o que expressa a existência de movimentos migratórios do interior do estado para a capital. De fato, Maceió foi a capital do Nordeste que revelou, no seu município-sede, o maior índice de crescimento anual de população na década de 1990.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Maceió, como a forte redução do percentual de católicos, ao

mesmo tempo em que aumentavam, de maneira mais significativa, as porcentagens dos evangélicos pentecostais e das pessoas que se declaravam sem religião.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Maceió (município)	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	72,3	3,1	11,5	3,2	9,8
1991	84,8	2,0	4,3	2,1	6,9
2000-1991	-12,4	1,1	7,2	1,2	2,9

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Em Maceió, os católicos representam 72,3% da população total (Tab.1), o que a situa no oitavo lugar entre as capitais brasileiras. Com uma redução de -12,4 pontos percentuais, entre 1991 e 2000, a religião católica sofreu uma perda substancial nesse período, entre as

mais acentuadas verificadas nas capitais. Tal fato aproxima Maceió do perfil religioso de Recife e de Salvador, distanciando-a das características religiosas de Teresina e de Fortaleza.

Os católicos estão localizados, principalmente, nos bairros da orla oceânica, como Jaraguá, Ponta Verde e Jatiúca, bem como nos das margens da Lagoa Mundaú, a exemplo de Bebedouro (Figs. 2 e 3). Eles se mostram igualmente expressivos no nordeste da cidade, no bairro de Serraria. Trata-se, em geral, de áreas residenciais, onde o peso dos católicos chega a 80% dos habitantes.

Em meio a esse território de predomínio católico, junto aos bairros residenciais mais abastados de Maceió, destaca-se o bairro popular de Jacintinho, onde o percentual de católicos é dos mais reduzidos da cidade. Baixos percentuais de fiéis são encontrados ainda na periferia norte da capital, em Benedito Bentes e Santos Dumont.

Evangélicos de Missão

Com cerca de 25 000 adeptos, os evangélicos de missão correspondem a 3,1% da população de Maceió e apresentaram, no período de 1991 a 2000, um crescimento pouco significativo, de +1,1 pontos percentuais. Dentre os evangélicos de missão existentes na

capital, os batistas são os mais importantes, com 2% da população, ao passo que os adventistas, correspondem a apenas 0,8%.

Enquanto em bairros situados numa faixa junto à Lagoa Mundaú eles se mostram pouco expressivos, com percentuais que não ultrapassam 2,5% da população, no Centro e em bairros próximos, como Farol, ao norte, e Ponta da Terra, a leste, os evangélicos de missão representam mais de 4% dos habitantes (Figs. 4 e 5).

Evangélicos Pentecostais

Os evangélicos pentecostais apresentaram um enorme crescimento, no período de 1991 a 2000, ao passarem de 4,3% a 11,5% da população, o que significou um aumento de +7,2 pontos percentuais. Com quase 92 000 fiéis, Maceió se destacou, entre as capitais, pelo quarto maior crescimento do pentecostalismo registrado nesse período.

A localização dos pentecostais revela que os seus percentuais mais elevados, superiores a 13% da popu-

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

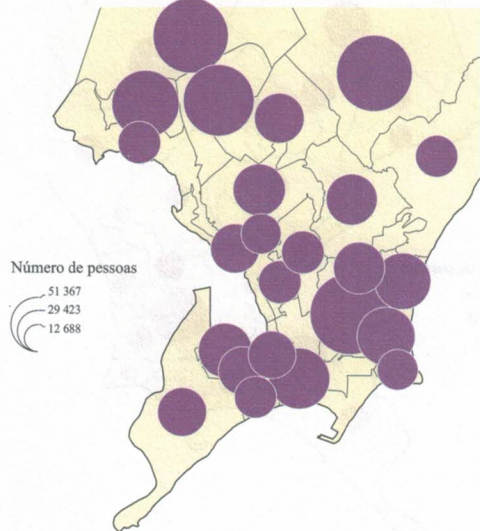


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana

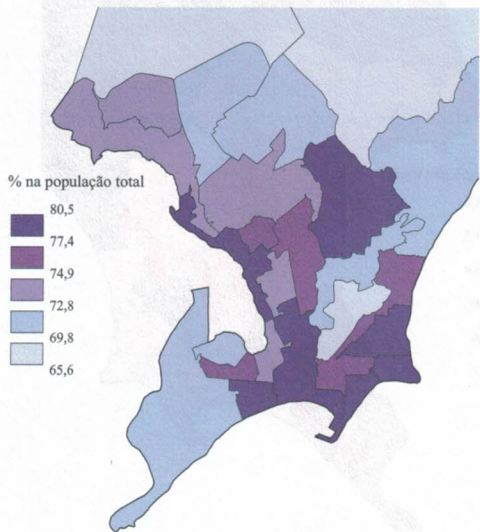


Fig. 4
Religiões Evangélicas de Missão

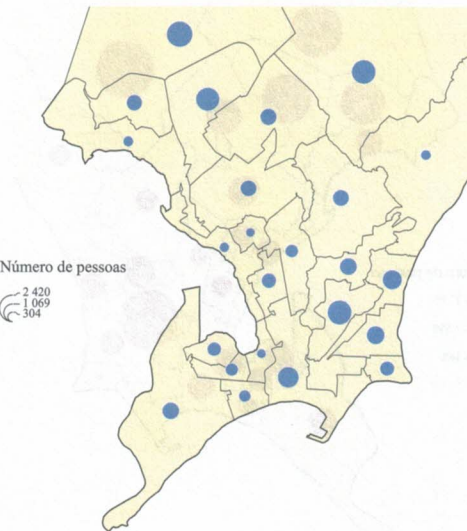
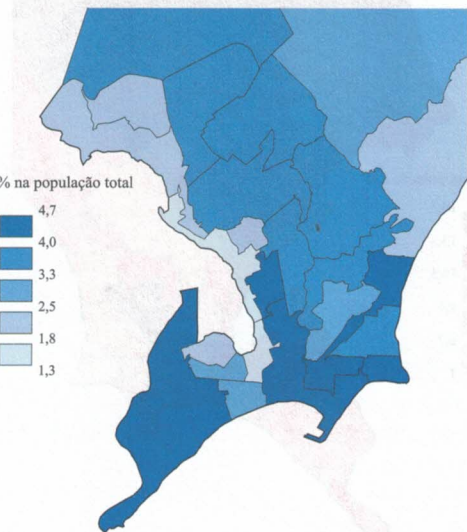


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão



lação, se encontram nos bairros periféricos do norte da cidade, como Benedito Bentes, Antares, Santa Lúcia e Santos Dumont (Figs. 6 e 7). Mas o bairro pentecostal mais emblemático de Maceió é Jacintinho, que conta com quase 12 000 fiéis, ou seja, mais de 15% dos habitantes. Este bairro, situado em meio a áreas católicas e evangélicas de missão, é também aquele onde se nota a maior densidade de população da capital.

A Assembléia de Deus, com 6,9% dos habitantes, é o grupo pentecostal predominante em Maceió, seguida, de longe, pelo Evangelho Quadrangular e pela Igreja Universal do Reino de Deus.

Sem religião

Maceió, com 9,8% de pessoas que se declaram sem religião, ocupa o sexto lugar entre as capitais. Na verdade, esta característica do perfil religioso dos seus habitantes se acentuou, de 1991 a 2000, uma vez que ocorreu um aumento de +2,9 pontos percentuais nesse período.

O mapa dos sem-religião revela uma clara semelhança com o dos pentecostais (Figs. 8 e 9). Assim, os bairros com maiores percentuais são, freqüentemente, os mais afastados da parte central da cidade, como Benedito Bentes e Riacho Doce. No entanto, destacam-se também alguns próximos do Centro, como Vergel do Lago, na margem da Lagoa Mundaú, e Jacintinho, junto a áreas abastadas da capital.

Perfil religioso

Ao se analisar o perfil religioso de Maceió, chama a atenção, de imediato, uma característica que a torna diferente das demais capitais nordestinas que é o fato de os católicos não formarem uma classe exclusiva do perfil religioso que caracteriza, geralmente, os bairros mais abastados da cidade (Fig.10). Assim, observa-se então que, em bairros junto a orla marítima, de Cruz das Almas a Prado, passando por Jatiúca, Ponta Verde, Jaraguá e pelo Centro, os católicos dividem espaço com os evangélicos de missão (classe 2).

Fig. 6

Religiões Evangélicas Pentecostais

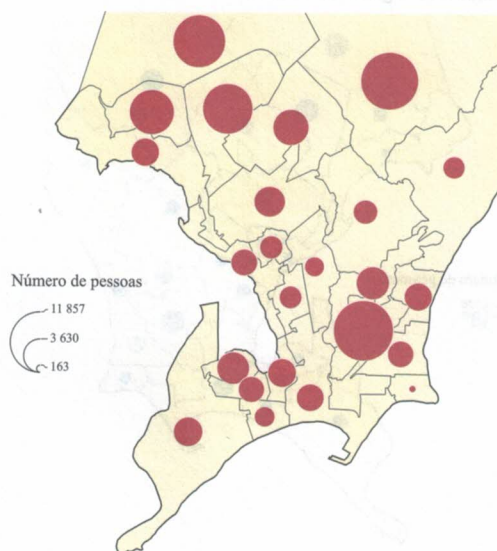


Fig. 7

Religiões Evangélicas Pentecostais

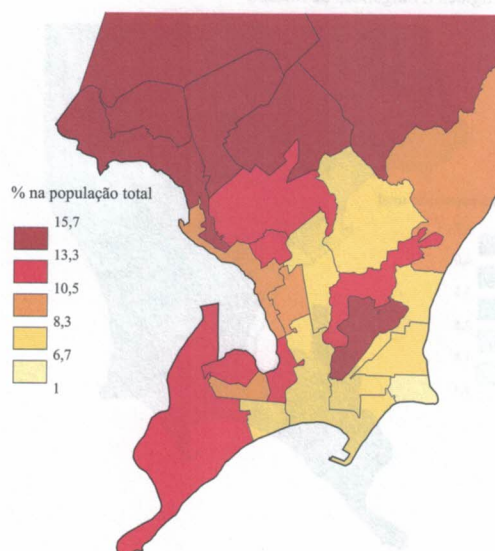


Fig. 8

Pessoas sem religião

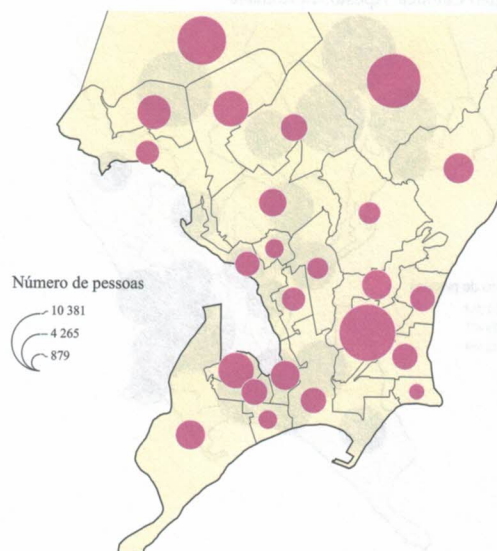
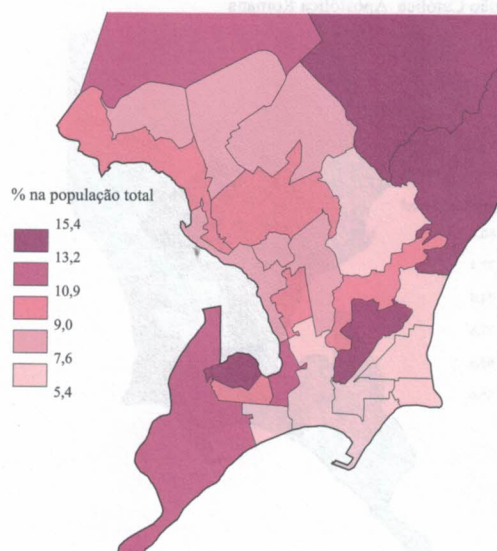


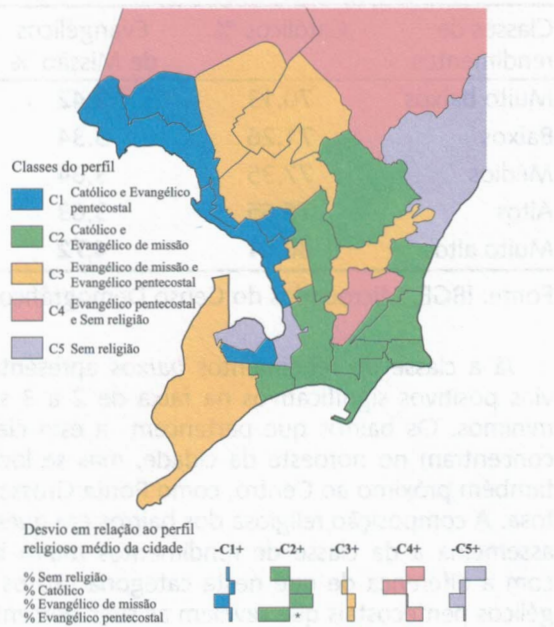
Fig. 9

Pessoas sem religião



Da mesma forma, numa extensa faixa à margem da Lagoa Mundaú os católicos compartilham o território com os pentecostais (classe 1). Já nas áreas periféricas do extremo norte da cidade, os pentecostais ocupam os mesmos espaços que as pessoas sem religião (classe 4). Em Tabuleiro dos Martins e Jardim Petrópolis, também no norte da cidade, bem como no Pontal da Barra, os pentecostais estão presentes ao lado dos evangélicos de missão (classe 3).

Fig. 10
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Maceió permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Maceió pertence ao grupo de capitais brasileiras com acentuada pobreza, já que 83,8% da sua popu-

lação declara receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 64,3% apenas um ou menos (Tab. 2). Para os evangélicos pentecostais a situação é ainda mais grave, pois 71,6% fazem parte da classe de 0 a 1 salário mínimo, enquanto os fiéis das outras confissões religiosas se apresentam em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, evangélicos de missão e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2
Distribuição da população de Maceió com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	63,1	57,9	71,6	56,4	69,7	64,3
2-3 sm	19,6	20,6	19,2	18,0	19,7	19,6
4-6 sm	8,0	10,3	5,9	11,0	5,3	7,7
7-10 sm	4,2	5,4	1,9	5,6	2,4	3,8
11-16 sm	1,7	2,3	0,7	3,0	1,0	1,6
17-20 sm	1,4	1,6	0,3	2,7	0,6	1,2
> de 20 sm	2,0	1,8	0,3	3,4	1,2	1,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* se caracteriza pela maior importância das categorias de 0 a 1 salário mínimo e diz respeito não só a bairros periféricos do nordeste, como Benedito Bentes, Riacho Doce e Jacareica, mas também a bairros mais próximos da parte central da cidade, como Bebedouro, Bom Parto, Levada,

Vergel do Lago, às margens da Lagoa Mundaú (Fig.11). Incluem-se, também, entre os bairros de rendimentos muito baixos, Jacintinho e o Pontal da Barra. Do ponto de vista religioso, esses espaços pobres mostram que as pessoas sem religião apresentam aí os seus maiores percentuais (Tab. 3).

Tabela 3

Distribuição da população de Maceió com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	70,13	2,42	13,04	2,54	11,88	100
Baixos	71,26	3,34	13,27	2,55	9,58	100
Médios	77,35	3,84	7,28	5,26	6,27	100
Altos	76,65	3,63	7,34	4,56	7,82	100
Muito altos	80,51	4,72	1,00	8,40	5,37	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Já a classe de rendimentos *baixos* apresenta desvios positivos significativos na faixa de 2 a 3 salários mínimos. Os bairros que pertencem a esta classe se concentram no noroeste da cidade, mas se localizam também próximo ao Centro, como Ponta Grossa e Feitosa. A composição religiosa dos bairros em questão se assemelha à da classe de rendimentos muito baixos, com a diferença de que nesta categoria são os evangélicos pentecostais que revelam as suas porcentagens mais elevadas.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, cuja moda se situa em 4 salários mínimos, observa-se que ela apresenta maiores desvios positivos de 3 a 18 salários, caracterizando assim bairros muito diversificados do ponto de vista social. Eles formam um espaço contíguo que engloba, principalmente, o litoral sul da cidade, onde se encontram o Centro, Prado, Jaraguá e Ponta da Terra; a nordeste do Centro, Cruz das Almas, Barro Duro e Serriaria fazem parte também desta classe, cuja composição religiosa se assemelha à média da capital.

A classe de rendimentos *altos* apresenta sua moda em 8 salários mínimos e desvios positivos a partir de 4 salários. Os bairros com este perfil de renda se encontram ao norte do Centro, numa área contínua que engloba Pinheiro, Pitanguinha, Ouro Preto e Gruta de Lourdes, e também na parte leste da cidade, em Jatiúca. Nesta classe, assim como na anterior, a composição religiosa não mostra muitas diferenças em relação ao perfil médio da cidade.

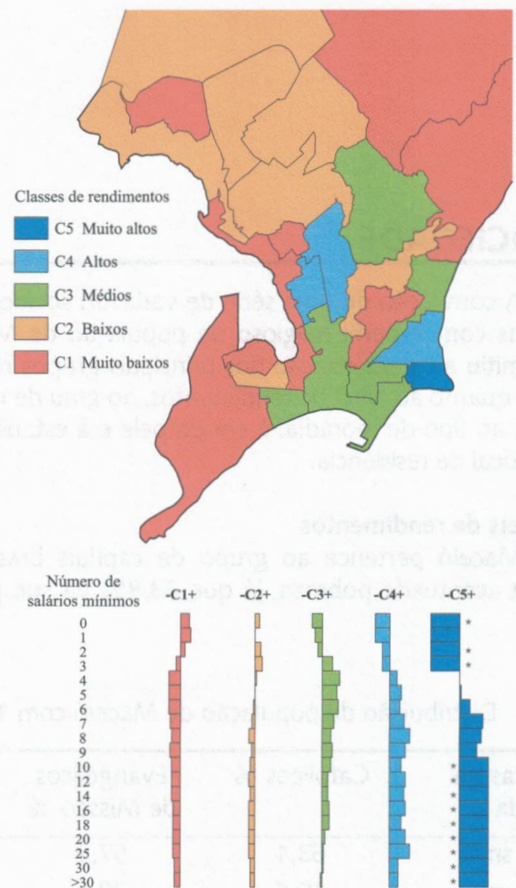
Por fim, a classe de rendimentos *muito altos*, caracterizada pela maior importância das faixas de renda superiores a 10 salários mínimos, se refere a apenas um bairro de Maceió, com nível social elevado, que é Ponta Verde, situado no litoral leste. Trata-se do bairro com a menor presença de evangélicos pentecostais na cidade, ao passo que os católicos representam mais de 80% da sua população. Neste bairro, os evangélicos de missão e o grupo *outras religiões* se mostram também acima de suas médias.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência segundo o rendimento atinge, de maneira diferente, os habitantes de Maceió, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne mais de 64% da população, observa-se uma nítida diferença entre a localização dos católicos, geralmente nos bairros com níveis de rendimentos mais elevados

Fig. 11

Rendimentos



(Fig. 12), e a das pessoas sem religião (Fig. 14), afeitas sobretudo à periferia. Já os pentecostais, apesar de numerosos nas áreas periféricas, se destacam em Jacintinho, núcleo de pobreza existente junto a bairros ricos da capital (Fig. 13).

Favelas

Cerca de 46 000 habitantes de Maceió vivem em aglomerados subnormais, o que representa 6,2% de sua população (Tab. 4). As favelas se distribuem principalmente na parte central da cidade, com efetivos não muito elevados, inferiores a 10 000 pessoas (Fig. 15). A principal concentração ocorre em Jacintinho, onde 8 700 pessoas vivem em favelas, seguido de Feitosa, com 5 500 habitantes.

Do ponto de vista religioso, observam-se poucas diferenças entre os moradores de favelas e os demais habitantes de Maceió.

Níveis de educação

Maceió apresenta quatro tipos de bairros em função do nível de educação de sua população. A distribuição geográfica das classes identificadas se assemelha muito à dos rendimentos (Figs. 11 e 16). O perfil dos bairros de nível *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental ou ao antigo primário, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. Esta categoria define a maior parte do espaço da capital alagoana.

Já o perfil dos bairros de nível *médio* expressa a maior importância do ensino médio e dos antigos ginásio, clássico e científico. O fato de esta classe apresentar maiores desvios positivos em relação a cursos que, há muitos anos, não existem mais pode indicar que par-

cela ponderável dos seus habitantes possuía idade mais avançada. Este perfil caracteriza bairros situados na orla sul da cidade e no norte do Centro.

O perfil dos bairros de nível *médio/alto* mostra a importância do ensino médio e superior. Incluem-se nesta categoria bairros com população mais abastada, localizados na parte leste da capital. Finalmente, o perfil educacional de nível *alto*, cujo único representante é o bairro de Ponta Verde, se caracteriza pela importância do ensino superior, mestrado ou doutorado.

A composição desses tipos de bairros mostra uma nítida correspondência entre religião e educação (Tab. 5). Assim, os pentecostais e os sem-religião estão mais presentes em partes da cidade com nível educacional baixo, enquanto os católicos, os evangélicos de missão e os fiéis do grupo *outras religiões* apresentam maior participação em áreas com os mais altos níveis de educação. Já nos bairros de níveis educacionais intermediários, o perfil religioso se assemelha ao da média da cidade.

Tabela 4
Distribuição da população de Maceió segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
Setor normal	541925	23973	86768	25157	72726	750549
%	72,20	3,19	11,56	3,35	9,69	100
Setor subnormal	34566	533	4990	694	5422	46205
%	74,81	1,15	10,80	1,50	11,73	100
%subnormal-%normal	2,61	-2,04	-0,76	-1,85	2,04	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 12
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

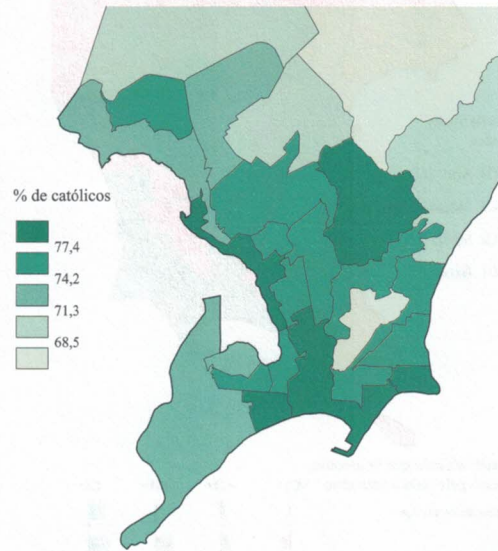


Fig. 13
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

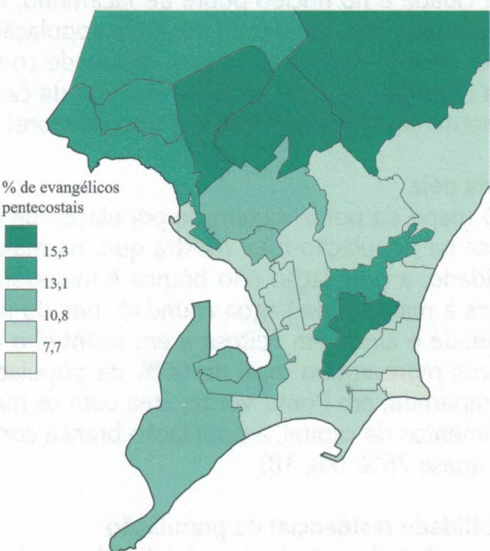


Fig. 14
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

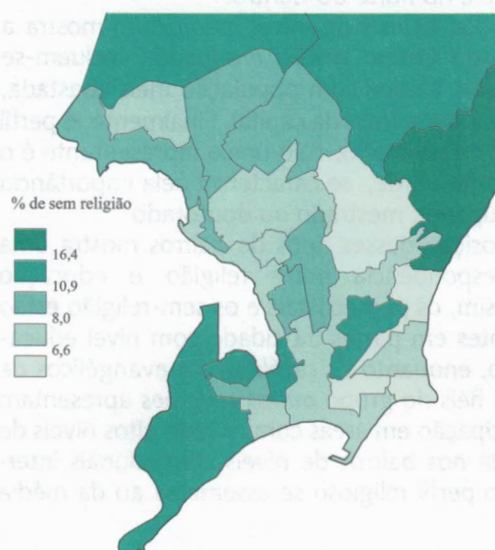


Fig. 15
Aglomerado subnormal*

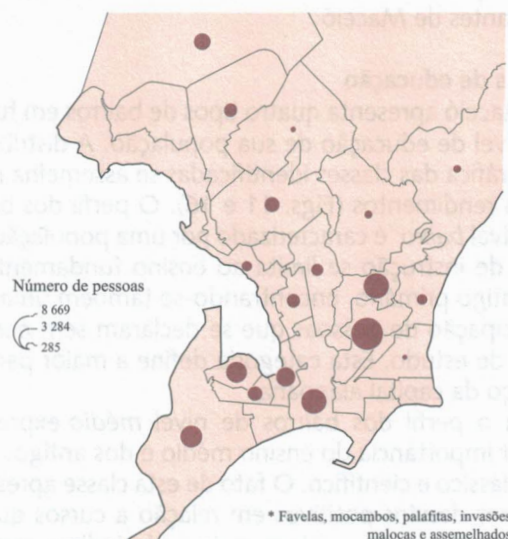


Tabela 5
Distribuição da população de Maceió segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	70,39	2,83	13,29	2,53	10,96	100
Médio	76,72	3,51	7,77	4,24	7,76	100
Médio/Alto	77,22	3,73	7,25	5,38	6,41	100
Alto	80,51	4,72	1,00	8,40	5,37	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição geográfica dos analfabetos revela que a maior parte dos bairros da capital alagoana apresenta percentuais acima de 10%, que podem mesmo dobrar nas proximidades da Lagoa Mundaú (Fig.17). Porcentagens muito elevadas são verificadas ainda no nordeste da cidade e no núcleo pobre de Jacintinho, onde os analfabetos correspondem a 20% da população. Já os bairros da orla oceânica do leste da cidade confirmam a sua condição de áreas mais favorecidas da capital, ao apresentarem taxas de analfabetismo inferiores a 5%.

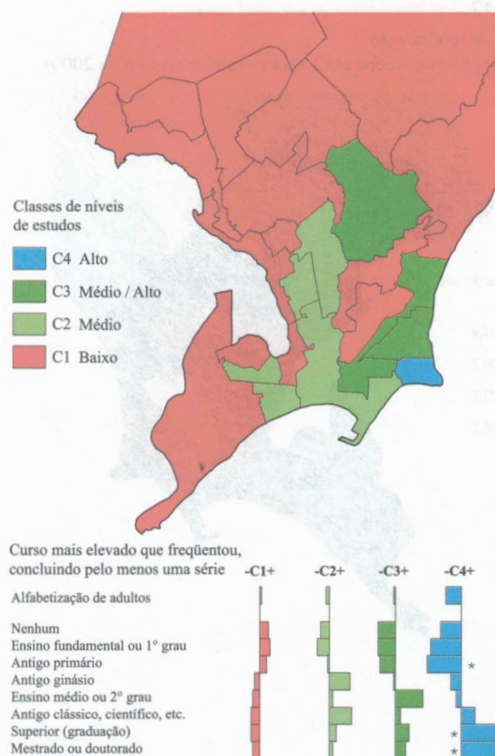
Cor da pele

O mapa da porcentagem de população de cor não branca na população total mostra que, na maior parte da cidade, a população não branca é majoritária. Nos bairros à margem da Lagoa Mundaú, nos do nordeste da cidade e ainda em Feitosa e em Jacintinho os não-brancos representam mais de 60% da população. Em contrapartida, em Ponta Verde, área com os mais altos rendimentos da capital, a população branca corresponde a quase 75% (Fig.18).

Estabilidade residencial da população

A análise dos níveis de estabilidade residencial da população de Maceió revela que, na maior parte dos seus bairros, predominam habitantes originários do próprio município. É, no entanto, às margens da Lagoa Mundaú, bem como em Jacarecica, no litoral leste, que

Fig. 16
Níveis de estudos



a estabilidade residencial atinge o seu percentual máximo, de 70% da população (Fig. 19).

Em contrapartida, é nos bairros do noroeste, como Santos Dumont e Clima Bom, e em Ponta Verde, que as porcentagens de nativos são as mais baixas de Maceió, inferiores a 55%. Estas áreas possuem, no entanto, ca-

racterísticas opostas: enquanto no noroeste predominam habitantes pobres de baixo grau de instrução, em Ponta Verde a população se destaca pelos mais altos níveis de escolaridade e renda, características que definiriam os tipos diferentes de migrantes que se dirigem para Maceió.

Fig. 17
População analfabeta

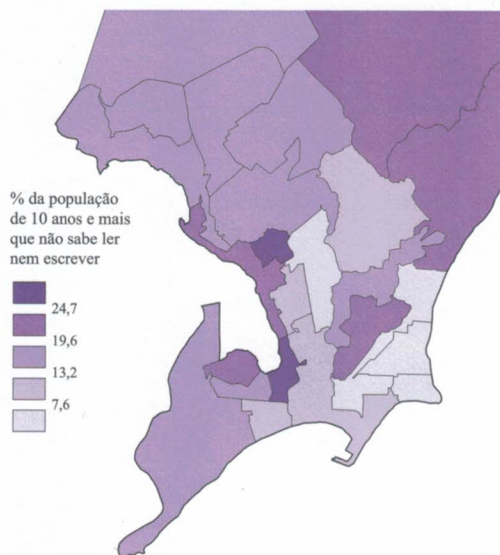


Fig. 19
População que sempre morou no mesmo município

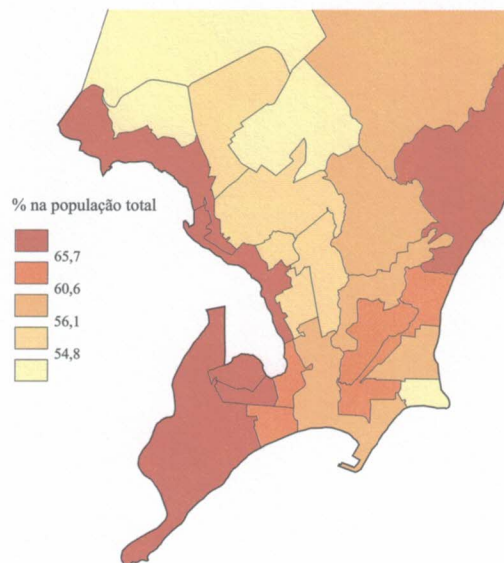
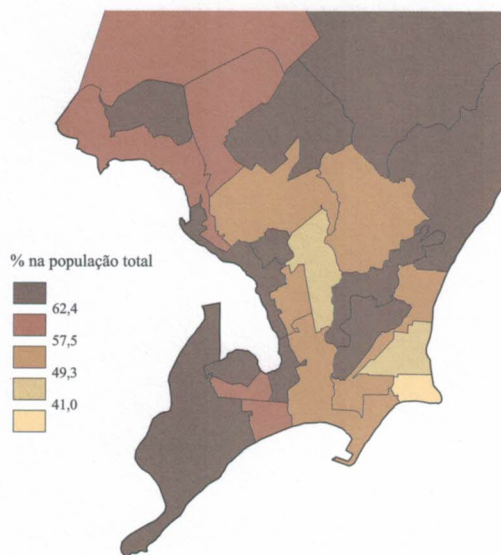


Fig. 18
População de cor não branca



Salvador



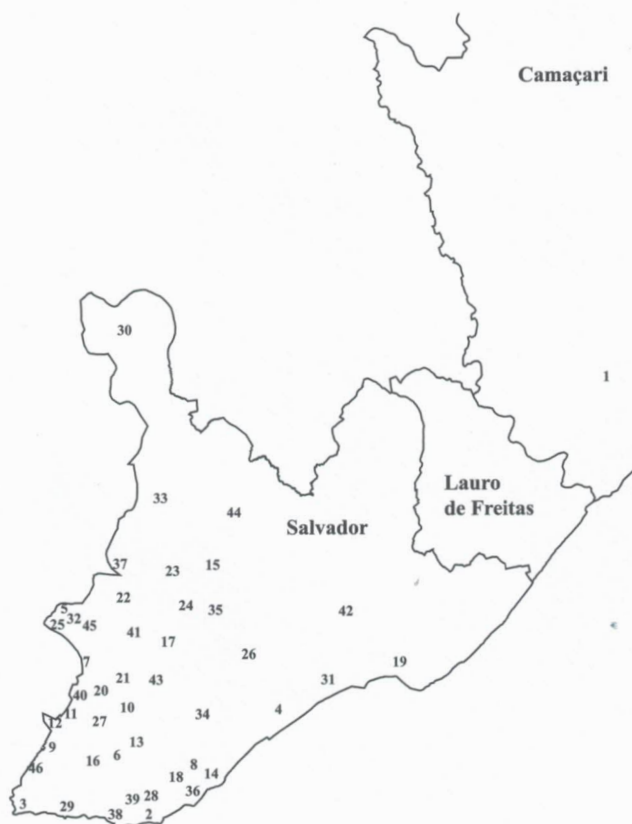
Localidades dos principais bairros

11. São Paulo	1. Centro
12. São Paulo	2. Centro
13. São Paulo	3. Centro
14. São Paulo	4. Centro
15. São Paulo	5. Centro
16. São Paulo	6. Centro
17. São Paulo	7. Centro
18. São Paulo	8. Centro
19. São Paulo	9. Centro
20. São Paulo	10. Centro
21. São Paulo	11. Centro
22. São Paulo	12. Centro
23. São Paulo	13. Centro
24. São Paulo	14. Centro
25. São Paulo	15. Centro
26. São Paulo	16. Centro
27. São Paulo	17. Centro
28. São Paulo	18. Centro
29. São Paulo	19. Centro
30. São Paulo	20. Centro
31. São Paulo	21. Centro
32. São Paulo	22. Centro
33. São Paulo	23. Centro
34. São Paulo	24. Centro
35. São Paulo	25. Centro
36. São Paulo	26. Centro
37. São Paulo	27. Centro
38. São Paulo	28. Centro
39. São Paulo	29. Centro
40. São Paulo	30. Centro
41. São Paulo	31. Centro
42. São Paulo	32. Centro
43. São Paulo	33. Centro
44. São Paulo	34. Centro
45. São Paulo	35. Centro
46. São Paulo	36. Centro
47. São Paulo	37. Centro
48. São Paulo	38. Centro
49. São Paulo	39. Centro
50. São Paulo	40. Centro
51. São Paulo	41. Centro
52. São Paulo	42. Centro
53. São Paulo	43. Centro
54. São Paulo	44. Centro
55. São Paulo	45. Centro
56. São Paulo	46. Centro
57. São Paulo	47. Centro
58. São Paulo	48. Centro
59. São Paulo	49. Centro
60. São Paulo	50. Centro
61. São Paulo	51. Centro
62. São Paulo	52. Centro
63. São Paulo	53. Centro
64. São Paulo	54. Centro
65. São Paulo	55. Centro
66. São Paulo	56. Centro
67. São Paulo	57. Centro
68. São Paulo	58. Centro
69. São Paulo	59. Centro
70. São Paulo	60. Centro
71. São Paulo	61. Centro
72. São Paulo	62. Centro
73. São Paulo	63. Centro
74. São Paulo	64. Centro
75. São Paulo	65. Centro
76. São Paulo	66. Centro
77. São Paulo	67. Centro
78. São Paulo	68. Centro
79. São Paulo	69. Centro
80. São Paulo	70. Centro
81. São Paulo	71. Centro
82. São Paulo	72. Centro
83. São Paulo	73. Centro
84. São Paulo	74. Centro
85. São Paulo	75. Centro
86. São Paulo	76. Centro
87. São Paulo	77. Centro
88. São Paulo	78. Centro
89. São Paulo	79. Centro
90. São Paulo	80. Centro
91. São Paulo	81. Centro
92. São Paulo	82. Centro
93. São Paulo	83. Centro
94. São Paulo	84. Centro
95. São Paulo	85. Centro
96. São Paulo	86. Centro
97. São Paulo	87. Centro
98. São Paulo	88. Centro
99. São Paulo	89. Centro
100. São Paulo	90. Centro





Localização dos principais bairros



- | | |
|-----------------------|------------------------------|
| 1 Abrantes | 24 Mata Escura |
| 2 Amaralina | 25 Monte Serrat |
| 3 Barra | 26 Narandiba |
| 4 Boca do Rio | 27 Nazaré |
| 5 Bonfim | 28 Nordeste |
| 6 Brotas | 29 Ondinha |
| 7 Calçada | 30 Paripe |
| 8 Caminho das Árvores | 31 Patamares |
| 9 Centro | 32 Penha |
| 10 Cidade Nova | 33 Periperi |
| 11 Comércio | 34 Pernambuco |
| 12 Conceição da Praia | 35 Pirajá |
| 13 Cosme de Farias | 36 Pituba |
| 14 Costa Azul | 37 Plataforma |
| 15 Dom Avelar | 38 Rio Vermelho da Federação |
| 16 Engenho Velho | 39 Santa Cruz |
| 17 Fazenda Grande | 40 Santo Antônio |
| 18 Itaigara | 41 São Caetano |
| 19 Itapoã | 42 São Cristóvão |
| 20 Lapinha | 43 São Gonçalo do Retiro |
| 21 Liberdade | 44 Valéria |
| 22 Lobato | 45 Vila Rui Barbosa |
| 23 Marechal Rondon | 46 Vitória |

APRESENTAÇÃO

A capital do estado da Bahia localiza-se no litoral, sendo banhada a oeste pela Baía de Todos os Santos e ao sul e a leste pelo Oceano Atlântico. Com 2 443 108 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, concentra 18,7% da população do estado.

Salvador se constitui no mais importante centro comercial, industrial e de prestação de serviços da Bahia, ligando-se às principais capitais brasileiras por via aérea e por rodovias federais. Assim, a BR-101 e a BR-116 se constituem em grandes eixos de integração, uma vez que unem Salvador a capitais do Nordeste, Sudeste e Sul do país. Já a BR-242, que corta a Bahia de leste a oeste, permite a conexão de Salvador com Brasília. Estradas estaduais convergem para esses eixos, facilitando as comunicações da capital baiana com o interior. Além das rodovias, há três troncos ferroviários principais para o transporte de cargas, que partem de Salvador em direção a Sergipe, ao Piauí e a Minas Gerais, atravessando assim diferentes regiões do estado.

Origem e evolução

Salvador foi fundada em 1549 pelo primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Sousa, com a finalidade de proteger o território dos ataques indígenas e das invasões de potências rivais de Portugal. Foi a primeira cidade fundada no país, ocupando a posição de capital da Colônia, durante duzentos anos (1549-1763).

Assim, o seu papel de capital colonial, o progresso que a lavoura canavieira experimentou no Recôncavo Baiano e a exportação do açúcar pelo seu porto possibilitaram um surto de desenvolvimento na cidade. Salvador começa, então, a se expandir e passam a ser construídos palácios, casarões e igrejas, que ainda hoje são encontrados no seu Centro Histórico. Porém, a transferência da sede da capital colonial para o Rio de Janeiro provocou uma redução no seu ritmo de desenvolvimento.

Expansão urbana

Salvador é dividida em Cidade Baixa e Alta, que possuem vários meios de ligação entre elas, sendo o Elevador Lacerda, no entanto, o mais famoso, pelo seu caráter turístico. A Cidade Baixa, na estreita planície litorânea, caracteriza-se pelas atividades portuárias e comerciais. Já a Cidade Alta abriga bairros residenciais, casarões coloniais, antigos prédios do governo, ricas igrejas e museus, que formam o Centro Histórico de Salvador. Nesta parte da cidade se encontra o conjunto arquitetônico do

Pelourinho, declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, em 1985. A partir de 1992, o governo do estado iniciou um grande projeto de sua recuperação, incluindo a renovação da infra-estrutura urbana e a adaptação de seus prédios a funções turísticas.

Assim, através desse projeto, foram feitos vultosos investimentos para a recuperação dos prédios antigos e concedidos financiamentos a comerciantes para se estabelecerem no bairro. Na maioria das casas foram instalados bares, restaurantes, lojas de artesanato, além de museus, galerias e espaços musicais, transformando o Pelourinho no mais importante pólo turístico de Salvador.

A expansão do turismo, aliado ao crescimento das atividades comerciais, industriais e de serviços na capital baiana, a partir dos anos 1960, provocou um acentuado aumento da sua população, causando graves problemas sociais para a cidade. Um exemplo disso pode ser visto na área chamada *Miolo*, que engloba diversos bairros de população de baixa renda, situados entre a BR-324 e a Avenida Luiz Viana Filho, parte antiga da cidade, outrora ocupada por chácaras¹.

A ocupação do *Miolo* vem sendo feita tanto de forma dirigida, através de conjuntos habitacionais, como os de Cajazeiras e Casa Grande, quanto de modo espontâneo, a exemplo do bairro de Tancredo Neves, que resultou de invasões. Foi sobretudo nos anos 1980 e 1990 que a região do *Miolo* cresceu mais, constituindo-se num grande eixo de expansão da cidade. Trata-se de uma área com carência de infra-estrutura urbana e de serviços básicos.

Salvador apresenta, no entanto, características topográficas que limitam o seu crescimento. Há poucas áreas ainda disponíveis para serem incorporadas e elas estão próximas de reservas ambientais que precisam ser preservadas. Por isso, a ocupação de áreas vulneráveis do ponto de vista ambiental acaba se tornando uma alternativa para a população excluída.

Além disso, com a extinção do Banco Nacional de Habitação (BNH), em 1986, a casa própria se tornou um projeto distante para as camadas menos favorecidas da população. Desse modo, os pobres estão sendo obrigados a resolver o problema da habitação por seus próprios meios, o que aumenta as ocupações irregulares e o processo de favelização vertical, ampliando os riscos de desabamento de casas mal edificadas.

Na sua expansão para o interior, a cidade conta ainda com uma importante via de circulação, a Avenida

¹ A respeito das transformações urbanas na cidade de Salvador, consultar: Rosali Braga Fernandes, Processos recentes de urbanização/segregação em Salvador: o Miolo, região popular e estratégica da cidade. In: *Biblio 3W*, Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales, Vol. IX, nº 523, 20/07/2004. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-523.htm>>

Antônio Carlos Magalhães, que atravessa uma nova área da cidade. Ela tem início na Pituba e passa pelos bairros residenciais e comerciais de Itagira e Caminho das Árvores, se constituindo atualmente numa área residencial de classe média alta de Salvador.

Outro eixo de expansão da cidade se deu com a abertura da Avenida Luiz Vianna, ao longo da qual foi instalado o Centro Administrativo da Bahia e foram criados novos bairros residenciais e áreas comerciais. Mais recentemente, a cidade vem crescendo em direção às praias do litoral leste, onde estão sendo construídos muitos edifícios residenciais e condomínios horizontais.

A imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, mostra bem a configuração física da capital baiana, cercada pelo mar na sua maior parte. Ela deixa claro também que a mancha urbana de Salvador, de cor rosa, se apresenta mais adensada na parte oeste da cidade, de ocupação mais antiga, situada às margens da Baía de Todos os Santos. A ocupação se torna mais rarefeita, com maior presença de áreas verdes, no nordeste da cidade.

Atividades econômicas

A importância da atividade industrial na região metropolitana de Salvador pode ser percebida pela presença da Refinaria Landulfo Alves, da Petrobras, do Centro Industrial de Aratu e do Pólo Petroquímico de Camaçari. A Refinaria Landulfo Alves, localizada no município de São Francisco do Conde, na Baía de Todos os Santos, começou a ser construída em 1949, sendo uma das refinarias mais antigas do país, e sua história se liga à descoberta dos primeiros poços de petróleo no Brasil, no Recôncavo Baiano. Com uma capacidade instalada de 307 mil barris/dia, tem como principais produtos o gás de cozinha, a gasolina, o querosene e o querosene de aviação.

Já o Centro Industrial de Aratu, fundado nos anos 1960, situa-se numa área que abrange os municípios de Candeias e Simões Filho, entre o Pólo Petroquímico de Camaçari e os portos de Aratu e Salvador. Possui 170 unidades de produção dos segmentos químico, metalúrgico, mecânico, farmacêutico e alimentício.

O Pólo Petroquímico de Camaçari, por sua vez, está localizado no município do mesmo nome, a 35 km de Salvador, na direção nordeste. Criado no final dos anos 1970, constitui-se num grande complexo industrial, com mais de 70 empresas dos setores químico e petroquímico, além de outros ramos de atividade, como celulose, metalurgia, bebidas e produtos têxteis. Atualmente, o Pólo tem se expandido e diversificado a sua produção industrial. Assim, os maiores empreendimentos recentemente implantados na Bahia se localizaram em Camaçari, como o da Ford, que aí instalou uma fábrica para produzir veículos, e o da Monsanto para produzir matérias-primas para herbicidas.

Na Baía de Todos os Santos, está situado o Complexo Portuário que abrange os portos de Aratu e Salvador, além de terminais privativos. O Porto de Aratu, situado em Candeias, é especializado em grãos, possuindo terminais para gases, sólidos e líquidos, movimentando principalmente a produção do Pólo Petroquímico de Camaçari.

Atualmente, o Porto de Aratu tem, como área de influência, os estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, o oeste de Pernambuco e o leste de Minas Gerais. O seu acesso é feito pela BR-324, que se conecta às rodovias BR-101, BR-110 e BR-116, e pela Ferrovia Centro-Atlântica. Já o Porto de Salvador, no centro da cidade, possui um terminal marítimo da Petrobras, por onde é exportado petróleo bruto e produtos da Refinaria Landulfo Alves, e um cais para atracação de navios de passageiros.

Além dessas atividades existentes na região metropolitana, indústrias não poluentes têm se instalado na capital, a exemplo da informática, que tem contribuído para a criação de novos empregos na cidade. Cabe mencionar ainda a importância econômica do turismo em Salvador, em decorrência do grande apelo que despertam as suas peculiaridades físicas e culturais. De fato, a capital baiana é o segundo destino turístico mais importante do país, recebendo milhares de turistas por ano, do Brasil e do exterior, o que contribui para o desenvolvimento dos serviços ligados ao turismo, à cultura e ao entretenimento.

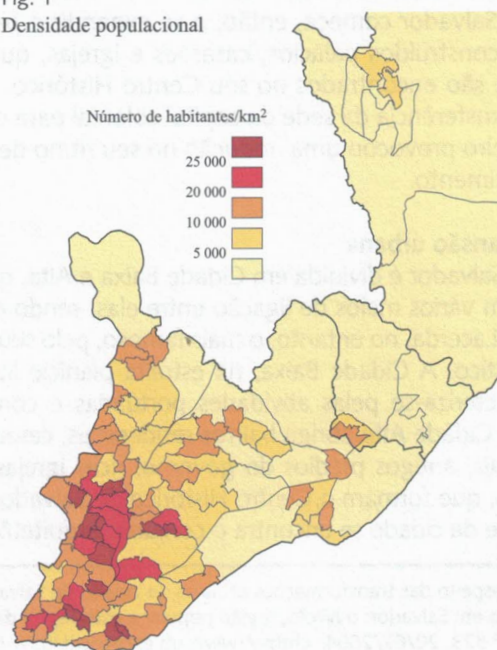
Densidade e crescimento de população

Em Salvador, as maiores densidades demográficas se concentram em bairros da parte oeste da cidade, como, por exemplo, Vila Rui Barbosa, Liberdade e Cidade Nova (Fig. 1). No entanto, numa grande área que se estende por quase toda a orla da Baía, passando pela Barra, já no encontro com o Oceano, e incluindo bairros do litoral sul da cidade, como Rio Vermelho, Amaralina e Pituba, verificam-se também altas taxas de densidade demográfica. A partir de Pituba, as taxas tendem a diminuir, registrando-se os mais baixos índices nos municípios de Lauro de Freitas e Camaçari, na região metropolitana de Salvador.

O município da capital apresentou, no período de 1991 a 2000, um aumento populacional de 367 835 habitantes, com uma taxa média de crescimento anual de 1,8%, bem inferior à dos municípios de sua periferia metropolitana que foi de 3,6%.

Fig. 1

Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Salvador, como a forte redução do percentual de católicos, ao mesmo tempo em que aumentavam as porcentagens das pessoas que se declaravam sem religião, dos evangélicos pentecostais e dos evangélicos de missão.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Salvador		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	62,1	5,6	7,3	6,9	18,1
	Resto da RM	57,4	4,7	12,2	4,9	20,8
1991	Município	76,8	3,0	4,1	4,8	11,3
	Resto da RM	80,2	2,3	5,9	2,6	9,0
2000-1991	Município	-14,7	2,6	3,2	2,0	6,8
	Resto da RM	-22,8	2,5	6,3	2,3	11,8

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Salvador, com 62,1% da população católica (Tab.1), é a capital nordestina com o menor percentual de fiéis. No resto da sua região metropolitana, o catolicismo apresenta ainda um percentual mais baixo, de 57,4%. Esta diferença deve-se a um processo de perda da Igreja Católica, de 1991 a 2000, que vem ocorrendo de modo mais acentuado na periferia metropolitana, de -22,8 pontos percentuais, do que no município da capital, de -14,7 pontos. Considerando-se somente a perda de fiéis em Salvador, tem-se uma das maiores reduções de católicos entre as capitais do país, inferior apenas à de Manaus.

A distribuição dos católicos revela que quase toda a metade-sul da cidade apresenta percentuais superiores a 65%, podendo-se distinguir, no entanto, dois núcleos principais: um composto pela Barra e adjacências e outro pela Pituba e vizinhanças, áreas onde mais de três quartos dos habitantes se declaram católicos (Figs. 2 e 3). Em contrapartida, no norte da capital, os percentuais de católicos diminuem acentuadamente, podendo chegar a 38% da população. Já na periferia, enquanto no município de Lauro de Freitas os católicos têm uma presença significativa, no de Camaçari eles são pouco expressivos.

Convém lembrar ainda que em Salvador a Igreja Católica Apostólica Brasileira possui relativa importância, uma vez que 1,6% da população declara pertencer a esta confissão religiosa, um dos mais altos percentuais entre as capitais brasileiras (Fig. 4). A distribuição dos seus adeptos revela que eles estão mais presentes em bairros onde a Igreja Católica se mostra menos expressiva, como os do noroeste da cidade.

Evangélicos de Missão

O município de Salvador conta com cerca de 135 000 fiéis e o restante da sua região metropolitana com apenas 28 000, o que corresponde, respectivamente, a 5,6% e 4,7% da população. Se por um lado Salvador não se destaca quanto à proporção de evangélicos de missão na sua população, ocupando o oitavo lugar entre as capitais brasileiras, por outro é uma das

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

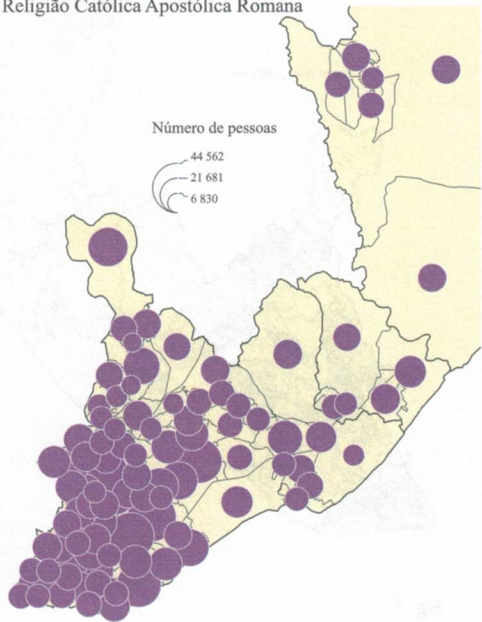
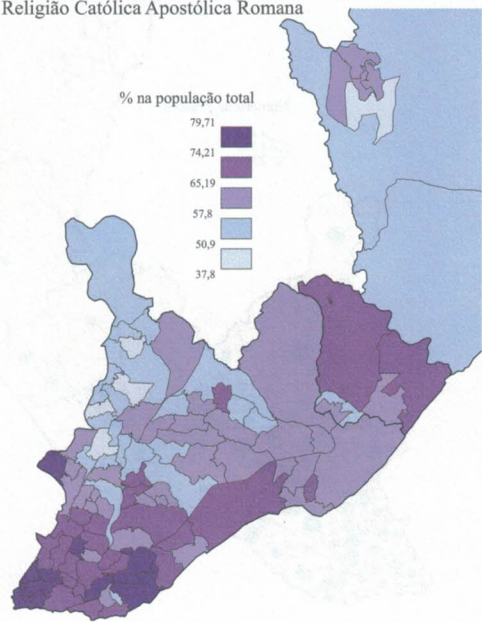


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana



que apresentou maior expansão desse segmento religioso que, de 1991 a 2000, revelou um aumento de +2,6 pontos percentuais, o terceiro crescimento mais significativo, depois de São Luís e de Recife.

A sua distribuição geográfica mostra que eles estão pouco presentes no sul da cidade, tanto nas margens da Baía de Todos os Santos, quanto na orla oceânica (Figs. 5 e 6). Em contrapartida, sua presença é mais significativa em alguns bairros do norte de Salvador, onde os evangélicos de missão representam, às vezes, 11% dos habitantes. Já na periferia distante, como Camaçari, seus percentuais são dos mais baixos.

Dentre as religiões que integram o grupo dos evangélicos de missão, os batistas são os mais importantes,

com 4,3% da população, seguidos de longe pelos adventistas, que reúnem apenas 0,9% de fiéis.

Evangélicos Pentecostais

Enquanto os evangélicos de missão, em termos relativos, são mais expressivos em Salvador, os pentecostais são mais importantes nos municípios da periferia metropolitana. Convém observar que em 1991, o peso dos pentecostais no município da capital e nos da periferia não era muito diferente, 4,1% em Salvador e 5,9% no restante da região metropolitana. No entanto, ao longo da década de 1990, o crescimento dos pentecostais foi muito mais acentuado na periferia do que na capital, o que provocou uma distribuição bastante desigual.

Fig. 4
Religião Católica Apostólica Brasileira

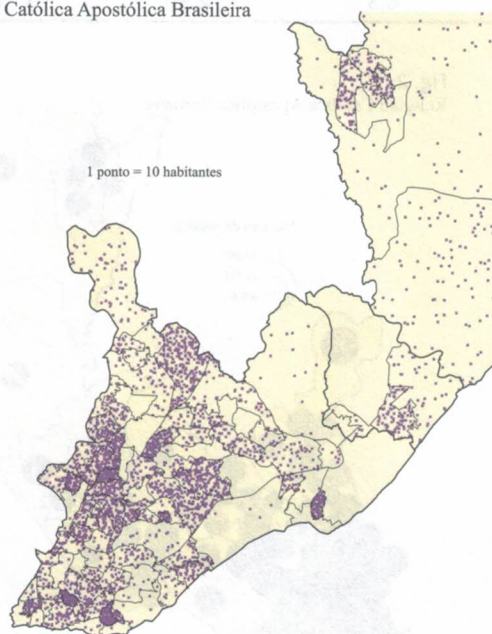


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão

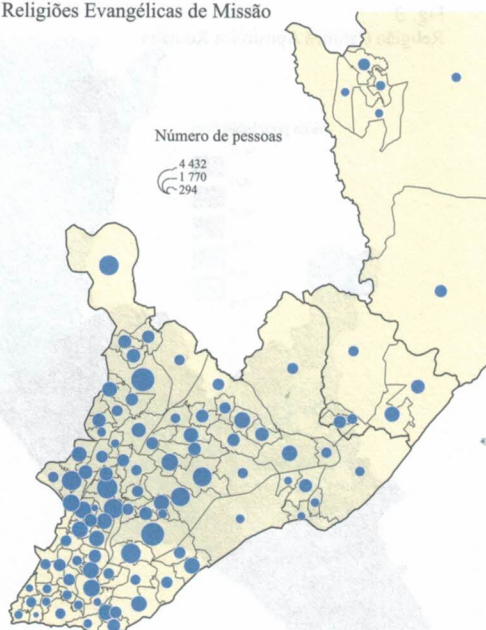


Fig. 6
Religiões Evangélicas de Missão

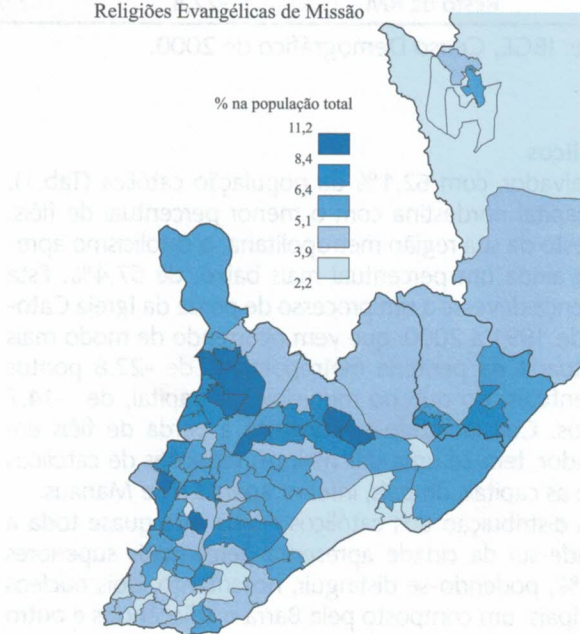
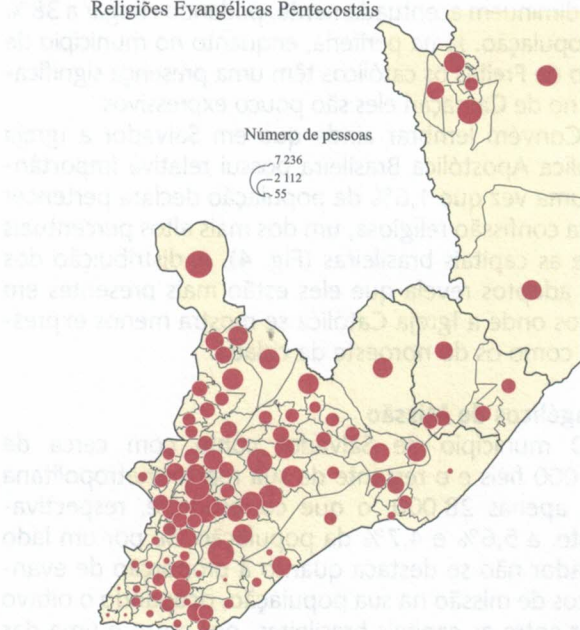


Fig. 7
Religiões Evangélicas Pentecostais



Com 180 000 fiéis no município e mais de 70 000 no resto da região metropolitana, os evangélicos pentecostais apresentam, na capital, uma localização semelhante à dos evangélicos de missão, uma vez que eles também são pouco expressivos na parte sul da cidade (Figs. 7 e 8). Sua presença é mais acentuada na metade-norte de Salvador, tornando-se maior ainda em Lauro de Freitas e em Camaçari, onde chegam a representar até 18% da população.

Destacam-se, dentre as religiões pentecostais, a Assembléia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que possuem percentuais semelhantes, 3% e 2,5% da população, respectivamente. No entanto, elas diferem quanto à sua distribuição geográfica, pois a IURD se apresenta mais expressiva em Salvador (Fig. 9), enquanto a Assembléia nos espaços periféricos.

Fig. 8
Religiões Evangélicas Pentecostais

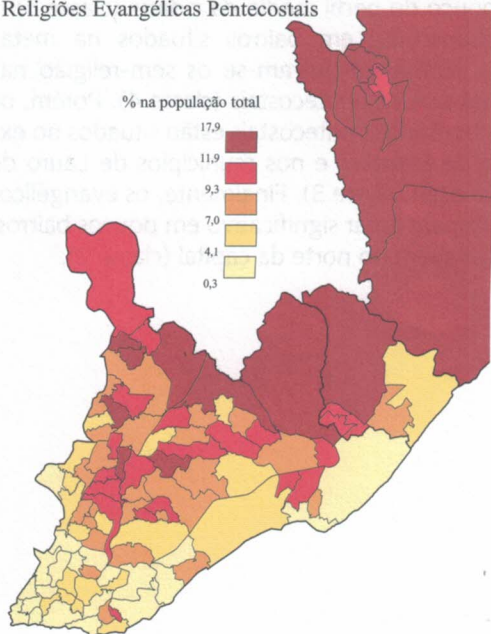
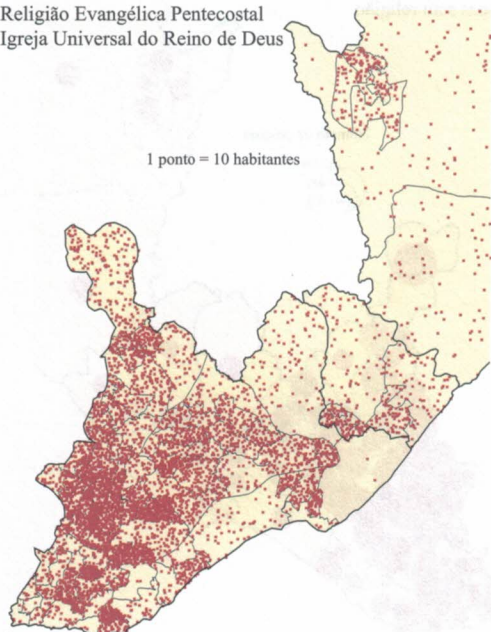


Fig. 9
Religião Evangélica Pentecostal
Igreja Universal do Reino de Deus



Candomblecistas, Testemunhas de Jeová e Espíritas

Salvador apresenta três religiões que, apesar de minoritárias no Brasil, possuem alguma importância na capital baiana: Candomblé, Testemunha de Jeová e Espírita.

O Candomblé, apesar de se constituir numa religião antiga em Salvador e desempenhar papel relevante na cultura da cidade, tem a sua importância subestimada pelo recenseamento da população. Isto se deve ao fato de ele ser praticado, muitas vezes, por pessoas que também se dizem católicas e que, ao responderem ao questionário do Censo, se definem preferencialmente como tal. Esta observação, válida também para o Rio de Janeiro, poderia ser responsável pelo registro de uma proporção bastante reduzida dos seus praticantes, de 0,4%.

A localização dos adeptos do candomblé mostra uma verdadeira oposição em relação aos territórios do

Fig. 10
Religião Candomblecista

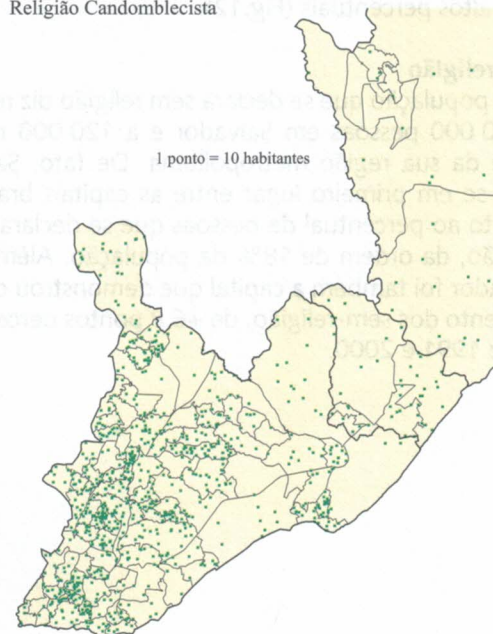
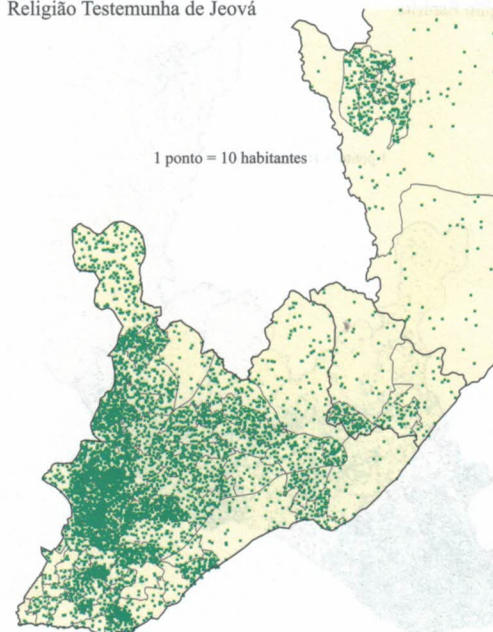


Fig. 11
Religião Testemunha de Jeová



pentecostalismo, uma vez que eles são encontrados principalmente nos bairros situados na parte oeste da cidade, como Liberdade e Engenho Velho, enquanto os pentecostais se concentram na parte norte da capital e nos municípios da periferia (Fig. 10).

Em relação aos testemunhas-de-Jeová, Salvador é a única capital do país em que esse grupo religioso mostra uma certa importância. Com 2,4% da população, percentual equivalente ao da Igreja Universal do Reino de Deus, a distribuição dos seus fiéis na cidade é inclusive bastante semelhante à dos adeptos da IURD (Figs. 9 e 11).

Já, no que diz respeito ao espiritismo, também com 2,4% da população, Salvador ocupa o primeiro lugar entre as capitais nordestinas. Os espíritas apresentam uma distribuição bastante diferente das demais religiões minoritárias tratadas aqui, uma vez que eles se localizam na parte sul do município da capital, território onde o catolicismo registra, do mesmo modo, os seus mais altos percentuais (Fig. 12).

Sem religião

A população que se declara sem religião diz respeito a 440 000 pessoas em Salvador e a 120 000 no restante da sua região metropolitana. De fato, Salvador situa-se em primeiro lugar entre as capitais brasileiras quanto ao percentual de pessoas que se declaram sem religião, da ordem de 18% da população. Além disso, Salvador foi também a capital que demonstrou o maior aumento dos sem-religião, de +6,8 pontos percentuais, entre 1991 e 2000.

As proporções mais elevadas de pessoas sem religião se encontram nos bairros da metade-norte da capital e dos municípios da periferia. Nessas áreas, seus percentuais ultrapassam, freqüentemente, 20% da população, podendo mesmo chegar a 34% (Figs. 13 e 14). Em contrapartida, na parte sul de Salvador, sobretudo no Centro, Vitória e Barra, de um lado, e Pituba e Costa Azul, de outro, os sem-religião apresentam participações muito reduzidas, inferiores a 10%, em geral.

Perfil religioso

Em Salvador, foram identificadas cinco classes de acordo com o perfil religioso de sua população (Fig. 15). Um conjunto de bairros situados no litoral, desde Santo Antônio, no oeste, até Patamares, no leste, passando pela Barra, é caracterizado pela presença mais acentuada de católicos (classe 1). Já o espaço situado atrás desta faixa apresenta características religiosas que se diferenciam pouco do perfil médio da cidade (classe 5).

Em contrapartida, em bairros situados na metade-norte da capital, encontram-se os sem-religião nas mesmas áreas que os pentecostais (classe 4). Porém, os verdadeiros territórios pentecostais estão situados no extremo norte de Salvador e nos municípios de Lauro de Freitas e Camaçari (classe 3). Finalmente, os evangélicos de missão ocupam lugar significativo em poucos bairros, localizados também no norte da capital (classe 2).

Fig. 12
Religião Espírita

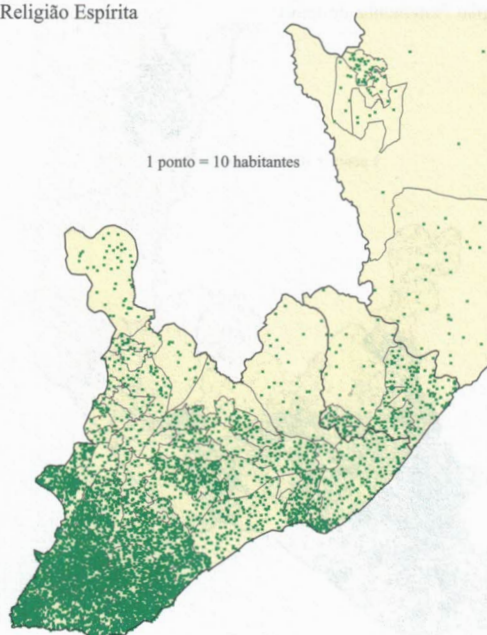


Fig. 13
Pessoas sem religião

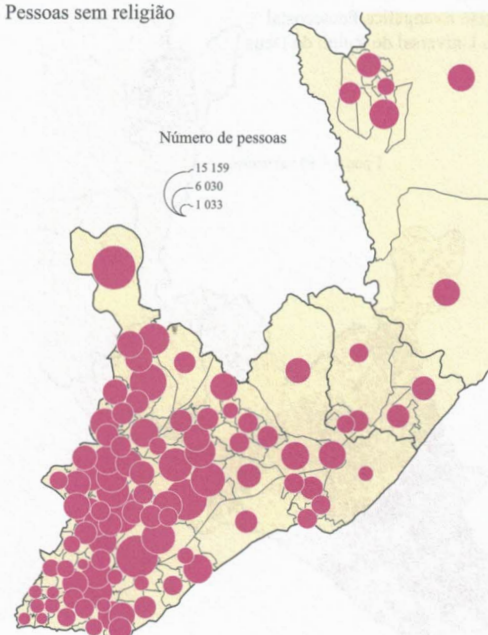


Fig. 14
Pessoas sem religião

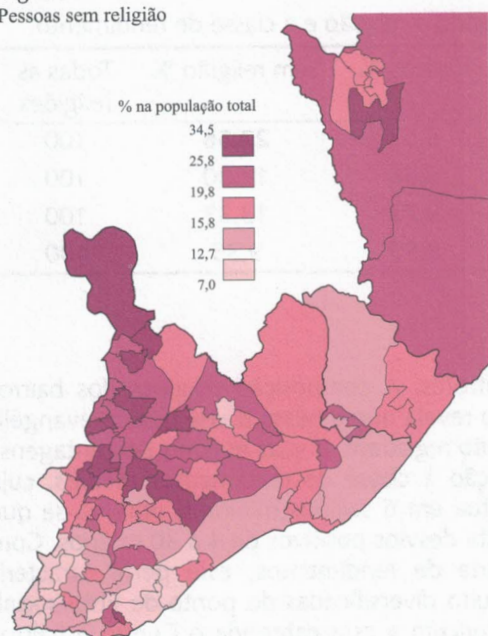
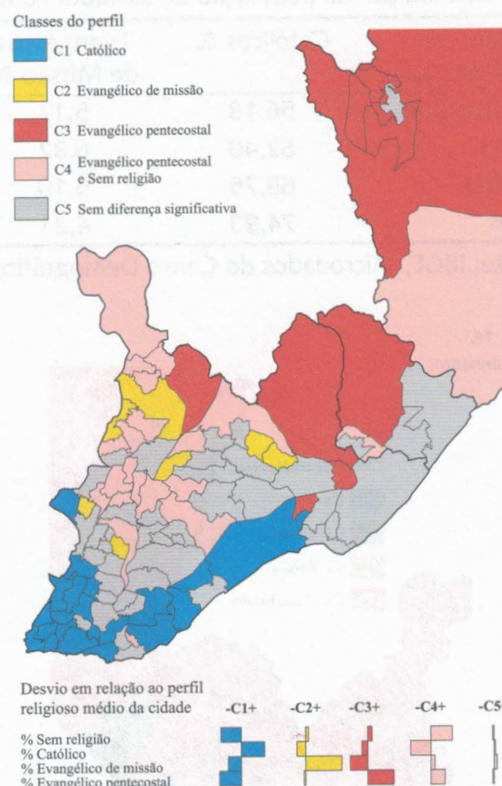


Fig. 15
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Salvador permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Salvador apresenta um acentuado nível de pobreza, uma vez que 80,9% da sua população declara

receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 59,4% apenas um ou menos (Tab. 2). Para os evangélicos pentecostais, a situação é ainda mais grave, pois 70,1% deles fazem parte da classe de 0 a 1 salário mínimo, enquanto os fiéis das outras confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, evangélicos de missão, católicos e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Salvador com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	57,2	59,4	70,1	53,4	65,3	59,4
2-3 sm	21,8	22,0	20,7	19,2	21,5	21,5
4-6 sm	9,9	10,0	6,2	11,5	7,0	9,2
7-10 sm	4,9	4,2	1,8	6,8	2,8	4,4
11-16 sm	2,0	1,8	0,5	3,2	1,2	1,8
17-20 sm	1,8	1,3	0,4	2,7	0,9	1,6
> de 20 sm	2,4	1,3	0,3	3,2	1,3	2,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

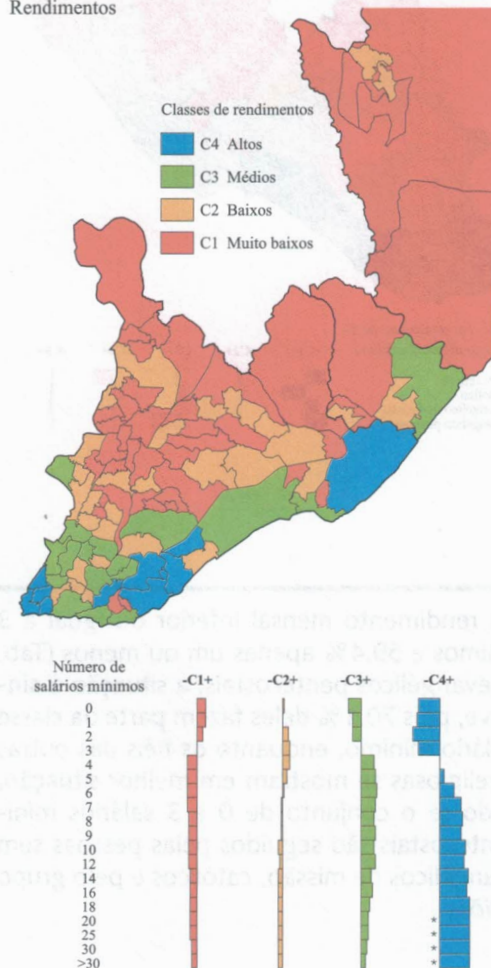
Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Tabela 3

Distribuição da população de Salvador com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	56,18	5,17	10,51	5,57	22,56	100
Baixos	62,40	6,32	7,51	6,48	17,30	100
Médios	68,75	5,10	4,10	8,72	13,33	100
Altos	74,90	4,21	1,54	9,99	9,35	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 16
Rendimentos

A classe de rendimentos *muito baixos* se caracteriza pela preponderância das categorias de 0 a 2 salários mínimos, ao passo que todas as outras se situam abaixo do perfil médio. Ela diz respeito à maioria dos bairros da metade-norte de Salvador, a boa parte do município de Lauro de Freitas e à quase totalidade de Camaçari (Fig. 16). Do ponto de vista religioso, é nesses espaços com baixos rendimentos que as pessoas sem religião e, de maneira menos acentuada, os evangélicos pentecostais apresentam os seus mais elevados percentuais (Tab. 3).

Já a classe de rendimentos *baixos* tem a sua moda em 3-4 salários mínimos e apresenta desvios positivos, sobretudo, de 2 a 5 salários. Os bairros que pertencem a esta classe se localizam, de forma dispersa, na metade-norte da capital, mas podem ser encontrados também mais ao sul, em Engenho Velho e em alguns

bairros limítrofes. A composição religiosa dos bairros em questão revela que é nessa classe que os evangélicos de missão registram as suas maiores porcentagens.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, cuja moda se situa em 6 salários mínimos, observa-se que ela apresenta desvios positivos de 4 a 30 salários. Com tal amplitude de rendimentos, este perfil caracteriza áreas muito diversificadas do ponto de vista social. Assim, pertencem a esta categoria o Centro e bairros como Monte Serrat e Bonfim, na margem da Baía de Todos os Santos; Ondina, Rio Vermelho e Amaralina, na orla sul; e Boca do Rio, Patamares e Itapoã, no litoral leste. A composição religiosa desta classe se assemelha ao perfil médio da cidade, não apresentando destaque particular para nenhum grupo religioso.

Por fim, a classe de rendimentos *altos*, que define os bairros de nível social mais elevado de Salvador, se caracteriza pela maior importância dos rendimentos superiores a 18 salários mínimos. Os bairros com tal perfil se distribuem por três diferentes áreas da capital: Barra e bairros limítrofes; Pituba, Caminho das Árvores e proximidades, e um núcleo mais afastado, que abrange as praias ao norte de Itapoã, até o limite com Lauro de Freitas. Nessas áreas, os evangélicos pentecostais estão praticamente ausentes, ao passo que os católicos correspondem, na maior parte dos bairros, a 75% da população.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência segundo o rendimento afeta de maneira diferente os habitantes de Salvador, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne quase 60% dos habitantes, observa-se uma nítida diferença entre a localização dos católicos, geralmente situados na parte sul de Salvador, em bairros com níveis de rendimentos altos ou médios (Fig. 17), e a dos pentecostais e das pessoas sem religião. Assim, observa-se que os pentecostais pobres encontram-se em maior proporção em Camaçari e em Lauro de Freitas (Fig. 18), enquanto os sem-religião de baixa renda concentram-se na parte noroeste da capital (Fig. 19).

Favelas

Cerca de 250 000 habitantes de Salvador vivem em aglomerados subnormais, o que corresponde a 10,2% de sua população (Tab. 4). Apesar de as favelas estarem presentes em quase toda a região metropolitana, percebe-se que é nos bairros situados na margem norte da Baía de Todos os Santos e numa grande área no interior

da cidade, com baixos níveis de renda, que elas se mostram mais concentradas, podendo reunir de 10 000 a 15 000 habitantes (Fig. 20).

Do ponto de vista religioso, a população das favelas revela diferenças significativas em relação aos demais habitantes de Salvador, uma vez que se observa uma

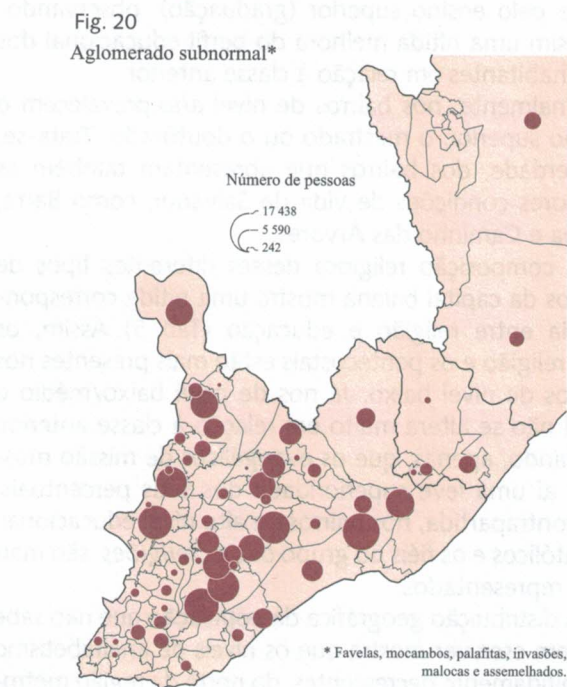
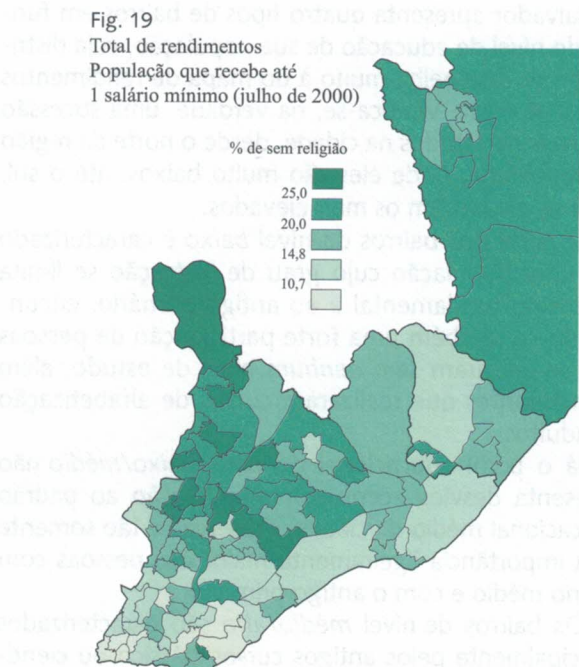
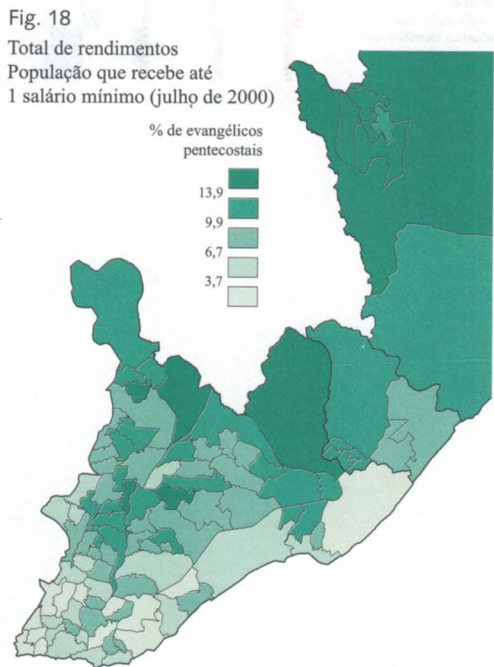
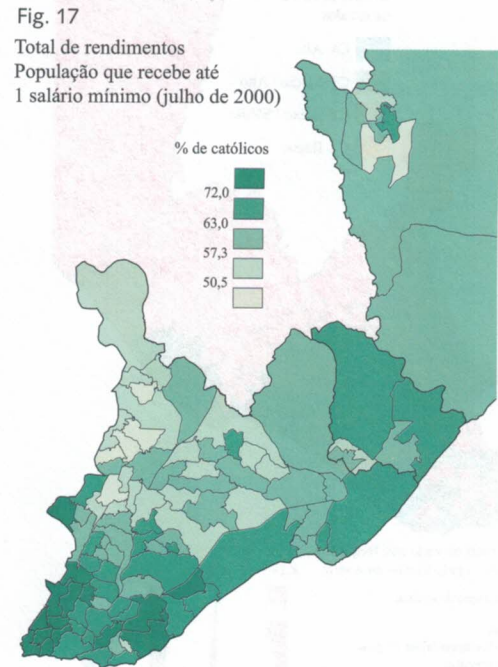


Tabela 4

Distribuição da população de Salvador segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
Setor normal	1530757	136309	182333	170003	427705	2447107
%	62,55	5,57	7,45	6,95	17,48	100
Setor subnormal	136232	11642	26858	11686	63844	250262
%	54,44	4,65	10,73	4,67	25,51	100
%subnormal- %normal	-8,12	-0,92	3,28	-2,28	8,03	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

maior participação, entre os seus moradores, das pessoas sem religião e dos evangélicos pentecostais.

Níveis de educação

Salvador apresenta quatro tipos de bairros em função do nível de educação de sua população, cuja distribuição se assemelha muito à do mapa de rendimentos (Figs. 16 e 21). Verifica-se, na verdade, uma sucessão de níveis de estudos na cidade, desde o norte da região metropolitana, onde eles são muito baixos, até o sul, onde se encontram os mais elevados.

O perfil dos bairros de nível *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo, além de habitantes que realizaram cursos de alfabetização de adultos.

Já o perfil educacional do nível *baixo/médio* não apresenta desvios acentuados em relação ao padrão educacional médio da cidade. Observa-se tão somente uma importância ligeiramente maior das pessoas com ensino médio e com o antigo primário.

Os bairros de nível *médio/alto* são caracterizados principalmente pelos antigos cursos clássico ou científico e pelo ensino superior (graduação), observando-se assim uma nítida melhora do perfil educacional dos seus habitantes em relação à classe anterior.

Finalmente, nos bairros de nível *alto* prevalecem o ensino superior, o mestrado ou o doutorado. Trata-se, na verdade, dos bairros que apresentam também as melhores condições de vida de Salvador, como Barra, Pituba e Caminho das Árvores.

A composição religiosa desses diferentes tipos de bairros da capital baiana mostra uma nítida correspondência entre religião e educação (Tab. 5). Assim, os sem-religião e os pentecostais estão mais presentes nos bairros de nível baixo. Já nos de nível baixo/médio o perfil não se altera muito em relação à classe anterior, revelando, apenas, que os evangélicos de missão mostram aí uma leve superioridade dos seus percentuais. Em contrapartida, nos bairros de alto nível educacional, os católicos e os fiéis do grupo *outras religiões* são mais bem representados.

A distribuição geográfica da população que não sabe ler nem escrever mostra que os níveis de analfabetismo são nitidamente decrescentes, do norte da região metro-

Fig. 21
Níveis de estudos

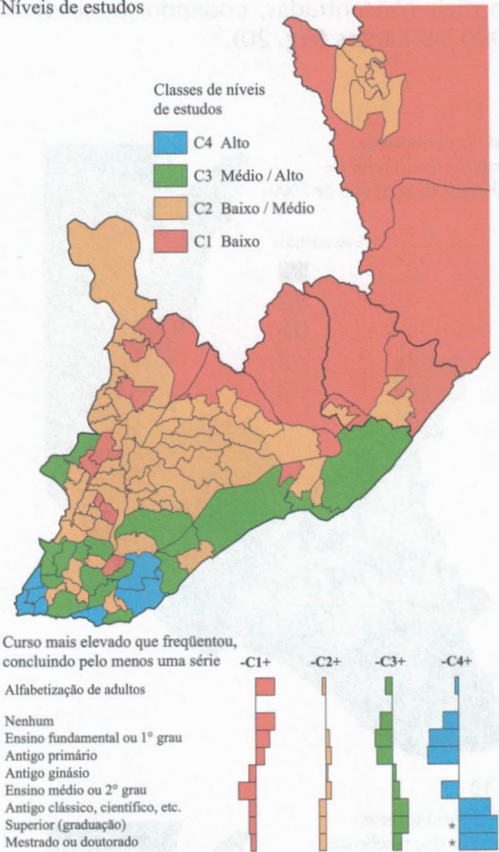


Tabela 5
Distribuição da população de Salvador segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	57,23	5,11	10,47	5,63	21,55	100
Baixo/Médio	59,74	5,82	8,69	6,13	19,61	100
Médio/Alto	68,87	5,12	3,82	9,11	13,08	100
Alto	76,49	3,88	1,30	9,39	8,93	100

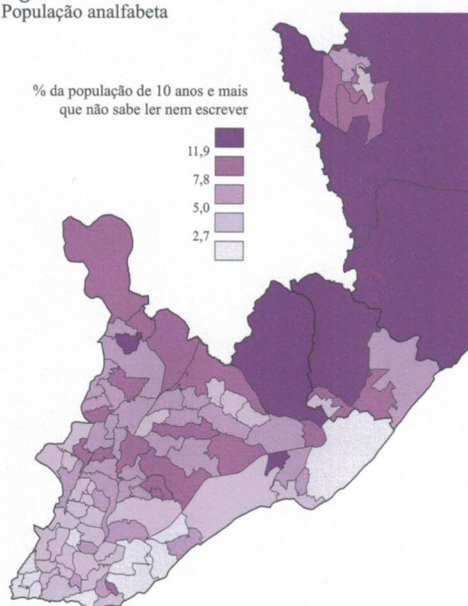
Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

politana, onde se encontram os mais elevados percentuais, até o sul de Salvador, onde estão as taxas mais baixas (Fig. 22). Assim, enquanto em Camaçari os analfabetos podem representar 12% da população, na Barra e na Pituba, por exemplo, eles não chegam a 3%.

Cor da pele

Como se sabe, a população de origem africana é muito importante em Salvador e imprimiu à cidade muitos dos seus traços culturais. Não é de se estranhar, portanto, que a maior parte da cidade seja habitada por pessoas de cor não branca. Sua porcentagem ultrapassa, freqüentemente, 80% e só diminui, de maneira significativa, no litoral sul onde os brancos se tornam predominantes (Fig. 23).

Fig. 22
População analfabeta



Estabilidade residencial da população

A distribuição geográfica das porcentagens dos habitantes que sempre residiram no mesmo município revela, de modo geral, uma diminuição gradativa da estabilidade residencial, do oeste em direção ao leste da região metropolitana (Fig. 24). Desse modo, os bairros da parte oeste da cidade mostram uma grande estabilidade residencial, em torno de 70% da população, enquanto nos do leste, esta porcentagem diminui progressivamente, podendo representar menos de 43% dos habitantes.

Fig. 24
População que sempre morou no mesmo município

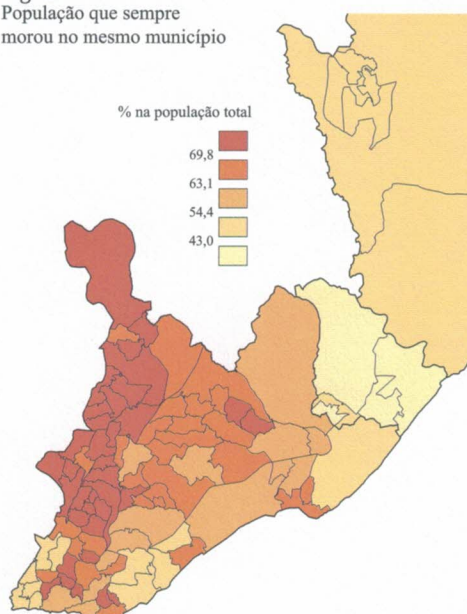
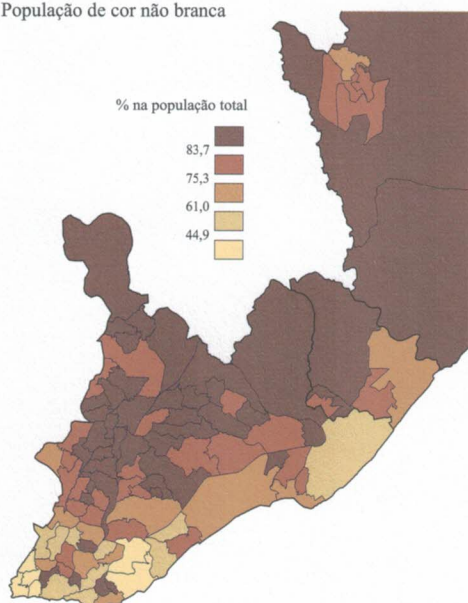
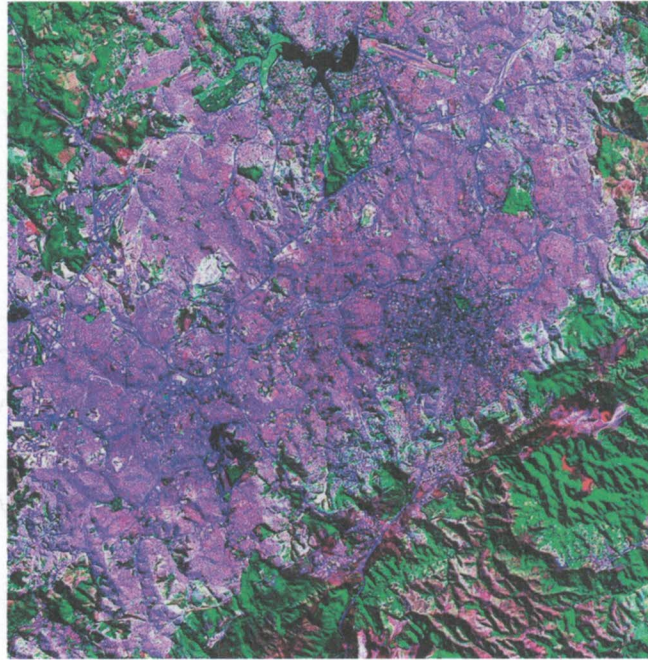


Fig. 23
População de cor não branca



Belo Horizonte



1	Adriano Machado	31	Capitão João de	61	Estação de Metrô
2	Alameda	32	Carvalho	62	Est. 1
3	Alameda Central	33	Carvalho	63	Est. 2
4	Alameda das Indústrias	34	Carvalho	64	Est. 3
5	Alameda	35	Carvalho	65	Est. 4
6	Alameda	36	Carvalho	66	Est. 5
7	Alameda	37	Carvalho	67	Est. 6
8	Alameda	38	Carvalho	68	Est. 7
9	Alameda	39	Carvalho	69	Est. 8
10	Alameda	40	Carvalho	70	Est. 9
11	Alameda	41	Carvalho	71	Est. 10
12	Alameda	42	Carvalho	72	Est. 11
13	Alameda	43	Carvalho	73	Est. 12
14	Alameda	44	Carvalho	74	Est. 13
15	Alameda	45	Carvalho	75	Est. 14
16	Alameda	46	Carvalho	76	Est. 15
17	Alameda	47	Carvalho	77	Est. 16
18	Alameda	48	Carvalho	78	Est. 17
19	Alameda	49	Carvalho	79	Est. 18
20	Alameda	50	Carvalho	80	Est. 19
21	Alameda	51	Carvalho	81	Est. 20
22	Alameda	52	Carvalho	82	Est. 21
23	Alameda	53	Carvalho	83	Est. 22
24	Alameda	54	Carvalho	84	Est. 23
25	Alameda	55	Carvalho	85	Est. 24
26	Alameda	56	Carvalho	86	Est. 25
27	Alameda	57	Carvalho	87	Est. 26
28	Alameda	58	Carvalho	88	Est. 27
29	Alameda	59	Carvalho	89	Est. 28
30	Alameda	60	Carvalho	90	Est. 29

Localização dos principais bairros



- | | | | |
|-------------------------|--------------------------|----------------------|-------------------------|
| 1 Abílio Machado | 21 Capitão Eduardo | 41 Jardim América | 71 Prudente de Moraes |
| 2 Anchieta/Sion | 22 Cardoso | 42 Jardim Europa | 72 PUC |
| 3 Antônio Carlos | 23 Castelo | 43 Jardim Felicidade | 73 Ribeiro de Abreu |
| 4 Bairro das Indústrias | 24 Centro | 44 Jardim Montanhês | 74 Santa Amélia |
| 5 Baleia | 25 Céu Azul | 45 Jatobá | 75 Santa Efigênia |
| 6 Barragem | 26 Concórdia | 46 Lindéia | 76 Santa Inês |
| 7 Barreiro de Baixo | 27 Confisco | 47 Mangabeiras | 77 Santa Maria |
| 8 Barreiro de Cima | 28 Copacabana | 48 Mantiqueira/Sesc | 78 Santo Antônio |
| 9 Barreiro-Sul | 29 Cristiano Machado | 49 Mariano de Abreu | 79 São Bento/Sta. Lúcia |
| 10 Barro Preto | 30 Estoril/Buritiz | 50 Morro das Pedras | 80 São Bernardo |
| 11 Barroca | 31 Floresta/Santa Teresa | 51 Olhos d'Água | 81 São Francisco |
| 12 Belmonte | 32 Francisco Sales | 52 Ouro Preto | 82 São João Batista |
| 13 Belvedere | 33 Furquim Verneck | 53 Padre Eustáquio | 83 São Paulo/Goiânia |
| 14 Betânia | 34 Garças/Braúnas | 54 Pampulha | 84 Sarandi |
| 15 Boa Vista | 35 Glória | 55 Pilar Oeste | 85 Savassi |
| 16 Cabana | 36 Gorduras | 56 Piratininga | 86 Serra |
| 17 Cachoeirinha | 37 Instituto Agrônomo | 57 Planalto | 87 Serra Verde |
| 18 Cafezal | 38 Isidoro Norte | 58 Pompéia | 88 Taquari |
| 19 Caiçara | 39 Jaqueline | 59 Prado Lopes | 89 Tupi/Floramar |
| 20 Camargos | 40 Jaraguá | 60 Primeiro de Maio | 90 UFMG |
| | | | 91 Venda Nova |

APRESENTAÇÃO

A capital de Minas Gerais situa-se no centro-sul do estado, a 850 metros acima do nível do mar, contornada pela Serra do Curral. Com 2 238 526 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, concentra 12,5% da população estadual.

Belo Horizonte liga-se às demais capitais brasileiras por diversas rodovias federais. Localizada num importante entroncamento rodoviário, tem como principais eixos de integração a BR-040, que une a capital mineira a Brasília e ao Rio de Janeiro, a BR-262, que a conecta a Vitória, e a BR-381, que estabelece a ligação com São Paulo. Estradas estaduais convergem para esses eixos, facilitando as comunicações de Belo Horizonte com o interior. Além das rodovias, há ainda ferrovias para o transporte de cargas, que partem de Belo Horizonte em direção ao Espírito Santo e ao Rio de Janeiro.

A capital de Minas se constitui num dos mais importantes centros industriais e comerciais do país, destacando-se também como centro cultural, pelas universidades, museus e bibliotecas que possui.

Origem e evolução

Inaugurada em 1897, Belo Horizonte foi uma das primeiras capitais planejadas do país. A cidade foi construída no local onde existia uma pequena vila chamada Curral Del Rey, fundada no início do século XVIII, pelo bandeirante João Leite da Silva Ortiz.

No final do século XIX, a capital de Minas Gerais à época, Ouro Preto, apresentava dificuldades para se expandir, devido à sua localização, num vale com relevo acidentado. Tal fato motivou a decisão de se construir uma nova cidade para sediar o governo mineiro. Além desse aspecto, havia também, por trás do projeto de mudança da capital, o desejo dos republicanos de apagar as marcas do passado colonial que Ouro Preto ostentava em sua arquitetura¹. Assim, uma cidade construída segundo padrões modernos representaria uma nova época da vida política de Minas Gerais.

Expansão urbana

Belo Horizonte, criada então para ser a sede do governo de Minas Gerais, foi dividida em três zonas: a área central, a área suburbana e a área rural. Assim, a zona central era reservada às elites políticas estaduais e aos funcionários públicos, a suburbana era destinada aos operários e artesãos e a rural aos colonos.

O espaço planejado da zona central supunha uma malha perpendicular de ruas, cortadas por avenidas

em diagonal, com quarteirões de dimensões regulares e uma avenida em torno de seu perímetro urbano, a Avenida do Contorno. No início, a área planejada com ruas largas parecia grande demais para os seus poucos habitantes. Mas, gradativamente, a cidade foi crescendo e, na década de 1920, ganhou impulso com o desenvolvimento da indústria.

Com esse crescimento surgiram novos bairros na periferia, e a expansão da cidade passou a se dar sem muito controle ou planejamento. Na verdade, muitos dos novos bairros que se formaram não possuíam serviços de infra-estrutura básica, como água e esgoto, enquanto o Centro permanecia relativamente pouco ocupado, em função do elevado preço dos lotes. Nesse contexto, começaram a aparecer muitas favelas, que, aliás, tiveram início por ocasião da criação da cidade, uma vez que a área prevista para abrigar os operários que trabalhavam na sua construção era insuficiente diante do constante fluxo de trabalhadores.

De forma planejada, porém, surgiu, a 8 km do centro de Belo Horizonte, um dos bairros mais nobres da capital, a Região da Pampulha, com residências de luxo, em torno de um lago artificial, e com a famosa Capela de São Francisco de Assis, obra projetada por Oscar Niemeyer e decorada com pinturas de Cândido Portinari. Na verdade, o Complexo da Pampulha, inaugurado em 1943, fez parte de um projeto de desenvolvimento e modernização da cidade, do então prefeito Juscelino Kubitschek, destinado a projetar o nome da capital. Nas suas proximidades, se encontra também o Museu de Arte da Pampulha.

Enquanto os anos 1940 se caracterizaram pela modernização da arquitetura da cidade, os anos 1950 ficariam conhecidos como a década da indústria, devido ao surto de desenvolvimento alcançado por esse setor. Em função disso, dá-se um grande êxodo rural, o que leva a população da cidade a dobrar de tamanho. Agravam-se os problemas urbanos, como a falta de moradia, e a cidade vai se tornando vertical, com a construção de uma série de novos prédios.

Nesse processo, casas eram demolidas para dar lugar a arranha-céus e áreas verdes destruídas. A chamada *Cidade-Jardim*, que tanto encantava os poetas mineiros, já fazia parte do passado. Com a necessidade de desafogar o trânsito, novas avenidas eram construídas, e assim foi se descaracterizando a cidade planejada.

Esse progresso teve, naturalmente, como consequência o aumento das desigualdades sociais, o que pode ser

¹ A propósito da origem e evolução urbana de Belo Horizonte, ver: *BH 100 Anos/ Uma Lição de História*. In: <<http://portal1.pbh.gov.br/>>

observado pelo crescimento do número de favelas, que se distribuem por toda a cidade. Da mesma forma, nos municípios da região metropolitana a população de baixa renda se aglomera também em inúmeras favelas ou em conjuntos habitacionais, a exemplo do de São Benedito, no município de Santa Luzia.

Os problemas decorrentes do crescimento da capital se acentuam, quando Belo Horizonte atinge a marca de um milhão de habitantes, nos anos 1970. A expansão desordenada, a destruição da memória da cidade, a degradação ambiental e as desigualdades sociais foram, aos poucos, se tornando uma preocupação dos habitantes da capital mineira. Assim, observou-se uma mudança na mentalidade dos seus moradores, quando eles se deram conta de que era preciso cuidar da cidade.

A imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, mostra bem a configuração física da capital mineira, junto à Serra do Curral, cujas escarpas são mais visíveis na parte sul da cidade. Ela deixa claro ainda que a mancha urbana de Belo Horizonte se apresenta mais adensada no leste, onde se localiza o centro da cidade. A noroeste, pode-se identificar claramente a área verde do *campus* da Universidade Federal de Minas Gerais e a Lagoa da Pampulha. Já no sudoeste, a concentração urbana se refere à cidade de Contagem. A ocupação se torna mais rarefeita, com maior presença de áreas verdes, no noroeste e no sudeste da cidade.

Atividades econômicas

A região metropolitana de Belo Horizonte se destaca, em termos econômicos, pela existência de um parque industrial diversificado, com ênfase no setor metalúrgico. A presença do Quadrilátero Ferrífero, em municípios próximos, no Vale do Aço, onde estão localizadas as principais jazidas de ferro e manganês do país, tem se constituído num importante fator para a expansão industrial na capital mineira.

A composição atual do parque fabril da região metropolitana de Belo Horizonte reflete os novos ramos que se incorporaram ao processo industrial brasileiro, com a implantação de indústrias nos setores metal-mecânico, material elétrico e comunicações, além da siderurgia e da petroquímica. Neste contexto, destacam-se os municípios de Contagem e Betim, onde se localizam importantes distritos industriais, que datam dos anos 1950, quando a instalação da indústria automobilística em São Paulo estimulou a produção de ferro-gusa e aço nessa região. É desta época também a criação das Centrais Elétricas de Minas Gerais, elemento fundamental para o desenvolvimento industrial do estado.

Contagem possui um moderno e diversificado parque industrial, constituído por quase 2.500 indústrias, que se beneficiam da proximidade de recursos naturais, de amplo mercado consumidor e de um grande contingente de mão-de-obra especializada.

Já Betim abriga, além da Refinaria Gabriel Passos, da Petrobras, a fábrica de automóveis da FIAT, fatores que têm contribuído para a aceleração do seu desenvolvimento. A Refinaria Gabriel Passos, inaugurada em 1968, possui uma capacidade instalada de 151 mil barris/dia e tem como principais produtos gasolina,

óleo diesel, querosene de aviação e gás de cozinha. A implantação da fábrica de automóveis Fiat, em 1976, e suas indústrias-satélites, resultaram na formação do segundo pólo industrial automobilístico do país.

A comercialização da produção industrial tem sido facilitada pela melhoria da infra-estrutura de transportes, representada não só pela expansão da malha rodoviária, como também da ferroviária, importante fator para a expansão das atividades econômicas da região metropolitana de Belo Horizonte.

Densidade e crescimento populacional

O mapa com a distribuição das taxas de densidade demográfica na região metropolitana revela que as mais altas se concentram em bairros em torno do Centro, como Santo Antônio, Anchieta e Sion (Fig. 1). Já no próprio Centro, onde se desenvolvem as atividades de comércio e serviços, encontram-se níveis intermediários de densidade populacional. Destacam-se ainda por elevadas taxas de densidade bairros mais distantes, no extremo norte do município da capital, onde a existência de favelas contribui para o maior adensamento demográfico.

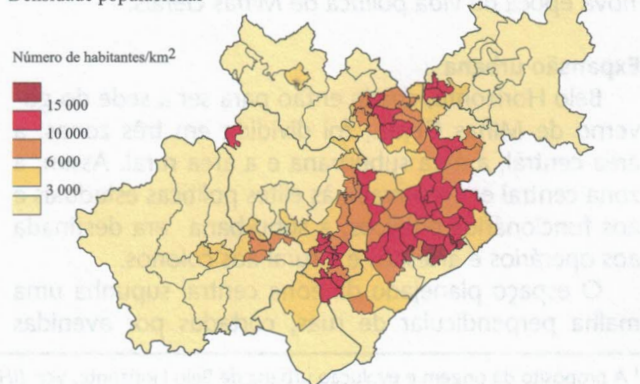
Por outro lado, as baixas densidades em diversas áreas do município de Belo Horizonte devem-se a diversos fatores, como à existência de morros, à presença do Aeroporto da Pampulha e da lagoa do mesmo nome a noroeste. Aliás, em torno da lagoa tem-se uma área residencial tradicional, de alta classe média, com taxas mais baixas de densidade, em razão do grande número de casas ali existentes.

Nos outros municípios que integram a região metropolitana de Belo Horizonte, encontram-se algumas concentrações populacionais, de forma descontínua, que correspondem à localização de suas sedes municipais ou à existência de empreendimentos imobiliários de cunho popular, que resultam em maiores densidades de habitantes em determinadas áreas. Este é o caso de Santa Luzia e Ribeirão das Neves, ao norte, e de Contagem, a oeste.

O município de Belo Horizonte apresentou, no período de 1991 a 2000, um crescimento populacional de 218 365 habitantes, sendo a sua taxa média de crescimento anual de 1,1%. Como é natural nas regiões metropolitanas, o município central, já bastante saturado, vem crescendo menos do que os demais, que tiveram um aumento de mais de 500 000 habitantes, numa taxa de crescimento anual de 3,6%, bem superior à da capital.

Fig. 1

Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Belo Horizonte, como a forte redução do percentual de católicos,

ao mesmo tempo em que aumentavam as porcentagens dos evangélicos pentecostais, das pessoas que se declaravam sem religião e dos evangélicos de missão.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Belo Horizonte		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	69,2	6,5	10,5	5,8	8,0
	Resto da RM	67,2	5,5	15,7	3,8	7,9
1991	Município	80,3	4,1	6,1	3,8	5,7
	Resto da RM	80,7	3,5	8,8	2,3	4,8
2000-1991	Município	-11,1	2,4	4,4	2,0	2,4
	Resto da RM	-13,5	2,0	6,9	1,5	3,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Belo Horizonte é a capital do Sudeste com os mais elevados percentuais de católicos, que representam quase 70% da sua população (Tab.1). Observa-se, no entanto, pouca diferença entre o peso dos católicos no município da capital (69,2%) e nos demais municípios da região metropolitana (67,2%). Aliás, a situação atual — menos católicos na periferia do que na capital — se explica por um decréscimo um pouco maior na periferia, de -13,5 pontos percentuais, do que em Belo Horizonte, de -11,1 pontos, na década de 1990.

A localização dos católicos em Belo Horizonte revela uma redução gradativa dos seus percentuais, da área central da capital em direção à periferia (Figs. 2 e 3). Assim, no Centro e em bairros próximos, como Savassi, Anchieta e Sion, as porcentagens podem chegar até a 83% de fiéis. Em torno desse núcleo mais católico, um conjunto de bairros forma uma espécie de coroa, que se estende até à Pampulha, a noroeste, e Belvedere, ao sul. Nessa área, a presença católica se mantém ainda elevada, representando entre 71% e 76% da população. No entanto, em alguns bairros próximos às áreas mais católicas da parte central, que se caracterizam por níveis de renda e escolaridade muito baixos, os percentuais de católicos diminuem consideravelmente, podendo chegar a 55%.

O mesmo modelo do tipo centro-periferia observado na capital, se verifica também em Contagem, Betim e Santa Luzia, com maiores percentuais de católicos nos centros dos municípios e menores nas suas periferias. Foge a este padrão, no entanto, Ribeirão das Neves, onde os percentuais de católicos não ultrapassam 66% da sua população.

Evangélicos de Missão

Com pouco mais de 145 000 fiéis no município e 106 000 no restante da região metropolitana, correspondendo, respectivamente, a 6,5% e 5,5% da população, Belo Horizonte ocupa o quarto lugar entre as capitais brasileiras, quanto à proporção de evangélicos de missão no total dos seus habitantes. Esta posição se deve ao crescimento, no período de 1991 a 2000, de

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

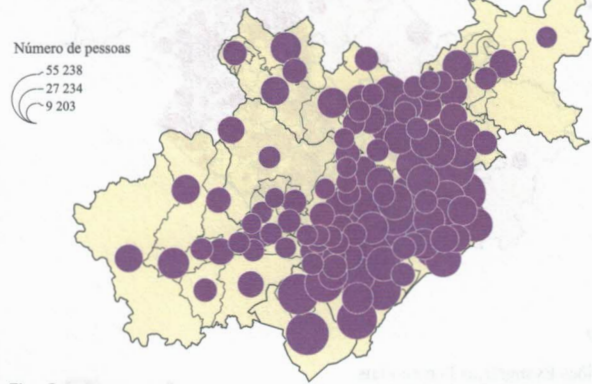


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana

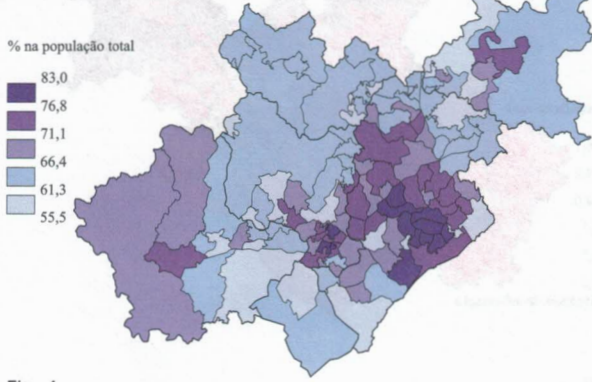


Fig. 4
Religiões Evangélicas de Missão

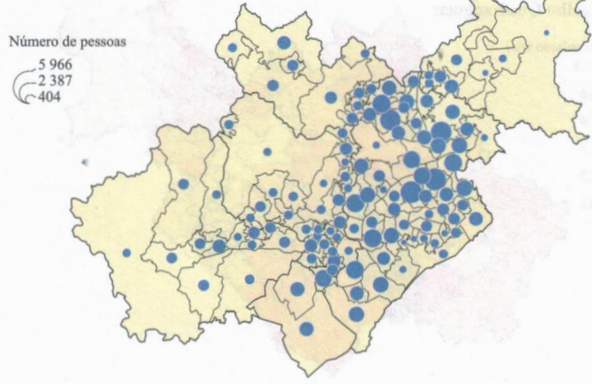


Fig. 5

Religiões Evangélicas de Missão

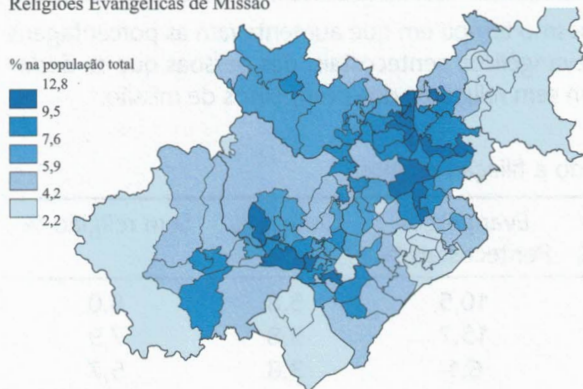


Fig. 6

Religiões Evangélicas Pentecostais

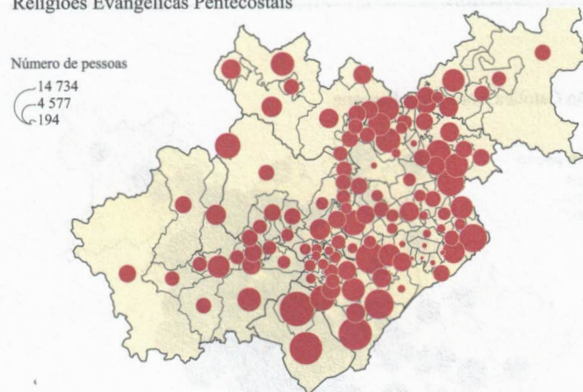


Fig. 7

Religiões Evangélicas Pentecostais

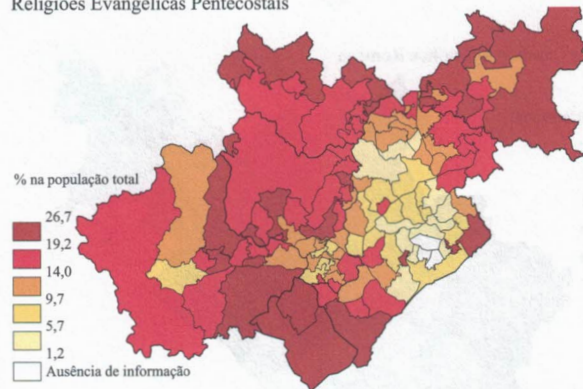
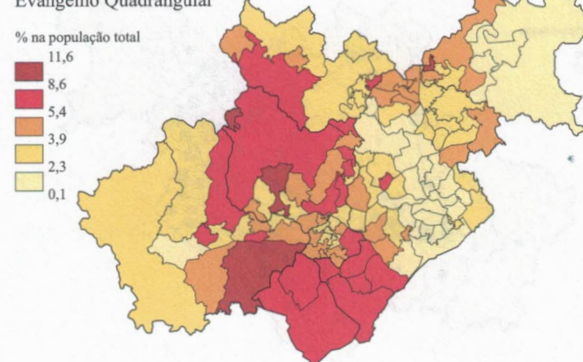


Fig. 8

Religião Evangélica Pentecostal
Evangelho Quadrangular

+2,4 pontos percentuais na capital e de +2 pontos no resto da sua região metropolitana.

Os evangélicos de missão se mostram mais expressivos, sobretudo, num conjunto de bairros localizados no norte da cidade, onde o seu peso pode representar até 13% da população (Figs. 4 e 5). Fora desse território bem demarcado, sua presença se mostra muito reduzida nos espaços periféricos, com exceção de alguns poucos bairros de Contagem e de Betim.

Dentre os diversos grupos evangélicos de missão aí existentes, os batistas, com 4,9% de adeptos, se constituem na confissão religiosa mais representativa.

Evangélicos Pentecostais

Com 10,5% da população se declarando evangélica pentecostal e tendo apresentado um aumento de +4,4 pontos percentuais, entre 1991 e 2000, Belo Horizonte não se destaca, entre as capitais brasileiras, pela importância do pentecostalismo. Já na sua periferia metropolitana, os pentecostais, com 15,7% de fiéis, se mostram mais expressivos em decorrência de um crescimento de +7 pontos percentuais, observado na década de 1990.

Na verdade, este contraste entre Belo Horizonte e a sua periferia é marcante no espaço metropolitano da capital mineira (Figs. 6 e 7). Assim, o Centro e os bairros mais próximos revelam menor presença pentecostal. Esta mesma situação acontece na Pampulha, Santa Amélia e Planalto, a noroeste, e em Estoril e Buritis, ao sul. Já nos limites do município de Belo Horizonte e no resto da região metropolitana, forma-se um território onde as porcentagens de evangélicos pentecostais ultrapassam, freqüentemente, 14% dos habitantes, podendo chegar mesmo a 27%. Fogem a este padrão apenas alguns bairros de Contagem, Betim e Santa Luzia.

Dentre as igrejas pentecostais existentes na capital mineira, nenhuma delas mostra um predomínio acentuado. Assim, o Evangelho Quadrangular reúne 3,6% de fiéis, a Assembléia de Deus 2,6%, a Igreja Universal do Reino de Deus 2% e Deus é Amor 1,2%. A distribuição dos percentuais dos adeptos do Evangelho Quadrangular, a maior de todas, revela que eles se encontram, principalmente nos municípios da periferia metropolitana, como Contagem, Betim e Ibirité, mas também em bairros no sul do município da capital (Fig. 8).

Sem religião

Em Belo Horizonte não há diferença entre o peso dos sem-religião na capital e na periferia metropolitana, onde representam, respectivamente, 8% e 7,9% da população. Observa-se, no entanto, que na década de 1990 o crescimento na periferia foi um pouco maior do que o verificado na capital.

A população que se declara sem religião diz respeito a 180 000 pessoas em Belo Horizonte e a 152 000 no restante da sua região metropolitana. Como, em termos relativos, a situação da capital não difere da periferia, verifica-se que o peso dos sem-religião se mostra importante tanto em bairros da capital como da periferia (Figs. 9 e 10).

Observa-se ainda que os sem-religião em Belo Horizonte não estão relacionados com níveis de renda e

Fig. 9
Pessoas sem religião

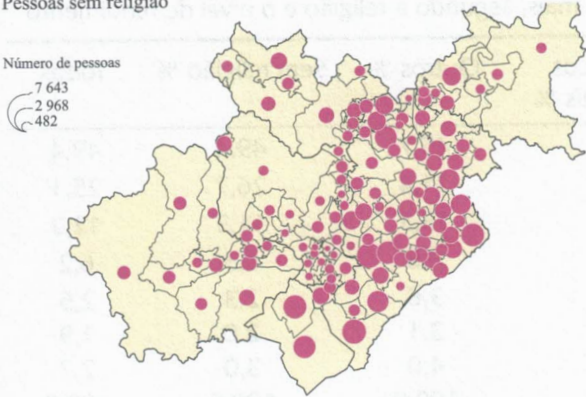
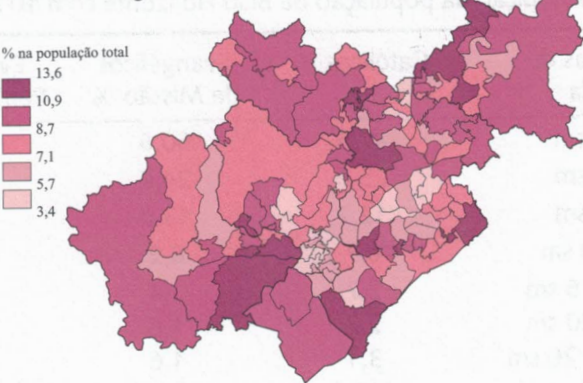


Fig. 10
Pessoas sem religião



de escolaridade, como acontece frequentemente nas capitais brasileiras, uma vez que altos percentuais são encontrados em bairros ricos, como a Pampulha, e em bairros pobres, como Baleia, Cafezal, Morro das Pedras e Cabana.

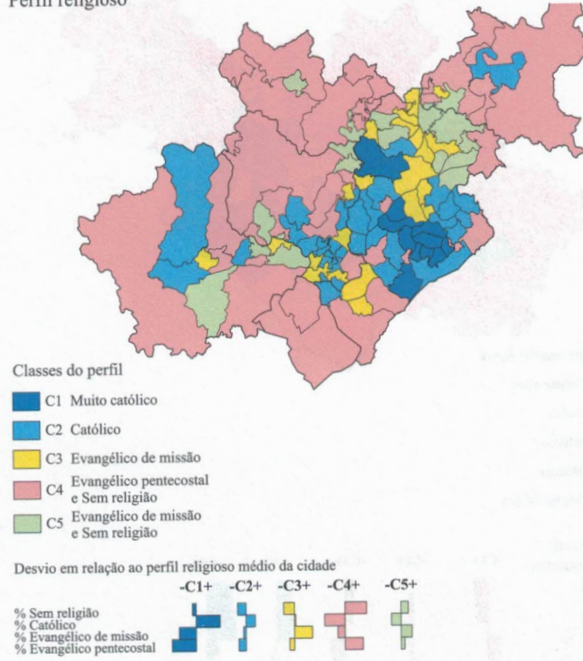
Perfil religioso

Em Belo Horizonte, foram identificadas cinco classes de acordo com o perfil religioso de sua população (Fig. 11). O catolicismo se destaca no Centro e em bairros próximos, como Savassi, Anchieta e Sion, e também na Pampulha, a noroeste, e em Buritis, no sul (classe 1). Em torno desse núcleo mais católico, forma-se um anel — ainda que incompleto ao norte — cujos bairros se caracterizam também pela importância dos católicos, embora menos significativa (classe 2).

Já os evangélicos de missão se localizam na parte setentrional da capital, numa sequência de bairros que se estende de Prado Lopes, próximo ao Centro, até Serra Verde, no extremo norte do município (classe 3). Junto a essa área, se destaca um conjunto de bairros onde os evangélicos de missão dividem o território com as pessoas sem religião (classe 5).

Finalmente, o perfil religioso da maior parte da periferia metropolitana se caracteriza pela importância das pessoas sem religião e dos pentecostais (classe 4). Em meio a essa área, observa-se, no entanto, territórios de resistência católica ou evangélica de missão, principalmente, em Contagem e em Betim.

Fig. 11
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Belo Horizonte permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Belo Horizonte não se destaca entre as capitais brasileiras pelos mais elevados níveis de pobreza, apesar de que 74,5% da sua população declare receber um

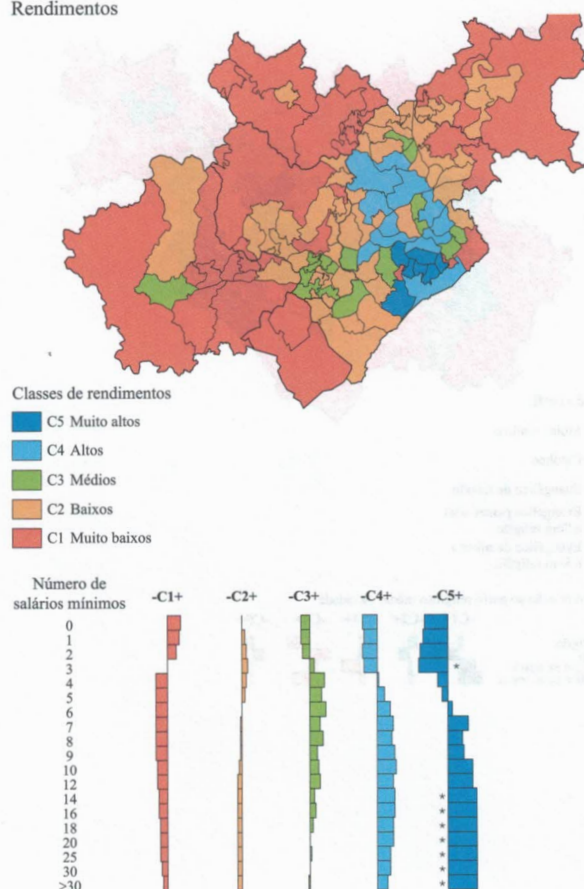
rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 49,4% apenas um ou menos (Tab. 2). O grupo religioso que se encontra, no entanto, em pior situação é o dos evangélicos pentecostais, já que 60,7% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo, ao passo que os fiéis das demais confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, evangélicos de missão, católicos e pelo grupo outras religiões.

Tabela 2

Distribuição da população de Belo Horizonte com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	47,6	50,6	60,7	45,7	49,4	49,4
2-3 sm	25,0	24,6	26,9	21,4	26,7	25,1
4-6 sm	12,7	13,0	8,5	13,3	11,3	12,2
7-10 sm	6,7	6,2	2,6	8,8	5,3	6,2
11-16 sm	2,7	2,4	0,6	3,6	2,3	2,5
17-20 sm	2,2	1,6	0,3	3,1	2,0	1,9
> de 20 sm	3,1	1,6	0,3	4,0	3,0	2,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 12
Rendimentos

A classe de rendimentos *muito baixos* revela que as categorias de 0 a 2 salários mínimos são as mais representativas, enquanto as demais se situam abaixo do perfil médio. Ela diz respeito sobretudo aos municípios periféricos de Ibirité, Betim, Contagem, Ribeirão das Neves e Santa Luzia. Na capital, alguns bairros pobres, localizados a nordeste e a leste do Centro, também fazem parte dessa classe (Fig. 12). Do ponto de vista religioso, esses espaços de baixos rendimentos são caracterizados pela intensa presença pentecostal e, em menor proporção, pelas pessoas sem religião (Tab. 3).

Já a classe de rendimentos *baixos* tem a sua moda em três salários mínimos e apresenta desvios positivos de 1 a 5 salários. Pertencem a esta classe diversos bairros da periferia metropolitana, mas é sobretudo no município da capital que ela está mais presente, formando um anel de pobreza quase completo, em torno das áreas com os rendimentos mais elevados de Belo Horizonte. A sua composição religiosa se assemelha ao perfil médio da cidade, não apresentando destaque particular para nenhum grupo religioso.

A classe de rendimentos *médios* apresenta a sua moda em 6 salários mínimos, com maiores desvios positivos de 4 a 12 salários, caracterizando assim áreas de classe média baixa. Trata-se principalmente de bairros centrais de Contagem e de Betim, mas incluem-se também nessa classe alguns bairros da capital, localizados, porém, de forma dispersa. A sua composição religiosa revela a presença mais expressiva dos evangélicos de missão.

Tabela 3

Distribuição da população de Belo Horizonte com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	61,60	5,46	19,60	3,35	9,99	100,00
Baixos	66,04	7,16	14,03	4,76	8,01	100,00
Médios	71,43	7,41	8,75	5,95	6,45	100,00
Altos	74,97	6,01	5,00	7,14	6,88	100,00
Muito altos	80,94	3,15	1,34	7,05	7,53	100,00

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Já a classe de rendimentos *altos* apresenta a sua moda em 10 salários mínimos, com desvios positivos de 5 a 30 salários. Um tal perfil traduz, naturalmente, uma certa diversidade do ponto de vista social. Essa classe diz respeito a um conjunto de bairros que se localizam em torno da parte central da cidade, estendendo-se sobretudo em direção ao noroeste, até à Pampulha, não aparecendo, aliás, em nenhum dos municípios periféricos. A sua composição religiosa também apresenta uma certa diversidade, ao se registrar aí a presença mais expressiva do grupo *outras religiões*.

Finalmente, a classe de rendimentos *muito altos*, com maior importância das categorias de 14 a 30 salários mínimos, engloba os bairros de nível social mais elevado da capital que formam um bloco compacto na parte central da cidade, incluindo Savassi, Santo Antônio, Anchieta, Sion e, um pouco mais afastado, Buritis. É nessa área que a Igreja Católica alcança a sua maior expressão, ao congregar 81% da população.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência segundo o rendimento afeta de maneira diferente os habitantes de

Belo Horizonte, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne mais de 49% da população, observa-se uma nítida concentração de católicos com baixa renda nos bairros ricos da parte central de Belo Horizonte e de Contagem, contribuindo assim para uma certa diversidade social dessas áreas (Fig. 13). Já os pentecostais e os sem-religião, com os mais baixos rendimentos, se localizam principalmente nos municípios periféricos da região metropolitana (Figs. 14 e 15).

Favelas

Mais de 405 000 habitantes de Belo Horizonte vivem em aglomerados subnormais, o que corresponde a 12,5% de sua população. As favelas se localizam, principalmente, no município da capital, mas algumas delas, com número expressivo de moradores, podem ser encontradas também em Betim e em Contagem (Fig.16). Em Belo Horizonte, as maiores favelas se encontram em torno dos bairros da parte central da cidade, que apresentam os mais altos rendimentos. O número de habitantes situa-se em geral próximo de 20 000, mas em Taquari o total de moradores supera 38 000 pessoas.

Fig. 13
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

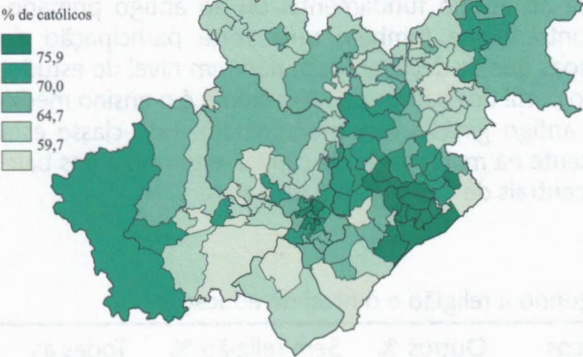


Fig. 15
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

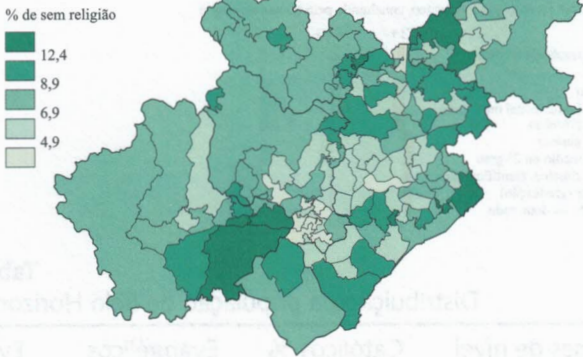


Fig. 14
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

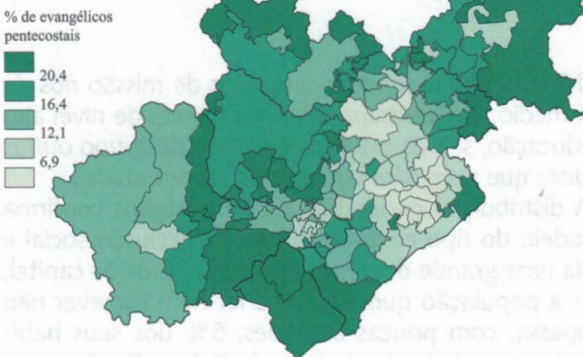
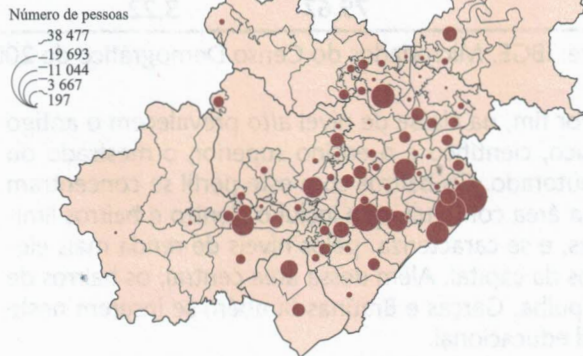


Fig. 16
Aglomerado subnormal*



* Favelas, mocambos, palafitas, invasões, malocas e assemelhados.

Tabela 4

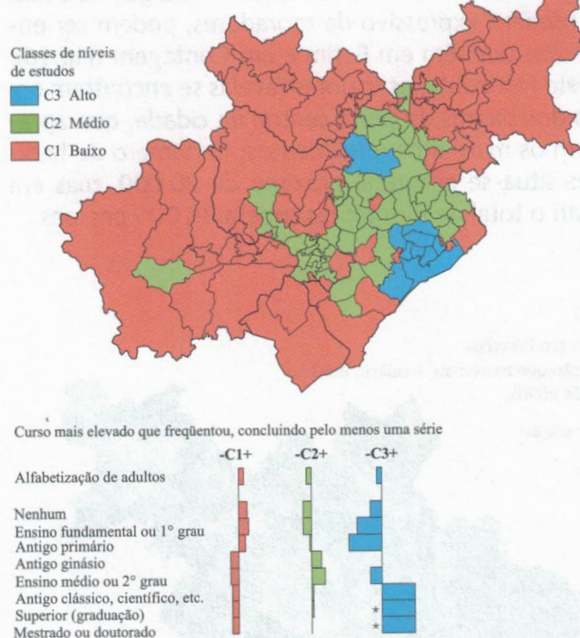
Distribuição da população de Belo Horizonte segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
Setor normal	2222871	213318	388898	165899	248133	3239119
%	68,63	6,59	12,01	5,12	7,66	100
Setor subnormal	240774	19122	81279	15881	48822	405878
%	59,32	4,71	20,03	3,91	12,03	100
%subnormal-%normal	-9,30	-1,87	8,02	-1,21	4,37	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 17

Níveis de estudos



Do ponto de vista religioso, a população das favelas apresenta diferenças significativas em relação aos demais habitantes de Belo Horizonte, observando-se assim uma participação maior, entre os seus moradores, dos evangélicos pentecostais e das pessoas sem religião.

Níveis de educação

Belo Horizonte apresenta três tipos de bairros em função do nível de educação de sua população. A distribuição geográfica das três classes identificadas revela um gradiente centro-periferia, encontrando-se na parte central o nível de escolaridade mais elevado, na periferia o mais baixo e, entre os dois, o nível médio (Fig. 17).

O perfil dos bairros de nível escolar *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental ou ao antigo primário, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. Já no perfil dos bairros de nível *médio* é o ensino médio e o antigo ginásio que predominam. Esta classe está presente na maior parte da capital e também nos bairros centrais de Contagem e de Betim.

Tabela 5

Distribuição da população de Belo Horizonte segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	62,77	6,02	17,86	3,93	9,41	100
Médio	70,70	7,41	9,26	5,84	6,80	100
Alto	79,67	3,22	2,62	6,75	7,73	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Por fim, na classe de nível *alto* prevalecem o antigo clássico, científico e o ensino superior, o mestrado ou o doutorado. Os bairros com este perfil se concentram numa área contígua, que inclui o Centro e bairros limítrofes, e se caracteriza pelos níveis de renda mais elevados da capital. Além dessa área central, os bairros de Pampulha, Garças e Braúnas também se inserem neste perfil educacional.

A composição religiosa desses diferentes tipos de bairros da capital mineira mostra uma nítida correspondência entre religião e educação (Tab. 5). Assim, os pentecostais e os sem-religião estão mais presentes nos bairros de

nível baixo, enquanto os evangélicos de missão nos de nível médio. Em contrapartida, nos bairros de nível alto de educação, são os católicos e os fiéis do grupo *outras religiões* que se mostram mais bem representados.

A distribuição geográfica dos analfabetos confirma o modelo do tipo centro-periferia de exclusão social e revela uma grande diferença entre os bairros da capital, onde a população que não sabe ler nem escrever não ultrapassa, com poucas exceções, 5% dos seus habitantes, e a maioria dos bairros de Betim, Contagem e Santa Luzia, onde o nível de analfabetismo pode representar até 13% da população (Fig.18).

Cor da pele

O mapa da porcentagem de população não branca na população total apresenta um núcleo de maioria branca, que corresponde aos bairros da parte central da capital com altos níveis de renda e de educação (Fig. 19). À medida que se afasta dessa área mais abastada da cidade, várias auréolas sucessivas traduzem o progressivo aumento dos percentuais de população não branca, que chegam a representar mais de 60% dos habitantes nos bairros da periferia de Belo Horizonte e nos municípios da região metropolitana.

Estabilidade residencial da população

Em Belo Horizonte a população se mostra relativamente estável, uma vez que a maior parte dos seus bairros — com exceção do núcleo central da cidade — apresenta mais de 53% de habitantes que sempre moraram na capital (Fig. 20). Já na periferia metropolitana a população se mostra bem menos estável, o que pode indicar o papel dessas áreas de absorvedoras de migrantes que se deslocam do interior para a capital. De fato, as porcentagens mais baixas, quanto à estabilidade residencial da população, são observadas em áreas de Betim, Ribeirão da Neves e Santa Luzia.

Fig. 18
População analfabeta

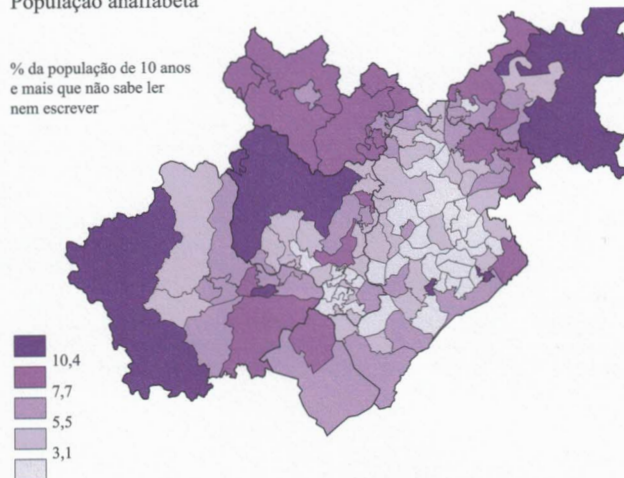


Fig. 19
População de cor não branca

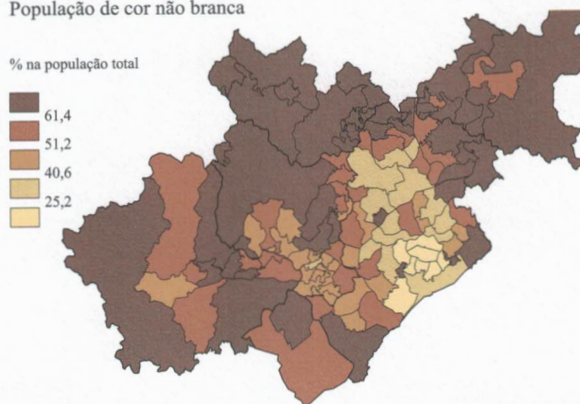
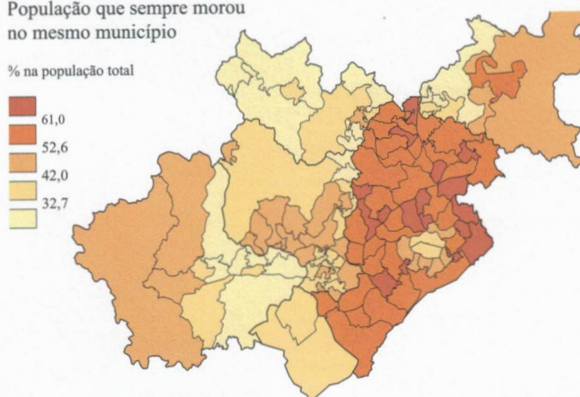


Fig. 20
População que sempre morou no mesmo município



Vitória



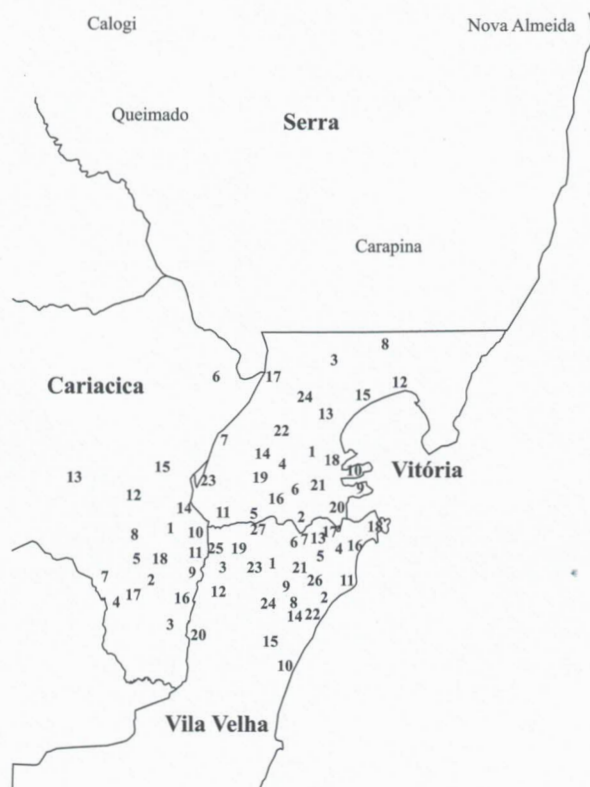
Localização dos principais bairros

Vitória	Vila Velha	Cachoeira
1. Boa Vista	1. São João	1. São João
2. São Francisco	2. São João	2. São João
3. São João	3. São João	3. São João
4. São João	4. São João	4. São João
5. São João	5. São João	5. São João
6. São João	6. São João	6. São João
7. São João	7. São João	7. São João
8. São João	8. São João	8. São João
9. São João	9. São João	9. São João
10. São João	10. São João	10. São João
11. São João	11. São João	11. São João
12. São João	12. São João	12. São João
13. São João	13. São João	13. São João
14. São João	14. São João	14. São João
15. São João	15. São João	15. São João
16. São João	16. São João	16. São João
17. São João	17. São João	17. São João
18. São João	18. São João	18. São João
19. São João	19. São João	19. São João
20. São João	20. São João	20. São João
21. São João	21. São João	21. São João
22. São João	22. São João	22. São João
23. São João	23. São João	23. São João
24. São João	24. São João	24. São João
25. São João	25. São João	25. São João
26. São João	26. São João	26. São João
27. São João	27. São João	27. São João





Localização dos principais bairros



Cariacica

- 1 Bairro Expedito
- 2 Bairro Universitário
- 3 Caçaroca
- 4 Campina Grande
- 5 Centro
- 6 Cidade da Barra
- 7 Flor do Campo
- 8 Flórida
- 9 Ipiranga
- 10 Itaquari
- 11 Jardim América
- 12 Nova Valverde
- 13 Ponta da Fruta
- 14 Porto Velho
- 15 Pres. Médici
- 16 Rio Marinho
- 17 São Rafael
- 18 Vera Cruz

Vila Velha

- 1 Alaíde
- 2 Boa Vista
- 3 Bosque
- 4 Centro
- 5 Cristovão Colombo
- 6 Garoto
- 7 Glória
- 8 Guadalajara
- 9 Ibex
- 10 Itaparica
- 11 Itapuã
- 12 J. Marilândia
- 13 Jaburuna
- 14 Jardim Colorado
- 15 Novo México
- 16 Praia da Costa
- 17 Prainha
- 18 Rês. do Governo
- 19 Sagrada Família
- 20 Santa Clara
- 21 Santa Inês
- 22 Santa Mônica
- 23 Santa Rita
- 24 Santos Dumont
- 25 São Torquato
- 26 Soteco
- 27 Vila Guilhermina

Vitória

- 1 Barro Vermelho
- 2 Bento Ferreira
- 3 Boa Vista
- 4 Bonfim
- 5 Centro
- 6 Consolação
- 7 Estrelinha
- 8 Eurico Sales
- 9 Ilha do Boi
- 10 Ilha do Frade
- 11 Ilha do Príncipe
- 12 Jardim Camburi
- 13 Jardim da Penha
- 14 Maruípe
- 15 Mata da Praia
- 16 Nazareth
- 17 Palestina
- 18 Praia do Canto
- 19 Santa Cecília
- 20 Santa Helena
- 21 Santa Lúcia
- 22 Santa Marta
- 23 Santa Teresa
- 24 UFES

APRESENTAÇÃO

A capital do Espírito Santo situa-se na Ilha de Vitória, a maior e mais importante de um arquipélago existente na baía do mesmo nome. Faz parte ainda do município da capital uma área continental ligada à parte insular por três pontes. Com 292 304 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2000, Vitória concentra 9,4% da população do estado.

Liga-se à maior parte das capitais brasileiras por rodovias federais, como a BR-101, que atravessa longitudinalmente o estado, e se constitui num importante eixo de integração, uma vez que une Vitória a capitais do Nordeste, Sudeste e Sul do país. Já a BR-262, que corta o estado no sentido transversal, permite a conexão da capital capixaba com Belo Horizonte. Estradas estaduais convergem para esses eixos, facilitando as comunicações da capital com o interior. Além das rodovias, o estado conta ainda com a Estrada de Ferro Vitória-Minas, responsável pelo transporte de minério do Vale do Aço para o Porto de Tubarão.

Origem e evolução

Vitória foi fundada com o objetivo de servir de defesa contra os ataques indígenas e as incursões francesas à Vila Velha, sede da Capitania do Espírito Santo. Por isso os portugueses decidiram transferir a sede para uma ilha próxima ao continente, à qual deram o nome de Vitória. Fundada em 1551, seu nome é uma alusão à vitória dos portugueses numa acirrada batalha contra os índios Goitacazes. A vila surgiu na parte alta da Ilha, o que deu origem a ruas sinuosas e estreitas, enquanto na parte baixa, sujeita a ataques, foram construídos vários fortes à beira-mar.

Em 1823, Vitória foi elevada à categoria de cidade, mas o fato de estar localizada numa ilha dificultava o seu desenvolvimento. Somente no final do século XIX, com o dinamismo econômico resultante da produção de café no Espírito Santo e da sua exportação pelo Porto de Vitória, é que teve início uma série de transformações na cidade, que vieram alterar a sua fisionomia inicial. Assim, foram construídas escadarias para ligar os dois planos da cidade, surgiram novos bairros e foram realizadas obras de saneamento.

Expansão urbana

O Centro de Vitória ainda hoje é dividido em Cidade Alta, que abriga antigas igrejas e prédios públicos, e Cidade Baixa, onde se desenvolvem atividades portuárias e comerciais. Nessas duas partes da cidade se encontram, ainda, áreas residenciais. Da Cidade Alta original, pouco

resta atualmente, em função da falta de preocupação de sucessivos governos com a preservação da sua arquitetura. De fato, a expansão urbana de Vitória tem sido marcada pela destruição do seu antigo casario, pela construção de aterros sobre o mar, pela conquista de encostas de morros e pela ocupação de manguezais¹.

Assim, ao longo do século XX, diversos aterros foram realizados na orla sul da Ilha de Vitória; inicialmente, para a construção do cais do porto e, mais tarde, para a abertura de avenidas, a fim de facilitar a circulação na cidade. Uma série de aterros foi realizada também no leste da Ilha que levou ao desaparecimento das praias de Santa Helena, Suá e do Canto, bem como a integração das ilhas do Boi e do Frade à cidade. Tais aterros propiciaram a construção de um amplo parque de lazer para a população, prédios residenciais, mansões e um grande *shopping center*.

Como em toda capital brasileira, o crescimento urbano em Vitória vem se dando por um acentuado processo de verticalização, sobretudo nas áreas mais valorizadas da cidade. Assim, a Praia do Canto, que até os anos 1960 se caracterizava pela existência de casas das camadas mais abastadas da população, vem nos últimos anos se transformando intensamente com a construção de prédios residenciais de luxo e com a instalação de um comércio sofisticado.

Nos anos 1960, a expansão urbana ultrapassa os limites da Ilha e chega ao continente, na Praia de Camburi, no norte da cidade. Nessa região, além do surgimento de bairros residenciais, como Jardim da Penha e Mata da Praia, foram construídos o *campus* da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), o Aeroporto de Goiabeiras e o Complexo Portuário de Tubarão.

Simultaneamente às transformações que vêm ocorrendo na orla litorânea, bairros populares como Joana D'Arc, São Cristóvão, Tabuazeiro e Fradinhos vão se expandindo pelas encostas do lado leste do Morro da Fonte Grande. Cabe lembrar que muitos desses bairros tiveram a sua origem em ocupações espontâneas, pois a erradicação dos cafezais pelo Governo Federal, no Espírito Santo, nos anos 1960, gerou um intenso fluxo migratório para Vitória, aumentando significativamente o número de favelas na cidade.

Do mesmo modo, no lado oeste da Ilha, ao longo da Rodovia Serafim Derenzi, ocorreram diversas ocupações, dando origem, nos anos 1980, aos bairros de Nova Palestina, Resistência, Inhanguetá e outros, em áreas de mangues. Com o fim dos programas habitacionais do governo aumentou consideravelmente a procu-

¹ Em relação à origem e evolução urbana de Vitória, ver: *História dos Bairros*. In: < <http://www.vitoria.es.gov.br> >

ra pelos manguezais que restavam, como local de habitação, pela população desempregada, de baixa renda e, principalmente, pelos migrantes. Tal fato se constitui num sério problema ambiental, pela destruição de um rico ecossistema que deveria ser preservado, e, ao mesmo tempo, num grave problema social, pelas péssimas condições a que estão sujeitas essas populações.

Com a construção da ponte que liga Vitória a Vila Velha, inaugurada em 1989, acentua-se a integração da capital com esse município do sul de sua região metropolitana. Na verdade, intensificou-se o movimento pendular entre essas duas cidades, sobretudo de pessoas que residem em Vila Velha e trabalham em Vitória.

Através da imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, percebe-se claramente a configuração física de Vitória, situada numa ilha, com a sua mancha urbana limitada pelo mar e pelas montanhas. Assim, com exceção do Morro da Fonte Grande, no oeste da Ilha, e dos mangues do Lameirão, no norte da cidade, a mancha urbana de Vitória se estende por todas as direções.

No sul do município, o adensamento urbano se justifica pela presença do centro da cidade, localizado numa faixa estreita entre o mar e a montanha. A leste, a ocupação se apresenta concentrada, também, nos vários bairros residenciais aí existentes, incluindo-se as ilhas do Frade e do Boi. Já no nordeste da capital, pode-se ver nitidamente as instalações do Porto de Tubarão. Além de Vitória, do outro lado da Baía, a mancha urbana se refere a Vila Velha, ao sul, e a Cariacica, a sudoeste.

Atividades econômicas

A importância das atividades econômicas na região metropolitana de Vitória pode ser percebida pela presença de um dos maiores complexos portuários nacionais, além da Companhia Siderúrgica de Tubarão. Na verdade, na região metropolitana estão localizados os portos de Vitória, Tubarão e Praia Mole, que juntos formam um dos principais corredores de exportação do país.

O mais antigo deles, o Porto de Vitória, inaugurado em 1940, situa-se na baía do mesmo nome, tendo sido construído para a exportação de café e madeira. A partir dos anos 1950, ele foi se expandindo e se modernizando, com o objetivo de facilitar a exportação do minério de ferro, que hoje é feita exclusivamente pelo Porto de Tubarão.

A expansão da atividade portuária levou à construção de novas instalações do Porto de Vitória do outro lado da Baía, em Vila Velha. De fato, a maior parte da movimentação de carga, atualmente, ocorre nos cais de Capuaba e Paul, localizados em Vila Velha, por onde são exportados automóveis, ferro-gusa, produtos siderúrgicos, grãos, açúcar, celulose, mármore e granito.

Já o Porto de Tubarão, inaugurado em 1966, localiza-se no final da Praia de Camburi, no nordeste do município de Vitória, e se constitui no maior porto exportador de minério de ferro do Brasil. Operado pela Companhia Vale do Rio Doce, exporta o minério que é extraído da região do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, e transportado até Tubarão pela Estrada de Ferro Vitória-Minas.

Além das modernas instalações ligadas à exportação, o Porto de Tubarão possui, em seu interior, fábricas

que transformam o minério bruto em *pelets*, pequenas pelotas que facilitam a comercialização e a estocagem do produto. São exportados, também por esse porto, grãos e cargas diversas do Espírito Santo e de outros estados, uma vez que a sua área de influência atinge Minas Gerais, leste de Goiás, sul da Bahia e norte do estado do Rio de Janeiro.

Mais recentemente, nos anos 1980, foi construído o Porto de Praia Mole, nas proximidades de Tubarão, operado por um condomínio formado pela Companhia Siderúrgica de Tubarão, Usiminas e Açominas. Este porto conta com dois terminais, um para a exportação de minério de ferro e produtos siderúrgicos e outro para a importação de carvão.

A presença do Porto e da Siderúrgica de Tubarão trouxeram para a cidade sérios problemas de poluição ambiental, que, nos últimos anos, tem sido reduzida através do emprego de novas tecnologias. Tais medidas são fundamentais, já que essas empresas se encontram próximas de bairros residenciais da capital.

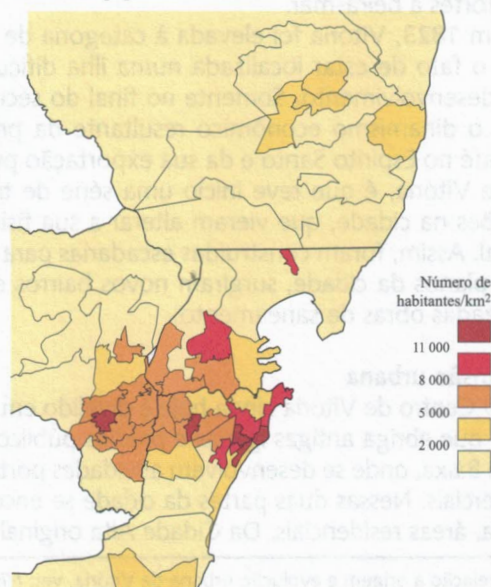
Densidade e crescimento populacional

O mapa com a distribuição das taxas de densidade demográfica na região metropolitana revela que as mais altas concentrações populacionais se dão numa área contígua que abrange parte dos municípios de Vitória, Vila Velha e Cariacica, em contraste com o seu entorno, onde predominam baixas densidades (Fig. 1).

Em Vitória, são os bairros residenciais populares de Santa Marta, Maruípe e Bonfim, localizados no interior da Ilha, os que mais se destacam pelos elevados índices de densidade. Tais áreas contrastam com as mais baixas taxas verificadas na parte continental da cidade, nos novos bairros residenciais de classe média, como Jardim Camburi, Jardim da Penha e Mata da Praia. Em nível intermediário, situa-se o Centro, que, apesar de concentrar negócios e serviços, abriga também áreas residenciais.

O município de Vitória apresentou, no período de 1991 a 2000, um crescimento populacional modesto, de 33 527 habitantes, numa taxa média de crescimento anual de 1,4%.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Vitória, como a forte redução do percentual de católicos, ao mesmo tempo em que aumentavam as porcentagens

dos demais grupos religiosos, sobretudo dos evangélicos pentecostais, das pessoas que se declaravam sem religião e dos evangélicos de missão.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Vitória (município)	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	63,6	8,3	13,0	4,5	10,5
1991	75,0	6,3	7,7	3,5	7,5
2000-1991	-11,4	2,0	5,3	1,1	3,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Vitória, com 63,6% de católicos na população, é uma das capitais brasileiras analisadas nesta pesquisa que apresentam um dos menores percentuais de fiéis dessa confissão religiosa (Tab.1). Com uma perda de -11,4 pontos percentuais, entre 1991 e 2000, nota-se que a tendência ao declínio, que teve início nos anos 1980, continuou a ocorrer num nível relativamente elevado.

Os maiores percentuais de católicos, em Vitória, são encontrados nos bairros que se localizam na orla oceânica, do Jardim Camburi, no norte da cidade, até Santa Helena, no sul da capital, onde representam de 71% a 76% dos habitantes (Figs. 2 e 3). Com percentuais um pouco mais baixos, entre 61% e 71%, incluem-se os bairros da orla sul da Ilha de Vitória, de Bento Ferreira à Ilha do Príncipe, passando pelo Centro.

A presença dos católicos se mantém ainda acentuada na faixa litorânea de Vila Velha, sobretudo na Praia da Costa, decaindo progressivamente à medida que se desloca para as áreas periféricas do município. Essa tendência de redução dos percentuais de católicos pode ser observada, também, nos municípios de Serra e de Cariacica, onde as porcentagens se situam, na maior parte dos bairros, abaixo de 55%.

Evangélicos de Missão

Com cerca de 25 000 fiéis, os evangélicos de missão representam 8,3% da população de Vitória, o que a situa em primeiro lugar, percentualmente, entre as capitais brasileiras. Observa-se, no entanto, que, no período de 1991 a 2000, seu crescimento foi moderado, apenas +2 pontos percentuais. Dentre as religiões que integram o grupo dos evangélicos de missão, os batistas são os mais importantes, com 4,9% da população, seguidos, de longe, pelos adventistas, que reúnem apenas 1,4% de fiéis.

É sobretudo em Vila Velha que a presença dos protestantes tradicionais se faz sentir mais nitidamente, em bairros como Ibes, Santa Inês e Guadalajara, onde eles podem representar até 14% dos habitantes (Figs. 4 e 5). Alguns bairros com percentuais expressivos de evangélicos de missão são encontrados ainda em Serra e Cariacica.

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

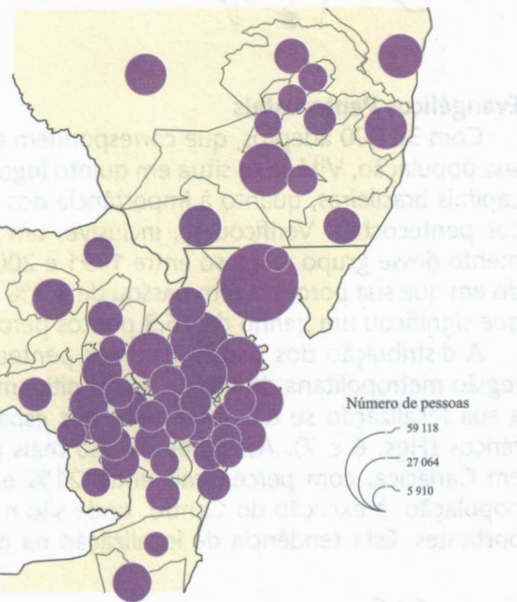


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana

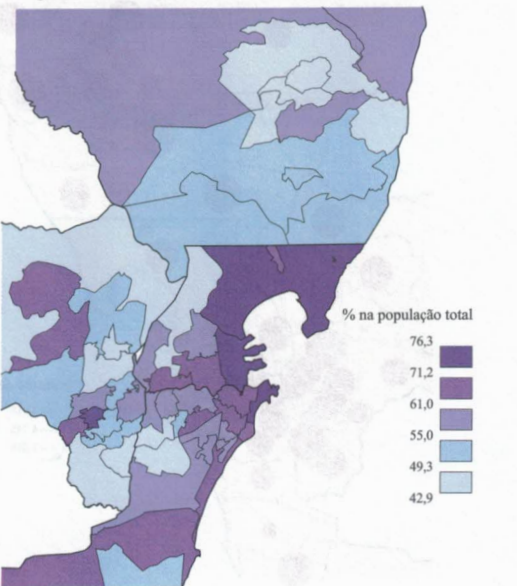


Fig. 4
Religiões Evangélicas de Missão

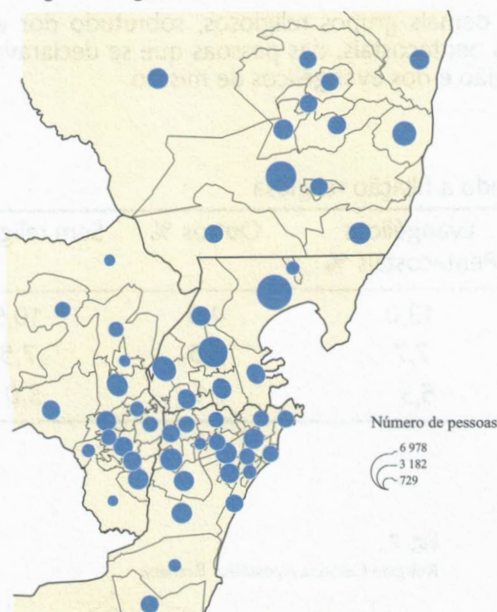
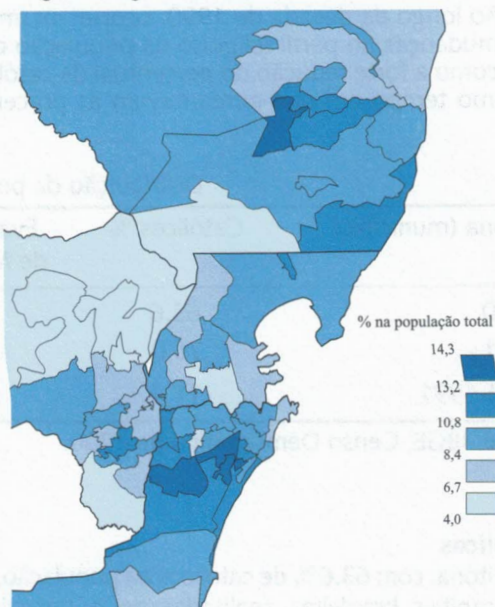


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão



Evangélicos Pentecostais

Com 38 000 adeptos, que correspondem a 13% da sua população, Vitória se situa em quinto lugar entre as capitais brasileiras, quanto à importância dos evangélicos pentecostais. Verificou-se, inclusive, um forte aumento desse grupo religioso entre 1991 e 2000, período em que sua porcentagem passou de 7,7% a 13%, o que significou um ganho de +5,3 pontos percentuais.

A distribuição dos percentuais dos pentecostais na região metropolitana de Vitória revela nitidamente que a sua localização se dá, sobretudo, nos espaços periféricos (Figs. 6 e 7). Assim, eles estão mais presentes em Cariacica, com percentuais entre 21% e 30% da população, à exceção do Centro, onde são menos importantes. Esta tendência de localização na periferia é

visível também em Vila Velha e em Serra, já que os pentecostais chegam a representar, em alguns bairros, mais de um quarto da população. Em contrapartida, na orla litorânea, de Jardim Camburi a Itapuã, e no Centro de Vitória, esse grupo religioso revela os seus mais baixos percentuais, de 4% a 10% da população.

Apesar de a Assembléia de Deus ser a mais importante das igrejas pentecostais, com 7,5% dos habitantes, a região metropolitana de Vitória apresenta a peculiaridade de ser a capital brasileira onde a Igreja Maranata tem, em termos percentuais, o seu maior número de adeptos, 5,3% da população. Observa-se que os redutos maranatas se localizam, principalmente, em Vila Velha e em Cariacica, onde o peso dos fiéis pode mesmo atingir 11% (Fig. 8).

Fig. 6
Religiões Evangélicas Pentecostais

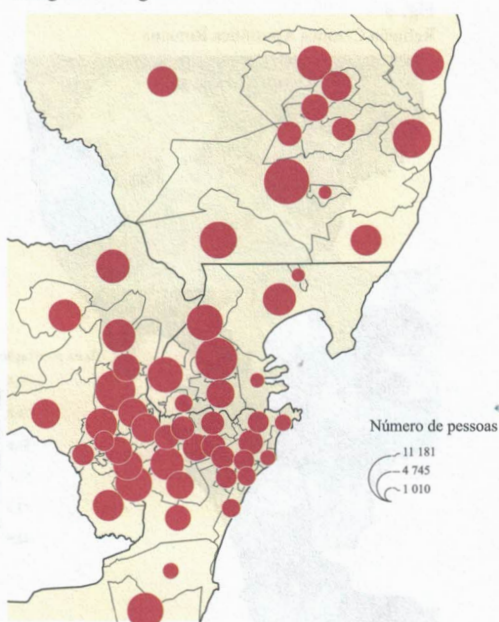
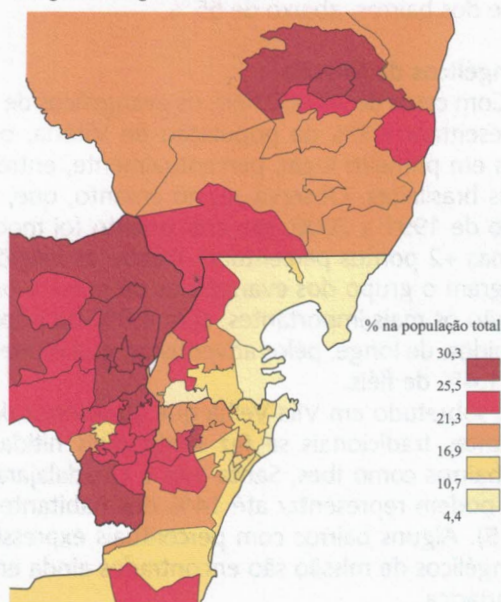


Fig. 7
Religiões Evangélicas Pentecostais



Sem religião

As pessoas sem religião representam mais de 10% da população de Vitória, o que a situa em quarto lugar entre as capitais brasileiras. Além disso, foi expressivo o crescimento do número de pessoas sem religião, +3 pontos percentuais, no período de 1991 a 2000.

A sua distribuição geográfica mostra, de modo geral, uma semelhança com a dos pentecostais, sobretudo em relação a Serra e Cariacica (Figs. 9 e 10). Assim como os pentecostais, as pessoas sem religião revelam os seus mais baixos percentuais, de 5% a 8% da população, nos bairros da orla litorânea.

Perfil religioso

Em Vitória, foram identificadas cinco classes de acordo com o perfil religioso de sua população (Fig. 11). Os bairros da faixa litorânea se mostram os mais católicos, o que se

verifica na capital e no norte de Vila Velha, embora ocorra também no interior, no Centro de Cariacica (classe 1).

Outro território que se destaca, abrangendo a maior parte de Vila Velha, é o que se caracteriza pela importância simultânea dos católicos e dos evangélicos de missão (classe 2). Em Vila Velha se encontram também evangélicos de missão dividindo espaço com pentecostais, o que pode ser visto em Cariacica e também em Serra (classe 3). Já a classe que reúne os evangélicos pentecostais com os sem-religião se estende por um amplo território periférico, no norte e no oeste da região metropolitana (classe 4). Em relação à classe 5, trata-se de espaços que não se diferenciam, de modo significativo, do perfil religioso médio da cidade.

Fig. 8
Religião Evangélica Pentecostal
Maranata

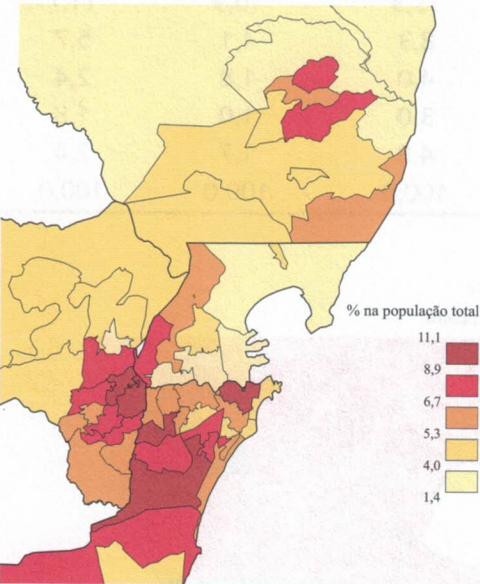


Fig. 9
Pessoas sem religião

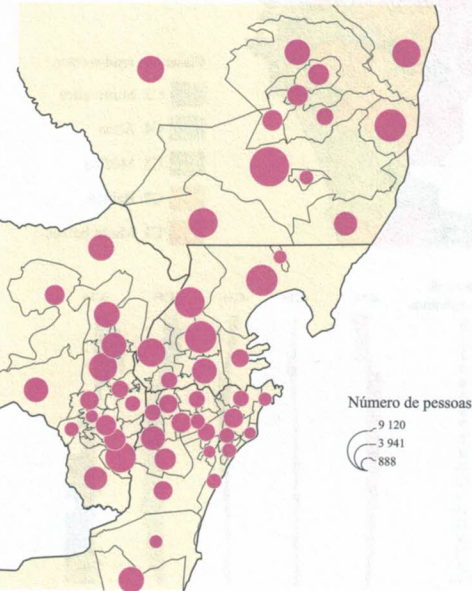


Fig. 10
Pessoas sem religião

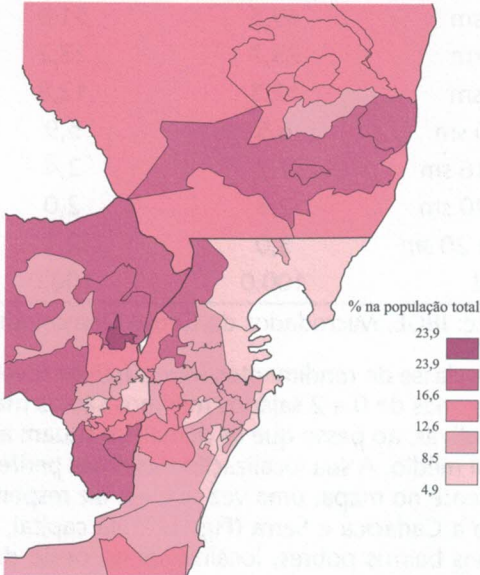
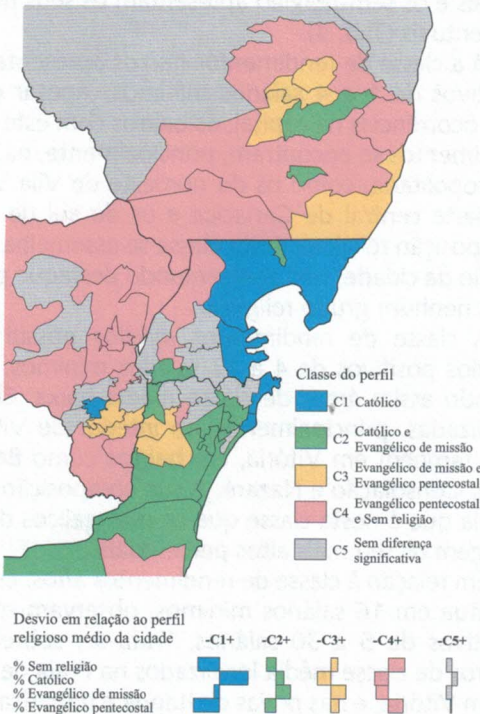


Fig. 11
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Vitória permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Vitória não se destaca entre as capitais brasileiras pelos mais elevados níveis de pobreza, apesar de que 76% da sua população declare receber um rendimento

mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 52% apenas um ou menos (Tab. 2). O grupo religioso que se encontra, no entanto, em pior situação é o dos evangélicos pentecostais, já que quase 60% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo, ao passo que os fiéis das demais confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, evangélicos de missão, católicos e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Vitória com 10 anos e mais segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	49,5	51,8	59,7	47,0	52,8	51,8
2-3 sm	23,7	23,2	25,0	19,6	27,8	24,2
4-6 sm	12,3	12,8	9,4	13,3	10,9	11,7
7-10 sm	6,5	5,9	3,4	8,3	4,1	5,7
11-16 sm	2,7	2,4	1,2	4,0	1,8	2,4
17-20 sm	2,3	2,0	0,6	3,0	1,0	1,8
> de 20 sm	3,0	2,1	0,6	4,8	1,7	2,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* revela que as categorias de 0 a 2 salários mínimos são as mais representativas, ao passo que as demais se situam abaixo do perfil médio. A sua localização nas áreas periféricas fica evidente no mapa, uma vez que ela diz respeito sobretudo a Cariacica e Serra (Fig. 12). Na capital, somente alguns bairros pobres, localizados no oeste da cidade, fazem parte desta classe. Do ponto de vista religioso, é nesses espaços de baixos rendimentos que os pentecostais e os sem-religião apresentam os seus mais altos percentuais (Tab. 3).

Já a classe de rendimentos *baixos* apresenta desvios positivos de 1 a 4 salários mínimos. Apesar de algumas ocorrências na capital, os bairros com este perfil de rendimentos se encontram, principalmente, na periferia metropolitana, como os do noroeste de Vila Velha, os da parte central de Cariacica e os do sul de Serra. A composição religiosa desta classe se assemelha ao perfil médio da cidade, não apresentando destaque particular para nenhum grupo religioso.

A classe de rendimentos *médios* possui maiores desvios positivos de 4 a 12 salários mínimos, caracterizando assim áreas de classe média baixa. Elas estão localizadas, principalmente, no interior de Vila Velha, mas também em Vitória, em bairros como Bento Ferreira, Consolação e Nazaré. A sua composição religiosa revela que é nesta classe que os evangélicos de missão atingem os seus mais altos percentuais.

Em relação à classe de rendimentos *altos*, cuja moda se situa em 16 salários mínimos, observam-se desvios positivos de 5 a 30 salários. Trata-se, sobretudo, de bairros de classe média localizados na Praia de Camburi, em Vitória, e nas praias de Itapoã e Itaparica, em Vila

Fig. 12
Rendimentos

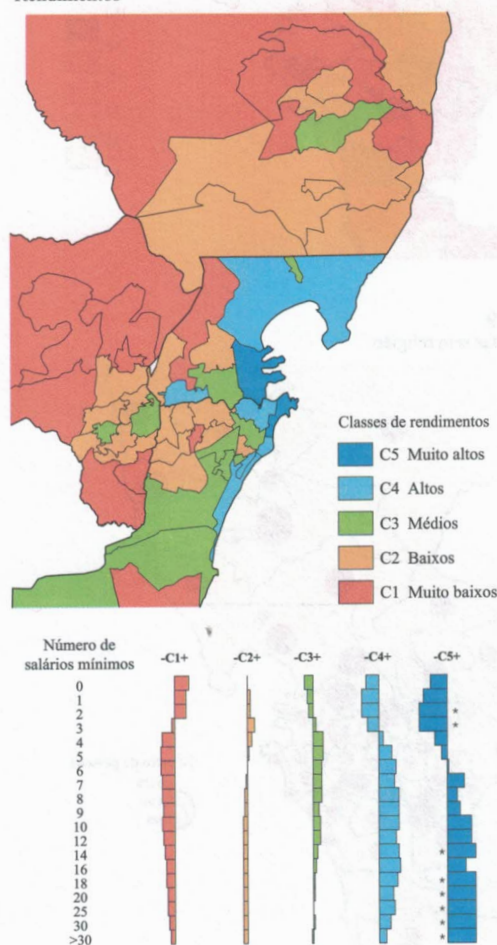


Tabela 3

Distribuição da população de Vitória com 10 anos e mais segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	49,49	7,29	24,05	2,71	16,45	100
Baixos	53,83	9,42	20,80	3,04	12,90	100
Médios	61,73	9,82	15,30	3,94	9,21	100
Altos	66,93	9,43	9,37	6,52	7,76	100
Muito altos	74,60	7,41	5,58	6,23	6,19	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Velha. O Centro de Vitória também se caracteriza por este perfil de rendimento. A composição religiosa desta classe se assemelha ao perfil médio da cidade e, assim, nenhum grupo religioso se destaca.

Finalmente, a classe de rendimentos *muito altos*, caracterizada pela maior importância das categorias superiores a 18 salários mínimos, engloba os bairros de nível social mais elevado da região metropolitana. Em Vitória, ela compreende bairros como Praia do Canto e as ilhas do Boi e do Frade, enquanto em Vila Velha, ela diz respeito à Praia da Costa. É nessa área que a Igreja Católica alcança a sua maior expressão, ao congregar quase três quartos dos habitantes.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência, segundo o rendimento, afeta de maneira diferente os habitantes de Vitória, em função de sua confissão religiosa. Assim, ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne quase 52% da população, observa-se que a maior parte dos católicos pobres habitam bairros caracterizados por rendimentos altos ou muito altos, como os do litoral de Vitória e de Vila Velha (Fig.13). Em contrapartida, os pentecostais (Fig.14) e os sem-religião com rendimentos muito baixos (Fig.15) encontram-se segregados nos municípios periféricos, como Cariacica e Serra.

Fig. 13
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

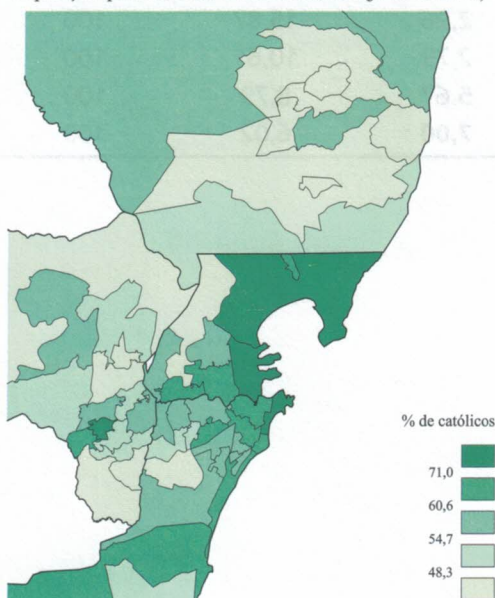


Fig. 14
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

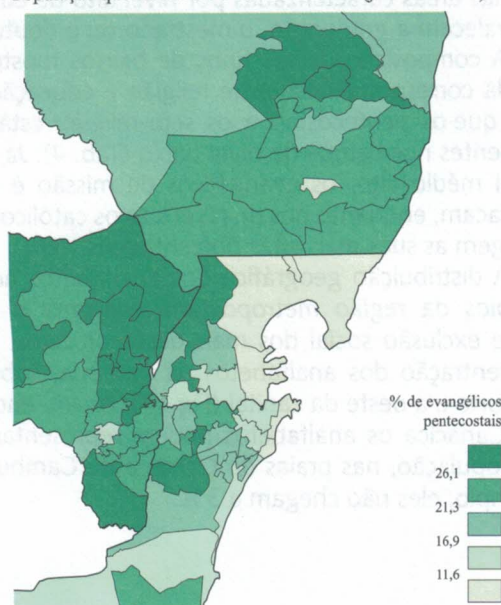
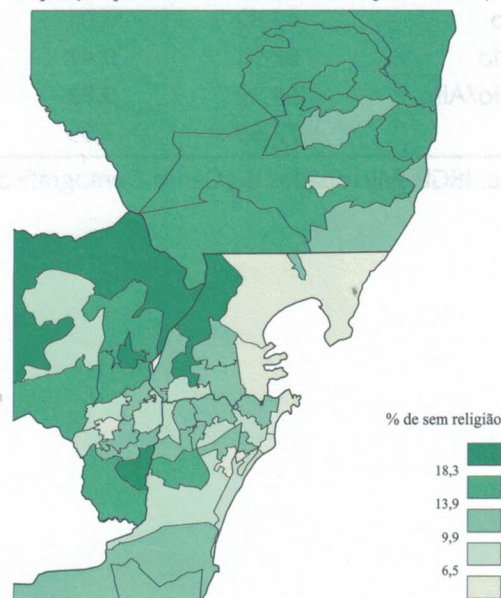


Fig. 15
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)



Níveis de educação

Vitória apresenta quatro tipos de bairros, em função do nível de educação da sua população, com uma distribuição geográfica que se assemelha muito à do mapa dos rendimentos (Figs. 12 e 16). O perfil dos bairros de nível baixo é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, destacando-se também pessoas que se declaram sem nenhum nível de estudo.

Já em relação aos bairros de nível médio, observa-se que o seu perfil não se distancia muito do perfil médio da região metropolitana, com pequenos destaques para o ensino médio e o curso de alfabetização de adultos. Os bairros de nível médio/alto possuem um perfil orientado também para o ensino médio, mas sobressaem neste caso o antigo clássico ou científico. Finalmente, nas áreas caracterizadas por nível alto de educação prevalecem a graduação, o mestrado ou o doutorado.

A composição desses tipos de bairros mostra uma nítida correspondência entre religião e educação, uma vez que os pentecostais e os sem-religião estão mais presentes nos bairros de nível baixo (Tab. 4). Já nos de nível médio/alto, os evangélicos de missão é que se destacam, enquanto nos de nível alto os católicos é que atingem as suas mais altas porcentagens.

A distribuição geográfica dos analfabetos nos municípios da região metropolitana confirma o modelo de exclusão social dos mais desfavorecidos, com a concentração dos analfabetos na periferia, sobretudo ao norte e a oeste da capital (Fig.17). Assim, enquanto em Cariacica os analfabetos podem representar 11% da população, nas praias do Canto e de Camburi, por exemplo, eles não chegam a 3%.

Fig. 16
Níveis de estudos

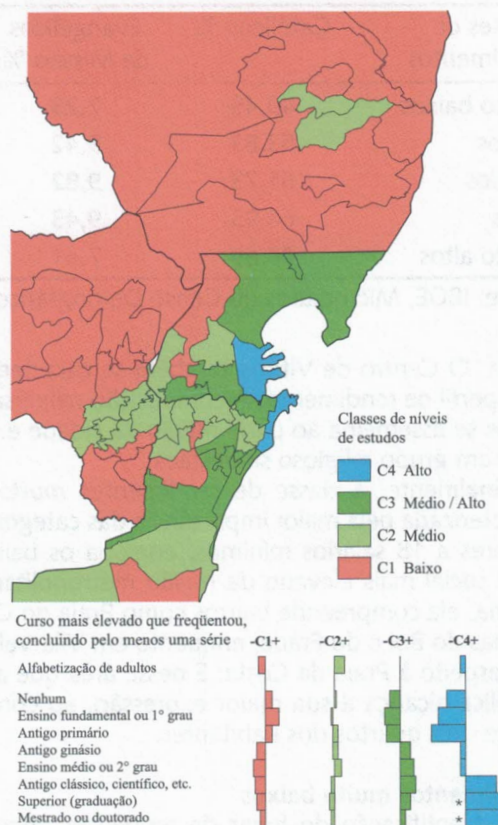


Tabela 4

Distribuição da população de Vitória segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	49,82	8,01	23,34	2,96	15,87	100
Médio	57,91	9,47	19,29	2,73	10,61	100
Médio/Alto	64,32	9,82	11,40	5,67	8,79	100
Alto	72,69	7,99	6,31	7,00	6,02	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Cor da pele

O mapa da porcentagem da população de cor não branca na população total apresenta um padrão semelhante ao dos rendimentos e dos níveis de educação, revelando, da mesma forma, acentuados contrastes (Fig.18). Assim, nos bairros litorâneos, de Jardim Camburi, em Vitória, até Itapoã, em Vila Velha, fica evidente o predomínio dos brancos, que chegam a representar quase 80% da população. Já a população de cor não branca prevalece em toda a metade-oeste de Vitória, com exceção do Centro, e nos municípios da periferia, sobretudo em Cariacica.

Estabilidade residencial da população

O município de Vitória apresenta dois espaços muito diferentes quanto à estabilidade residencial de sua po-

pulação: a metade-oeste, mais estável, que inclui não só os bairros pobres da periferia, mas também áreas tradicionais como o Centro, onde mais da metade dos seus moradores sempre habitou aí; e a parte leste, que abrange os bairros litorâneos com os melhores níveis de renda e educação da capital, cuja população apresenta uma porcentagem de nativos inferior a 44% (Fig.19).

É, no entanto, no bairro abastado da Praia da Costa, no município de Vila Velha, que a população se mostra menos estável. Dentre os municípios periféricos, Serra, com menor estabilidade residencial, desempenha o papel de área absorvedora de migrantes pobres que se dirigem a Vitória.

Fig. 17
População analfabeta

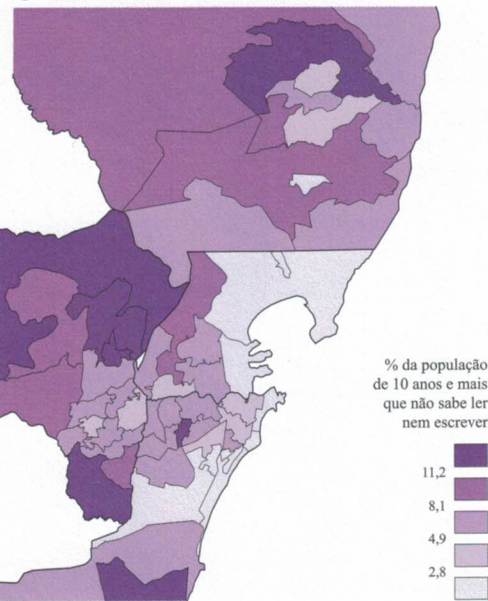


Fig. 18
População de cor não branca

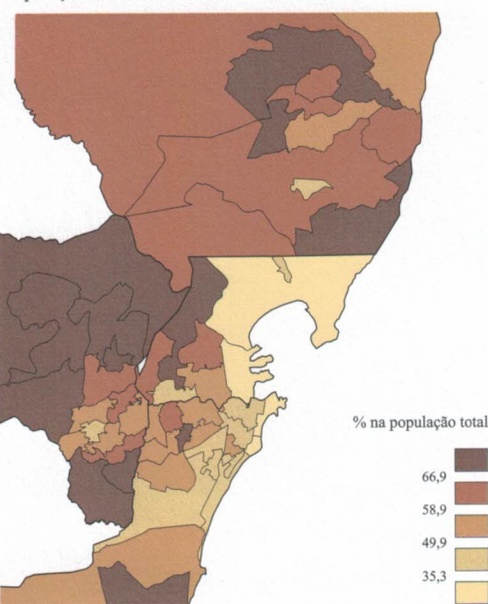
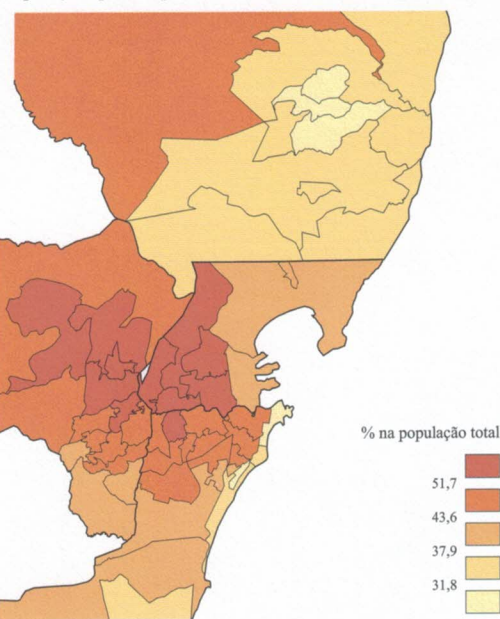
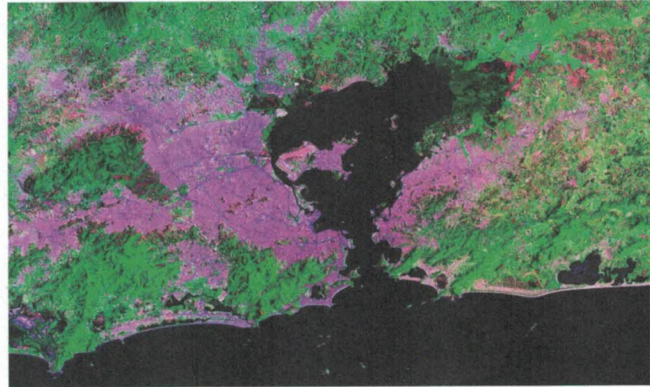


Fig. 19
População que sempre morou no mesmo município



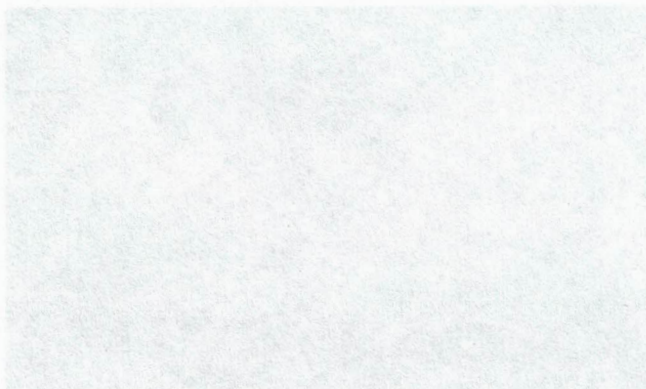
Rio de Janeiro



Localização dos principais pontos



Rio de Janeiro



Localização dos principais bairros

Belford Roxo

- 1 Areia Branca
- 2 Jardim Redentor
- 3 Lote XV
- 4 Nova Aurora
- 5 Parque São José

Duque de Caxias

- 1 Campos Elyseos
- 2 Duque de Caxias
- 3 Imbariê
- 4 Xerém

Itaboraí

- 1 Cabuçu
- 2 Itaboraí
- 3 Itambi
- 4 Porto das Caixas

Magé

- 1 Guia de Pacobaíba
- 2 Inhomirim
- 3 Magé
- 4 Suruí

Nilópolis

- 1 Nilópolis
- 2 Olinda

Niterói

- 1 Itaipu
- 2 Niterói
- 11 Tinguá, Adrianópolis, Rio d'Ouro, Jaceruba
- 12 Vila de Cava

Nova Iguaçu

- 1 Austim
- 2 Banco de Areia
- 3 Cabuçu
- 4 Chatuba
- 5 Comendador Soares
- 6 Governo de Mesquita
- 7 Miguel Couto
- 8 Nova Iguaçu Centro
- 9 Nova Iguaçu Km 32
- 10 Posse

Rio de Janeiro

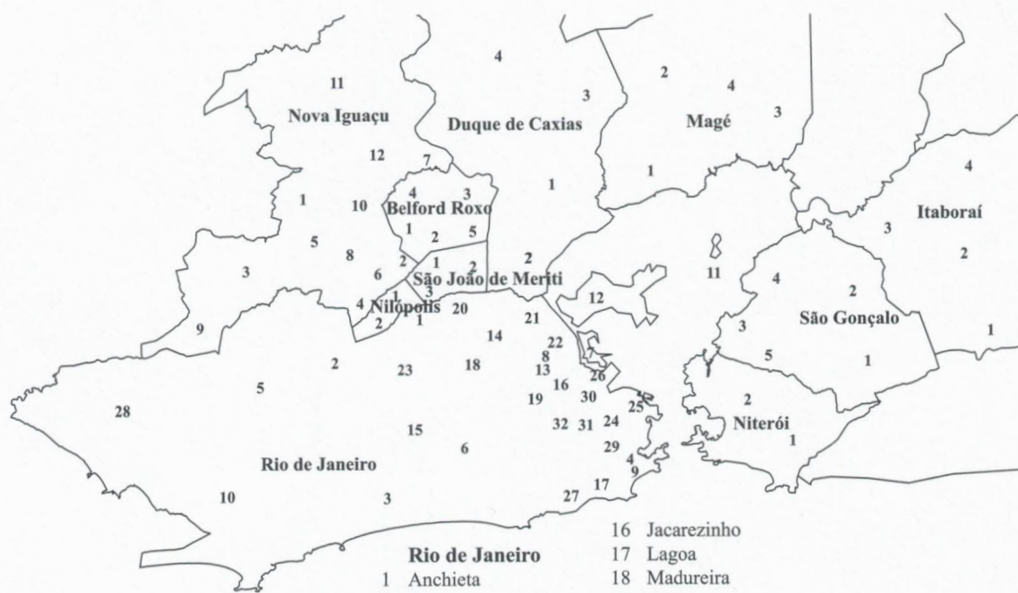
- 1 Anchieta
- 2 Bangu
- 3 Barra da Tijuca
- 4 Botafogo
- 5 Campo Grande
- 6 Cidade de Deus
- *7 Cid. Universitária
- 8 Complexo do Alemão
- 9 Copacabana
- 10 Guaratiba
- 11 Ilha de Paquetá
- 12 Ilha do Governador
- 13 Inhaúma
- 14 Irajá
- 15 Jacarepaguá
- 16 Jacarezinho
- 17 Lagoa
- 18 Madureira
- 19 Méier
- 20 Pavuna
- 21 Penha
- 22 Ramos
- 23 Realengo
- 24 Rio Comprido
- 25 Rio de Janeiro Centro
- 26 Rio de Janeiro Portuária
- 27 Rocinha
- 28 Santa Cruz
- 29 Santa Teresa
- 30 São Cristóvão
- 31 Tijuca
- 32 Vila Isabel

São Gonçalo

- 1 Ipiíba
- 2 Monjolo
- 3 Neves
- 4 São Gonçalo
- 5 Sete Pontes

São João de Meriti

- 1 Coelho da Rocha
- 2 São João de Meriti
- 3 São Mateus



APRESENTAÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro, capital do estado do mesmo nome, localiza-se na margem ocidental da Baía de Guanabara, sendo banhada pelo Oceano Atlântico, ao sul, e pela Baía de Sepetiba, a oeste. A capital fluminense tem como uma de suas marcas o fato de sua área urbana se estender entre o mar e as montanhas. Assim, destacam-se três maciços na paisagem carioca: o Maciço da Tijuca, onde se localiza o Corcovado, o da Pedra Branca e o de Gericinó. O município do Rio abrange também um grande número de ilhas, sendo a Ilha do Governador a maior delas.

Segunda maior aglomeração urbana do país, o Rio com 5 857 904 habitantes na capital e 4 267 237 nos demais municípios de sua região metropolitana, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, concentra 70,4% da população do estado, o que revela o elevado grau de polarização que exerce no território fluminense. Na verdade, além da capital, encontram-se grandes cidades na sua região metropolitana, como Nova Iguaçu, São Gonçalo e Duque de Caxias, que se situam entre os vinte municípios mais populosos do país. Deve ser mencionada, ainda, Niterói, antiga capital do estado, no lado oriental da Baía de Guanabara, a 13 km do Rio, pela ponte que liga as duas cidades.

Na cidade do Rio de Janeiro encontra-se um dos mais movimentados entroncamentos rodoviários do país, que dá acesso à maioria das capitais brasileiras. Assim, o Rio liga-se a Vitória pela BR-101, a Belo Horizonte pela BR-040 e a São Paulo pela BR-116. Estradas estaduais convergem para esses eixos, facilitando as comunicações da capital fluminense com o interior do estado. Situando-se como o segundo mais importante centro de ligação do Brasil com as principais cidades do mundo, o Rio de Janeiro conta com o Aeroporto Internacional do Galeão, na Ilha do Governador, e o Santos Dumont, no Centro da cidade, para vôos da ponte aérea Rio-São Paulo.

Segundo pólo econômico brasileiro, o Rio possui uma diversificada estrutura industrial, financeira, comercial e de serviços. A capital fluminense se constitui, também, num importante centro universitário e de produção do conhecimento, pela qualidade das universidades que possui, particularmente, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Destaca-se, ainda, pela atividade cultural, em função da rede de museus, teatros, cinemas e centros culturais que possui.

Origem e evolução

A cidade do Rio de Janeiro tem sua origem nas expedições portuguesas que, por volta de 1502, descobriram o seu litoral, cuja baía, com um grande número de enseadas, tornava-se um importante ponto estratégico. As primeiras explorações econômicas tinham por base a extração do pau-brasil e, ao se esgotar este recurso, a região ficou, de certa forma, abandonada. Somente por ocasião das incursões francesas ao litoral fluminense, em 1555, é que os portugueses voltam a se preocupar com a posse do local.

Assim, em 1º de março de 1565, data em que se comemora a fundação da cidade do Rio de Janeiro, uma armada portuguesa comandada por Estácio de Sá desembarcou na península de São João, entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, a fim de reconquistar a região para Portugal. Começa, então, um período de embates com os franceses, que são finalmente derrotados, em 1567. Pouco depois, Mem de Sá, que substituiu Estácio de Sá no comando das tropas portuguesas, transfere o arraial, embrião da cidade, da península de São João para o Morro do Castelo, considerado um local mais apropriado para a localização da cidade¹.

Com a reconquista do território, o Rio passou a ter um importante papel como porto de abastecimento dos navios que se dirigiam ao sul da Colônia. Dois séculos depois, a cidade adquire uma nova função, com a transferência, em 1763, da sede do governo português no Brasil, de Salvador para o Rio de Janeiro. Tal fato, que fez do Rio a maior cidade da Colônia no final do século XVIII, se deu em decorrência da necessidade de um controle mais eficaz, por parte de Portugal, da exploração do ouro em Minas Gerais.

Porém, é com a chegada da família real, em 1808, quando o Rio passou a ser a sede da monarquia, que ele vai adquirir nova feição e se destacar como centro político do Império Português. Com efeito, durante o período de permanência da Corte no Rio de Janeiro, a cidade recebeu inúmeros benefícios, vivendo uma fase de prosperidade, tanto do ponto de vista econômico quanto cultural.

As diversas melhorias obtidas pela cidade, durante a permanência da família real portuguesa no Rio de Janeiro, a prepararam para tornar-se capital do país, por ocasião da Independência, em 1822. Esta posição continuou proporcionando ao Rio muitas vantagens, que a cidade veio a perder com a transferência da capital para Brasília, em 1960, durante o governo do Presiden-

¹ Para uma boa visão do processo de expansão da cidade do Rio de Janeiro, consultar o trabalho de Maurício de A. Abreu, *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPLANRIO/Zahar, 1987, 147 p.

te Juscelino Kubitschek. Assim, o então Distrito Federal se transformou no estado da Guanabara, situação que permaneceu até 1975, quando, por ocasião da fusão com o antigo estado do Rio de Janeiro, tornou-se capital da nova unidade da Federação.

Expansão urbana

O Rio de Janeiro surgiu onde hoje se localiza o Centro da cidade, ocupando as áreas limitadas pelos morros do Castelo, Santo Antônio, Conceição e São Bento. As baixadas pantanosas e insalubres eram evitadas, e só mais tarde, quando saneadas ou aterradas, passaram a ser ocupadas.

Como a parte central da cidade era exígua, aos poucos o Rio foi se expandindo pelo sopé do Maciço da Tijuca. É, porém, por volta de 1870, com a implantação do transporte público de bondes, que a cidade pôde se expandir mais rapidamente em direção à Zona Sul (Laranjeiras, Botafogo, Jardim Botânico e Copacabana) e à Zona Norte (Rio Comprido, Tijuca e Vila Isabel).

Já a instalação do transporte ferroviário, também na segunda metade do século XIX, permitiu a incorporação à cidade da área suburbana, que possuía ainda características rurais. Assim, a Estrada de Ferro D. Pedro II estabeleceu a ligação do Centro com os subúrbios do Méier, Cascadura, Madureira e Deodoro, enquanto a Estrada de Ferro Leopoldina interligou as áreas de Bonsucesso, Ramos, Olaria e Penha.

Ao mesmo tempo em que a cidade ampliava o seu espaço urbano, o Centro passava por profundas transformações, com as reformas realizadas pelo Prefeito Pereira Passos, no início do século XX. Tais reformas levaram à destruição do antigo casario colonial português, para dar lugar a uma cidade moderna. Assim, foi construída a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), com arquitetura de influência francesa, da qual restam alguns poucos prédios, como o do Teatro Municipal, o da Biblioteca Nacional e o do Centro Cultural da Justiça Federal.

O Centro sofreu ainda outras intervenções, como o desmonte de morros, cujas terras serviram para a construção de aterros que permitiram o avanço da cidade sobre o mar. Além disso, tais aterros visavam também melhorar a circulação de veículos no Centro, uma vez que ele estabelecia a ligação natural entre as Zonas Sul e Norte. É nesse contexto que se dá, no início da década de 1950, o desmonte do Morro de Santo Antônio, cujo material servirá para construir a extensa área do Aterro do Flamengo que, junto com a construção da Avenida Perimetral, vai se constituir numa importante via expressa ligando a Zona Sul à Zona Norte, sem que para isso fosse preciso passar pelo Centro da cidade.

Tais medidas foram complementadas com a abertura, nos anos 1960, de dois dos mais importantes túneis da cidade, o Santa Bárbara (Catumbi-Laranjeiras) e o Rebouças (Rio Comprido-Lagoa) que, ao atravessarem o Maciço da Tijuca, permitem também a ligação direta das zonas Sul e Norte.

Porém, o acentuado crescimento populacional da cidade seguia exigindo novas providências. Assim, grandes obras continuaram a ser realizadas, nos anos 1970,

a exemplo da abertura dos túneis Dois Irmãos, Pepino e Joá, que possibilitaram a expansão da cidade em direção a São Conrado e Barra da Tijuca, e da construção da ponte Rio-Niterói, que propiciou maior integração entre essas duas cidades. Mais recentemente, foram construídas duas grandes vias expressas: a Linha Vermelha, conectando a Zona Sul ao Aeroporto Internacional do Galeão, e a Linha Amarela, ligando a Barra da Tijuca à Avenida Brasil, na altura de Bonsucesso.

No entanto, apesar do grande número de obras viárias já realizadas na cidade, elas têm se mostrado insuficientes para solucionar o problema da circulação de pessoas entre os seus bairros, devido, em grande parte, ao modelo de transporte individual que tem predominado no Rio, desde a implantação, nos anos 1950 da indústria automobilística no Brasil. Nesse contexto, a construção do metrô, que teve início nos anos 1970, é uma das poucas medidas eficazes que contemplam o transporte coletivo, embora a sua rede seja ainda limitada a duas linhas: uma, que liga Copacabana à Tijuca, e outra, o Estácio à Pavuna.

Já as ligações da capital com municípios da sua região metropolitana podem ser feitas por grandes eixos de circulação, a partir da Avenida Brasil, tais como: a Rio-Santos, que estabelece a ligação com Itaguaí, a Rodovia Presidente Dutra, com Nova Iguaçu, e a Rodovia Washington Luiz, com Duque de Caxias. Além da Avenida Brasil, a Linha Vermelha veio facilitar as comunicações na cidade ao duplicar, a partir do Centro, o acesso às rodovias Washington Luiz e Presidente Dutra.

Apesar da expansão da rede viária na região metropolitana, o mau funcionamento dos transportes coletivos e o alto preço das tarifas se constituem num dos fatores que estimulam as pessoas a buscarem morar perto dos seus locais de trabalho ou onde haja oportunidades de emprego. Tais fatores têm contribuído para a proliferação de favelas por toda a cidade, situação que tem se constituído num dos mais sérios problemas sociais do Rio.

Além disso, a crise econômica que se abateu sobre o país nas últimas décadas se refletiu no empobrecimento da população, sobretudo a dos grandes centros, como o Rio de Janeiro, aumentando o número de moradores de rua, do comércio ambulante e da violência urbana. Assim, a região metropolitana do Rio de Janeiro se constitui num espaço de forte pressão social, em virtude do não-atendimento das necessidades básicas da sua população, como moradia, emprego, saneamento básico, escolas, hospitais e segurança pública.

Uma boa visão do conjunto da cidade nos é dada pela imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, mostrando a descontinuidade da sua expansão, em função das limitações dos fatores naturais. Assim, a mancha urbana se apresenta mais extensa do Centro da cidade em direção à zona suburbana do Rio e aos municípios da Baixada Fluminense. Já em direção à Zona Sul, a mancha urbana é mais estreita, acompanhando a orla marítima, pelos bairros do Flamengo, Botafogo, Copacabana, Ipanema, Leblon e Barra da Tijuca, contornando os maciços da Tijuca e da Pedra Branca. No interior do município, a ocupação encontra

como obstáculo à sua expansão o Maciço de Gericinó, no limite do Rio de Janeiro com Nova Iguaçu.

Do outro lado da Baía de Guanabara, a ocupação urbana se mostra mais extensa da parte central de Niterói em direção a São Gonçalo, no eixo da Rodovia Niterói-Manilha. Já no sentido da orla oceânica, a mancha urbana se estende pelas praias de Piratininga e Itaipu. Nesta parte da cidade o avanço da ocupação encontra também obstáculos naturais, como a presença de lagoas e serras próximas ao Oceano.

Atividades econômicas

O Rio de Janeiro é a segunda cidade brasileira quanto à importância das atividades econômicas, superada apenas por São Paulo. No entanto, o Rio foi a cidade brasileira mais populosa e, naturalmente, o principal mercado consumidor nacional até 1960, em função, em grande parte, da sua condição de capital do país por quase um século e meio.

Assim, a existência de um mercado consumidor da magnitude do da Capital Federal contribuiu para o desenvolvimento de um parque industrial na cidade, desde o começo do século XX. Inicialmente, as indústrias se localizavam no Centro e em alguns bairros da Zona Sul e Norte e, mais tarde, instalaram-se nas áreas suburbanas da cidade. A indústria se beneficiava também da existência de um dos mais bem aparelhados portos do país, bem como das estradas de ferro Central do Brasil e Leopoldina, que garantiam o suprimento de matérias-primas e o escoamento da produção. Além da atividade industrial, o Rio se destacava também, nesse período, como um importante centro comercial, financeiro e de prestação de serviços.

Porém, a transferência da capital para Brasília levou a um certo esvaziamento econômico da cidade e a resposta encontrada para tal problema foi a fusão do recém-criado estado da Guanabara com o antigo estado do Rio de Janeiro, o que veio a ocorrer, em 1975, durante o governo do Presidente Ernesto Geisel. Passados 30 anos, a fusão não gerou o desenvolvimento que se esperava, mas, apesar disso, a região metropolitana do Rio de Janeiro se constitui no segundo parque industrial do país.

A importância da atividade industrial na sua região metropolitana pode ser avaliada pela presença de grandes empreendimentos, como a Refinaria Duque de Caxias, da Petrobras, situada no município do mesmo nome. Com uma capacidade instalada de 242 mil barris/dia, tem como principais produtos o gás de cozinha, gasolina, óleo diesel, lubrificantes, querosene de aviação e nafta. Em função da existência da refinaria, uma série de indústrias químicas se instalou em Duque de Caxias e em Nova Iguaçu.

Recentemente foi criado, também junto à Refinaria Duque de Caxias, o Pólo Gás-Químico, que se constitui num empreendimento inovador, destinado à produção de polietileno, a partir do gás natural proveniente da bacia de Campos, no norte fluminense. Trata-se da matéria-prima essencial para a produção de produtos plásticos, como sacolas, embalagens, filmes, entre outros.

Destaca-se ainda na região metropolitana a existência da maior indústria naval do país, cujos estaleiros se

localizam, sobretudo, em Niterói. Esta indústria foi estimulada, no passado, pela presença do Porto do Rio de Janeiro e, atualmente, pela proximidade da bacia petrolífera de Campos, a mais importante do país. Assim, os estaleiros de Niterói se dedicam, especialmente, à construção de plataformas de exploração de petróleo em alto mar e de grandes navios petroleiros.

Além do Porto do Rio, a região metropolitana conta também com o Porto de Sepetiba, localizado na baía do mesmo nome, no município de Itaguaí, a 80 km da capital. Inaugurado em 1982, com a finalidade de realizar operações de descarga de alumina para a Valesul e de carvão para a Companhia Siderúrgica Nacional, foi concebido para fazer parte de um Complexo Portuário e Industrial.

Assim, a existência do Porto de Sepetiba tem levado muitas indústrias do município do Rio a se deslocarem para a Zona Oeste da cidade. Na verdade, desde os anos 1960, o governo estadual vinha estimulando o desenvolvimento fabril nessa região, com a criação de distritos industriais, como o de Santa Cruz, onde foi instalada a Companhia Siderúrgica da Guanabara (Cosigua), atualmente propriedade do Grupo Gerdau. Mais recentemente, o Governo Federal transferiu para Santa Cruz a Casa da Moeda, responsável pela fabricação do dinheiro nacional.

Além desses empreendimentos, encontra-se ainda no município do Rio um parque fabril bastante diversificado, com unidades industriais ligadas aos setores metalúrgico, material elétrico e de comunicações, material de transporte, editorial e gráfico, químico, produtos farmacêuticos, têxtil, vestuário, alimentos e bebidas. Da mesma forma que na capital, em diversos municípios da periferia metropolitana encontram-se também núcleos industriais que atuam em muitos desses ramos.

A cidade do Rio de Janeiro tem ainda no turismo uma das suas mais importantes atividades econômicas, responsável por empregar elevado contingente de mão-de-obra e se constituir numa grande fonte de receita para o município. Principal centro turístico do país, com uma boa infra-estrutura de hotéis, bares e restaurantes, essa atividade poderia se expandir ainda mais, não fosse o clima de violência existente na cidade. Apesar de a violência ser um problema nacional, os níveis alarmantes que alcançou no Rio têm afetado a economia da cidade, elevando os gastos com segurança e inviabilizando, muitas vezes, novos investimentos.

Densidade e crescimento populacional

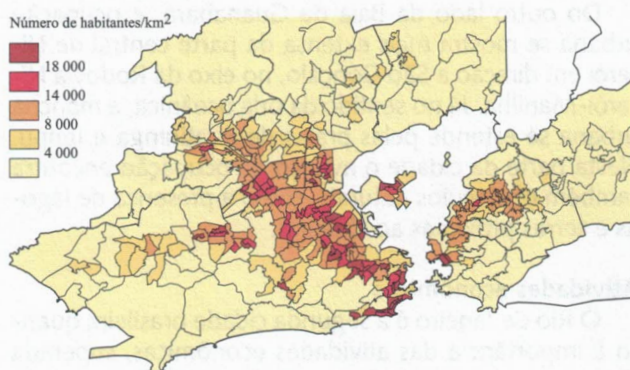
A distribuição das taxas de densidade no município do Rio de Janeiro apresenta nítidos contrastes, uma vez que os níveis mais elevados se encontram na Zona Sul e na Zona Norte, bem como em bairros dos subúrbios da Central do Brasil e da Leopoldina (Fig. 1). Já o Centro do Rio apresenta baixas taxas, por não se constituir numa área residencial e sim de predomínio de atividades financeiras e de serviços.

Na periferia metropolitana, destacam-se, por altas taxas, Nilópolis, São João de Meriti e Duque de Caxias. Do outro lado da Baía de Guanabara, as mais altas taxas de densidade encontram-se no bairro de Icaraí e no Centro de Niterói, estendendo-se pelo oeste do município de São Gonçalo.

O município do Rio apresentou, no período de 1991 a 2000, um crescimento populacional de 377 136 habitantes, numa taxa média de crescimento anual de 0,7%, uma das mais reduzidas entre as capitais brasileiras. Naturalmente, metrópoles como o Rio de Janeiro apresentam-se altamente saturadas, e com muito pouca capacidade de absorver novos migrantes, principalmente num quadro de baixos níveis de crescimento econômico como os que têm sido registrados no país nas últimas décadas.

Fig. 1

Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população do Rio de Janeiro, como a redução do percentual de católicos, ao

mesmo tempo em que aumentavam as porcentagens dos evangélicos pentecostais e de missão.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Rio de Janeiro		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	61,1	5,4	11,3	8,9	13,3
	Resto da RM	48,7	8,2	17,1	6,2	19,7
1991	Município	69,8	3,7	6,5	8,4	11,5
	Resto da RM	59,9	5,2	10,7	5,1	19,1
2000-1991	Município	-8,7	1,7	4,7	0,5	1,8
	Resto da RM	-11,2	3,0	6,4	1,1	0,6

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

O Rio de Janeiro é a 18ª capital brasileira, entre as 19 analisadas neste trabalho, quanto ao percentual de católicos, que aí representam 61% da sua população (Tab.1). Nos demais municípios da região metropolitana esse percentual é ainda mais baixo, uma vez que menos da metade dos habitantes (48,7%) se diz católica. Entre 1991 e 2000 verificou-se um decréscimo de -8,7 pontos percentuais no município da capital e -11,2 pontos nos municípios da periferia. Esses números traduzem uma tendência relativamente antiga de redução do peso dos católicos na cidade do Rio de Janeiro, bem como na periferia metropolitana.

No município do Rio, os percentuais de católicos raramente situam-se abaixo de 50% da população, o que acontece apenas em determinadas partes de Santa Cruz e Campo Grande, na Zona Oeste da cidade, onde a presença dos católicos situa-se entre 44% e 50% (Figs. 2 e 3). Verifica-se, no entanto, que onde o catolicismo tem resistido mais às mudanças no perfil religioso da população é ao longo da faixa litorânea que se estende do Recreio dos Bandeirantes ao Centro da cidade, passando pela Barra da Tijuca, São Conrado, Leblon, Ipanema, Copacabana, Botafogo e Flamengo.

A esta faixa se acrescentam os bairros da Gávea, Jardim Botânico, Tijuca e Vila Isabel, onde a participação dos católicos na população se mantém elevada, entre 65% e 77%. Do outro lado da Baía de Guanabara, a

Fig. 2

Religião Católica Apostólica Romana

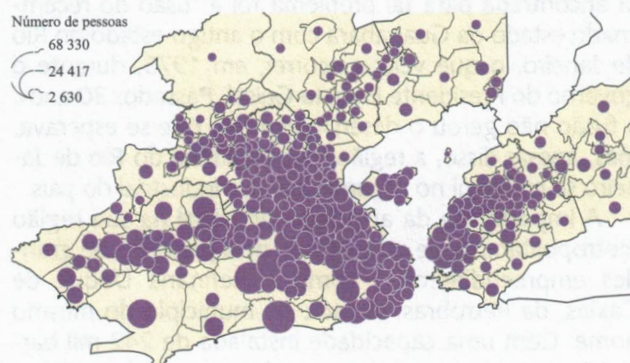
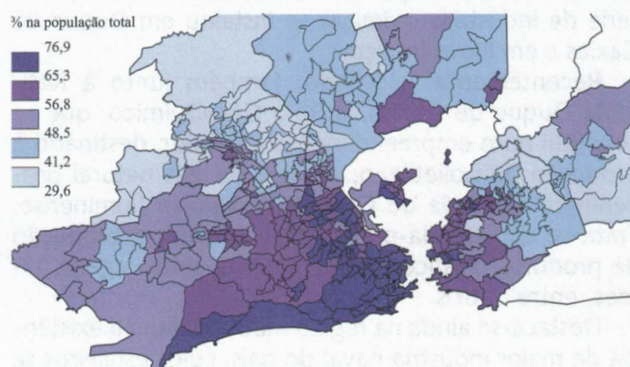


Fig. 3

Religião Católica Apostólica Romana



parte central de Niterói mostra também uma forte ligação com o catolicismo, sobretudo Icaraí.

Além da orla litorânea do Rio, com elevados percentuais de católicos, numa extensa área no interior da cidade, composta pelos bairros de Jacarepaguá, Madureira e Abolição, o peso desses fiéis continua expressivo, entre 56% e 65%. Este padrão está presente também na maior parte de Niterói, assim como nas áreas mais urbanizadas de São Gonçalo.

A classe central da legenda do mapa, cujos valores variam de 48% a 57%, refere-se principalmente à Zona Oeste do Rio de Janeiro, com exceção das áreas menos católicas de Santa Cruz. Além da Zona Oeste, essa classe abrange também partes de Nova Iguaçu, Nilópolis, Duque de Caxias, Niterói e São Gonçalo.

Finalmente, o mapa revela que, na maioria dos bairros dos municípios da periferia metropolitana, a Religião Católica representa menos de 48% dos seus habitantes. As porcentagens de católicos são ainda mais reduzidas, entre 41% e 30%, em áreas de Nova Iguaçu, Belford Roxo e São Gonçalo.

Evangélicos de Missão

Este grupo religioso é menos numeroso na capital do que nos demais municípios da região metropolitana, 315 000 contra 350 000 fiéis, que representam, respectivamente, 5,4% e 8,2% da população total. No Rio, o aumento do percentual dos evangélicos de missão foi de +1,7 pontos, entre 1991 e 2000, enquanto na periferia foi de +3 pontos, um dos crescimentos mais elevados dentre as capitais brasileiras.

Os evangélicos de missão se concentram, sobretudo, no espaço periférico ao norte do município da capital, como se pode ver em São João de Meriti e em Belford Roxo (Figs. 4 e 5). É nítida ainda a importância dos evangélicos de missão em São Gonçalo, no leste da região metropolitana. Nos dois casos, a participação dos protestantes tradicionais na população total é superior a 9%, podendo representar, às vezes, de 11% a 12% da população. Nota-se, ainda, a existência de alguns núcleos evangélicos em Duque de Caxias, Magé e Itaboraí, onde, apesar de os efetivos serem relativamente reduzidos, entre 2 000 e 4 000 pessoas, eles podem corresponder a até 16% dos habitantes. Já no município do Rio, apenas Campo Grande mostrou percentuais significativos de evangélicos de missão.

Entre os evangélicos tradicionais há um predomínio dos batistas, com 4,5% da população, seguidos de longe pelos adventistas e pelos congregacionistas, cada um deles com 0,4%.

Evangélicos Pentecostais

Assim como os evangélicos de missão, os pentecostais são menos numerosos no município da capital do que no resto da região metropolitana, 649 000 contra 731 000, o que representa, respectivamente, 11,3% e 17,1% da população total, ou seja, mais do que o dobro dos protestantes tradicionais. Entre 1991 e 2000, observou-se que o aumento dos pentecostais se mostrou mais acentuado na periferia, +6,4 pontos percentuais, do que na capital, +4,7 pontos.

Fig. 4

Religiões Evangélicas de Missão

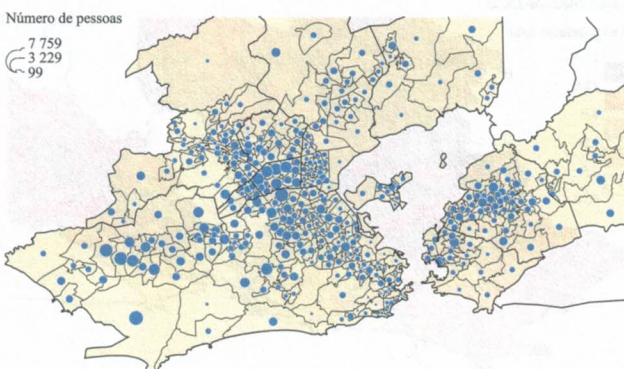


Fig. 5

Religiões Evangélicas de Missão

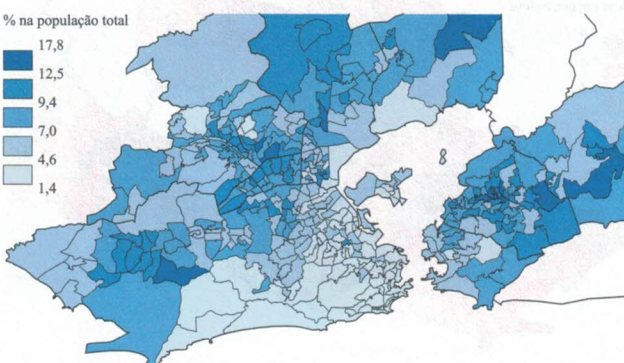


Fig. 6

Religiões Evangélicas Pentecostais

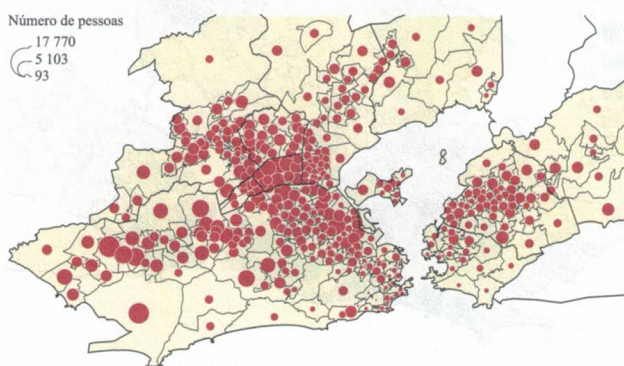


Fig. 7

Religiões Evangélicas Pentecostais

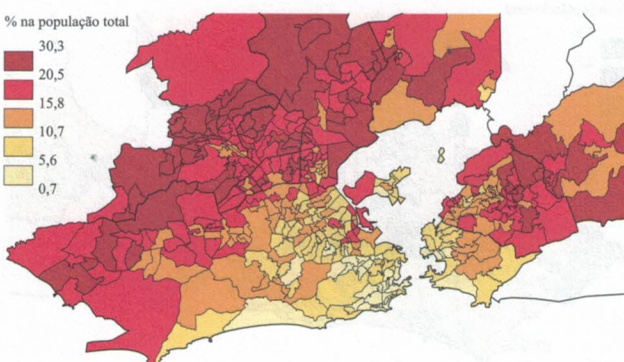


Fig. 8

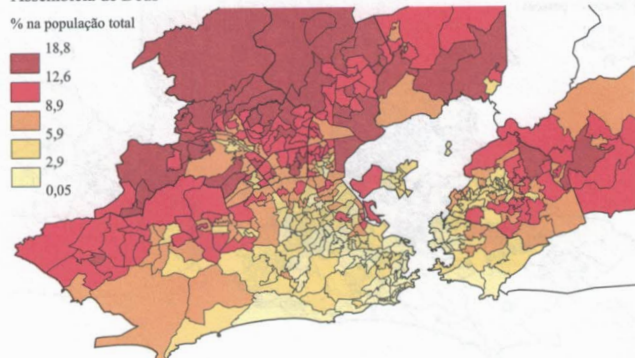
Religião Evangélica Pentecostal
Assembléia de Deus

Fig. 9

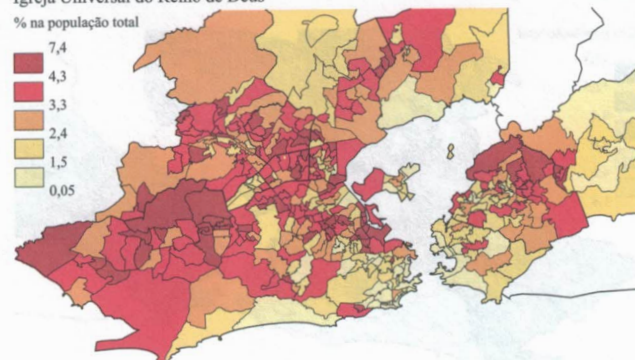
Religião Evangélica Pentecostal
Igreja Universal do Reino de Deus

Fig. 10

Religião Espírita

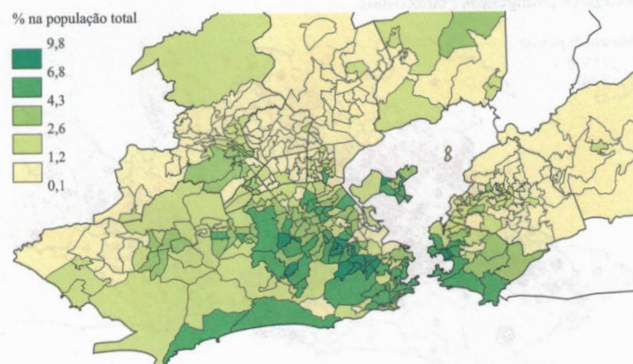
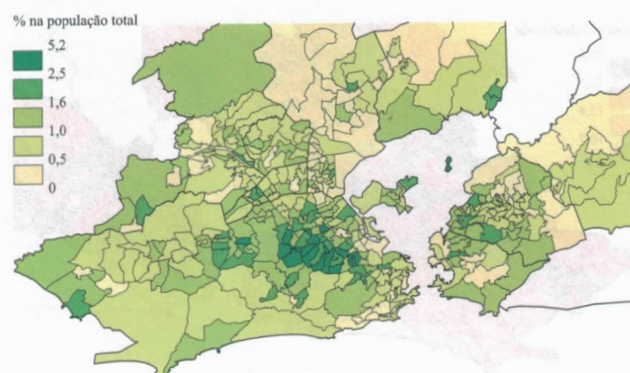


Fig. 11

Religião Umbandista



A presença pentecostal na região metropolitana do Rio de Janeiro se assemelha ao negativo de uma fotografia do mapa dos católicos, uma vez que ela se encontra sobretudo na periferia (Figs. 6 e 7). De fato, são os municípios da Baixada Fluminense, principalmente Nova Iguaçu, Belford Roxo e Duque de Caxias, os que mais se destacam, com percentuais que podem representar 30% da população. Este fenômeno se reproduz também, em menores proporções, em São Gonçalo e em Itaboraí.

No município do Rio de Janeiro, os mais elevados percentuais de pentecostais são registrados na Zona Oeste, onde, em algumas áreas, ultrapassam 20% da população. Já a Barra da Tijuca, a Zona Sul e a Zona Norte apresentam menores percentuais de pentecostais, num padrão muito semelhante ao que caracteriza o bairro de Icarai, em Niterói, onde a presença católica é mais acentuada.

Apesar do grande número de igrejas pentecostais que atuam na região metropolitana do Rio de Janeiro, duas delas se mostram particularmente importantes: a Assembléia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Observa-se, no entanto, uma diferença sensível quanto às suas áreas de atuação: enquanto a Assembléia se mostra mais presente na periferia distante, a IURD se destaca no município da capital e na sua periferia mais próxima (Figs. 8 e 9).

Espíritas, Umbandistas, Candomblecistas e Judeus

No Rio de Janeiro, há vários grupos religiosos minoritários que expressam a grande diversidade de credos existentes na cidade. Entre esses grupos, a religião Espírita se reveste de certa importância, uma vez que 2,6% da população do município do Rio declara praticá-la, ou seja, mais de 265 000 pessoas. Os espíritas estão localizados, sobretudo, na Tijuca, Vila Isabel e Grajaú, onde representam entre 7% e 8% da população (Fig. 10).

Podem ser encontrados ainda no Flamengo, Botafogo, Leme, Jardim Botânico e Barra da Tijuca, com um peso que ultrapassa 5%. Este é também o caso de alguns bairros situados no leste da Ilha do Governador. Em Niterói, a presença dos espíritas chama a atenção em todos os bairros localizados na faixa litorânea, sobretudo em Icarai. Observa-se que as áreas com os mais altos percentuais de espíritas correspondem, frequentemente, àquelas que registram também as mais elevadas porcentagens de católicos.

A Umbanda apresenta cerca de 110 000 adeptos no Rio de Janeiro, a segunda capital do país quanto aos percentuais (1,25%), superada apenas por Porto Alegre (2,2%). A distribuição dos umbandistas no Rio se mostra fortemente concentrada nos bairros do subúrbio da Central do Brasil, como Méier, Engenho de Dentro, Cascadura e Madureira, onde os seus percentuais se situam entre 1,6% e 5,2% da população (Fig. 11). Essas áreas, onde os umbandistas são mais expressivos, se caracterizam também pela forte presença de católicos.

Já o Candomblé reúne no Rio de Janeiro cerca de 50 000 adeptos, que correspondem a 0,5% da sua população, percentual superior ao de Salvador (0,4%). Observa-se que a maioria dos praticantes do Candomblé mora nos subúrbios da Central do Brasil e da Leopoldina (Bonsucesso, Ramos, Olaria e Penha). Além

dessas áreas, eles estão presentes também em municípios da Baixada Fluminense, como Nilópolis, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Belford Roxo (Fig. 12).

A presença de judeus na vida da cidade do Rio de Janeiro é marcante, não obstante representarem apenas 25 000 habitantes. De fato, o Rio é a segunda capital brasileira com o maior percentual de judeus (0,4%), atrás somente de Porto Alegre (0,5%). O mapa com a sua distribuição mostra que eles habitam principalmente as áreas com melhores condições de vida da cidade, como a Tijuca e a Zona Sul e, em menores proporções, São Conrado e Barra da Tijuca (Fig. 13). Além dessas áreas, os judeus se concentram, do outro lado da Baía, no bairro de Icaraí, em Niterói.

Sem religião

Além da diversidade religiosa que o caracteriza, o Rio de Janeiro é também uma cidade com um elevado contingente de pessoas sem religião. De fato, com 13% dos seus habitantes sem religião, o Rio ocupa o segundo lugar entre as capitais brasileiras, superado apenas por Salvador (18%). Este fenômeno tem origem em décadas anteriores à de 1990, uma vez que o percentual dos sem-religião cresceu pouco no período intercensitário de 1991 a 2000, tanto na capital quanto nos municípios da periferia.

Apesar de serem encontrados em toda a região metropolitana, os percentuais dos sem-religião se mostram mais elevados nos espaços da periferia, sobretudo em Belford Roxo, Nova Iguaçu e Duque de Caxias, onde variam de 26% a 35% (Figs. 14 e 15). Além desses municípios da Baixada Fluminense, São Gonçalo e Itaboraí, do outro lado da Baía, também se destacam por elevadas proporções de pessoas sem religião.

Perfil religioso

No espaço metropolitano foram identificadas 6 classes, de acordo com o perfil religioso de sua população (Fig.16). O município do Rio de Janeiro se apresenta dividido, basicamente, em duas partes: o leste católico e o oeste evangélico. A parte leste compreende os espaços mais densamente habitados e de ocupação mais antiga, onde os católicos predominam de forma mais ou menos acentuada. Assim, numa extensa área que vai da Barra da Tijuca ao Méier, incluindo as zonas Sul e Norte (classe 1), o catolicismo continua firmemente implantado. Além dessa área, grande parte dos subúrbios da Leopoldina e da Central do Brasil, bem como a Baixada de Jacarepaguá se caracterizam também por um predomínio católico (classe 2), embora um pouco menos intenso. Niterói segue, de modo geral, esse mesmo padrão de composição religiosa.

Na parte oeste do município do Rio, a situação se mostra muito diferente, uma vez que aí os evangélicos ocupam um lugar de destaque. Os de missão formam uma classe bem delimitada no bairro de Campo Grande e no seu entorno (classe 3). Podem ser encontrados ainda em outras áreas suburbanas, como Anchieta e Pavuna, localizados na parte norte do município. Já os evangélicos pentecostais (classe 5) se localizam no extremo oeste da cidade, sobretudo em Santa Cruz e em Guaratiba.

Fig. 12
Religião Candomblecista

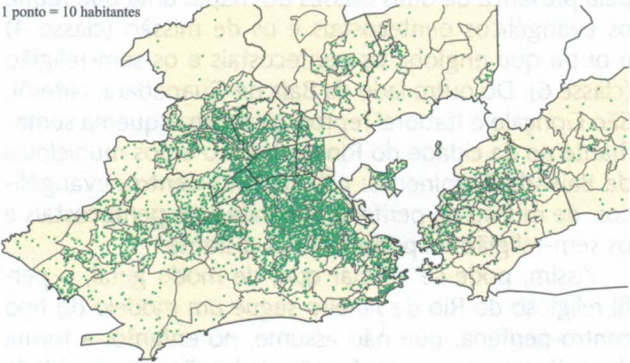


Fig. 13
Religião Judaica

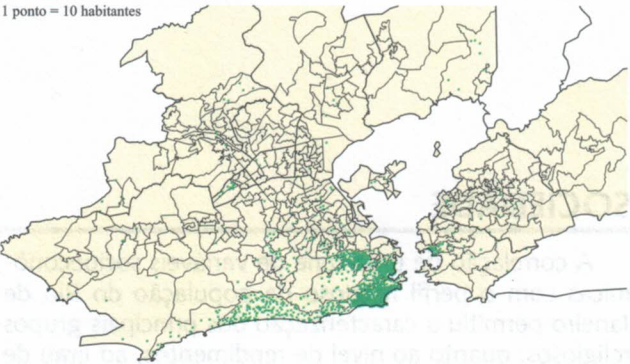


Fig. 14
Pessoas sem religião

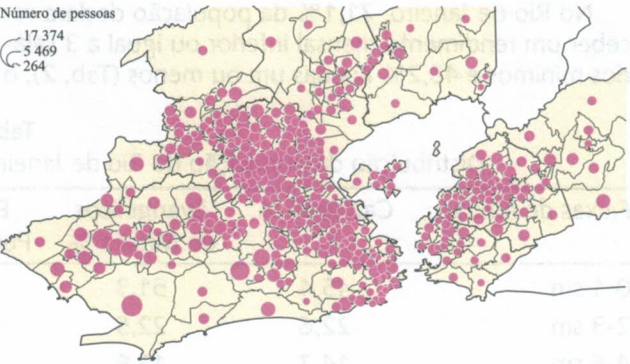
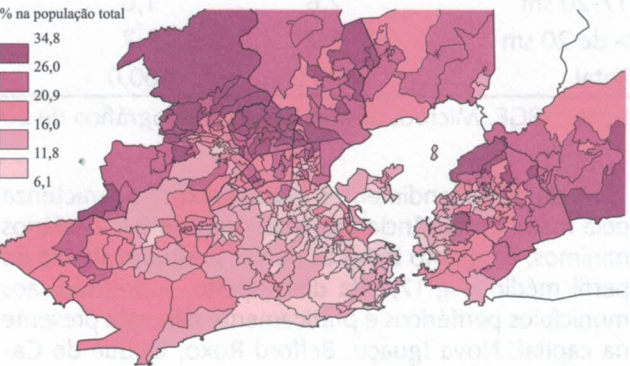


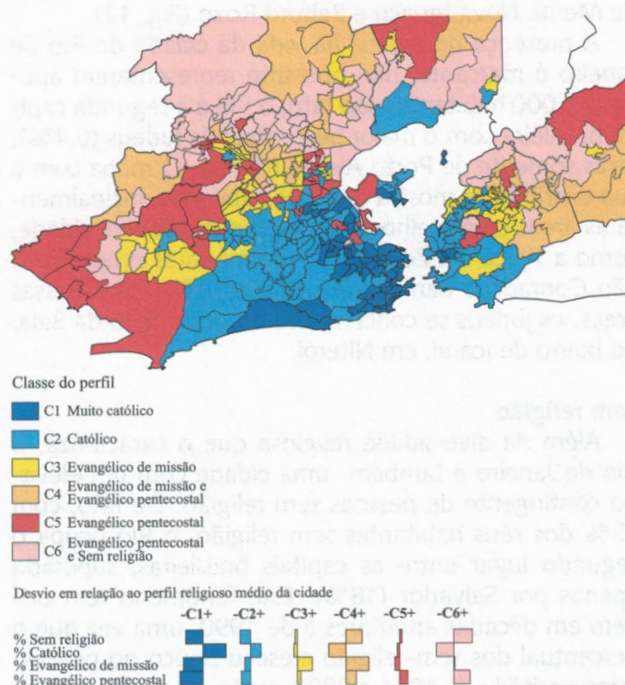
Fig. 15
Pessoas sem religião



Os municípios de Nova Iguaçu, Belford Roxo, Duque de Caxias e Magé são áreas que se caracterizam pela presença de duas classes do mapa: uma que reúne os evangélicos pentecostais e os de missão (classe 4) e outra que engloba os pentecostais e os sem-religião (classe 6). Do outro lado da Baía de Guanabara, Niterói, São Gonçalo e Itaboraí reproduzem um esquema semelhante ao da cidade do Rio de Janeiro e dos municípios da Baixada Fluminense: católicos no Centro, evangélicos de missão na periferia imediata e os pentecostais e os sem-religião na periferia mais distante.

Assim, pode-se afirmar que, de modo geral, o perfil religioso do Rio de Janeiro segue um modelo do tipo centro-periferia, que não assume, no entanto, a forma de anéis sucessivos, em função da localização da cidade no litoral, organizando-se em faixas em relação à costa.

Fig. 16
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população do Rio de Janeiro permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

No Rio de Janeiro, 71,1% da população declara receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 48,2% apenas um ou menos (Tab. 2), o

que situa a cidade em níveis intermediários em relação à posição das demais capitais brasileiras. O grupo religioso que se encontra, no entanto, em pior situação é o dos evangélicos pentecostais, já que 58,2% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo, ao passo que os fiéis das demais confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, evangélicos de missão, católicos e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população do Rio de Janeiro segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	45,4	51,3	58,2	42,3	51,5	48,2
2-3 sm	22,6	22,5	24,4	19,7	24,9	22,9
4-6 sm	14,7	13,9	11,1	14,9	12,3	13,8
7-10 sm	7,9	6,7	4,1	9,8	5,1	7,0
11-16 sm	3,2	2,4	1,2	4,5	2,0	2,8
17-20 sm	2,6	1,6	0,6	3,9	1,6	2,2
> de 20 sm	3,7	1,7	0,5	4,9	2,5	3,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* se caracteriza pela maior importância das categorias de 0 a 2 salários mínimos, enquanto todas as outras se situam abaixo do perfil médio (Fig.17). Ela diz respeito, sobretudo, aos municípios periféricos e praticamente não está presente na capital. Nova Iguaçu, Belford Roxo, Duque de Ca-

xias e Itaboraí são as áreas com maior ocorrência dos baixos níveis de renda e, em menor proporção, Magé e São Gonçalo. Do ponto de vista religioso é nesta periferia desfavorecida que as pessoas sem religião e os evangélicos pentecostais apresentam os seus mais altos percentuais (Tab. 3).

Tabela 3

Distribuição da população do Rio de Janeiro segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	40,98	7,48	21,13	5,28	25,13	100,00
Médios baixos	49,14	7,87	17,92	5,61	19,46	100,00
Médios	58,41	6,80	13,31	7,66	13,82	100,00
Médios altos	62,56	5,89	10,09	9,63	11,83	100,00
Altos	66,55	4,28	6,06	12,14	10,98	100,00
Muito altos	71,53	3,17	2,93	12,29	10,08	100,00

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Já a classe de rendimentos *médios baixos* se caracteriza pela maior importância das categorias de 0 a 3 salários mínimos, enquanto as demais se situam abaixo do perfil médio. Os bairros que pertencem a esta classe apresentam rendimentos um pouco melhores do que a anterior, com desvios menos acentuados em relação à média. Esta classe está presente em dois espaços diferentes: um no interior da capital, sobretudo em Guaratiba e em Santa Cruz, e outro na periferia metropolitana, principalmente em São João de Meriti, Magé e São Gonçalo. A sua composição religiosa revela que é nesta classe que os evangélicos de missão atingem os seus mais altos percentuais.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, cuja moda se situa em 4 salários mínimos, observam-se desvios positivos significativos de 3 a 6 salários. No Rio de Janeiro, este perfil diz respeito, sobretudo, a uma parte dos subúrbios da Leopoldina e da Central do Brasil, bem como a Jacarepaguá. Já na periferia metropolitana, ele está presente apenas em alguns bairros de Nova Iguaçu, Nilópolis, Duque de Caxias e São Gonçalo. A sua composição religiosa se assemelha ao perfil médio da cidade, não se destacando, assim, nenhum grupo de fiéis.

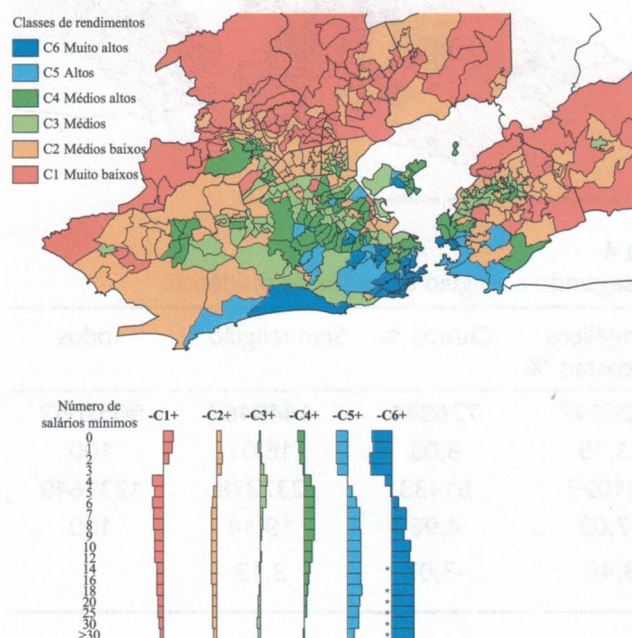
No que diz respeito à classe de rendimentos *médios altos*, verifica-se que ela apresenta desvios positivos de 4 a 25 salários. Com tal amplitude, esta classe caracteriza

bairros muito diversificados do ponto de vista sociológico. Ela diz respeito, principalmente, à parte central da cidade do Rio de Janeiro, além de um conjunto de bairros localizados entre o Méier e Madureira.

Na classe de rendimentos *altos*, destacam-se os níveis de renda superiores a 5 salários mínimos, com maiores desvios positivos de 7 a 20 salários, o que expressa também uma certa diversidade social. Assim, com este perfil de rendimentos, incluem-se o Recreio dos Bandeirantes e alguns bairros da Zona Norte da capital. Do outro lado da Baía, esta classe abrange bairros da orla marítima de Niterói, como São Francisco e Itaipu. Observa-se, nessas áreas, uma significativa diminuição da presença pentecostal, ao mesmo tempo em que aumenta a participação dos católicos e do grupo *outras religiões*.

Finalmente, a classe de rendimentos *muito altos*, com maior importância das categorias superiores a 7 salários mínimos, apresenta picos a partir de 14 salários. Trata-se dos bairros de níveis de renda mais elevados, que compreendem, no Rio, a Barra da Tijuca, a Zona Sul e parte da Tijuca e, em Niterói, o bairro de Icaraí. A sua composição religiosa revela que é nesta classe que os católicos e o grupo *outras religiões* atingem os seus mais altos percentuais.

Por apresentar uma certa relação com a questão dos rendimentos, elaborou-se para o caso do Rio de Janeiro o mapa do local de moradia dos trabalhadores domésticos (Fig. 18). Pode-se observar que este tipo de mão-de-obra reside, freqüentemente, em torno de alguns bairros ricos da capital, como a Barra da Tijuca, em função da proximidade do mercado de trabalho representado pela concentração de residências das camadas mais abastadas da sociedade carioca. Além disso, moram também em áreas distantes da capital, na periferia metropolitana, o que os obriga a longos deslocamentos diários.

Fig. 17
Rendimentos

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência, segundo o rendimento, afeta de maneira diferente os habitantes do Rio de Janeiro, em função de sua confissão religiosa. Assim, ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, observam-se nítidas diferenças de localização dos mais pobres, segundo a confissão religiosa.

Assim, quando se é pobre e católico, vive-se geralmente nos espaços mais urbanizados do Rio de Janeiro ou de Niterói, onde tais segmentos se constituem numa das camadas da estratificação social, composta por pessoas ricas, de classe média e pobres (Fig. 19). Em contrapartida, quando se é pobre, pentecostal ou sem religião, vive-se em espaços urbanos mais distantes do

centro da região metropolitana, num sistema bem claro de segregação sócio-espacial, do tipo centro-periferia (Figs. 20 e 21).

Favelas

No Rio de Janeiro cerca de 1 240 000 pessoas vivem em favelas, o que corresponde a 13,7% de sua população. As favelas se distribuem por toda a região metropolitana, mas é no município do Rio de Janeiro, onde a oferta de trabalho é maior, que a concentração de habitações subnormais é mais acentuada, principalmente na parte leste, que apresenta maior densidade de população (Fig. 22). Já em Niterói, elas se mostram pouco numerosas, o que acontece também na Baixada Fluminense.

Fig. 19

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

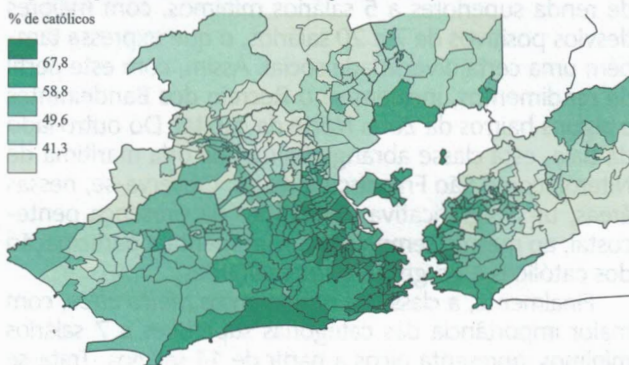


Fig. 20

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

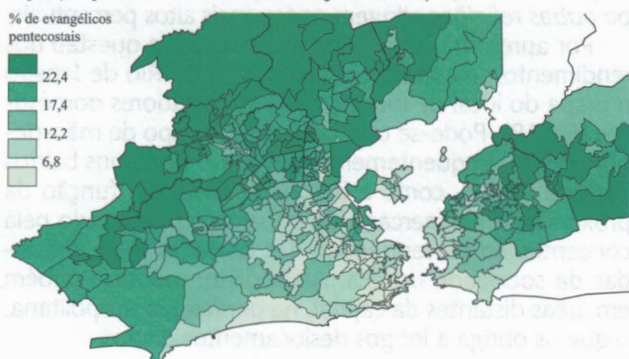


Fig. 21

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

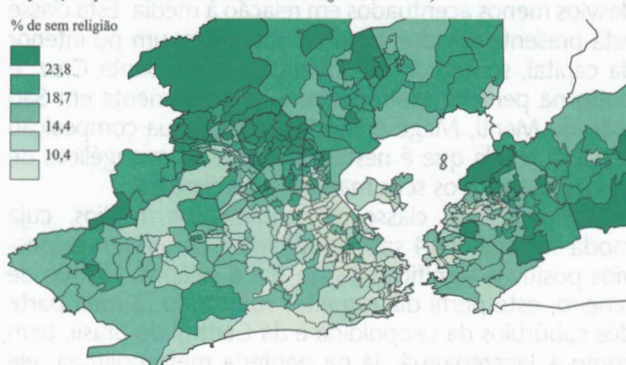
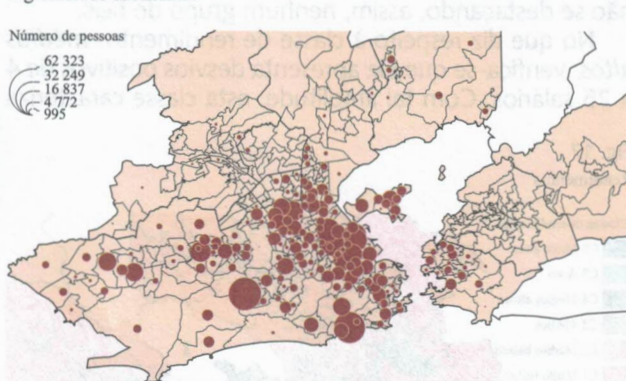


Fig. 22

Aglomerado subnormal*



* Favelas, mocambos, palafitas, invasões, malocas e assemelhados.

Tabela 4

Distribuição da população do Rio de Janeiro segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	* Sem religião %	Todos
Setor normal	5027663	621931	1226147	726844	1449467	9052052
%	55,54	6,87	13,55	8,03	16,01	100
Setor subnormal	672915	56994	211029	61433	237278	1239649
%	54,28	4,60	17,02	4,96	19,14	100
%subnormal-	-1,26	-2,27	3,48	-3,07	3,13	
%normal						

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Do ponto de vista religioso, a população que habita as favelas apresenta pequenas diferenças em relação aos demais moradores da cidade. Assim, apesar da forte presença de católicos, tanto nas favelas quanto nas demais áreas, observa-se que os evangélicos pentecostais e as pessoas sem religião alcançam, nos aglomerados sub-normais, percentuais um pouco mais elevados (Tab. 4).

Níveis de educação

O Rio de Janeiro apresenta cinco tipos de bairros em função do nível de educação da população que neles habita. A distribuição geográfica das classes identifica-das se assemelha, de uma maneira geral, à do mapa de rendimentos (Figs. 17 e 23).

O perfil dos bairros de nível escolar *baixo* é caracte-rizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, en-contrando-se também uma forte participação de pes-soas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. Pertence a esta classe a maior parte dos bairros que apresentam níveis de rendimentos muito baixos, como os da periferia metropolitana e os da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, no entorno dos bairros abastados do Recreio dos Bandeirantes e da Barra da Tijuca. Do ponto de vista religioso é nesta classe que os sem-religião e os evangélicos pentecostais apresentam os seus maiores percentuais (Tab. 5).

Já em relação aos bairros de nível *baixo/médio*, observa-se que o seu perfil não se distancia muito do perfil médio da região metropolitana, apresentando, no entanto, alguns pequenos desvios positivos em relação ao ensino fundamental, ao antigo primário e ao ensino médio, o que indica um nível educacional um pouco melhor do que o da classe anterior. Ela diz respeito, fundamentalmente, aos bairros localizados na Zona Oeste da capital, nos limites com a Baixada Fluminense. Do ponto de vista religioso, observa-se que é nesta classe que os evangélicos de missão apresentam os seus mais elevados percentuais.

Quanto ao perfil dos bairros de nível *médio*, verifi-ca-se que ele é caracterizado pelo ensino médio e pelo antigo curso ginasial. Do ponto de vista geográfico, esta classe está localizada, sobretudo, na zona suburbana da Leopoldina e da Central do Brasil. Do outro lado da Baía, a parte central de São Gonçalo pertence também a esta classe. A sua composição religiosa se mostra se-melhante ao perfil médio da cidade, não apresentando destaque particular para nenhum grupo de fiéis.

As duas classes seguintes caracterizam uma popula-ção com bons níveis de escolaridade, classificados como *alto* e *muito alto*, onde a proporção de pessoas com curso superior, mestrado ou doutorado é maior. A cor-relação entre as áreas com os melhores níveis de escola-ridade e os bairros de renda mais elevada é muito clara, tanto na capital quanto em Niterói. É nessas áreas que a Religião Católica e o grupo *outras religiões* apresentam os seus mais altos percentuais.

Fig. 23
Níveis de estudos

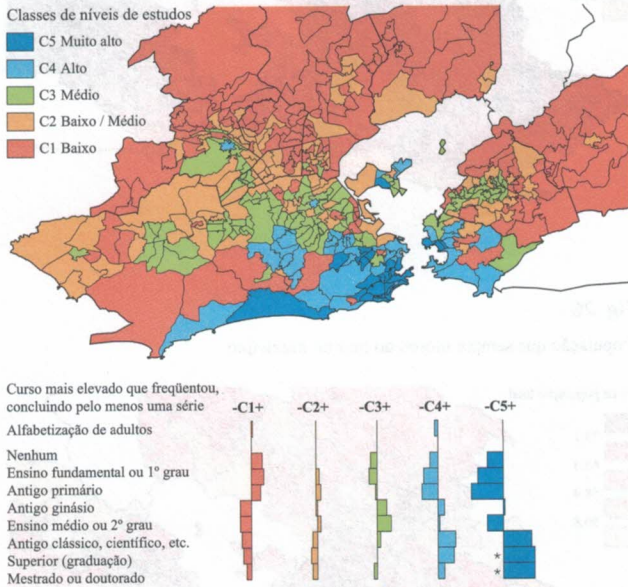


Tabela 5
Distribuição da população do Rio de Janeiro segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	45,81	7,35	19,09	5,35	22,40	100
Baixo/Médio	50,97	7,73	17,03	6,32	17,95	100
Médio	60,02	6,78	12,18	8,51	12,51	100
Alto	65,63	4,49	7,09	11,25	11,53	100
Muito alto	71,58	3,15	2,80	12,17	10,30	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 24

População analfabeta

% da população de 10 anos e mais que não sabe ler nem escrever

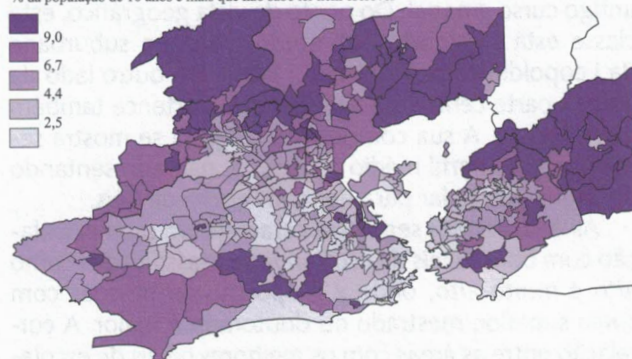


Fig. 25

População de cor não branca

% na população total

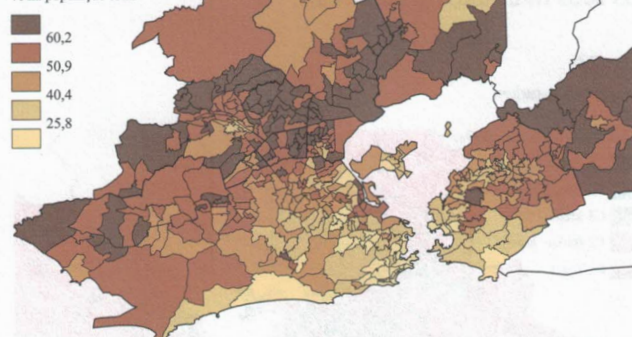
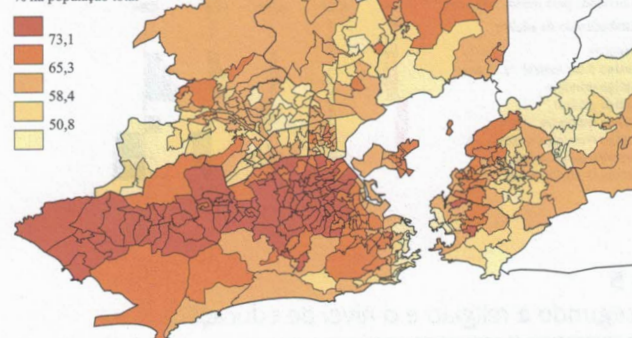


Fig. 26

População que sempre morou no mesmo município

% na população total



A distribuição geográfica dos analfabetos confirma a tendência centro-periferia da exclusão social e destaca uma grande diferença entre os bairros da Zona Sul, onde o analfabetismo aparece no seu nível mais baixo, correspondendo, às vezes, a menos de 1% dos habitantes, e os da periferia, onde as pessoas que não sabem ler nem escrever podem representar 15% da população (Fig. 24).

Cor da pele

O mapa da porcentagem de população não branca na população total revela que os bairros com os mais altos níveis de renda e de escolaridade, da região metropolitana, se caracterizam pela presença majoritária das pessoas de cor branca (Fig. 25). À medida que se afasta dessa área mais abastada do Rio e de Niterói, várias auréolas sucessivas traduzem o progressivo aumento dos percentuais de população não branca, que chegam a representar mais de 60% dos habitantes nos bairros da periferia mais distante.

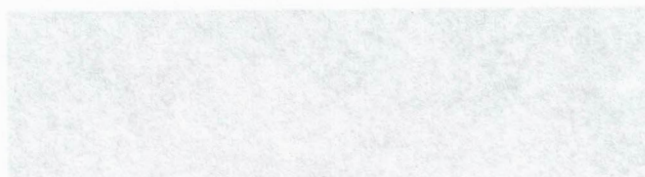
Estabilidade residencial da população

A população que sempre morou no município do Rio de Janeiro ultrapassa, freqüentemente, 70% dos habitantes. A distribuição geográfica desta população é bastante diferente da observada em relação a outros indicadores socioeconômicos, uma vez que ela forma uma faixa do leste ao oeste, que atravessa toda a metade-norte do município da capital (Fig. 26).

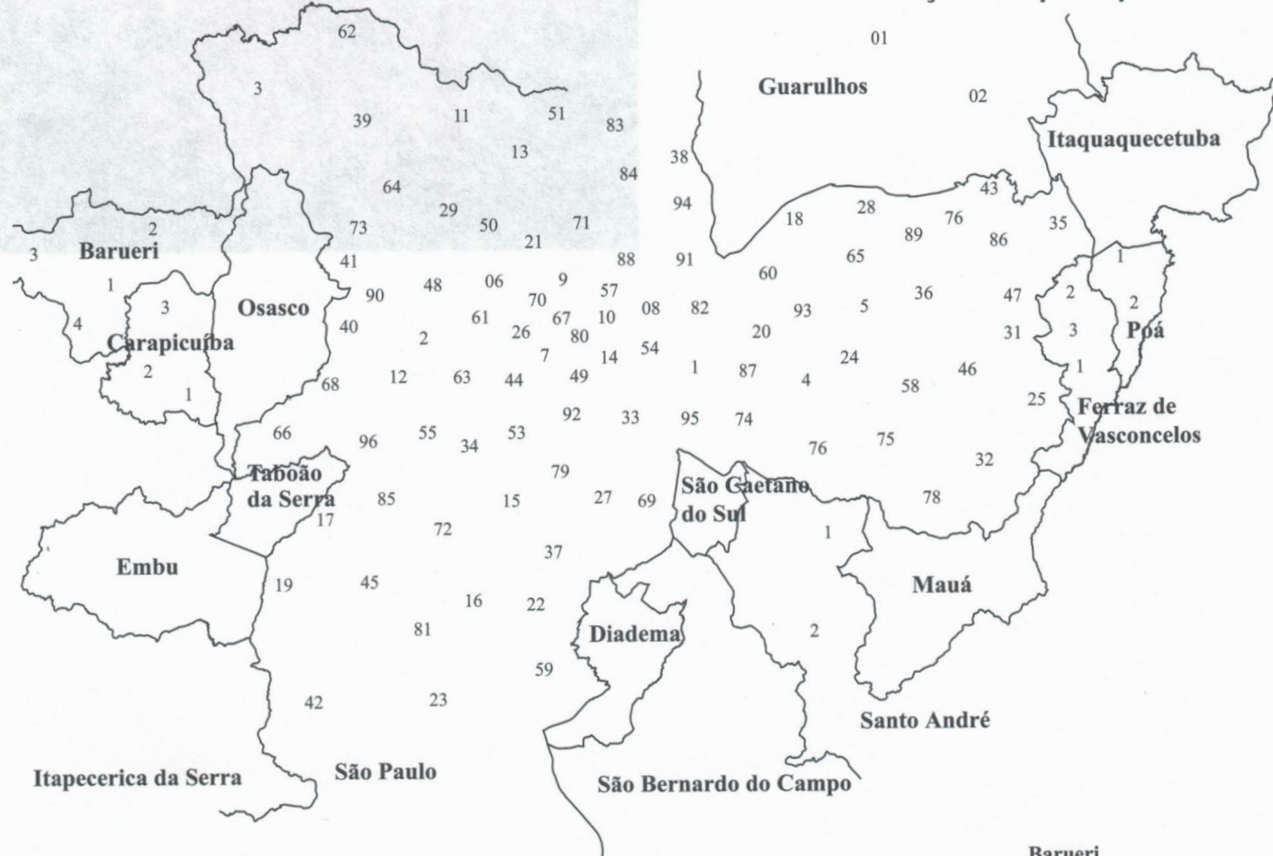
De um lado e de outro desta faixa, a estabilidade diminui, atingindo níveis inferiores a 50%. Estas áreas possuem, no entanto, características opostas: enquanto na Baixada Fluminense predominam habitantes pobres, com baixo grau de instrução, na Zona Sul a população se destaca pelos mais altos níveis de escolaridade e renda, características que definiriam os tipos diferentes de migrantes que se dirigem para o Rio de Janeiro.

São Paulo





Localização dos principais bairros



São Paulo

- | | | |
|---------------------|-----------------------|--------------------|
| 1 Água Rasa | 25 Cidade Tiradentes | 50 Limão |
| 2 Alto de Pinheiros | 26 Consolação | 51 Mandaqui |
| 3 Anhangüera | 27 Cursino | 53 Moema |
| 4 Aricanduva | 28 Ermelino Matarazzo | 54 Mooca |
| 5 Artur Alvim | 29 Freguesia do Ó | 55 Morumbi |
| 6 Barra Funda | 31 Guaianases | 57 Pari |
| 7 Bela Vista | 32 Iguatemi | 58 Parque do Carmo |
| 8 Belém | 33 Ipiranga | 59 Pedreira |
| 9 Bom Retiro | 34 Itaim Bibi | 60 Penha |
| 10 Brás | 35 Itaim Paulista | 61 Perdizes |
| 11 Brasilândia | 36 Itaquera | 62 Perus |
| 12 Butantã | 37 Jabaquara | 63 Pinheiros |
| 13 Cachoeirinha | 38 Jaçanã | 64 Pirituba |
| 14 Cambuci | 39 Jaguará | 65 Ponte Rasa |
| 15 Campo Belo | 40 Jaguaré | 66 Raposo Tavares |
| 16 Campo Grande | 41 Jaraguá | 67 República |
| 17 Campo Limpo | 42 Jardim Ângela | 68 Rio Pequeno |
| 18 Cangaíba | 43 Jardim Helena | 69 Sacomã |
| 19 Capão Redondo | 44 Jardim Paulista | 70 Santa Cecília |
| 20 Carrão | 45 Jardim São Luís | 71 Santana |
| 21 Casa Verde | 46 José Bonifácio | 72 Santo Amaro |
| 22 Cidade Ademar | 47 Lajeado | 73 São Domingos |
| 23 Cidade Dutra | 48 Lapa | 74 São Lucas |
| 24 Cidade Líder | 49 Liberdade | 75 São Mateus |

Barueri

- 1 Aldeia
- 2 Barueri
- 3 Jardim Belval
- 4 Jardim Silveira

Carapicuíba

- 1 Aldeia de Carapicuíba
- 2 Carapicuíba
- 3 Vila Dirce

Ferraz de Vasconcelos

- 1 Ferraz de Vasconcelos
- 2 Santa Margarida Paulista
- 3 Santo Antônio Paulista

Guarulhos

- 1 Guarulhos
- 2 Jardim Presidente Dutra

Poá

- 1 Cidade Kemel
- 2 Poá

Santo André

- 1 Capuava
- 2 Santo André

APRESENTAÇÃO

São Paulo, capital do estado do mesmo nome, situa-se no Planalto Paulistano, numa altitude média de 800 metros, a 90 km do Oceano Atlântico. O Rio Tietê atravessa a cidade, no sentido leste-oeste, possuindo como afluentes os rios Pinheiros, Tamanduateí, Anhangabaú e outros menores.

Maior aglomeração urbana do país, com 10 435 547 habitantes na capital e 7 432 251 nos demais municípios de sua região metropolitana, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, São Paulo concentra quase a metade (48,3%) da população do estado.

A cidade de São Paulo encontra-se num dos mais movimentados entroncamentos rodoviários do país, que dá acesso à maioria das capitais brasileiras. Assim, São Paulo liga-se ao Rio de Janeiro e a Curitiba pela BR-116, a Belo Horizonte pela BR-381 e a Brasília pela BR-050. Além dessas estradas, um conjunto de rodovias estaduais estabelece a conexão da capital com o litoral e o interior do estado. Situando-se como o principal centro de ligação do Brasil com as mais importantes cidades do mundo, São Paulo conta com dois grandes aeroportos: o Cumbica, para vôos internacionais, no município de Guarulhos, na sua região metropolitana, e o de Congonhas, para vôos domésticos, localizado na capital.

Principal pólo econômico brasileiro, possui a mais complexa e diversificada estrutura industrial, financeira, de comércio e de serviços do país, concentrando profissionais altamente qualificados. São Paulo se constitui, também, num importante centro universitário e de produção do conhecimento, pela qualidade de suas universidades, particularmente, a Universidade de São Paulo (USP). Destaca-se, ainda, pela atividade cultural, em função da grande rede de museus, teatros, cinemas e centros culturais que possui.

Origem e evolução

A cidade de São Paulo se originou de um núcleo de povoamento que se formou em torno do Colégio dos Jesuítas, fundado pelos Padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, em 25 de janeiro de 1554. Este núcleo, localizado entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, deu origem ao povoado de São Paulo de Piratininga que, em 1560, se tornou vila e, em 1711, foi elevada à categoria de cidade.

Apesar da posição de sede da Capitania de São Vicente a partir de 1681, São Paulo ocupou posição secundária durante todo o período colonial, em decorrência da distância do litoral e das características do seu

solo, impróprio ao cultivo de produtos de exportação. A sua principal função, durante os séculos XVII e XVIII, era então a de ponto de partida das *bandeiras*, que tinham por objetivo o aprisionamento de índios e a busca de riquezas minerais nos sertões longínquos.

Somente no início do século XIX é que São Paulo veio a se firmar como capital da província, quando se tornou importante núcleo de atividades educacionais e culturais, com a criação de uma faculdade de direito, a implantação de editoras e jornais, etc. Já no final desse mesmo século, novos fatores contribuíram para o desenvolvimento da capital paulista, como a expansão da produção cafeeira e a construção da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. Tornou-se, assim, num importante centro de negócios ligado à produção e à comercialização do café. Nesse contexto, a cidade se expandiu, com a criação das primeiras linhas de bonde, a implantação da iluminação a gás e a realização de obras de saneamento e de urbanização. Delineava-se aí a cidade industrial que São Paulo viria a ser, e o seu espaço urbano se estruturava em função dessas transformações.

Expansão urbana

Desde a segunda metade do século XIX São Paulo passava a ser local de atração para levas de imigrantes, de origens diversas, que se dirigiram à capital paulista, e deixaram marcas na sua paisagem urbana, uma vez que se concentraram em determinados bairros, como os italianos no Brás, os japoneses na Liberdade e os árabes no Bom Retiro. No século XX, outros fluxos migratórios continuaram se dirigindo para São Paulo, sobretudo de brasileiros, como os nordestinos.

Porém, a expansão urbana de São Paulo se intensificou a partir da Primeira Guerra Mundial, quando se deu a instalação do seu parque industrial, o que mudou completamente a fisionomia da cidade, e acarretou grande crescimento populacional. Já nessa época, a capital paulista se destacava, no país, como importante centro industrial, financeiro, comercial e de prestação de serviços¹.

Com a expansão urbana acelerada, medidas de planejamento se fizeram necessárias, e o centro de São Paulo passou, como resultado de sucessivas políticas urbanas, por uma série de transformações, que alteraram muito do que havia sido construído até então. Assim, de um núcleo de comércio e serviços elitizado, com fisionomia européia, no início do século XX, a área central passa por um acentuado processo de vertica-

¹ Para a caracterização da expansão urbana e das atividades econômicas de São Paulo, foram fundamentais as informações contidas no site do SEADE. In: <<http://www.seade.gov.br/produtos/msp/index.php>>

lização. Posteriormente, nos anos 1970, inicia-se uma fase de grandes obras de engenharia, com a abertura de novas avenidas e a construção de viadutos e túneis, o que fez do centro um ponto de articulação e de passagem, num contexto de domínio do automóvel.

Nessa época, ocorre um deslocamento do centro financeiro e econômico da capital em direção ao sudoeste, e o centro tradicional se desvaloriza. Nesse processo, a antiga área central passa a ser buscada, então, pelas camadas populares que vão exercer atividades informais em suas ruas, com a proliferação de vendedores ambulantes e de camelôs.

De fato, a ampliação das ligações do centro com o restante da cidade, através da melhoria dos transportes coletivos — como metrô, terminais e corredores de ônibus — contribuiu para alterar o perfil dos usuários desses transportes, tornando-se o centro, assim, ponto de comércio e de serviços de caráter popular. A desvalorização do centro levou então à transferência das sedes de grandes empresas e bancos para a Avenida Paulista, criando assim outra centralidade na cidade.

Ao mesmo tempo, profundas transformações ocorreram também na região metropolitana de São Paulo. Estruturada inicialmente a partir da capital e dos municípios do ABCD (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano e Diadema), a região metropolitana sofreu um intenso processo de conurbação, em direção aos municípios de Ferraz de Vasconcelos e Poá, a leste, e aos de Taboão da Serra e Embu, a oeste, que funcionam como cidades-dormitório para a população de baixo nível de rendimentos.

Nessas áreas são freqüentes os assentamentos urbanos do tipo loteamento e autoconstrução, que apresentam enorme carência quanto aos serviços de infraestrutura básica. Na verdade, a expansão da área urbana de São Paulo vem se dando através de uma ocupação desordenada, que se manifesta pela multiplicação de favelas, freqüentemente em locais impróprios, tais como áreas de risco para as populações nelas instaladas ou áreas de proteção aos mananciais.

Mais recentemente, esse processo de conurbação vem se ampliando em direção a Guarulhos e Itaquaquecetuba, a nordeste, e a Cotia e Jandira, a oeste. Há, no entanto, espaços ainda não-conurbados, que formam uma espécie de anel nos limites da região metropolitana, de Juquitiba, no sudoeste, até Salesópolis, no extremo leste, passando por Mairiporã, no norte. Tais espaços incluem municípios que, seja pela atividade econômica com base na agropecuária, seja pela carência de transportes urbanos, apresentam um acentuado contraste com as áreas centrais da região metropolitana.

Uma boa visão de conjunto da cidade nos é dada pela imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, revelando que a mancha urbana de São Paulo, muito compacta, se apresenta mais adensada na parte central da capital, entre os rios Tietê, ao norte, e o seu afluente, Pinheiros, a oeste, havendo pouca presença de áreas verdes em seu interior.

Somente nos limites da cidade é que a ocupação vai se tornando mais rarefeita, estendendo-se ao longo dos principais eixos de circulação, o que dá à mancha

urbana de São Paulo um aspecto radial. É possível identificar, ainda, através dessa imagem, a presença de duas represas importantes para o abastecimento de água da capital, a de Guarapiranga, a sudoeste, e a de Billings, a sudeste.

Em linhas gerais, o processo acelerado de crescimento urbano de São Paulo trouxe graves problemas ambientais, causados sobretudo pela falta de saneamento, pelas indústrias que lançam no ar e nos cursos d'água seus rejeitos sem tratamento e pelo elevado número de veículos que circulam diariamente pela capital. Tal situação é responsável por níveis alarmantes de poluição das águas e do ar que causam graves danos à saúde da população.

Com vistas a reduzir a poluição do Rio Tietê, está em andamento uma obra, que começou em 1992, de despoluição de suas águas e aprofundamento do seu leito, para evitar as freqüentes enchentes na capital. Outras medidas, como o rodízio na circulação de carros, de acordo com os finais de suas placas, têm sido tomadas para diminuir a poluição do ar e o congestionamento do trânsito. No entanto, essas medidas não chegam a resolver o problema.

Para solucionar as condições de tráfego em São Paulo, sucessivos governos têm se empenhado na construção de vias expressas, vistas como o principal instrumento para resolver o problema. Porém, apesar desse esforço, as dificuldades de circulação de veículos em São Paulo têm se agravado cada vez mais. Este fato se deve, em grande parte, à imensa frota de veículos particulares, da ordem de 5 milhões de unidades.

São Paulo, apesar de se constituir na maior e mais rica cidade do Brasil, apresenta sérios problemas urbanos e profundas desigualdades sociais. Assim, para uma considerável parcela de sua população o direito à cidade não lhes é garantido, uma vez que não têm acesso a trabalho, moradia, educação, saúde, transporte, lazer e cultura.

Atividades econômicas

O parque industrial da região metropolitana de São Paulo, o maior e mais diversificado do país, se destaca por seu caráter gerador e difusor de inovações tecnológicas, tendendo cada vez mais à especialização nos setores de bens de capital e bens de consumo durável, quer em função da valorização acentuada do solo urbano, quer da localização de novos parques industriais no interior do estado. Assim, observa-se uma reestruturação das atividades econômicas, em função da reordenação espacial da atividade industrial, sobretudo em direção a Campinas, Sorocaba, São José dos Campos e Ribeirão Preto.

Na verdade, desde os anos 1950, começou um processo de desconcentração industrial da cidade de São Paulo em direção a outros municípios da sua região metropolitana, como os do ABCD, Osasco e Guarulhos. É no ABCD que se localiza o principal pólo da indústria automotiva do país, onde se encontram grandes montadoras de veículos, como a Ford, General Motors, Volkswagen, Scania, Mercedes-Benz e Toyota, além de centenas de empresas de autopeças, nacionais e estran-

geiras. As fábricas de automóveis, que se instalaram na região nos anos 1950, têm se empenhado na modernização tecnológica e no aumento da sua capacidade produtiva, a fim de atender ao mercado nacional e internacional.

Estão aí presentes também grandes indústrias mecânicas, metalúrgicas, de material elétrico e equipamentos de informática, de instrumentação médico-hospitalar, além de inúmeras fábricas de alimentos, tecidos, vestuário, produtos químicos, farmacêuticos e muitas outras. Essa região vem passando, no entanto, por significativas transformações nos últimos anos, com a expansão do comércio e dos serviços, estimulada pelo elevado poder aquisitivo da sua população. Assim, a paisagem urbana, antes marcada pelas indústrias, vai cedendo lugar a grandes supermercados e *shopping centers*.

Deve-se lembrar, porém, que a proximidade do Porto de Santos, além da infra-estrutura já instalada e da existência de mão-de-obra qualificada, asseguram à região metropolitana de São Paulo um forte poder de atração para investimentos industriais. Assim, apesar do crescimento do comércio e dos serviços, os investimentos industriais nessa área ainda são vultosos.

No entanto, a partir dos anos 1970, teve início um processo de interiorização da atividade industrial, o que fez com que outros municípios paulistas se destacassem no processo de crescimento econômico do estado, altamente concentrado, até essa época, na região metropolitana. Além disso, investimentos e incentivos concedidos pelo Governo Federal e por governos de outros estados estimularam muitas empresas a se instalarem em outras áreas do país, a exemplo do sul fluminense, da região metropolitana de Belo Horizonte ou da Zona Franca de Manaus.

Esse processo de desconcentração industrial se deu por vários motivos: desde as deseconomias resultantes da aglomeração urbana, como a saturação da infra-estrutura de transporte, a valorização imobiliária e as restrições da legislação ambiental, até as ações governamentais que vieram estimular o crescimento industrial em outras áreas do estado de São Paulo e em outras regiões do país.

Essa tendência à diminuição da atividade industrial na região metropolitana de São Paulo se dá simultaneamente a um processo de expansão das atividades terciárias, o que vem ocorrendo sobretudo na capital. Com exceção dos municípios do ABCD, a participação do emprego no setor industrial apresentou redução nos anos 1990, enquanto o de serviços vem absorvendo cada vez mais trabalhadores.

Além da crescente importância dos serviços, São Paulo se destaca como o mais importante centro financeiro do país, pela concentração de bancos, seguradoras e bolsas de valores. De fato, a posição de principal centro financeiro, industrial, comercial e de serviços do Brasil faz da região metropolitana de São Paulo uma referência para qualquer empresa que deseje atuar no país.

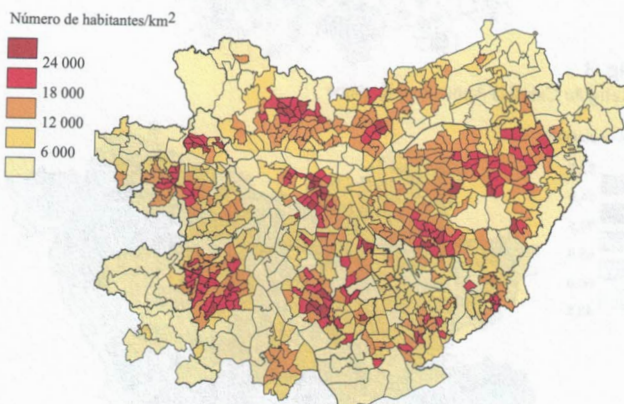
Densidade e crescimento populacional

O mapa com a distribuição das taxas de densidade demográfica na região metropolitana de São Paulo revela um padrão bastante diversificado, destacando-se núcleos com maiores concentrações populacionais que se alternam com áreas de taxas menos elevadas, inclusive no município da capital (Fig. 1).

Assim, altas densidades populacionais se encontram na parte central da cidade, enquanto bairros do oeste e sudoeste, com as melhores condições de vida da capital, revelam níveis de concentração populacional mais baixos, uma vez que muitos deles se caracterizam pelo grande número de casas e mansões. Ainda no município de São Paulo, índices elevados de densidade populacional se encontram na sua parte sul e leste, nas proximidades dos municípios industriais do ABCD.

O município de São Paulo apresentou, no período de 1991 a 2000, um aumento populacional de 789 362 habitantes, com uma taxa média de crescimento anual de 0,9%. Como é natural nas regiões metropolitanas, o município central, já bastante saturado, vem crescendo menos do que os da periferia que, em seu conjunto, acusaram uma taxa média de 2,8% ao ano, nesse mesmo período. Tal crescimento se deve, em parte, às migrações de pessoas de diferentes regiões do país em direção a São Paulo, movimento que, apesar de menos acentuado nos últimos anos, ainda continua a ocorrer.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de São Paulo, como a redução do percentual de católicos, ao

mesmo tempo em que aumentavam, de forma expressiva, as porcentagens dos evangélicos pentecostais e das pessoas que se declaravam sem religião.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

São Paulo		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	68,4	2,9	11,9	7,8	9,0
	Resto da RM	65,8	2,9	15,6	6,0	9,6
1991	Município	78,7	2,4	5,9	6,9	6,1
	Resto da RM	77,7	2,2	8,1	5,1	6,9
2000-1991	Município	-10,3	0,5	6,0	0,9	2,9
	Resto da RM	-11,9	0,8	7,5	0,9	2,7

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Fig. 2

Religião Católica Apostólica Romana

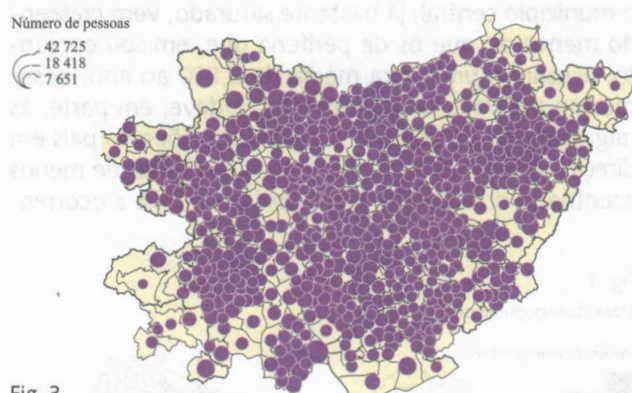


Fig. 3

Religião Católica Apostólica Romana

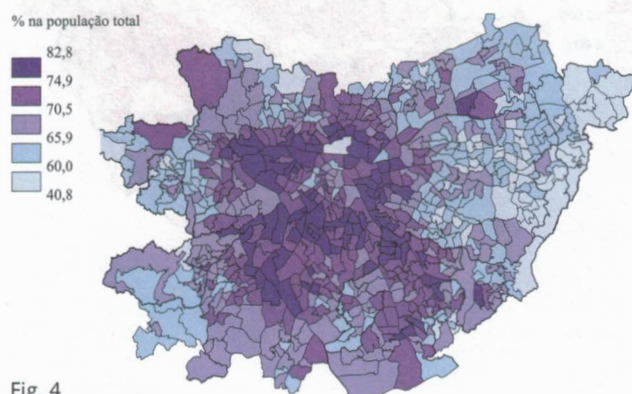
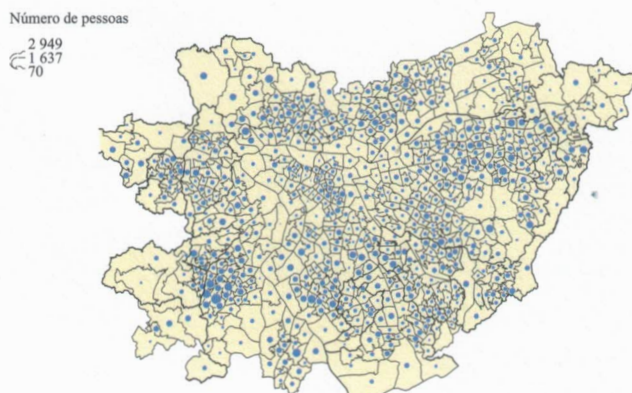


Fig. 4

Religiões Evangélicas de Missão



Católicos

Com 68% da população declarando-se católica (Tab.1), São Paulo situa-se em 12º lugar entre as capitais brasileiras quanto à importância desse grupo religioso. Essa porcentagem não difere muito, aliás, da observada no restante da sua região metropolitana, que corresponde a 66% de fiéis. A redução do percentual de católicos, entre 1991 e 2000, foi acentuada em São Paulo, atingindo -10,3 pontos percentuais no município da capital e -11,9 nos municípios da periferia.

Ao contrário da maioria das capitais brasileiras, a presença dos católicos não atinge o seu percentual máximo no centro da cidade, mas sobretudo numa primeira coroa, que engloba uma população com mais de 70% de católicos, no interior da qual pode-se distinguir concentrações ainda mais elevadas, superiores a 75% dos habitantes (Figs. 2 e 3). A partir desse espaço, o peso dos católicos na população total tende a diminuir, de forma mais acentuada em direção ao leste e ao oeste do que em direção ao norte e ao sul.

Na verdade, é no leste da região metropolitana que se encontra a área menos católica da cidade, com percentuais inferiores a 60%, podendo chegar mesmo a 40% em bairros da capital, como Cidade Tiradentes e Guaianases, e nos municípios de Poá e Ferraz de Vasconcelos. Em contrapartida, no sudeste, em São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Santo André, a religião católica se mantém fortemente implantada, com cerca de 70% a 75% de fiéis.

Evangélicos de Missão

Os evangélicos de missão representam menos de 3% da população, tanto da capital quanto do restante da região metropolitana. Além disso, o seu crescimento de menos 1 ponto percentual, entre 1991 e 2000, se mostrou pouco significativo. Dentre os grupos que integram essa confissão religiosa, os batistas predominam, com 1,5% da população, seguidos pelos adventistas, com 0,7%.

Os mapas permitem detectar, no entanto, algumas áreas com maiores concentrações de fiéis como, por exemplo, Capão Redondo, no sudoeste (Figs. 4 e 5). De qualquer modo, percebe-se que a sua localização é

maior, sobretudo, nos bairros periféricos e que os efetivos são muito reduzidos, da ordem de alguns milhares de pessoas.

Evangélicos Pentecostais

Os evangélicos pentecostais representam 12% da população da capital e 16% dos habitantes dos demais municípios da região metropolitana, o que coloca São Paulo em 8º lugar, entre as capitais brasileiras, quanto à importância desse grupo religioso. Observou-se, também, no período de 1991 a 2000, um crescimento expressivo, de +6 pontos percentuais na cidade de São Paulo e de +7,5 pontos no restante da sua região metropolitana.

Enquanto os bairros mais abastados da capital, situados a oeste e a sudoeste do centro da cidade, se mantêm pouco afetados pela onda pentecostal, com percentuais inferiores a 5% da população, os espaços periféricos da região metropolitana reúnem, frequentemente, elevados contingentes de fiéis, entre 18% e 30% dos seus habitantes (Figs. 6 e 7). Assim, em torno dos bairros com melhores condições de vida da cidade, tem-se um verdadeiro anel pentecostal, que se caracteriza pela presença de uma população com baixos níveis de educação e de rendimentos.

Na pluralidade das igrejas pentecostais existentes em São Paulo, três delas predominam: Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Igreja Universal do Reino de Deus.

Judeus, Espíritas, Budistas

Em São Paulo há vários grupos religiosos minoritários, que expressam uma certa diversidade de cultos existentes na cidade. Assim, há na capital quase 40 000 judeus, que correspondem, no entanto, a uma porcentagem muito reduzida da sua população, menos de 0,25%. A sua distribuição geográfica diz respeito essencialmente aos bairros abastados da cidade, sobretudo os localizados no oeste e sudoeste da capital (Fig. 8).

Já o número de espíritas atinge 370 000 pessoas, relativas a 2,4% da população do município da capital. Observa-se que o espiritismo é praticado na maior parte da cidade, mas não é expressivo nas áreas periféricas, onde a presença dos pentecostais é mais significativa (Fig. 9). O espaço onde o espiritismo se mostra mais concentrado é formado por uma série de bairros que se estendem do sudoeste ao nordeste, onde ele representa de 6% a 10% dos habitantes. Além dessas áreas, os espíritas estão presentes também em alguns bairros dos municípios de Santo André e São Bernardo do Campo.

Em relação aos budistas, a sua presença na capital se deve ao fato de o estado de São Paulo ter sido a área mais importante de imigração japonesa no país. Assim, com quase 90 000 budistas, que correspondem a 0,6% da sua população, São Paulo é a única capital brasileira com presença expressiva desse grupo religioso. A sua distribuição revela que eles estão presentes em toda a cidade, sendo mais numerosos, porém, na parte central e em bairros adjacentes, como a Liberdade (Fig.10).

O cruzamento das pessoas de cor amarela com filiação religiosa mostrou, no entanto, que somente 36 000 budistas possuem ascendência japonesa. Isto pode indi-

Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão

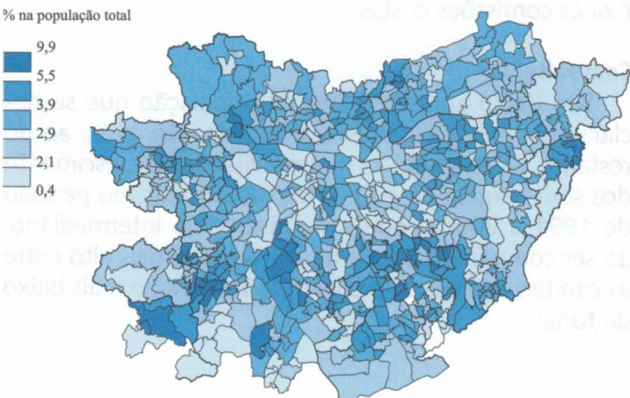


Fig. 6
Religiões Evangélicas Pentecostais

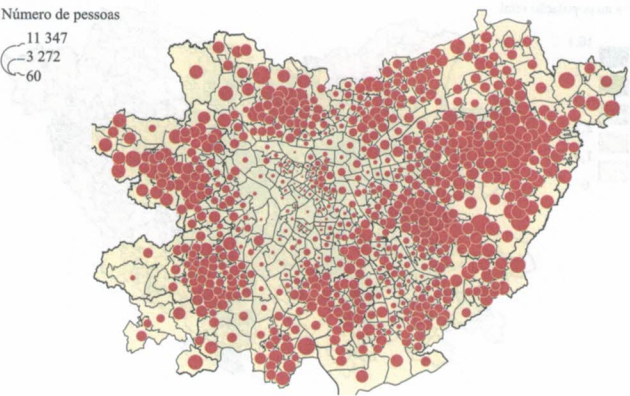


Fig. 7
Religiões Evangélicas Pentecostais

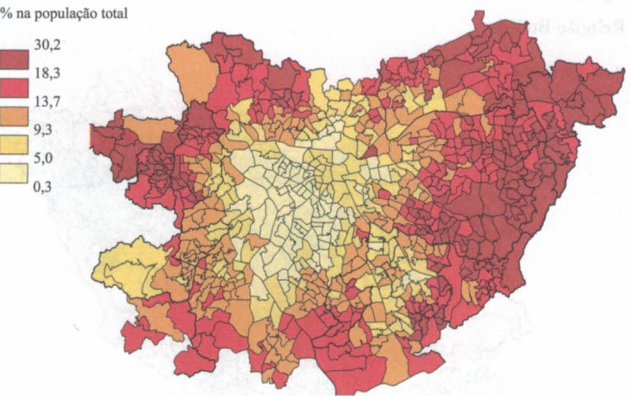
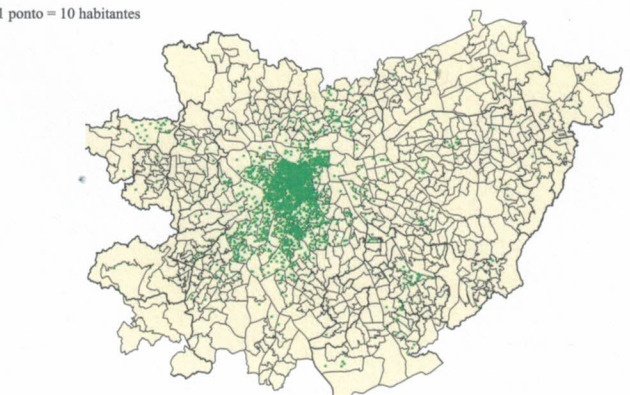


Fig. 8
Religião Judaica



car que o budismo tem sido adotado por não-nisseis e não-sanseis, que encontram nesta religião uma alternativa às confissões cristãs.

Sem religião

São Paulo apresenta 9% da população que se declara sem religião, percentual semelhante, aliás, ao do restante da sua região metropolitana. O crescimento dos sem-religião de +3 pontos percentuais, no período de 1991 a 2000, pode ser considerado intermediário, ao ser comparado com o de Salvador, o mais alto entre as capitais brasileiras, e com o de Teresina, o mais baixo de todas.

Fig. 9

Religião Espírita

% na população total

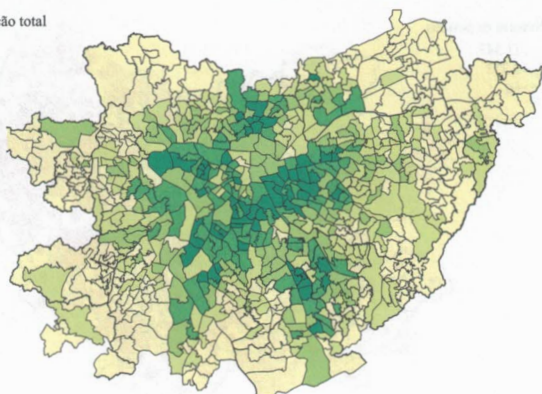
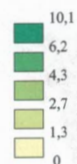
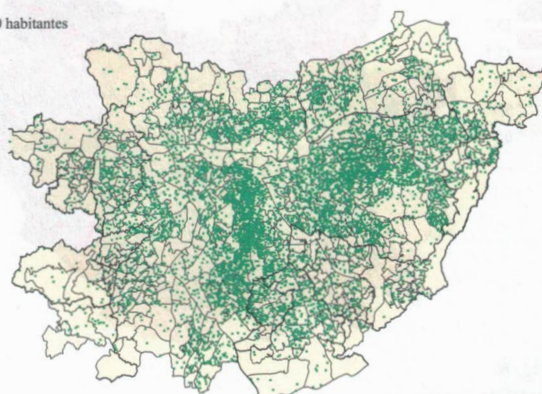


Fig. 10

Religião Budista

1 ponto = 10 habitantes



A distribuição geográfica das pessoas sem religião mostra a existência de um núcleo localizado no centro da cidade, com uma presença superior a 10% dos habitantes, podendo mesmo atingir 14% (Figs. 11 e 12). É, no entanto, na periferia metropolitana que os sem-religião estão mais presentes, chegando a representar até 23% da população, sobretudo, na parte leste da capital e nos municípios de Itaquaquecetuba, Poá e Ferraz de Vasconcelos. Convém observar que o mapa dos sem-religião é muito semelhante ao dos pentecostais em relação à periferia, mas não quanto ao centro da cidade, em função da presença dos sem-religião nesta parte da capital paulista.

Fig. 11

Pessoas sem religião

Número de pessoas

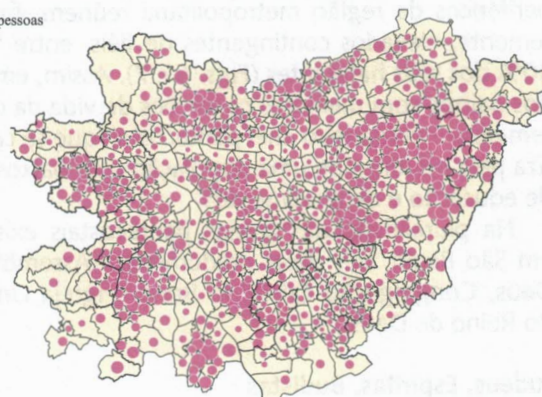
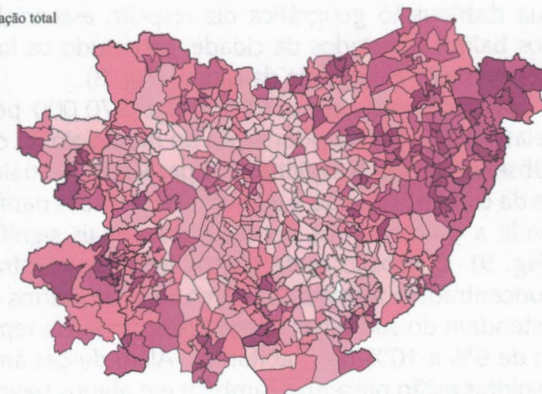
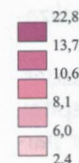


Fig. 12

Pessoas sem religião

% na população total



Perfil religioso

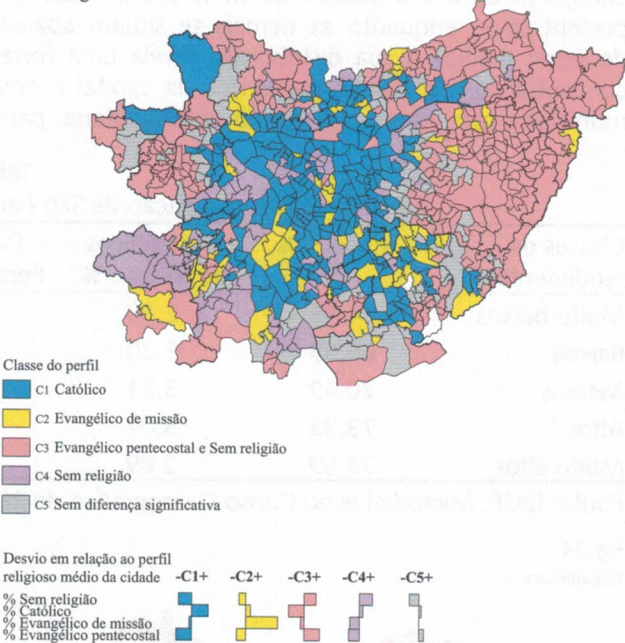
Em São Paulo, foram identificadas cinco classes de acordo com o perfil religioso de sua população, cuja distribuição revela uma estrutura em anéis (Fig. 13). Assim, numa extensa área que abrange a parte central do município da capital tem-se a presença mais acentuada de católicos, com proporções superiores à média (classe 1). No entanto, este espaço não é homogêneo, uma vez que existem diversos enclaves que pertencem a outras classes, a exemplo do centro da cidade, onde o grupo dos sem-religião se destaca (classe 4).

Num primeiro anel, embora bastante descontínuo, encontram-se os evangélicos de missão (classe 2), inseridos tanto nas zonas de tendência católica quanto nas zonas onde os pentecostais dividem espaço com os sem-religião. Esta configuração geográfica mostra, assim, a existência de núcleos de protestantes tradicionais entre territórios católicos e pentecostais.

O mapa do perfil religioso deixa claro ainda que os evangélicos pentecostais ocupam os espaços periféricos, sobretudo os do leste, caracterizados também pela presença dos sem-religião (classe 3). É no sudoeste, no entanto, que as pessoas sem religião ocupam um lugar de maior destaque (classe 4), a exemplo do município de Embu.

Assim, se o modelo de organização do espaço religioso em São Paulo é, em linhas gerais, do tipo centro-periferia, ele mostra, entretanto, a existência de muitos enclaves e discontinuidades, o que se deve à presença de grupos religiosos locais fortemente estruturados.

Fig. 13
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de São Paulo permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

São Paulo não está entre as capitais que se destacam por terem os mais altos níveis de pobreza, apesar de que 66,3% dos seus habitantes declarem receber um

rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 45,6% recebem apenas um ou menos (Tab. 2). O grupo religioso que se encontra, porém, em pior situação é o dos evangélicos pentecostais, já que 53,6% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo, ao passo que os fiéis das demais confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, evangélicos de missão e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2
Distribuição da população de São Paulo com 10 anos e mais segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	44,4	45,0	53,6	42,3	46,5	45,6
2-3 sm	20,8	17,9	22,2	16,3	21,9	20,7
4-6 sm	16,7	16,5	14,9	16,0	16,0	16,3
7-10 sm	8,4	9,7	5,8	10,6	7,0	8,1
11-16 sm	3,3	3,9	1,7	4,8	2,8	3,2
17-20 sm	2,6	3,1	1,1	4,0	2,2	2,5
> de 20 sm	3,8	4,0	0,9	6,0	3,5	3,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* revela que as categorias de 0 a 3 salários mínimos são as mais representativas, enquanto as demais se situam abaixo do perfil médio. A sua distribuição revela uma forte concentração nos bairros periféricos da capital e dos municípios que integram a região metropolitana, par-

ticularmente, Embu, Diadema, Ferraz de Vasconcelos, Poá, Itaquaquecetuba e Guarulhos. Do ponto de vista religioso, é nesta periferia pobre que os evangélicos pentecostais e as pessoas sem religião atingem os seus mais elevados percentuais (Tab. 3).

Tabela 3
Distribuição da população de São Paulo segundo a religião e o nível de renda

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	64,49	2,60	16,97	4,72	11,22	100
Baixos	66,59	3,20	14,70	6,53	8,98	100
Médios	70,49	3,31	10,76	8,61	6,83	100
Altos	73,93	3,07	5,45	11,15	6,40	100
Muito altos	73,59	2,89	2,66	13,29	7,57	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 14
Rendimentos

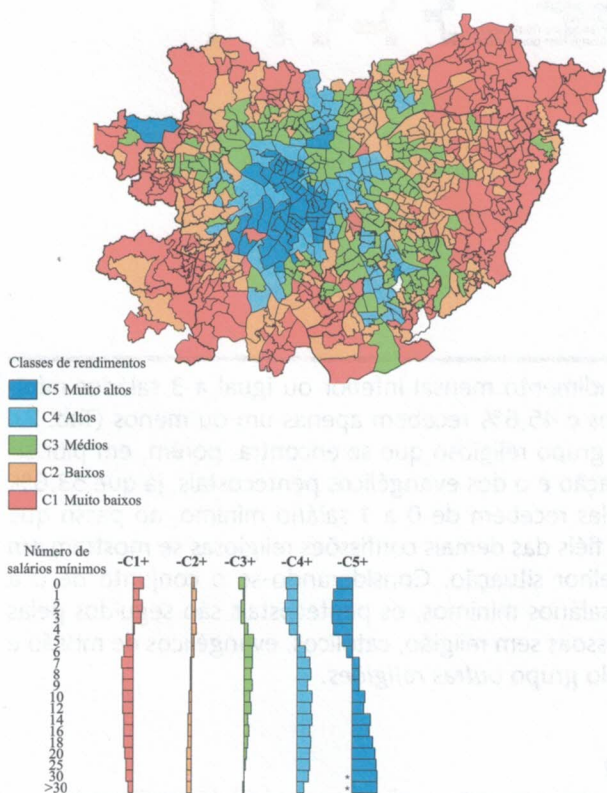
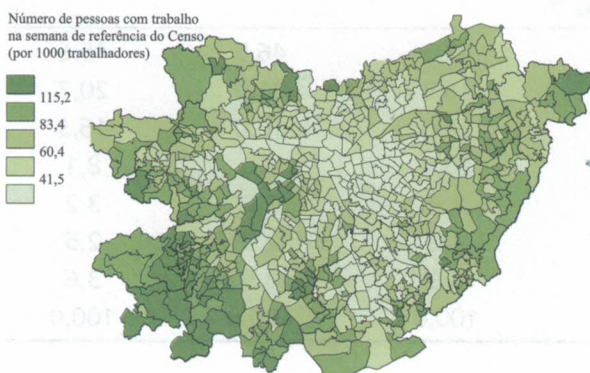


Fig. 15
Trabalhadores domésticos



Já a classe de rendimentos *baixos* apresenta maior importância das categorias de 0 a 6 salários mínimos, enquanto todas as outras se situam abaixo do perfil médio. Esta classe, cujos rendimentos são um pouco superiores aos da classe anterior, se situa, freqüentemente, entre os bairros de rendimentos muito baixos e os de nível médio (Fig. 14). A sua composição religiosa revela um perfil semelhante ao da classe de rendimentos muito baixos, com uma presença menos acentuada, entretanto, de evangélicos pentecostais e de pessoas sem religião.

Em relação à classe de rendimentos *médios* , verifica-se que ela apresenta maiores desvios positivos de 5 a 12 salários mínimos. Considerando a amplitude dos níveis de rendimentos, esta classe caracteriza bairros de classe média com uma certa diversidade, do ponto de vista sociológico. No município de São Paulo, ela forma uma coroa periférica descontínua, em torno dos bairros de rendimentos altos. Fora da capital, ela é encontrada nos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, bem como em Osasco e Guarulhos. É nesta classe que os evangélicos de missão alcançam os seus mais elevados percentuais, embora a presença evangélica pentecostal seja ainda significativa.

Quanto à classe de rendimentos *altos* , cuja moda se situa em 10 salários mínimos, observa-se que ela apresenta desvios positivos significativos de 6 a 30 salários. Assim como se verificou na classe anterior, este perfil caracteriza bairros socialmente muito diversificados, com um nível médio de rendimentos, porém, mais elevado. Da mesma forma, ela diz respeito principalmente à capital, situando-se entre os bairros de rendimentos muito altos e médios. É nesses bairros que a Igreja Católica apresenta os seus mais elevados percentuais, observando-se também uma participação acentuada do grupo *outras religiões* .

Por fim, a classe de rendimentos *muito altos* se caracteriza por um nítido predomínio dos rendimentos superiores a 10 salários mínimos, com picos significativos a partir de 20 salários. Trata-se dos bairros mais ricos, localizados fundamentalmente na capital, numa área contínua, a oeste e sudoeste do centro da cidade. A sua composição religiosa revela que a Igreja Católica alcan-

ça também aí elevados percentuais, mas o que chama a atenção nesta classe é, de um lado, a reduzida presença pentecostal e, de outro, a maior importância do grupo *outras religiões*.

Ainda em relação à questão dos rendimentos, elaborou-se para o caso de São Paulo o mapa do local de moradia dos trabalhadores domésticos (Fig.15). Pode-se observar que este tipo de mão-de-obra reside, principalmente, a sudoeste dos bairros ricos, mas esses trabalhadores se encontram também no interior desses próprios bairros, onde se constituem nos empregados que moram nas casas dos patrões das camadas mais abastadas da sociedade paulistana.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência segundo o rendimento afeta de maneira diferente os habitantes de São Paulo, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que

reúne 45,6% da população, observam-se nítidas diferenças de localização dos mais pobres, segundo a religião. Assim, os católicos de baixa renda (Fig.16) estão situados, principalmente, nos bairros ricos e de classe média da capital, enquanto a presença dos pentecostais e das pessoas sem religião é mais acentuada nas áreas periféricas, num sistema bem claro de segregação sócio-espacial, do tipo centro-periferia (Figs. 17 e 18).

Favelas

Na cidade que se constitui na capital econômica do país, a pobreza se mostra bem visível, uma vez que cerca de 1 650 000 habitantes de São Paulo vivem em aglomerados subnormais, correspondendo a 11,8% de sua população. As favelas se distribuem, sobretudo, na periferia da capital e nos municípios vizinhos, mas algumas delas se encontram junto a bairros abastados da cidade, como Vila Andrade, ao lado do Morumbi (Fig.19).

Fig. 16

Total de rendimentos
População que recebe até um salário mínimo (julho de 2000)

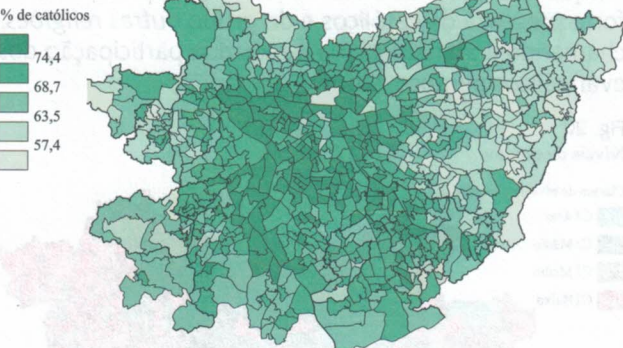


Fig. 18

Total de rendimentos
População que recebe até um salário mínimo (julho de 2000)



Fig. 17

Total de rendimentos
População que recebe até um salário mínimo (julho de 2000)

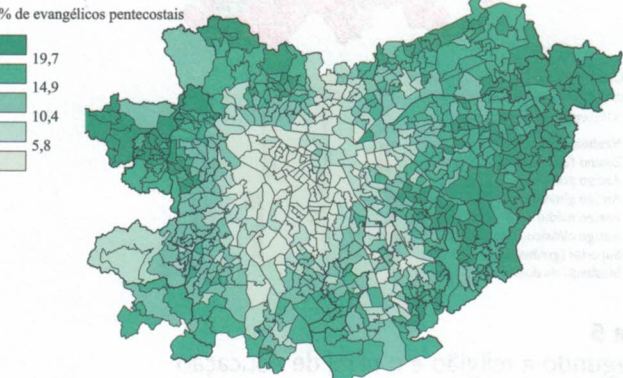
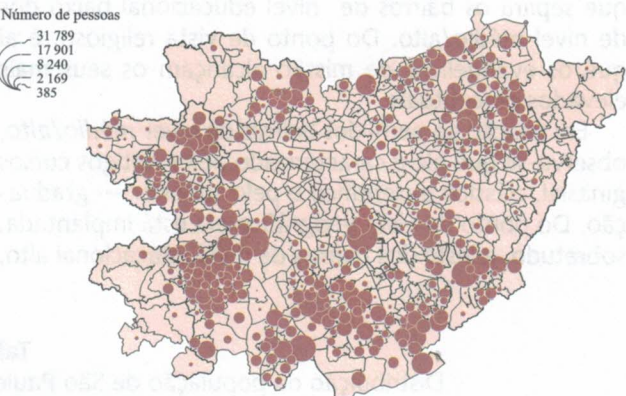


Fig. 19

Aglomerado subnormal*



* Favelas, mocambos, palafitas, invasões, malocas e assemelhados.

Tabela 4

Distribuição da população de São Paulo segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
Setor normal	9533986	437035	1778420	1056420	1210095	14015956
%	68,02	3,12	12,69	7,54	8,63	100
Setor subnormal	1094919	30177	266081	60706	198318	1650201
%	66,35	1,83	16,12	3,68	12,02	100
%subnormal-%normal	-1,67	-1,29	3,44	-3,86	3,38	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Do ponto de vista religioso, a população que habita as favelas apresenta pequenas diferenças em relação aos demais moradores da cidade. Assim, apesar da forte presença de católicos, tanto nas favelas quanto nas demais áreas, observa-se que os evangélicos pentecostais e as pessoas sem religião alcançam, nos aglomerados subnormais, percentuais um pouco mais elevados (Tab. 4).

Níveis de educação

São Paulo apresenta quatro tipos de bairros, em função do nível de educação da população que neles habita. A distribuição geográfica das quatro classes identificadas se assemelha, de modo geral, à do mapa dos rendimentos (Figs. 14 e 20).

O perfil dos bairros de nível escolar *baixo* é caracterizado, sobretudo, por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. Pertence a esta classe a maior parte dos bairros periféricos que apresentam níveis de rendimentos muito baixos, o que explicaria o fato de os pentecostais e as pessoas sem religião alcançarem aí os seus mais elevados percentuais (Tab. 5).

Já no perfil dos bairros de nível *médio*, é o ensino médio e, em menor proporção, o antigo primário que predominam. Esta classe forma uma espécie de anel que separa os bairros de nível educacional baixo dos de nível médio/alto. Do ponto de vista religioso, é aí que os evangélicos de missão alcançam os seus mais elevados percentuais.

Em relação ao perfil dos bairros de nível *médio/alto*, observa-se que ele é caracterizado pelos antigos cursos ginásial, clássico e científico e pelo superior — graduação. Do ponto de vista geográfico ela está implantada, sobretudo, a leste dos bairros de nível educacional alto,

bem como em Guarulhos e nos municípios do ABC. A sua composição religiosa se mostra semelhante ao perfil médio da cidade, não apresentando destaque particular para nenhum grupo de fiéis.

Por fim, observa-se que a localização da classe de nível educacional *alto* guarda enorme semelhança com a dos rendimentos altos. É nesta classe que a proporção de curso superior e, sobretudo, mestrado ou doutorado, é maior. O perfil religioso, como acontece, aliás, em relação aos níveis de rendimentos altos, apresenta uma forte presença de católicos e do grupo *outras religiões*, chamando a atenção ainda a reduzida participação dos evangélicos pentecostais.

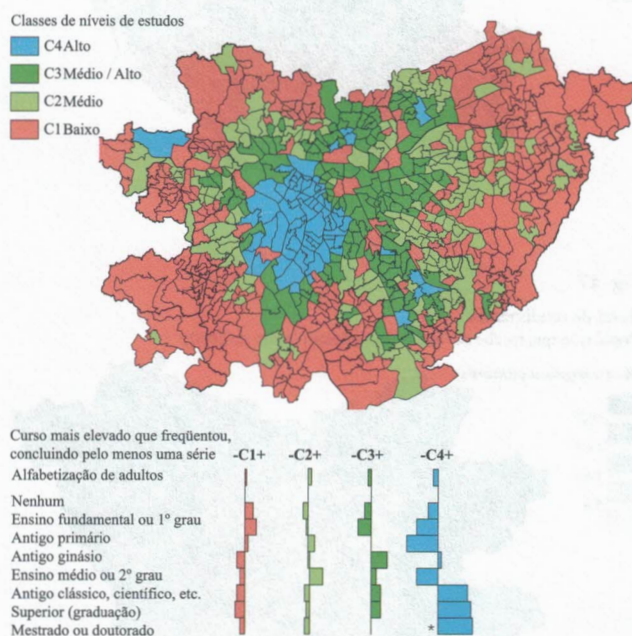
Fig. 20
Níveis de estudos

Tabela 5

Distribuição da população de São Paulo segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	65,24	2,73	16,12	5,36	10,55	100
Médio	67,16	3,33	14,10	7,12	8,29	100
Médio/Alto	72,70	3,22	7,76	9,97	6,35	100
Alto	74,14	2,87	3,05	12,24	7,70	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição geográfica dos analfabetos confirma a tendência centro-periferia da exclusão social e destaca uma grande diferença entre os bairros da capital, que apresentam, em geral, níveis de analfabetismo mais baixos, e os bairros dos municípios de sua região metropolitana, onde as pessoas que não sabem ler nem escrever chegam a representar 8% da população (Fig. 21).

Cor da pele

O mapa da porcentagem de população não branca na população total revela que são os bairros de níveis de rendimentos mais baixos os que apresentam maiores porcentagens de pessoas de cor não branca, que, raramente, são superiores a 50%, a não ser em alguns casos, como nas áreas mais distantes, ao sul e a leste da capital (Fig. 22). Já nos bairros com os níveis mais altos de renda e educação, que se estendem a oeste e a sudoeste do centro, a população de cor branca predomina, representando mais de três quartos dos habitantes.

Estabilidade residencial da população

A população que sempre morou em São Paulo ultrapassa, em grande parte dos seus bairros, 60% dos habitantes. A sua distribuição geográfica revela, no entanto, um padrão bastante diferente do apresentado por outros indicadores socioeconômicos já analisados, uma vez que os bairros com os maiores percentuais de estabilidade residencial formam um anel em torno do centro, abrangendo áreas com níveis de renda e escolaridade muito diversificados (Fig. 23).

Já o centro da capital mostra uma grande instabilidade residencial, o que acontece também nos municípios periféricos. Observa-se aí, no entanto, uma oposição entre os bairros da parte central, com população com nível médio de escolaridade e de renda, e os da periferia, onde os habitantes apresentam graus de instrução e de renda baixos, características que definiriam os tipos diferentes de migrantes que se dirigem para São Paulo.

Fig. 21
População analfabeta

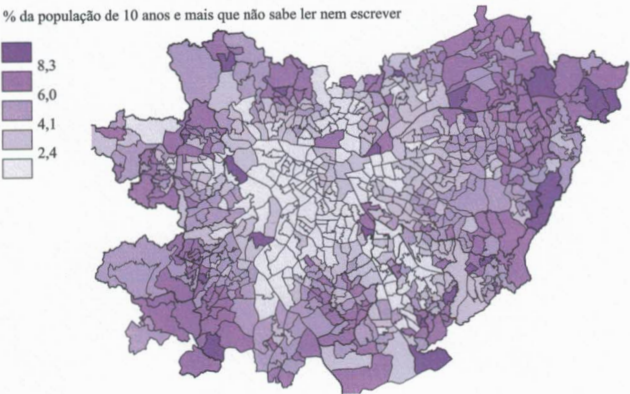


Fig. 22
População de cor não branca

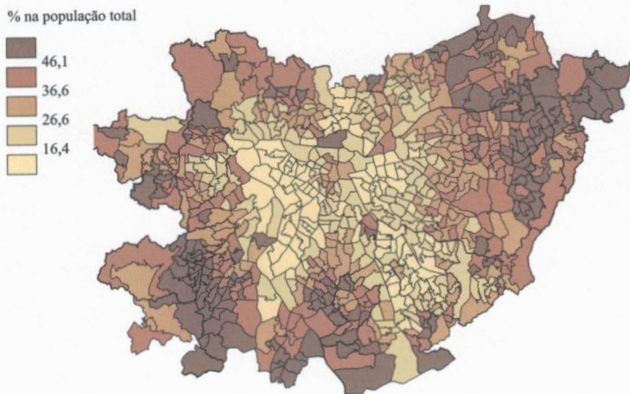
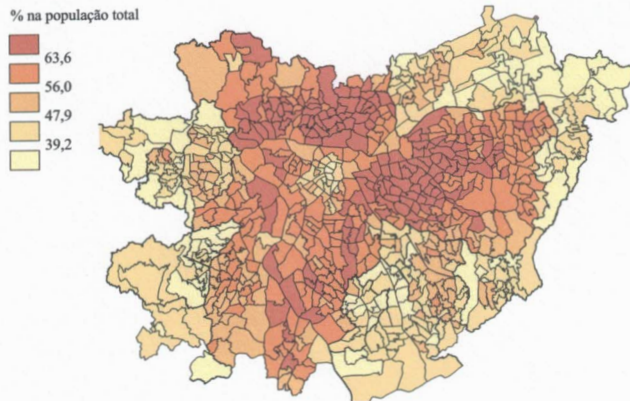
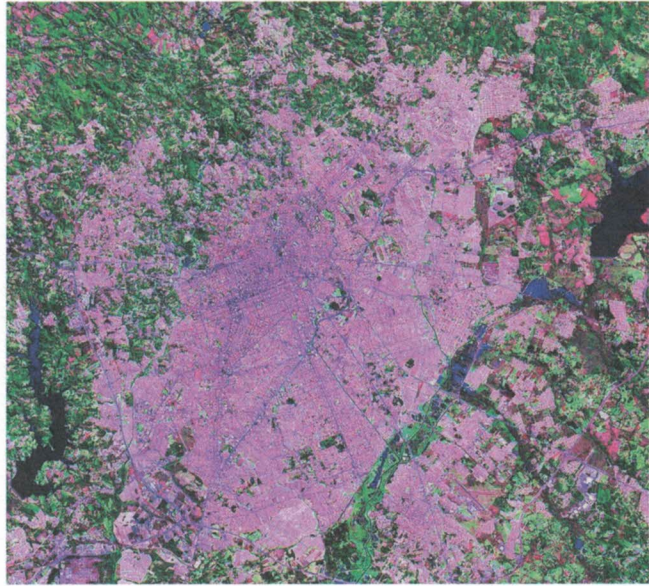


Fig. 23
População que sempre morou no mesmo município



Curitiba



Localização dos principais bairros

1. Centro	16. Centro	31. Centro
2. Centro	17. Centro	32. Centro
3. Centro	18. Centro	33. Centro
4. Centro	19. Centro	34. Centro
5. Centro	20. Centro	35. Centro
6. Centro	21. Centro	36. Centro
7. Centro	22. Centro	37. Centro
8. Centro	23. Centro	38. Centro
9. Centro	24. Centro	39. Centro
10. Centro	25. Centro	40. Centro
11. Centro	26. Centro	41. Centro
12. Centro	27. Centro	42. Centro
13. Centro	28. Centro	43. Centro
14. Centro	29. Centro	44. Centro
15. Centro	30. Centro	45. Centro
16. Centro	31. Centro	46. Centro
17. Centro	32. Centro	47. Centro
18. Centro	33. Centro	48. Centro
19. Centro	34. Centro	49. Centro
20. Centro	35. Centro	50. Centro
21. Centro	36. Centro	51. Centro
22. Centro	37. Centro	52. Centro
23. Centro	38. Centro	53. Centro
24. Centro	39. Centro	54. Centro
25. Centro	40. Centro	55. Centro
26. Centro	41. Centro	56. Centro
27. Centro	42. Centro	57. Centro
28. Centro	43. Centro	58. Centro
29. Centro	44. Centro	59. Centro
30. Centro	45. Centro	60. Centro





Localização dos principais bairros

1	Abranches	26	Capão Raso	51	Pinheirinho
2	Água Verde	27	Cascatinha	52	Portão
3	Ahú	28	Centro	53	Prado Velho
4	Alto Boqueirão	29	Centro Cívico	54	Rebouças
5	Alto da Glória	30	Cidade Industrial	55	Riviera
6	Alto da Rua XV	31	Cristo Rei	56	Santa Cândida
7	Atuba	32	Fanny	57	Santa Felicidade
8	Augusta	33	Fazendinha	58	Santa Quitéria
9	Bacacheri	34	Ganchinho	59	Santo Inácio
10	Bairro Alto	35	Guabirotuba	60	São Braz
11	Barreirinha	36	Guaira	61	São Francisco
12	Batel	37	Hauer	62	São João
13	Bigorrrilho	38	Hugo Lange	63	São Lourenço
14	Boa Vista	39	Jardim Botânico	64	São Miguel
15	Bom Retiro	40	Jardim das Américas	65	Seminário
16	Boqueirão	41	Jardim Social	66	Sítio Cercado
17	Butiatuvinha	42	Juvevê	67	Taboão
18	Cabral	43	Lamenha Pequena	68	Tarumã
19	Cachimba	44	Lindóia	69	Tatuquara
20	Cachoeira	45	Mercês	70	Tingui
21	Cajuru	46	Mossunguê	71	Uberaba
22	Campina do Siqueira	47	Novo Mundo	72	Umbará
23	Campo Comprido	48	Orleans	73	Vila Izabel
24	Campo de Santana	49	Parolin	74	Vista Alegre
25	Capão da Imbuia	50	Pilarzinho	75	Xaxim

APRESENTAÇÃO

A capital do Paraná situa-se no leste do estado, a 900 metros acima do nível do mar. Com 1 587 312 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2000, concentra 16,6% da população estadual. Curitiba se destaca, entre as capitais brasileiras, pelas soluções urbanísticas inovadoras, pelos bons indicadores sociais e pela existência de muitas áreas verdes, características que contribuem para o seu renome de cidade com boa qualidade de vida. Deve-se ressaltar ainda a sua posição de centro cultural, pelas universidades, museus, bibliotecas e espaços culturais que possui.

Curitiba se constitui na cidade mais importante do ponto de vista comercial, industrial e de prestação de serviços do Paraná, ligando-se às principais capitais brasileiras por via aérea e por importantes eixos rodoviários federais. Assim, a BR-116, que atravessa o estado em sua parte oriental, permite a ligação de Curitiba com São Paulo e Porto Alegre. Já a BR-277, que corta o Paraná no sentido leste-oeste, estabelece a comunicação da capital com Paranaguá, no litoral, e com Foz do Iguaçu, no extremo oeste do estado. Outras rodovias federais permitem a ligação de Curitiba com os centros urbanos mais importantes do Paraná, como a BR-376, a chamada *rodovia do café*, que faz a conexão com Londrina e Maringá, no norte do Paraná. Estradas estaduais convergem para esses eixos, facilitando as ligações do interior com a capital.

Origem e evolução

A origem da cidade está relacionada à descoberta de ouro, em meados do século XVII, no Paraná. Assim, a exploração mineral na região de Curitiba levou ao surgimento de diversos arraiais, dentre eles, o de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais que foi elevado à categoria de vila, em 1693. Foi, no entanto, no século XVIII que a vila conheceu algum progresso, por ter se tornado rota de tropeiros que transportavam gado, sobretudo muar, do Rio Grande do Sul para São Paulo, de onde seria revendido para os núcleos de exploração de ouro de Minas Gerais. Em 1853, Curitiba foi elevada à categoria de cidade, tornando-se a capital da província do Paraná.

Em meados do século XIX começaram a chegar os imigrantes europeus (alemães, italianos, poloneses e ucranianos), que se estabeleceram em colônias na periferia de Curitiba, dedicando-se à agricultura e ao artesanato. A vinda desses imigrantes conferiu à capital uma certa diversidade étnica, que pode ser percebida

até hoje, não só pelas características físicas de sua população, mas também pela arquitetura, culinária, etc.

Expansão urbana

O município de Curitiba divide-se em oito administrações regionais que englobam os 77 bairros da cidade. Boa parte deles tem origem nos núcleos coloniais que foram formados pelas famílias de imigrantes europeus, a exemplo do bairro de Santa Felicidade, antiga colônia de italianos. Já o Centro corresponde ao núcleo inicial da cidade, que se estruturou em torno do local onde atualmente se encontra a Catedral Metropolitana, na Praça Tiradentes. Hoje, essa parte da cidade, junto com a Rua Quinze de Novembro, se constitui no verdadeiro centro de Curitiba, onde se concentra a maior parte dos prédios públicos e das instituições financeiras da capital.

A arquitetura da cidade, com uma diversidade de estilos, reflete a influência das diferentes culturas trazidas pelos imigrantes europeus. Além de prédios antigos, a capital ostenta construções modernas e arrojadas, como a Ópera de Arame, inaugurada em 1992, ou o Novo Museu, obra de Oscar Niemeyer, aberto ao público em 2002.

Na verdade, há cerca de 30 anos, Curitiba vem sendo alvo de uma série de intervenções planejadas, elaboradas e executadas por um grupo de urbanistas. Uma delas é a Rede Integrada de Transporte, criada na década de 1980, que possibilita o deslocamento de pessoas para qualquer ponto da cidade, através do pagamento de uma só tarifa. Tal sistema, que equivale a um metrô de superfície, supõe a existência de canaletas exclusivas para o transporte coletivo da linha direta, os chamados *ligeirinhos*, 351 estações-tubo e ônibus biarticulados com capacidade para 270 passageiros. Este sistema liga o Centro aos bairros periféricos e todos os bairros da cidade atualmente são atendidos por essa modalidade de transporte integrada.

Conhecida como uma das capitais brasileiras com melhor qualidade de vida, Curitiba se destaca no que diz respeito à preocupação com as questões ecológicas. Assim, foi criada na cidade a Universidade Livre do Meio Ambiente, a primeira desse tipo no país, com o objetivo de desenvolver projetos de economia sustentável, preservação dos ecossistemas e oferecer cursos de formação ambiental. De fato, Curitiba foi pioneira na implantação da coleta seletiva de lixo e no desenvolvimento de processos de sua reciclagem.

Como mostra a imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, a mancha urbana de Curitiba, de cor rosa, se apresenta muito adensada na parte central da cidade e nos bairros do seu entorno, tornando-se mais rarefeita, com maior presença de áreas verdes, à medida que se distancia do Centro, sobretudo em direção ao noroeste da cidade. A imagem deixa claro também a presença de bairros com maior densidade de ocupação, em áreas mais afastadas do Centro, principalmente no sudoeste e sudeste da capital, onde se localizam, respectivamente, os municípios de Araucária e São José dos Pinhais. A reputação de cidade com elevada relação de área verde por habitante pode ser percebida pela presença de manchas de vegetação que permeiam todo o tecido urbano da cidade.

Atividades econômicas

As principais atividades econômicas de Curitiba baseiam-se na indústria, no comércio e na prestação de serviços. A expansão da atividade industrial na região metropolitana de Curitiba foi parte de um plano do governo do Paraná para estimular o crescimento da indústria no estado. Isto foi possível a partir da implantação, nos anos 1960, de uma boa infra-estrutura de rodovias, de ferrovias, do porto, de energia elétrica e de telecomunicações, capaz de garantir o desenvolvimento dessa nova base produtiva.

Nesse contexto, foi implantada, no início dos anos 1970, a Cidade Industrial de Curitiba, no oeste da capital, a cerca de 10 km do Centro, importante medida de reorientação da economia municipal. Os principais ramos aí desenvolvidos eram o alimentício, mobiliário, minerais não metálicos e madeira. A Cidade Industrial tinha a vantagem de, além de concentrar os empreendimentos industriais, ser servida por escolas, hospitais, postos de saúde e habitação popular. Na época em que foi implantada, era considerada distante do centro da cidade, mas, hoje, com as facilidades do transporte coletivo, ela passou a ter boas condições de acessibilidade.

Além da Cidade Industrial de Curitiba, há que se registrar ainda a instalação da Refinaria Presidente Getúlio Vargas, da Petrobras, no município de Araucária, a sudoeste da capital, que entrou em operação em 1977. Com uma capacidade instalada de 196 mil barris/dia, tem como principais produtos o gás de cozinha, gasolina, óleo diesel, óleos combustíveis, querosene de aviação, asfalto e nafta. A maior parte da sua produção se destina aos estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

Já em meados dos anos 1990, com a implantação das fábricas de veículos Renault e Audi-Volkswagen, em São José dos Pinhais, a região metropolitana de Curitiba torna-se um novo pólo da indústria automobilística nacional. Este fato desencadeou, naturalmente, uma série de investimentos de fornecedores para essas indústrias, dando início a uma nova fase do desenvolvimento industrial pautada por novos padrões de produção.

Assim, a economia de Curitiba tem se diversificado nos últimos anos, principalmente devido ao desenvolvimento da indústria moderna e dos serviços especializados. Na verdade, o crescimento industrial na região

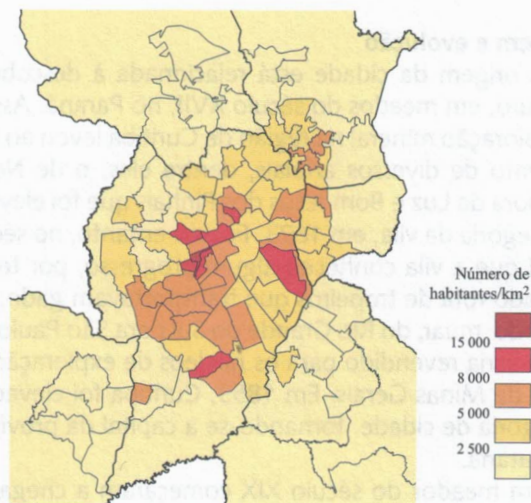
metropolitana de Curitiba faz parte de uma estratégia do Governo Federal de desconcentração das atividades industriais, excessivamente centralizadas no estado de São Paulo.

Densidade e crescimento populacional

A distribuição das taxas de densidade revela um acentuado contraste entre Curitiba, com maior concentração populacional, e os municípios da sua região metropolitana, onde predominam as taxas mais baixas (Fig. 1). Na própria capital há também significativas diferenças entre os bairros, uma vez que, de modo geral, as densidades mais elevadas concentram-se no Centro e em bairros próximos, como Bigorrrilho e Água Verde. Com taxas um pouco mais baixas, situam-se, por exemplo, Batel e Rebouças, localizados também junto ao Centro. Percebe-se que altas densidades estão presentes ainda em bairros mais distantes da parte central, como é o caso de Cajuru, a leste, onde a existência de grandes favelas contribui para o maior adensamento populacional nesse bairro da cidade.

O município de Curitiba apresentou, no período de 1991 a 2000, um aumento populacional de 272 277 habitantes, numa taxa média de crescimento anual elevada, da ordem de 2,1%. Isto se deve, em grande parte, às migrações do interior do estado para a capital, já que o Paraná tem se destacado, nas últimas décadas, por um intenso deslocamento de população do campo para as áreas urbanas, resultante da modernização da sua atividade agrícola. Ao lado disso, o processo de industrialização por que vem passando a capital tem atraído mão-de-obra e contribuído também para esse aumento demográfico. No entanto, é nos municípios de sua periferia que a variação populacional tem se mostrado mais elevada, ao atingir, nesse mesmo período, a taxa de 2,6%.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Curitiba, como a redução do percentual de católicos, ao mesmo tempo em que aumentavam, sobretudo, as porcentagens dos evangélicos pentecostais e das pessoas que se declaram sem religião.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Curitiba		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	71,1	4,6	13,0	5,5	5,8
	Resto da RM	71,1	2,4	16,4	3,3	6,8
1991	Município	79,6	3,9	8,4	3,8	4,3
	Resto da RM	81,5	1,9	11,9	1,8	2,9
2000-1991	Município	-8,5	0,8	4,6	1,7	1,5
	Resto da RM	-10,4	0,5	4,6	1,4	3,9

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Com 71% da população se declarando católica, Curitiba se situa em nono lugar entre as capitais brasileiras quanto à importância desse grupo religioso (Tab.1). Convém ressaltar que igual percentual de fiéis é registrado no restante da sua região metropolitana, situação que difere da maior parte das capitais analisadas. Chama a atenção também em Curitiba a redução menos acentuada dos católicos, uma das mais baixas verificadas nas capitais brasileiras, de -8,5 pontos percentuais, entre 1991 e 2000. Aliás, menores perdas de fiéis da Igreja Católica se constituem numa característica comum às capitais da Região Sul do Brasil.

Os percentuais mais expressivos de católicos, da ordem de 85% a 88% da população, encontram-se em bairros dos municípios de Araucária e São José dos Pinhais (Figs. 2 e 3). Fora dessas áreas periféricas, a cidade de Curitiba apresenta uma diferença acentuada entre a sua metade-norte, que se mantém mais católica, em bairros como Batel e Água Verde, próximos ao Centro, e Santa Felicidade, a noroeste; e a sua metade-sul, onde os católicos se mostram menos expressivos, principalmente nos bairros de Cidade Industrial e São Miguel.

Já nos municípios do norte e do leste da capital, a Igreja Católica apresenta percentuais mais baixos de fiéis, sem atingir, no entanto, os níveis reduzidos observados em outras capitais do país.

Evangélicos de Missão

Os evangélicos de missão representam 4,6% da população de Curitiba, enquanto nos outros municípios da região metropolitana correspondem a somente 2,4% dos habitantes. Observa-se ainda que, no período de 1991 a 2000, a situação desse grupo religioso pouco se alterou na capital, uma vez que aí se registrou um aumento de apenas +0,8 pontos percentuais.

A distribuição geográfica dos seus percentuais revela um acentuado contraste entre Curitiba, com maior presença de fiéis, e os municípios da periferia metropolitana, com poucos adeptos (Figs. 4 e 5). Observa-se, ainda, na capital, uma tendência de os evangélicos de

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

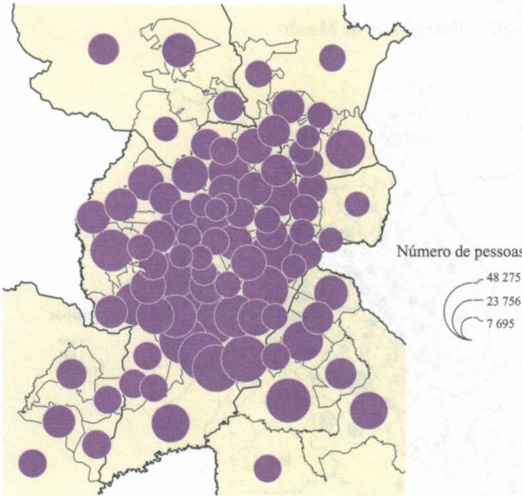
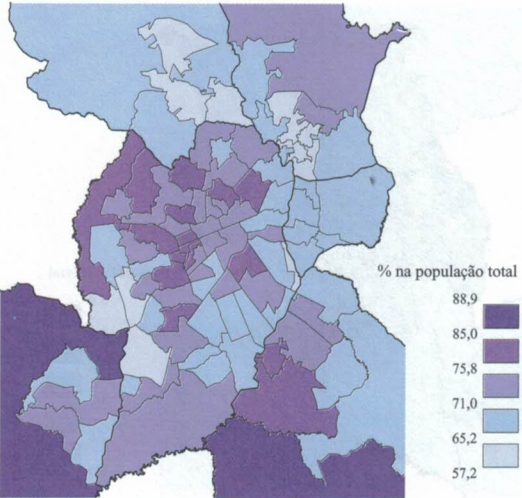


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana



missão se mostrarem mais expressivos nos bairros da parte central da cidade, onde representam geralmente mais de 5% dos habitantes.

Dentre os grupos religiosos que integram os evangélicos de missão, não se percebe um predomínio acentuado de nenhum deles. Apesar de os batistas se situarem em primeiro lugar, com 1,3% da população, eles são seguidos de perto pelos adventistas, com 1,2% e, com uma diferença um pouco maior, pelos luteranos (0,7%) e pelos presbiterianos (0,5%). Os luteranos se concentram sobretudo nos bairros centrais da capital (Fig.6), enquanto os adventistas apresentam uma distribuição mais dispersa pelo espaço urbano (Fig.7).

Evangélicos Pentecostais

A presença pentecostal se mostra mais acentuada nos municípios da periferia do que no da capital, onde ela representa, respectivamente, 16,4% e 13% da população. Apesar disso, o crescimento no período de 1991 a 2000, se apresentou moderado, +4,6 pontos percentuais, o que pode indicar que o processo de

expansão do pentecostalismo já vem ocorrendo desde os anos 1980.

A distribuição geográfica dos pentecostais revela que a parte central da capital se mantém pouco atingida por esse movimento religioso, uma vez que a sua participação no total dos habitantes aí é inferior a 7% (Figs. 8 e 9). Em contrapartida, é na periferia que se percebe a maior presença pentecostal, como nos bairros do sul de Curitiba e dos municípios de Almirante Tamandaré e Colombo, ao norte da capital, onde os percentuais são superiores a 20%.

Assim como no caso dos evangélicos de missão, não se observa, entre os pentecostais, uma diferença grande quanto ao percentual de fiéis entre as confissões religiosas: a Assembléia de Deus reúne 4% dos habitantes, seguida pelo Evangelho Quadrangular, que congrega 3,2%, pela Congregação Cristã do Brasil (2,9%), pela Igreja Universal do Reino de Deus (1,6%) e, finalmente, por Deus é Amor (0,8%).

Constata-se, no entanto, que as igrejas revelam diferentes implantações na cidade: enquanto o Evange-

Fig. 4
Religiões Evangélicas de Missão

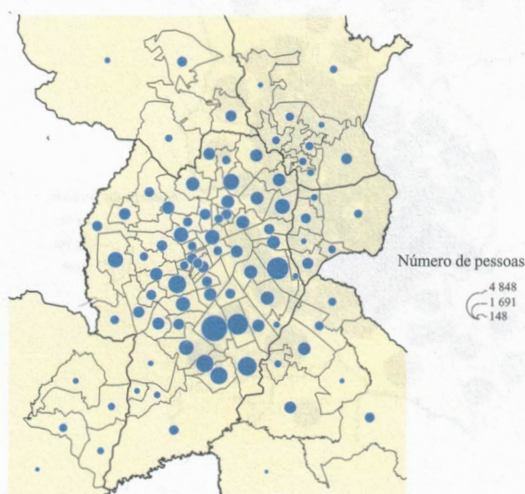


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão

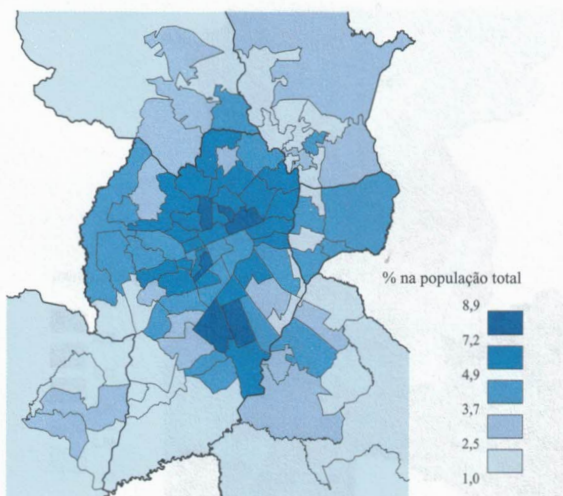


Fig. 6
Religião Evangélica de Missão
Luterana

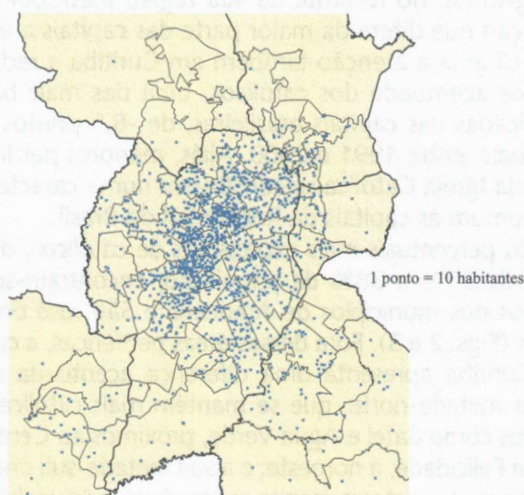


Fig. 7
Religião Evangélica de Missão
Adventista

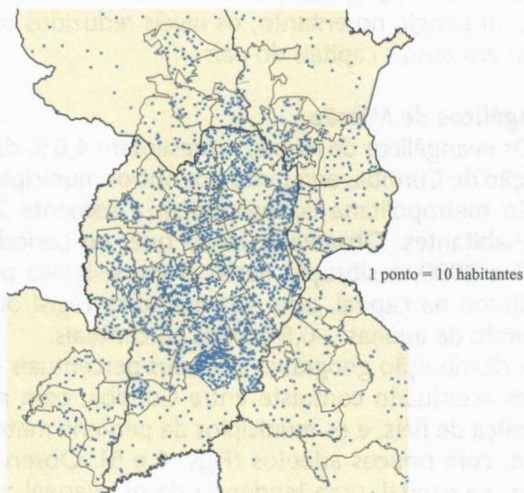


Fig. 8
Religiões Evangélicas Pentecostais

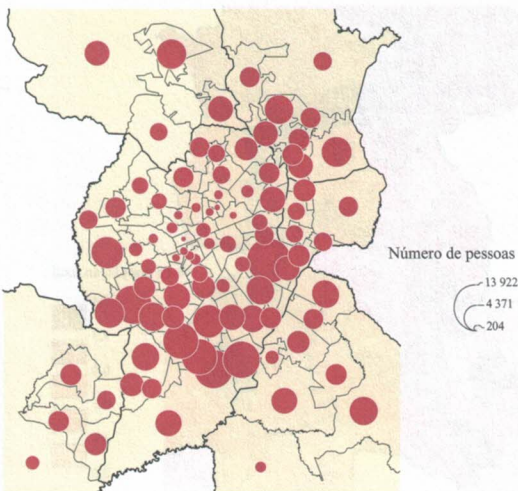


Fig. 9
Religiões Evangélicas Pentecostais

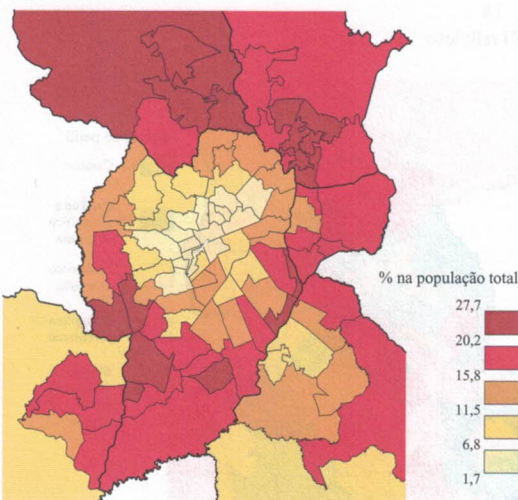


Fig. 10
Religião Evangélica Pentecostal
Evangelho Quadrangular

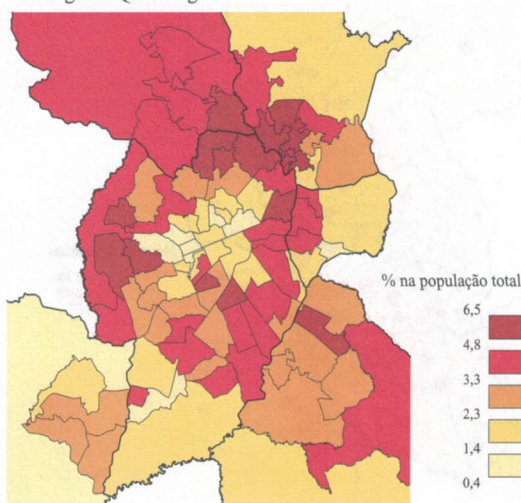
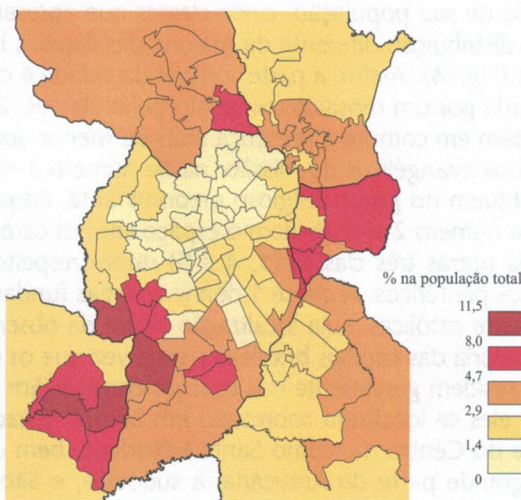


Fig. 11
Religião Evangélica Pentecostal
Congregação Cristã do Brasil



lho Quadrangular apresenta uma distribuição em forma de anel em torno da parte central da cidade (Fig. 10), a Congregação Cristã do Brasil se mostra mais concentrada em alguns núcleos como São Miguel e Cidade Industrial, no sudoeste da capital (Fig. 11).

Sem religião

Curitiba é uma cidade onde os seus habitantes mostram uma forte ligação religiosa, e, por isso, as pessoas que se declaram sem religião correspondem a menos de 6% da população, um dos menores percentuais entre as capitais brasileiras. Esta proporção é um pouco mais elevada no restante da região metropolitana (6,8%),

onde a expansão dos sem-religião se mostrou mais acentuada, entre 1991 e 2000, ao se registrar um aumento de +4 pontos percentuais.

Esses dados globais podem ser mais bem compreendidos através da localização dos sem-religião no espaço metropolitano (Figs.12 e 13). Assim, no Centro e em bairros limítrofes, bem como no sudoeste da cidade, os sem-religião apresentam percentuais superiores à média, de 7% a 9% dos habitantes. É, no entanto, nos bairros da periferia metropolitana, nos municípios de Almirante Tamandaré e Colombo, situados no limite norte da capital, que a proporção dos sem-religião se torna mais elevada, de 10% a 11%.

Fig. 12
Pessoas sem religião

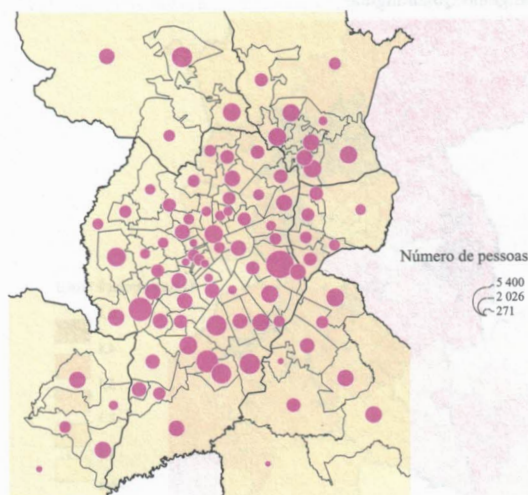
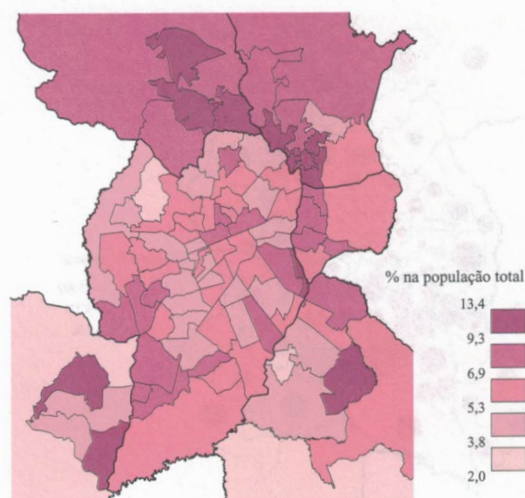


Fig. 13
Pessoas sem religião

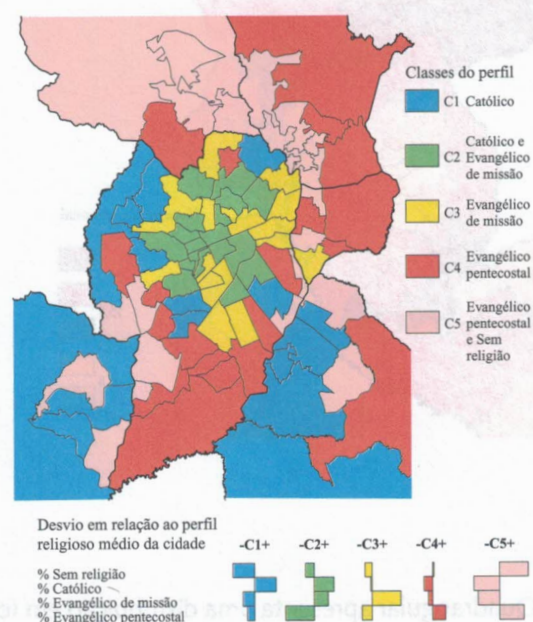


Perfil religioso

Em Curitiba foram identificadas, quanto ao perfil religioso de sua população, cinco classes que apresentam uma distribuição diferente da maioria das capitais brasileiras (Fig. 14). Assim, a parte central da cidade é caracterizada por um mosaico composto pelas classes 2 e 3, que têm em comum a presença mais ou menos acentuada dos evangélicos de missão: na de número 3 eles se constituem no grupo religioso predominante, enquanto na de número 2 eles dividem o espaço com os católicos.

As outras três classes (1, 4 e 5) dizem respeito aos bairros periféricos. A classe 1 define as áreas fundamentalmente católicas, cuja localização difere da observada na maioria das capitais brasileiras, uma vez que os católicos residem geralmente nos espaços centrais. Em Curitiba, eles se localizam sobretudo em bairros situados a oeste do Centro, tal como Santa Felicidade, bem como em grande parte de Araucária, a sudoeste, e São José dos Pinhais, a sudeste. Já os pentecostais (classe 4) se mostram mais presentes nos bairros do sul da capital e em Pinhais e Colombo. Finalmente, na classe 5 encontram-se os pentecostais em combinação com as pessoas sem religião, situados sobretudo em Almirante Tamandaré e em Colombo.

Fig. 14
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Curitiba permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Curitiba se situa entre as capitais brasileiras com níveis mais baixos de pobreza, apesar de que 68,3% da sua população declare receber um rendimento mensal

inferior ou igual a 3 salários mínimos e 44,0% a um ou menos (Tab. 2), situação muito diferente das capitais das Regiões Norte e Nordeste. O grupo religioso que se encontra em pior situação é o dos evangélicos pentecostais, já que 51,4% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo, ao passo que os fiéis das demais confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, pelos católicos, pelo grupo *outras religiões* e pelos evangélicos de missão.

Tabela 2

Distribuição da população de Curitiba com 10 anos e mais, segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	42,9	41,3	51,4	42,7	43,2	44,0
2-3 sm	24,2	19,9	27,0	19,3	26,6	24,3
4-6 sm	15,7	16,2	13,6	14,9	15,1	15,4
7-10 sm	7,8	9,6	4,8	9,5	6,7	7,5
11-16 sm	3,2	4,3	1,5	3,8	2,7	3,0
17-20 sm	2,5	3,7	0,9	4,0	2,4	2,4
> de 20 sm	3,6	5,0	0,8	5,7	3,3	3,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* se caracteriza pela importância das categorias de 0 a 3 salários mínimos, enquanto todas as outras se situam abaixo do perfil médio. Ela diz respeito a quase todos os municípios periféricos, enquanto na capital se refere a poucos bairros, como Cidade Industrial e Tatuquara, no sudoeste da cidade (Fig. 15). Do ponto de vista religioso, é nesses espaços com baixos rendimentos que os evangélicos pentecostais e as pessoas sem religião apresentam os seus mais elevados percentuais (Tab. 3).

Já a classe de rendimentos *baixos* revela um perfil semelhante ao da classe anterior, com desvios menos acentuados, no entanto, em relação às faixas de renda de 0 a 3 salários mínimos. Ela se estende amplamente pelos municípios da periferia, numa franja que ultrapassa as fronteiras da capital, sobretudo na sua porção sul, como na área que se estende de Pinheirinho até Cachimba. A composição religiosa desta classe se assemelha ao perfil médio da cidade, não apresentando destaque particular para nenhum grupo religioso.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, cuja moda se situa em 5-6 salários mínimos, observa-se que ela apresenta maiores desvios positivos de 4 a 9 salários. Um tal perfil de rendimentos caracterizaria as camadas de baixa classe média da população. Esta classe do perfil de rendimentos, quase inexistente nos municípios periféricos, forma um espaço contínuo em torno da parte central do município de Curitiba.

Por fim, a classe de rendimentos *altos* se caracteriza pela maior importância dos níveis de renda de 7 a 30 salários mínimos, ou mais, revelando assim uma certa diversidade do ponto de vista social. Um conjunto de

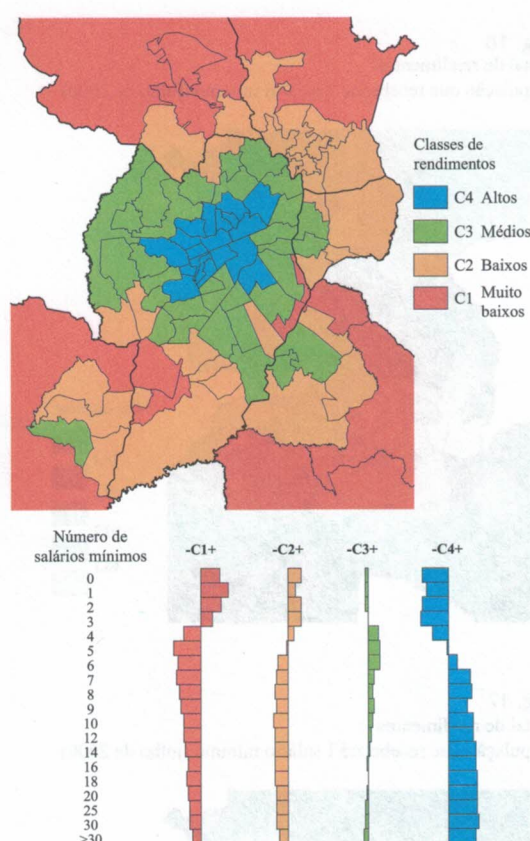
Fig. 15
Rendimentos

Tabela 3

Distribuição da população de Curitiba com 10 anos e mais, segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	68,33	2,06	19,22	2,99	7,40	100
Baixos	67,81	3,03	18,45	3,45	7,26	100
Médios	71,25	4,77	13,30	5,27	5,41	100
Altos	76,26	5,50	4,74	7,82	5,68	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

bairros da parte central da cidade inclui-se neste perfil de renda mais elevada. Nesta área, a Igreja Católica se mostra predominante, notando-se também uma presença significativa de fiéis do grupo *outras religiões* e dos evangélicos de missão.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência segundo o rendimento afeta, de maneira diferente, os habitantes de Curitiba, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, observa-se que os católicos pobres se concentram nos bairros centrais da cidade, contribuindo assim para uma certa diversidade social numa área que se destacou pelos níveis de renda mais altos da capital (Fig. 16). Além dessa parte central, os católicos pobres se encontram também na periferia mais distante, em Araucária e em São José dos Pinhais.

Fig. 16
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

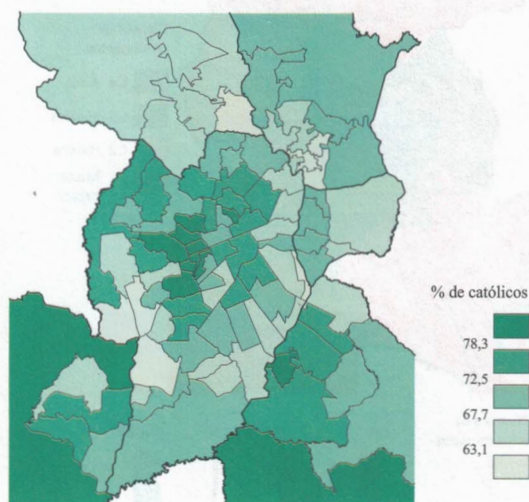
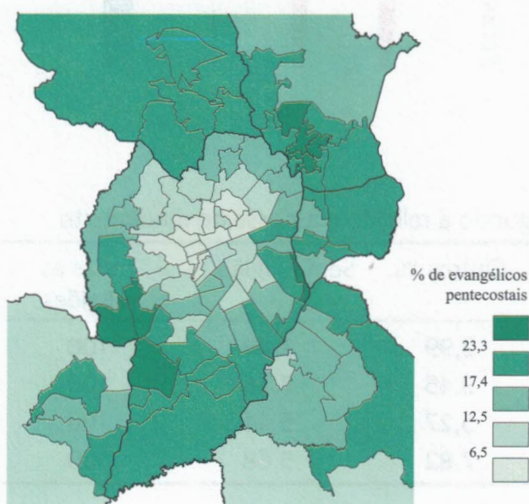


Fig. 17
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)



Já os pentecostais pobres mostram uma distribuição em forma de anel em torno da área central de Curitiba, incluindo esse anel tanto bairros da capital quanto municípios da periferia (Fig. 17). Finalmente, os pobres sem religião, pouco presentes na capital, concentram-se também nos municípios periféricos, principalmente nos localizados no norte de Curitiba (Fig. 18).

Favelas

Cerca de 164 000 habitantes de Curitiba vivem em aglomerados subnormais, correspondendo a 7,8% de sua população, percentual inferior ao da maioria das capitais. As favelas se localizam, principalmente, na metade-sul do município de Curitiba, como as de Cajuru e São Miguel. É nessa parte da cidade também que elas englobam os maiores contingentes populacionais, ao contrário dos bairros da metade-norte da capital e dos municípios periféricos (Fig. 19).

Fig. 18
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

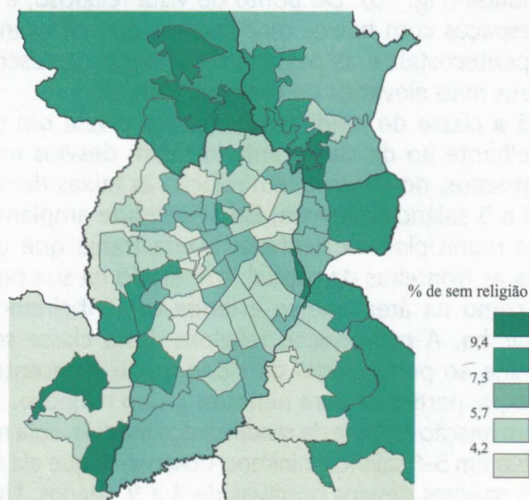
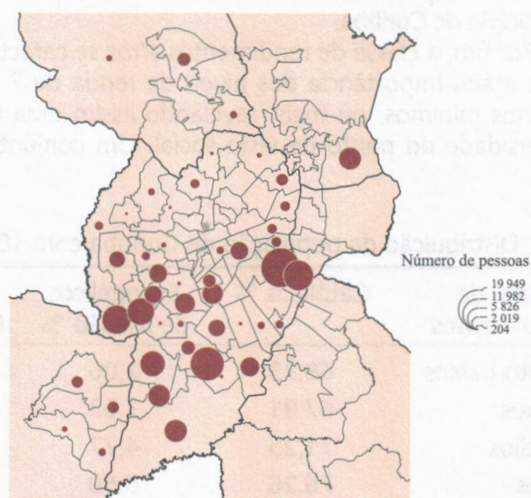


Fig. 19
Aglomerado subnormal*



* Favelas, mocambos, palafitas, invasões, malocas e assemelhados.

Tabela 4

Distribuição da população de Curitiba segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
Setor normal	1495188	87008	283169	103771	126798	2095934
%	71,34	4,15	13,51	4,95	6,05	100
Setor subnormal	101675	4618	36984	6149	14487	163913
%	62,03	2,82	22,56	3,75	8,84	100
% subnormal- % normal	-9,31	-1,33	9,05	-1,20	2,79	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Do ponto de vista religioso, a população das favelas revela diferenças significativas em relação aos demais habitantes de Curitiba, uma vez que se observa maior participação, entre os seus moradores, dos evangélicos pentecostais e das pessoas sem religião (Tab. 4).

Níveis de educação

Curitiba apresenta cinco tipos de bairros, em função do nível de educação da população que neles habita. A distribuição geográfica das classes identificadas revela claramente um gradiente do tipo centro-periferia, com os níveis mais elevados no centro, os mais baixos na periferia e entre esses dois os intermediários (Fig. 20).

O perfil dos bairros de nível *muito baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental, ao antigo primário e aos cursos de alfabetização de adultos, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. Tal perfil define claramente os bairros dos municípios da periferia.

Em relação aos bairros de nível *baixo*, verifica-se que eles apresentam um perfil muito semelhante ao da classe anterior, com menor expressão, no entanto, das pessoas sem nenhum nível de instrução. Esta classe forma um anel em torno dos bairros de nível educacional médio da capital, mas se estende também pelos municípios periféricos. É nesses bairros que os pentecostais e, de modo menos acentuado, as pessoas sem religião apresentam os seus mais elevados percentuais (Tab. 5).

Já o perfil dos bairros de nível *médio* apresenta uma situação educacional melhor quando comparada à classe anterior, pois revela uma importância maior do ensino médio e do antigo ginásio. Os bairros em questão formam o terceiro anel do modelo de centro-periferia existente basicamente no interior do município de Curitiba.

Nos bairros de nível *alto* e *muito alto* prevalecem a graduação, o mestrado ou o doutorado e os antigos cursos clássico e científico. Esses dois perfis dizem respeito à parte central da cidade, onde se localizam os bairros que apresentam as melhores condições de vida de Curitiba. Nesse conjunto de bairros com níveis de educação mais elevados, os católicos atingem os seus mais altos percentuais, bem como os fiéis do grupo *outras religiões* e os evangélicos de missão.

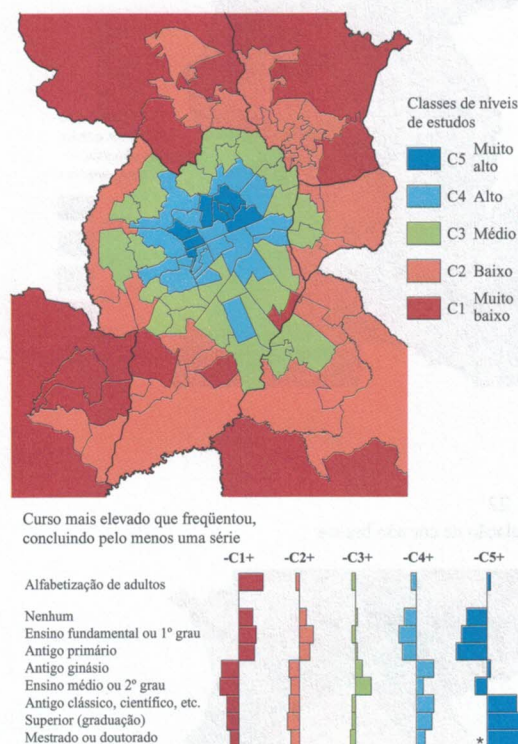
Fig. 20
Níveis de estudos

Tabela 5

Distribuição da população de Curitiba segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixo	69,90	2,57	18,15	3,18	6,20	100
Baixo	67,70	2,79	18,64	3,31	7,56	100
Médio	70,79	4,49	14,08	5,08	5,56	100
Alto	74,36	5,73	7,65	6,88	5,39	100
Muito alto	76,05	5,99	3,13	8,85	5,98	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição geográfica dos analfabetos segue o mesmo modelo do tipo centro-periferia, verificado em relação à distribuição dos níveis de renda e de educação. Assim, na parte central da capital, a taxa de analfabetismo raramente ultrapassa 4%, enquanto na periferia mais afastada os níveis se elevam, podendo mesmo chegar a 12% em Almirante Tamandaré, no norte da região metropolitana (Fig. 21).

Cor da pele

O mapa da porcentagem de população de cor não branca na população total mostra que, nos bairros com os mais elevados níveis de educação e renda da cidade, a população branca representa quase 90% dos seus moradores (Fig. 22). Entretanto, na periferia imediata, esta porcentagem diminui um pouco, chegando a 80%. Já nos municípios da periferia distante, a proporção das pessoas de cor não branca pode atingir 35% da popu-

lação, percentual, no entanto, muito inferior ao que se observa na maior parte das capitais brasileiras.

Estabilidade residencial da população

Na região metropolitana de Curitiba observa-se uma grande diferença entre a capital, com grande estabilidade residencial de seus habitantes, e os municípios periféricos, com maior proporção de moradores não-naturais dos locais em que residem (Fig. 23). No próprio interior de Curitiba percebe-se também uma diferença entre os bairros da metade-norte do município, com uma população mais estável, e os da metade-sul, onde os moradores naturais do município representam, geralmente, menos de 50%. É, no entanto, nos municípios de Araucária e São José dos Pinhais, com características ainda rurais, que se verificam os mais altos níveis de estabilidade residencial na região metropolitana de Curitiba.

Fig. 21
População analfbeta

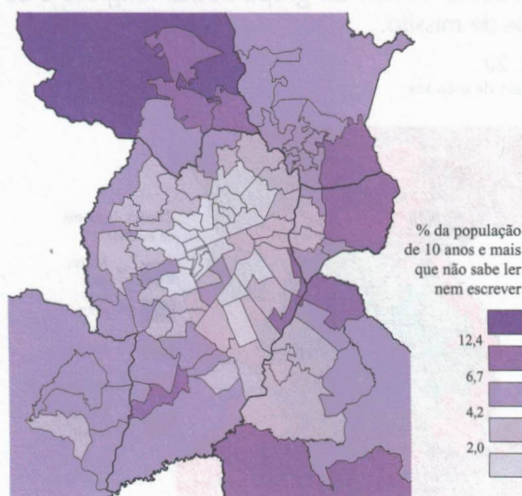


Fig. 22
População de cor não branca

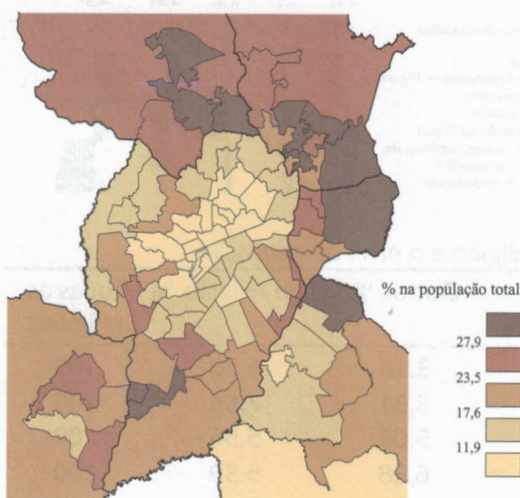
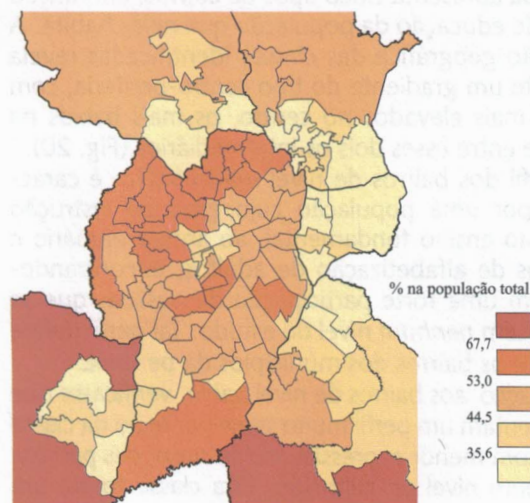


Fig. 23
População que sempre morou no mesmo município



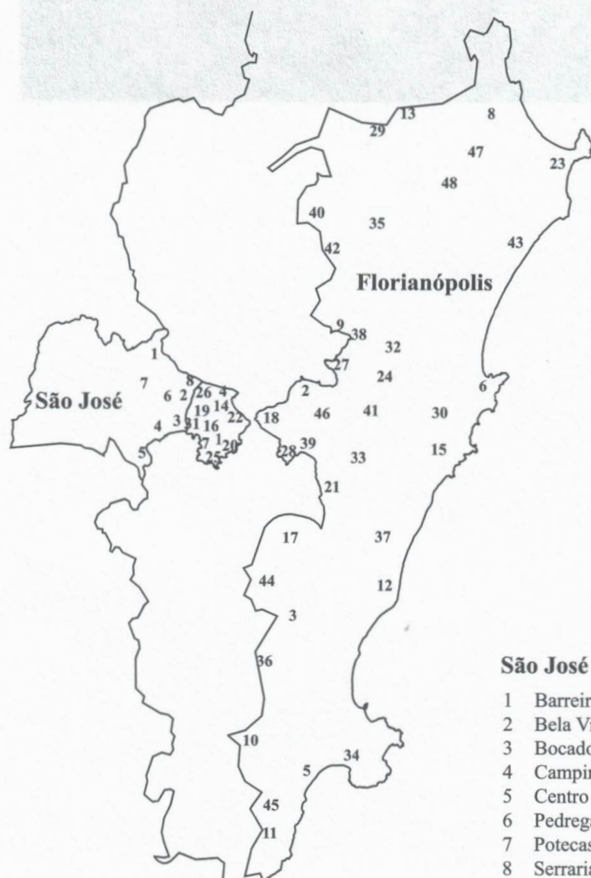
Florianópolis



Localização dos principais bairros

1	Centro	25	Itacorubi
2	Centro	26	Itacorubi
3	Centro	27	Itacorubi
4	Centro	28	Itacorubi
5	Centro	29	Itacorubi
6	Centro	30	Itacorubi
7	Centro	31	Itacorubi
8	Centro	32	Itacorubi
9	Centro	33	Itacorubi
10	Centro	34	Itacorubi
11	Centro	35	Itacorubi
12	Centro	36	Itacorubi
13	Centro	37	Itacorubi
14	Centro	38	Itacorubi
15	Centro	39	Itacorubi
16	Centro	40	Itacorubi
17	Centro	41	Itacorubi
18	Centro	42	Itacorubi
19	Centro	43	Itacorubi
20	Centro	44	Itacorubi
21	Centro	45	Itacorubi
22	Centro	46	Itacorubi
23	Centro	47	Itacorubi
24	Centro	48	Itacorubi





Localização dos principais bairros

Florianópolis

- | | |
|-----------------------------|-----------------------------|
| 1 Abrão | 25 Itaguaçu |
| 2 Agrônômica | 26 Jardim Atlântico |
| 3 Alto Ribeirão | 27 João Paulo |
| 4 Balneário | 28 José Mendes |
| 5 Balneário dos Açores | 29 Jurerê |
| 6 Barra da Lagoa | 30 Lagoa da Conceição |
| 7 Bom Abrigo | 31 Monte Cristo |
| 8 Cachoeira do Bom Jesus | 32 Monte Verde |
| 9 Cacupé | 33 Pantanal |
| 10 Caicanguaçu | 34 Pântano do Sul |
| 11 Caieira da Barra do Sul | 35 Ratones |
| 12 Campeche | 36 Ribeirão da Ilha |
| 13 Canasvieiras | 37 Rio Tavares |
| 14 Canto | 38 Saco Grande |
| 15 Canto da Lagoa | 39 Saco dos Limões |
| 16 Capoeiras | 40 Sambaqui |
| 17 Carianos | 41 Santa Mônica |
| 18 Centro | 42 Santo Antônio de Lisboa |
| 19 Colchinha | 43 São João do Rio Vermelho |
| 20 Coqueiros | 44 Tapera do Base |
| 21 Costeira do Pirajubaé | 45 Tapera do Sul |
| 22 Estreito | 46 Trindade |
| 23 Ingleses do Rio Vermelho | 47 Vargem Grande |
| 24 Itacorubi | 48 Vargem Pequena |

São José

- 1 Barreiros
- 2 Bela Vista
- 3 Bocado
- 4 Campinas
- 5 Centro
- 6 Pedregal
- 7 Potecas
- 8 Serraria

APRESENTAÇÃO

A capital do estado de Santa Catarina situa-se na ilha do mesmo nome, mas o município de Florianópolis abrange também uma pequena porção continental. A parte insular da capital, com 424 km², possui um litoral que se caracteriza por muitas planícies costeiras, onde se encontram cerca de 100 praias, que se constituem numa forte atração turística. Florianópolis se destaca, entre as capitais brasileiras, pelos bons indicadores sociais, o que contribui para o seu renome de cidade com boa qualidade de vida.

Com 342 315 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2000, a capital concentra apenas 6,4% da população do estado. Uma de suas particularidades é o fato de ser a única capital do país que não se constitui no maior centro urbano do respectivo estado, uma vez que é ultrapassada por Joinville, um dos pólos industriais mais importantes da Região Sul.

Apesar disso, Florianópolis concentra grande parte dos serviços de assistência médica, educacional e cultural utilizados pela população estadual, além de sediar, naturalmente, as atividades políticas, administrativas e financeiras inerentes ao seu papel de capital. A partir dos anos 1980, teve a sua função político-administrativa reforçada, em decorrência da melhoria das rodovias no sentido leste-oeste, o que possibilitou o efetivo comando da capital sobre todo o território estadual.

Assim, a BR-282, que corta o estado no sentido transversal, permite a conexão da capital com o extremo oeste de Santa Catarina. Já a BR-101, que atravessa longitudinalmente o estado se constitui num importante eixo de integração, uma vez que une Florianópolis a capitais do Sudeste e do Sul do país.

Origem e evolução

A fundação do povoado de Nossa Senhora do Desterro, núcleo original de Florianópolis, ocorreu por volta de 1673, por iniciativa do bandeirante paulista Francisco Dias Velho, com o objetivo de defender o litoral sul do Brasil de invasões de países rivais de Portugal. Em 1726, o povoado é elevado à categoria de vila e, em 1823, à de cidade.

Com a iniciativa portuguesa de fundar a Colônia do Sacramento (1680), no Uruguai, território que, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, pertencia à Espanha, o povoado de Nossa Senhora do Desterro passou a ocupar posição estratégica, como base militar e de abastecimento dos navios que se dirigiam ao estuário do Rio da Prata, uma vez que o povoado

se situava a meio caminho entre o Rio de Janeiro e a nova colônia.

No entanto, o verdadeiro povoamento de Desterro só se efetivou com a chegada de colonizadores portugueses provenientes das ilhas dos Açores e da Madeira, em meados do século XVIII, que criaram diversas comunidades na Ilha de Santa Catarina.

A cidade de Nossa Senhora do Desterro foi rebatizada, em 1894, por iniciativa do então governador de Santa Catarina, Hercílio Luz, com o nome de Florianópolis, numa homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, que presidiu o país nos primeiros anos da República.

Expansão urbana

Para se entender a expansão urbana da cidade é importante saber que a Ilha de Santa Catarina se caracteriza sobretudo por dois tipos de relevo: o litoral, onde se encontram praias e lagoas, e o Maciço Central, que consiste num grande morro de granito disposto no sentido norte-sul da Ilha.

O centro da cidade se localiza na parte oeste da Ilha, em frente ao continente. É na região central e nos bairros de Santo Antônio de Lisboa, ao norte, e Ribeirão da Ilha, ao sul, ambos voltados para o continente, que podem ser encontradas as marcas da colonização açoriana, como ruelas estreitas e casas à beira da calçada. Em contraste com as construções do centro histórico, os morros situados a leste, que fazem parte do Maciço Central, foram sendo ocupados por comunidades pobres desde o começo do século XX.

A expansão de Florianópolis na década de 1960 se deu inicialmente em direção aos bairros de Agrônoma e Trindade, e mais tarde no sentido de Santa Mônica e Córrego Grande, áreas tradicionalmente agrícolas¹. Ainda nos anos 1960, a construção da Avenida Rubens de Arruda Ramos, na região da Beira-mar Norte, levou empresas imobiliárias à edificação de prédios residenciais de alta qualidade, o que a tornou em área residencial nobre da capital. A construção dessa avenida e a realização de aterros na área central da cidade facilitaram o acesso às regiões que se situam do outro lado do Morro do Antão. Em função disso, muitas repartições públicas passaram a ser instaladas na parte leste do Morro, que forma hoje os bairros de Trindade, Santa Mônica, Córrego Grande, Itacorubi, Pantanal e outros.

Nesse processo, acentua-se a ocupação dos morros do Maciço Central pela população de baixa renda, sem condições de morar nas áreas planas, muito valoriza-

¹ Para a caracterização da expansão urbana de Florianópolis, consultar: Jorge E. Silva e Tereza Franzoni, *Florianópolis, cidade insular*. In: <<http://www.agrorede.org.br/ceca/Cidade.html>>

das. Assim, em terrenos de alta declividade, comunidades pobres foram se instalando, em situação muito precária, de risco de desabamento e sem infra-estrutura básica, como água, luz e esgoto. Além disso, este tipo de ocupação favorece o desequilíbrio ambiental e provoca impactos negativos no espaço urbano.

Desde os anos 1970, Florianópolis vem passando por um processo de explosão imobiliária, tornando-se cada vez mais uma cidade vertical. Este fato ocorreu sobretudo na Ilha, quando se verificou a expansão da cidade para a avenida Beira-mar Norte, o que tem provocado acentuadas modificações em suas características urbanas. Pequenas chácaras, casas e quintais deram lugar, sobretudo nos balneários, a edifícios, que nem sempre são acompanhados de adequada rede de saneamento básico.

Apesar de a capital catarinense ser conhecida pelos bons indicadores de qualidade de vida, tem-se aí a presença de diversas favelas. Na Ilha, a maior delas é a do Morro da Cruz e, no continente, a de Chico Mendes, considerada a maior de Florianópolis. Na verdade, nas encostas do Maciço Central vivem cerca de 20 comunidades de população de baixa renda, tais como: Morro do Horácio, Serrinha, Morro do Mocotó, Bairro José Mendes, Morro da Penitenciária, Morro da Mariquinha e outras.

Além dessas, há também favelas em áreas de praias, como as de Canasvieiras, Ingleses, Areias do Campeche e Tapera, e algumas delas já estão em processo de urbanização. O aumento desse tipo de ocupação nessas regiões explica-se, em grande parte, pelo crescimento do turismo na Ilha. Na esperança de obter emprego em empreendimentos gerados pelo setor turístico, trabalhadores sem qualificação profissional chegam de todas as partes do estado, sobretudo de áreas rurais, e se localizam em terrenos próximos às praias.

A intensificação do fluxo de turistas, principalmente na temporada de verão, tem levado ao aumento da especulação imobiliária. Os imóveis mais procurados na cidade localizam-se tanto nas proximidades do Centro, junto aos serviços, quanto em locais mais afastados, em praias de água limpa. Mas observa-se que até mesmo em bairros de moradores de baixa renda há construção de casas e apartamentos para veranistas. Por outro lado, com o aumento de impostos e do custo de vida, nativos da Ilha, principalmente pescadores, acabam se retirando para municípios próximos, como Palhoça, Biguaçu e Governador Celso Ramos.

Além do apelo turístico, os bons níveis de qualidade de vida de Florianópolis têm atraído pessoas de outras cidades do país, que decidem aí fixar residência, em busca de uma vida melhor. São em geral aposentados, com bons níveis de renda, que adquirem moradias à beira-mar. Assim, Florianópolis é hoje uma das capitais brasileiras com maior concentração de idosos com alto poder aquisitivo, o que está impulsionando a economia local.

Como área de expansão urbana da capital, situa-se o município de São José, um dos maiores do estado quanto ao tamanho de sua população. A existência de terras menos valorizadas, se comparadas com as de Florianópolis, que, portanto, podiam ser adquiridas pela

população de renda mais baixa, fez com que este município da região metropolitana passasse a ser buscado por pessoas vindas de diversas partes de Santa Catarina e também de outros estados. Na verdade, muitos dos que habitam em São José trabalham em Florianópolis. Hoje, o município, que se destaca pela atividade industrial, comercial e prestação de serviços, abriga habitantes de diversos níveis de renda, mas é grande o número de moradores de baixa renda, que vivem em favelas, traço comum das periferias urbanas brasileiras.

Outro aspecto recorrente nas cidades brasileiras são as agressões ao meio-ambiente, fruto da expansão urbana e, freqüentemente, da especulação imobiliária. Assim, o município de Florianópolis tem, cada vez mais, avançado sobre o mar e os mangues para a expansão de sua malha viária, numa situação de permanente agressão aos ecossistemas frágeis da Ilha. Da mesma forma, a ocupação demográfica em áreas impróprias, como encostas, mangues e dunas, é uma questão que precisaria ser resolvida para se alcançar o desejável desenvolvimento sustentável. Tal situação vem impor a necessidade do planejamento como instrumento de intervenção sobre a ocupação humana do espaço, a fim de preservar a qualidade de vida e a sustentabilidade do meio-ambiente.

Através da imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, percebe-se claramente a configuração física de Florianópolis, situada numa ilha, com a sua mancha urbana, de cor rosa, limitada pelo mar, montanhas e lagoas. De fato, chama a atenção em Florianópolis a grande extensão ocupada pelo Maciço Central, que se estende de norte a sul da Ilha, com poucas interrupções.

A mancha urbana se apresenta mais concentrada no oeste da Ilha, onde se localiza o Centro e os principais bairros residenciais. Percebe-se que ela circunda o Morro do Antão e se prolonga em direção ao sul e ao norte. No extremo norte e no nordeste da Ilha, nota-se a presença de bairros à beira-mar. Junto à Lagoa da Conceição, importante área turística da capital, novamente a ocupação urbana se faz presente, com prolongamentos menos densos, por todo o litoral leste até o sul da Ilha.

Do outro lado das baías Norte e Sul o adensamento urbano se refere à parte continental da cidade, que se mostra mais extensa do que a parte insular, e ao município de São José. A ocupação se estende em direção ao litoral norte e sul, sendo limitada a oeste por montanhas.

Atividades econômicas

Florianópolis se destaca pelo setor de comércio e serviços, e não pela atividade industrial, uma vez que os centros industriais mais expressivos do estado se encontram fora da capital, o que não lhe confere liderança sobre a dinâmica econômica do espaço catarinense. O setor industrial da capital, formado em geral por empresas de pequeno porte, absorve um contingente relativamente pequeno de mão-de-obra. Na verdade, há uma limitação quanto ao tipo de indústria a ser instalado na Ilha, dando-se prioridade ao setor de vestuário e de informática, por se constituírem em indústrias não poluentes. Assim, é no município de São José que se

concentra a maior parte dos estabelecimentos industriais da região metropolitana, nos ramos de vestuário, alimentos, móveis, bebidas e informática.

O esforço de dotar a capital de uma infra-estrutura turística, visando explorar os seus recursos paisagísticos, vem equilibrar o descompasso que a cidade apresenta em relação à atividade industrial. Apesar de Florianópolis contar com um aeroporto internacional, o Hercílio Luz, e ser hoje uma das cidades brasileiras mais visitadas por turistas estrangeiros, a sua infra-estrutura hoteleira e de restaurantes ainda não é capaz de suprir adequadamente a demanda existente. Além disso, o setor de serviços, que absorve a maior parte dos habitantes da Ilha, apresenta um sério problema que é o da sazonalidade. Assim, se por um lado o desenvolvimento do turismo gera uma série de empregos durante o verão, por outro, no restante do ano, deixa boa parte da população sem trabalho.

A pesca artesanal, comum entre moradores mais pobres de Ingleses do Rio Vermelho, Barra da Lagoa, Lagoa da Conceição e Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina, vem apresentando uma queda bastante acentuada nos últimos anos, com as transformações por que tem passado a economia da capital.

Densidade e crescimento populacional

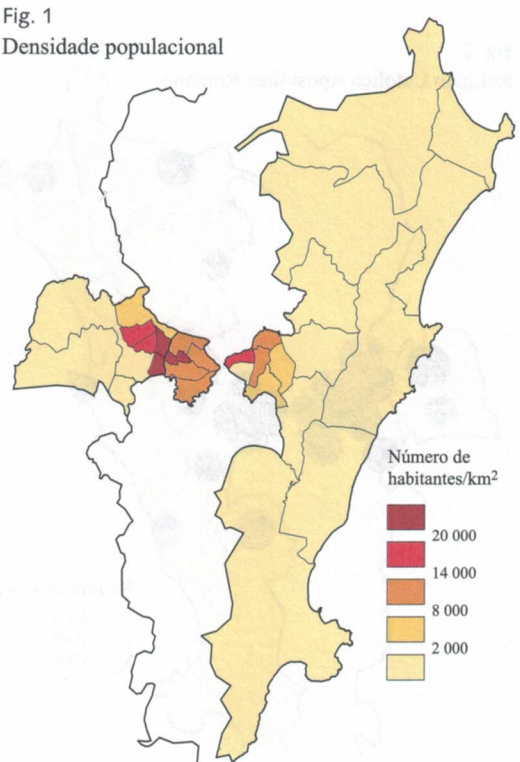
O mapa com a distribuição das taxas de densidade demográfica revela um padrão que se caracteriza por altas taxas concentradas numa área que engloba parte do município de Florianópolis e de São José, em contraste, sobretudo, com o restante da Ilha onde predominam baixas densidades populacionais (Fig.1). As altas taxas na Ilha correspondem à extensão ocupada pelo Centro e pelos bairros residenciais próximos, a exemplo de Agrônômica.

Da mesma forma, na parte continental, a concen-

tração demográfica é mais forte no restante do município da capital e também nos bairros de Bocado e Colchinha, em São José. Já as áreas de baixa densidade de Florianópolis devem-se a diversos fatores, como a existência de áreas montanhosas, de manguezais, do aeroporto internacional e de praias com pequena ocupação populacional.

O município de Florianópolis apresentou, no período de 1991 a 2000, um crescimento populacional de 86 923 habitantes, numa expressiva taxa média de crescimento anual, da ordem de 3,3%.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Florianópolis, como a redução do percentual de católicos, ao mesmo tempo em que aumentavam as porcenta-

gens das pessoas que se declaravam sem religião, dos evangélicos pentecostais e do grupo relativo a outras religiões.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Florianópolis (município)	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	75,7	3,1	5,7	8,1	7,4
1991	83,7	2,6	3,2	5,7	4,7
2000-1991	-8,1	0,5	2,5	2,4	2,7

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Florianópolis situa-se em quinto lugar entre as capitais brasileiras em relação à importância do catolicismo, que representa 75,7% da sua população (Tab. 1). A diminuição do percentual de católicos aí foi moderada, da ordem de -8,1 pontos percentuais, a terceira menor redução entre as capitais brasileiras.

A distribuição dos percentuais revela uma nítida diferença entre o Centro e a parte continental da capital, de um lado, fiéis ao catolicismo, e o resto da Ilha, de outro, onde a porcentagem de católicos na população se mostra, em geral, inferior a 75% (Figs. 2 e 3). Por

sua vez, na parte central de Florianópolis, no oeste da Ilha, observa-se uma redução do Centro — com 83% de católicos, o maior percentual da cidade — para os bairros limítrofes de José Mendes, ao sul, e Agrônômica, ao norte, onde a sua participação decai a 73%.

A parte continental da cidade também apresenta elevados percentuais de católicos, como Capoeiras, onde eles atingem 82%, e Canto e Estreito, em torno de 77%. No município vizinho de São José, são os bairros com menores taxas de densidade que se mostram mais católicos, com mais de 80% de fiéis.

Fig. 2

Religião Católica Apostólica Romana

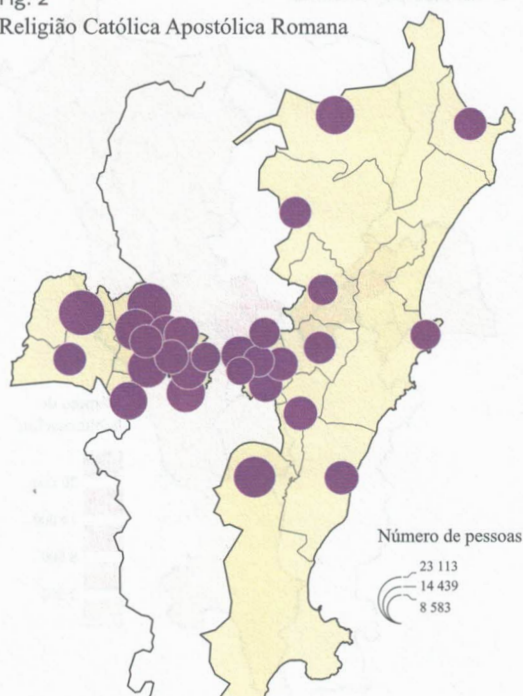


Fig. 4

Religiões Evangélicas de Missão

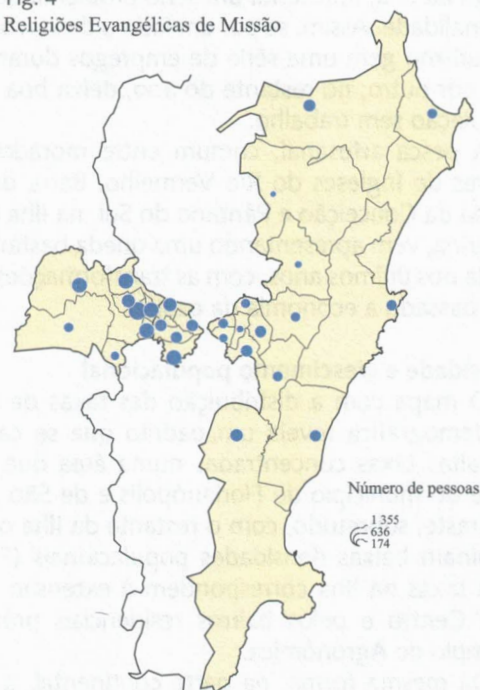


Fig. 3

Religião Católica Apostólica Romana

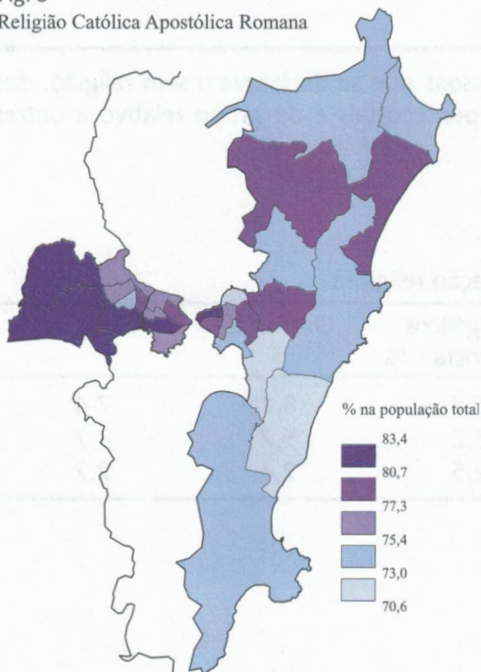
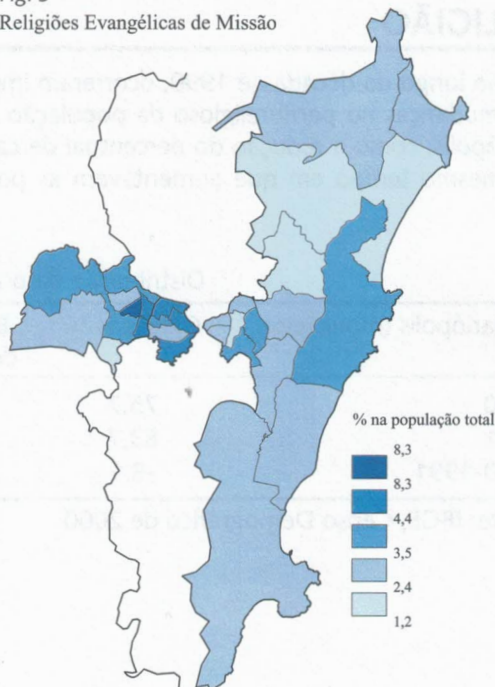


Fig. 5

Religiões Evangélicas de Missão



Evangélicos de Missão

Com cerca de 10 000 fiéis, os evangélicos de missão são pouco numerosos em Florianópolis, representando apenas 3,1% da sua população. Além disso, entre 1991 e 2000, o seu crescimento não foi significativo, +0,5 pontos percentuais. Dentre os grupos que integram os evangélicos de missão, os luteranos são os mais importantes, reunindo 1,2% dos fiéis, seguidos pelos batistas (0,9%), adventistas (0,7%) e presbiterianos (0,5%). Esses dados podem dar uma idéia da fragmentação religiosa aí existente e da fraqueza dos evangélicos de missão na capital catarinense.

Eles se mostram mais presentes na parte continental da região metropolitana, onde o seu percentual chega a atingir 8,3% da população no bairro de Pedregal, no município de São José (Figs. 4 e 5). Observa-se, porém, que, tanto em Florianópolis quanto em São José, os bairros centrais são menos evangélicos.

Evangélicos Pentecostais

O percentual dos evangélicos pentecostais quase dobrou, entre 1991 e 2000, quando passou de 3,2% a 5,7%, revelando um aumento de +2,5 pontos percentu-

Fig. 6
Religiões Evangélicas Pentecostais

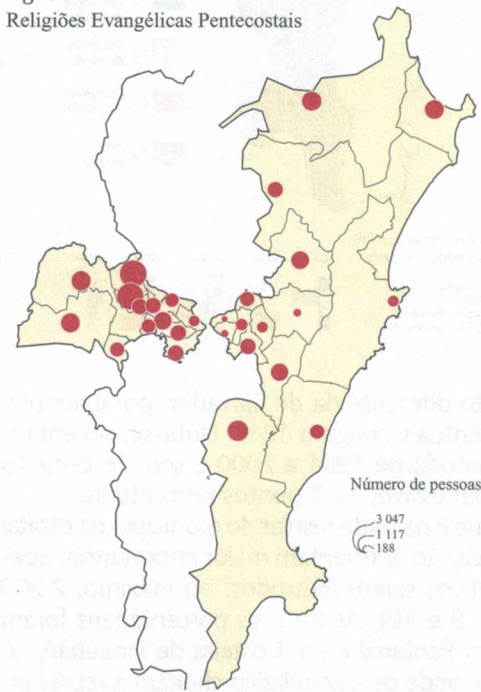


Fig. 7
Religiões Evangélicas Pentecostais

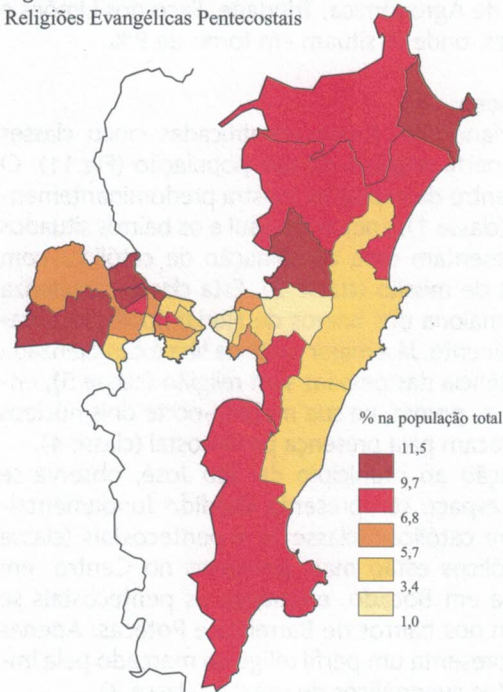


Fig. 8
Religião Espírita

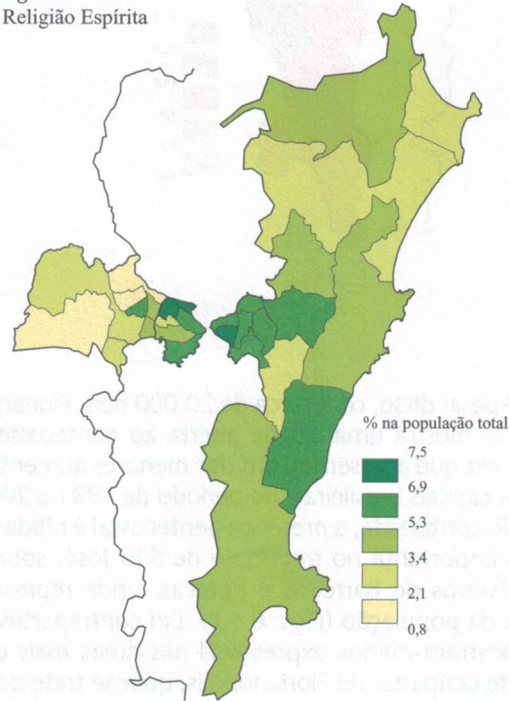


Fig. 9
Pessoas sem religião

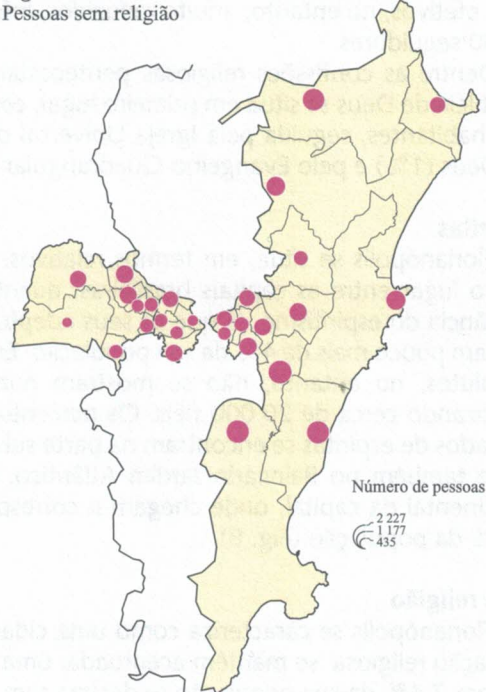


Fig. 10
Pessoas sem religião

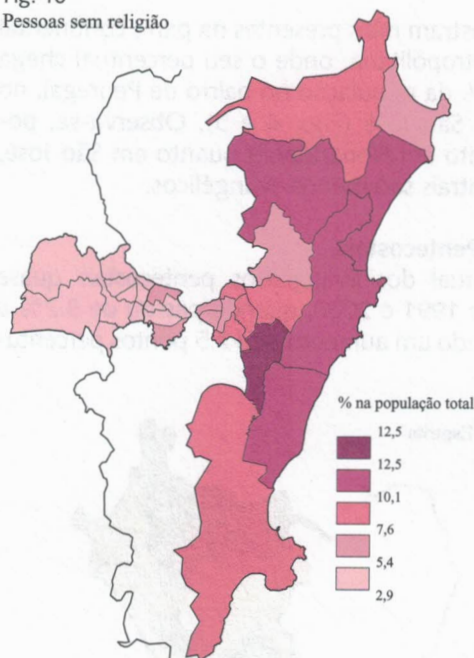
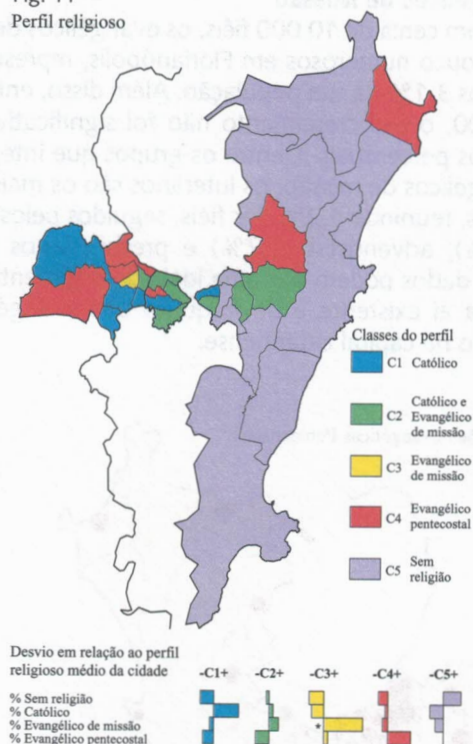


Fig. 11
Perfil religioso



ais. Apesar disso, com cerca de 20 000 fiéis, Florianópolis não se mostra uma cidade aberta ao pentecostalismo, uma vez que apresentou um dos menores aumentos entre as capitais brasileiras, no período de 1991 a 2000.

No continente, a presença pentecostal é nitidamente mais importante no município de São José, sobretudo nos bairros de Barreiros e Potecas, onde representam 11% da população (Figs. 6 e 7). Em contrapartida, eles se mostram menos expressivos nas áreas mais densamente ocupadas de Florianópolis, quer se trate da parte continental ou insular. De fato, na maior parte da Ilha, seu peso se situa em 7% atingindo, às vezes, 10%, com efetivos, no entanto, muito reduzidos, inferiores a 2 000 seguidores.

Dentre as confissões religiosas pentecostais, a Assembléia de Deus se situa em primeiro lugar, com 2,8% dos habitantes, seguida pela Igreja Universal do Reino de Deus (1%) e pelo Evangelho Quadrangular (0,9%).

Espíritas

Florianópolis se situa, em termos relativos, em primeiro lugar entre as capitais brasileiras, quanto à importância do espiritismo, já que os seus adeptos representam pouco mais de 4% da sua população. Em termos absolutos, no entanto, não se mostram numerosos, totalizando cerca de 20 000 fiéis. Os percentuais mais elevados de espíritas se encontram na parte sul do Centro e também no Balneário Jardim Atlântico, no lado continental da capital, onde chegam a corresponder a 7,5% da população (Fig. 8).

Sem religião

Florianópolis se caracteriza como uma cidade onde a filiação religiosa se mantém acentuada, uma vez que apenas 7,4% da sua população se declara sem religião,

situação muito diferente da de Salvador, por exemplo, onde os percentuais atingem 18%. Nota-se, no entanto, que no período de 1991 a 2000 o seu crescimento se mostrou expressivo, +2,7 pontos percentuais.

Nota-se que é na parte insular do município da capital que os sem-religião apresentam maior importância, apesar de os efetivos serem reduzidos, no máximo, 2 200 pessoas (Figs. 9 e 10). As maiores porcentagens foram registradas em Pantanal e em Costeira de Pirajubaé, ao sul do Centro, onde os sem-religião chegam a representar 12,5% da população. Já a parte mais urbanizada da cidade revela menor presença dos sem-religião, a não ser nos bairros de Agrônômica, Trindade, Saco dos Limões e José Mendes, onde se situam em torno de 8%.

Perfil religioso

Em Florianópolis, foram identificadas cinco classes quanto ao perfil religioso de sua população (Fig. 11). O norte do Centro da capital se mostra predominantemente católico (classe 1), enquanto o sul e os bairros situados a leste apresentam uma combinação de católicos com evangélicos de missão (classe 2). Esta classe caracteriza também a maioria dos bairros de Florianópolis, localizados no continente. Já a maior parte da Ilha é caracterizada pela importância das pessoas sem religião (classe 5), encontrando-se, porém, na sua metade-norte dois núcleos que se destacam pela presença pentecostal (classe 4).

Em relação ao município de São José, observa-se que o seu espaço se apresenta dividido fundamentalmente entre católicos (classe 1) e pentecostais (classe 4). Os católicos estão mais presentes no Centro, em Campinas e em Bocado, enquanto os pentecostais se concentram nos bairros de Barreiros e Potecas. Apenas Pedregal apresenta um perfil religioso marcado pela importância dos evangélicos de missão (classe 3).

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Florianópolis permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Florianópolis é a capital brasileira que apresenta o mais baixo grau de pobreza, apesar de que 62,8% da sua população declare receber um rendimento mensal

inferior ou igual a 3 salários mínimos, e 40,4% apenas um ou menos (Tab. 2). O grupo religioso que se encontra em pior situação é o dos evangélicos pentecostais, já que 51,6% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo, ao passo que os fiéis das demais confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelos católicos, evangélicos de missão, sem-religião e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Florianópolis com 10 anos e mais segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	40,0	40,3	51,6	37,8	36,8	40,4
2-3 sm	22,7	19,1	26,1	18,8	21,8	22,4
4-6 sm	16,6	15,9	13,4	16,1	15,5	16,3
7-10 sm	9,2	11,0	5,1	11,5	9,8	9,2
11-16 sm	3,6	3,9	1,8	5,6	3,9	3,7
17-20 sm	3,3	4,5	0,9	4,6	5,0	3,4
> de 20 sm	4,6	5,3	1,0	5,5	7,1	4,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* se caracteriza pela importância das categorias de 0 a 4 salários mínimos, enquanto as demais se situam abaixo do perfil médio. Esta classe diz respeito a uma extensa área que abrange, sobretudo, a periferia da cidade: as partes norte e sul da Ilha e bairros do município de São José (Fig.12). Do ponto de vista religioso, observa-se que é nesses espaços com baixos rendimentos que os evangélicos pentecostais apresentam os seus mais elevados percentuais (Tab. 3).

Já a classe de rendimentos *baixos* tem a sua moda em 5 salários mínimos, apresentando maiores desvios positivos de 3 a 7 salários. Os bairros que pertencem a esta classe formam um espaço contíguo, na parte central da Ilha, que se estende das margens da Baía Sul à orla oceânica. Esta classe de baixos rendimentos pode ser encontrada também em diversos bairros do município de São José. A sua composição religiosa se assemelha à da classe anterior, observando-se, no entanto, que são os sem-religião que apresentam aí as suas porcentagens mais altas.

Em relação à classe de rendimentos *médios* , observa-se que ela apresenta maiores desvios positivos nas categorias superiores a 8 salários mínimos. Com tal amplitude de rendimentos este perfil traduz, naturalmente, uma certa heterogeneidade do ponto de vista social. Os bairros que compõem esta classe (Agrônômica, Trindade e Santa Mônica) se encontram separados do Centro por uma região muito pobre, em torno do Morro do Antão. Do outro lado das baías, a maioria dos bairros da capital também fazem parte desta classe. Do ponto de vista religioso, é nesses espaços com rendimentos médios que os evangélicos de missão apresentam os seus mais elevados percentuais.

Fig. 12
Rendimentos

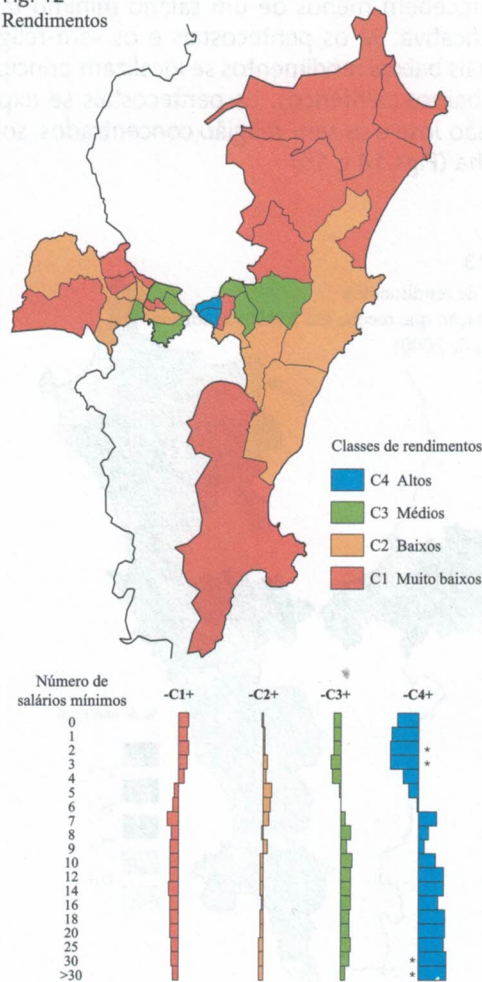


Tabela 3

Distribuição da população de Florianópolis com 10 anos e mais segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	75,61	2,75	8,88	6,49	6,27	100
Baixos	77,41	3,85	5,73	6,47	6,55	100
Médios	77,18	4,07	4,28	8,38	6,09	100
Altos	80,97	2,70	1,55	8,95	5,83	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Por fim, a classe de rendimentos *altos* se caracteriza por desvios positivos sobretudo das categorias de 12 a 30 salários mínimos. Considerando-se toda a região metropolitana, somente o Centro se inclui neste perfil, onde os católicos representam 81% dos habitantes.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência segundo o rendimento afeta de maneira diferente os habitantes de Florianópolis, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne 40% da população, observa-se que os católicos com baixa renda vivem em alguns dos bairros da capital que se caracterizam por rendimentos médios e altos (Fig.13). No oeste da região metropolitana, no município pobre de São José, a presença dos católicos que recebem menos de um salário mínimo também é significativa. Já os pentecostais e os sem-religião com os mais baixos rendimentos se localizam principalmente nos bairros periféricos: os pentecostais se expandindo até São José e os sem-religião concentrados, sobretudo, na Ilha (Figs.14 e 15).

Fig. 13

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

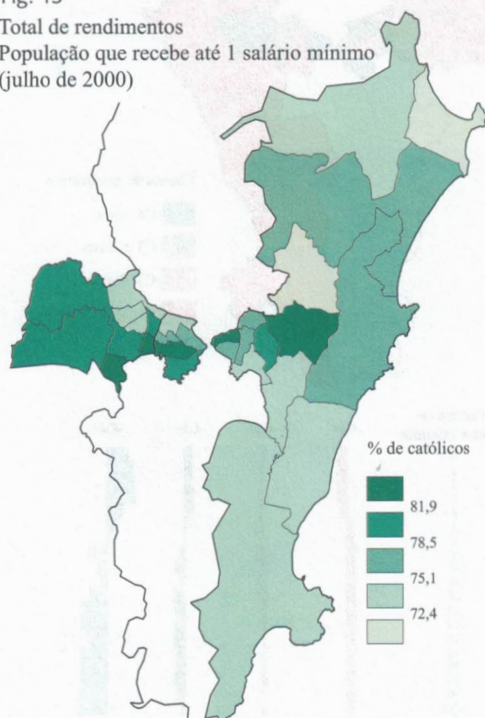


Fig. 14

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

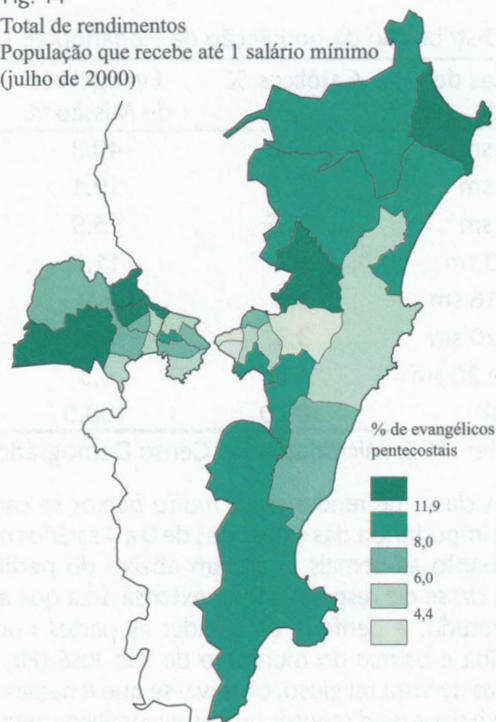
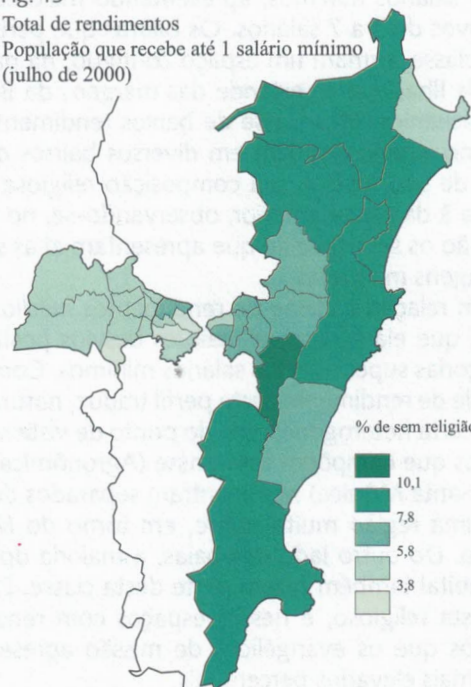


Fig. 15

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo
(julho de 2000)



Níveis de educação

Florianópolis apresenta cinco tipos de bairros em função do nível de educação de sua população. Ao contrário do que acontece na maioria das capitais brasileiras, em Florianópolis a distribuição das classes identificadas não mostra uma correspondência acentuada com os níveis dos rendimentos (Figs.12 e 16).

O perfil dos bairros de nível escolar *muito baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. Na verdade, esta classe se refere à maior parte dos bairros da Ilha, com exceção de alguns da parte central da cidade. Em São José ela também predomina numa boa extensão do seu território.

Em relação ao perfil educacional dos bairros de nível *baixo*, verifica-se que ele se mostra semelhante ao da classe anterior, apresentando, no entanto, destaque para o curso de alfabetização de adultos. Somente três áreas estão incluídas neste perfil: uma situada na costa oriental da Ilha, que abrange Barra da Lagoa, Lagoa da Conceição e Canto da Lagoa; outra em Saco dos Limões, próxima ao Centro, e, finalmente, uma outra no oeste de São José.

Já no perfil dos bairros de nível *médio*, é o ensino médio e o antigo ginásio que predominam, estando incluídos nesta classe somente bairros da parte continental, tanto da capital quanto do município de São José.

Quanto à classe de nível *alto*, prevalecem os antigos cursos clássico e científico, a graduação, o mestrado ou o doutorado. Apenas os dois bairros centrais da capital, onde são registrados também os mais altos níveis de renda, apresentam este perfil educacional.

Finalmente, os bairros com nível educacional *muito alto* estão localizados na capital, tanto na parte insular quanto na continental, correspondendo a bairros com rendimentos médios. Referem-se, por exemplo, a Santa Mônica e Trindade, na Ilha de Florianópolis, e a Coqueiros e Itaguaçu, do outro lado da Baía Sul.

A composição religiosa desses diferentes tipos de bairros de Florianópolis mostra uma nítida correspondência entre religião e educação (Tab. 4). Assim, os pentecostais e os sem-religião estão mais presentes nos bairros de níveis educacionais mais baixos, enquanto os evangélicos de missão nos de nível médio. Em contrapartida, nos bairros de nível alto de educação, são os católicos e os fiéis do grupo *outras religiões* que se mostram mais bem representados.

Fig. 16
Níveis de estudos

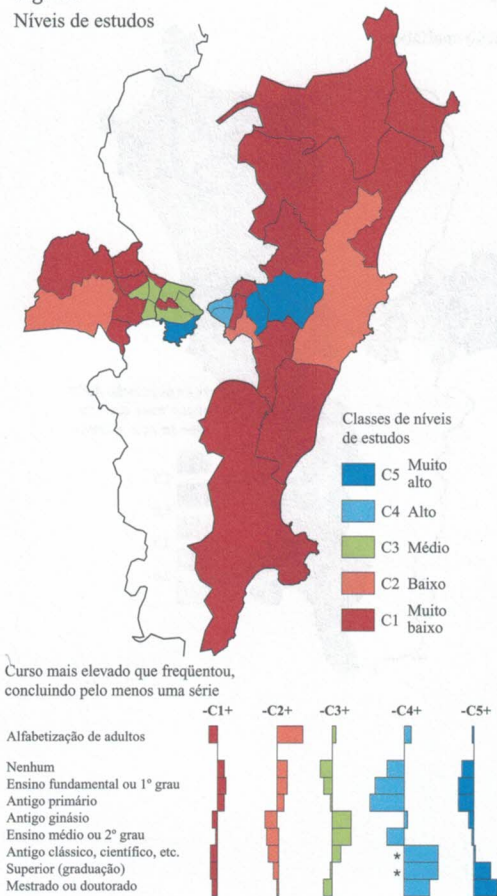


Tabela 4
Distribuição da população de Florianópolis segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixo	75,73	2,78	7,71	6,90	6,88	100
Baixo	75,75	3,40	7,12	6,62	7,11	100
Médio	78,37	5,05	5,21	7,06	4,31	100
Alto	80,97	2,70	1,55	8,95	5,83	100
Muito alto	77,22	3,88	3,65	8,21	7,05	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição geográfica dos analfabetos revela um acentuado contraste entre os níveis de analfabetismo da capital e os do município periférico de São José, onde as porcentagens das pessoas que não sabem ler nem escrever são as mais elevadas, porém inferiores a 9% da população (Fig.17).

Estabilidade da população

Em Florianópolis, a população se mostra relativamente estável, uma vez que a maior parte do seu

território apresenta mais de 50% de habitantes que sempre moraram na capital, com exceção, sobretudo, de alguns bairros da parte central da cidade (Fig. 18). Já em São José, a população se revela bem menos estável, o que pode indicar o papel desse município de absorvedor de migrantes que se deslocam do interior para a capital ou daqueles que foram empurrados da capital para a periferia.

Fig. 17

População analfabeta

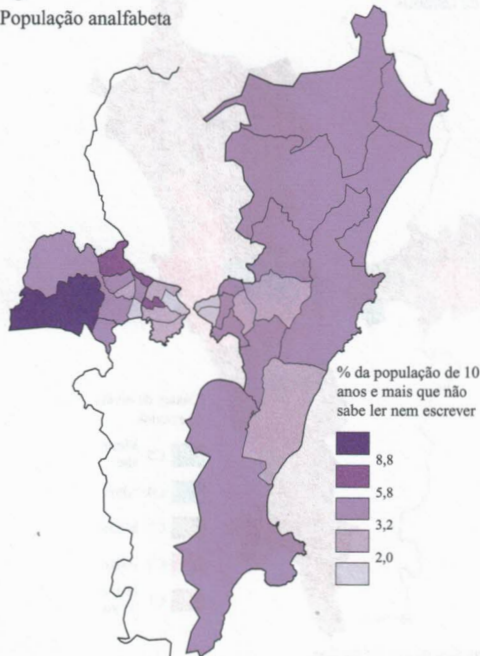
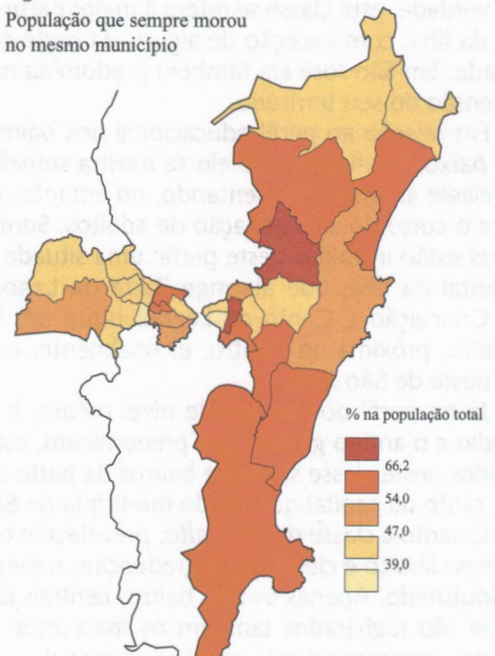


Fig. 18

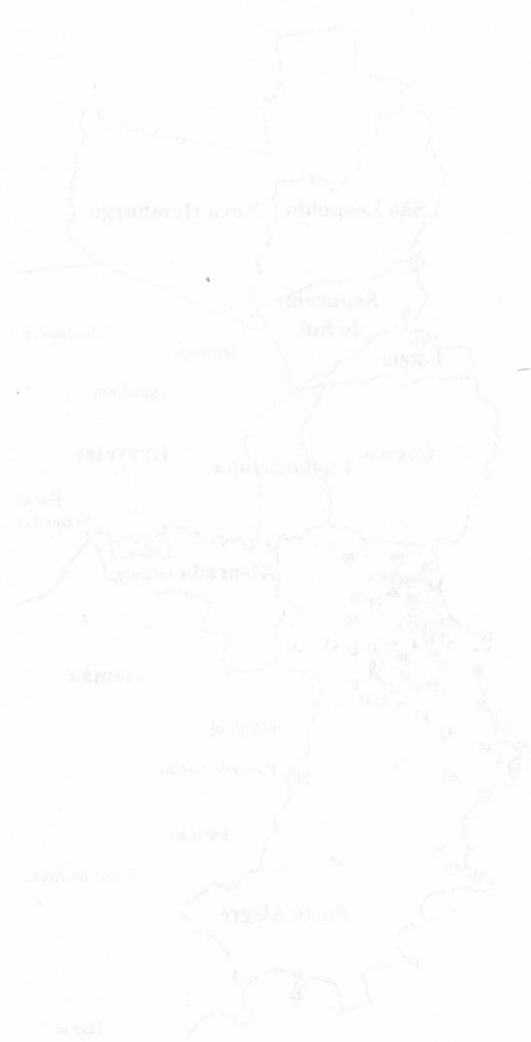
População que sempre morou no mesmo município



Porto Alegre



Localização dos principais bairros



1. Centro
2. Centro Histórico
3. Centro Novo
4. Centro Velho
5. Centro Velho Novo
6. Centro Velho Novo
7. Centro Velho Novo
8. Centro Velho Novo
9. Centro Velho Novo
10. Centro Velho Novo
11. Centro Velho Novo
12. Centro Velho Novo
13. Centro Velho Novo
14. Centro Velho Novo
15. Centro Velho Novo
16. Centro Velho Novo
17. Centro Velho Novo
18. Centro Velho Novo
19. Centro Velho Novo
20. Centro Velho Novo
21. Centro Velho Novo
22. Centro Velho Novo
23. Centro Velho Novo
24. Centro Velho Novo
25. Centro Velho Novo
26. Centro Velho Novo
27. Centro Velho Novo
28. Centro Velho Novo
29. Centro Velho Novo
30. Centro Velho Novo
31. Centro Velho Novo
32. Centro Velho Novo
33. Centro Velho Novo
34. Centro Velho Novo
35. Centro Velho Novo
36. Centro Velho Novo
37. Centro Velho Novo
38. Centro Velho Novo
39. Centro Velho Novo
40. Centro Velho Novo
41. Centro Velho Novo
42. Centro Velho Novo
43. Centro Velho Novo
44. Centro Velho Novo
45. Centro Velho Novo
46. Centro Velho Novo
47. Centro Velho Novo
48. Centro Velho Novo
49. Centro Velho Novo
50. Centro Velho Novo

Localização dos principais bairros

- 1 Agrônômica
- 2 Auxiliadora
- 3 Azenha
- 4 Bela Vista
- 5 Belém Velho
- 6 Boa Vista
- 7 Bonfim
- 8 Camaquã
- 9 Cel. Aparício Borges
- 10 Centro
- 11 Chácara das Pedras
- 12 Cidade Baixa
- 13 Cristal
- 14 Cristo Redentor
- 15 Espírito Santo
- 16 Floresta
- 17 Glória
- 18 Guarujá
- 19 Higienópolis
- 20 Humaitá
- 21 Independência
- 22 Ipanema
- 23 Itu Sabará
- 24 J. Floresta
- 25 J. São Pedro
- 26 Jardim Botânico
- 27 Jardim Carvalho
- 28 Lomba Pinheiro
- 29 Medianeira
- 30 Menino Deus
- 31 Moinhos de Vento
- 32 Monte Serrat
- 33 N.S.de Fátima
- 34 Navegantes
- 35 Nonoai
- 36 Parque São Sebastião
- 37 Partenon
- 38 Passo d' Areia
- 39 Petrópolis
- 40 Protásio Alves
- 41 Restinga
- 42 Rio Branco
- 43 Rubem Berta
- 44 Santa Cecília
- 45 Santa Tereza
- 46 Santo Antônio
- 47 São Geraldo
- 48 São João
- 49 São José



- | | |
|-------------------|-----------------------|
| 50 Sarandi | 56 V. Bom Jesus |
| 51 Serraria | 57 V. João Pessoa |
| 52 Teresópolis | 58 V. Magoretti |
| 53 Três Figueiras | 59 Várzea do Gravataí |
| 54 Tristeza | 60 Vila Ipiranga |
| 55 V. Assunção | 61 Vila Jardim |
| | 62 Vila Nova |

APRESENTAÇÃO

A capital do Rio Grande do Sul situa-se na margem esquerda do Rio Guaíba, para onde convergem cinco rios que deságuam na Lagoa dos Patos. No encontro desses rios, formou-se um delta continental, o Delta do Jacuí, onde se encontram diversas ilhas que constituem extensos banhados, cortados por um grande número de canais. A capital, com 1 360 592 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2000, concentra 13,4 % da população do estado.

Porto Alegre se constitui no centro urbano mais importante do ponto de vista comercial, industrial e de prestação de serviços do Rio Grande do Sul, ligando-se às principais capitais brasileiras por via aérea e por importantes eixos rodoviários federais. Assim, a BR-116 representa um grande eixo de integração nacional, ao ligar Porto Alegre com Fortaleza, estabelecendo conexões entre as regiões Sul, Sudeste e Nordeste do país. Já a BR-290, que atravessa o estado de leste a oeste, liga Porto Alegre a Uruguaiana, enquanto a BR-386 articula a capital gaúcha com o noroeste do estado, ambas de fundamental importância para a integração do Brasil com os países do Mercosul. Porto Alegre se conecta ainda às principais cidades gaúchas por ferrovias, que alcançam as fronteiras do Uruguai e da Argentina.

A capital gaúcha tem se destacado no país por iniciativas inovadoras em termos de administração pública, como a do Orçamento Participativo, que tem o objetivo de promover a atuação direta da população na elaboração do orçamento municipal, apontando prioridades para os investimentos. Através desse sistema, em vigor desde 1989, o número de residências servidas por água potável e esgotos aumentou, o de matrículas em escolas públicas também cresceu e o de favelas diminuiu.

Porto Alegre se constitui, também, num importante centro universitário e de produção do conhecimento, pela qualidade das universidades que possui, particularmente, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Nos últimos anos, a cidade passou a ser palco de importantes eventos políticos e culturais, como o Fórum Social Mundial, que já se realizou na capital gaúcha em 2001, 2002, 2003 e 2005, representando uma referência mundial para os movimentos críticos à globalização e um contraponto ao Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça.

Origem e evolução

A origem de Porto Alegre está ligada à função de defesa contra as investidas dos espanhóis, tendo surgido como uma guarnição militar portuguesa, em 1740, em área estratégica, num estuário com diversos rios que se constituíam em caminhos de penetração para o interior do estado. Um pouco depois, chegaram a essa localidade 60 casais de imigrantes açorianos que deveriam seguir para a região das Missões Jesuíticas, mas a guerra contra os índios impediu a continuação da viagem, levando-os a permanecer no local que passou a se chamar Porto dos Casais. Para aí se dirigiram também, em 1763, portugueses que viviam em Rio Grande, então capital do estado, uma vez que a área havia sido tomada pelos espanhóis. A sede do governo foi transferida então para Viamão, localidade próxima a Porto dos Casais.

Em função do avanço dos espanhóis, passou a haver necessidade de maior proteção ao local, que por isso se tornou base avançada de Portugal no Sul do país. Com o desenvolvimento do porto e em função de sua posição estratégica, o governador da época, José Marcelino de Figueiredo, decidiu transferir a capital de Viamão para Porto dos Casais, em 1773, ocasião em que teve o seu nome mudado para Porto Alegre. A partir do século XIX, com a chegada de imigrantes alemães e italianos e a implantação de vias férreas na região, Porto Alegre cresceu e alcançou maior desenvolvimento.

Expansão urbana

A área central de Porto Alegre ocupa parte do espigão onde surgiu a cidade e se estende ainda pela planície do delta e por zonas aterradas. No entanto, a maior parte de sua área é formada por morros, dos quais alguns são urbanizados, como o Morro de Santa Tereza e o Morro da Polícia, e outros encontram-se cobertos por vegetação, como o de São Pedro e o do Osso. Aliás, este último, localizado na zona sul da cidade, abriga uma importante área de preservação, o Parque Natural do Morro do Osso. Além desse há que destacar o Parque Estadual do Delta do Jacuí, junto à zona mais edificada da capital, formado por um arquipélago com 30 ilhas, das quais 16 ficam no município de Porto Alegre. Dentre elas, somente a Ilha da Pintada possui ocupação legalizada, onde se encontra um povoado do século XIX.

No ambiente urbano da capital gaúcha tem-se ainda a Reserva do Lami, que abrange uma área de 77 hectares, ao sul da cidade. Porto Alegre é, na verdade, uma das cidades mais arborizadas do país, não só devido ao grande número de árvores em vias públicas, mas sobretudo pelos diversos parques e jardins que possui.

Com a inauguração em 1960 de uma extensa ponte sobre o Rio Guaíba, a expansão da cidade passou a se dar em direção à outra margem do estuário, no município de Eldorado do Sul. Aliás, esta ponte, projetada na Alemanha, representa uma importante obra de engenharia, na qual se usou tecnologia altamente sofisticada. Aproveitando as ilhas do Guaíba, ela se compõe de quatro partes, numa extensão total de mais de 3 000 metros. Assim, o trecho que atravessa o Rio Guaíba, com cerca de 700 metros, possui um vão móvel de 58 metros de extensão, que permite a passagem de petroleiros que se dirigem à Refinaria Alberto Pasqualini, da Petrobras, situada em Canoas, e de navios que se destinam ao Pólo Petroquímico de Triunfo.

Nos anos 1960 e 1970, a cidade de Porto Alegre passou por um intenso processo de transformação, para atender às necessidades do seu crescimento urbano. Assim, foram realizados aterros em áreas situadas à margem do Guaíba e construídas grandes obras viárias, como viadutos, que melhoraram o fluxo de veículos na área mais densamente povoada da capital. Tais obras foram realizadas sem, no entanto, descaracterizar por completo a arquitetura original da cidade, e assim muitos dos seus prédios históricos foram preservados. Na Praça Marechal Deodoro, no centro da cidade, encontra-se, por exemplo, a Casa da Junta (1790), testemunho do conjunto arquitetônico dos açorianos, o Teatro São José (1858) e o Palácio Piratini (1898).

No processo de expansão da cidade observa-se uma migração interna dos seus habitantes entre os seus bairros, como o deslocamento de moradores de classes mais abastadas na direção leste da capital, ou seja, para Independência, Moinhos de Vento e Bela Vista. Nesse processo vai se dando uma substituição de imóveis e os habitantes menos favorecidos economicamente se beneficiam dessa transformação, uma vez que passam a ter acesso a melhores moradias.

Bairros residenciais de classes mais abastadas são encontrados também na parte sul da cidade, como Azenha, Partenon e Teresópolis. Já na orla norte do Guaíba, encontra-se a zona portuária que se prolonga até à foz do Rio Gravataí, onde se concentram as indústrias. Esta área, onde estão localizados bairros populares, como Floresta, Navegantes e São João, é cortada por rodovias que estabelecem a ligação entre Porto Alegre e os principais centros urbanos da região metropolitana. Aliás, as comunicações entre a capital e os municípios do trecho norte da região metropolitana têm sido facilitadas por um sistema de trem urbano, que liga Porto Alegre a São Leopoldo, num percurso de 34 km com 17 estações.

Uma boa visão do conjunto da cidade nos é dada pela imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, sendo muito reveladora da configuração física da capital gaúcha. Localizada no Delta do Jacuí, Porto Alegre apresenta um forte contraste entre os par-

ques naturais que se estendem por um grande número de ilhas e a área mais urbanizada da capital, de cor rosa na imagem. A mancha urbana da cidade se mostra alongada, no sentido norte-sul, mais densamente ocupada na orla do Guaíba e menos em direção ao interior, onde são mais frequentes as áreas verdes.

Através dessa imagem pode-se perceber a localização do aeroporto Salgado Filho, no norte da cidade, bem como o traçado da ponte que atravessa o Guaíba. A imagem permite também a identificação de grande parte do município de Canoas, ao norte de Porto Alegre, cuja mancha urbana se apresenta inteiramente integrada à da capital.

Atividades econômicas

O dinamismo da região metropolitana de Porto Alegre deve-se, sobretudo, à produção industrial, que durante muito tempo ligava-se ao beneficiamento de produtos agrícolas, como a indústria têxtil e a alimentar. Porém, a partir de 1970, teve início a instalação de fábricas de bens de consumo intermediários, com destaque para os ramos químico, metalúrgico, mecânico, material de transporte, material elétrico e de comunicações. Mais recentemente, surgem, nos anos 1990, novos ramos, como a indústria automobilística e a de computadores.

A atividade industrial se concentra sobretudo no Vale do Rio dos Sinos, no eixo da BR-116, ao norte da capital, onde se encontram municípios especializados no setor de couro e de calçados, a exemplo de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Esses municípios possuem, no entanto, uma indústria diversificada para atender, em grande parte, à própria cadeia coureiro-calçadista. Já Canoas abriga um Terminal da Petrobras e a Refinaria Alberto Pasqualini, que produz óleo diesel, gasolina, gás de cozinha, querosene de aviação, nafta e outros.

Apesar dessa concentração industrial no eixo da BR-116, essa atividade está presente também em Porto Alegre e tem se expandido por outros municípios da região metropolitana, como Triunfo, onde foi implantado um Pólo Petroquímico. Deve-se registrar também que em Gravataí a General Motors instalou uma montadora de automóveis, enquanto em Alvorada a Dell inaugurou uma fábrica de computadores.

Ao contrário dos municípios localizados no norte da região metropolitana, mais especializados, Porto Alegre possui um parque industrial bastante diversificado. Observa-se, no entanto, que o setor industrial da capital vem perdendo posição em relação às atividades terciárias, em função do crescimento do comércio e dos serviços. Nesse sentido, Porto Alegre se destaca por abrigar as sedes administrativas de algumas das mais importantes empresas gaúchas, como a VARIG, Gerdau, Ipiranga e Rede Brasil Sul de Comunicação.

Além disso, a cidade vem sendo procurada também por empresários nacionais e estrangeiros, que decidiram instalar filiais na capital gaúcha, para facilitar as transações comerciais com o Mercosul, em função de sua posição estratégica em relação aos países que o compõem. Tais movimentações têm estimulado a indústria hoteleira, visando o apoio ao crescente fluxo de empresários e profissionais liberais.

Outra atividade que vem se expandindo em Porto Alegre é o turismo, por ser porta de entrada para os que buscam as atrações das cidades serranas de Gramado e Canela, a região vinícola de Bento Gonçalves, as áreas históricas das Missões Jesuíticas ou os seus aspectos naturais, como os cânions e as praias.

Densidade e crescimento populacional

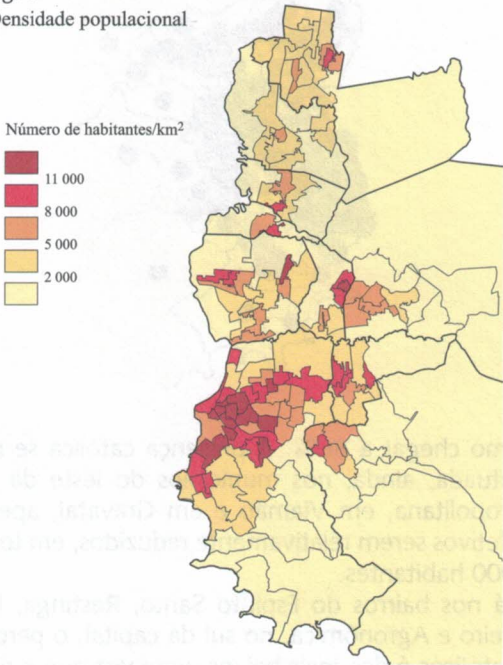
O mapa com a distribuição das taxas de densidade demográfica na região metropolitana de Porto Alegre revela grandes contrastes (Fig.1). Assim, as mais altas densidades populacionais se encontram na capital, prolongando-se na direção norte, pelo eixo da BR-116, onde se localizam os municípios economicamente mais dinâmicos da região metropolitana, como Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Novo Hamburgo e, no sentido nordeste, Alvorada e Gravataí.

No município de Porto Alegre as taxas de densidade mais elevadas se concentram no Centro e num grande número de bairros próximos, que se estendem na direção leste, como Moinhos de Vento, Monte Serrat e Bela Vista, e na direção sul, a exemplo de Santa Tereza. Essas áreas, que se apresentam muito concentradas, contrastam com a maior parte do município, que se caracteriza por reduzidas taxas de densidade demográfica. Da mesma forma que em Porto Alegre, nos municípios que integram a sua região metropolitana há diferenças acentuadas quanto à repartição da população.

Porto Alegre apresentou, no período de 1991 a 2000, um aumento de 97 189 habitantes, numa taxa

média de crescimento anual de 0,8%, uma das mais baixas verificadas entre as capitais brasileiras. Já os municípios da periferia metropolitana registraram aumentos significativos de população, ao incorporarem, nesse mesmo período, 356 834 habitantes, numa taxa de 2,1%.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Porto Alegre, como a redução do percentual de católicos, ao

mesmo tempo em que aumentavam as porcentagens dos evangélicos pentecostais, das pessoas que se declaravam sem religião e do grupo *outras religiões*.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Porto Alegre		Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	Município	73,8	3,1	5,5	9,4	8,2
	Resto da RM	75,4	5,9	8,9	5,1	4,7
1991	Município	79,6	3,4	3,1	8,4	5,4
	Resto da RM	81,9	6,3	5,8	3,7	2,4
2000-1991	Município	-5,9	-0,3	2,4	1,0	2,8
	Resto da RM	-6,6	-0,4	3,2	1,5	2,3

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

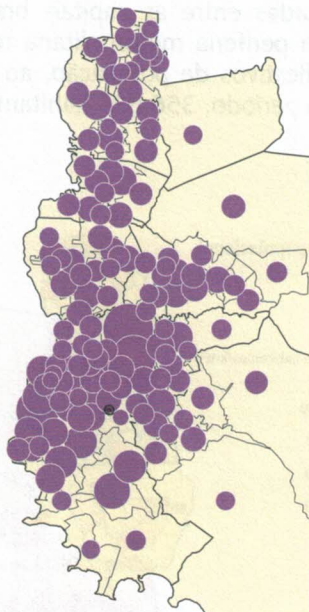
Apesar de o Rio Grande do Sul ser conhecido pela importância dos luteranos em áreas de imigração alemã, Porto Alegre não compartilha desse *regionalismo religioso*, que tem sua origem no século XIX. Assim, o catolicismo congrega, na capital gaúcha, quase 74% da sua população e, no resto da região metropolitana, um pouco mais de 75% (Tab.1). Desse modo, o município de Porto Alegre ocupa o sexto lugar, entre as capitais brasileiras, em relação à importância do catolicismo, sendo, aliás, a que revelou a menor perda de fiéis no

país: um decréscimo de -5,9 pontos percentuais, entre 1991 e 2000.

Este quadro se traduz por elevados percentuais de católicos na maior parte dos bairros do norte da cidade, onde praticamente três habitantes em cada quatro se declaram católicos (Figs. 2 e 3). Registram-se também percentuais elevados no eixo mais urbanizado que liga Porto Alegre a Novo Hamburgo, passando por Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul e São Leopoldo, onde, em geral, mais de 75% dos habitantes são católicos, podendo

Fig. 2
Religião Católica
Apostólica Romana

Número de pessoas
68 115
30 060
7 293



mesmo chegar a 86%. A presença católica se mostra acentuada, ainda, nos municípios do leste da região metropolitana, em Viamão e em Gravataí, apesar de os efetivos serem relativamente reduzidos, em torno de 15 000 habitantes.

Já nos bairros do Espírito Santo, Restinga, Lomba Pinheiro e Agronômica, no sul da capital, o percentual de católicos é dos mais baixos, uma vez que o número de fiéis se situa entre 60% e 69% da população.

Evangélicos de Missão

Os evangélicos de missão se mostram mais expressivos nos municípios da periferia do que no da capital, uma vez que os seus percentuais correspondem, respectivamente, a 5,9% e a 3,1% da população. Observa-se ainda que esse grupo religioso apresentou um ligeiro declínio, tanto na capital quanto na periferia, no perí-

Fig. 4
Religiões Evangélicas
de Missão

Número de pessoas
3 817
1 334
121

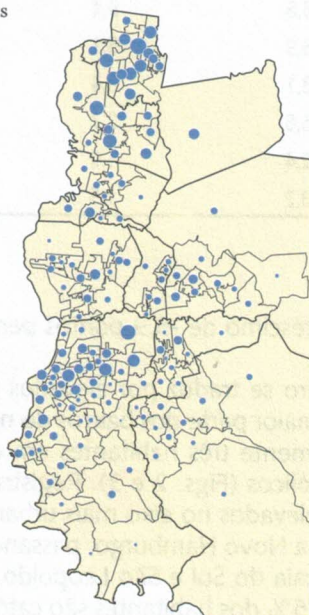
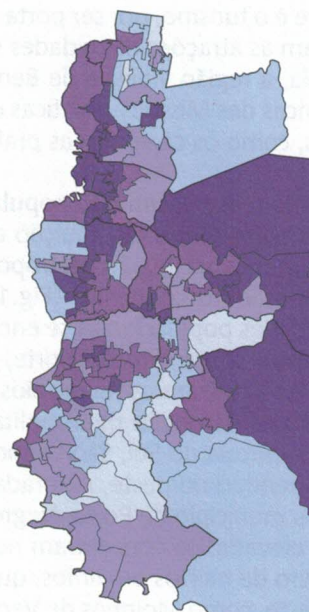


Fig. 3
Religião Católica
Apostólica Romana

% na população total

86,3
79,9
75,8
72,8
69,1
59,5



odo de 1991 a 2000. Dentre os grupos que integram essa confissão religiosa, os luteranos predominam, com 2,5% da população, seguidos, de longe, pelos batistas e adventistas.

A distribuição geográfica dos fiéis revela que é no município de Novo Hamburgo que a presença dos evangélicos de missão é mais visível, já que em muitos bairros os percentuais se situam entre 15% e 20% da população (Figs. 4 e 5). Fora dessa área, apenas Porto Alegre e Canoas possuem alguns bairros com certa importância dos protestantes tradicionais.

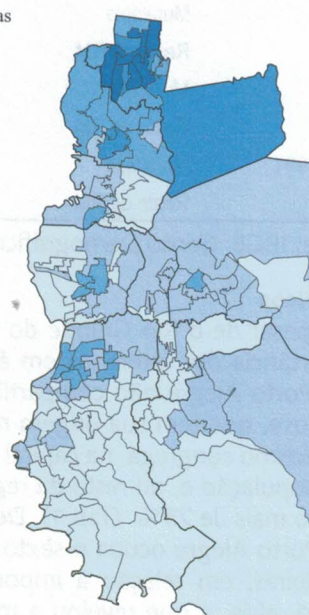
Evangélicos Pentecostais

Os evangélicos pentecostais são muito pouco expressivos em Porto Alegre, representando 5,5% da população, uma das mais baixas porcentagens entre as capitais do país, superada apenas por Teresina. Já

Fig. 5
Religiões Evangélicas
de Missão

% na população total

19,8
15,2
11,5
5,8
3,0
1,0



nos municípios periféricos eles equivalem a 8,9%, peso bem mais elevado do que o da capital. A sua variação ao longo da década, +2,4 pontos percentuais no município de Porto Alegre, revela que a capital gaúcha foi a que apresentou o menor crescimento dos pentecostais entre as capitais brasileiras.

A distribuição dos seus percentuais mostra a que em Porto Alegre os pentecostais estão mais presentes em Lomba Pinheiro, Agronômica e V. João Pessoa, umas das áreas menos católicas da capital (Figs. 6 e 7). Já nos municípios da periferia, é em Alvorada, Cachoeirinha, Canoas, São Leopoldo e Novo Hamburgo que eles estão mais presentes.

Dentre as igrejas pentecostais existentes na capital gaúcha, destacam-se a Assembléia de Deus, que reúne 3,5% de fiéis, e a Igreja Universal do Reino de Deus,

com 2,9% de adeptos, não se observando diferenças significativas quanto à sua distribuição geográfica.

Sem religião

Porto Alegre, com 8,2% dos seus habitantes se declarando sem religião, situa-se numa posição intermediária em relação às demais capitais do país, entre o maior percentual verificado em Salvador (18,1%) e o menor registrado em Teresina (3,4%). No restante da sua região metropolitana, a proporção dos sem-religião é mais reduzida, da ordem de 4,7%. Observou-se que, no período de 1991 a 2000, o seu crescimento foi um pouco maior na capital do que na periferia.

A distribuição dos percentuais dos sem-religião revela que na maior parte da capital, bem como em Alvorada e Viamão eles se mostram mais expressivos, entre 9,8%

Fig. 6
Religiões Evangélicas
Pentecostais

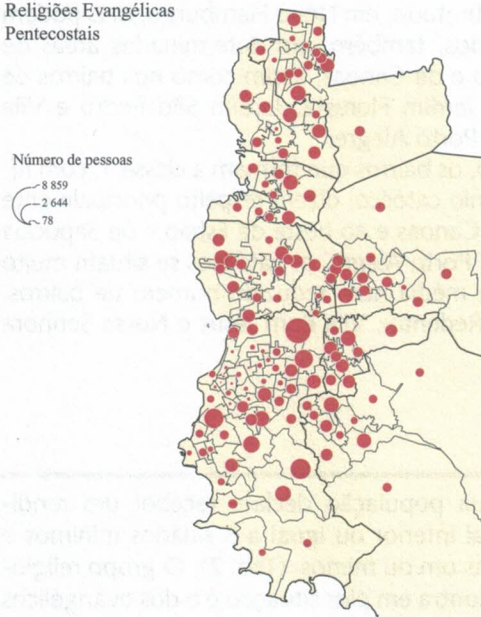


Fig. 7
Religiões Evangélicas
Pentecostais

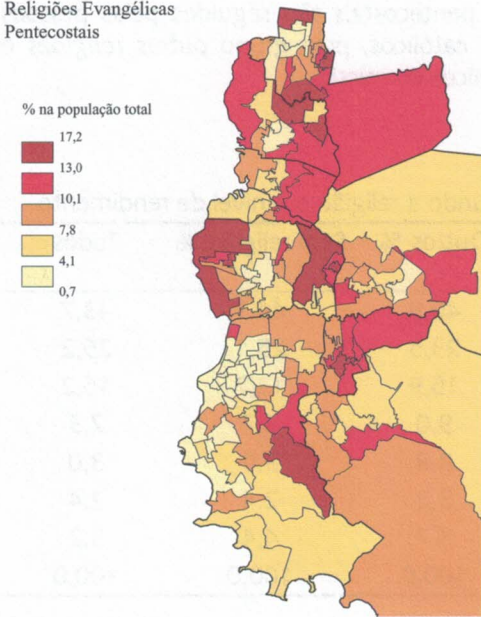


Fig. 8
Pessoas sem religião

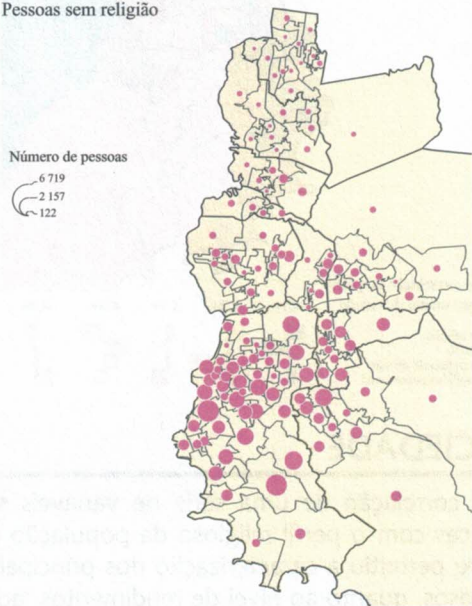
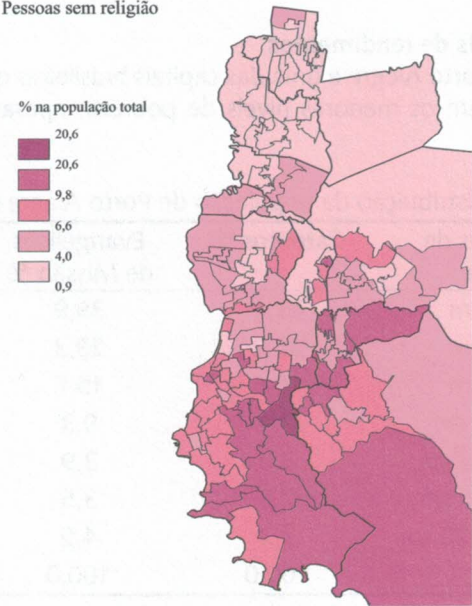


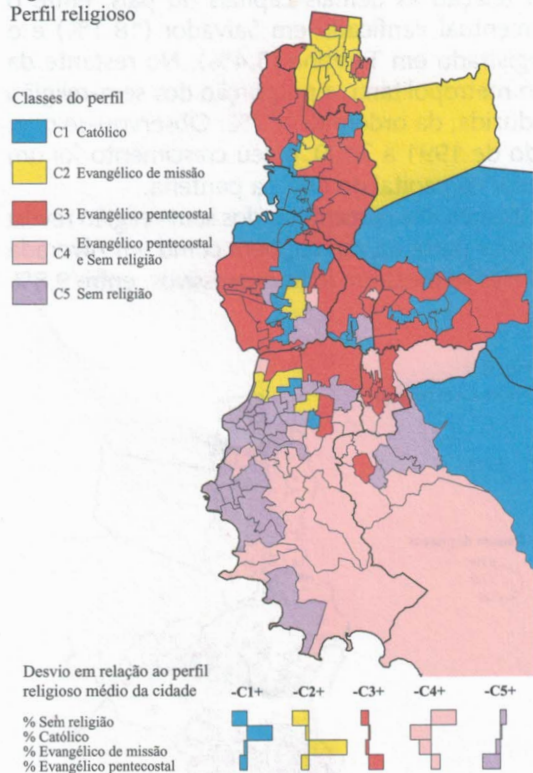
Fig. 9
Pessoas sem religião



e 20,6% (Figs. 8 e 9). Já no norte de Porto Alegre e nos municípios setentrionais, a sua participação na população se apresenta bem menos elevada, situando-se, geralmente, abaixo de 6%. Observa-se assim uma nítida diferença entre a metade-sul da região metropolitana,

onde o não-pertencimento a uma religião se mostra mais freqüente, e a metade-norte, mais religiosa.

Fig. 10
Perfil religioso



Perfil religioso

Na região metropolitana de Porto Alegre foram identificadas cinco classes de acordo com o perfil religioso de sua população (Fig.10). Os bairros centrais da capital fazem parte da classe 5, na qual se destacam os sem-religião, enquanto os evangélicos de missão e, principalmente, os pentecostais se situam abaixo das suas médias. Já a classe 4, que abrange grande parte do município de Porto Alegre, se caracteriza também pelo peso das pessoas sem religião, apresentando, no entanto, uma certa expressão dos evangélicos pentecostais.

A classe 3, que revela a maior importância dos evangélicos pentecostais, é encontrada no extremo norte da capital e nas áreas periféricas dos municípios setentrionais da região metropolitana. Por sua vez, os evangélicos de missão, identificados na classe 2, estão presentes, sobretudo, em Novo Hamburgo, mas podem ser encontrados, também, em determinadas áreas de São Leopoldo e de Canoas, assim como nos bairros de Navegantes, Jardim Floresta, Jardim São Pedro e Vila Ipiranga, em Porto Alegre.

Por último, os bairros que formam a classe 1, com nítido predomínio católico, dizem respeito principalmente ao centro de Canoas e ao oeste de Esteio e de Sapucaia do Sul. Já em Porto Alegre, os católicos se situam muito acima de sua média num reduzido número de bairros, como Cristo Redentor, Vila Bom Jesus e Nossa Senhora de Fátima.

SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Porto Alegre permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, ao tipo de moradia, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Porto Alegre é uma das capitais brasileiras que apresentam os menores níveis de pobreza, apesar de que

68,9% da sua população declare receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 43,7% apenas um ou menos (Tab. 2). O grupo religioso que se encontra em pior situação é o dos evangélicos pentecostais, já que 55% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, pelo grupo *outras religiões* e pelos evangélicos de missão.

Tabela 2

Distribuição da população de Porto Alegre com 10 anos e mais segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	43,1	39,9	55,0	40,9	44,7	43,7
2-3 sm	25,2	23,3	28,2	23,5	25,1	25,2
4-6 sm	15,6	15,6	11,3	15,9	13,7	15,2
7-10 sm	7,4	9,3	3,5	9,0	6,7	7,3
11-16 sm	3,0	3,9	1,0	3,8	3,0	3,0
17-20 sm	2,5	3,5	0,5	3,2	2,4	2,4
> de 20 sm	3,2	4,5	0,5	3,7	4,4	3,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* se caracteriza pela maior importância das categorias de 0 a 3 salários mínimos, enquanto todas as outras se situam abaixo do perfil médio. Sua distribuição mostra que ela caracteriza os bairros periféricos, tanto da capital quanto de Canoas e São Leopoldo (Fig. 11). Além dessas áreas, ela diz respeito ainda à quase totalidade dos municípios de Sapucaia do Sul, Novo Hamburgo, Gravataí e Viamão. Do ponto de vista religioso, nenhum grupo apresenta, nesta classe de rendimentos, as suas porcentagens mais elevadas (Tab. 3).

Assim como a classe anterior, a de rendimentos *baixos* se caracteriza pela maior importância das categorias de 0 a 3 salários mínimos, apresentando, porém, maiores desvios positivos de 2 a 3 salários, o que expressa uma situação um pouco menos grave. Esta classe, praticamente, não diz respeito à capital, mas a bairros da periferia metropolitana, onde ela se mostra como uma variação da classe de rendimentos muito baixos. Em termos de composição religiosa, é aí que os pentecostais alcançam a sua mais alta porcentagem.

Já a classe de rendimentos *médios baixos* possui sua moda em 5 salários mínimos, com maiores desvios positivos de 3 a 7 salários. Este perfil caracteriza bairros de classe média baixa que se distribuem por toda a região metropolitana, encontrando-se afastados do centro de Porto Alegre, mas próximos, muitas vezes, da parte central de Canoas e de São Leopoldo. É nesta classe que os católicos obtêm a sua porcentagem mais elevada.

Fig. 11
Rendimentos

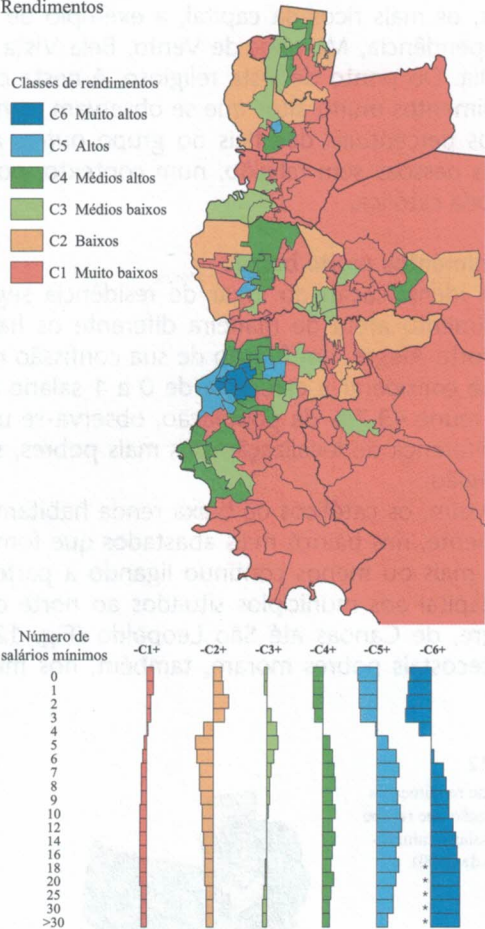


Tabela 3

Distribuição da população de Porto Alegre com 10 anos e mais segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	73,81	3,22	9,20	6,68	7,08	100
Baixos	71,96	4,71	12,68	4,43	6,22	100
Médios baixos	76,62	5,18	6,18	7,04	4,98	100
Médios altos	76,51	5,45	3,31	8,90	5,82	100
Altos	75,94	4,95	1,93	10,25	6,94	100
Muito altos	75,66	4,92	0,96	10,53	7,92	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Em relação à classe de rendimentos *médios altos* observa-se que ela apresenta desvios positivos significativos a partir de 5 salários mínimos. Tal perfil caracterizaria bairros de classe média, muito diversificados, porém, do ponto de vista sociológico. No município da capital os bairros em questão formam dois diferentes blocos: um a noroeste do Centro e outro ao sul, às margens do Guaíba. Fora da capital, bairros com este perfil são encontrados também em Canoas, São Leopoldo e Novo Hamburgo. A sua composição religiosa revela que são evangélicos de missão os que alcançam aí os seus melhores percentuais.

Quanto à classe de rendimentos *altos* , verifica-se que ela apresenta maior importância das faixas de renda su-

periores a 5 salários mínimos, com desvios positivos significativos de 6 a 18 salários. Com tal amplitude, este perfil traduz uma certa diversidade do ponto de vista social, apresentando, no entanto, uma tendência mais acentuada em relação aos altos salários. Na capital, o Centro e bairros próximos se situam nesta classe de rendimentos, enquanto nos municípios da região metropolitana ela é encontrada apenas nos bairros com melhores condições de vida de Canoas e de São Leopoldo.

Por fim, a classe de rendimentos *muito altos* apresenta nítidos desvios positivos das classes de rendimentos superiores a 7 salários mínimos, com picos a partir de 18 salários. Chama atenção o fato de que apenas na capital sejam encontrados bairros com este perfil

de renda. Trata-se de um conjunto de bairros contíguos, os mais ricos da capital, a exemplo de Bonfim, Independência, Moinhos de Vento, Bela Vista e Santa Cecília. Do ponto de vista religioso, é nesta classe de rendimentos muito altos que se observam os mais elevados percentuais dos fiéis do grupo *outras religiões* e das pessoas sem religião, num contexto, porém, de maioria católica.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência segundo o rendimento afeta de maneira diferente os habitantes de Porto Alegre, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne 43,7% da população, observa-se uma nítida diferença de localização dos mais pobres, segundo a religião.

Assim, os católicos de baixa renda habitam, principalmente, nos bairros mais abastados que formam um eixo mais ou menos contínuo ligando a parte central da capital aos municípios situados ao norte de Porto Alegre, de Canoas até São Leopoldo (Fig. 12). Já os pentecostais pobres moram, também, nos municípios

do norte da região metropolitana, porém, de um lado e do outro desse eixo mais católico, bem como nos bairros populares do sudeste da capital (Fig. 13). Finalmente, as pessoas sem religião de mais baixa renda estão claramente concentradas na periferia sul da região metropolitana, em bairros com baixos níveis de renda e de educação (Fig. 14).

Favelas

Apesar de Porto Alegre ser conhecida pelos seus bons indicadores de qualidade de vida, as favelas estão presentes em grande parte da cidade, abrigando um contingente de quase 200 000 habitantes, o que corresponde a 6,8% da sua população. Elas se distribuem principalmente pela parte central da cidade, nas proximidades de bairros mais abastados, como a que existe em Santa Tereza, a maior delas (Fig. 15).

Do ponto de vista religioso, a população das favelas apresenta diferenças significativas em relação aos demais habitantes de Porto Alegre, observando-se, por exemplo, uma participação maior, entre os seus moradores, dos evangélicos pentecostais e das pessoas sem religião (Tab. 4).

Fig. 12

Total de rendimentos
População que recebe
até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

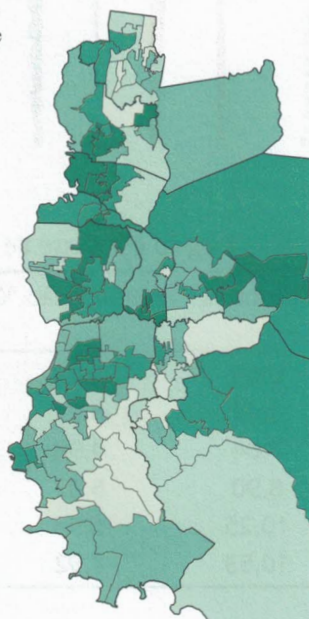
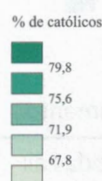


Fig. 13

Total de rendimentos
População que recebe
até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

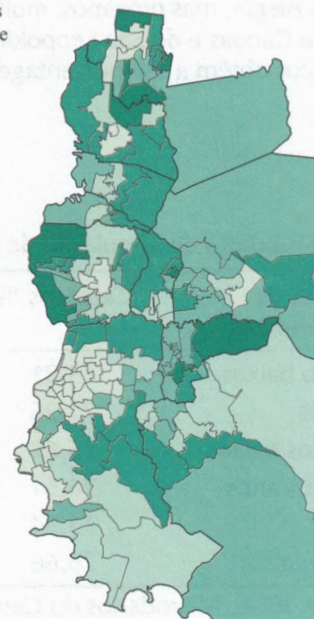
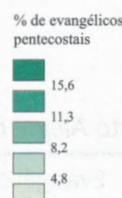


Tabela 4

Distribuição da população de Porto Alegre segundo a religião e o setor de residência

Tipo de setor	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
Setor normal	2145244	123782	198108	210708	175652	2853494
%	75,18	4,34	6,94	7,38	6,16	100
Setor subnormal	131523	3430	25897	10375	21798	193023
%	68,14	1,78	13,42	5,38	11,29	100
%subnormal- %normal	-7,04	-2,56	6,47	-2,01	5,14	

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Fig. 14
Total de rendimentos
População que recebe
até 1 salário mínimo
(julho de 2000)

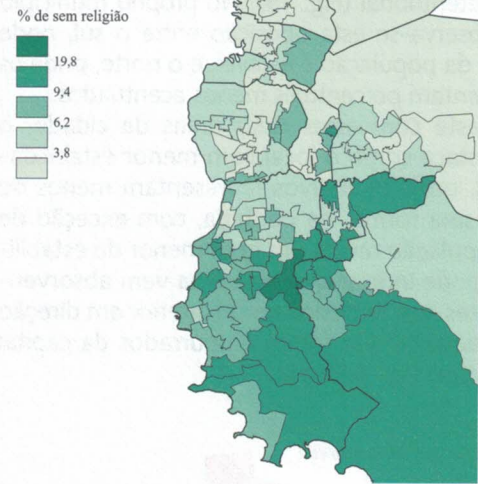
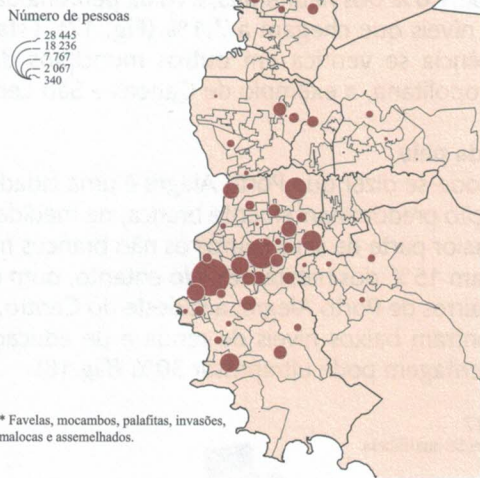


Fig. 15
Aglomerado subnormal*



Níveis de educação

Porto Alegre apresenta três tipos de bairros, em função do nível de educação de sua população. A distribuição geográfica das classes identificadas se assemelha muito à do mapa dos rendimentos (Figs. 11 e 16).

Os bairros de nível *baixo* possuem uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental ou ao antigo primário, destacando-se também pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. A geografia desta classe é a dos espaços periféricos pobres, localizados tanto no interior da capital, sobretudo na sua parte sul, quanto nos municípios da periferia metropolitana. É nesta classe com o mais baixo nível educacional que os evangélicos pentecostais apresentam o seu mais elevado percentual (Tab. 5).

Já em relação aos bairros de nível *médio*, observa-se que o ensino médio é o curso que mais se destaca. Este perfil está presente, principalmente, em bairros de Porto Alegre e de Canoas, sendo nessas áreas que o catolicismo alcança os seus mais elevados percentuais.

Finalmente, a classe de nível educacional *alto* é definida pela importância da graduação, mestrado ou doutorado e dos antigos cursos ginásial, clássico e científico. Trata-se dos bairros mais abastados da capital, onde os fiéis do grupo *outras religiões*, os evangélicos de missão e as pessoas sem religião registram aí os seus mais elevados percentuais, num contexto de predomínio católico.

Fig. 16
Níveis de estudos

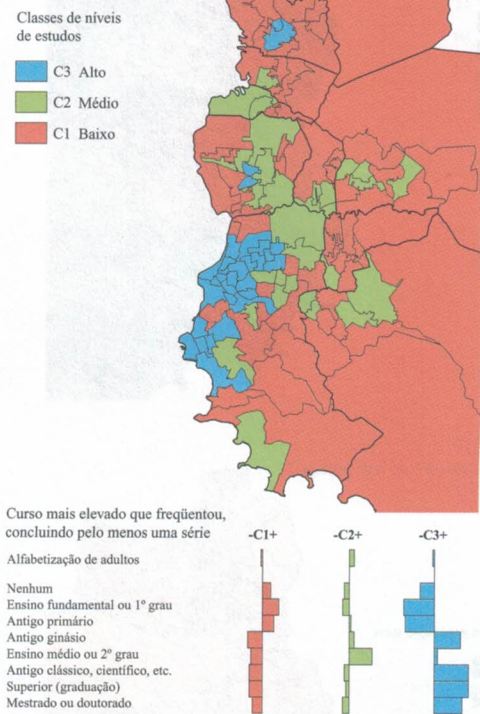


Tabela 5
Distribuição da população de Porto Alegre segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	73,63	3,83	9,90	5,95	6,70	100
Médio	76,03	3,90	6,63	7,61	5,84	100
Alto	75,74	5,25	2,40	9,84	6,77	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição geográfica dos analfabetos confirma a tendência de exclusão social do tipo centro-periferia, revelando uma grande diferença entre a situação dos bairros centrais de Porto Alegre, onde o analfabetismo aparece no seu nível mais baixo, correspondendo a menos de 1,6% dos habitantes, e os da periferia da capital, com níveis que chegam a 7,1% (Fig. 17). Esta mesma tendência se verifica em outros municípios da região metropolitana, a exemplo de Canoas e São Leopoldo.

Cor da pele

Pode-se dizer que Porto Alegre é uma cidade de população predominantemente branca, na medida em que na maior parte de seus bairros os não brancos não ultrapassam 15% dos habitantes. No entanto, num conjunto de bairros de Porto Alegre, a sudeste do Centro, onde se encontram baixos níveis de renda e de educação, esta porcentagem pode ultrapassar 30% (Fig. 18).

Fig. 17
População analfabeta

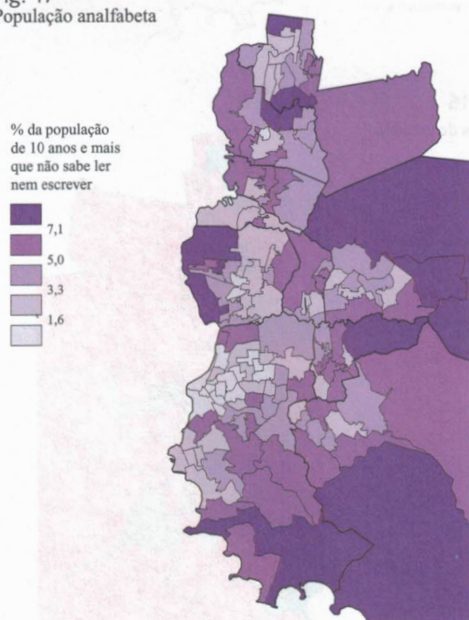
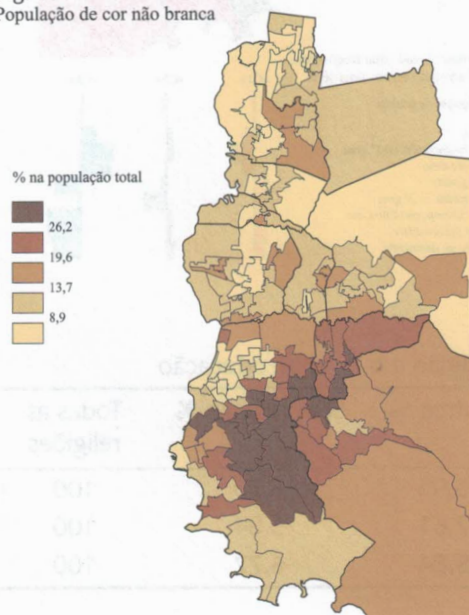


Fig. 18
População de cor não branca

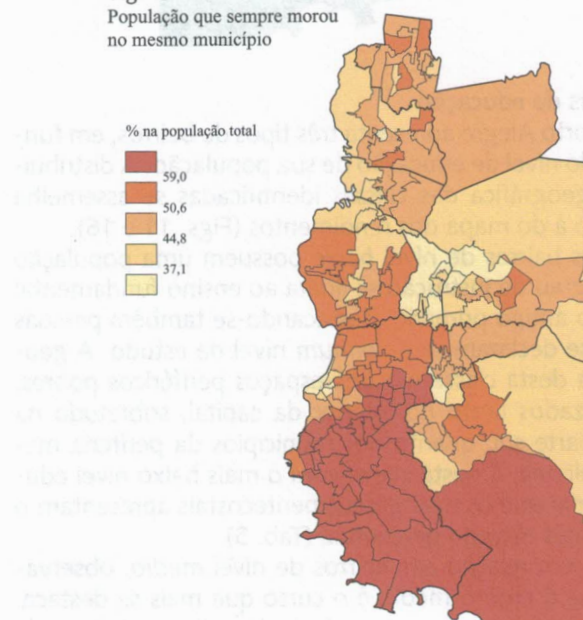


Estabilidade residencial da população

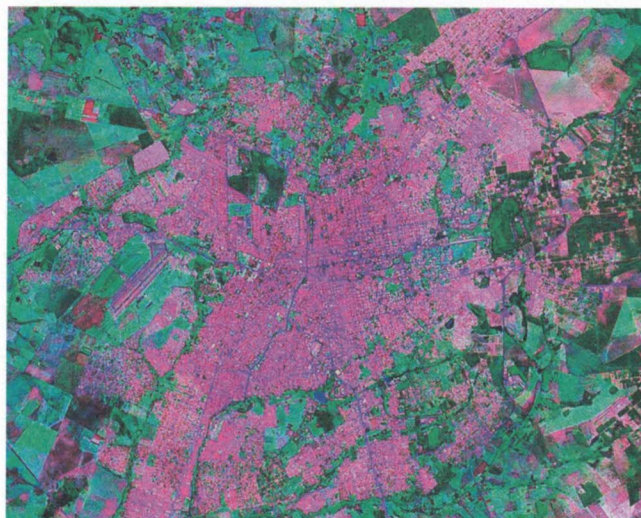
O mapa com a distribuição da população que sempre habitou na região metropolitana de Porto Alegre apresenta um nítido gradiente sul-norte, uma vez que a proporção de nativos na população total diminui em direção a sua parte setentrional (Fig. 19). No próprio município da capital, observa-se esta oposição entre o sul, onde mais de 60% da população é estável, e o norte, onde os nativos apresentam percentuais menos acentuados.

Em contraste com essas duas áreas da cidade, o Centro se destaca como o local com menor estabilidade da capital, onde os nativos representam menos de 35%. Da mesma forma, na periferia, com exceção de Canoas, a população revela um grau menor de estabilidade, o que pode indicar que essa área vem absorvendo os migrantes que se deslocam do interior em direção à capital ou aqueles que foram empurrados da capital para os municípios da periferia.

Fig. 19
População que sempre morou no mesmo município



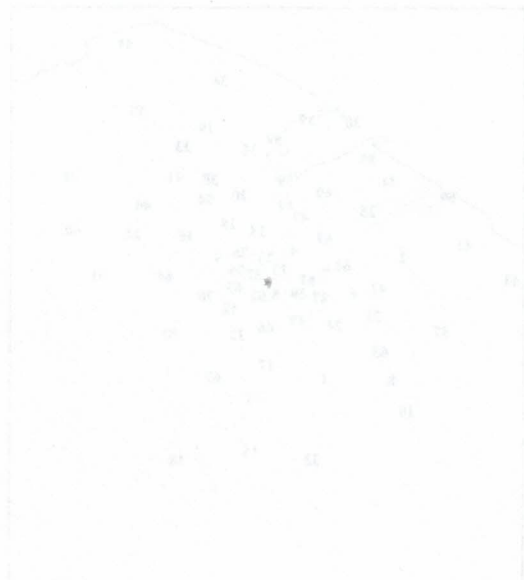
Campo Grande



Localização dos principais bairros

1. Centro	25. Jardim
2. Centro	26. Jardim
3. Centro	27. Jardim
4. Centro	28. Jardim
5. Centro	29. Jardim
6. Centro	30. Jardim
7. Centro	31. Jardim
8. Centro	32. Jardim
9. Centro	33. Jardim
10. Centro	34. Jardim
11. Centro	35. Jardim
12. Centro	36. Jardim
13. Centro	37. Jardim
14. Centro	38. Jardim
15. Centro	39. Jardim
16. Centro	40. Jardim
17. Centro	41. Jardim
18. Centro	42. Jardim
19. Centro	43. Jardim
20. Centro	44. Jardim
21. Centro	45. Jardim
22. Centro	46. Jardim
23. Centro	47. Jardim
24. Centro	48. Jardim

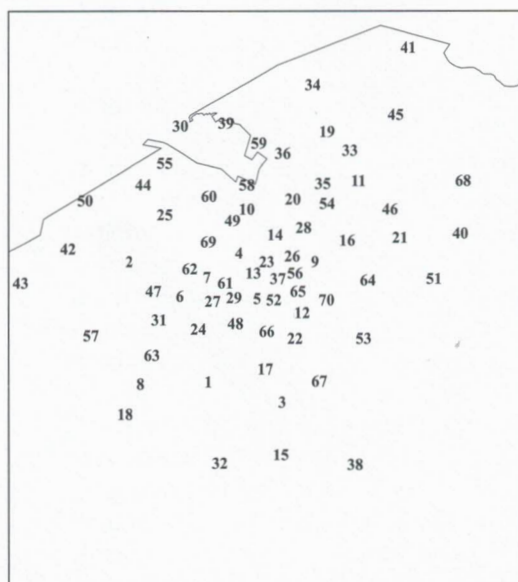
1. Centro	25. Jardim
2. Centro	26. Jardim
3. Centro	27. Jardim
4. Centro	28. Jardim
5. Centro	29. Jardim
6. Centro	30. Jardim
7. Centro	31. Jardim
8. Centro	32. Jardim
9. Centro	33. Jardim
10. Centro	34. Jardim
11. Centro	35. Jardim
12. Centro	36. Jardim
13. Centro	37. Jardim
14. Centro	38. Jardim
15. Centro	39. Jardim
16. Centro	40. Jardim
17. Centro	41. Jardim
18. Centro	42. Jardim
19. Centro	43. Jardim
20. Centro	44. Jardim
21. Centro	45. Jardim
22. Centro	46. Jardim
23. Centro	47. Jardim
24. Centro	48. Jardim



Novo Campo Grande



Localização dos principais bairros



- | | | |
|---------------------------|-----------------------------|----------------------------|
| 1 Aero Rancho | 24 Guanandy | 47 Parque União |
| 2 Aeroporto Internacional | 25 Imá | 48 Piratininga |
| 3 Alves Pereira | 26 Itanhangá Park | 49 Planalto |
| 4 Amambai | 27 Jacy | 50 Popular |
| 5 América | 28 Jardim dos Estados | 51 Pq. Maria A. Pedrossian |
| 6 Anahy | 29 Jockey Club | 52 Progresso |
| 7 Bandeirantes | 30 José Abrão | 53 Rita Veira |
| 8 Batistão | 31 Leblon | 54 Santa Fé |
| 9 Bela Vista | 32 Los Angeles | 55 Santo Amaro |
| 10 Cabreúva | 33 Mata do Jacinto | 56 São Bento |
| 11 Caranda Bosque | 34 Mata do Segredo | 57 São Conrado |
| 12 Carlota | 35 Monte Carlo | 58 São Francisco |
| 13 Carvalho | 36 Monte Castelo | 59 Seminário |
| 14 Centro | 37 Monte Líbano | 60 Sobrinho |
| 15 Centro Oeste | 38 Moreninha | 61 Taquarussú |
| 16 Chácara Cachoeira | 39 Nasser | 62 Taveirópolis |
| 17 Colonial | 40 Noroeste | 63 Tijuca |
| 18 Coopavila II | 41 Nova Lima | 64 Tiradentes |
| 19 Coronel Antonino | 42 Novo Campo Grande | 65 TV Morena |
| 20 Cruzeiro | 43 Núcleo Industrial | 66 UFMS |
| 21 Desbarrancado | 44 Panamá | 67 Universitário |
| 22 Dr. Albuquerque | 45 Parque dos Novos Estados | 68 Veraneio |
| 23 Glória | 46 Parque dos Poderes | 69 Vila Militar |
| | | 70 Vilasboas |

APRESENTAÇÃO

A capital de Mato Grosso do Sul localiza-se no centro do estado, a 500 metros acima do nível do mar. Com 663 621 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, concentra 32% da população estadual.

Campo Grande se constitui no mais importante centro comercial e de prestação de serviços do estado, ligando-se às principais capitais brasileiras por via aérea e por rodovias federais. Assim, ela é cortada por dois importantes eixos rodoviários que atravessam o estado, um no sentido norte-sul e outro na direção leste-oeste. O eixo leste-oeste é constituído pela BR-262, que liga Campo Grande à cidade de Corumbá, no oeste do estado, e a Três Lagoas, a leste. No sentido norte-sul, é atravessada pela BR-163, que estabelece as ligações entre as cidades de Naviraí, no sul do estado, até Coxim, no limite com Mato Grosso. Naturalmente, essas rodovias federais se conectam com outras que permitem a ligação de Campo Grande com as demais capitais do país e com os países com os quais Mato Grosso do Sul faz fronteira, Bolívia e Paraguai.

Origem e evolução

Campo Grande surgiu no fim século XIX como local de criação, engorda e comércio de gado por fazendeiros oriundos de Minas Gerais, Goiás e São Paulo, que se dirigiam à região em busca de terras ainda não valorizadas. Mais tarde, a chegada da ferrovia da Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 1914, que ligaria Bauru, no estado de São Paulo, até Corumbá, fez de Campo Grande um centro dinâmico que, na década de 1970, já ultrapassava Cuiabá, capital do então estado de Mato Grosso, quanto ao tamanho de sua população.

A ligação ferroviária com São Paulo foi, aos poucos, modificando a lógica dos fluxos de comercialização e circulação de mercadorias, pois deslocou as relações que a região mantinha com o mercado da Bacia do Prata para o emergente mercado paulista, fazendo de Campo Grande o entreposto comercial mais importante do estado de Mato Grosso. Na verdade, a estrada de ferro integrou duas bacias fluviais, a do Paraná com a do Paraguai, e permitiu a ligação com dois países vizinhos, a Bolívia, via Corumbá, e o Paraguai, através de Ponta Porã.

Em 1977, durante o governo do Presidente Ernesto Geisel, Mato Grosso do Sul foi desmembrado do antigo Mato Grosso, transformando-se em estado em 1979. Campo Grande foi transformada, então, na capital do novo estado que havia sido criado.

Expansão urbana

Campo Grande é uma cidade planejada, que se localiza em meio a uma vasta área verde, possuindo uma malha urbana em forma de tabuleiro de xadrez, com ruas largas e de grandes extensões, propiciadas pela declividade pouco acentuada do seu relevo. A expansão urbana encontra, no entanto, alguns obstáculos, como a existência de grandes áreas pertencentes ao Ministério da Defesa, ao Aeroporto Internacional de Campo Grande e à Cidade Universitária. No próprio perímetro urbano da capital há um grande parque ecológico natural, onde se localizam os prédios da administração estadual.

Inicialmente, a ocupação urbana se deu às margens dos córregos Prosa e Segredo e, a partir de 1914, com a construção da ferrovia, a cidade se expandiu no sentido oeste. Até a década de 1950, Campo Grande crescia, ordenadamente, em círculos concêntricos. Nos anos 1960, porém, surgem novas avenidas e novos bairros, promovendo assim a ampliação da sua mancha urbana.

É nos anos 1970, no entanto, que a cidade de Campo Grande vai sofrer grandes transformações, em decorrência das políticas do Governo Federal, que visavam a expansão da atividade agropecuária, para o plantio de trigo e soja em terras de cerrado, até então voltadas unicamente para a pecuária extensiva. Com esse objetivo, a Superintendência de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (SUDECO), através do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO), direcionou expressivos recursos para pesquisas na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), com vistas ao aproveitamento agrícola do ecossistema do cerrado.

Os investimentos no campo repercutiram, naturalmente, na capital, que se expandiu e viu sua população crescer, quer pela migração dos que deixavam as zonas rurais, em função das transformações que elas experimentavam, quer pelos que se dirigiam à capital, provenientes de outras regiões do país. Assim, Campo Grande passou a ter uma série de melhorias, como a construção de hospitais, a criação de cursos universitários, a abertura de agências bancárias, além da expansão do comércio e dos serviços.

Mais recentemente, como acontece, aliás, nas capitais brasileiras, o crescimento de Campo Grande vem ocorrendo através de um processo de verticalização, embora os prédios não se localizem de forma muito concentrada, com a manutenção de diversas construções baixas entre eles. Apesar de sua moderna estru-

tura urbana, a cidade apresenta, no entanto, grandes contrastes entre o centro e a periferia, com marcado desequilíbrio socioeconômico e crescente favelização. A população pobre vem se instalando sobretudo em áreas públicas, muitas delas junto a córregos, o que acarreta sérios problemas ambientais.

Uma boa visão do conjunto da cidade nos é dada pela imagem de satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, revelando acentuados contrastes entre a área urbana, de cor rosa, e as áreas verdes, com características ainda rurais. De fato, através desta imagem, podem ser identificadas diversas áreas de cultivo, mostrando o quanto a cidade está próxima de áreas agrícolas.

Observa-se, ainda, que a sua mancha urbana se apresenta mais adensada na parte central da cidade e nos bairros do seu entorno, tornando-se mais rarefeita, com maior presença de áreas verdes, à medida que se distancia do Centro, sobretudo em direção ao noroeste e ao sudeste da cidade. A imagem deixa claro também a presença de áreas com maior densidade de ocupação, em locais mais afastadas do Centro, principalmente no sudoeste e no nordeste da capital.

Atividades econômicas

As atividades econômicas mais importantes de Campo Grande são o comércio, os serviços e a agroindústria, representada pelas empresas processadoras de alimentos, que, desde o início da década de 1990, vêm mostrando significativo crescimento. Na verdade, a indústria de alimentos na capital de Mato Grosso do Sul é um reflexo da importância da atividade agropecuária no estado, desenvolvida com altos índices de produtividade.

Aliás, o desenvolvimento industrial de Campo Grande tem se beneficiado da construção do gasoduto Bolívia-Brasil, que se constitui no segundo maior empreendimento binacional de infra-estrutura já realizado pelo país, inferior apenas ao da Usina Hidrelétrica de Itaipu. O gasoduto atravessa o estado de Mato Grosso do Sul, passa por Campo Grande e chega até Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Com isso, inaugurou-se, em 1999, uma nova matriz energética, capaz de proporcionar energia segura, elemento fundamental para o crescimento econômico.

A disponibilidade de gás natural, além de possibilitar o seu uso na indústria, comércio, serviços, residências e

veículos, permite a construção de usinas termelétricas, que tornarão o estado menos dependente do sistema baseado em hidrelétricas. Em Campo Grande, encontra-se em operação, desde 2001, a Termelétrica William Arjona, que utiliza o gás natural proveniente da Bolívia.

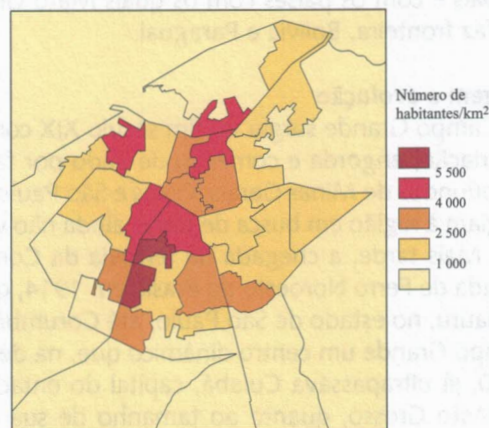
O turismo é uma outra atividade em expansão na capital, pois Campo Grande é uma das portas de entrada para o Pantanal, região que atrai turistas do país e do exterior, onde vem se desenvolvendo o ecoturismo. Além do Pantanal, as grutas e os rios transparentes de Bonito, município situado a 280 km a sudeste da capital, representam também um forte apelo turístico para a região.

Densidade e crescimento populacional

O mapa com a distribuição das taxas de densidade demográfica revela concentrações populacionais significativas na parte central da cidade, observando-se, no entanto, que os níveis mais elevados se encontram em bairros mais afastados do Centro, no sudoeste da cidade (Fig.1).

O município de Campo Grande apresentou, no período de 1991 a 2000, um crescimento populacional de 137 495 habitantes, numa taxa média de crescimento anual de 2,6%, uma das mais elevadas entre as capitais brasileiras. Este fato reflete a posição que a Região Centro-Oeste ocupa no país, uma das que tem apresentado mais elevados índices de crescimento demográfico.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Campo Grande, como a redução do percentual de católicos,

ao mesmo tempo em que aumentavam, sobretudo, as porcentagens dos evangélicos pentecostais e das pessoas que se declaravam sem religião.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Campo Grande (município)	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	64,5	6,1	13,7	6,2	9,4
1991	77,0	4,8	6,8	5,0	6,4
2000-1991	-12,5	1,4	6,9	1,2	3,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Campo Grande, com 64,5% de católicos na população, é uma das capitais brasileiras analisadas nesta pesquisa que apresentam um dos menores percentuais de fiéis dessa confissão religiosa (Tab.1). Com uma perda de -12,5 pontos percentuais, entre 1991 e 2000, nota-se que a tendência ao declínio, que teve início nos anos 1980, continuou a ocorrer num nível relativamente elevado.

O mapa dos católicos revela que os seus maiores percentuais se encontram na parte central da cidade (Figs. 2 e 3). Trata-se de bairros residenciais, a exemplo de Bela Vista, Itanhangá Park, São Bento e Cruzeiro, onde o catolicismo se mantém majoritário, uma vez que três quartos dos seus habitantes declaram pertencer a essa religião. Em torno desse núcleo bastante homogêneo do ponto de vista religioso, forma-se uma coroa, ainda que incompleta, onde os católicos já não apresentam percentuais tão elevados, uma vez que se situam entre 65% e 70% da população.

É no sudoeste da cidade, no entanto, que o catolicismo registra as suas mais baixas percentagens, inferiores a 60%, em bairros que vão do Aeroporto até Coopavila II, passando pelo Parque União, Leblon, Tijuca e Batistão.

Evangélicos de Missão

Com um pouco mais de 40 000 adeptos, os evangélicos de missão representam 6,1% da população de

Campo Grande, uma das mais altas porcentagens entre as capitais brasileiras. Entre 1991 e 2000, seu crescimento foi, no entanto, pouco significativo, +1,4 pontos percentuais. Dentre as religiões que integram o grupo dos evangélicos de missão, os batistas são os mais importantes, com 3,5% da população, seguidos, de longe, pelos adventistas, que reúnem apenas 1,7% de fiéis.

É sobretudo nos bairros do sudoeste da cidade, como Aeroporto, Parque União, Leblon, Tijuca e Batistão, que os evangélicos de missão se mostram mais concentrados, alcançando percentuais que chegam a representar de 9,6% a 10,5% da população (Figs. 4 e 5).

Evangélicos Pentecostais

Campo Grande, com cerca de 91 000 evangélicos pentecostais, que correspondem a 13,7% da sua população, situa-se em 4º lugar entre as capitais brasileiras quanto à importância desse grupo religioso. Observa-se, ainda, que a porcentagem de pentecostais dobrou entre 1991 e 2000, ao se registrar um aumento de +6,9 pontos percentuais, um dos maiores crescimentos entre as capitais brasileiras, no último período intercensitário.

O mapa dos pentecostais revela que no centro da cidade a sua presença é reduzida, da ordem de 5% a 6% da população (Figs. 6 e 7). Em seguida, numa coroa em torno da parte central, esse grupo religioso se situa com

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

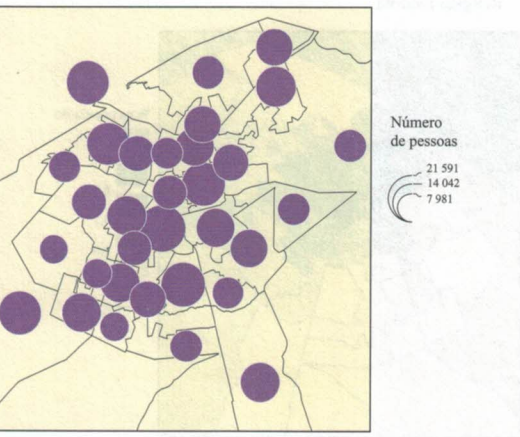


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana

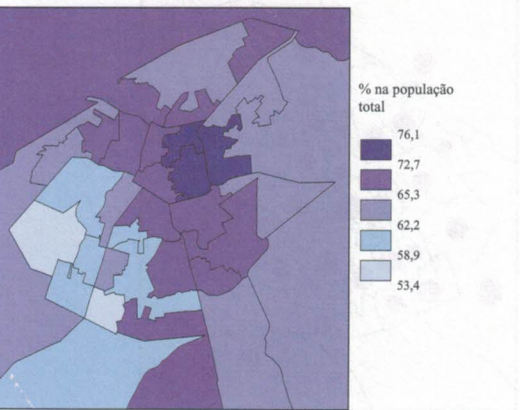


Fig. 4
Religiões Evangélicas de Missão

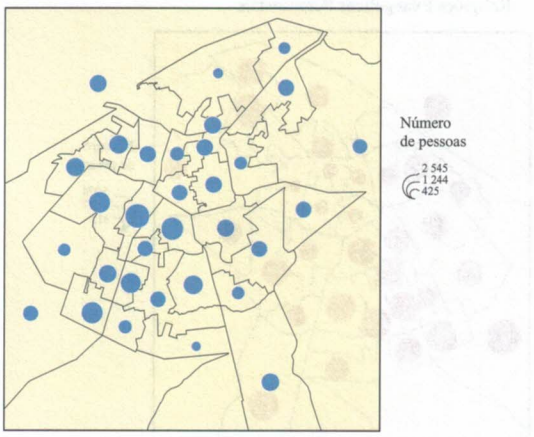
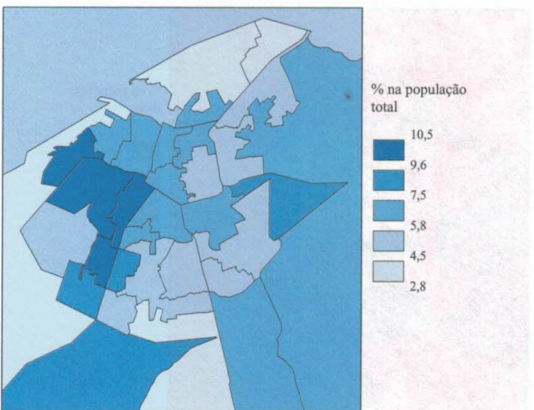


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão



percentuais um pouco mais elevados, em torno de 9% a 10%. Já nos bairros periféricos, como Aero Rancho, Los Angeles, Centro-Oeste, São Conrado e Novo Campo Grande, localizados na metade-sul da capital, o peso dos pentecostais se eleva bastante, de 18% a 22%.

Dentre as igrejas pentecostais existentes na capital de Mato Grosso do Sul, a Assembléia de Deus é a mais importante, com 4,6% dos habitantes, seguida pela Igreja Universal do Reino de Deus, com 2,9%, e pela Congregação Cristã do Brasil, com 2%.

Espíritas

Campo Grande conta com cerca de 18 000 adeptos do espiritismo, que correspondem a 2,7% da sua população. As maiores proporções de espíritas se encontram, principalmente, nos bairros situados a leste do centro cidade, como Santa Fé e Chácara Cachoeira, onde chegam a representar de 7% a 8% dos habitantes (Fig. 8). Observa-se, ainda, que os espíritas se situam nos bairros onde também é forte a presença católica, numa distribuição que difere completamente dos territórios pentecostais.

Sem religião

Com 9,4% da população se dizendo sem religião, Campo Grande situa-se numa posição intermediária em relação às demais capitais do país, entre o maior percentual verificado em Salvador (18,1%) e o menor registrado em Teresina (3,4%). No período intercensi-

tário de 1991 a 2000, observou-se um crescimento de +3 pontos percentuais dos sem-religião, um dos mais elevados entre as capitais brasileiras.

O mapa das pessoas sem religião apresenta uma nítida semelhança com o dos pentecostais, num padrão muito diferente daquele observado em relação aos católicos e aos espíritas (Figs. 9 e 10). Assim, a distribuição dos sem-religião em Campo Grande revela um gradativo aumento dos seus percentuais, à medida que se distancia do centro em direção à periferia. Os bairros onde os sem-religião estão mais presentes são Mata do Segredo, ao norte, São Conrado, a sudoeste, e, em menores proporções, os espaços periféricos do leste e do oeste.

Perfil religioso

A estrutura espacial da composição religiosa em Campo Grande apresenta uma forma relativamente simples, com quatro classes bem definidas (Fig. 11). A parte central da cidade revela um nítido predomínio católico (classe 1), enquanto um conjunto de bairros, que se estende do oeste ao sul dessa área, se caracteriza também pela importância desse grupo religioso, embora de forma menos significativa (classe 2). Além dessas duas classes, foi identificada uma outra que se refere aos evangélicos de missão, cujo principal reduto situa-se no sudoeste da capital (classe 3). Finalmente, o restante da periferia da cidade, com exceção do noroeste católico, reúne os pentecostais e as pessoas sem religião (classe 4).

Fig. 6
Religiões Evangélicas Pentecostais

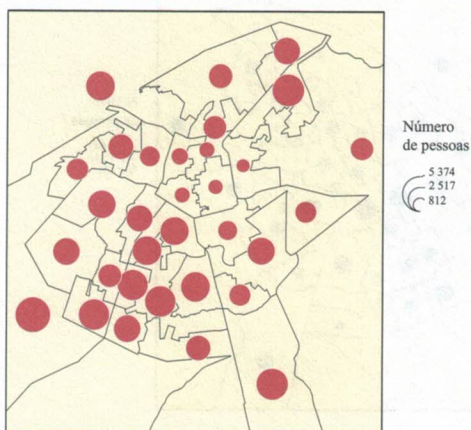


Fig. 7
Religiões Evangélicas Pentecostais

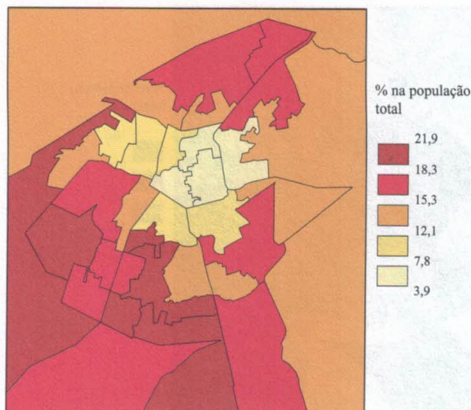


Fig. 8
Religião Espírita

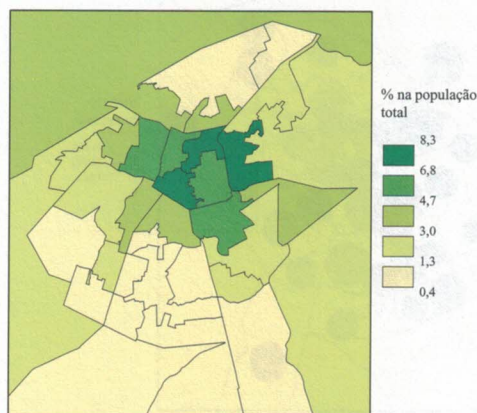


Fig. 9
Pessoas sem religião

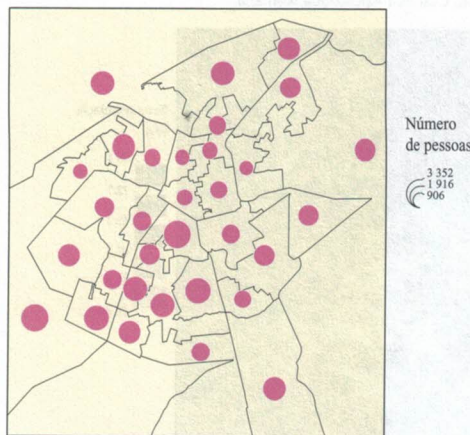


Fig. 10
Pessoas sem religião

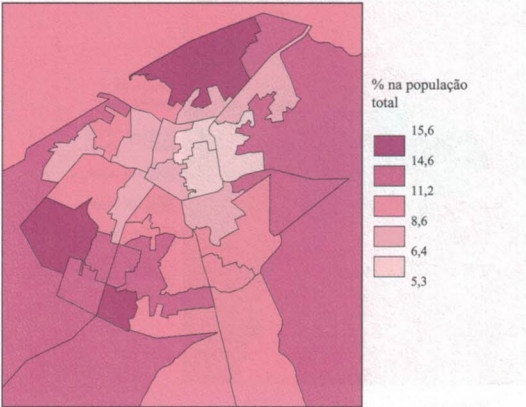
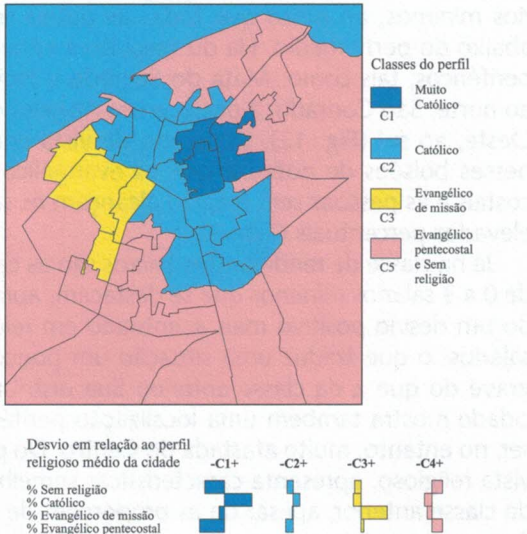


Fig. 11
Perfil religioso



SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Campo Grande permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Em Campo Grande 76,5% da população declara receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários

mínimos e 50,6% apenas um ou menos (Tab. 2), o que a situa em níveis intermediários em relação às demais capitais brasileiras. O grupo religioso que se encontra, no entanto, em pior situação é o dos evangélicos pentecostais, já que 58,7% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo, ao passo que os fiéis das demais confissões religiosas se mostram em melhor situação. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, evangélicos de missão e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2
Distribuição da população de Campo Grande com 10 anos e mais segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	49,6	48,5	58,7	46,7	50,0	50,6
2-3 sm	26,0	24,6	25,9	20,7	30,2	25,9
4-6 sm	11,6	13,4	9,7	13,0	10,8	11,5
7-10 sm	6,0	7,0	3,3	8,6	4,2	5,7
11-16 sm	2,3	2,6	1,0	3,5	1,6	2,2
17-20 sm	1,8	1,5	0,7	3,6	1,0	1,7
> de 20 sm	2,7	2,3	0,8	4,1	2,2	2,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* se caracteriza pela maior importância das categorias de 0 a 2 salários mínimos, ao passo que todas as outras se situam abaixo do perfil médio. Ela diz respeito a vários bairros periféricos, tais como: Mata do Segredo e Nova Lima, ao norte, São Conrado, a oeste, e Los Angeles e Centro Oeste, ao sul (Fig. 12). Do ponto de vista religioso, é nesses bolsões de pobreza que os evangélicos pentecostais e as pessoas sem religião alcançam os seus mais elevados percentuais (Tab. 3).

Já na classe de rendimentos *baixos* são as categorias de 0 a 3 salários mínimos que se destacam, apresentando um desvio positivo mais acentuado em relação a 3 salários, o que traduz uma situação um pouco menos grave do que a da classe anterior. Sua distribuição na cidade mostra também uma localização periférica sem ser, no entanto, muito afastada do Centro. Do ponto de vista religioso, apresenta características semelhantes às da classe anterior, apesar de as proporções de evangélicos pentecostais e de pessoas sem religião serem um pouco menores.

Em relação à classe de rendimentos *médios* , verifica-se que ela apresenta um perfil muito próximo ao da média da cidade, com maiores desvios positivos nas categorias de 4 a 12 salários mínimos. Trata-se de bairros que se localizam no leste e no oeste da capital, contornando a parte central da cidade, que apresenta rendimentos altos e muito altos. É nesses bairros que os evangélicos de missão alcaçaram as suas maiores porcentagens.

Fig. 12
Rendimentos

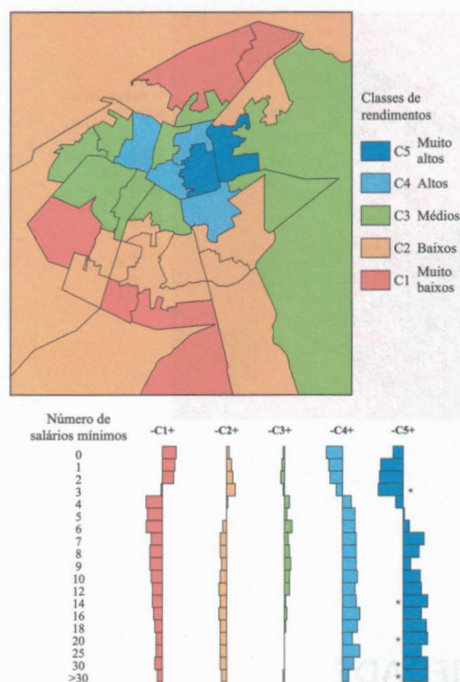


Tabela 3

Distribuição da população de Campo Grande com 10 anos e mais segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	60,93	3,86	18,19	3,73	13,29	100
Baixos	62,71	5,83	16,49	4,72	10,25	100
Médios	64,41	7,72	12,27	7,01	8,58	100
Altos	69,03	6,61	7,32	10,44	6,60	100
Muito altos	75,44	4,82	4,26	10,03	5,46	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *altos* revela desvios positivos significativos a partir de 4 salários mínimos. Tal perfil caracterizaria bairros de classe média, muito diversificados, porém, do ponto de vista sociológico. Nesta classe se inclui o Centro e bairros que formam uma área contígua que se prolonga na direção oeste e sul. É nesta classe que o grupo *outras religiões* apresenta os seus mais elevados percentuais.

Por fim, a classe de rendimentos *muito altos* apresenta uma importância maior das faixas de rendas mais elevadas, superiores a 5 salários mínimos, com picos a partir de 14 salários. Trata-se dos bairros residenciais mais abastados da capital, que formam uma área contínua, localizada na parte central da cidade. A sua composição religiosa revela que três habitantes em cada quatro são católicos.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência segundo o rendimento afeta de maneira diferente os habitantes de Campo Grande, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne 50,6% da população, observa-se uma nítida diferença de localização, segundo a religião. Assim, os católicos pobres situam-se, principalmente, nos bairros centrais, que se destacaram pelos níveis de renda mais altos da capital, contribuindo desse modo para uma certa diversidade social dessas áreas (Fig. 13). Já os evangélicos pentecostais (Fig. 14) e as pessoas sem religião (Fig. 15) estão localizados, sobretudo, nos bairros periféricos pobres da cidade.

Níveis de educação

Campo Grande apresenta três tipos de bairros, em função do nível de educação de sua população, com uma distribuição geográfica que se assemelha muito ao mapa dos rendimentos (Figs. 12 e 16).

O perfil dos bairros de nível *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, destacando-se também pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. A sua distribuição geográfica revela que este perfil caracteriza os espaços periféricos pobres do norte e do sul da cidade. É nessas áreas que os pentecostais e os sem-religião alcançam os seus maiores percentuais (Tab. 4).

Nos bairros que apresentam nível *médio* de educação, caracterizados pelo ensino médio, encontra-se também uma proporção significativa de pessoas com curso de alfabetização de adultos. Trata-se de bairros

localizados no leste e no oeste da cidade, cujo perfil religioso não difere muito do da classe anterior, destacando-se, no entanto, os evangélicos de missão por apresentarem aí os seus percentuais mais elevados.

Finalmente, a classe de nível *alto* é definida pela maior importância da graduação, mestrado ou doutorado e dos antigos ginásio, clássico e científico. Com este perfil, incluem-se os bairros mais abastados da parte central da capital, onde os católicos e o grupo *outras religiões* registram uma presença mais significativa.

Fig. 13
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

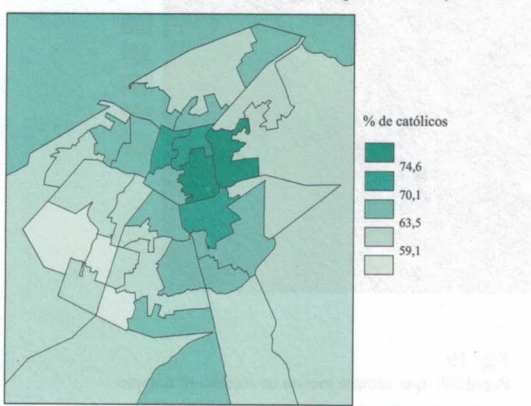


Fig. 14
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

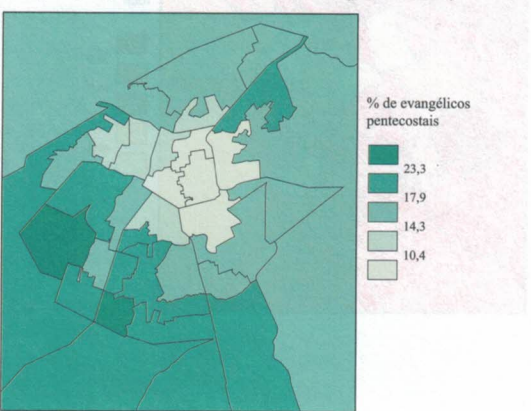


Fig. 15
Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

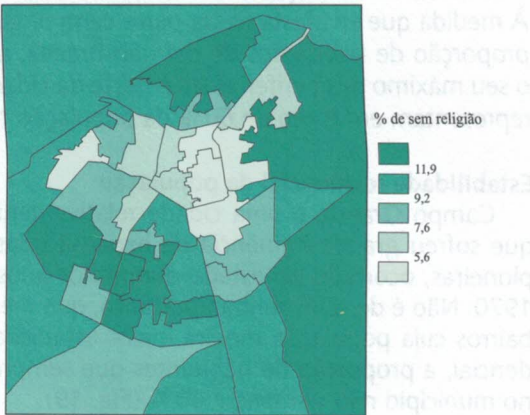


Fig. 16
Níveis de estudos

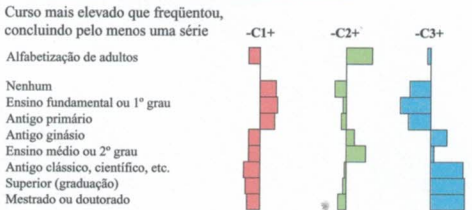
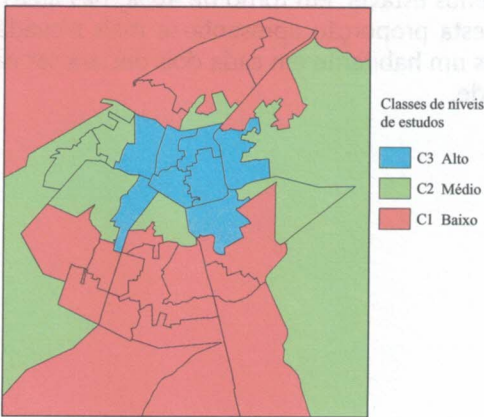


Tabela 4
Distribuição da população de Campo Grande segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	62,29	5,53	16,75	4,52	10,90	100
Médio	63,91	6,78	13,49	6,38	9,44	100
Alto	69,79	6,71	7,47	9,68	6,34	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A distribuição geográfica dos analfabetos confirma a tendência de exclusão social do tipo centro-periferia, revelando uma grande diferença entre a situação dos bairros centrais de Campo Grande, onde o analfabetismo aparece no seu nível mais baixo, correspondendo a menos de 2,9% dos habitantes, e os da periferia da capital, com níveis que podem chegar a 11,9% (Fig. 17).

Cor da pele

A distribuição da população de cor não branca acompanha o padrão dos outros indicadores socioeconômicos já analisados. Observa-se, assim, uma estrutura do tipo centro-periferia, na qual os brancos predominam na parte central da cidade, onde os rendimentos e os níveis de educação são os mais elevados (Fig. 18). À medida que se afasta dessa parte central, aumenta a proporção de habitantes de cor não branca, atingindo o seu máximo nas periferias sul e norte da cidade, onde representam em torno de 60% da população total.

Estabilidade residencial da população

Campo Grande é uma cidade relativamente nova, que sofreu grande influência da expansão das frentes pioneiras, ocorridas no estado durante os anos 1960 e 1970. Não é de se estranhar, portanto, que mesmo nos bairros cuja população mostra maior estabilidade residencial, a proporção de habitantes que sempre morou no município não ultrapasse 60% (Fig. 19).

A distribuição dos percentuais revela que, enquanto nos bairros mais abastados da parte central a população é menos estável, em torno de 40%, nas áreas periféricas esta proporção apresenta-se mais elevada, já que nelas um habitante em cada dois declara ser natural da cidade.

Fig. 17
População analfabeta

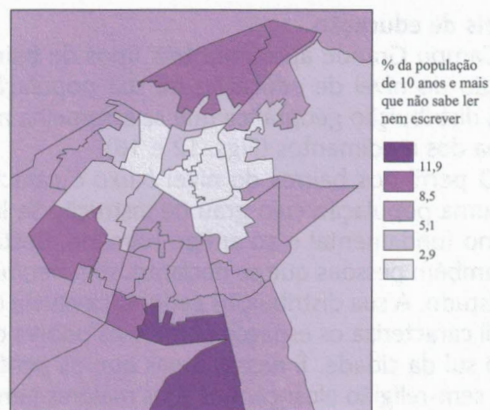


Fig. 18
População de cor não branca

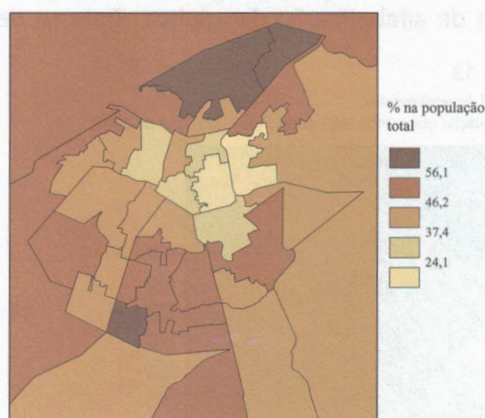
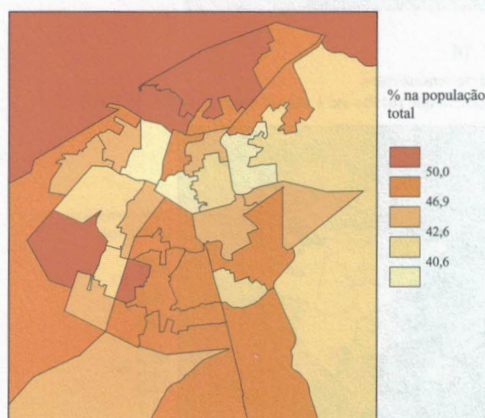
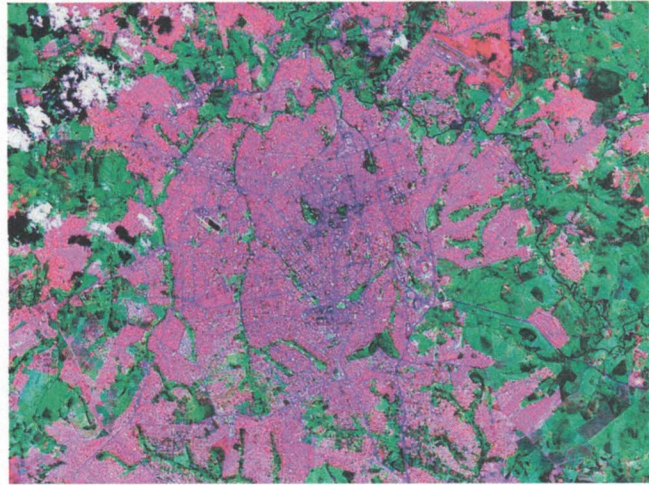


Fig. 19
População que sempre morou no mesmo município



Goiânia





Localização dos principais bairros

- 1 Aeroviários
- 2 Baliza-Itaipu
- 3 Bueno
- 4 Campinas
- 5 Campus Universitário/Conjunto Itatiaia
- 6 Cândida de Moraes/Maria Dilce
- 7 Capuava
- 8 Celina Park/Recreio dos Funcionários
- 9 Central
- 10 Cidade Jardim
- 11 Jardim América
- 12 Jardim Balneário Meia Ponte/Mansões Goianas
- 13 Jardim Europa
- 14 Jardim Guanabara
- 15 Jardim Novo Mundo
- 16 Jardim Primavera
- 17 João Braz
- 18 Leste Universitário
- 19 Marechal Rondon
- 20 Mutirão e Curitiba
- 21 Novo Horizonte/Faiçalville
- 22 Oeste
- 23 Parque das Laranjeiras e Jardim da Luz
- 24 Parque Santa Rita
- 25 Pedro Ludovico/Bela Vista/Jardins das Esmeraldas
- 26 Riviera/Água Branca
- 27 Santo Hilário
- 28 São Domingos
- 29 Sudoeste
- 30 Urias Magalhães
- 31 Vera Cruz
- 32 Vila Pedroso

APRESENTAÇÃO

A capital do estado de Goiás está localizada na parte central do estado, a 760 metros acima do nível do mar. Com 1 093 007 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, concentra 21,8% da população estadual.

A localização de Goiânia, próxima a Brasília, facilita o acesso a importantes rodovias que estabelecem a ligação da Capital Federal com Belém (BR-010), Fortaleza (BR-020), Rio de Janeiro (BR-040), São Paulo (BR-050), Campo Grande (BR-060) e Cuiabá (BR-070).

A capital goiana, além da sua função político-administrativa, se constitui no mais importante centro comercial e de prestação de serviços do estado, destacando-se, ainda, como um centro de excelência em algumas especialidades médicas.

Origem e evolução

Goiânia foi fundada em 1933, por Pedro Ludovico Teixeira, Interventor Federal durante o Governo de Getúlio Vargas (1930-1945), que decidiu concretizar o projeto de mudança da capital, há muito prevista. A antiga capital, a cidade de Goiás, tinha se originado em função da exploração do ouro que, desde a segunda metade do século XIX, apresentava-se em declínio.

A decisão de transferir a capital surgiu, então, da necessidade de melhor situá-la em relação às atividades econômicas mais dinâmicas do estado, a agricultura e a pecuária. Após uma série de estudos, a localidade de Campinas foi escolhida como local para a construção da nova capital, não só pelas suas qualidades quanto ao clima, topografia e recursos hídricos, mas também quanto à sua localização, em relação aos principais centros urbanos do Sudeste. A sua inauguração se deu, finalmente, em 1942.

Expansão urbana

O projeto inicial da nova capital teve uma concepção radial, com ruas e avenidas partindo em diagonal da Praça Cívica, onde se encontram os principais prédios da Administração Pública Estadual. Apesar de ter sido uma cidade planejada, Goiânia vem se expandindo de forma desordenada, principalmente, em função do seu acentuado crescimento demográfico, ao passar de 40 000 habitantes, em 1950, para mais de um milhão, no ano 2000.

Como resposta a esse aumento populacional, a cidade passou por diversos processos de expansão urbana, como a verticalização, que vem ocorrendo sobre-

tudo na parte sul da cidade, em bairros como Bueno, Bela Vista e Pedro Ludovico. Além disso, a expansão da cidade tem se dado também através da proliferação de ocupações, como as que vêm se verificando no noroeste e sudoeste de Goiânia.

Na verdade, a expansão desordenada da cidade vem ocorrendo desde a sua criação, mas foi impulsionada, no entanto, a partir dos anos 1950, quando Goiânia passou a atrair investidores, em busca de negócios, e migrantes, à procura de trabalho. Além disso, a construção de Brasília contribuiu para aumentar os fluxos migratórios para a capital goiana, gerando um crescimento acentuado de sua área urbana.

Um outro processo que vem se observando em Goiânia é a expansão das atividades da parte central da cidade em direção às áreas de moradia da elite local¹. Essa descentralização começou a se dar a partir da década de 1970, com a verticalização dos bairros que se situam próximo ao centro, a exemplo de Oeste e Bueno. Dá-se então um *abandono*, pelas camadas mais abastadas da sociedade, da parte central da cidade, que se torna mais popular.

Assim, esses bairros passaram a concentrar atividades diversas de comércio, serviços, lazer e cultura, destinadas a atender às classes de maior poder aquisitivo. Deu-se também um deslocamento, para essas áreas, de órgãos públicos, como a Assembléia Legislativa, o Fórum, a Polícia Federal, etc.

Esse processo de descentralização, comum nas capitais brasileiras, revela que Goiânia acompanha os padrões atuais da expansão urbana que acontece no país. Assim, apresenta problemas típicos das grandes cidades, como fortes contrastes sociais, congestionamentos de trânsito e carência de transporte, de moradias e de serviços de infra-estrutura básica.

Além disso, a incapacidade do poder público de atender às demandas por empregos, por parte dos migrantes que se dirigem a Goiânia, acaba gerando sérios problemas de exclusão social. Nesse contexto, a população que chega à capital, e que freqüentemente não consegue se inserir no mercado de trabalho urbano, se aglomera na periferia da cidade, contribuindo assim para a formação de bolsões de miséria.

Ainda como traço comum às demais capitais brasileiras, tem-se o crescimento do comércio informal, com a proliferação de camelôs pelas ruas e avenidas da cidade. Como se sabe, a crise na economia brasileira nos últimos vinte anos tem gerado uma legião de de-

¹ A esse respeito ver o trabalho de Flavia Maria de Assis Paula, Descentralização e segregação sócio-espacial em Goiânia: uma análise da centralidade dos setores Bueno, Oeste e Marista. In: <<http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo1/e1%20330.htm>>

sempregados, que buscam na atividade informal uma estratégia de sobrevivência.

Uma boa visão de conjunto da cidade de Goiânia nos é dada pela imagem de satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo, revelando a sua mancha urbana, de forma circular, com um núcleo central bastante denso. À medida que se distancia do centro, a ocupação urbana se mostra mais rarefeita, com maior presença de áreas verdes. Sobretudo na parte leste, percebem-se áreas com características ainda rurais, uma vez que parcelas de cultivo podem ser identificadas. A imagem deixa claro também a existência de locais com maior densidade de ocupação, afastados do centro, cercados de áreas verdes, que, no caso de Goiânia, podem indicar tanto a presença de condomínios fechados de moradores mais abastados quanto a ocupação do tipo favela.

Atividades econômicas

Com as políticas de expansão da fronteira agrícola, a partir dos anos 1970, incentivando o cultivo dos solos de cerrados, até então dedicados exclusivamente à pecuária extensiva, o ritmo de desenvolvimento de Goiás se acelerou e a agropecuária passou a ser desenvolvida com altos índices de produtividade.

Desse modo, devido à importância da agropecuária no estado, essa atividade vai fornecer as matérias-primas para as indústrias de transformação localizadas na capital goiana. Nesse contexto, vale destacar, então, os complexos agroindustriais da soja, carne, milho, algodão, trigo e tomate, produtos importantes na composição da pauta de exportação do estado.

Além dessas, se destacam em Goiânia outras atividades econômicas como o comércio, serviços, indústria farmacêutica, construção civil, confecção de roupas, fabricação de bebidas e de móveis.

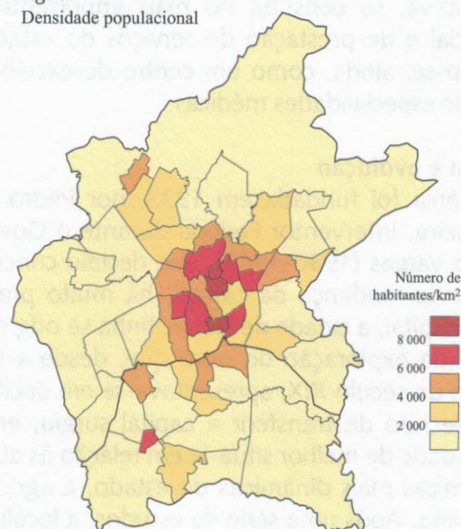
Densidade e crescimento populacional

O mapa com a distribuição das taxas de densidade demográfica em Goiânia revela um padrão que se ca-

racteriza por altos níveis concentrados na parte central da cidade e seu entorno, diminuindo gradativamente em direção à periferia (Fig.1). Assim, tem-se umas das mais altas taxas no bairro residencial de Oeste, enquanto no Setor Central, onde se concentram negócios e serviços, as densidades são um pouco menos elevadas. Neste mesmo nível, situam-se os bairros residenciais da parte sul da cidade, como Pedro Ludovico e Bela Vista, onde tem sido grande o processo de verticalização. Já em Aparecida de Goiânia, município que integra a região metropolitana, predominam baixas taxas na maior parte do seu território.

O município da capital apresentou, no período de 1991 a 2000, um aumento de 170 787 habitantes, numa taxa média de crescimento anual de 1,9%. Este significativo incremento populacional reflete a posição que a Região Centro-Oeste vem apresentando no país, uma das que tem registrado maiores índices de crescimento demográfico.

Fig. 1
Densidade populacional



RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Goiânia, como a acentuada redução do percentual de católicos, ao mesmo tempo em que aumentavam as porcenta-

gens dos evangélicos pentecostais, das pessoas que se declaravam sem religião e do grupo relativo a outras confissões religiosas.

Tabela 1
Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Goiânia (município)	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	60,8	4,6	16,0	8,4	10,1
1991	74,3	4,1	8,6	5,8	7,3
2000-1991	-13,5	0,5	7,5	2,6	2,9

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Goiânia, com 60,8% dos habitantes se declarando católicos (Tab.1), é a capital brasileira analisada nesta pesquisa que apresenta o menor percentual de fiéis desse grupo religioso. Com uma perda de -13,5 pontos percentuais, entre 1991 e 2000, nota-se que a tendência ao declínio do catolicismo, que teve início nos anos 1980, continuou a ocorrer num nível elevado. Trata-se, aliás, da terceira diminuição mais acentuada, inferior apenas à de Manaus e à de Salvador.

Apesar deste forte declínio da Igreja Católica em Goiânia, observam-se algumas áreas de resistência, localizadas, principalmente, na parte central da cidade, em bairros como Oeste e Bueno, onde o percentual de fiéis situa-se entre 66% e 73% (Figs. 2 e 3). A partir desse núcleo mais católico, os percentuais tendem a diminuir, como acontece em Recreio dos Funcionários e Parque Santa Rita, no sudoeste da cidade, ou em Jardim Balneário, no noroeste, bairros onde os católicos não ultrapassam 56% dos habitantes. Apesar dessa

tendência, é possível encontrar percentuais de católicos semelhantes aos da parte central, em bairros mais afastados, como Santo Hilário, a nordeste, ou no leste de Aparecida de Goiânia.

Evangélicos de Missão

Os evangélicos de missão, com 4,6% de adeptos, não parecem se beneficiar da redução do percentual de católicos em Goiânia, uma vez que a sua presença aí é pouco expressiva. Além disso, entre 1991 e 2000, esse grupo religioso permaneceu praticamente estável, ao apresentar um ganho de apenas +0,5 pontos percentuais.

A sua distribuição revela que os maiores percentuais se encontram em bairros como Central e Urias Magalhães. Já em Aparecida de Goiânia, na região metropolitana, a sua presença é bem menos expressiva, representando na maioria dos seus bairros menos de 2,8% dos habitantes (Figs. 4 e 5). Destaca-se, no entanto,

Fig. 2
Religião Católica
Apostólica Romana

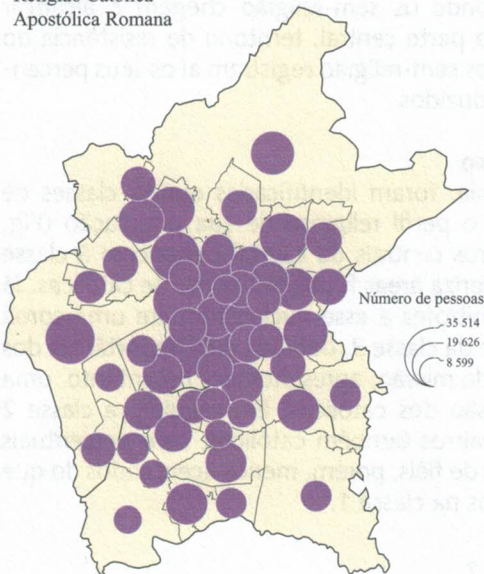


Fig. 3
Religião Católica
Apostólica Romana

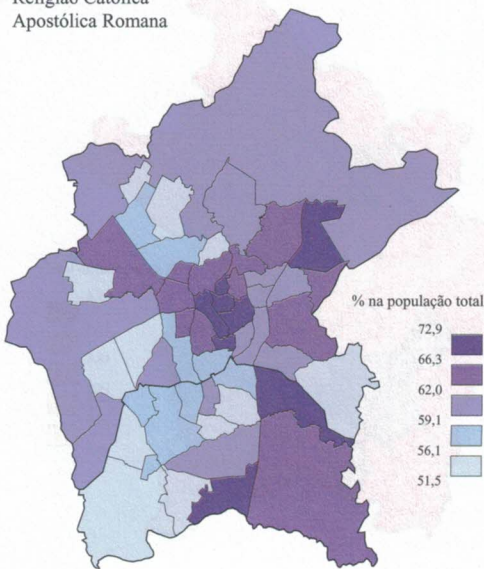


Fig. 4
Religiões Evangélicas
de Missão

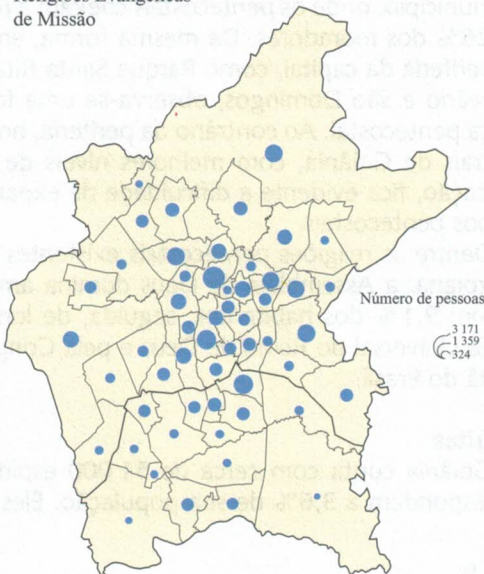
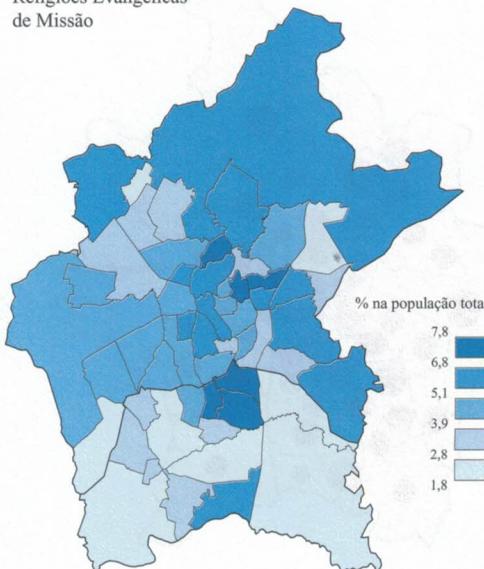


Fig. 5
Religiões Evangélicas
de Missão



um núcleo bem delimitado, no norte desse município, onde os evangélicos tradicionais representam cerca de 7% da população.

Dentre as religiões que integram o grupo dos evangélicos de missão, os batistas são os mais importantes, reunindo 2% da população, seguidos pelos presbiterianos, com 1,4%.

Evangélicos Pentecostais

A perda de adeptos da Igreja Católica em Goiânia tem beneficiado principalmente os evangélicos pentecostais, que aí apresentaram um dos seus maiores crescimentos, de +7,5 pontos percentuais, no período de 1991 a 2000. Assim, com 16% de fiéis, Goiânia ocupa o primeiro lugar entre as capitais brasileiras, quanto à importância dessa confissão religiosa, o que indica que essa mudança no perfil religioso de sua população já havia começado nos anos 1980.

A distribuição dos pentecostais revela que eles se localizam predominantemente nas áreas periféricas (Figs. 6 e 7). Assim, é em Aparecida de Goiânia que se encontram as maiores concentrações, sobretudo no noroeste do município, onde os pentecostais chegam a representar 26% dos moradores. Da mesma forma, em bairros da periferia da capital, como Parque Santa Rita, Jardim Balneário e São Domingos, observa-se uma forte presença pentecostal. Ao contrário da periferia, nos bairros centrais de Goiânia, com melhores níveis de renda e educação, fica evidente a dificuldade de expansão dos grupos pentecostais.

Dentre as religiões pentecostais existentes na capital goiana, a Assembléia de Deus domina amplamente com 9,1% dos habitantes, seguida, de longe, pela Igreja Universal do Reino de Deus e pela Congregação Cristã do Brasil.

Espíritas

Goiânia conta com cerca de 51 000 espíritas, que correspondem a 3,6% de sua população. Eles se loca-

lizam, fundamentalmente, na parte central da cidade, onde representam entre 9% e 10% dos habitantes (Fig. 8). Já nos bairros em torno desse núcleo, seu peso cai para 6%, reduzindo ainda mais na periferia distante. Em Aparecida de Goiânia, os espíritas se mostram praticamente ausentes ao representarem, geralmente, menos de 2% da população.

Sem religião

Goiânia situa-se em quinto lugar entre as capitais brasileiras quanto ao percentual de pessoas que se declaram sem religião, da ordem de 10,1% da população. Assim como no caso dos pentecostais, o aumento dos sem-religião não parece recente, uma vez que em 1991 o seu percentual já atingia 7,3% dos moradores.

Pelo seu crescimento gradativo do centro em direção à periferia, a distribuição geográfica das pessoas sem religião apresenta uma nítida semelhança com a dos pentecostais (Figs. 9 e 10). Desse modo, os bairros periféricos são os mais afetados por esse fenômeno, como os do sudoeste de Aparecida de Goiânia ou os do noroeste da capital, como São Domingos, Mutirão e Curitiba, onde os sem-religião chegam a alcançar 16,5%. Já na parte central, território de resistência do catolicismo, os sem-religião registram aí os seus percentuais mais reduzidos.

Perfil religioso

Em Goiânia, foram identificadas quatro classes de acordo com o perfil religioso de sua população (Fig. 11). Os bairros centrais da capital pertencem à classe 1, que caracteriza áreas fundamentalmente católicas. Já os bairros limítrofes a esse núcleo formam uma coroa que faz parte da classe 3, definida pela importância dos evangélicos de missão, apresentando, no entanto, uma certa expressão dos católicos. Em seguida, a classe 2 caracteriza bairros também católicos, com percentuais significativos de fiéis, porém, menos acentuados do que os observados na classe 1.

Fig. 6
Religiões Evangélicas
Pentecostais

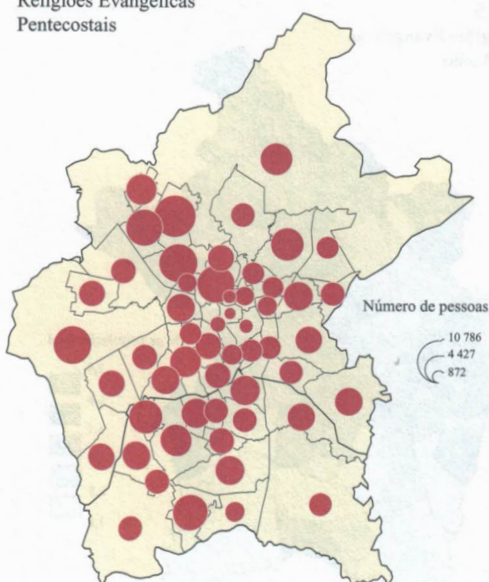


Fig. 7
Religiões Evangélicas
Pentecostais

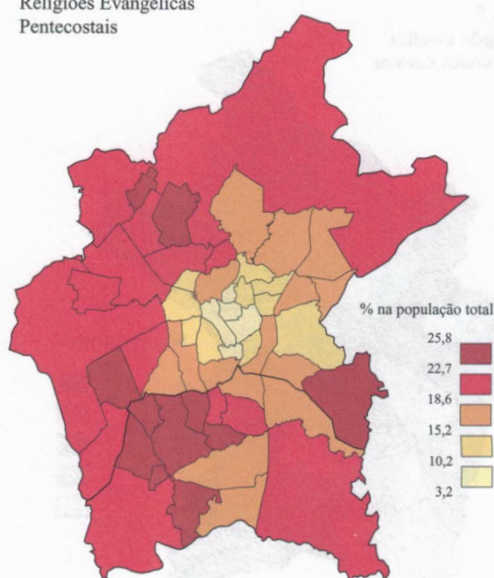


Fig. 8
Religião Espírita

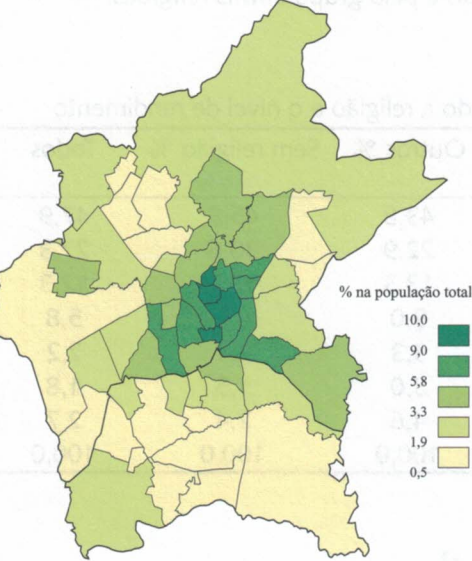


Fig. 9
Pessoas sem religião

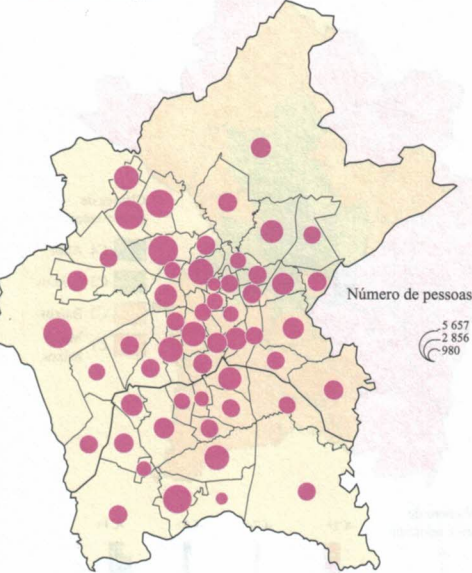


Fig. 10
Pessoas sem religião

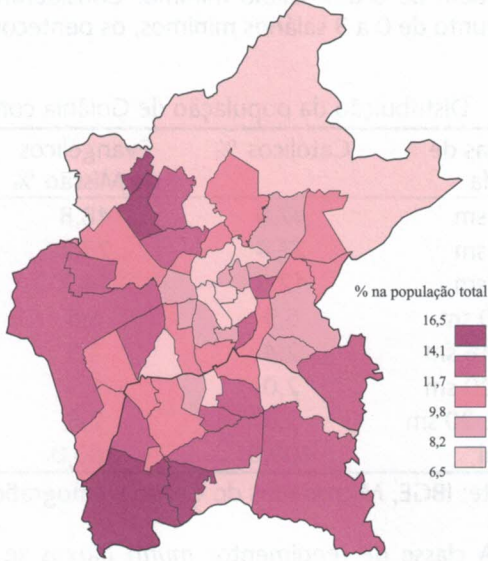
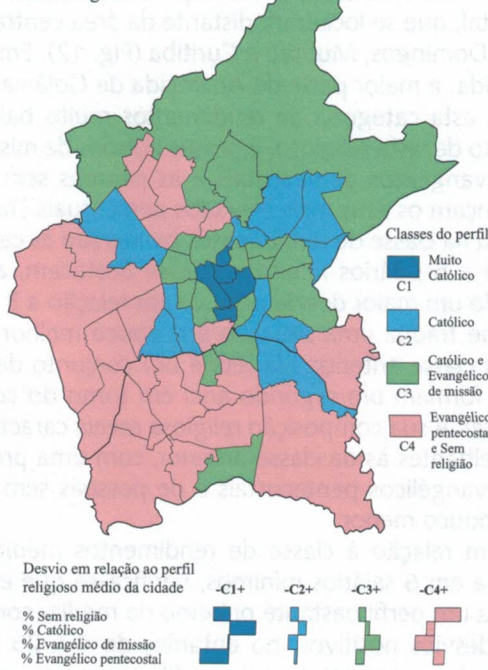


Fig. 11
Perfil religioso



Finalmente, os bairros da periferia oeste da capital, bem como os da maior parte de Aparecida de Goiânia, que integram a classe 4, se caracterizam pelo número elevado de pessoas sem religião. Como acontece frequentemente nas capitais brasileiras, é nesses bairros que se manifesta também, de forma mais acentuada, o

pentecostalismo. Em contrapartida, os bairros periféricos da metade-norte de Goiânia não vêm sendo atingidos por essa mudança religiosa, pertencendo à classe 3, que traduz a importância de evangélicos de missão e de católicos.

SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população de Goiânia permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Em Goiânia, 75,2% da população declara receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 47,9% apenas um ou menos (Tab. 2), o que a situa numa posição intermediária entre as capitais brasileiras. O grupo religioso que se encontra em pior situa-

ção é o dos evangélicos pentecostais, já que 54% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são

seguidos pelas pessoas sem religião, católicos, evangélicos de missão e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Goiânia com 10 anos e mais segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	47,0	48,8	54,0	43,8	45,9	47,9
2-3 sm	27,4	23,2	28,2	22,9	30,6	27,3
4-6 sm	12,3	14,2	11,0	13,3	12,7	12,3
7-10 sm	5,9	6,6	4,0	9,0	4,8	5,8
11-16 sm	2,4	2,5	1,2	3,3	2,1	2,2
17-20 sm	2,0	1,9	0,8	3,0	1,5	1,8
> de 20 sm	3,0	2,8	0,8	4,6	2,4	2,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* se destaca pela importância das categorias de 0 a 2 salários mínimos, enquanto todas as outras se situam abaixo do perfil médio. Esta classe diz respeito a poucos bairros da capital, que se localizam distante da área central, como São Domingos, Mutirão e Curitiba (Fig. 12). Em contrapartida, a maior parte de Aparecida de Goiânia pertence a esta categoria de rendimentos muito baixos. Do ponto de vista religioso, é nesses bolsões de miséria que os evangélicos pentecostais e as pessoas sem religião alcançam os seus mais elevados percentuais (Tab. 3).

Já na classe de rendimentos *baixos* são as categorias de 1 a 5 salários mínimos que se destacam, apresentando um maior desvio positivo em relação a 3 salários, o que traduz uma situação um pouco melhor do que a da classe anterior. Ela reúne um conjunto de bairros que formam um segundo anel em torno do centro da capital. A sua composição religiosa revela características semelhantes às da classe anterior, com uma proporção de evangélicos pentecostais e de pessoas sem religião um pouco menor.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, com moda em 6 salários mínimos, verifica-se que ela apresenta um perfil bastante próximo da média, com maiores desvios positivos, no entanto, de 4 a 25 salários. Dada à sua amplitude, este perfil expressaria uma certa diversidade, do ponto de vista sociológico, dos bairros que formam o primeiro anel que contorna o centro de Goiânia. Seu perfil religioso revela que é nesta classe que os evangélicos de missão obtêm os seus mais elevados percentuais.

Fig. 12
Rendimentos

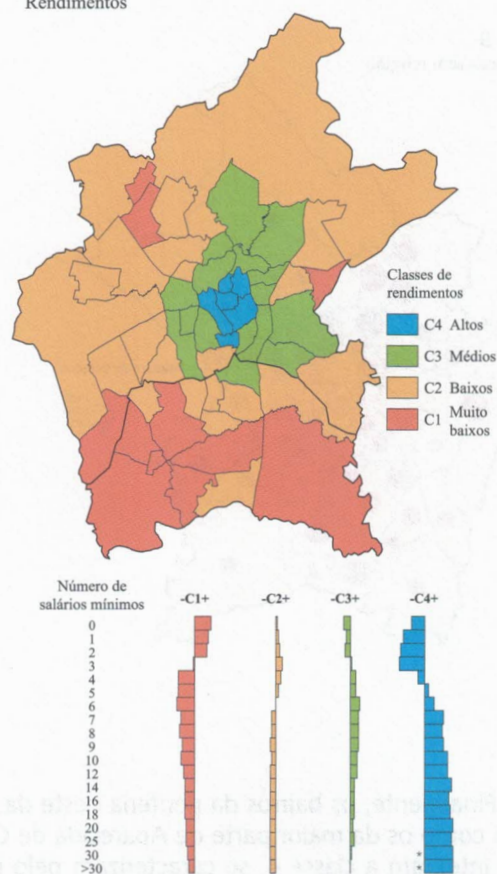


Tabela 3

Distribuição da população de Goiânia com 10 anos e mais segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	58,01	2,62	21,69	4,52	13,16	100
Baixos	58,50	4,58	20,39	5,98	10,55	100
Médios	61,11	5,20	14,50	9,75	9,44	100
Altos	67,78	4,85	6,84	12,58	7,95	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Por fim, a classe de rendimentos *muito altos* apresenta uma importância maior das faixas de renda mais elevadas, superiores a 5 salários mínimos, com picos importantes a partir de 30 salários e mais. Trata-se dos bairros mais abastados da parte central da capital, que formam um espaço contínuo. Do ponto de vista religioso, é nessa área que a Igreja Católica e o grupo *outras religiões* alcançam os seus mais elevados percentuais.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência, segundo o rendimento, afeta de maneira diferente os habitantes de Goiânia, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne 47,9% da população, observa-se uma nítida diferença de localização, segundo a religião.

Fig. 13
Total de rendimentos
População que recebe até
1 salário mínimo
(julho de 2000)

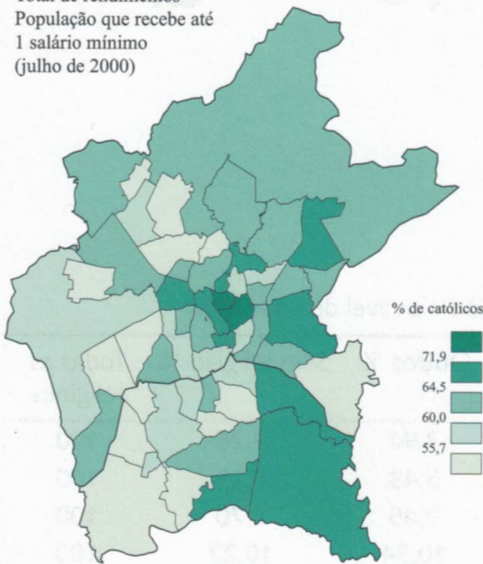
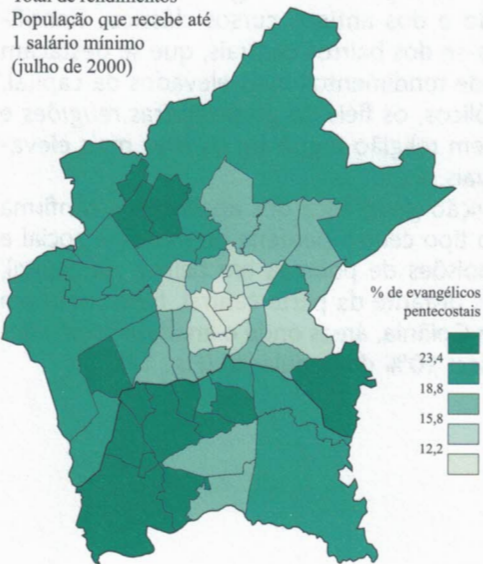


Fig. 14
Total de rendimentos
População que recebe até
1 salário mínimo
(julho de 2000)



Assim, os católicos pobres estão situados principalmente nos bairros centrais, que se destacaram pelos níveis de renda mais altos da capital, contribuindo desse modo para uma certa diversidade social dessas áreas (Fig. 13). Porém, eles podem ser encontrados, ainda, na parte leste da região metropolitana, tanto na capital quanto em Aparecida de Goiânia. Em contrapartida, os evangélicos pentecostais pobres se localizam em bairros que formam praticamente um anel periférico (Fig. 14). Já o mapa dos sem-religião de baixos rendimentos revela que eles estão mais presentes no sudoeste da região metropolitana, se constituindo, de certa forma, num negativo do mapa dos católicos pobres (Fig. 15).

Níveis de educação

Goiânia apresenta quatro tipos de bairros em função do nível de educação de sua população. A distribuição geográfica das classes identificadas apresenta muita semelhança com o mapa dos níveis de rendimentos (Figs. 12 e 16).

O perfil dos bairros de nível *muito baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. Esta classe apresenta-se muito concentrada em Aparecida de Goiânia, uma vez que caracteriza quase todo o seu território, mas ocorre também em alguns bairros pobres da capital, como os do noroeste. É nessas áreas com os piores níveis educacionais que os evangélicos pentecostais apresentam as suas maiores porcentagens (Tab. 4).

Fig. 15
Total de rendimentos
População que recebe até
1 salário mínimo
(julho de 2000)

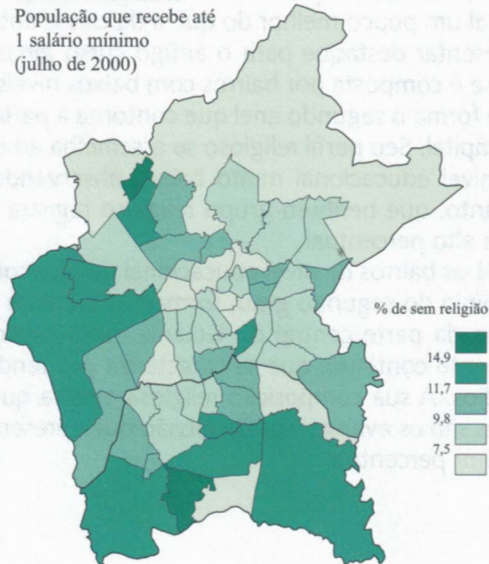


Fig. 16
Níveis de estudos

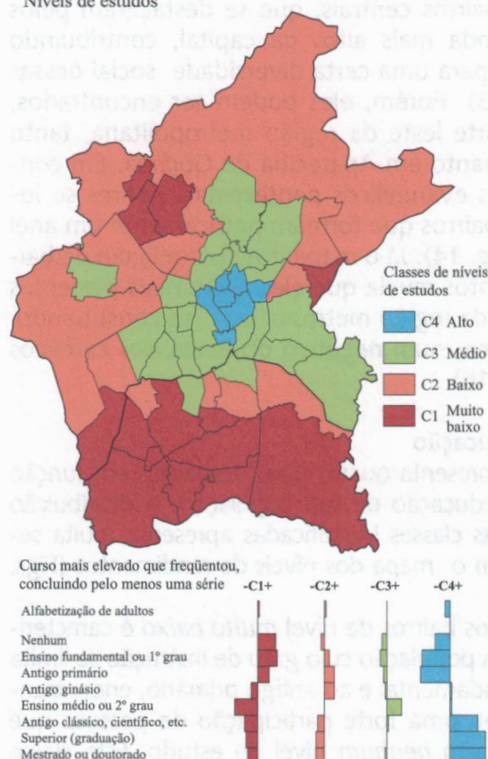


Fig. 17
População analfabeta

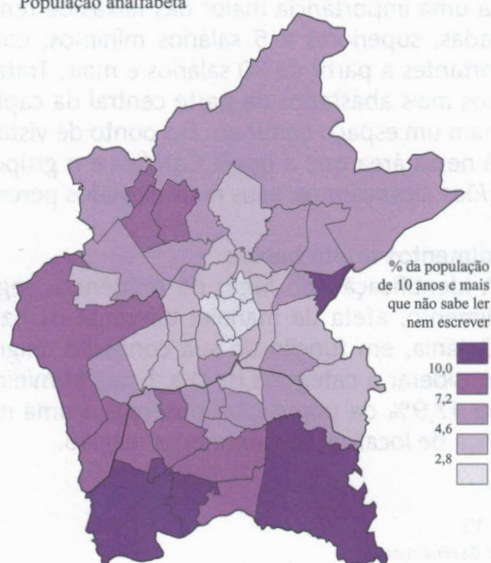


Tabela 4

Distribuição da população de Goiânia segundo a religião e o nível de educação

Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixo	66,35	4,20	16,24	3,94	9,26	100
Baixo	66,21	5,90	14,27	5,43	8,19	100
Médio	66,61	7,92	8,31	9,45	7,70	100
Alto	69,36	6,31	3,77	10,34	10,22	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Em relação ao perfil educacional dos bairros de nível *baixo*, verifica-se que ele mostra uma situação educacional um pouco melhor do que a da classe anterior, ao apresentar destaque para o antigo curso ginasial. Esta classe é composta por bairros com baixos níveis de renda e forma o segundo anel que contorna a parte central da capital. Seu perfil religioso se assemelha ao da classe de nível educacional muito baixo, observando-se, no entanto, que nenhum grupo religioso registra aí o seu mais alto percentual.

Já os bairros de nível educacional *médio*, com o predomínio do segundo grau, formam o primeiro anel em torno da parte central de Goiânia, num espaço praticamente contínuo, que se caracteriza por rendimentos médios. A sua composição religiosa mostra que nessas áreas são os evangélicos de missão que apresentam seu melhor percentual.

Finalmente, a classe de nível educacional *alto* é definida pela maior importância da graduação, mestrado ou doutorado e dos antigos cursos clássico, científico, etc. Trata-se dos bairros centrais, que se destacam pelos níveis de rendimentos mais elevados da capital, onde os católicos, os fiéis do grupo *outras religiões* e as pessoas sem religião registram os seus mais elevados percentuais.

A distribuição geográfica dos analfabetos confirma o modelo do tipo centro-periferia de exclusão social e destaca os bolsões de pobreza em bairros da capital, situados mais distante da parte central, bem como em Aparecida de Goiânia, áreas onde o analfabetismo chega a ultrapassar 10% da população (Fig. 17).

Cor da pele

A distribuição da população de cor não branca acompanha o padrão apresentado pelos demais indicadores socioeconômicos analisados. Assim, observa-se, também, neste caso, uma estrutura do tipo centro-periferia, na qual os brancos predominam na parte central da cidade, onde os rendimentos e os níveis de educação são mais elevados (Fig. 18). À medida que se distancia do centro, o nível socioeconômico da população vai se tornando mais baixo e a proporção de habitantes de cor não branca vai aumentando, até atingir o seu máximo em Aparecida de Goiânia, onde ela chega a representar mais de 61% da população total.

Estabilidade residencial da população

Goiânia sofreu forte influência da expansão das frentes pioneiras que ocorreram no estado durante os anos

1960 e 1970. Não é de se surpreender, portanto, que mesmo nos bairros em que a população mostra maior estabilidade residencial, a proporção de habitantes que sempre morou no município seja, raramente, superior a 50% (Fig. 19).

A distribuição dos percentuais revela que, enquanto nos bairros mais abastados da parte central a população é menos estável, de 27% a 44%, nas áreas periféricas da capital a estabilidade residencial apresenta-se mais elevada, já que nelas um habitante em cada dois declara ser natural da cidade.

Já no município vizinho de Aparecida de Goiânia, o grau de estabilidade da população é muito reduzido, não ultrapassando nunca 40% dos habitantes, o que se explica pelo seu papel de área absorvedora de migrantes que se dirigem à capital.

Fig. 18
População de cor não branca

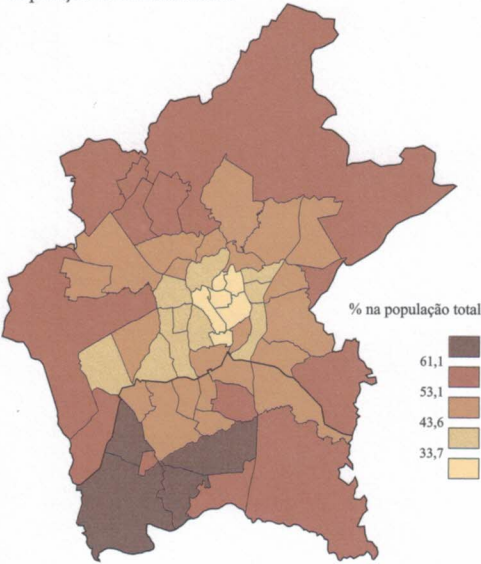
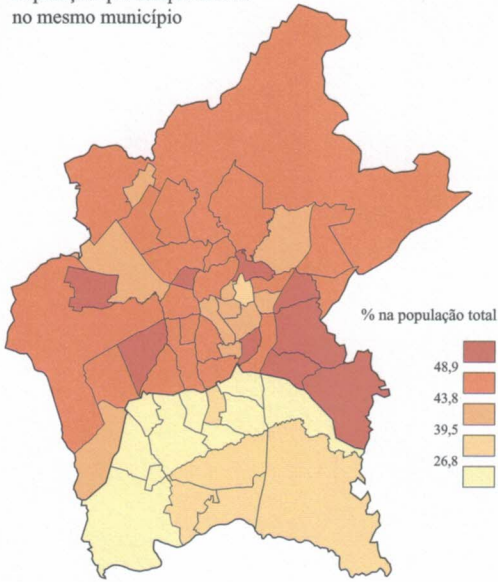
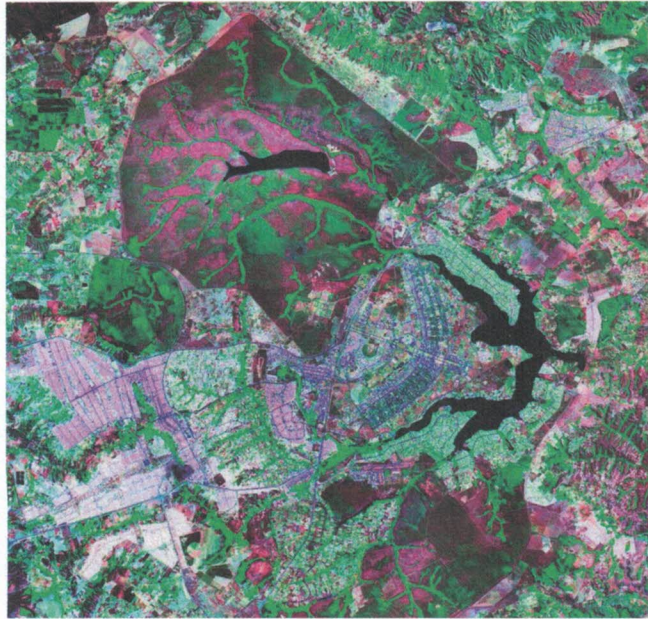


Fig. 19
População que sempre morou no mesmo município



Brasília



Localização dos principais bairros

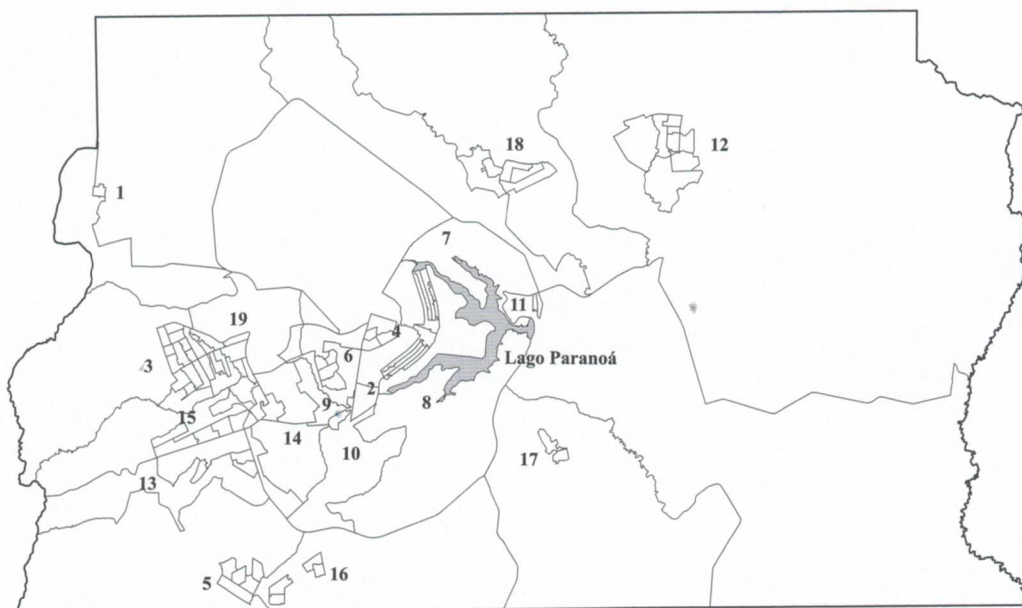


1. Plano Piloto
2. Lago Sul
3. Lago Norte
4. Asa Sul
5. Asa Norte
6. Focal
7. Setor Heli
8. Setor J
9. Setor L
10. Setor M
11. Setor O
12. Setor P
13. Setor Q
14. Setor R
15. Setor S
16. Setor T
17. Setor U
18. Setor V
19. Setor W
20. Setor X



Localização dos principais bairros

- 1 Brazlândia
- 2 Candangolândia
- 3 Ceilândia
- 4 Cruzeiro
- 5 Gama
- 6 Guará
- 7 Lago Norte
- 8 Lago Sul
- 9 Mansões Parkway
- 10 Núcleo Bandeirante
- 11 Paranoá
- 12 Planaltina
- 13 Recanto das Emas
- 14 Riacho Fundo
- 15 Samambaia
- 16 Santa Maria
- 17 São Sebastião
- 18 Sobradinho
- 19 Taguatinga



APRESENTAÇÃO

Brasília, situada no Planalto Central, a 1 200m de altitude, é uma cidade planejada que foi criada com a finalidade de sediar a nova capital do país. Em função da originalidade do seu projeto urbanístico e arquitetônico, a cidade foi considerada pela Unesco, em 1987, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. O Distrito Federal, com 2 051 146 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, é composto por 20 Regiões Administrativas.

A Capital Federal encontra-se no centro de um sistema rodoviário formado por grandes vias de integração nacional, que estabelecem a sua ligação com diferentes partes do país, como Belém (BR-010), Fortaleza (BR-020), Rio de Janeiro (BR-040), São Paulo (BR-050), Campo Grande (BR-060) e Cuiabá (BR-070). Para as ligações aéreas, a Capital conta com o Aeroporto Internacional de Brasília.

Origem e evolução

A idéia da construção de uma capital na região central do país é antiga, datando do Império. Porém, somente em 1956, o Presidente Juscelino Kubitschek dá início à construção da nova capital na região do cerrado goiano. A cidade foi projetada pelo urbanista Lúcio Costa, que elaborou o chamado Plano Piloto, no qual os principais prédios públicos e grande parte dos residenciais foram concebidos e desenhados pelo arquiteto Oscar Niemeyer e os jardins planejados pelo paisagista Burle Marx. Brasília foi construída em um tempo recorde, ao ser inaugurada em 21 de abril de 1960, pelo Presidente Kubitschek.

A transferência da capital de uma cidade litorânea, densamente habitada, como o Rio de Janeiro, para o Planalto Central deve ser entendida como um projeto geopolítico, que visava, entre outros objetivos, a interiorização do povoamento brasileiro. A escolha de Goiás liga-se então ao fato de o estado estar no centro geográfico do país e, dessa forma, o local da nova capital poderia se constituir num ponto de irradiação do desenvolvimento nacional.

Na verdade, o plano de transferir a capital do país para o Planalto Central já estava presente na Primeira Constituição Republicana (1891) e foi um dos temas mais debatidos na Assembléia Constituinte, como parte da estratégia da *marcha para o oeste*.

Naturalmente, a transferência da capital muito estimulou o processo de interiorização da ocupação no Centro-Oeste, que teve início nos anos 1930. A presença da nova Capital Federal passou a atrair levas de migrantes para essa região do país, o que se tornou

possível graças à implantação de uma infra-estrutura de transportes que se deu concomitantemente à criação de Brasília. Assim, ao ser inaugurada, foram entregues ao público duas grandes vias de circulação, uma ligando Brasília a Belo Horizonte, e outra a Belém, como parte da estratégia governamental de fazer da Capital Federal um ponto de convergência do sistema rodoviário nacional.

Expansão urbana

O traçado de Brasília tem a forma de um avião, com as asas ligeiramente curvadas para trás, formando, na sua interseção, o Eixo Monumental, de 16 km, que une as asas Norte e Sul, como pode ser visto pela imagem do satélite Landsat, na página de abertura deste capítulo. O Eixo forma, então, o corpo do avião, e nele estão a Esplanada dos Ministérios, a Catedral Metropolitana, o Palácio Itamarati e a Praça dos Três Poderes, onde se encontram o Congresso Nacional, o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto.

Já as áreas residenciais, as chamadas Super-Quadradas, formadas por grupos de edifícios de 6 andares, estão localizadas nas Asas Norte e Sul. A capital conta, também, com o Setor das Embaixadas, na Avenida das Nações, e os Setores do Lago Norte e do Lago Sul, formados por casas individuais. Da mesma forma, as áreas de comércio e serviços são organizadas em setores, havendo estacionamentos públicos em todas as quadras. As longas e largas avenidas foram concebidas para facilitar o trânsito de veículos.

O crescimento de Brasília não respeitou, no entanto, uma série de requisitos estabelecidos pelo Plano Piloto. Assim, o projeto idealizado por Lúcio Costa de construir uma cidade que mantivesse livre os seus horizontes, com prédios baixos e espaços entre eles, a fim de se preservar a ampla visão do céu no Planalto Central, não foi respeitado. Quarenta e cinco anos depois de sua inauguração, percebe-se que o projeto original foi muito alterado e que a arquitetura inicial, delicada e em harmonia com o meio-ambiente, não foi preservada, em função da expansão desordenada, fruto da especulação imobiliária.

O Plano Piloto, além de abrigar os órgãos mais importantes da República e do próprio Governo do Distrito Federal¹, atraiu, também, empresas do setor privado, além de universidades, hospitais, escolas públicas e particulares, etc. Assim, passou a ser o lugar preferido das classes mais abastadas, tornando-se, portanto, o local da elite brasiliense, onde se encontram as moradias e os terrenos mais caros da Capital.

¹ A esse respeito ver Aldo Paviani *et alii*, Mobilidade residencial em cidade planejada: Brasília - DF. In: *Revista Brasileira de Geografia*, vol.52, nº 2, 1990, pp.5-19.

Antes da inauguração do Plano Piloto, surgiram assentamentos, tais como o Núcleo Bandeirantes e Taguatinga, para receber os trabalhadores. Outros núcleos se sucederam, como Gama, Sobradinho, Guará e Ceilândia, ao passo que Planaltina e Brazlândia, que até então se constituíam em pequenas cidades de apoio à zona rural, se expandiram. Assim, com a construção de Brasília, essas localidades se transformaram em cidades-satélites, passando a incorporar grandes áreas para a moradia dos operários que participaram da construção da nova capital.

Na verdade, as cidades-satélites foram criadas às pressas para abrigar os operários que, após a construção do Plano Piloto, precisavam deixar os acampamentos que seriam inundados pelo Lago Paranoá. Além do mais, elas deveriam abrigar também os migrantes que se dirigiam à nova Capital, oriundos de diversas partes do Brasil, em busca de empregos.

Passadas mais de quatro décadas, percebe-se que, com exceção de Gama e Taguatinga, essas cidades-satélites, criadas sem planejamento, encontram-se, ainda hoje, mal equipadas, dependendo, por exemplo, dos serviços de saúde e educação existentes no Plano Piloto. Assim, verificam-se diferenças acentuadas, quanto às condições de vida, entre os habitantes do Plano Piloto e os moradores das áreas periféricas, o que atesta o elevado grau de segregação sócio-espacial existente no interior do Distrito Federal.

Apesar das melhores condições de vida existentes no Plano Piloto, Brasília apresenta os problemas típicos das metrópoles brasileiras, como a aceleração do processo de urbanização, a especulação imobiliária, a expansão da sua periferia urbana, etc. Além disso, o verde vem perdendo espaço para novas construções e o trânsito, feito para fluir livremente em amplos eixos rodoviários, se mostra caótico. O Lago Paranoá, por sua vez, apresenta sérios problemas de poluição, em função da deficiência do serviço de esgoto sanitário.

Tais problemas, resultantes de um crescimento desordenado, são explicáveis se nos lembrarmos que Brasília foi planejada para ter 600 mil habitantes e hoje conta com 2 milhões de moradores. De fato, esta situação seria inconcebível para os que projetaram a cidade, que foi pensada para não ter os problemas típicos das grandes metrópoles brasileiras.

RELIGIÃO

Ao longo da década de 1990, ocorreram importantes mudanças no perfil religioso da população de Brasília, como a acentuada redução do percentual de

Atividades econômicas

As atividades econômicas mais importantes de Brasília são o comércio e a prestação de serviços, uma vez que a Capital Federal é, fundamentalmente, uma cidade administrativa. As indústrias existentes no Distrito Federal, em pequeno número, se caracterizam por reduzida diversidade quanto aos gêneros, tratando-se basicamente de fábricas de produtos alimentares, de transformação de produtos minerais não-metálicos, de editoração e gráfica, além da construção civil.

O beneficiamento de produtos agrícolas bem reflete as características da economia regional, já que a produção agropecuária é uma atividade típica do Centro Oeste, enquanto a indústria editorial e gráfica está intimamente ligada à sua função de Capital Federal.

Densidade e crescimento populacional

O mapa de densidade demográfica do Distrito Federal revela que na maior parte do seu território predominam baixas taxas (Fig. 1). No entanto, observam-se altas densidades no Plano Piloto, nas Asas Norte e Sul, onde se localizam o centro administrativo e áreas residenciais. Da mesma forma, verificam-se, ainda, altas densidades de população nos núcleos da periferia, nas cidades-satélites de Ceilândia e Taguatinga, a oeste do Plano Piloto, bem como nas de Gama e Santa Maria, ao sul.

O Distrito Federal apresentou, no período de 1991 a 2000, um crescimento populacional de 450 051 habitantes, sendo a sua taxa média de crescimento anual de 2,8%. A forte atração que a Capital Federal exerce sobre a população migrante é responsável por esse acentuado crescimento populacional.

Fig. 1

Densidade populacional

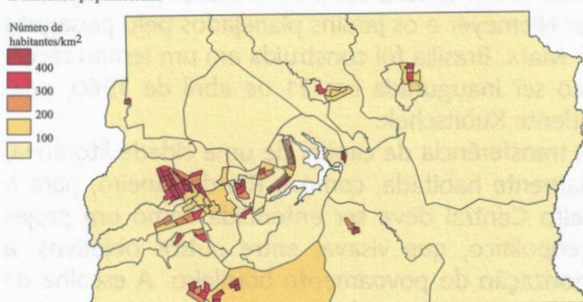


Tabela 1

Distribuição da população segundo a filiação religiosa

Distrito Federal	Católicos %	Evangélicos * de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %
2000	66,6	5,7	12,8	6,2	8,6
1991	78,1	3,5	6,7	5,5	6,3
2000-1991	-11,5	2,3	6,1	0,7	2,4

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

Católicos

Com 66,6% da população se declarando católica (Tab.1), Brasília situa-se em 13º lugar entre as capitais brasileiras quanto à importância desse grupo religioso. Entre 1991 e 2000 houve uma perda de fiéis da ordem de -11,5 pontos percentuais, o que representa um declínio significativo da Igreja Católica na Capital Federal.

A distribuição dos percentuais revela nítidos contrastes entre a parte leste do Distrito Federal, onde o catolicismo se mantém elevado, representando mais de três quartos da população, e a parte oeste, com percentuais, em geral, inferiores a 68% (Figs. 2 e 3). O Plano Piloto apresenta, no entanto, uma situação intermediária, com uma proporção mais elevada de católicos no Lago Sul (73%) do que no Lago Norte (69%).

Da mesma forma, o comportamento religioso dos habitantes das cidades-satélites não é homogêneo, apesar de o peso do catolicismo ser nessas áreas, em geral, menos elevado do que o do Plano Piloto. Em Planaltina, por exemplo, na sua parte sul, raramente registra-se mais de 50% de católicos na população, enquanto na sua parte norte, esta proporção se eleva a 70% ou mais.

Evangélicos de Missão

Com cerca de 118 000 fiéis, os evangélicos de missão representam 5,7% da população do Distrito Federal. Entre 1991 e 2000, o seu crescimento foi de +2,3 pontos percentuais, um dos maiores ocorridos entre as capitais brasileiras.

Se no leste do Distrito Federal os evangélicos de missão se mostram mal implantados, onde não ultrapassam 4% da população, nas cidades-satélites, como Guará e Taguatinga, eles estão mais presentes, situando-se entre 7% e 10% (Figs. 4 e 5). Já no Plano Piloto, os protestantes tradicionais, apesar de menos expressivos do que nessas duas cidades-satélites, congregam de 5% a 7% dos habitantes.

Dentre os evangélicos de missão existentes na Capital, os batistas são os mais representativos, ao reunirem 3,4% dos habitantes, seguidos, de longe, pelos presbiterianos, com 1,2%, e pelos adventistas, com 0,8%.

Evangélicos Pentecostais

Com quase 260 000 fiéis, o Distrito Federal assiste à consolidação da presença pentecostal, uma vez que o seu peso dobrou, entre 1991 e 2000, passando de 6,7% a 12,8%, o que correspondeu a um ganho de +6,1 pontos percentuais.

O Plano Piloto se destaca como a área do Distrito Federal que apresenta os mais baixos percentuais de fiéis do pentecostalismo, enquanto as cidades-satélites os mais elevados (Figs. 6 e 7). Nota-se, entretanto, uma nítida diferença entre as cidades-satélites mais próximas do Plano Piloto, como Guará e Núcleo Bandeirantes, menos afetadas pelo pentecostalismo, e as mais distantes, como Brazlândia e Ceilândia, onde ele congrega mais de 15% dos habitantes. É, porém, em Samambaia que os pentecostais possuem uma presença mais acentuada, uma vez que mais de 20% da população declara pertencer a esse grupo religioso.

Fig. 2
Religião Católica Apostólica Romana

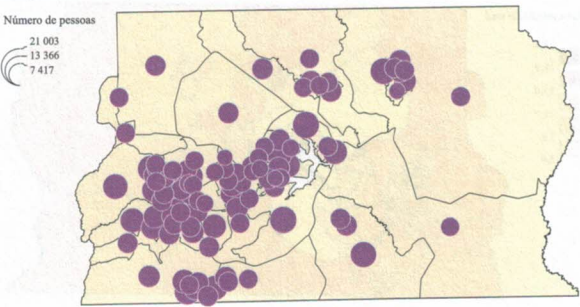


Fig. 3
Religião Católica Apostólica Romana

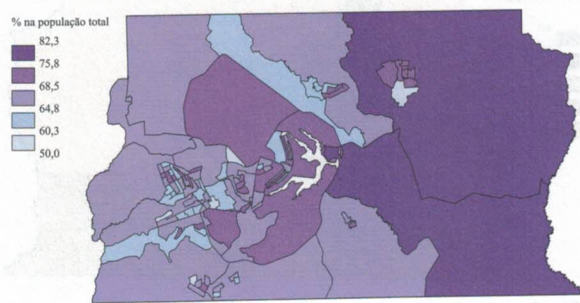


Fig. 4
Religiões Evangélicas de Missão

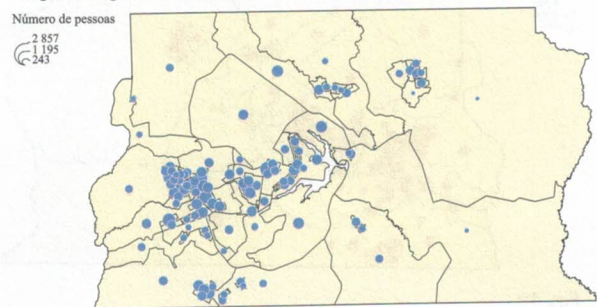


Fig. 5
Religiões Evangélicas de Missão

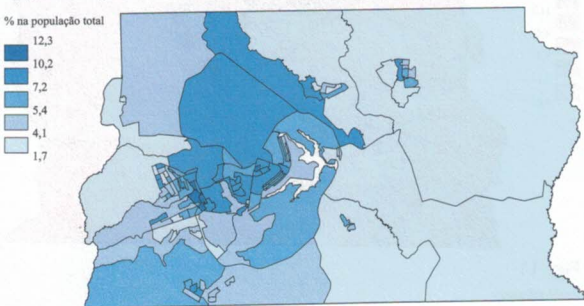


Fig. 6
Religiões Evangélicas Pentecostais

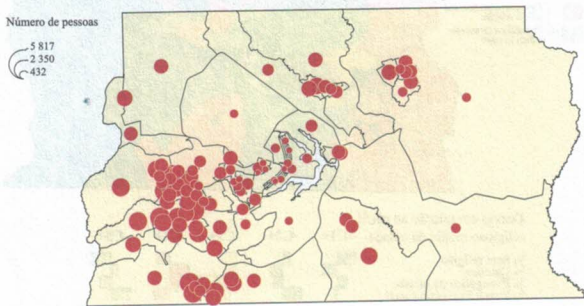


Fig. 7

Religiões Evangélicas Pentecostais

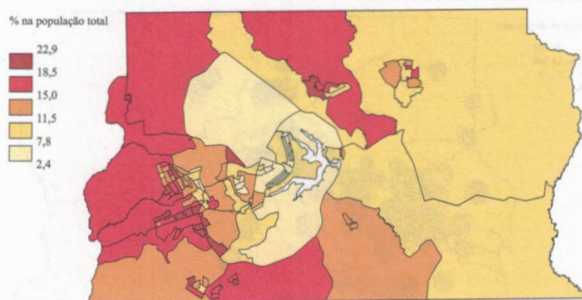


Fig. 8

Religião Espírita

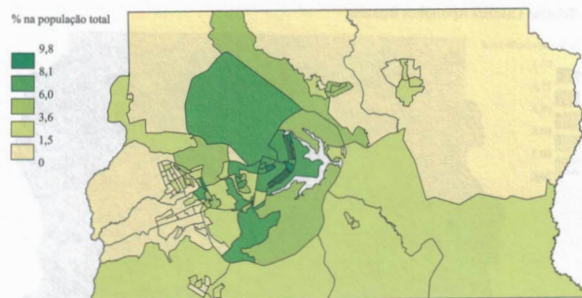


Fig. 9

Pessoas sem religião

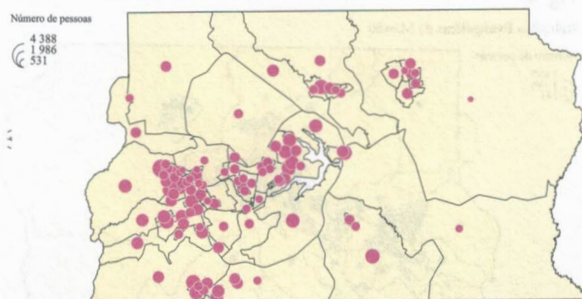


Fig. 10

Pessoas sem religião

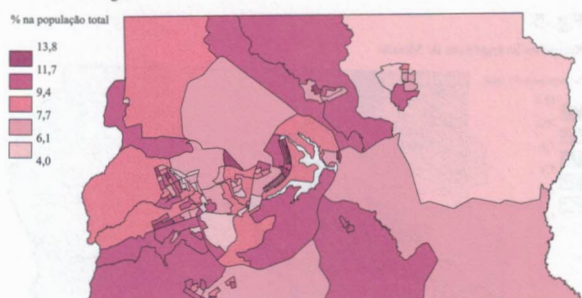
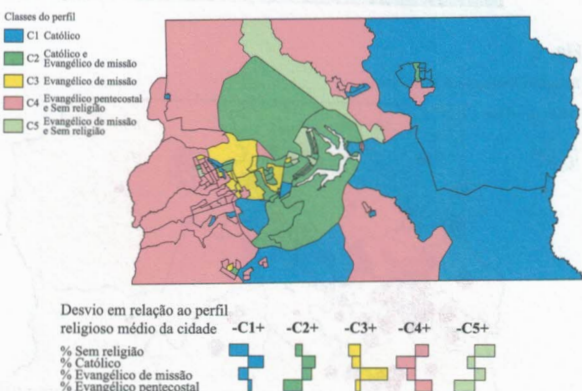


Fig. 11

Perfil religioso



Dentre as religiões pentecostais existentes na Capital, a Assembléia de Deus domina amplamente, com 6,0% dos habitantes, seguida, de longe, pela Igreja Universal do Reino de Deus, com 2,2%.

Espíritas

Com 55 000 adeptos, os espíritas representam 2,7% da população do Distrito Federal. Apesar de apresentarem as suas porcentagens mais elevadas no Plano Piloto, até 10% da população, eles se encontram bem implantados também em Cruzeiro e no Núcleo Bandeirantes, cidades-satélites mais próximas da Capital (Fig. 8). Na maior parte do território do Distrito Federal, no entanto, os espíritas não chegam a 4% da população.

Sem religião

Com 8,6% da população se dizendo sem religião, o Distrito Federal situa-se numa posição intermediária em relação às demais capitais do país, entre o maior percentual verificado em Salvador (18,1%) e o menor registrado em Teresina (3,4%). No período intercensitário de 1991 a 2000, observou-se um crescimento dos sem-religião de +2,4 pontos percentuais.

No Plano Piloto, os sem-religião representam em torno de 13% da população, sabendo-se que a Asa Norte se mostra mais atingida por esse fenômeno do que a Asa Sul (Figs. 9 e 10). Em contrapartida, observam-se porcentagens mais acentuadas no Lago Sul (10%) do que no Lago Norte (8,5%).

Na periferia, verificam-se muitos contrastes entre as cidades-satélites, uma vez que os percentuais variam de 4%, a mais baixa porcentagem do Distrito Federal, a 14%, a mais elevada. Assim, Guará e Sobradinho, por exemplo, são menos atingidas pelo fenômeno dos sem-religião do que Ceilândia ou Samambaia.

Perfil religioso

Foram identificadas no Distrito Federal cinco classes de acordo com o perfil religioso de sua população. A classe 1, que se caracteriza pelo predomínio católico, engloba todo o leste do Distrito Federal e é encontrada também no sul, em Santa Maria. Pode ser observada, ainda, de forma dispersa, em bairros de diversas cidades satélites, a exemplo de Sobradinho, São Sebastião e Riacho Fundo (Fig. 11).

O centro do Distrito Federal se caracteriza quase exclusivamente por pertencer à classe 2, que expressa a importância simultânea de católicos e de evangélicos de missão. Assim, ela abrange sobretudo os bairros do Lago Norte e do Lago Sul, a maior parte do Plano Piloto, quase todo Guará e Mansões Parkway. No Plano Piloto, a classe 2 é entremeadada, na Asa Norte e na Asa Sul, pela classe 5, na qual se destaca a importância dos sem-religião e dos evangélicos de missão. É, entretanto, na classe 3 que os evangélicos de missão encontram os seus principais redutos, em Taguatinga e em Guará.

Finalmente, todo o oeste do Distrito Federal é marcado pela presença acentuada dos pentecostais e dos sem-religião (classe 4), o que ocorre particularmente em Brazlândia, Ceilândia, Samambaia e Gama. Encontra-se também esta classe noutras cidades-satélites da parte leste, como Sobradinho e Planaltina.

Como se pode observar, o perfil religioso do Distrito Federal apresenta um zoneamento do leste ao oeste, onde se passa, progressivamente, do predomínio do catolicismo, no leste, ao catolicismo em combinação com o protestantismo tradicional, no Plano Piloto; chegando-se ao protestantismo tradicional, em Taguatinga,

até o pentecostalismo junto com os sem-religião, no oeste. Apesar desse zoneamento, observam-se numerosos enclaves de uma classe em outra, mostrando a existência de uma verdadeira diversidade de filiações religiosas no Distrito Federal.

SOCIEDADE

A correlação de uma série de variáveis socioeconômicas com o perfil religioso da população do Distrito Federal permitiu a caracterização dos principais grupos religiosos, quanto ao nível de rendimentos, ao grau de instrução, à cor da pele e à estabilidade do local de residência.

Níveis de rendimentos

Brasília é uma das capitais brasileiras que apresentam os menores níveis de pobreza, apesar de que

68,2% da sua população declare receber um rendimento mensal inferior ou igual a 3 salários mínimos e 47,4% apenas um ou menos (Tab. 2). O grupo religioso que se encontra em pior situação é o dos evangélicos pentecostais, já que 55,8% deles recebem de 0 a 1 salário mínimo. Considerando-se o conjunto de 0 a 3 salários mínimos, os pentecostais são seguidos pelos católicos, sem-religião, evangélicos de missão e pelo grupo *outras religiões*.

Tabela 2

Distribuição da população de Brasília com 10 anos e mais segundo a religião e o nível de rendimento

Faixas de renda	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todos
0-1 sm	47,0	45,0	55,8	41,1	45,0	47,4
2-3 sm	21,4	16,2	22,0	14,4	22,6	20,8
4-6 sm	11,7	13,7	10,8	12,4	11,0	11,7
7-10 sm	7,6	9,9	6,1	10,3	7,6	7,7
11-16 sm	3,6	4,7	2,1	5,9	3,3	3,6
17-20 sm	3,2	4,0	1,6	5,7	3,3	3,2
> de 20 sm	5,5	6,4	1,6	10,2	7,1	5,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

A classe de rendimentos *muito baixos* revela que as categorias de 0 a 3 salários mínimos são as mais representativas, enquanto as demais se situam abaixo do perfil médio. A sua distribuição mostra que ela caracteriza a maior parte da periferia do Distrito Federal, com exceção do sudoeste (Fig. 12). Do ponto de vista religioso, é nesses espaços de baixos rendimentos que os evangélicos pentecostais atingem a sua proporção mais elevada (Tab. 3).

Já na classe de rendimentos *médios baixos*, destacam-se as categorias de 2 a 6 salários mínimos, com um desvio positivo mais acentuado em relação a 4 salários, o que indica uma situação um pouco melhor do que a da classe anterior. Ela se encontra principalmente no sudoeste do Distrito Federal, como se pode observar em Gama. A sua composição religiosa apresenta muita semelhança com a classe anterior, com proporções de evangélicos pentecostais, no entanto, um pouco menores.

Fig. 12

Rendimentos

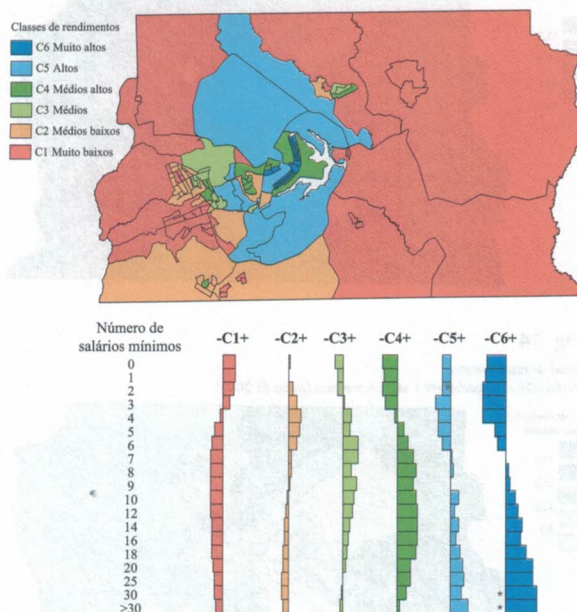


Tabela 3

Distribuição da população de Brasília com 10 anos e mais segundo a religião e a classe de rendimento

Classes de rendimentos	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Muito baixos	66,38	4,13	16,27	3,95	9,28	100
Médios baixos	66,02	5,82	14,50	5,37	8,29	100
Médios	66,93	7,46	12,01	6,82	6,77	100
Médios altos	66,23	8,43	7,38	9,95	8,01	100
Altos	68,41	6,89	7,38	8,78	8,54	100
Muito altos	68,65	6,40	3,84	10,83	10,28	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Em relação à classe de rendimentos *médios*, cuja moda se situa em 6-7 salários mínimos, verificam-se desvios positivos significativos de 4 a 20 salários. Com tal amplitude, este perfil expressa, naturalmente, uma certa diversidade do ponto de vista sociológico, e caracteriza, principalmente, a cidade-satélite de Taguatinga. O seu perfil religioso se assemelha ao observado nas duas classes anteriores.

A classe de rendimentos *médios altos* difere pouco da anterior, mas a sua maior amplitude, abrangendo rendimentos de até 30 salários mínimos, permite localizar segmentos de classe média. Assim, ela caracteriza, sobretudo, áreas do Plano Piloto, em torno da Asa Norte e a leste da Asa Sul. A sua composição religiosa revela que os evangélicos de missão apresentam aí os seus mais elevados percentuais, enquanto os pentecostais se mostram menos presentes do que nas classes anteriores.

Quanto à classe de rendimentos *altos*, caracteriza-se pelos níveis de renda superiores a 10 salários mínimos, definindo, assim, bairros de classe média. A sua

distribuição geográfica mostra que ela abrange parte do Plano Piloto e uma extensa área no seu entorno. A composição religiosa desta classe se assemelha ao perfil médio da cidade, não apresentando destaque particular para nenhum grupo religioso.

Por fim, a classe de rendimentos *muito altos* apresenta um perfil de renda semelhante ao do da classe anterior, mas com desvios mais acentuados nas categorias de 30 salários mínimos e mais. Sua localização, muito homogênea, compreende, fundamentalmente, as Asas Norte e Sul do Plano Piloto, que se constituem no núcleo principal da classe média alta da Capital. É nessa área que a Igreja Católica e as pessoas sem religião alcançam a sua maior expressão, notando-se, no entanto, uma certa diversificação religiosa, pela maior proporção do grupo *outras religiões*.

Rendimentos muito baixos

A identificação do lugar de residência, segundo o rendimento, afeta de maneira diferente os habitantes de Brasília, em função de sua confissão religiosa. Ao se considerar a categoria de 0 a 1 salário mínimo, que reúne 47,4% da população, observam-se nítidas diferenças de localização segundo a religião. Assim, os católicos pobres estão situados, sobretudo, no leste do Distrito Federal, área com características ainda rurais, e no Plano Piloto, onde a sua presença contribui para uma certa diversidade social dessa área mais abastada da Capital (Fig. 13). Já os evangélicos pentecostais pobres estão localizados, principalmente, nas cidades-satélites do oeste do Distrito Federal (Fig. 14). Finalmente, o mapa das pessoas pobres sem religião diz respeito à metade-oeste do Distrito Federal, em contraste com o leste mais católico (Fig. 15).

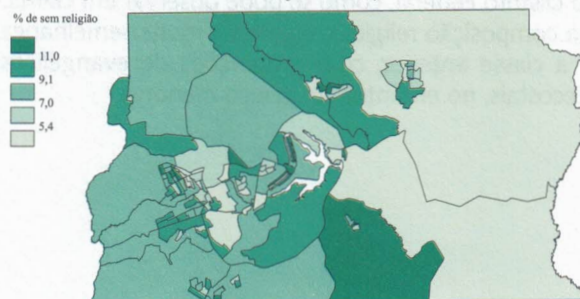
Fig. 13

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

Fig. 14

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

Fig. 15

Total de rendimentos
População que recebe até 1 salário mínimo (julho de 2000)

Níveis de educação

Brasília apresenta quatro tipos de bairros em função do nível de educação de sua população. A distribuição geográfica das classes identificadas se assemelha ao mapa de rendimentos (Figs. 12 e 16).

O perfil dos bairros de nível *baixo* é caracterizado por uma população cujo grau de instrução se limita ao ensino fundamental e ao antigo primário, encontrando-se também uma forte participação de pessoas que se declaram sem *nenhum* nível de estudo. Ela diz respeito ao leste e ao sudoeste do Distrito Federal, sendo nessas áreas com os mais baixos níveis educacionais que se encontra a maior proporção de evangélicos pentecostais (Tab. 4).

Já os bairros de nível *médio* apresentam um perfil bastante próximo da média de Brasília, com desvios positivos, no entanto, em relação ao segundo grau e aos antigos cursos primário e ginasial. Esta classe engloba extensas áreas do noroeste e sul do Distrito Federal, além de bairros de cidades-satélites, como Taguatinga, Ceilândia e Sobradinho. O seu perfil religioso se assemelha ao da classe anterior, com proporções inferiores, no entanto, de pentecostais.

Os bairros que apresentam nível de educação *médio-alto* são caracterizados pelo ensino médio, antigos cursos clássico e científico e graduação. Esta classe abrange parte do Plano Piloto, compreendendo o Lago Norte e uma extensa área no seu entorno. É nela que os evangélicos de missão apresentam os seus mais elevados percentuais.

Fig. 16

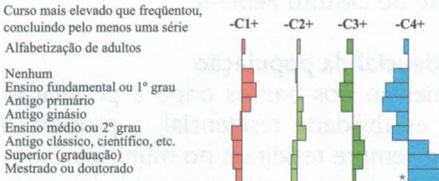
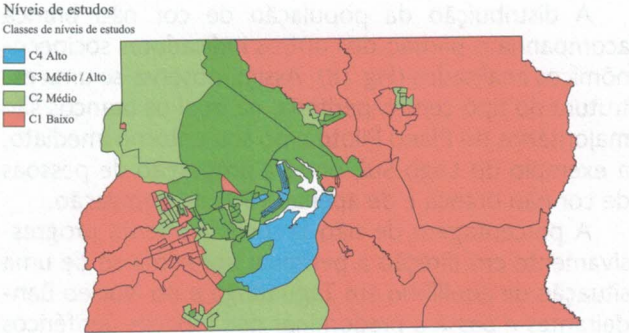


Tabela 4

Distribuição da população de Brasília segundo a religião e o nível de educação

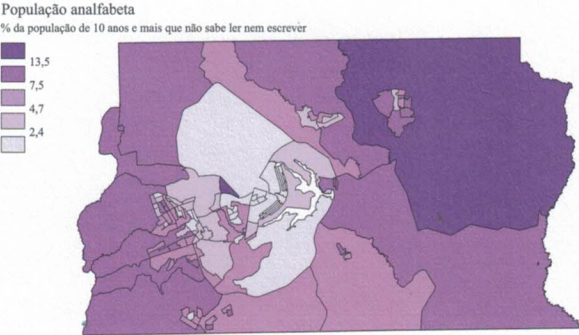
Classes de nível educacional	Católicos %	Evangélicos de Missão %	Evangélicos Pentecostais %	Outros %	Sem religião %	Todas as religiões
Baixo	66,35	4,20	16,24	3,94	9,26	100
Médio	66,21	5,90	14,27	5,43	8,19	100
Médio/Alto	66,61	7,92	8,31	9,45	7,70	100
Alto	69,36	6,31	3,77	10,34	10,22	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.

Finalmente, a classe de nível *alto*, definida pela maior importância da graduação, mestrado ou doutorado, caracteriza as Asas Norte e Sul e o Lago Sul. É aí que o catolicismo alcança os seus mais altos percentuais, bem como o grupo *outras religiões* e as pessoas sem religião. Chama a atenção, no caso de Brasília, a presença mais acentuada dos sem-religião nesta classe, ao contrário do que acontece na maioria das capitais brasileiras.

A distribuição geográfica dos analfabetos revela o acentuado contraste entre a parte central do Distrito Federal, que inclui o Plano Piloto, onde o analfabetismo é inferior a 5%, e a periferia pobre, onde as pessoas que não sabem ler nem escrever chegam a representar até 13% da população, como pode se observar no nordeste da Capital (Fig. 17).

Fig. 17



Cor da pele

A distribuição da população de cor não branca acompanha o padrão dos outros indicadores socioeconômicos analisados (Fig. 18). Assim, observa-se uma estrutura do tipo centro-periferia, na qual os brancos são majoritários no Plano Piloto e no seu entorno imediato, a exemplo do Lago Sul, onde a proporção de pessoas de cor não branca é de apenas 16% da população.

A porcentagem de não brancos aumenta progressivamente em direção à periferia: aproxima-se de uma situação de equilíbrio em Taguatinga e no Núcleo Bandeirantes e passa a predominar nos espaços periféricos do leste e do oeste do Distrito Federal.

Estabilidade residencial da população

Em Brasília, mesmo nos bairros onde a população apresenta maior estabilidade residencial, a proporção de habitantes que sempre residiram no município nunca é superior a 60%, como acontece nas cidades-satélites do oeste do Distrito Federal (Fig. 19). É, porém, na parte central da Capital, sobretudo no Plano Piloto e no Lago Sul, que a população se mostra menos estável, uma vez que os naturais de Brasília nunca ultrapassam aí 35% dos habitantes.

Fig. 18

População de cor não branca

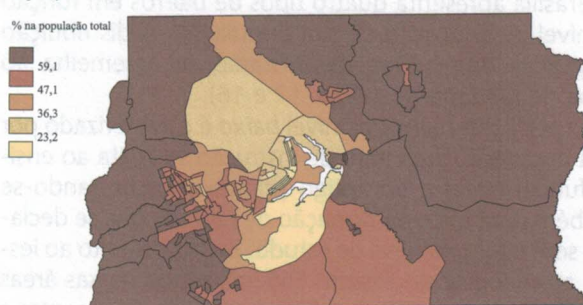
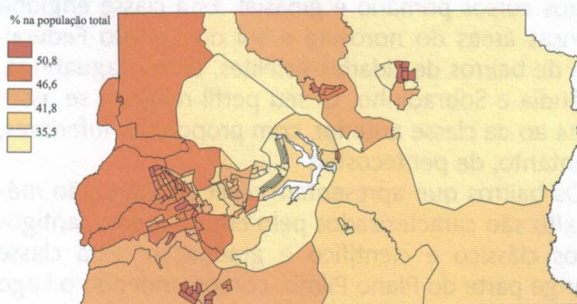


Fig. 19

População que sempre morou no mesmo município



Classes de nível educacional II	População de cor não branca	População que sempre morou no mesmo município	População de cor não branca	População que sempre morou no mesmo município	População de cor não branca	População que sempre morou no mesmo município
Alta	68,35	4,10	18,54	3,04	6,38	100
Médo-Alta	66,61	5,90	14,10	5,43	8,19	100
Médo	66,61	5,93	8,31	8,45	7,70	100
Alta	69,36	6,91	3,77	10,34	10,22	100

Fonte: IBGE, Microdados do Censo Demográfico de 2000.



CONCLUSÃO

Após a análise da filiação religiosa, na Capital Federal e em 18 capitais estaduais, e do seu cruzamento com indicadores demográficos e socioeconômicos, chama a atenção a recorrência com que certos fenômenos se manifestam, ainda que em cidades localizadas em regiões tão diferentes do país. Assim, o fato de este estudo ter sido realizado, de maneira sistemática, em 19 capitais permitiu não só estabelecer comparações entre elas, mas também obter um bom panorama dos centros urbanos mais importantes do país.

O nível de observação adotado, o da Área de Ponderação da Amostra (AREAP), possibilitou um maior detalhamento da análise em cada capital estudada. Desse modo, pôde-se fazer uma tipologia das religiões pelos bairros das capitais e estabelecer associações com níveis de renda e educação dos seus habitantes, tipos de moradia, cor da pele, estabilidade residencial, etc.

A série de mapas realizada para os principais grupos religiosos em cada uma das capitais revelou, como um dos aspectos recorrentes na maioria das cidades, a presença mais acentuada dos católicos nos bairros centrais ou naqueles em que se verificam melhores níveis de renda e de escolaridade dos seus habitantes. Isto parece indicar que, nas camadas da sociedade com melhores condições de vida, a população professa principalmente a religião católica e não mostra propensão a mudar de religião.

Há que se registrar, no entanto, situações específicas em algumas capitais. Em Teresina, Natal, Campo Grande e Goiânia, além de os católicos se encontrarem nos bairros centrais, altos percentuais são observados também em áreas periféricas, caracterizadas por baixos níveis de rendimentos e educação. Pode-se pensar que, nesses casos, isto se deva às características ainda rurais de parte da população dessas áreas, onde o catolicismo se mantém muito arraigado. Já em Maceió, Curitiba, Florianópolis e Brasília os católicos dividem os territórios centrais com os evangélicos de missão.

A única exceção a esse quadro recorrente, quanto à localização dos católicos, se verificou em Porto Alegre, onde a presença predominante desse grupo religioso não se dá nos bairros centrais da capital, mas em áreas de sua periferia metropolitana. Observa-se que no caso da capital gaúcha a periferia se diferencia muito em relação às condições de vida dos seus habitantes, ao contrário do que normalmente acontece nas demais cidades analisadas. Assim, os católicos se mostram muito

expressivos tanto em bairros com altos níveis de renda e de educação, como em Canoas e Esteio, quanto baixos, a exemplo de Gravataí e Viamão.

Se os mais altos percentuais de católicos na periferia se constitui numa exceção, o mesmo não se pode afirmar em relação aos evangélicos pentecostais. De fato, a concentração dos pentecostais nos bairros periféricos, com os piores níveis de condições de vida, se apresenta como um outro aspecto que se repete em todas as capitais estudadas. A forte presença de fiéis desse grupo religioso nas periferias tem levado, inclusive, à formação de verdadeiros *anéis pentecostais* em torno das áreas centrais das capitais, o que se pode perceber claramente através do conjunto de mapas apresentados neste trabalho. Observa-se, no entanto, que os percentuais máximos que os adeptos das igrejas pentecostais chegam a alcançar, por AREAP, podem variar de uma cidade a outra. Assim, a intensidade com que o processo se dá pode ser diferente, mas o fenômeno é o mesmo, quer se trate de Teresina, a capital mais católica do país, quer de Goiânia, a menos católica de todas.

Diferentemente do que se observou para os católicos e para os pentecostais, os evangélicos de missão mostraram maior diversidade quanto aos padrões de sua localização nas várias capitais. Desse modo, eles dividem espaço com os católicos nas áreas centrais com melhores condições de vida, em capitais como Maceió, Curitiba, Florianópolis e Brasília. Em outras cidades, como Manaus, Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Vitória e Goiânia, localizam-se em torno das áreas centrais. Já em São Luís, Teresina, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Campo Grande, os evangélicos tradicionais ocupam espaços intermediários entre as áreas centrais, mais católicas, e as periféricas, mais pentecostais.

Além dos principais grupos religiosos, pode-se acrescentar, ainda, características comuns quanto à localização de adeptos de religiões minoritárias, como a Espírita e a Judaica. Os espíritas ocupam sempre os espaços centrais com melhores níveis de renda e educação, em todas as cidades para as quais foi realizado o seu mapeamento (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Campo Grande, Goiânia e Brasília). Da mesma forma, os judeus se concentram nos bairros com os mais altos níveis de condições de vida do Rio de Janeiro e de São Paulo, cidades onde eles se mostram mais expressivos numericamente.

Também no que diz respeito aos sem-religião, verificou-se enorme recorrência quanto ao padrão de sua localização, na maioria das capitais. Eles se concentram nas áreas periféricas mais distantes, que se caracterizam pelos mais baixos níveis de renda e escolaridade. Na realidade, os mapas dos perfis de religião nas capitais mostraram que, com muita frequência, os sem-religião se localizam nos mesmos espaços em que se encontram os pentecostais. Em apenas quatro capitais — Recife, São Paulo, Florianópolis e Porto Alegre — além das áreas periféricas, eles se encontram também no centro dessas cidades.

Esses são alguns dos traços comuns observados em relação à localização dos fiéis dos principais grupos religiosos e dos sem-religião, através do mapeamento realizado nas diversas capitais. Além disso, quando se estabelece o cruzamento de religião com renda, educação e tipo de moradia, cujos resultados podem ser vistos nas tabelas apresentadas neste estudo, percebe-se a frequência com que certas características sociais, relativas aos adeptos das diversas confissões religiosas, se manifestam.

Assim, o cruzamento de filiação religiosa com renda e educação permitiu caracterizar os católicos, evangélicos de missão, evangélicos pentecostais, o grupo *outras religiões* e os sem-religião quanto a esses indicadores. Em todas as capitais, os católicos se destacaram pelos mais elevados níveis de renda e educação, enquanto os pentecostais pelos mais baixos. Da mesma forma que os católicos, os fiéis do grupo *outras religiões*, no qual estão incluídos os espíritas e os judeus, também revelaram altos níveis de rendimentos e escolaridade. Por fim, observou-se que, na grande maioria das capitais, os evangélicos de missão apresentaram renda e educação de nível médio, ao passo que os sem-religião se caracterizaram pelo nível mais baixo.

Quanto ao tipo de moradia, o cruzamento com religião revelou que, na quase totalidade das cidades para as quais se realizou esse tipo de tratamento estatístico, há, relativamente, mais pentecostais e sem-religião morando em áreas faveladas do que católicos, evangélicos de missão e adeptos do grupo *outras religiões*.

Além desses aspectos recorrentes, os mapas das pessoas de cor não branca e da estabilidade residencial dos habitantes revelaram também características que se repetem nas capitais. Assim, em todas elas, percebe-se, na parte central das cidades, o predomínio de população branca e o gradativo aumento do percentual dos não-brancos à medida que se avança em direção à periferia, o que significa dizer que os pretos, pardos e índios fazem parte, geralmente, das classes menos favorecidas da população.

Já em relação ao percentual de pessoas que sempre moraram no mesmo município, um outro traço comum

foi o menor grau de estabilidade residencial dos habitantes das áreas periféricas, em função da concentração nessas áreas de migrantes pobres que, impossibilitados de residirem nas áreas centrais, passam a viver em bairros mais afastados das capitais.

Após a análise desse conjunto de indicadores, em um nível intra-urbano bastante desagregado, o das AREAPs, pode-se concluir que os católicos moram sobretudo nos bairros centrais ou com melhores condições de vida, em setores residenciais do tipo normal, onde predomina a população de cor branca, com rendimentos e escolaridade mais altos. Isto não significa dizer, no entanto, que não existem católicos pobres nas áreas centrais das cidades. Os mapas da distribuição da população que recebe até 1 salário mínimo por mês mostraram que os católicos pobres não se encontram segregados nas periferias, mas vivem sobretudo no interior dos próprios bairros mais abastados das cidades.

Em contrapartida, os evangélicos pentecostais e os sem-religião habitam principalmente as áreas periféricas, em setores residenciais do tipo subnormal (favelas, palafitas etc.), onde é mais acentuada a presença de migrantes e de pessoas de cor não branca, com os mais baixos níveis de rendimentos e de educação.

Em uma situação intermediária, encontram-se os evangélicos de missão, uma vez que vivem, frequentemente, em bairros localizados entre a parte central e as áreas periféricas das cidades, em setores residenciais do tipo normal, apresentando perfis médios de rendimentos e de estudos.

Esse padrão de localização dos principais grupos religiosos e a sua caracterização socioeconômica revelaria, na verdade, a segregação socioespacial resultante do modelo centro-periferia que predomina nas capitais brasileiras, no qual as melhores condições de vida se encontram no centro e as piores nas áreas periféricas, situação que coloca, naturalmente, muitas questões a serem investigadas.

Pode-se pensar, por exemplo, que a maior concentração de católicos nas áreas centrais das capitais se relacione à presença mais acentuada aí da Igreja Católica, o que pode ser percebido não só pelo maior número de paróquias, mas também pela existência de colégios e universidades católicas. Já nas periferias, onde é mais reduzido o percentual de católicos, a estrutura da Igreja tem se mostrado insuficiente para acompanhar o intenso crescimento populacional que vem se verificando nessas áreas, nas últimas décadas. Além disso, a formação dos padres — de alto custo e de longa duração — não estaria permitindo à Igreja Católica formar novos sacerdotes com a rapidez necessária para fazer face ao crescimento das periferias das regiões metropolitanas brasileiras.

Assim, no *vácuo* deixado pela Igreja Católica nas periferias metropolitanas o número de pentecostais e dos sem-religião vem apresentando um enorme crescimento. Como essas áreas são aquelas com maior presença de migrantes, acredita-se que essa população, originária freqüentemente de um Brasil muito católico, ao se desenraizar, deixando para trás família e amigos, perde as suas referências culturais, tornando-se mais susceptível a mudar de religião. E como nessas áreas a presença da Igreja Católica é geralmente insuficiente, os migrantes pobres, vivendo em uma situação de extrema carência, são atraídos pelas igrejas pentecostais, que realizam aí um intenso trabalho de conquista de fiéis.

Por outro lado, nas comunidades pentecostais dessas áreas carentes da periferia, existe uma rede de solidariedade, que ajuda os mais pobres a enfrentar situações de dificuldade, como doença, desemprego ou violência, e faz com que essas populações se sintam pertencentes a um grupo social, de ajuda mútua. Além disso, o fato de os pentecostais não investirem na formação dos pastores, que seria cara e demorada, possibilita às igrejas dispor de um maior número de quadros para se expandirem.

Deve-se acrescentar ainda que o não-investimento na qualificação dos pastores não se constitui em um problema para as igrejas pentecostais, uma vez que o nível educacional baixo dos seus fiéis faz com que o grau de exigência em relação à formação dos pastores seja pequeno. Porém, se a baixa qualificação dos pastores não atrapalha o crescimento das igrejas pentecostais nas camadas populares da periferia, o mesmo não se pode afirmar em relação aos setores sociais com escolaridade mais alta dos bairros mais abastados das capitais.

Já a Igreja Católica, pela melhor formação dos padres, resultante de longos anos de estudo, tem mais condições de se manter majoritária nas camadas sociais

com maior nível educacional. No entanto, por essa mesma razão, apresenta grande dificuldade de continuar predominando nas camadas populares da periferia, em função da carência de sacerdotes, decorrente do maior tempo gasto na sua formação.

Assim, nesse contexto de redução do percentual de católicos e de aumento das porcentagens dos pentecostais, que se verificou no período de 1991 a 2000, em todas as capitais analisadas, pode-se pensar que não estaria ocorrendo no Brasil um real crescimento do pluralismo religioso, uma vez que as mudanças na filiação não se dão em todas as camadas sociais, nem em todo espaço urbano, como foi possível observar pelos cruzamentos estatísticos e mapeamentos realizados neste estudo. Desse modo, pode-se supor que o crescimento do pentecostalismo seja mais uma face do modelo de segregação socioespacial existente nas capitais brasileiras, uma vez que ele se dá principalmente nas camadas carentes das periferias urbanas.

Pode-se perguntar, então, até que ponto são os pobres das periferias urbanas que estariam abandonando a Igreja Católica, ou é a Igreja Católica que não estaria dando a devida atenção a esses pobres. Mas é preciso investigar, também, em que medida as igrejas pentecostais estariam trabalhando para pôr fim à segregação socioespacial, ou, ao contrário, se teriam interesse na sua manutenção com o propósito de se expandirem. Ou, ainda, se o que vem ocorrendo é resultado da ausência do Estado, como instrumento de promoção social das populações carentes das periferias, ou decorrente da crise da economia brasileira nas últimas décadas, que gerou os cinturões de miséria existentes em torno das capitais do país.

Em qualquer hipótese, para se responder adequadamente a essas questões seria necessário a realização de novas pesquisas, que permitissem uma melhor compreensão de processos tão amplos e complexos como esses que vêm ocorrendo nas capitais brasileiras.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO / Zahar, 1987, 147 p.
- ANDRIOLI, Antonio Inácio. O orçamento participativo de Porto Alegre: um exemplo para a Alemanha? In: <http://www.espacoacademico.com.br/>
- ANTONIAZZI, Pe. Alberto. As religiões no Brasil, segundo o Censo de 2000. In: *Magis, Cadernos de fé e cultura*. Rio de Janeiro, Especial nº1, agosto de 2002, pp. 83-109.
- ANTONIAZZI, Pe. Alberto. *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2004, 48 p.
- ARAÚJO, Ana Maria Matos e CARLEIAL, Adelita Neto. O processo de metropolização em Fortaleza: uma interpretação pela migração. In: *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, nº94 (73), 01/08/2001. <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-73.htm>
- ARAÚJO, Ana Maria Matos e CARLEIAL, Adelita Neto. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza. In: *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, vol. VII, nº146 (030), 01/08/2003. [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(030\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(030).htm)
- ASSUNÇÃO, Luis Fernando. 10 % da população vive em favelas. In: <http://an.uol.com.br/ancapital/2001/ago/19/index.htm>
- BARREIRA, Aluizio Antunes. Plano diretor e o cidadão. In: <http://200.242.128.189/site/informativo/artigos/6.htm>
- BASTIAN, J. P. La dérégulation religieuse de l'Amérique Latine. In: *Problèmes d'Amérique Latine*, 24: 3-16, 1997.
- BERNARDES, Genilda Darc. Goiânia: Cidade planejada e os seus paradoxos. In: <http://orbita.starmedia.com/ngau/ARTIGOS.htm>
- BEZERRA, Josué Alencar. História, dinâmica e espacialidade: algumas reflexões sobre a (re)produção do espaço urbano do bairro do Alecrim em Natal. In: http://www.lead.uerj.br/VICBG-2004/Eixo1/E1_167.htm
- BIRMAN, P. e LEITE, M. Pereira. Qu'est devenu l'ancien plus grand pays catholique du monde ? In: *Problèmes d'Amérique Latine*. Paris, nº46/47, 2002, pp. 179-197.
- BORBA, Sheila Villanova e CUNHA, Carla Giane Souza. Dilemas da gestão cooperativa: o caso da Região Metropolitana de Porto Alegre. In: *Cadernos Metrópole*, São Paulo, nº7, EDUC / Grupo de Pesquisa PRONEX, p. 93-120, 2002. http://www.ippur.ufrj.br/observatorio/download/poa_dil_da_ges.pdf
- BORDO, Adilson Aparecido. Os eixos de desenvolvimento e a estruturação urbano-industrial do estado de São Paulo. In: *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Vol. IX, nº194 (79), 01/08/05. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-79.htm>
- BURNETT, Carlos Federico. Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís. In: <http://www.archi.fr/SIRCHAL/seminair/sem3/contributions/BURNETco.htm>
- CAMARGO, Cândido P. F. (org.). *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973, 184 p.
- CAMPÊS Jr., L. Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo, Ática, 1995, 166 p.
- CAMPOS, Candido Malta. Construção e desconstrução do centro paulistano. In: *Cienc. Cult.* vol. 56 nº2 São Paulo, Apr./June 2004, p.33-37. http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252004000200018&script=sci_arttext&lng=pt
- CAMPOS, Heleniza Ávila. Comércio na área central do Recife: novos e antigos conceitos acerca da história da cidade. In: *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, vol. VI, nº119 (57), 01/08/2002. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-57.htm>
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de et alii. Reestruturação produtiva e estrutura social metropolitana em Salvador. In: <http://168.96.200.17/ar/libros/rural1/p3art2.pdf>
- CAVALCANTE, Morgana Maria Pitta Duarte. A arquitetura "globalizada" face à diluição da identidade cultural do espaço construído – estudo de caso – o bairro de Ponta Verde, Maceió, Alagoas. In: http://www.anppas.org.br/encontro/segundo/papers/GT/GT11/morgana_duarte.pdf
- CHARLSON, Freddy e CIEGLINSKI, Thaís. 100 anos de JK, o legado de Juscelino. O sonho e o concreto. In: <http://www.correioweb.com.br/hotsites/jk6/index.htm?materia=190>
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil (I)*. São Paulo, Paulinas, 1991, 120p. Coleção Estudos da CNBB, nº 62.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil (II)*. São Paulo, Paulinas, 1993, 133 p. Coleção Estudos da CNBB, nº 69.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil (III)*. São Paulo, Paulus, 1994, 235 p. Coleção Estudos da CNBB, nº 71.
- CORREIA, Marcelo Amorim. Repercussões socioambientais da expansão urbana do município de Salvador-BA: estudo de caso: Avenida Paralela. In: http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo1/E1_188.htm
- CORTEN, A. Pentecôtisme et politique en Amérique Latine. In: *Problèmes d'Amérique Latine*, 24: 17-31, 1997.
- COSTA, Evandro R. A. Dinâmica populacional e Igreja Católica no Brasil, 1960-2000. In: *Cadernos Ceris*. Rio de Janeiro, Ano II, nº3, outubro de 2002, 50 p.
- DAMIÃO, Carlos. Ilha vertical: Paisagem urbana da Ilha está tomada por edifícios. In: <http://www.an.com.br/ncapital/2003/abr/06/1ult.htm>

- ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1975.
- FASE. Uma política inovadora de urbanização no Recife. Centro Josué de Castro, 1999. In: http://www.ippur.ufrj.br/observatorio/download/rmre_wshp_jan02.pdf
- FERNANDES, Rosali Braga. Processos recentes de urbanização/segregação em Salvador: o Miolo, região popular e estratégica da cidade. In: *Biblio 3W*, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Vol. IX, nº 523, 20/07/2004. <http://www.ub.es/geocrit/b3w-523.htm>
- FREITAG, Bárbara. Urbanização na América Latina. In: http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/grupo/barbara/unesco_encartes.pdf
- GIRÃO, Cecília Silva. Geografia Histórica do Porto Digital da Ilha do Recife: introdução ao estudo de uma experiência territorial de revitalização e inovação. In: http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo1/E1_213.htm
- Guias Philips. *Amazônia*. São Paulo: Horizonte Geográfico; Publifolha, 2001, 336 p.
- Guias Philips. *Nordeste*. São Paulo: Horizonte Geográfico; Publifolha, 2002, 336 p.
- Guias Philips. *Pantanal & Bonito*. São Paulo: Horizonte Geográfico; Publifolha, 2000, 304 p.
- Guias Philips. *Sul*. São Paulo: Horizonte Geográfico; Publifolha, 2003, 304 p.
- HEES, Regina Rodrigues e FRANCO, Sebastião Pimentel. *A República e o Espírito Santo*. 2ª ed. Vitória: Multiplicidade, 2005, 155 p.
- HOLANDA, Frederico de. Brasília: da Carta de Atenas à Cidade de Muros. In: <http://www.unb.br/fau/dimpu/portugues/cidmuros.pdf>
- HORTAL, Pe. Jesus. *A Igreja e os novos grupos religiosos*. São Paulo, Paulinas, 1993, 45 p. Coleção Estudos da CNBB, nº 68.
- HORTAL, Pe. Jesus. *E haverá um só rebanho*. São Paulo, Loyola, 1996, 271 p.
- JACOB, Cesar Romero et alii. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, 240 p.
- JACOB, Cesar Romero et alii. Território, cidade e religião no Brasil. In: *Religião & Sociedade*, Vol. 24, nº 2, ano 2004, pp. 126-151.
- KIEFER, Flávio. Plano diretor e identidade cultural em Porto Alegre. In: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq037/arq037_00.asp
- LEMO, Mauro Borges et alii. Belo Horizonte no século XXI. In: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/pbh/arquivos/Relatorio%20Sintese.pdf>
- LOUREIRO, Vicente. Sub-regiões no território metropolitano: o caso da Baixada Fluminense. In: <http://www.light.com.br/foster/web/aplicacoes/documentos/adm/documento.asp?documento=6569L656&inline=1>
- LUCARELLI, Helena Zarur et alii. Impactos da construção de Brasília na organização do espaço. In: *Revista Brasileira de Geografia*, 51(2): 99-138, abr./ jun. 1989.
- MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 90 p.
- MAGALHÃES, Sérgio. O reencontro do Rio. In: <http://www.iets.inf.br/acervo/BoletimRJ-Rio%20de%20Janeiro/O%20reencntro%20do%20Rio.PDF>
- MAMMARELLA, Rosetta. Diferenciações socioespaciais na Região Metropolitana de Porto Alegre – 1980–91. Análises preliminares. 30/03/2002. In: http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/eeg/1/mesa_7_mammarella.pdf
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. In: *Estudos Avançados*, 52:121-138, 2004.
- MASCARÓ, Juan Luis e MASCARÓ, Lucia. Densidades, ambiência e infra-estrutura urbana. In: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/numeros/numeros.asp>
- MATUSHIMA, Kazuo. Eixos de desenvolvimento e localização industrial. In: *Revista GeoNotas*. Volume 7, nº 2, Abr/Mai/Jun 2003. <http://www.geonotas.uem.br/vol7-2/marcos.shtml>
- MELLO, Marcelo de. Brasília e a fragmentação territorial de seu entorno. In: <http://www.alfa.br/revista/pdf/7tur.pdf>
- MONTE-MÓR, Roberto Luiz. Belo Horizonte, Capital de Minas, século XXI. In: <http://www.eg.fjp.gov.br/gestaourbana/arquivos/modulo10/mod10arq14.html>
- MONTES, M. L. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: Lilia Moritz Schwarcz. *História da vida privada no Brasil*, nº4. São Paulo, Cia. das Letras, 2000, pp. 63-171.
- MOREIRA, Ivani. A dinâmica econômica da Região Metropolitana de São Paulo. In: <http://www.spsitecity.com.br/megalopole/economia.htm>
- NOVAES, Regina. Os jovens 'sem religião': ventos secularizantes, 'espírito de época' e novos sincretismos. Notas preliminares. In: *Estudos Avançados*, 52:321-330, 2004.
- OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. A importância da rua 14 de Julho no desenvolvimento de Campo Grande. In: <http://www.ucdb.br/coloquio/arquivos/antoniofirmino.pdf>
- PAULA, Flavia Maria de Assis. Descentralização e segregação socioespacial em Goiânia: uma análise da centralidade dos setores Bueno, Oeste e Marista. In: <http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo1/e1%20330.htm>
- PAVIANI, Aldo et alii. Mobilidade residencial em cidade planejada: Brasília - DF. In: *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 52, nº2, 1990, pp. 5-19.
- PIERUCCI, Antônio F. Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. In: *Estudos Avançados*, 52:17-28, 2004.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Segregação, desigualdade e habitação: a coesão social na metrópole do Rio de Janeiro. In: http://www.ippur.ufrj.br/observatorio/download/anpur_luiz_cesar.pdf
- SANTOS, Angela Moulin S. Penalva. *Economia, espaço e sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, FGV, 2003, 226 p.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Stael Starling Moreira dos et alii. Saneamento básico e problemas ambientais no município de Manaus. In: *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 55, nº1/4, 1993, pp.15-60.

SANTOS, Stael Starling Moreira dos *et alii*. Saneamento básico e problemas ambientais no município de Belém. In: *Revista Brasileira de Geografia*, vol. 54, nº1, 1993, pp. 25-73.

SCHERER, Elenise e MENDES FILHO, Ivanhoé. Injustiça Ambiental em Manaus. In: http://www.anppas.org.br/encontro/segundo/Papers/GT/GT17/gt17_elenise.pdf

SILVA, Anelino Francisco da. Migração e crescimento urbano: uma reflexão sobre a cidade de Natal. In: *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, nº94 (74), 01/08/2001. <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-74.htm>

SILVA, Jorge E. e FRANZONI, Tereza. Florianópolis, cidade insular. In: <http://www.agrorede.org.br/ceca/Cidade.html>

SILVA, Jorge José Araujo da. Diretrizes para uso dos manguezais do Pina, Recife: uma análise crítica. In: http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo2/e2_cont308.htm

SILVA, Luiz S. Duarte da. História dos bairros de Goiânia. In: <http://www.orbita.starmedia.com/ngau/ARTIGOS.htm>

SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da *et alii*. Faces ribeirinhas na orla fluvial de Belém: espaços de (sobre)vivência na diferença. In: http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo1/E1_174.htm

SOUZA, Luiz A. G. As várias faces da Igreja Católica. In: *Estudos Avançados*, 52:77-95, 2004.

SOUZA, Maria Ângela de Almeida. Política habitacional para os excluídos: o caso da Região Metropolitana de Recife. In: http://www.ippur.ufrr.br/observatorio/download/rmre_polhab.pdf

SYDENSTRICKER, Lara (coord.). *Guia sócio-econômico dos municípios do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Volume 1, Gráf. JB, 1993, 142 p.

TAHCHIEVA, Galina. Contribuições Urbanas Internacionais. Novas idéias urbanas para São Paulo. In: http://www.spsitecity.com.br/megalopole/intern_c.htm

TEIXEIRA, João Gabriel *et alii*. Belo Horizonte: formação do espaço e segregação social. In: <http://www.eg.fjp.gov.br/gestaourbana/arquivos/modulo01/mod1arq9.html>

VAZ, Lilian Fessler. O Rio de Janeiro e suas centralidades, velhas e novas. In: <http://www.fadu.uba.ar/catedras/gropius/publicacion/libro03>

VAZ, Lilian Fessler e JACQUES, Paola Berenstein. Pequeno histórico das favelas do Rio de Janeiro. In: <http://www.anf.org.br>

WANIEZ, Philippe *et alii*. *Comunicação cartográfica: o mapeamento dos resultados eleitorais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, 111 p. Inclui CD-ROM.

WANIEZ, Philippe *et alii*. Déclin du catholicisme et changements religieux au Brésil: ce que dit le recensement démographique de 2000. In: *Problèmes d'Amérique Latine*, 52: 31-62, 2004.

SITES

http://www.achetudoeregiao.com.br/SC/florianopolis_sua_historia.htm

<http://www.ba.gov.br/>

<http://www.brasilchannel.com.br/>

<http://www.cearaportos.ce.gov.br/complexo.asp>

<http://www.cidades.com.br/cgi-bin/cidade.cgi?id=002810>

<http://www.cidadesdobrasil.com.br>

http://www.codeba.com.br/porto_aratu.php

<http://www.codern.com>

<http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid16.htm>

<http://www.concepa.com.br/>

<http://www2.correioweb.com.br/hotsites/bsb40anos/index.htm>

<http://www.cst.com.br/frame.asp?t=/flash.shtml&c=/mapadosite/temapa.Site>

<http://www.curitiba.pr.gov.br/>

<http://www.curitiba-parana.com/bairros-atracoes.htm>

<http://www.dicasdebrasil.com.br/dicas/patri/dicas/textos.asp?Origem=bsb>

<http://www.dnit.gov.br/rodovias/rodoviasfederais/>

<http://www.eclac.cl/Transporte/capacitacion/8/5728/Ceneviva.doc>

<http://www.encyclopedia.com.br/>

<http://www.fortaleza.ce.gov.br>

http://www.fotoimagem.srv.br/paginas/portos/ba/aratu_ba/porto_de_aratu_ba.htm

<http://www.gasnet.com.br/>

<http://www.geipot.gov.br/cadernos/2000/pe-2000.htm>

<http://www.geocities.com/PicketFence/2013/mapas.htm>

<http://www.goiania.go.gov.br/goi.shtml>

<http://www.guiadebrasil.com.br/historico/adens#adens>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://jornalopcao.com.br>

<http://maisalagoas.uol.com.br>

<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/divpol/nordeste/pe/apresent/apresent>

<http://www.netcomex.com.br/setorial/not62.asp>

<http://www.nosbairros.com.br/hmontserratt.htm>

<http://nutep.adm.ufrgs.br/infogera/icmspoa.htm>

<http://www.oglobo.com/cidades>

<http://www.paraisodaspraias.com.br/historia>

<http://www.pmf.sc.gov.br/floram/index.php>
<http://www.pms.ba.gov.br>
<http://www2.petrobras.com.br/minisite/refinarias/portugues/refinarias/DuqueCaxias.htm>
<http://www.prefeitura.sp.gov.br>
<http://www.polodeinformatica.com.br>
<http://www.portoalegre.rs.gov.br>
<http://www.portodemaceio.com.br>
<http://www.portodoitaqui.ma.gov.br/>
<http://www.portosrio.gov.br/>
<http://www.prefeitura.sp.gov.br>
<http://www.recife.pe.gov.br>
<http://www.refap.com.br>
http://www.ricardoaguero.hpg.ig.com.br/brasil_01.htm
<http://www.rio.rj.gov.br>
<http://www.rn.gov.br/acess/capa.asp>
<http://www.saopaulo.sp.gov.br/>
<http://www.seade.gov.br/produtos/msp/index.php>
http://www.scielo.br/scielo.php/lng_en
http://www.suape.pe.gov.br/complexo_suape.asp
http://www.tourinfo.com.br/mt-static/archives/cat_curitiba_bairros.html
<http://www.transportes.gov.br/Modal/Portuario/Estatistica/anuario2000/PortoAlegre.htm>
<http://www2.uniderp.br/Atlas/ms.htm>
http://www.wcams.com.br/descricao_rs.htm
<http://pt.wikipedia.org/wiki>

ANEXO 1

Extraído do manual de instrução do recenseador sobre a questão «Qual é sua religião ou culto ?»,
do Censo Demográfico de 2000 do IBGE

Religião ou Culto

Finalidade: conhecer quais as religiões ou cultos declarados pela população e o número de seus adeptos.

Quesito 4.09 - QUAL É A SUA RELIGIÃO OU CULTO ?

O registro deve identificar a seita, culto ou ramo da religião professada, como, por exemplo: CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, CATÓLICA ORTODOXA, CATÓLICA BRASILEIRA, ANGLICANA, EPISCOPAL, LUTERANA, BATISTA, IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL, ADVENTISTA, KARDECISTA, XINTOÍSTA, TESTEMUNHA DE JEOVÁ, CANDOMBLÉ, UMBANDA, BUDISTA, ISRAELITA, MAOMETANA, ESOTÉRICA, etc.

Não registre expressões genéricas como Católica, Protestante, Espírita, Crente, Evangélica, Pentecostal, etc.
Para a pessoa que não professa qualquer religião, registre SEM RELIGIÃO.
Em caso de dúvida na definição da religião dos menores de idade, registre a religião da mãe.
Indague ao entrevistado sobre a religião de cada pessoa do domicílio.
Não faça deduções a partir da declaração da pessoa que estiver prestando as informações; procure saber a religião de cada morador do domicílio.

ANEXO 2

Codificações do item «Religião» utilizadas pelos recenseamentos demográficos de 1980, 1991 e 2000, do IBGE

Censo Demográfico de 1980

- 0 Sem religião
- 1 Católica melquita
- 2 Protestante tradicional
- 3 Protestante pentecostal
- 4 Espírita kardecista
- 5 Espírita afro
- 6 Religiões orientais
- 7 Judaica israelita
- 8 Outras religiões
- 9 Sem declaração

Censo Demográfico de 1991

- 00 Sem religião
- 11 Católica Apostólica Romana
- 12 Católica Apostólica Brasileira
- 13 Católica Ortodoxa
- 21 Evangélica Tradicional Luterana
- 22 Evangélica Tradicional Presbiteriana
- 23 Evangélica Tradicional Metodista
- 24 Evangélica Tradicional Batista
- 25 Evangélica Tradicional Congregacional
- 26 Evangélica Tradicional Adventista
- 27 Evangélica Tradicional Episcopal Anglicana
- 28 Evangélica Tradicional Menonita
- 29 Evangélica Tradicional não determinada
- 30 Evangélica Tradicional Outras
- 31 Evangélica Pentecostal Assembléia de Deus
- 32 Evangélica Pentecostal Congregação Cristã do Brasil
- 33 Evangélica pentecostal O Brasil para Cristo
- 34 Evangélica pentecostal Evangelho Quadrangular
- 35 Evangélica pentecostal Universal do Reino de Deus
- 36 Evangélica pentecostal Casa da Bênção
- 37 Evangélica pentecostal Casa da Oração
- 38 Evangélica pentecostal Deus é Amor
- 39 Evangélica pentecostal Maranata
- 40 Evangélica pentecostal Tradicional Renovada
- 41 Evangélica pentecostal não determinada
- 45 Evangélica pentecostal outras
- 49 Evangélica não determinada
- 51 Neo-Cristã Mórmon
- 52 Neo-Cristã Testemunha de Jeová
- 53 Neo-Cristã LBV
- 59 Neo-Cristã outra
- 61 Mediúnica Espírita
- 62 Mediúnica Umbandista
- 63 Mediúnica Candomblecista
- 71 Judaica ou Israelita
- 75 Oriental Budista
- 76 Oriental Messiânica
- 77 Oriental Seicho No-Ie

79	Oriental Outras
81	Outras - Islamismo
82	Outras - Esotérica
83	Outras - Indígena
84	Outras - grupos minoritários
85	Não determinada ou mal definidas - Cristã
86	Não determinada ou mal definidas - Crente
89	Não determinada ou mal definidas - outras
99	Sem declaração

Censo Demográfico 2000

00 SEM RELIGIÃO	
000	Sem Religião
11 CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	
110	Católica Apostólica Romana
111	Católica Carismática, Católica Pentecostal
112	Católica Armênia; Católica Ucrâniana
12 CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA	
120	Católica Apostólica Brasileira
13 CATÓLICA ORTODOXA	
130	Católica Ortodoxa
14 ORTODOXA CRISTÃ	
140	Ortodoxa Cristã
149	Outras
19 OUTRAS CATÓLICAS	
199	Outras Católicas
21 EVANGÉLICA DE MISSÃO LUTERANA	
210	Igrejas Luteranas
219	Outras
22 EVANGÉLICA DE MISSÃO PRESBITERIANA	
220	Igreja Evangélica Presbiteriana
221	Igreja Presbiteriana Independente
222	Igreja Presbiteriana do Brasil
223	Igreja Presbiteriana Unida
224	Presbiteriana Fundamentalista
225	Presbiteriana Renovada
229	Outras
23 EVANGÉLICA DE MISSÃO METODISTA	
230	Igreja Evangélica Metodista
231	Evangélica Metodista Wesleyana
232	Evangélica Metodista Ortodoxa
239	Outras
24 EVANGÉLICA DE MISSÃO BATISTA	
240	Igreja Evangélica Batista
241	Convenção Batista Brasileira
242	Convenção Batista Nacional
243	Batista Pentecostal
244	Batista Bíblica
245	Batista Renovada
249	Outras
25 EVANGÉLICA DE MISSÃO CONGREGACIONAL	
250	Igreja Evangélica Congregacional
251	Igreja Congregacional Independente
259	Outras
26 EVANGÉLICA DE MISSÃO ADVENTISTA	
260	Igreja Evangélica Adventista do Sétimo Dia
261	Igreja Evangélica Adventista Movimento de Reforma
262	Igreja Evangélica Adventista da Promessa
269	Outras
27 EVANGÉLICA DE MISSÃO EPISCOPAL ANGLICANA	
270	Igreja Evangélica Episcopal Anglicana
279	Outras

- 28 EVANGÉLICA DE MISSÃO MENONITA
 - 280 Igreja Evangélica Menonita
 - 289 Outras
- 30 EXÉRCITO DA SALVAÇÃO
 - 300 Exército da Salvação
- 31 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL ASSEMBLÉIA DE DEUS
 - 310 Igreja Evangélica Assembléia de Deus
 - 311 Igreja Assembléia de Deus Madureira
 - 312 Igreja Assembléia de Deus Todos os Santos
 - 319 Outras
- 32 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CONGREGACIONAL CRISTÃ DO BRASIL
 - 320 Igreja Congregacional Cristã do Brasil
 - 329 Outras
- 33 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO
 - 330 Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo
 - 339 Outras
- 34 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL EVANGELHO QUADRANGULAR
 - 340 Igreja Evangelho Quadrangular
 - 349 Outras
- 35 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL UNIVERSAL DO REINO DE DEUS
 - 350 Igreja Universal do Reino de Deus
 - 359 Outras
- 36 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DA BENÇÃO
 - 360 Igreja Evangélica Casa da Benção
 - 369 Outras
- 37 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CASA DE ORAÇÃO
 - 370 Igreja Evangélica Casa de Oração
 - 379 Outras
- 38 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL DEUS É AMOR
 - 380 Igreja Evangélica Pentecostal Deus é Amor
 - 389 Outras
- 39 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL MARANATA
 - 390 Igreja Evangélica Pentecostal Maranata
 - 399 Outras
- 40 EVANGÉLICA RENOVADA SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL
 - 400 Evangélica Renovada, Restaurada e Reformada Sem Vínculo Institucional
 - 401 Pentecostal Renovada, Restaurada e Reformada Sem Vínculo Institucional
 - 409 Outras
- 41 EVANGÉLICA PENTECOSTAL SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL
 - 410 Evangélica Pentecostal Sem Vínculo Institucional
 - 419 Outras
- 42 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE CRISTÃ
 - 420 Igreja Evangélica Comunidade Cristã
 - 429 Outras
- 43 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL NOVA VIDA
 - 430 Igreja de Origem Pentecostal Nova Vida
 - 439 Outras
- 44 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL COMUNIDADE EVANGÉLICA
 - 440 Igreja Evangélica Comunidade Evangélica
 - 449 Outras
- 45 OUTRAS IGREJAS EVANGÉLICAS DE ORIGEM PENTECOSTAL
 - 450 Outras Igrejas Evangélicas Pentecostais
- 46 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL AVIVAMENTO BÍBLICO
 - 460 Igreja Pentecostal Avivamento Bíblico
 - 469 Outras
- 47 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL CADEIA DA PRECE
 - 470 Igreja Evangélica Cadeia da Prece
 - 479 Outras
- 48 EVANGÉLICA DE ORIGEM PENTECOSTAL IGREJA DO NAZARENO
 - 480 Igreja do Nazareno
 - 489 Outras

- 49 EVANGÉLICA NÃO DETERMINADA
- 490 Evangélica Não Determinada
 - 491 Evangélica Sem Vínculo Institucional
 - 492 Declaração Múltipla de Religião Evangélica
 - 499 Outros Evangélicos
- 51 IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS
- 510 Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias/Mormons
 - 519 Outras
- 52 EVANGÉLICOS TESTEMUNHA DE JEOVÁ
- 520 Testemunha de Jeová
 - 529 Outras
- 53 LBV / RELIGIÃO DE DEUS
- 530 Legião da Boa Vontade / Religião de Deus
- 59 ESPIRITUALISTA
- 590 Espiritualista
 - 599 Outras
- 61 ESPÍRITA
- 610 Espírita, Kardecista
 - 619 Outras
- 62 UMBANDA
- 620 Umbanda
 - 629 Outras
- 63 CANDOMBLÉ
- 630 Candomblé
 - 639 Outras
- 64 OUTRAS DECLARAÇÕES DE RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA
- 640 Religiosidades Afro-Brasileiras
 - 641 Declaração Múltipla de Religiosidade Afro com Outras Religiosidades
 - 649 Outras
- 71 JUDAÍSMO
- 710 Judaísmo
 - 719 Outras
- 74 HINDUÍSMO
- 740 Hinduísmo
 - 741 Ioga
 - 749 Outras
- 75 BUDISMO
- 750 Budismo
 - 751 Nitiren
 - 752 Budismo Theravada
 - 753 Zen Budismo
 - 754 Budismo Tibetano
 - 755 Soka Gakkai
 - 759 Outras
- 76 NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS
- 760 Igreja Messiânica Mundial
 - 761 Seicho No-Ie
 - 762 Perfect Liberty
 - 763 Hare Krishna
 - 764 Discipulos Oshoo
 - 765 Tenrykyo
 - 766 Mahicari
- 79 OUTRAS RELIGIÕES ORIENTAIS
- 790 Religiões Orientais
 - 791 Bahai
 - 792 Shintoísmo
 - 793 Taoísmo
 - 799 Outras
- 81 ISLAMISMO
- 810 Islamismo
 - 819 Outras
- 82 TRADIÇÕES ESOTÉRICAS
- 820 Esotérica
 - 821 Racionalismo Cristão
 - 829 Outras

83 TRADIÇÕES INDÍGENAS

- 830 Tradições Indígenas
- 831 Santo Daime
- 832 União do Vegetal
- 833 A Barquinha
- 834 Neoxamânica
- 839 Outras

85 RELIGIOSIDADE CRISTÃ SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL

- 850 Religiosidade Cristã Sem Vínculo Institucional
- 89 NÃO DETERMINADA
- 890 Religiosidade Não Determinada /Mal Definida
- 891 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica / Outras Religiosidades
- 892 Declaração Múltipla de Religiosidade Evangélica / Outras Religiosidades
- 893 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/ Espírita
- 894 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Umbanda
- 895 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Candomblé
- 896 Declaração Múltipla de Religiosidade Católica/Kardecista

990 SEM DECLARAÇÃO



Edições Loyola

Impressão e Acabamento
Rua 1822, nº 347 - Ipiranga
04216-000 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 6914-1922
www.loyola.com.br

"Desde o ano de 2002, a CNBB tem acompanhado e usufruído dos trabalhos dos professores Cesar Romero Jacob e Dora Rodrigues Hees, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e dos pesquisadores franceses Philippe Waniez, do *Institut de Recherche pour le Développement* (IRD), e Violette Brustlein, do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), quando tomaram os dados do Censo Demográfico do IBGE, de 2000, e estudaram a configuração religiosa da população brasileira, situando-a em mapas conforme a filiação a determinada denominação religiosa. Já são quatro anos de intensa pesquisa para compreender o fenômeno religioso da população brasileira: condição social, nível de escolaridade, razões para estar em determinado local geográfico e pertencer a tal ou qual grupo confessional.

Esta nova pesquisa mostra a religião e a sociedade em dezenove capitais brasileiras. O retrato dessas cidades pode ser estendido a todo o território brasileiro para se compreender a situação religiosa neste tempo. O trânsito religioso é intenso e sabemos que as mudanças ocorrem em diversas direções. Qual a causa para tantas mudanças? Os frutos da pesquisa ora oferecidos querem ser uma ajuda na compreensão do fenômeno."

Cardeal Geraldo Majella Agnelo
Arcebispo de S. Salvador da Bahia
Presidente da CNBB

Cooperação científica França-Brasil:



ISBN 85-15-03219-8



Cód. 11317